ABOUT THE PORTUGUESE LANGUAGE
SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA

DOM PEDRO II

PROF. DR. DARCY CARVALHO. SAO PAULO. BRASIL. 2015. LINGUAE NEOLATINAE MAIORES

A PHILOLOGICAL PRESENTATION OF THE PORTUGUESE LANGUAGE BY F. ADOLPHO COELHO

SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA POR F. ADOLPHO COELHO. 250 PÁGINAS. INTRODUCÇÃO I AO GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ OU THESOURO DA LINGUA PORTUGUEZA PELO DR. FREI DOMINGOS VIEIRA. PORTO . 1872

SOURCE:

https://archive.org/details/grandediccionari01vieiuoft

Grande Diccionario Portuguez; ou, Thesouro da lingua Portugueza
Vol. 1. A-B.- Vol. 2. C-D.- Vol. 3. E-L.- Vol. 4. M-P.- Vol. 5. Q-Z.

GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ

OU

THESOURO DA LINGUA PORTUGUEZA

PELO

DR. FREI DOMINGOS VIEIRA

DOS EREMITAS CALÇADOS DE SANTO AGOSTINHO

PUBLICAÇÃO FEITA SOBRE O MANUSCRIPTO ORIGINAL, INTEIRAMENTE REVISTO E CONSIDERAVELMENTE AUGMENTADO

PRIMEIRO VOLUME

PORTO
EM CASA DOS EDITORES ERNESTO CHARDRON E BARTHOLOMEU H. DE MORAES

RIO DE JANEIRO — A. A. DA CRUZ COUTINHO | PARÁ — ANTONIO RODRIGUES QUELHAS

1871

A SUA MAGESTADE

O SENHOR

DOM PEDRO II

IMPERADOR DO BRAZIL

EM 1 DE MARÇO DE 1872

SENHOR!

Os editores do **DICCIONARIO PORTUGUEZ** do eminente philologo Frei Domingos Vieira não contemplam em Vossa Magestade Imperial sómente a soberania da purpura esmaltada por egregias virtudes; acatam e tambem admiram os esplendores d'um alto entendimento opulentado pelo estudo.

O pensamento que a boa vinda de Vossa Magestade Imperial á terra querida do Senhor Dom Pedro IV — o Restaurador, lhes suggeriu, não tem tanto em si reverenciar o augusto imperante do Brazil, quanto humildemente respeitar o Monarcha illustrado, o coração de Rei alliado á alma do sabio, o brilho do espirito a deslumbrar o brilho da corôa. Figurou-se, pois, Senhor, aos editores do rico vocabulario que Vossa Magestade aprendeu desde o berço e tão versadamente conhece, que, se elles impetrassem a honra de poderem inscrever o nome do augusto Filho do Senhor D. Pedro IV, na primeira pagina da sua obra, Vossa Magestade imperial lh'o permittiria tão bondosa quanto generosamente.

Senhor! aos pés de Vossa Magestade Imperial protestam profunda veneração e assignalado agradecimento!

Porto, 1 de março de 1872.

Ernesto Chardron.
Bartholomeu Henrique de Moraes.

ADVERTENCIA

Em virtude de doação feita pelo fallecido bispo do Porto, o snr. D. João da França, a um dos editores d'esta obra, ficamos de posse do Diccionario manuscripto do virtuoso e letrado Dr. Frei Domingos Vieira, mas não podemos deixar de reconhecer que apesar do valor d'essa obra, não era conveniente apresental-a ao publico na fórma em que seu auctor a deixou e concebemos a idéa de, sobre o fundo que possuiamos, tractar de formar um Diccionario da lingua portugueza á altura da lexicologia moderna. Era mister rectificar ou comprovar a maior parte das definições do manuscripto, colligir grande numéro de palavras que em vão se buscam em todos os diccionarios portuguezes existentes, addicionar innumeras accepções das palavras que nem Frei Domingos Vieira nem seus predecessores conheceram ou mencionaram, e novas observações de grammatica e synonymia; era sobretudo necessario fazer quasi inteiramente de novo a parte relativa á etymologia, que falta no manuscripto, colligir exemplos para justificar as accepções dadas ás palavras e mostrar ao vivo todas as combinações em que ellas entram n'esta lingua tão rica e tão poetica, por quanto os exemplos reunidos em o manuscripto de Frei Domingos Vieira são poucos e não se podem aproveitar por lhes faltarem as indicações de auctor e de obra. Para realisar uma semelhante empresa procuramos collaboradores que pelos seus conhecimentos especiaes, pela sua vontade ferrea e perseverante podessem arrostar com as difficuldades d'um semelhante trabalho, deante do qual durante quasi um seculo tem hesitado uma Academia inteira, a Academia das Sciencias de Lisboa! Não trepidamos deante das despesas a fazer, deante dos sacrificios a praticar: quizemos mais ainda do que cumprir á risca o que tinhamos promettido — quizemos exceder ao que prometteramos.

O que nos anima a levar a empresa ao cabo são a idéa de que ninguem ousará pôr em duvida a grande superioridade que tem o GRANDE DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA sobre todos os trabalhos do mesmo genero publicados até aqui, e o descredito em que elles cairam pelas suas innumeras lacunas e pelos seus grandes erros, erros e lacunas que o GRANDE DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA põe em relevo a cada passo; mas ainda que essa superioridade não fosse reconhecida (hypothese que felizmente, não se realisa), consolar-nos-hia a convicção de termos prestado um serviço real ás lettras portuguezas, e a idéa de que ninguem d'ora avante dará um passo na lexicologia portugueza sem ter deante dos olhos este verdadeiro THESOURO que aqui offerecemos.

Os Editores.

INTRODUCÇÃO

I

SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA

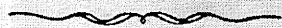
POR F. ADOLPHO COELHO

II

SOBRE A LITTERATURA PORTUGUEZA

POR THEOPHILO BRAGA

I

SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA

As nações denominadas hoje neo-latinas ou romanicas não constituem como alguns falsamente pretendem uma raça, comparavel á germanica, á slava, etc., as populações que a constituem resultaram d'uma mixtura intima d'elementos mais ou menos heterogeneos, como sabem todos os que teem da historia d'essas nações o mais superficial conhecimento. O que produz a illusão que faz vêr n'ellas a alguns uma raça é uma certa unidade de caracteres ethnicos e entre elles como o mais saliente e appreciavel a linguagem. Essas nações effectivamente fallam linguas tão profundamente aparentadas nas fórmas grammaticas, na syntaxe, na prosodia, que é impossivel deixar de as considerar como alterações especiaes de um fundo commum, ou por outras palavras, como phases parallelas e actuaes de um antigo idioma que as precedeu e as explica.

Qual foi esse idioma? A diversidade d'origens ethnicas d'essas nações parece á primeira vista complicar extraordinariamente esta questão, mas para a sciencia não ha n'isso já nenhum problema, nem nenhuma duvida na solução d'elle; para a enorme massa extranha aos progressos das sciencias historicas e philologicas ha-o ainda; ora n'essa massa acha-se incluida em Portugal a maioria dos que se arrogam o nome de sabios em tudo e que sendo julgados taes por um publico que não pensa nem discute, incutem n'elle com o peso da auctoridade as suas opiniões absurdas.

Antonio Ribeiro dos Santos [1], o Cardeal Saraiva [2], Alexandre Herculano [3], e outros de menor reputação primaram em mostrar a sua ignorancia completa do verdadeiro methodo das investigações linguisticas, determinado ainda em vida do primeiro, e que chegou a produzir a maior parte dos seus admiraveis resultados ainda em vida do segundo. O terceiro, embora retirado hoje da vida litteraria, tem continuado a repetir nas ultimas edições com uma tenacidade que a critica não póde perdoar as proposições apresentadas por elle sobre este ponto na primeira edição de sua *Historia de Portugal*.

[1] Nos seus estudos mss. existentes na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

[2] Na sua *Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portugueza não é filha da latina*. 1837.

[3] Na *Historia de Portugal*, *Introd*. I. 3.ª ed. 1863.

Ribeiro dos Santos, o Cardeal Saraiva e com elles outros escriptores ainda mais insignificantes pretendem que o portuguez, e portanto as outras linguas das nações romanicas são dialectos celticos modernos. Quando um sabio como Max Müller julga necessario desafrontar a memoria d'um philologo do seculo XVI, Henri Étienne, mostrando ser falso que este desconhecesse a origem latina do francez, que consideração se póde ter por homens que em o nosso seculo se fazem defensores estrenuos dos absurdos da celto-mania?

O smr. Alexandre Herculano repete d'ouvido a opinião que veremos adeante ser verdadeira de que as linguas das nações romanicas teem a sua origem no latim vulgar; mas o que elle nos diz ácerca do latim vulgar e o modo como elle assenta a questão mostram que não sabia mais que o Cardeal Saraiva do methodo das investigações linguisticas e do estado da philologia romanica quando escreveu. Afim de illudir a difficuldade de dar uma exposição scientifica da questão da origem das linguas romanicas e especialmente da portugueza, e querendo ao mesmo tempo desterrar a hypothese já bastante desacreditada e ridicularisada da origem celtica, o smr. Herculano reproduziu uma outra hypothese, muito menos absurda sem duvida, mas que não adeanta mais. Essa hypothese tinha sido antecedentemente apresentada por outros escriptores que se viam como o smr. A. Herculano, levados a combater a origem celtica das linguas romanicas e na impossibilidade de explicar as differenças consideraveis entre o latim e essas linguas. A hypothese, theoria, ou como lhe queiram chamar, apresentada por esses escriptores «é, diz George Cornewal Lewis [1] que na antiga Roma e na Italia, depois da extensão do dominio romano, houve dous dialectos ou fórmas da lingua latina: uma fallada pelas classes superiores e pessoas educadas, e usada como a linguagem do governo, dos tribunaes, das leis e da litteratura; em quanto a outra, universalmente fallada pelas classes inferiores, e que differia essencialmente na structura do alto latim, nunca foi escripta até á edade media, em que se tornou a lingua geral de Ita-

[1] *An Essay on the origin and Formation of the Romance Languges*, 2.ª ed. p. 10 e seg. London, 1863.

lia, ou (como agora é chamado) o italiano. Esta theoria, proposta pela primeira vez por alguns escriptores de pequena nota, é illustrada por fim por Maffei, na sua historia de Verona: a mesma vista, na sua fórma exagerada, é egualmente seguida por Lanzi, na sua obra sobre a lingua etrusca; por Bonamy, nas *Memorias da Academia das Inscripções* (vol. XXIV, p. 597-666): e foi mais recentemente sustentada por Ciampi, escriptor florentino, n'uma dissertação separada (*De usu Linguæ Italicæ.* Pisis. 1817, in-4.º»)

Foi principalmente na memoria de Bonamy que o snr. A. Herculano bebeu essas idéas, que exprime assaz claramente:

«Quando se assevera que o latim se tornou a linguagem geral da Hespanha, afiguramo-nos que os hespanhoes repetiam vulgarmente os periodos eloquentes de Cicero ou usavam do estylo facil e harmonioso de Tito Livio ou que, emfim, guardavam as regras severas da grammatica latina com o mesmo escrupulo com que costumavam respeita-las os bons escriptores do seculo de Augusto. Esta idéa errada basta por si a levar alguns espiritos a inclinarem-se para os sonhos do celticismo [1], persuadidos, e com rasão, da impossibilidade de admittir semelhante idéa. O facto é, porém, outro. Em Roma o vulgo fallava *[illegible]*, de modo diverso d'aquelle que os escriptores usavam. Essa linguagem, que Suetonio chama *quotodiana* e Auto-Gellio *rustica*, é denominada por outros auctores *pedestre*, *vulgar*, *simples*. Misturada de vocabulos desconhecidos nos livros, imperfeita no mechanismo dos verbos e nas desinencias dos casos, seguia-se-lhe d'ahi a necessidade de empregar as preposições mais frequentemente, para distinguir estas, e de uma ordem natural e sem inversão na succession das palavras; precisava, emfim, de alterar a indole da lingua culta e de approximar-se, quanto a essa indole, das fórmas mais simples que tomaram os idiomas modernos do meio dia da Europa [2].

Para fundamento de sua opinião sobre o caracter grammatical do latim vulgar cita o snr. Herculano unicamente os capitulos 86 e 87 da vida de Octavio por Suetonio.

A importante questão — qual era a origem do latim vulgar? — responde assim o snr. Herculano:

«Esta linguagem popular era, *por ventura*, em parte um resto da antiga lingua de Lacio conservada tenazmente pela plebe e alimentada pela accessão successiva dos povos da Italia á sociedade romana, em parte um resultado das conquistas. Nas longiquas e duradouras guerras da republica, as tropas romanas, vagueando por diversas partes, residindo por dilatados periodos no meio de extranhos, recrutando legiões inteiras entre estes, eram, saindo de Roma e voltando a ella continuadamente, um vehiculo de palavras e phrases barbaras que tendiam a conservar a linguagem popular extranha á litteraria e, *talvez*, a affastar cada vez mais uma da outra...... Por outra parte a notavel differença da lingua plebea á lingua escripta descobre-se nos monumentos mais antigos e nas palavras e locuções d'aquella, que voluntaria ou involuntariamente introduziram nas suas obras ainda os mais celebres auctores latinos [1].»

Mais adeante volta outra vez a fallar do caracter grammatical do latim vulgar:

«Temos procurado fazer sentir a completa revolução operada na Peninsula pela civilisação romana e por consequencia a necessidade de admittirmos que a lingua latina chegou a obter inteiro dominio n'estas partes, cumprindo todavia não esquecer que essa lingua devia ser a quotodiana, rustica ou *simples*, alterada desde logo por phrases e vocabulos indigenas e cujas differenças do latim litterario só podemos até *certo ponto suspeitar*, sendo as mais provaveis entre ellas, como dissemos, a confusão ou falta de casos nos nomes e das variações verbaes, d'onde era forçoso nascesse a ordem natural no discurso e o uso frequente das preposições [2].»

Resumindo agora estas tres passagens, em que, como se vê, tudo é baseado sobre meras probabilidades e nenhum facto se apresenta na força de sua realidade, achamos que o snr. A. Herculano crê:

1.º Na existencia d'um latim vulgar em contraposição com o latim litterario;

2.º Que n'esse latim vulgar havia ou confusão ou falta dos casos nos nomes;

3.º Que n'esse latim havia ou confusão ou falta das variações verbaes [3];

4.º Que n'esse latim as preposições eram mais frequentemente empregadas para exprimir as relações dos casos;

5.º Que n'esse latim não havia inversão na successão das palavras;

6.º Que o latim vulgar se approximava portanto mais que o latim litterario das linguas romanicas;

7.º Que o latim vulgar era um resto do antigo idioma do Lacio, alterado por a mixtura dos povos occasionada pelas conquistas, alteração que não se limitava aos vocabulos mas se extendia ás phrases.

Ainda n'um escripto publicado em 1867 pelo snr. A. Soromenho, da Academia das Sciencias de Lisboa, professor do Curso Superior de lettras e d'arabe no Lyceu de Lisboa, se acham repetidas as mesmas idéas.

Na sua these sobre a *Origem da Lingua portugueza* menciona este academico as allusões dos escriptores romanos ao latim vulgar cita algumas palavras que el-

[1] Por este nome indica o snr. Alexandre Herculano a opinião dos que dão uma origem celtica ás linguas romanicas.

[2] *Historia de Portugal*, I, 34 e seg.

[1] *Ibidem*, p. 30 e seg.

[2] *Ibidem*, p. 42.

[3] O snr. A. Herculano devia ter dito ao menos de certas variações verbaes, porque a falta absoluta era impossivel, e as proprias linguas romanicas conservam ainda um grande numero de fórmas verbaes do latim.

les apontam do dialecto popular [1] e diz (p. 2) que essa lingua «não só no vocabulario, como na construcção grammatical e syntactica [2], differia consideravelmente nobilis ou latina.» Mais abaixo indica como unico recurso para o conhecimento das differenças entre essa lingua vulgar, que nem latim chama, e a litteraria, a latina, o estudo das inscripções das Catacumbas.

As investigações do snr. A. Soromenho sobre esses monumentos tão importantes, pois nos apresentam dados para a solução do problema que o snr. A. Herculano não soube resolver, e que é um problema capital para a historia das linguas romanicas, essas investigações resume-as elle nos periodos que passamos a transcrever.

«De dous generos são, considerados grammaticalmente, os erros que se encontraram nas inscripções sepulchraes de Roma subterranea, colligidas por Bosio, Aringhio e Rossi. Uns, meramente accidentaes, são simplesmente d'orthographia, transposição de lettras resultado de serem escriptas conforme pronunciava a plebe, que, pelo testimunho de Varrão, sabemos trocava por costume o *E* pelo *I*, dizendo por exemplo VEA em vez de VIA: os outros são erros grosseiros de latinidade demasiado frequentes para que possam deixar de considerar-se como empregados regularmente, e constituir assim o typo d'essa lingua de que nos fallam tanto Cicero e Aulo Gellio.

«Resulta, pois, do exame d'esses monumentos que na lingua rustica ou *castrensis*, em que estão escriptos, se dava o completo abandono da terminação dos casos e especialmente do nominativo masculino: que o genitivo era substituido pela preposição DE; o dativo e o ablativo regido da preposição AD ou AT e o accusativo pelas preposições CUM e DE; e que os adjectivos em concordancia com os substantivos soffriam a mesma alteração por que estes passavam.

«Quanto aos verbos não são elles de uso tam frequente, nem tam variados nas inscripções, que possam dar uma idéa precisa de como eram empregados pelo vulgo. Podemos todavia deduzir do que nos ministram os escriptores da boa latinidade que o caracter fundamental, a essencia da lingua rustica, e que a distinguia sobretudo da lingua litteraria era a sua tendencia analytica: a decomposição das fórmas primitivas mais ou menos syntheticas em elementos grammaticaes apropriados a estas funcções: decomposição que, embora se manifeste mais claramente na declinação e na conjugação, se estende a todas as partes do systema grammatical.

«As desinencias, que na declinação modificam a significação abstracta da palavra, são na lingua rustica, como vimos, substituidas por preposições; e com ellas apparece um outro elemento grammatical, o artigo, para denotar com precisão o maior ou menor gráu de abstracção com que é considerada uma cousa ou uma idéa. A conjugação, na lingua litteraria, consistia na modificação ou alteração da radical por meio de variantes destinadas a designarem a variação do tempo, do modo e da pessoa: a lingua rustica emprega os verbos auxiliares, os pronomes, as conjuncções para indicar os diversos accidentes d'uma mesma acção, em logar da fórma synthetica da conjugação latina.»

Em seguimento diz-nos o snr. A. Soromenho que os escriptores mais cultos «se deixaram muitas vezes levar pelo uso vulgar no emprego dos auxiliares e no das preposições» e cita exemplos como: «Satis... dictum habeo (Cic.);» «solido de marmore templo instituam (Virg.)»; «genera de ulmo (Plin.)» e outros mais cujo numero poderia ser largamente augmentado com os já reunidos nos lexicos latinos, principalmente nos de Freund e Forcellini. N'isso se resume tudo o que o snr. Soromenho apresenta na sua these ácerca do latim vulgar. Sem duvida não podiamos exigir das dimensões d'esse escripto largo desenvolvimento de tão importante questão, mas não podemos deixar de o olhar como contendo a summa dos trabalhos do auctor, trabalhos que de mais já lhe tinham servido de base durante dous ou tres annos para a parte respectiva de suas prelecções no Curso Superior de lettras.

A opinião do snr. A. Soromenho sobre o latim vulgar só differe da do snr. A. Herculano em nos dar como real o que para o nosso historiador apenas é conjectural. Desgraçadamente para a critica a opinião do professor não está expressa com clareza: ha na passagem que transcrevemos ambiguidades, contradicções mesmo que nos embaraçam. No segundo paragrapho — *Resulta, pois,* etc. lemos a proposição fundamental: «que na lingua rustica se dava o *completo* abandono da terminação dos casos», e logo uma restricção que faz pôr em duvida o *completo* d'esse abandono — «especialmente do nominativo masculino.» Depois (desculpe o leitor as repetições, porque a clareza as torna necessarias) diz-nos o snr. A. Soromenho justificando aquella proposição fundamental que o «genitivo era substituido pela preposição DE,» mas immediatamente lemos: «o dativo e o ablativo (sc. era) regido da preposição AD ou AT e o accusativo (sc. era regido, está claro) pelas preposições CUM e DE.» d'onde se conclue necessariamente: 1) que no latim popular havia dativo, ablativo e accusativo; 2) que o dativo era regido de preposições, o que estava em opposição com a syntaxe do dialecto litterario, e approximava vulgar do grego; 3) que o accusativo era regido das preposições cum e de, que em boa grammatica só regiam ablativo, e este da preposição ad (at) que no dialecto litterario só rege accusativo. Esta conclusão nega completamente a proposição fundamental do snr. A. So-

[1] Como vernus, bucca, bellus, etc. todos com as desinencias do latim classico.

[2] Não comprehendemos o que queira significar o snr. A. Soromenho por *construcção grammatical e syntactica*. São duas especies de construcção ou uma só que é grammatical e syntactica ao mesmo tempo? Não será a syntaxe parte da grammatica? A p. 11 encontramos *structura grammatical e syntactica*.

romenho, que mais abaixo se apresenta sob outra fórma. « As desinencias, que na declinação modificam a significação abstracta da palavra, são na lingua rustica, como vimos *substituidas* por preposições. » Não podemos deixar de pensar que o snr. A. Soromenho attribue ao que nós chamamos a sua proposição fundamental um valor absoluto. É de mais alguma cousa que da falta de clareza em que pecca a these inteira que aqui resulta a contradicção.

Parte do terceiro paragrapho da passagem transcripta é para nós d'uma obscuridade completa.

Esse paragrapho é um modelo de estylo insciencifico. O seu primeiro periodo diz-nos que das inscripções (das Catacumbas) não póde saber-se como eram empregados os verbos pelo vulgo, isto é, para fallarmos com precisão, que por meio d'essas inscripções não póde conhecer-se o systema de conjugação do latim vulgar. A razão d'essa impossibilidade está, segundo apprendemos no snr. Soromenho em serem n'ellas os verbos de uso pouco frequente, e pouco *variados* [1]. Até aqui comprehende-se. Passemos ao segundo periodo. Cançamos-nos em primeiro logar em tentar descobrir as relações entre elle e o antecedente. A conjuncção — todavia — fazia-nos esperar que n'elle encontrassemos indicado o meio de conhecer o systema de conjugação do latim vulgar, meio que não nos offereciam as inscripções; mas em vez d'isso encontramos uma noção geral sobre o caracter fundamental da lingua rustica. Este modo de proceder é o mais immethodico possivel. Vejamos agora d'onde deduz o snr. A. Soromenho esse caracter do latim vulgar: é « do que nos ministram os escriptores da boa latinidade. » Dizia-nos elle a p. 12 e 13 da these que o unico recurso para « conhecermos o que a distinguia (a lingua rustica, ou latim vulgar) e de que modo d'essa outra (o latim litterario) cujas leis nos são tão familiares » era o estudo das inscripções das Catacumbas; duas paginas adeante, porém, vae consultar os escriptores da boa latinidade para do que elles ministram deduzir « o caracter fundamental, a essencia da lingua rustica » e põe de lado aquellas inscripções como incapazes de nos darem a conhecer o systema de conjugação do latim vulgar. A contradicção é clara; mas ha aqui um ponto obscuro: como é que do que nos ministram os escriptores da boa latinidade se deduz o caracter fundamental da lingua rustica? O que é que elles nos ministram para essa deducção? Quaes são os que nos ministram esses dados enigmaticos? O snr. A. Soromenho suscita essas interrogações mas não lhes dá a minima resposta. No resto do periodo é que a obscuridade chega ao auge; ha alli verdadeiras trevas. Tracta-se de nos dizer em que consistia o caracter fundamental do latim vulgar: « era a sua tendencia analytica. » Eis uma phrase bem obscura « tendencia analytica » para os leitores que não a tenham já visto explicada n'outras obras em que se tracte de linguas. Vejamos pois como define o snr. A. Soromenho essa tendencia: é « a decomposição das fórmas primitivas mais ou menos syntheticas em elementos grammaticaes apropriados a estas funcções. »

Isto basta para ver que o auctor da these se metteu a tractar d'uma questão difficil na supposição de que poderia improvisar sciencia rapsodiando á ultima hora algumas passagens que tractavam da origem das linguas romanicas. O resto da these, onde alguns periodos de uma occa rhetorica produzem um effeito comico, revela tanto como o que acabamos de citar um espirito inteiramente alheio ao methodo severo, não só da linguistica, mas da sciencia em geral [1].

Com o titulo de *Genio da lingua portugueza* publicou em Lisboa em 1858 o snr. Francisco Evaristo Leoni, da Academia das Sciencias uma obra que se pretendeu resolvia as principaes questões da lingua portugueza; mas o seu auctor não sabe nada do que em linguistica se fez desde Court de Gebelin e o presidente de Brosses, a quem cita como auctoridades capitaes nas questões de que tracta; resulta d'ahi que no livro falta inteiramente o caracter scientifico, além de que a ignorancia do auctor, mal acobertada com uma erudição de farrapos, e a sua ingenuidade o levaram a escrever muitas passagens que a falta de conhecimento do methodo da sciencia não basta para explicar. Eis algumas provas. Suppõe elle (*Genio* I, 3) que grosso venha do latim crassus, evidentemente por ignorar que em latim havia grossus, sobre o que o instruiria qualquer diccionario latino recente; que pardo vem de cardeus, por uma mudança impossivel de *c* em *p*, que elle quer comprovar com capella fazendo vir esta ultima palavra de sacellum, etymologia que reconhece ser absurda quem tiver o mais superficial conhecimento de phonologia. Diz-nos (I, 88 sq.) que as desinencias genericas latinas anus, enus, ensis provem da raiz latina ens, entis, que denota o ente, o ser, isto é, o homem por excellencia. Do mesmo modo pretende explicar os outros suffixos do latim por meio de palavras d'essa lingua; assim segundo elle o suffixo do superlativo imus vem de imus mais profundo, o suffixo composto actio(n) do substantivo actio acção (I, 128), o suffixo ario (em operarius, voluntarius, tributarius, etc.) de aro eu lavro. Mas o que é em extremo singular é o que o auctor nos diz ácerca da prosodia da lingua portugueza (II, 276): « Outra propriedade tem a lingua portugueza, que a torna summamente energica, vehemente e expressiva; qual é a de ser *accentuada* e *prosodica;* propriedade que lhe provém, sem duvida, de terem os portuguezes uma alma pathetica e apaixonada; por cujo motivo modularam as palavras accentuando e afinando as vogaes pelo tom mais ou menos

[1] Esta tão pouco precisa palavra significa talvez na idéa do snr. A. Soromenho que o numero de fórmas verbaes, e ainda de verbos empregados nas inscripções christãs é pequeno.

[1] Este exame das observações dos snrs. A. Herculano e A. Soromenho, ácerca do latim vulgar foi já publicado com poucas differenças no *Jornal litterario*, Coimbra, 1869.

intenso, mais ou menos pathetico e vehemente das fibras do coração, que os varios affectos lhe faziem vibrar.» Esta ultima passagem bastaria para caracterisar a obra e dar-nos a medida do estado do espirito do seu auctor.

Eis até onde entre nós chegou a sciencia academica, laureada e official no estudo das questões da lingua portugueza, porque outros productos que ella tem apresentado sobre essas questões, e a que teremos occasião de nos referir, não valem mais: isto comprehende-se facilmente se reflectirmos que Portugal está fóra do movimento das idéas sociaes e scientificas do nosso tempo, e que das sciencias que servem aos fins praticos e materiaes da vida como a chimica, a physica, as mathematicas, a medicina, etc., ainda cá são mais ou menos conhecidos os progressos, mas que as sciencias historicas e philologicas se acham quasi exclusivamente representadas entre nós por uma erudição banal e superficial [1].

Emquanto porém ouviamos como oraculos as banalidades e opiniões absurdas dos academicos sobre a linguagem portugueza, o methodo de resolver as questões da linguagem estava perfeitamente assente e as principaes d'essas questões resolvidas: um trabalho lento, de seculos, tinha-se operado e levado a esse resultado.

Effectivamente, a sciencia da linguagem ou glottica [2] não nasceu em nossos dias: é tão antiga como a maior parte das sciencias; como se dá, porém, com as outras só nos ultimos tempos é que a creação d'um methodo rigoroso de investigação a fez entrar n'uma phase em que poude dar-se a muitos dos seus problemas capitaes uma solução verdadeiramente scientifica. Pouco tempo depois de a botanica com os Jussieus, a chimica com Lavoisier, terem entrado na França n'um periodo de grande progresso sob a disciplina d'um novo methodo de classificação e novo processo d'analyse, a sciencia da linguagem com Bopp e Grimm na Allemanha alcançava tambem o seu methodo natural e determinava o seu processo de analyse. Essa phase nova filia-se d'um lado nas tendencias geraes do espirito scientifico dos nossos tempos, d'outro no caracter especial do espirito scientifico allemão e em a natureza dos objectos que chamaram desde o seculo passado a sua attenção.

«A moderna sciencia da linguagem, diz Theodoro Benfey [1], nasceu da philologia e do conhecimento (pratico) das linguas. A sua particularidade caracteristica é formada pela fusão de quatro direcções: a physiologica, a philosophica, a historica e a comparativa.»

Nas epochas anteriores da sciencia das linguas, vê-se dominar isoladamente uma ou outra das duas primeiras direcções. Em um periodo remotissimo, pelo menos antes de Budha, isto é, com certeza, anteriormente ao sexto ou quinto seculo antes de Christo, vemos já a linguagem ser investigada physiologicamente, como um producto da natureza, nos trabalhos admiraveis dos grammaticos indios; n'essa epocha attinge a sciencia da linguagem a maior perfeição a que era possivel chegar seguindo essa direcção exclusiva [2].

Falta-nos ainda, infelizmente, uma obra sobre os trabalhos grammaticaes da India, que satisfaça ás exigencias actuaes, uma reconstrucção da mais antiga epocha da sciencia da linguagem que conhecemos, e cujos resultados prodigiosos estiveram mais de vinte e tres seculos inutilisados para chegarem a serem aproveitados em a nossa edade.

A sciencia da linguagem apparece-nos seguindo a segunda direcção, isto é, sob o dominio exclusivo da especulação philosophica na Grecia antiga; e na Europa só chega a emancipar-se d'esse dominio no principio d'este seculo. O Kratylo de Platão, para cuja verdadeira interpretação é mister ler o estudo citado de Benfey, é o principal monumento da sciencia da linguagem na antiguidade classica.

A celebre experiencia de Psammitico [3] revela-nos, sob uma fórma popular, o interesse que a questão da origem das linguas inspirava aos antigos, e como o empirismo pretendia tambem resolver esse problema.

Nos seculos XVII e XVIII, em que o conhecimento das linguas orientaes se alargou muito na Europa, a sciencia da linguagem é muito cultivada, mas não toma ainda nenhuma direcção nova; o seu objecto só é que adquiriu maior extensão; o espirito philosophico, e um espirito philosophico estreito, ou a imaginação pura dominam-n'a completamente. Suppõem-se relações imaginarias entre diversas linguas, sem criterio algum interior; assenta-se uma theoria de formação da linguagem em virtude de principios preconcebidos ácerca do homem. Basta ler *La formation mécanique des langues* do presidente de Brosses, o *Le monde primitif* de Court de Gebelin, para fazer idéa da sciencia da linguagem n'essa epocha. Entretanto a phase fecunda e positiva da sciencia preparava-se. Já na primeira metade do seculo passado, o padre Pons manifestava n'uma carta da India [4] a grande importancia do

[1] Na historia da Litteratura portugueza foi já o espirito novo introduzido pelo sr. Theophilo Braga.

[2] A palavra glottica como denominação da sciencia da linguagem é a unica das que teem sido propostas que satisfaz completamente; pois, além de ser bem formada, e pela analogia d'outros nomes de sciencia, como physica, botanica, etc., indica bem a natureza do seu objecto (glotta, no grego significa lingua e linguagem). Os francezes empregam no mesmo sentido a expressão philologie comparée, que nada significa por si, ou a palavra mal formada e barbara linguistique, derivada por meio do suffixo greco-latino icu de linguiste (glottico, investigador scientifico da linguagem), que é formada de lingua por meio do suffixo grego ista, á maneira romanica, como jornalista, dentista, etc. O termo é pois bem pouco scientifico.

[1] [illegible]

[2] Benfey, l. c.

[3] Herodoto, II, 2.

[4] *Lettres édifiantes et curieuses* [illegible] 219.

modo de considerar a linguagem na grammatica índica, mas essa noticia não foi infelizmente aproveitada.

Pouco e pouco, foi havendo na Europa mais ou menos exactas noticias da lingua sanskrita e da sua litteratura, até que em 1790 appareceu publicada a primeira grammatica sanskrita europea.

Em 1767 o padre Cœurdoux, n'uma memoria enviada á antiga Academia franceza das inscripções, notava já algumas das relações do sanskrito com o grego e o latim, e apontava a idéa da sua commum origem, n'uma fórma que se resente ainda muito das crenças da sua epocha. Ainda essa memoria não chamou a attenção da sciencia franceza. Os trabalhos da Sociedade de Calcuttá fizeram appreciar melhor na Europa a litteratura da India, e no começo d'este seculo era já profundo o interesse que ella inspirava. Na Allemanha foi Frederico Schlegel um dos primeiros a estudar o sanskrito, e, notando, como o padre Cœurdoux e outros que o seguiram, as relações do sanskrito com algumas linguas europeas, explicou-as pela commum origem d'essas linguas, e das raças que as fallam, no seu livro sobre a *Sabedoria e lingua dos antigos indios* (1808). D'esta vez a indicação não devia ficar perdida, pois tinha cahido em bom terreno.

Apresentava-se naturalmente um problema: se o sanskrito, o persa, o grego, o latim, as linguas teutonicas (as primeiras entre as quaes se conjecturou então identidade de origem), teem relações tão intimas que só se podem explicar por identidade de origem, como é que ao mesmo tempo offerecem muitas differenças consideraveis? Para que a sciencia da linguagem désse a solução d'um tal problema, era absolutamente necessario que ella seguisse e conciliasse duas direcções novas para ella: a historica e a comparativa. A communidade d'origem d'aquellas linguas, a que se deu cedo o nome de indogermanicas, saltava por assim dizer aos olhos, tão intimas eram algumas d'aquellas relações descobertas á primeira intuição; era necessario que uma comparação completa das diversas partes do seu systema grammatical mostrasse tudo o que ellas tinham de commum; era necessario, d'outro lado, que se conhecesse se as divergencias que n'ellas existiam eram filhas do acaso, se obedeciam a leis, e estudar como pouco e pouco essas divergencias se tinham ido produzindo com o tempo, isto é, era necessario conhecer a historia d'essas linguas.

Foi na tarefa da resolução d'essas questões que o methodo da moderna sciencia da linguagem se creou com todos os seus caracteristicos. N'essa creação a sciencia europea não deve pouco á antiga grammatica da India, pois foi n'ella que apprendeu o que se póde chamar a anatomia da linguagem, a decomposição da palavra nos seus elementos simples, irreductiveis.

A moderna glottica é principalmente uma sciencia allemã; foi na Allemanha que nasceu, é lá que a maior parte dos trabalhos de que é objecto ou em que se applica, teem sido feitos. Esses trabalhos hoje podem formar só por si uma assaz vasta bibliotheca.

A grammatica comparativa das linguas indogermanicas em geral foi creada por Bopp, aperfeiçoada e exposta n'uma fórma mais adeantada por Schleicher; a grammatica de cada uma das familias, ou linguas particulares d'esse grupo tem sido tambem miudamente estudada. Mencionaremos os trabalhos de Benfey, Bopp, Max Müller sobre o sanskrito, de Burnouf, Spiegel, Justi sobre o antigo persa; de Curtius, Benfey, Ahrens sobre o grego; de Leo Meyer sobre o grego e o latim; de Corssen sobre o latim; de Mommsen, Kirchhoff, Aufrecht sobre os outros dialectos italicos; de J. Grimm, Scherer, Graff, Meyer sobre as linguas germanicas; de Schleicher, Dobrowsky, Schaffarik, Miklosich sobre o lituanio e o slavo; de Zeuss e Ebel sobre as linguas celticas; para não fallar de muitos outros mais ou menos importantes, e d'uma infinidade de memorias e tractados sobre varias questões especiaes relativas a essas linguas. Largos passos teem sido dados para assentar as bases da grammatica comparativa d'outros grupos de linguas; em summa o conjuncto de trabalhos de glottica publicados na Allemanha, e nos paizes que a seguiram n'esse movimento, desde 1816, anno em que viu a luz publica o primeiro livro de grammatica comparativa, fórma um dos ramos principaes dos productos scientificos da nossa epocha. Para nos convencermos d'isso basta abrir um dos muitos catalogos especiaes dos livros d'essa sciencia, publicados por livreiros allemães, francezes e inglezes.

Desde 1851 publica-se em Berlim com a maior regularidade um jornal dedicado ao estudo scientifico dos dialectos teutonicos, do grego e do latim (*Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung auf dem gebiete des Deutschen, Lateinischen und Griechischen,* herausgegeben von A. Kuhn), jornal que tem tido mais de 100 collaboradores, a maior parte dos quaes são professores publicos d'algum dos ramos da sciencia.

Em todas as faculdades de philosophia das universidades allemãs ha cursos que teem por objecto ou os principios geraes da glottica ou a sua applicação ao estudo d'uma lingua ou familia de linguas; em muitos lyceus d'Allemanha succede o mesmo.

Na França a nova glottica foi cedo conhecida; essa nação estava bem preparada para a comprehender pelo estudo das linguas orientaes, e a influencia que as idéas allemãs desde a Restauração tiveram sobre ella, e as relações intimas entre os sabios dos dous paizes.

Logo no seu começo, aquella sciencia teve n'esse paiz um representante de primeira ordem, Eugène Burnouf. Desde 1824 tinha-se este applicado com paixão aos estudos orientaes sob a direcção de Chézy, professor de sanskrito na cadeira instituida no Collegio de França em 1814, e do celebre Abel de Rémusat; começou pouco depois a publicar varios artigos ácerca do sanskrito considerado sob o ponto de vista historico e

comparativo: e em 1832 achamol-o substituindo Chézy na cadeira de sanskrito. «Sem fazer da grammatica comparativa o objecto especial de nenhum de seus trabalhos, poz á luz o methodo e extendeu o dominio d'essa sciencia, pelas grandes applicações que fez d'ella [1].» Na interpretação do texto original do Zend-Avesta, a grammatica comparativa foi o instrumento principal de que Burnouf se serviu: todos os seus cursos, como os seus livros, baseavam-se sobre o methodo e os resultados d'essa sciencia. Só em 1852, todavia, é que um curso especial de grammatica comparativa das linguas indogermanicas foi creado em Paris, constituindo parte da faculdade das letras [2]. O ministro Fortoul determinou até a introducção do estudo da grammatica comparativa nas classes superiores dos lyceus [3], mas essa innovação importante foi destruida pelo ministro Rouland, que, em compensação, creou em 1857 uma cadeira de grammatica comparativa ligada ao ensino do sanskrito, na Eschola de linguas orientaes, cuja regencia foi confiada a M. Oppert [4]. Um dos cursos da Eschola das Cartas tem por objecto [5]: a linguistica applicada á historia das origens e da formação da lingua nacional. Em 1863, por morte do primeiro professor Hase, a cadeira de grammatica comparativa foi transferida da faculdade das lettras para o collegio de França, onde é regida por um homem eminente, M. Bréal. Em geral nos diversos cursos de linguas europeas e orientaes feitos nas escholas superiores francezas os alumnos colhem noções scientificas sobre essas linguas. No Seminario protestante de Strasburgo havia um curso de *philologia geral e comparada*.

Em Paris acha-se estabelecida uma *Sociedade de linguistica* em cujas *Memorias* teem sido publicados alguns trabalhos importantes, e publica-se uma *Revue de linguistique* que vae no seu quarto anno. Em Inglaterra a *Philological Society* dá annualmente á luz um volume de memorias, desde 1842.

A sciencia da linguagem tem habeis cultores e faz parte do ensino publico na Inglaterra, na Italia, na Russia, nos Estados Unidos, India, etc. Citaremos, entre outros, os nomes d'alguns professores d'essa sciencia nas escholas d'esses paizes, conhecidos pelos seus trabalhos: Max Müller, universidade de Oxford, Lottner, universidade de Dublin. Theodoro Aufrecht, universidade de Edimburgo, Ascoli, universidade de Milão. Comparetti, universidade de Pisa. Tafel, universidade de Philadelphia. Witney, New Haven.

Só a alta importancia da sciencia da linguagem nos póde explicar o interesse que de dia para dia cresce por ella nas nações cultas.

Mas d'onde vem, pois, essa importancia? É mister ter em vista a importancia mesmo do seu objecto, para poder responder a similhante questão.

«A linguagem, diz Schleicher [1], isto é, a expressão do pensamento por palavras, é o unico caracteristico exclusivo do homem. O animal possue tambem signaes phonicos, e em parte signaes phonicos muito desenvolvidos para a immediata expressão dos seus sentimentos e dos seus desejos, e por meio d'esses signaes é possivel uma communicação dos sentimentos entre os animaes, como por meio d'outros signaes. A expressão da sensação póde, sem duvida, produzir representações nos outros. É por isso que se falla tambem da linguagem dos animaes. Todavia, nenhum animal tem a capacidade de expressão immediata do pensamento pelo som. E é essa expressão que se chama linguagem. Quanto isto era o nosso modo de ver ordinario é reconhecido, prova a consideração de que, sem duvida, um macaco dotado de linguagem, ou um animal inteiramente differente do homem, valeria para nós como homem se possuisse linguagem. É conhecido que os surdos-mudos possuem virtualmente a linguagem, tanto como os que realmente fallam: isto é, por outras palavras, o seu cerebro e orgãos de palavra são formados exactamente como nos homens que teem orgãos auditivos sãos. Se assim não fosse, não poderiam elles apprender a escrever nem a ler. Pelo contrario, não se devem considerar como homens completos, como verdadeiros homens, os homens detidos no seu desenvolvimento e realmente sem linguagem, os microcephalos, etc., pois lhes falta não só a linguagem, mas tambem a faculdade da linguagem.

Se a linguagem é o humano cat'exokhên, é facil de pensar que ella nos possa fornecer um principio distinctivo para uma classificação scientifica e systematica da humanidade, que na linguagem haja a base d'um systema natural do genus homo.

«Quão pouco constantes são a conformação do craneo e outros pretendidos caracteres distinctivos das raças! A linguagem, ao contrario, é um caracteristico constante. Um allemão póde, n'alguns casos, disputar pelos cabellos e o prognathismo com a mais pronunciada cabeça de negro, mas nunca fallará bem uma lingua de negro. Quão pouco essenciaes são para o homem, os chamados caracteres distinctivos das raças, mostra-nos a observação que homens pertencendo a um só grupo de linguas podem apresentar particularidades de raça differentes. É assim que o turco osmanli, sedentario, pertence á raça caucasica, emquanto as tribus turcas chamadas tartaras, apresentam o typo da raça mongolica. D'outro lado não se distinguem, por exem-

[1] *Recueil de Rapports sur les progrès des lettres et des sciences en France. — Progrès des études relatives à l'Égypte et à l'Orient*, pag. 203.

[2] Bull. admn. T. III, 378, T. V, 104. Em o nosso opusculo *Algumas observações ácerca do Dic. bibliog. etc.* pag. 16, l. 8 sahiu errada a data d'essa creação, devendo lêr-se 1852 em vez de 1851.

[3] Decreto de 10 de abril de 1852; decisão de 30 de agosto de 1852; instrucção geral de 15 de novembro de 1854.

[4] *Revue des cours littéraires*, I, 80.

[5] Block, *Dict. de l'adm. franç.* pag. 1018.

[1] *Ueber die Bedeutung der Sprache fur die Naturgeschichte des Menschen.* Weimar, 1865. S. 11 ff.

plo, o magyar e o basco essencialmente dos indogermanos pelos seus caracteres physicos, emquanto pela linguagem magyares, bascos e indogermanos estão muito afastados uns dos outros. Posta até de parte a sua instabilidade, ainda os pretendidos caracteres distinctivos das raças difficilmente se podem reduzir a um systema natural scientifico. Relativamente com maior facilidade se podem dispôr as linguas n'um systema natural, como os outros seres vivos [1], particularmente pelo seu lado morphologico...... Em a nossa opinião, a conformação exterior do cerebro, da face e do corpo, é menos essencial para o homem que a constituição physica, não menos material, mas infinitamente mais delicada, de que a linguagem é o symptoma. O systema natural das linguas é, no meu modo de vêr, ao mesmo tempo o systema natural da humanidade. Toda a mais alta actividade do homem está estreitamente unida á linguagem, de modo que acha na linguagem o meio da sua devida appreciação.

«Que a conformação do cerebro e a fórma craneana, determinada pelo cerebro, tambem sejam importantes para a linguagem, não o negamos, naturalmente, de modo algum. Ainda menos nos vem á idéa pôr em duvida a alta importancia da exacta investigação das differenças physicas do homem: só nos é permittido pôr em questão o direito d'essas distincções como base de classificação da humanidade actualmente viva. Podem-se classificar os animaes pela sua apparencia morphologica; para o homem parece-nos a fórma exterior, de certo modo, um momento hoje insufficiente, mais ou menos insignificante para a sua propria e verdadeira essencia. Para a classificação do homem carecemos d'um criterio mais delicado, mais alto e exclusivamente proprio ao homem. Esse criterio acham-ol-o, como dissemos, na linguagem..

«A linguagem não nos parece sómente importante para a construcção d'um systema natural e scientifico da humanidade, como ella se offerece agora á observação, mas tambem para a historia do seu desenvolvimento. Chegamos á conclusão que a linguagem caracterisa o homem como tal, e que, por consequencia, os diversos graos de linguagem devem ser considerados como os signaes caracteristicos dos diversos graos de homem.»

Assim a sciencia da linguagem fornece os dados capitaes para uma classificação da humanidade, para a appreciação do desenvolvimento de cada uma das suas familias. A antropologia com os seus primeiros instrumentos não era capaz de descobrir que o indio e o grego eram membros separados d'um mesmo antigo povo, e que o basco, que com elles se parece exteriormente, pertencia a uma familia inteiramente diversa e de que elle é talvez o unico representante. Agora a antropologia vae já aproveitando o que fornece a sciencia da linguagem e apenas é de lastimar que os antropologistas não façam d'esta sciencia senão um estudo superficial [1]. Mas não é só por esse lado que a sciencia da linguagem se torna importante. A historia recebe d'ella esclarecimentos do mais alto valor; a sciencia das religiões vae adquirindo um aspecto novo pela applicação do seu methodo e d'alguns dos seus resultados; textos que pareciam impenetraveis acham n'ella a chave de interpretação, sem a qual as paginas da historia e da sabedoria de povos antiquissimos que elles encerram nunca seriam conhecidas de nós; a questão da origem da linguagem saíu para sempre do dominio das conjecturas. No seu campo especial a glottica determina as leis que presidem ás transformações das linguas, segue estas no curso da sua historia, e decompõe as suas fórmas em elementos simples, cuja funcção explica.

O primeiro que applicou d'um modo systematico ás linguas romanicas os novos processos e principios da sciencia foi o allemão Frederico Diez. Este sabio tinha começado por estudar a lingua e litteratura dos trovadores, para o que o francez Raynonard preparara já excellentes subsidios, e escreveu sobre essa litteratura duas obras que deram á philologia provençal uma direcção verdadeiramente scientifica [2]. No fim da primeira d'essas obras acha-se pela primeira vez exposta d'um modo racional a questão da origem das linguas romanicas, n'algumas paginas sob o titulo de *Ueber die provenzalische Sprache*. De 1836 a 1844 o mesmo sabio publicou a sua *Grammatik der romanischen Sprachen* [3] onde se vê á evidencia que os sons, as particularidades prosodicas, as fórmas grammaticaes, a syntaxe d'essas linguas são apenas em tudo uma transformação regular dos sons, das fórmas grammaticas, da syntaxe do latim.

Na introducção á sua *Grammatik* e principalmente no seu *Etymologisches Wœrterbuch* [4] examinou elle os elementos do vocabulario das mesmas linguas e as suas investigações mostram que esses elementos são na maior parte, e na parte mais essencial, d'origem latina.

Sobre a larga e bella base lançada por Diez ha ainda muito que fazer: faltam ainda os trabalhos especiaes sobre cada uma das linguas romanicas, a historia geral d'ellas comprehendendo as vistas syntheticas sobre a sua marcha e desenvolvimento e a chronologia da maior parte de suas alterações [5].

[1] Schleicher considerava a linguagem como um ser dotado de vida propria.

[1] Vid. A. de Quatrefages, *Rapport sur les progrées de l'Antropologie*, pag. 338 e segg. no *Recueil de raports* acima citado.

[2] *Die Poesie der Troubadours*, 8.º *Zwickau*, 1827. — *Leben und Werke der Troubadours*, 8.º *ebendas*, 1829.

[3] Nova edição 1856–60. A terceira edição está em via de publicação.

[4] A primeira edição é de 1852, a segunda de 1858, e a ultima de 1870.

[5] A *Romania* que devia começar-se a publicar no 1.º de janeiro d'este anno em París, sob a direcção de MM. Paul Meyer e Gaston Paris e o *Archivio glottologico italiano* que publica em Milão o professor G. I. Ascoli hão-de preencher estas lacunas da philologia romanica.

I

O METAMORPHISMO NA LINGUAGEM

Na sciencia da linguagem a primeira idéa, o primeiro principio é que a linguagem se transforma: reconhecemos, porém, quanto essa idéa só por si é insufficiente para a sciencia quando vemos que ella era familiar á antiguidade e aos seculos XVI, XVII e XVIII. Polybio diz-nos[1] que a lingua latina no seu tempo differia tanto do que era antigamente que até os mais peritos só com difficuldade, conseguiam explicar alguma cousa do que n'aquella antiga fórma se achava escripto. E no começo do seculo XVI dizia entre nós Duarte Nunes de Leão[2] — «Assi como em todas cousas humanas ha continua mudança e alteração, assi he tambem nas linguagens...» Basta abrir um monumento da nossa antiga litteratura, comparar um trecho d'um auctor do seculo XIII, XIV ou XV com um trecho d'um auctor dos seculos seguintes para a cada passo vermos innovações e ao lado d'ellas o desapparecimento de muitas particularidades antigas.

Em que consistem essas transformações, quaes as leis que as regem se não são arbitrarias? Eis o que a sciencia da linguagem resolve.

§. 1.º O ARCHAISMO

Uma das alterações das linguas mais conhecidas e que mais saltam aos olhos é o esquecimento, o desuso de palavras usadas anteriormente, e a introducção de palavras novas. Esse facto foi observado por todos os grammaticos antigos e pelos modernos. O auctor da mais antiga grammatica portugueza Fernão d'Oliveira escreveu[3]: — «As dições velhas são as que forão usadas: mas agora são esqueçidas como. Egas. Sancho. Dinis. nomes proprios e ruão que quiz dizer çidadão segundo que eu julguey em hum liuro antigo o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rey dom Johão da boa memorea o premeiro deste nome em Portugal: per seu mandado foy o liuro que digo escrito e está no moesteiro de Pera longa; e chama-se estorea geral: no qual achei ésta com outras anteguidades de falar: mas destas e doutras que por lugares mais particulares achamos cada dia quanto nos havemos daproueitar ou servir e como: logo o diremos. Poys em tempo del rey dom Afonso Aurriquez capapelle era nome de huma certa vestidura e não somente de tanto tempo, mas tambem antes de nos hum pouco nossos pays tinhão alghumas palauras que ja não são agora ouuidas: como compengar que queria dizer comer o pão com a outra vianda: e nemichalda o qual tanto valia como agora nemigalha segundo se declarou, poucos dias ha, huma velha que por isto foy preguntada dizendo ella esta palaura: e era a velha a este tempo quando isto disse de çento e dezaseis annos de sua idade. Estas diz Çiçero no terceyro liuro a seu irmão quinto; as velhas digo nos diz elle que guardão muito a anteguidade das linguas porque falão com menos gente: acarão que quer dizer junto ou a par: e samicas[1], que significa por ventura: e outras piores vozes ainda agora as ouuimos e zombamos dellas: mas não he muito de maravilhar diz Marco Varrão que as vozes enuelheção e as velhas alghuma ora pareção mal porque tambem enuelheçem os homens cujas vozes ellas são: e isto he verdade, que a fremosa menenice despois de velha não he para ver: e assi como os olhos se ofendem vendo as figuras em que elles não contentão: assi as orelhas nam consintem a musica e vozes fóra do seu tempo e costume: e muy poucas são as cousas que durão por todas ou muitas idades em hum estado: quanto mais as falas que sempre se conformão com os conçeitos ou entenderes, juysos e tratos dos homens: e esses homens entendem: julgão: e tratão por diuersas vias e muytas: as vezes segundo quer a neçessidade: e as vezes segundo pedem as inclinaçoes naturaes. O vso destas dições antigas diz Quintiliano traz e dá muita graça ao falar quando he temperado e em seus lugares e tempos: a limitação ou regra será esta pella mayor parte que das dições velhas tomemos as mais nouas e que são mais vezinhas de nosso tempo: assi como tambem das nouas hauemos de tomar as mais antigas e mais reçebidas de todos ou da mayor parte: ainda porem que não sempre isto he açertado, porque muitas vezes alghumas dições que ha pouco são passadas são já agora muito auorreçidas: como asem, ajuso, acajuso, a buso, e hogamaõ, algorrem: e outras muitas: e porem se estas e quaesquer outras semelhantes as meteremos em mão d'huum homem velho da Beyra: ou aldeaõ: não lhe pareçerão mal mas tambem não sejão muitas nem queyramos vangloriarnos por dizerem que vimos muytas anteguidades: porque se essas dições antigas que vsamos: as quaes sendo moderadas nos auiam dafremosentar: forem sobejas farаm muito grande disonançia nas orelhas de nossos tempos e homens.» Duarte Nunes apresenta-nos uma lista de 128 palavras portuguezas como antiquadas: são ellas: «abilhar ataviar, abilhamento atavio, acimar acabar, acoimar accusar, ader-

[1] III, 22, 3.

[2] *Origem da lingoa portugueza*, cap. 1.

[3] *Grammatica de lingoagem portuguesa*, cap. 36, 1. ed. 1536, 2.ª ed. 1871.

[1] Gil Vicente põe muitas vezes esta palavra na bocca do povo o que corrobora as palavras de Oliveira e lhes serve de commentario; por exemplo no *Auto pastoril portuguez*:

> *Inez.* Sera algum cogumelo?
> *Marg.* Não, que tem olhos e mãos.
> *Cat.* São caçapos temporãos.
> *Mad.* Mas, samicas pesadelo.

gar acertar, adur apenas, afam trabalho, afincar importunar, afundo abaixo, aguisada cousa feita a proposito, aguisado conveniente, agro campo, aguça pressa, aguçoso apressado, aleive traição, alfageme guarnecedor de espadas, algo alguma cousa, albergar aposentar, algures em algum outro lugar, alhures em outro lugar, aquecer acontecer, aquecer esquentar-se, apres despois, aprisoar prender, arefecer abaixar-se a fervura, arefece homem baixo (vil), assuso acima, atimar acabar, aturar preserverar, atroar derivado, de trom estouro de tiro grande, auisamento aviso, auer por fazenda, az por batalha, bafordar jogo de armas tirando lanças por alto, bastiaens lavores de baixella de prata, bem parecente bem parecido, bacinette cano de ferro, bicornia bigorna, britar quebrar, cima por cabo ou fim, coita paixão ou nojo, condessilho deposito, confortar consolar ou esforçar, communal por commum, consum juntamente, condel capitão, covilheira camareira, cota veste de armas, domaa semana, desfeita dissimulação, desempachar desempedir, desvairo desavença, dorado que tem dor, divido parentesco, doesto, doestar desonrar, estimo estimação, encalçar alcançar, enprir encher, enttemes entremez, entonces entam, emader acrescentar, ensinança doctrina, ensanhar irar-se, esmerar fazer alguma cousa com diligencia, esguardar respeitar, estado pompa ou apparato, estugar apressar, forrejar roubar o campo dos inimigos, depreder, pilhar tomar, falha falta, fagueiro brando, meigo, femença mostra ou vontade, finado defunto, gançar ganhar, gafo por leproso, gouuir gozar, grei por rebanho ou companha, grado vontade, hereo herdeiro, hoste por arrajal, hostáo hospedaria, hostes por inigos, hu por onde, increo incredulo, juso abaixo, joglar truão, infançoens moços fidalgos que inda não erão cavalleiros, que os castelhanos dizião donzelles, lançar a tauolado, jogo de armas de arremessar, lanços para alto sobre tauoado ou cousa alta, laidar por litigar, lidar pelejar, lindo por puro e limpo, lidimo por legitimo, maguer posto que, medes o mesmo, mentar por lembrar, nenhures por nenhum logar, oufano por presumtuoso ou contente de si, peró por tanto ou mas, possança poder, posar entrar, paruo por menino, puridade por secreto, prasmar por vituperar, prez por preço, préste por sacerdote, quebrantar por quebrar, sagaz prudente, sageria sabedoria, sagazmente, prudentemente, sanhudo irado, sanha por ira e indignação, sendos por senhos, id est, singulos, sina bandeira, talante vontade, tanger tocar, tendo obrigado, toste logo, trebelho brinco, trebelhar brincar, trigança pressa, trigoso apressurado, trom tiro de bombarda ou que faça grande estouro, veha area, e d'ahi veharia e vehão por despenseiro, vindita vingança [1].»

Algumas d'essas palavras, dadas como antiquadas por Duarte Nunes, estão ainda hoje em uso o que prova ou que ellas desusadas na linguagem litteraria permaneciam na boca do povo que as transmittiu até uma epocha posterior em que a linguagem litteraria de novo as adoptou, e n'este caso estão evidentemente albergar, algures, aquecer, aturar, atroar, confortar, desempenhar, falha, finado, nenhures, oufano, sagaz, tanger etc., ou que alguns escriptores as foram desenterrar nos antigos escriptos e chamal-as de novo á vida, o que parece dar-se com afam, aleive, refece (antigo arrefece), doesto, fagueiro, gafo, puridade (na locução á puridade), etc. Em geral os auctores que dão uma palavra como archaismo consideram as cousas sob o ponto de vista do uso litterario; mas o grammatico não pode n'isto, como no mais, formular regra á lingua. O que elle hoje approva amanhã é condemnado pelo uso, o que elle hoje suppõe morto amanhã reapparece vivo na linguagem. N'uma lista de palavras antiquadas feita no seculo XVIII por Francisco José Freire [2] notam-se egualmente palavras hoje de novo em uso, taes são acatar, adrede, alliviar, andrajo, assomo, bargante, britar (só fallando de pedras: britar pedras), despeito, embair, envez, ervado, moimento, pacigo, passamento, pequice, pincaro, relé (gente de baixa relé), sandeu, sandice.

Mas se algumas palavras renascem o numero das que morreram para sempre ao que parece, é incomparavelmente superior. As que Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo [3] colligiu nos documentos e n'alguns monumentos portuguezes da edade media representam apenas uma parte pequenissima das que elles fornecem.

Mas não é só nos escriptos da edade media que se encontram palavras hoje caidas em desuso: os escriptores dos seculos XVI, XVII e XVIII e ainda do começo d'este offerecem-nos uma assaz vasta collecção d'ellas. Francisco José Freire fez um catalogo d'algumas d'essas palavras usadas desde João de Barros até ao padre Antonio Vieira [4], mas muitas d'ellas estão hoje de novo em uso, outras porém como córrego regueiro, desviver morrer, emprenhidão prenhez, esmechar ferir, emparcelado que tem parceis, feitura creatura, feros ameaços, governalho leme, longura comprimento, miramento acto de olhar com attenção, patrisar conformar-se com os estylos da patria, nadivel que se póde passar a nado, pompear ostentar com pompa, referta contenda, repugnancia,

[1] *Origem da lingoa portuguesa*, cap. 17.

[2] *Reflexões sobre a lingua portugueza*, part. III, refl. 1.ª

[3] *Elucidario das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, 2 vol. in-fol. Lisboa, 1798—99. 2.ª ed. incorrectissima e com addições insignificantes em 1865, pelo snr. Innocencio Francisco da Silva, da Academia das Sciencias de Lisboa.

[4] *Reflexões sobre a lingua portugueza*, part. I, refl. 2.ª

remoela, acinte, pirraça, replenado, repleno cheio, estão realmente caidos em desuso.

«Queixume, diz F. José Freire, foi palavra polidissima até o fim do seculo decimo-setimo: hoje não é admittida nem ainda em Poesia, com sentimento d'aquelles que rejeitam (como dizia Jacintho Freire no seu prologo) as venerandas cãas e anciamidade madura da nossa linguagem antiga.»

Hoje queixume soa aos nossos ouvidos como uma palavra nobre, e cheia d'uma doçura triste, e não repugna a ninguem empregal-a.

As causas do desapparecimento de palavras são muitas e ás vezes tão particulares que escapam a toda generalisação e a toda a conjectura.

A causa mais simples e mais evidente é a do desapparecimento da palavra por ter desapparecido a cousa que ella significava. É por isso que hoje não se empregam já senão fallando das cousas do passado de Portugal palavras como adail, adeantado, alcaide, corregedor, almotacel, anadel, porque esses cargos deixaram de existir.

A moda, o pedantismo, a imitação da linguagem de alguns auctores especiaes que teem sempre um vocabulario mais ou menos limitado, o neologismo, a synonymia são outras causas do desapparecimento de palavras.

A moda faz com que muitas palavras sejam olhadas como ridiculas ou baixas, como succede com o vestuario, as maneiras, etc. A linguagem por este lado está muito sujeita ao convencional. É assim que não se dizem hoje em boa sociedade corno emquanto chifre ou ponta podem ser pronunciadas sem receio, feder, botar, surdir, etc.

Muitas palavras devem tambem esse desprezo ao facto de adquirirem um sentido obsceno e d'este então descem ao ultimo plano do uso: assim tabaco, que entre nós ninguem se peja, nem pode pejar de pronunciar, pois conserva a sua accepção primitiva, é uma palavra obscenissima no Brazil [1].

O pedantismo litterario desterra tambem arbitrariamente muitas palavras. Comquanto a maior parte do que elle propõe seja tornado irrito pelas forças vivas da linguagem é certo que esta não permanece livre da sua acção.

A synonymia concorre tambem para o desapparecimento de palavras. Assim antigamente diziam-se rousar e forçar no sentido de violentar uma mulher; a segunda palavra e outras expressões synonymas tinham já feito cair em desuso a primeira no tempo de Fernão Lopes: «Diremos de Maria Roussada, escreve elle, molher casada com seu marido que dormira com ella per força, a que estonçe chamavam rousar[2].»

Arteirice caiu em desuso depois que do latim se tirou a synonyma astucia, palavra que era nova no seculo XV como se conclue das palavras de D. Duarte: «Na prudencia o sobejo se chama em latym astucia ou calliditas, que em linguagem querem dizer maa sagidade, ou arteirice mais que o que cumpre, ou malicia; e o seu myngnado he crassitudo em latim, que quer dizer em linguagem, pequiçe [1].

Além das palavras que se perdem inteiramente ha muitas que deixam de ser usadas só n'um ou mais de seus sentidos, ou que adquirem sentidos novos. Eis alguns exemplos d'este facto.

Acordar-se, recordar-se. «E eu acordei-me da palavra de nosso Senhor.» *Act. Apost.* 2, 16. «Acabo de cinque dias acordou-se Ananias o principe dos Sacerdotes, com huuns dos velhos, de hir acusar Sam Paulo.» *Ibidem*, 24. 1. «nom se acordando do dia e mez.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, 27. Hoje usa-se só no activo no sentido de despertar.

Aguadeiro, adj. Proprio para a chuva.

> Item capa augoadeyra
> e gibam de satim rraso.
> CANC. RES. I, 151.

Hoje usa-se só como substantivo: homem que dá agoa.

Alçar-se, levantar-se. «Alçou-se huum vento muj forte.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 22.

Hoje usa-se só no activo: levantar, erguer.

Apouquentar (der. de pouco): opprimir, fallando de cousas:

> Nossas vydas apouquenta
> Nossas fazendas destruy.
> Sen fedor.
> CANC. RES. I, 197.

Hoje usa-se só fallando de pessoas.

Attender, esperar. «Forousse todos muy bem guiados a huum lugar que chamam vall de vez e atenderom hi.» *Chron. Santa Cruz*, p. 26. «non as ousaram datender no mar.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 24. «Eu mentre Sam Paulo atendia em Athenas S. Gillas e Thimotheu, moveu a ssa alma em ssi.» *Act. Apost.* 17. 16.

Hoje usa-se no sentido de prestar attenção.

Avir, succeder; pôr em concordia. «Aveo assi, que acabo de tres messes entrarom em huã nave de Alexandria.» *Act. Apost.* 28. 1. «O cardeal de Bollonha ... amdava em Aragon por avijr estes Reis.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 26.

Avença, antiquado no sentido de concordia, harmonia. «Teve que por estas e outras razões, el se chegaria a algumma boa avemça pera aver paz com El-Rei Daragom.» *Ibidem*. «Alli chegou o cardeal Dom Guilhem, legado do Papa Inocenço, pera poer avemça antrelles.» *Ibidem*, c. 19.

[1] Sobre a tendencia das palavras para tomarem um sentido pejorativo vid. Max Muller's, *Lectures*, II.

[2] *Chron. D. Pedro*, c. 9.

[1] *Leal Conselheiro*, c. 58.

Benzer, abençoar, bemdizer. « Des agora, Senhor, te benzerey. » J. Claro, p. 206.

Hoje é usado só no sentido de deitar a benção, fazer bento.

Bondade, acto de coragem, grande feito. « Se alguns ouuessem de contar as marauilhas e bondades que faziam, seeria o liuro tam grande que os que o leessem com a grande escriptura se anoiariam. » *L. Linh. III*. p. 190.

Bordo, acto de abordar.

> Fez huum borda em Alcobaça
> onde fyco muy cansado.
> CANC. RES. I, 106.

Botica, casa pequena. *Cortes d'Evora de 1473*, art. especial de Silves.

Brandir, zurzir. « tynha na maão huum grande açoute pera o brandir com elle. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 7.

Hoje emprega-se só no sentido de manejar.

Brocha, certa peça da armadura. « Deu-lhe com uma brocha que tragia. » *Ibidem*, c. 20. « Os caualeiros que eram en terra filhauamse pelos lazes das capelinas e dos bacinetes e danamse das brochas que as poinham da outra parte. » *L. Linh. III*, p. 186. — E figuradamente:

> Por falar no gouernar
> & largar assy a brecha
> non espaço.
> CANC. RES. I, p. 197

Britar, antiquado no sentido geral de partir, quebrar, e no figurado de annullar. « Ali sesmalhauam (s'es-malhavam) fortes lorigas e britauam e especauam (espeçavam=despedaçavam) e talhauam escudos capilinas bacinetes. » *L. Linh. III*, p. 186.

Britamento, antiquado no sentido de quebra, infracção. « Stabeleçemos que nenhum non leue cousa aaqueles que acaeçer perigos no mar assy dos da nossa terra come dos das outras se acaeçer per britamento de naue ou de nauio alguma cousa que andasse, etc. » Trad. d'um doc. de 1211.

Hoje usa-se só fallando de pedras.

Cabo, no sentido de extremo, se encontra na seguinte passagem:

> Mas hum cuydado muy vivo
> naçydo no coraçam
> do triste amador passyvo,
> he um cabo de paixam
> qual mays nam sofre catyuo.
> CANC. RES. I, 6.

Catar, olhar. « Eu catey e vy o tormento do meu poboo que hé em no Egipto. » *Act. Apost.* 7. 34.

> Chora-la triste começo,
> que bem vejo que me cata (a morte).
> CANC. RES. I, 122.

Hoje apparece só no sentido de procurar.

Commetter, antiquado no sentido de mandar dizer, ordenar. « cometeo-lhe (mandou-lhe dizer) per outrem que casasse com elle. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 16.

Comprido, cheio.

> Tanto deos a fez conprida de ben
> Que mays que todas las do mundo val.
> CANC. D. DINIZ, p. 61.

> .. .. Deos
> que vos fez de ben conprida.
> IBIDEM, p. 117.

Compridamente, antiquado no sentido de completamente.

> .... non sey oj'eu quem
> Possa conpridamente no seu ben
> Falar.
> IBIDEM, p. 65.

Comprir, antiquado no sentido de encher. « Comprio os nossos coraçoens de comer e de lidiça. » *Atc. Apost.* 14. 16. « A santa justiça compra meu coraçam. » J. Claro, p. 199.

Conto, antiquado no sentido de numero. « postoque me o comto dos dias esqueça. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 10.

Contrariar, antiquado no sentido de luctar, dirigir-se, trabalhar contra. « Esteveram os Reis da terra e os principes se achegaram emsembra, e contrariaram contra o Senhor. » *Act. Apost.* 4, 26.

Contrastar, antiquado no sentido de rivalisar, offerecer parallelo. « E nom podiam contrastar ao saber e ao espiritu, que falava em el. » *Ibidem*, 6, 10.

Curar, antiquado no sentido de importar-se. « E non curando mais fallar de taaes jogos. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 14. « Foran armados outros cavalleiros, cujos nomes não curamos dizer. » *Ibidem*.

Conversação, antiquado no sentido de conversão. « Na conversaçom da Divyndade em Carne. » *Cathec.* p. 168. « Nom per fervor de noviço de conversaçom..... deprendoram de companheyros. » *Regra*. c. 1.

Demandar, antiquado no sentido de pedir. « Uennos demandar acorro. » *Chron. Santa Cruz*, p. 29.

Desfechar, antiquado no sentido de abrir, patentear. « E sanctiago apostolo lhe abriu e desfechou as portas. » *Ibidem*, p. 24.

Deuisar, antiquado no sentido de narrar, mencionar. « E entom deuisou perante todos o feito como passara. » *Ibidem*, p. 27. « A estoria non deuisa aquy os nomes delles. » *Ibidem*, p. 28.

Direito, antiquado no sentido de justo. « Non he direito, que nós leixemos a palavra de Deus, e sirvamos aas mesas. » *Act. Apost.* 6, 2.

Entender, antiquado no sentido de ter tenção.

« Emtemdia dhir a Bizcaia. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro,* c. 20.

Errar, antiquado no sentido de enganar.

sem vos eu errar em nada.
CANC. RES. I, 123.

senhora, vos hys errada
perdoa a quem te erra,
se de cyma perdam queres.
IBIDEM, 127.

Espaço, antiquado no sentido de tempo. Hoje diz-se ainda espaço de tempo. « Os seus aguardarom per muj grande espaço. » Fern. Lopes. *Chron. D. Pedro,* c. 31.

Falha, antiquado no sentido geral de falta. « Sem falha convem de se achegar muita gente, cá já ouvirom dizer, que tu veeste. » *Act. Apost.* 21, 22.

Fallar, antiquado no sentido de dizer. « Nós nom podemos estar, que non falemos o que vimos, e ouvimos. » *Ibidem,* 4. 20. « Dá aos teus a falar a tu palavra com feuza. » *Ibidem,* 4. 29. « Falo palavras de verdade e de mesurá. » *Ibidem,* 26, 25.

Fazenda, antiquado nos sentidos de negocio, interesse, sentimento, estado do coração, da alma.

Des oje mais me quer'en mia Señor
Quitar de vus mia fazenda dizer.
TROVAS E CANT. n.º 29.

. . . . . . puñam em adeviñar
Fazenda dom'en'a saber.
IBIDEM, n.º 258.

A coita que eu prendo
non sei quen a tal prenda
que me faz fazer senpre
dano da minha fazenda.
IBIDEM, n.º 4.

Quero vol'a minha fazenda mostrar
Que vejades como de vós estou.
CANC. D. DINIZ, p. 16.

« Ouve elRei de saber parte de toda sua fazenda. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro,* c. 8.

Forte, antiquado no sentido de máo. « ElRei ouveo por forte sinal e non quiz sahir. » *Ibidem,* c. 26.

Guardar, antiquado no sentido de attentar, ter cautela. « Guarda que jures verdade. » *Cathec.* p. 156.

Insoa, antiquado no sentido de ilha. « Desque perandaram toda aquella insoa, atá que chegarom a Papho, acharom hi huum encantador falso propheta Judeu, que avia nome Beriem. » *Act. Apost.* 13. 6.

Lazeira, pena, dor, mal, necessidade. « Soportando muitas lazeyras e minguas, exemplo de humildade nos déste. » J. Claro, p. 188. Havia tambem lazeirar no sentido de padecer. « Curava mui pouco por grande lazeyra, que pobres sofressem, per esto lazeyro com múy grande mingua de tua graça. » *Ibidem.* p. 205.

Manha, antiquado no sentido de boa qualidade, dote do espirito. « Das manhas, e condiçoões, e estados de cada huum, diremos adiante. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro,* c. 1.

Manceba, antiquado no sentido de mulher moça. « Sayo huma manceba, que avia nome Rode, por veer quem era. » *Act. Apost.* 12. 13.

Mazela, antiquado no sentido de dôr, tristeza, mal, desgraça, lesão. Da palavra n'este sentido derivavam mazelar e o s. f. mazelada. « O seu doo é a sa manzela e coyta era tam grande que todos aqueles que o uiram ouueram por estranho como aquela ora non morreo. E o porque se mais manzelaua si era por a lide que lhi partira alcarece e o infante. » *L. Linh. III.* p. 189. « Martim Fernandez porque estaua manzelado das suas herdades que lhi tiinha forçadas dona sancha martins fazialhi todo nojo que podia. » *Ibidem.* p. 228. « E tragia em sas mañõs huma muy fremosa e grande asta, encima dela huma cruz que esprandecia como o sol e lançaua de si rayos de fogo. Esta foi mazelada de coita de dor e de prêsa descorodoe a todas nosas gentes. » *Ibidem.* p. 189. « Os boos daquela terra . . . . estanam del manzelados porque os tinha soiogados. » *Ibidem.* p. 189.

Mesura, antiquado no sentido de medida, e no figurado de bizarria, commedimento, etc. « Se todo in todo vir o pesume do incarrego sobrepogar a mesura das ssas forças. » *Regra.* c. 68.

. . . . Creo que faria mal sen
Quem nunca gran fiuz ouver
En mesura d'outra moller.
TROV. E CANT. n.º 76.

Mesura seria, senhor
De vos amercear de mi.
CANC. D. DIN. p. 65.

Santa Maria
Que vos fez tan mezurada.
IBIDEM, p. 113.

« Falo palavras de verdade e de mesura. » *Act. Apost.* 26. 25.

Nunca vy tanta mesura
quanta falar se costuma
tam valdya.
CANC. RES. I, 191.

Morte, antiquado no sentido de mortandade. « Aly foy a morte deles grande. » *L. Linh. III.* p. 187.

Pagar-se, antiquado no sentido de agradar-se, gostar. « Na propria boca o louvor he fêo, de tal fealdade sempre me pagney. » J. Claro, p. 184.

Catalina he minca amiga,
Sei que se paga de ti.
C. VIC. I, 139.

Par (a), antiquado no sentido de junto de. «Fuy creado a par dos pees de Gamaliel.» *Act. Apost.* 22, 3.—Em par de, quasi a. «Dom nasco tam ferido que o teveram em par de morte.» *L. Linh. III.* p. 228.

Partir, antiquado nos sentidos de dividir, repartir, separar, apartar. «Poynham o preço de quanto vendiam ante os pees dos Apostolos; e eles partiam-no per todos segundo era mester a cada huum.» *Act. Apost.* 4, 34 e 35. «Partio-lhes per sorte a sa terra.» *Ibidem*, 13. 19. «Partios a santa egreia per sentença porque eram segundos coyrmaãos.» *L. Linh. III*, p. 195. «Partiredes nosa morte, que está muyto acerca.» *Ibidem*. p. 188.

Peça, antiquado no sentido de espaço de tempo.

> Huma grã peça do dia
> Jouv'ali, que non falava.
> CANC. D. DINIZ, p. 87.

«Esteue esguardando huma grande peça.» *Hist. geral,* c. 6.—No sentido de pedaço. «Catou a pedra em que estavam as leteras e achoua quebrantada em peças.» *Ibidem*, c. 6. «Por isso andara huma peça da noite.» *L. Linh. III*, p. 193.

Pensar de, antiquado no sentido de tractar de. «mandou encobertamente trautar com o fisico que penssava delle.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro,* c. 17.

Perceber, antiquado no sentido de avisar. «Çarrarom estomçe as portas da villa, que nenhuum lhe levasse recado pera o perçeber.» *Ibidem*, c. 31.

Quebrantar, antiquado no sentido geral de partir. «Quebrantavam o pam a par das sas casas.» *Act. Apost.* 2, 46. «Reynou Asa em Judá onze annos e foy muy boom e muy dereito e temia Deus, e quebrantou todollos idollos que achou em sa terra.» *L. Linh. IV*, p. 233. «Catou a pedra em que estavam as leteras e achoua quebrantada em peças.» *Hist. geral,* c. 6.

Quedar, antiquado no sentido de deixar. «E por todo aquesto non quedavam eles d'ensinar cada dia em no Templo.» *Act. Apost.* 5. 42.

Redea, antiquado no sentido de cacho ou cambada.

> Ual rredea d'uuas
> a çinco na praça.
> CANC. RES. I, 138.

Sé, antiquado no sentido de séde.

> he pena que nam tem sé,
> nem guaryda em qu'esté.
> IBIDEM, I, 6.

Sacar, antiquado no sentido geral de tirar, fazer sair. «Ihesu Nazareno..... sacou os santos Padres que jaziam nas treevas.» J. Claro, p. 211. «Non sabemos o que acaeceo a Moysen que nos sacou do Egipto.» *Act. Apost.* 7, 40.

Saude, antiquado no sentido de salvação. «Estes homeens servos sam do alto Deus, e mostram-nos a carreira da saude.» *Ibidem,* 16, 17.

Salteado, antiquado no sentido de assaltado.

> quando se vyr salteada
> tropeçando dê aa seda.
> CANC. RES. I, 152.

Talhar, antiquado no sentido geral de cortar. «Ali s'esmalhauam fortes lorigas e britauam e espedaçauam e talhauam escudos capilinas bacinetes.» *L. Linh. III*, p. 186. «Se tu a mim talhas a cabeça eu nem recebo gram perda.» *L. Linh. III*, p. 188. «non leixe criar os pecados, mais sagesmente, e com caridade os talhe.» *Regra.* c. 64. No sentido de dar forma.

> Huma pastor ben talhada
> Cuydava em seu amigo.
> CANC. D. DINIZ, p. 86.

Tanger, antiquado no sentido geral de tocar e no de dizer respeito. «o coraçon chagado da enveja, assy como membro doente, quando o algua cousa tange, por onde sente logo a maão da obra contrayra mais gravemente.» *Cathec.* p. 145. «Os ditos Feitos, e Petiçoens, que assy tangerem aa graça.» *Doc. D. Pedro I*, Rib. *Dissert.* I, 310. «Os feitos, que tangerem a crime.» *Ibidem.* «Jurou aos evangelhos per el corporalmente tangidos.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro,* c. 27.

Tolher, antiquado no sentido de tirar. «Nom entendia a tolher ao Arcidiago nenhuma cousa do seu dereyto.» *Doc. 1306*, Rib. *Dissert.* I, 297. «Tolhamos aqueste homem da terra, ca nom he bem que viva.» *Act. Apost.* 22, 22. «...seerá tolheita da terra a sua vida.» *Ibidem,* 8, 33.

> Nam ha cousa a que s'acolha
> que tolher possa, nem tolha
> seu primor ao sospirar.
> CANC. RES. I, 65-66.

Comp.: «Nunca tolheo a nenhuma cousa que lhe seu padre desse.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro,* c. 1.

> e aqui vos solto cuydado
> e o sospirar vos tolho.
> CANC. RES. I, 17.

> .... lugar nam tem
> de sospirar, mas rretem,
> porque seu cuydar o tolhe.
> Se o cuydar lh'o faz tolher
> o qu'eu nam posso cuydar,
> d'oje mays cuydo dyzer, etc.
> IBIDEM, 53.

Tornar, antiquado no sentido geral de voltar. «Unde al non ffaçades, se nom a vos me tornaria

eu poren. » *Doc. de 1311*, Rib. *Dissert.* I, 298. « Torna a mim tua orelha, e triga-te para me salvares. » J. Claro, p. 205. « Per auctos luxuriosos mjnha alma entorpici, e de cuydados carnaaes foe tan carreda, que non podia tornar a ti per acorrimento. » J. Claro, p. 177.

O mesmo sentido geral se perdeu nos compostos.

> Quem nunca ouviu hum rifão
> Mais corrente, e mais usado,
> Que he darem todos de mão,
> Quantos vem, e quantos vam
> Ao carro que está entornado.
> SÁ DE MIR., EGL. 8.

> mas d'amores carreguar,
> rretorna sospiros grandes.
> CANC. RES. I, 13.

Trabalhar-se, antiquado no sentido de esforçar-se. « Pero de as aver nom me trabalhava. » J. Claro, p. 192. « Trabalhavasse quanto podia de as jentes nom seerem gastadas. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 1.

Torto, antiquado no sentido de damno. « El vyo que huum deles sofria torto de huum Egipcião. » *Act. Apost.* 7, 24.

Vella, antiquado no sentido de vigia: « Poserom de noite suas escadas en no muro de guisa que furtaram uma vella. » *Chron. Santa Cruz*, p. 28.

Vivenda, antiquado no sentido de modo de viver. « Per ti foy escrito este alcoram que deste a mafomede teu miseiyro que nos mostrase por el a nosa uiuenda e o serviço que te auiamos de fazer. » *L. Linh. III*, p. 189.

> conssyro en tal vivenda
> qual vivemos, d'emborylhos.
> CANC. RES. I, 179.

Volta, antiquado do sentido de revolta, tumulto. « Nom es tu o Egeciam, que ante aquestes dias moveste gram volta? » *Act. Apost.* 21, 38. « Em aquelles dias crecia muyto o conto dos dicipulos, e levantouse muy gram volta e muy gram baralha antre os diciplos Judeus. » *Ibidem*, 6, 1.

Um facto que se repete muitas vezes n'uma lingua é a perda d'uma palavra que é substituida por um outro derivado ou composto do mesmo thema ou base d'essa palavra. Eis algumas palavras d'esse genero do portuguez da edade media com os seus substitutos modernos:

Acorro, moderno soccorro. « Tijnha ajuda e acorro. » Fernão Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 9. « Uemos demandar acorro. » *Chron. Santa Cruz*, p. 29.

Adayão, moderno deão. « Fez em ella o adayão D. Egas Magro de Lisboa. » *L. Linh. I*, p. 162. « Ouveya o dayão de S. Santiago D. Fernando Affonso de Santiago. » *Ibidem*, p. 173.

Alcouveta, moderno alcoviteira « Queria gram mal a alcouvetas e feiticeiras. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 10.

Altividade, moderno altivez.

> Todos sem alteuidade
> onestamente folgauam.
> CANC. RES. I, 196.

Arreigar, moderno desraigar. « E os gritos deles e das trombas e anafiis e daltancaros e atauagues e gaitas assi reteniam que parecia que as montanhas se areygauam de todas as partes. » *L. Linh. III*, p. 187. Arraigar, hoje significa o contrario. Comp. arrancar.

Assinado, s. m., moderno assignatura.

> Ponde vossos assinados
> da verdade bem sabida.
> CANC. RES. I, 83.

Baixura, moderno baixeza.

> ey por muy grande bayxura,
> de bater no ja sabido.
> IBIDEM, p. 17.

Calçamento, moderno calçado. « E disse-lhe Deus: Solta o calçamento de teus pees. » *Act. Apost.* 7, 33.

Calueyra, moderno calva.

> Leando canall
> que cobra calueyra.
> CANC. RES. I, 139.

Cambador, moderno cambista. « Tijnham os Reis seus cambadores que compravam prata e ouro aaquelles que o vender queriam. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 12.

Colorar, moderno colorir, corar. « Posto que elRei Dom Pedro dissesse mujtas razoões a collorar este feito. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 33.

Conhecença, moderno conhecimento « boa cousa he tomar amizades e novas conhecenças. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, 10. « de todo in todo a conhocença veer do Bispo, a cidade do qual pertecesce esse logo. » *Regra*, c. 64.

Conquerer, moderno conquistar. « Nembrou-se elRey alfobacem de sas molheres e de seus filhos e da caualaria e donas e donzelas e auer sen conta que trouera pera conquerer a espanha. » *L. Linh. III*, p. 189.

Corto, moderno cortado. « Nom ficou carne ataa os ossos que todo nom fosse corto. » Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 8. Comp. cordo, pago, manso, etc.

Costaneiras, moderno costas. « Mandou alcarac Reis e Infantes e outros altos homees acometer os christaãos com ametade dos XXXII dos gene-

tes e arqueiros mui rigamente, os huums na dianteira e os outros pelas costaneiras.» *L. Linh. III*, p. 186. Costaneira tem hoje apenas o sentido muito especial de certo numero de folhas de papel reunidas.

Conodo, moderno cotovello (latim cubitus, cubitellum). «Que lha eu nom cortasse o braço pollo conodo.» *Chron. Santa Cruz*. p. 30.

Cruevildade (d'um latim hypothetico crudelibis), moderno crueldade. «Cruevildade de maestre desego de piadoso padre demostre.» *Regra*. c. 2.

Deculpados, moderno culpados. «Alvaro Gomçalvez, e Pero Coelho eram em esto asaz deculpados.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 30.

Demoniados, moderno endemoninhados. «Tragiam os doentes, e os demoniados.» *Act. Apost.* 5, 16.

Dispuimento, moderno disposição. «Cada huum per senhos leitos dormham, leitos estrados, segundo a maneyra da conversaçom, e segundo o dispuimento de seu Abade recebam.» *Regra*. c. 22.

Doçar, moderno doce.

> D'hum desejo tam doçar
> que muy docemente sabe.
> CANC. RES. I, 69.
>
> da me lindo em que viua
> de doçar cuydado manso.
> IBIDEM.

Dulcidão, doçura: «Depois que perde a dulcidão da paz, non a farta nem huã cousa.» *Cathec.* p. 145.

Emborylho, moderno embrulhada.

> conssyro en tal vuenda
> qual vyneare, d'emborylhos.
> CANC. RES. I, 179.

Endurentar, moderno endurecer. «Eu endurentey o meu coraçom.» J. Claro, p. 174.

Ensinamento, moderno ensino. «De todo em todo vos mandamos, que non ensinedes em aqueste nome, aque que deitaste já todo Jerusalem de noso ensinamento.» *Act. Apost.* 5, 28.

Esmaiar, moderno desmaiar.

> ....primeyro vem cuydar
> e pos el o esmayar.
> CANC. RES. I, 11.

«Estauam cá muyto esmahados por a força que perderom.» *L. Linh. III*, p. 187.

Esprovamento, moderno provação. «Assi é meixente os tempos ous tempos, os esprovamentos ous affagamentos.» *Regra*. c. 2. «O que por esprovamento deprehendemos.» *Ibidem*, c. 59.

Esterrado, moderno desterrado. «Iudeus esterrados.» *Act. Apost.* 2, 11.

Estroimento, estroir, moderno destruição, destruir. «Seus emmigos...... som em estroimento da fé de Jesu Christo.» *L. Linh. IV*, p. 230. «Andavam pera lide deribando e matando e estroindo.» *L. Linh. III*, p. 187.

Exerdar, moderno deserdar. «Exerdasteme da honrra que me teu padre leixou.» *Chron. Santa Cruz*, p. 26.

Fallamento, moderno falla (discurso, narração). «Faremos de todo huum breve fallamento, começando primeiro nas cousas que lhe aveherom em começo de seu reinado.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 15.

Falsylho, moderno falso.

> Falsylhos pontos nam sam.
> CANC. RES. I, 56.
>
> C'alegays contra cuydados
> alguns pontos muy falssylhos.
> IBIDEM, p. 43.

Falsura, moderno falsidade.

> Falsura de muyto dano
> pode ter, coma mao pano
> falsa cor e fengediça.
> IBIDEM, p. 100.

Fitelho, moderno fito (jogo).

> Se nam que jogo-o fytelho,
> jaldeta, cunca, sarylho.
> IBIDEM, p. 148.

Geeramento, moderno geração. «Em humildade he exalçado o seu juizo, e o seu geeramento quem o contará?» *Act. Apost.* 8, 33.

Judengo, moderno judaico.

> Isto faz o paricar
> nossas maneiras judengas,
> CANC. RES. I, 192.

Lastimeiro, moderno lastimoso.

> Com palavras enganosas
> fazem obras lastimeiras
> IBIDEM, p. 113.

Longueyro, moderno longo.

> Qu'esta sentença longueyra
> non seja mays rreferteyra.
> IBIDEM, p. 70.

Mentideyro, moderno mentiroso. «En juras mentydeiras te nomehey.» J. Claro, p. 175.

Naviamento, moderno navegação. «Com muito danno começa a ser este nosso naviamento.» *Act. Apost.* 27, 10.

Ospedadigo, moderno hospedagem. «no

tempo do ospedadigo pode a vida del seer conhoçuda.» *Regra.* 61.

Pardilho, moderno pardo.

> Pardylho deue mantam
> sobr'ele trazer coberto.
> CANC. RES. I, 145.

Parato, moderno apparato.

> Empero nunca leyxando
> parato de brauo touro.
> IBIDEM, p. 95.

Perdoança, moderno perdão. «Louvemos ergo todos ao Senhor que é perdoança dos peccadores.» J. Claro, p. 175.

Podrido, moderno apodrecido, podre.

> onde jazem
> os podrydos esterqueiros.
> CANC. RES. I, 180.

Portar, moderno aportar. «Porton em huma ilha sua que chamam almadia.» *L. Linh. III,* p. 189.

Primente, moderno primeiramente. «Aprendi primente seer necessario a todo pecador aver lembramento de seus pecados.» J. Claro, p. 177.

Remudar, moderno mudar.

> poys tem descanssos a gyros
> em que seos males rremuda.
> CANC. RES. I, 6.

Refrescamento, moderno refresco. «Mandey nos os V mil em refrescamento das lides.» *L. Linh. III,* p. 188.

Sabença, moderno saber (sciencia). «Foy ensinado Moysem em toda sabença dos Egipciaons.» *Act. Apost.* 7, 22.

Secretariamente, moderno secretamente. «Mandou saber secretariamente que maneira tijnham.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro,* c. 17.

Semelhavel, semelhavelmente, moderno semelhante, semelhantemente. «Essa Dona Enes recebera elle (var. a elle) por seu marido per semelhavees palavras.» *Ibidem,* c. 27. «Semelhavelmente foi preguntado Estevam Lobato.» *Ibidem,* c. 28.

Similidõe, moderno semelhança. «Depois disse nostro Senhor: a Façamos homem a nossa ymagem, e á nossa similidõe.» *Hist. ant. Test., Genes.* c. 7.

Sofrença, moderno soffrimento (capacidade de soffrer).

> ...... regra muy direita
> En teus feitos nos leixaste
> Na sofrença, que mostraste.
> J. CLARO, p. 191.

Trauto, moderno tractado. «Feito aquelle trauto desta maneira.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro,* c. 31.

Toma, moderno tomada. «Forom em sua ajuda em esta toma muitas companhas dalemaees e framengos.» *Chron. Santa Cruz,* p. 29.

Vegada, moderno vez. «Portanto se non fez daquella vegada.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro,* c. 25.

Vindiço, moderno adventicio. «Romãaos vindiços.» *Act. Apost.* 2, 10.

Vizindade, moderno visinhança. «Grande vizindade he a do huum, e do outro.» *Cathec.* p. 145.

§ 2.º O NEOLOGISMO

Ao passo que as linguas perdem palavras muitas novas vão apparecendo n'ellas. O neologismo é uma outra phase da sua metamorphose. Em cada uma das linguas modernas ha hoje milhares de palavras que em vão se buscarão nos escriptores dos seculos precedentes. Essas palavras saem ou 1) do fundo de cada lingua, isto é, são produzidas por novas combinações dos seus elementos proprios, ou 2) são tiradas já formadas das linguas classicas ou produzidas pelas combinações d'elementos d'essas linguas (o grego e o latim), o que se dá principalmente na technologia scientifica, ou 3) são introduzidas das outras linguas modernas.

1) Tinhamos, por exemplo, em portuguez carambola no sentido de bola e primeiramente de bola de neve, graniso, saraiva: a introducção do jogo do bilhar fez que a uma das bolas se désse o nome de carambola e se creasse o verbo carambolar. A publicação de folhas periodicas ou jornaes deu logar a que do adjectivo periodico já existente se derivassem periodicista e periodiqueiro. Durante as nossas luctas civis d'este seculo se derivaram as palavras abrilada de abril, caceteiro de cacete (nome dado aos partidarios de D. Miguel que traziam cacetes adornados com as cores do partido para espancarem os do partido contrario), cartista de carta, septembrista de septembro, etc.

2) A introducção de palavras tiradas directamente do latim, que não podem ser classificadas de verdadeiros neologismos, mas apenas de renovações, observam-se em os monumentos de quasi todas as epochas em que a lingua portugueza foi escripta. No seculo XV já D. Duarte se declarava contra o uso d'essas palavras: — «*Da maneira para bem tornar alguma leytura em nossa lynguagem.* Primeiro conhecer bem a sentença do que a de tornar, e poella enteiramente, nom mudando, acrecentando, nem mynguando alguma cousa do que esta scripto. O segundo que nom ponha pallavras latinadas, nem dontra lynguagem, mas todo seja em nossa lynguagem

scripto. mais achegadamente ao geral bom costume de nosso fallar que se poder fazer[1].» Varias passagens nos mostram como este monarcha escriptor tractava na pratica de comprir os seus proprios preceitos. Diz elle: «Da yra seu proprio nome em nossa lynguagem he sanha. que vem de huum arrevatado fervor de coraçom por desprazer que sente com desejo de vyngança[2].» N'outra parte: «Primeiro do odio, ou segundo nossa lynguagem malquerença, que he huum contynuado desejo de mal, perda. abatymento de bem dontrem por qualquer guisa que viir possa[3].» E ainda: «Da ociosidade em nossa lynguagem seu nome apropriado he priguyça[4].»

Outro escriptor da mesma epocha e irmão de D. Duarte. o infante D. Pedro, Duque de Coimbra não é tão exagerado em pontos de purismo como aquelle. Escreve elle, escusando-se de introduzir palavras alatinadas na sua *Virtuosa Bemfeituria*: «E os que menos letrados forem do que eu som nom se anojem d'alguas palavras latinadas e termos scuros, que em taes obras se nam podem scusar[5].»

Na epocha em que foi feita a traducção da *Historia do testamento* publicada por Fr. Fortunato de S. Boaventura (seculo XIV segundo todas as probabilidades) a palavra anathema era ainda inteiramente desconhecida na lingua portugueza. por quanto n'essa traducção lê-se: «E ensinouo o Ango per que guisa avia de tomar a Cidade de Jericó. e que fezessem a cidade. e todalas cousas dela anathemas, que quer dezer escommhom maior[6].»

Os escriptores do seculo XVI engrossaram consideravelmente o lexico portuguez com palavras da natureza das condemnadas por D. Duarte. e essa obra foi continuada pelos dos seculos seguintes. d'um modo mais ou menos pedantesco: muitas d'essas innovações, porém, não vingaram. principalmente quando os auctores que as introduziram eram dos menos reputados. Quem empregará hoje aculeo, acuminado, agilitar, aperção. dealbado. derilicto. excidio. extar. inupta, invio. invitar, jugular, lutulento. modio (alqueire), tentorio. tribulo (abrolhos). etc., condemnadas por um purista do seculo XVIII[7], com outras do mesmo genero que todavia estão ainda em uso?

«Bipartido por cousa dividida em duas partes só no verso tem bom uso com o exemplo dos nossos Poetas Classicos, e na prosa não se deve seguir a alguns que a usaram.

«Bipede por cousa de dous pés, só no verso se admitte. Temo-lo achado em alguns discursos, tratando-se de monstros, e n'esta accepção póde ser permittido[1].»

Bipartido e bipede são hoje usados sem escrupulo principalmente na linguagem scientifica. Brotero adoptou o primeiro em botanica[2].

3) Como exemplos mais conhecidos da terceira especie de neologismo temos as palavras que a lingua portugueza tem recebido da franceza. Já Duarte Nunes de Leão notava a singularidade da influencia da lingua franceza sobre o nosso lexico e formava uma lista das palavras que suppunha nos tinham vindo d'ella directamente, mas que em grande parte nos vieram por outra via; tracta até de assignalar as causas d'essa influencia.

«Tam difficil he, diz elle[3], dar razão porque dos Franceses vierão aa lingoa Portuguesa tantos vocabulos, quanto inuestigar, quaes são os mesmos vocabulos. Porque a razão que demos que as gentes communicão suas linguagens por causa da vezinhança, esta razão parece que não milita entre Portugueses & Franceses. porque o Reino de França está apartado de Hespanha. cujos limites asi da parte do mar como da terra são os montes Pyrineos e pela banda da terra está França ainda mais alongada de Portugal que de nenhuma outra parte da Hespanha. A razão que achamos a esta communicação de palauras parece ser por as idas que em tempos mais antigos os Portugueses fazião a França por causa da nauegação que era mais frequente que agora, & por a maior confederação, e amizade que antes hauia entre uma nação & outra. E porque como os Portugueses não nauegauão para as praias do mar Oceano, nem tinhão achadas as regioões da Ethiopia, nem da India, & ilhas descubertas. que depois continuarão com nauegação de mais proueito, daquelles portos de França. aonde entam ião a leuar suas mercadorias, e buscar outras. trazião nouos vocabulos. A outra razão era que des do principio deste Reino sempre vierão a elle Franceses. como foi o Conde dom Henrique, que vindo de Borgonha, necessariamente hauia de trazer sua familia. & gente daquella nação. Vierão tambem a este Reino os estrangeiros que ajudáram a tomar Lisboa, de que vinha por Capitão geeral Guilelme da longa espada, filho de Ricardo, Conde de Anjou, com que vinhão muitos senhores Franceses que neste Reino ficarão, & pouoarão muitas villas & logares. de que oje ha muitos fidalgos descendentes seus. Veo o Infante Dom Affonso de Bolonha de Picardia. que casou com Mathilde, Condessa daquelle estado, & foi Rei de Portugal, III. do nome, que comsigo para o seruir e ajudar a defender del Rei dom Sancho seu irmão, ao que vinha despor do gouerno,

[1] *Leal Conselheiro*, c. 99 (por erro 98 na edição de Paris de 1842.)
[2] *Ibidem*, c. 16.
[3] *Ibidem*, c. 17.
[4] *Ibidem*, c. 26.
[5] *Virtuosa Bemfeituria*, liv. 1, c. 2. Ms. da Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa.
[6] *Josué*, c. 4.
[7] F. José Freire, *Reflexões sobre a lingua portugueza*, part. I, refl. 4.ª

[1] *Ibidem*.
[2] *Comp. de Botanica*, I, 123, 124, 237.
[3] *Origem da lingua portugueza*, c. 11.

necessariamente hauia de trazer grande companhia. Viera a Rainha dona Mafalda, Francesa, filha do conde Amadeu de Moriana, & de Saboia a casar com dom Afonso Henriquez, que tambem viria acompanhada de Damas, & Caualleiros Franceses. E por causa da nauegação & trato vinhão tambem a este Reino tantos Franceses, que cuidarão muitos que se chamaua Portugal do Porto de Gallos.»

Com nenhuma outra nação temos tido relações tão intimas e tão duradoras como com a França; nenhuma tem influenciado tanto como esta sobre a litteratura os costumes, as idéas portuguezas: sua influencia lexicologica resulta necessariamente d'essas intimas relações. Mas é sobretudo a partir da epocha de D. João IV, e da vinda de tropas francezas a Portugal para ajudar esse rei nas suas luctas contra Hespanha que a lingua portugueza tem recebido grande numero de fórmas francezas. D. Francisco Manoel de Mello, queixava-se já d'essa invasão d'estrangeirismos na epocha da vinda d'aquellas tropas. Escreve elle:

«Andão per alto vozes peregrinas, não cessando com os combois, brechas, aproxes, viveres, avançadas, e castramentações; pois se o escutão (a um soldado). Deos seja com-nosco! O que lhe acodem de Cornas, Ornavaques, Crubeques, gollas, francos, lizeres, barbacans, e falças bragas? Que de esquadroens, serras grandes, fundos grandes, frontes, quadrados de gente, e de terreno, dobrétes, Cruzes, cubos, e prolongados? Outras vezes se dá pelos officios militares, ahi vos digo eu, que o Diabo o espere com Arreeures, Maridaes da estalla, Caporal, Corneta, Dragão, Furriés, Quarteis mestres, grão Prevoste? Emfim com milhares de vozes, estrangeyras, que nossos peccados (além dos costumes estrangeyros) nos trouxerão á terra para sua maior corrupção que defença [1].»

No seculo seguinte repetem-se os protestos dos puristas portuguezes contra a invasão do estrangeirismo e o escrupulo sobre esse ponto attinge as raias do ridiculo: grosso numero de palavras são suspeitas de falta de caracter nacional; o patriotismo torna-se exaltado em questões de estylo. Francisco José Freire descreve-nos este estado e pretende achar uma regra que ponha termo ás questões de nacionalisação e adopção de palavras.

«Assim como nas idades passadas era mui vulgar nos Escriptores de linguagem impura valerem-se dos vocabulos latinos, e accommodal-os á pronunciação Portugueza: assim hoje é mui commum na mesma classe de Auctores, servirem-se de vozes francezas e italianas, pretendendo naturalisal-as em Portugal. Destas creio que o numero é já infinito, espalhadas por todas as sciencias, artes, e officios mechanicos; porém com especialidade na filosofia experimental, na arte militar, na arquitectura civil etc. Dizem que a falta de termos proprios obrigára a introduzir tantas palavras novas. Se assim foi, procedeo-se com razão, porque obrigando a necessidade, devem-se buscar vozes para se exprimirem as cousas. Porém os amantes da pura linguagem portugueza queixam-se de se introduzir em termos novos, meramente por moda, e não por precisão, pois que a nossa lingua tinha muitos, e bons, com que se explicava antes, que se mendigassem outros ás estranhas para se exprimir o mesmo.

«Que necessidade havia (dizem os puritanos da lingua) de se dizer Abandonar tendo desamparar! Affares tendo negocios: Bellas Letras havendo Letras Humanas, e Boas Artes: Bellezas da Eloquencia, havendo rasgos, de que sempre usou Vieira: Bom Gosto, havendo já discernimento, e juizo?

«Porque se havia de introduzir Cadete por filho, que não é primogenito: Criterio por Arte Critica: Canoculo por oculo de vêr ao longe: Charlatão por palrador ignorante: Chichisbéu por galan, ou amante: Delicadeza de engenho por subtileza: Dessert por aparato de sobremeza: Discolo por extravagante, e mal procedido: Passagem por logar, ou passo de algum bom Auctor: Retalhos de eloquencia por pedaços de eloquencia?

«Que precisão tinhamos de Garante, e Garantia, por fiador, e affiançar: de Imagens por logares, e passos eloquentes, ou da fantasia, ou do juizo: de Interessante por importante: de Prejuizo por antecipação de juizo, ou juizo antecipado: de Projectar por dar idéas, e arbitrios: de Responsavel por obrigado a responder: de Susceptivel por cousa capaz de receber outra: de Viajar por correr terras: de Manobra por marcação etc.?

«Não só destas palavras, mas de outras muitas que agora nos não occorrem, mas lembram bem aos queixosos dellas, se lamentam os fieis conservadores da pura Linguagem Portugueza; porém outros criticos não acham para tanta queixa bastante fundamento. Dizem, que com esta liberdade é que se enriquecem de vocabulos as linguas vivas, e que só nas mortas, como a Grega e Latina, é que o uso não póde exercitar o seu absoluto dominio.

«Que não se tem enriquecido ha menos de um seculo a Lingua Ingleza com a introducção de infinitos termos, já inventados, já pedidos a outros idiomas, em que o Portuguez tem igualmente seu logar? E por fim ha hoje lingua viva que não tenha naturalizado innumeraveis vocabulos estrangeiros, sem exceptuar ainda a Castelhana, e Italiana, não obstante a sua copiosissima abundancia?

«Assim fallam os defensores das vozes novas, e nós para dizermos o que sentimos entre estes indulgentes, e aquelles escrupulosos, dizemos que uns e ou-

[1] *Apologos Dialogaes*, p. 169, Lisboa, 1721.

tros tem razão. Os escrupulosos, porque é certo, que havendo para exprimir qualquer cousa termo nacional, e usado pelos Auctores, que são textos, não se deve adoptar um novo; porque de outro modo nunca se verificaria que um Escriptor é de linguagem mais pura do que outro, e seria vão o nome de Classico, que se dá áquelles Auctores que o mereceram.

« Porém estes escrupulos peccão muitas vezes por excesso, sentenceando por vozes novas, e introduzidas pela moda, que reina na presente Litteratura do nosso seculo, a algumas que tem já muitos annos, e tambem seculos de antiguidade. Por exemplo: estranha-se por novamente adoptada a palavra Reproche, e já Duarte Nunes de Leão faz della memoria contando-a por uma daquellas que fomos buscar aos francezes..... Tem igualmente por nova a palavra Policia, e é não menos que de João de Barros na Decada 3.ª pag. 87, onde diz: Nisto se mostra a grandeza, e policia daquelle Principe etc. Que não dizem elles tambem contra a palavra Pedante, quando Duarte Nunes de Leão na sua Orthographia já traz Pedantesco? Não podem ultimamente soffrer, que se use do Italiano Affanar, e Affano, havendo em Portuguez Affligido, angustiado, Affligir-se, e angustiar-se; quando Vieira, insigne texto da Lingua, disse, como sabem os eruditos, Affanado, e Affano. Podemos fazer menção de outros vocabulos, a que os escrupulosos erradamente chamam novos, e como taes os reprovam; mas não sejamos prolixos, e passemos a defender os Escriptores indulgentes.

« Tem estes razão em procurarem, á maneira das outras Nações, e vivamente protegerem a introducção de vocabulos expressivos, e precisos, quando não podemos exprimir uma cousa, senão por longa, e tediosa circumlocução. Se para nós expressarmos a força do verbo francez Supplantar, nos é preciso usar do rodeio de dizer: usar de força ou artificio para tirar a alguem o cargo, ou fortuna que possue; não será bom que admittamos este verbo, e digamos Supplantar? Não é mais expressivo e breve dizer Criterio do que Arte critica, Insignificante, do que cousa que nada significa? Não é mais succinto usar de uma só palavra, qual é Responsavel, e Susceptivel, do que occupar diversas vozes, dizendo: obrigado a responder, e capaz de receber? Se podemos com um só vocabulo exprimir o filho segundo, terceiro etc., de uma familia porque se não ha-de dizer Cadete?

« Porém quando a nossa lingua tem termos proprios, que exprimem o mesmo que os outros novamente introduzidos, em tal caso é com razão reprehensivel a novidade, porque se oppoem áquella pureza de fallar de que em todas as outras Nações se faz especial apreço. Porque havemos dizer Abandonar se temos Desamparar; Resurce se temos Remedio; Discolo se temos Malprocedido; Affares se temos Negocio etc. etc. Porque diremos Intriga, Intrigante, e Intrigador por enredo, e enredar, e enredador, ou por maquina, maquinar, e maquinador? Porque havemos dizer Caracter por distinctivo: Conducto por procedimento, governo, prudencia etc.?

« Eis-aqui o como nos parece que devem concordar os dois partidos, ambos excessivos, um porque nada permitte, ainda havendo precisão, outro porque tudo concede, ainda sem haver necessidade. Este nosso juizo é fundado sobre o mesmo parecer que deram os Academicos da Crusca para se introduzirem ou não no seu famoso vocabulario vozes estrangeiras. Foi seguida esta prudente resolução por Monsieur de Furetière, e pelos sabios das Reaes Academias Castelhana, e Franceza, quando emprenderam os seus Diccionarios [1]. »

Finalmente em 1816 publicou Fr. Francisco de S. Luiz, depois cardeal, um *Glossario das Palavras e Frases da Lingua Franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na Locução Portugueza moderna; com o juizo critico das que são adoptaveis nella* [2].

Mas a lingua escuta muito pouco esses conselhos dos puristas; não é ás regras academicas que ella obedece: acceita ou repelle não em virtude de principios expostos claramente no que se póde chamar a sua consciencia, mas em virtude das suas tendencias naturaes e espontaneas. O meio, isto é, os individuos que a fallam com todas as suas opiniões e modos de vêr particulares, as condições sociaes d'esses individuos influem sobre ella, mas a resultante d'essas forças modificadoras não é uma regra academica, mas sim um momento de transformação inconsciente e fatal.

Os puristas são forças conservadoras que actuam sobre a linguagem; mas ainda que elles trabalhassem todos n'uma direcção uniforme, e tivessem exclusivamente nas suas mãos o ensino da lingua, e o déssem a todos os individuos que a fallam, as forças innovadoras da linguagem havião de poder sempre mais do que elles.

As mudanças nas instituições, nos costumes, nas idéas, os descobrimentos, o progresso das sciencias e industrias, o commercio com as outras nações, a moda trazem comsigo necessariamente a introducção de neologismos.

« Esta tal cousa, diz Fernão d'Oliveira [3], nunca ainda foy vista: por tanto não pode ter nome: se agora de nouo for achada trara tambem voz nova consigo.

« Achar dições nouas em parte e naõ de todo he quando para fazer a voz noua que nos he necessaria nos fundamos em alghuma cousa como em bombarda [4]

[1] *Reflexões sobre a lingua portugueza*, part. I, refl. 5.ª

[2] *Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*, 1.ª serie, t. IV, part, II, p. 1-153. O *Glossario* foi tambem impresso em separado.

[3] *Grammatica de lingoagem portuguesa*, c. 37.

[4] Bombarda é derivado de bomba.

que he cousa noua e tem vocabolo nouo: o qual vocabolo chamarão assi por amor do som que ella lança que he quasi semelhante a este nome bombarda ou o nome a elle, e daqui tambem tiramos estoutro isso mesmo nouo esbombardear.»

Com a introducção, por exemplo, das cartas de jogar em Portugal, a qual se deu muito provavelmente no seculo XV, vem uma nomenclatura inteira: a palavra **naipe**, os nomes dos naipes, os nomes das cartas, segundo o seu valor, excepto nos casos em que se applicaram nomes já existentes á designação d'ellas, nomes de jogos de cartas, etc., além de numerosas locuções. Segundo parece dever concluir-se das seguintes palavras que Gil Vicente põe na bocca do diabo, no *Auto da Feira*, as primeiras cartas de jogar vieram-nos de Hespanha:

> Ás vezes vendo virotes
> E trago d'Andaluzia
> **Naipes** com que os sacerdotes
> Arrenegueem cada dia,
> E joguem té os pellotes [1].

Este mesmo auctor fornece-nos já alguns termos e locuções do jogo das cartas que ainda hoje estão em uso, no seu *Auto da Barca do Purgatorio:*

> *Taful.* Mestra se tens **jogo tal**.
> *Diab.* Tu perdes um enxoval.
> *Taful.* Não é isto **flux com rei**.
> *Diab.* **Baralha o jogo e partamos** [2].

Os nomes dos naipes comprovam a idéa de que as cartas de jogar vieram primeiramente de Hespanha para Portugal, e ao mesmo tempo fornecem-nos um exemplo de como a cousas inteiramente distinctas mas que tem um fim commum se póde applicar o mesmo nome [3].

Copas, espadas, ouros, paos, designam as figuras que se acham pintadas nas cartas de jogar hespanholas e não as que se veem nas modernas cartas de jogar portuguezas: n'aquellas o naipe de **copas** é representado por calices pintados que symbolisam o clero (na lingua hespanhola **copa** significa taça, calix, copo); o naipe de **espadas** por espadas pintadas que symbolisam a nobreza; o naipe de **ouros** por umas rodas amarellas á maneira de moedas d'ouro, que symbolisam a classe commerciante; e o naipe de **paos**, em hespanhol chamado **bastos**, por paos ou bordões. A palavra **basto**, puramente hespanhola designa ainda hoje entre nós, como em hespanhol, o az de paos, mas só no jogo do voltarete.

Introduzidas entre nós as cartas francezas de jogar, inventadas no tempo de Carlos VII, em que os naipes são representados por um coração (**cœur**), por um chuço (**pique**), por um trifolio (**tréfle**), e por um quadrado (**carré**), em vez de darmos aos novos naipes os nomes portuguezes correspondentes ou os proprios francezes, applicaram-se-lhes os nomes já existentes, mas que sómente convinham rigorosamente ás cartas com as figuras das hespanholas.

Mas assim como vemos aqui dar-se a cousas de fórma ou figura differentes o mesmo nome, só pela simples razão d'ellas terem um fim commum, observamos tambem que muitas vezes se dá o mesmo nome a cousas de fim, ou uso ou natureza muito differente, mas que tem uma certa communidade de fórma. Assim **ballão** que etymologicamente significa balla grande, inventados os aerostatos, que teem quasi a fórma d'uma grande balla ou bolla, obteve a significação de aerostato; designa depois um vaso de vidro de fórma espherica, com um ou mais gargalos de fórma cylindrica, empregado nos laboratorios; e por fim, quando n'estes ultimos vinte annos se introduz a moda das saias de mulher alargadas com arcos de aço, etc., a mesma palavra serve de designação entre nós para essas saias.

Esta innovação na significação é uma outra phase do neologismo; infelizmente a sciencia não formou ainda um systema de principios de variabilidade de significação. Falta ainda essa base á etymologia scientifica que tem unicamente o criterio ideologico, o encadeamento historico e as analogias e parallelos por auxilio no estudo das filiações das significações.

«É muito difficil sem duvida, diz George Curtius [1], assentar firmes principios fundamentaes para a mudança e transição das significações. Em quanto a maior parte dos sons indogermanicos permaneceram inalterados no grego, e o resto foi mudando segundo leis simples, não pode ser grande o numero de raizes e palavras, que tenham provavelmente conservado sem alteração a significação que tinham n'aquelle tempo primitivo [2]. Em regra deviam-se realisar pelo menos pequenas differenças, e será difficil reduzir estas a leis ou mesmo só a analogias, ainda quando se tracta apenas do desenvolvimento de significações d'uma só lingua. «As palavras d'uma lingua, diz o auctor d'um artigo sobre o Diccionario de Grimm na Folha central Litteraria 1852 p. 484, não seguem no desenvolvimento da sua significação um caminho logico, em linha recta: é um puro engano cremos poder marcar-lhe uma tal rota. — Quem pretendesse submetter as palavras d'uma lingua a um schema esboçado logicamente, atormentar-se-hia mortalmente e afugentaria o principio da vida cheia de viço, caprichosa e livre, a sua propria alma.» Tem-se repetidas vezes feito notar a necessidade de uma particular disciplina, a semasiologia ou theoria da significação. **Reisig** indicou para ella um lo-

[1] *Obras de Gil Vicente*, ed. Hamburgo I, 160.
[2] *Ibidem* I, 250.
[3] Vid. sobre esta questão interessante a bella discussão de Mr. Max Muller, *Lectures on the Science of language* II, 222-237, 1.ª ed.

[1] *Grundzüge der griechischen Etym* [illegible]
[2] No tempo em que os indogermanos não se [illegible]

gar proprio na grammatica entre a theoria das fórmas e a syntaxe. Nas suas « Lições sobre o estudo scientifico da lingua latina » não tem porém esta secção por conteudo mais do que observações soltas, que em parte não são do dominio da grammatica, mas sim do da rhetorica..... A theoria da significação d'uma lingua deveria, pondo de parte a significação das fórmas de flexão, que são tractadas na syntaxe, e da dos elementos formativos das palavras, que pertence ao dominio da theoria da formação nominal, ter por fim mostrar de que modo particular as significações das palavras se desenvolveram n'estas, fim evidentemente do mais alto interesse, por quanto, sem duvida, no modo porque um povo tirou proveito do espiritual na lingua, se dá a conhecer d'um modo especial a particular vida de espirito d'esse povo............... Como a investigação geral das linguas talvez levará a assentar para todas as mudanças de sons leis inteiramente geraes, communs a todas as linguas e pelo menos já alguns phenomenos de larga extensão foram explicados sob esse ponto de vista geral, por exemplo, por W. v. Humboldt a fórma do dual, por Pott o principio do systema de numeração e a « Reduplicação », por Schleicher o processo phonico do que elle denominou zetacismo, assim será tambem possivel achar leis e analogias geraes e humanas para as mudanças de significação, as quaes em geral serão então naturalmente de maior importancia para a investigação philosophica das linguas, e tambem para a philosophia. De que interesse seria por exemplo provar com uma rica collecção d'exemplos das differentes linguas a proposição aceeita em geral que o *abstractum* sae do *concretum*. Todavia isso são vistas afastadas no indubitavelmente grande e rico futuro da sciencia da linguagem, com cujos elementos nós ainda temos bastante que fazer. »

§ 3.º ALTERAÇÕES PHONICAS

Concebe-se como em virtude da lucta do archaismo e do neologismo o aspecto d'uma lingua possa mudar assaz consideravelmente dentro d'um mais ou menos longo espaço de tempo; mas por mais numerosos que sejam os factos, da natureza dos mencionados, n'uma lingua, nunca elles conseguirão imprimir-lhe mais que modificações quasi inteiramente superficiaes. Effectivamente a perda d'uma palavra, a adopção d'uma nova em nada lesam o organismo grammatical d'uma lingua, que é o que lhe dá a sua physionomia propria, excepto se essas palavras podem dar logar á formação d'um novo typo syntactico ou ao desapparecimento d'um outro; o que se dá só e raramente com pronomes, preposições e conjunções; ha porém outras muito mais profundas que attacam a linguagem no intimo do seu organismo: são essas as alterações nos sons ou phonicas, as alterações nas fórmas ou morphologicas e as alterações nos typos syntacticos.

As alterações phonicas observam-se a cada passo: todos conhecem a tendencia que tem as pessoas sem instrucção para deturpar as palavras na pronuncia; todos tem observado ou ouvido descrever os defeitos da pronuncia provincial ou local. Ora examinando bem essas alterações de pronuncia reconhece-se que ellas não são arbitrarias, mas ao contrario se baseam sobre tendencias regulares, sobre verdadeiras leis de transformação phonica. No Minho, por exemplo, o povo troca constantemente o l em r [1] quando se segue uma outra consoante excepto r, e assim diz farcão por falcão, marga por malga, artura por altura, sordado por soldado, porpa por polpa, sarsa por salsa, porvo por polvo, e o b por v e vice-versa, etc.; trocas muito faceis de explicar pelas relações intimas entre r e l que são duas continuas linguaes e entre v e b, que são duas continuas labiaes.

A grammatica scientifica, a que se chama tambem grammatica comparativa, por ser pela comparação das partes do organismo de duas ou mais linguas, ou de duas ou mais epochas d'uma mesma lingua que ella chega a estabelecer os seus principios, ou historica por considerar as partes do organismo das linguas sob o ponto de vista do seu desenvolvimento historico, a grammatica scientifica tem uma parte destinada ao estudo das transformações dos sons das linguas de que tracta e que busca para cada momento dado da historia d'essas linguas achar o modo de ser anterior dos sons que n'ella se encontram n'esse momento e assim successivamente até chegar ao som primitivo e original: essa parte chama-se phonologia ou phonetica.

A phonologia examina por categorias as modificações phonicas que se dão no seio d'uma lingua, d'uma familia ou d'um grupo de linguas; estuda o encadeamento historico d'esses phenomenos, mas não dá d'elles a explicação final que pertence a uma outra sciencia á physiologia dos sons da palavra. Não é esta um ramo da glottica mas sim da physiologia geral do homem; por isso a classificação dos sons adoptada em phonologia é a que fornece esse ramo da physiologia.

A importancia das alterações phonicas está em razão directa da sua extensão. Alterações isoladas, diversas, ainda que numerosas, de palavras não determinam por si só nenhuma feição nova n'uma lingua; não dão producção a nenhuma fórma dialectal; são factos parciaes, que até podem ser annullados; variações de pronuncia que podem ser corrigidas. São essas especies de alterações phonicas as unicas que geralmente se observam no periodo em que as linguas teem uma litteratura fortemente constituida, uma legislação grammatical e lexicologica, que apesar de toda a sua força

[1] O r tem ás vezes n'este caso uma pronuncia muito guttural; parece ouvir-se atraz d'elle um u consoante, o mesmo som que o inglez w.

não podem obstar a ellas; são essas, portanto, as unicas que observamos no portuguez desde que elle entrou n'esse periodo, isto é, desde o seculo XVI. São de duas especies as variações de pronuncia que observamos na lingua portugueza: uma consiste n'uma maior desviação do typo latino, e tem uma origem puramente popular e organica, resultante das tendencias geniaes da lingua: outra consiste n'uma approximação ao typo latino, que as mais das vezes é antes apparente que real, e teem uma origem puramente erudita. Por exemplo na edade media dizia-se trauto, auto; no seculo XVI reforma-se essa pronuncia sobre o typo latino e começa-se a escrever tracto, acto, e a pronunciar trato, ato, em que o c latino não se acha representado, ao contrario do que se dá nas fórmas trauto, auto, em que o u o substitue. O numero de factos d'esta natureza é consideravel e constitue uma das differenças mais importantes entre o portuguez medieval e o portuguez classico (o portuguez a partir dos grammaticos Gil Vicente [1], Fernão d'Oliveira, Barros, isto é, do primeiro quartel do seculo XVI).

É curioso observar como modos de pronunciar condemnados n'uma epocha são os correntes e adoptados por todos dentro d'um espaço de tempo pouco consideravel, e como os modos de pronunciar primeiramente propostos para substituir os que se julgavam viciados são depois os que se condemnam.

Francisco José Freire [2] quer que se diga:

antiado	e não	enteado,
avelutado	»	aveludado,
bilhafre	»	milhafre,
blazão	»	brazão,
borôa	»	broa,
celeusma	»	celeuma,
churma	»	chusma,
contia	»	quantia,
cossario	»	corsario,
desgraciado	»	desgraçado,
diecese	»	diocese,
emprender	»	emprehender,
epitéto	»	epíteto,
estamago	»	estomago,
gasnate	»	gasnete,
gira	»	giria,
golotão	»	glotão,
Jesu	»	Jesus,
lacra	»	lacre,
zanolho	»	zarolho,
etc.,		

mas os modos de pronunciar condemnados por elle são hoje os seguidos.

O numero d'estas variações de pronuncia é considerabilissimo, e comparado com elle insignificante o numero das palavras que, quer na bocca do povo, quer nos escriptores e nos documentos, não offereçam variantes, que, em verdade, se reduzem a um numero de especies muito limitado.

Mas as alterações phonicas mais importantes são as que se extendem a um systema inteiro de fórmas grammaticaes, como, por exemplo no portuguez a syncope do d nas fórmas da segunda pessoa do plural, syncope que, começada a operar no primeiro quartel do seculo XV se tinha generalisado já no fim d'esse seculo; a mudança da antiga terminação om em am, etc. Os phenomenos d'esta natureza nunca se dão isolados n'uma lingua, porque as condições em que se produzem são ou a decadencia litteraria, ou o movimento historico do povo que falla essa lingua, ou ambos reunidos, isto é, causas de grande extensão e não causas inteiramente locaes e só capazes de produzir uma ou duas especies de alterações. D'ellas se serve a glottica para caracterisar os periodos da historia das linguas; é assim que á phase do alto allemão em que já se observa o abrandamento geral da vogal que se seguia a syllaba do thema n'um e indistincto, se dá o nome de medio alto allemão, e á phase anterior em que aquelle abrandamento não existe ainda o nome de antigo alto allemão [1].

Se mudanças d'esta natureza se dão só n'uma parte da zona geographica d'uma lingua, e que outra parte fica livre d'ella, ha producção d'um dialecto; se ellas se operam em differentes partes d'essa zona, mas diversas em cada uma d'essas partes, ha producção de tantos dialectos distinctos quantas forem essas partes.

§ 4.º ALTERAÇÕES NO SYSTEMA DE FÓRMAS GRAMMATICAES

Os sons não são, por assim dizer, mais que a materia da linguagem; as fórmas grammaticaes, porém, constituem n'ella já os verdadeiros elementos organicos, a que para nos servirmos d'uma idéa de Schleicher, tomando-a apenas como uma imagem, poderiamos chamar as cellulas glotticas, em quanto compărariamos os sons aos elementos simples dos corpos, como o azote, o oxygenio, o carbone.

As fórmas grammaticaes são:

1) as raizes, os elementos fundamentaes e primordiaes das palavras, d'onde nascem posteriormente todos os outros;

2) os suffixos thematicos (e prefixos n'algumas linguas, fóra do grupo indogermanico), que combinando-se com as raizes produzem themas derivados;

3) os suffixos de caso que juntando-se ás raizes ou aos themas derivados lhe accrescentam idéas de relação expressas pelos casos e a de numero;

[1] Vid. Theophilo Braga, *Historia do theatro portuguez*, III, 216.
[2] *Reflexões*, II, 12.

[1] Schleicher, *Die deutsche Sprache*, s. 102

4) os suffixos verbaes que juntos ás raizes ou aos themas derivados lhes accrescentam as idéas de tempo, modo, pessoa.

Com estes simples elementos, na sua totalidade ou em parte segundo as familias de linguas, se constituem os vocabularios de todos os individuos d'essas familias.

A parte da grammatica comparativa que estuda esses elementos chama-se morphologia. A ella compete classificar as raizes e suffixos por categorias pragmaticas, determinar a fórma e funcção fundamental de cada um d'esses elementos, observal-os nas suas transformações e seguil-os até ao seu ultimo momento quando elles se perdem.

Essas transformações e essas perdas das fórmas grammaticaes teem diversas causas, das quaes a mais importante é a alteração phonica. Como as fórmas grammaticaes são constituidas por sons, e como os sons estão sujeitos a accidentes que chegam muitas vezes ao desapparecimento total, comprehende-se *á priori* que uma fórma grammatical póde desapparecer totalmente, obrigando a lingua a crear um meio de a substituir. Sabemos que em latim o m era o suffixo do accusativo singular e do nominativo dos neutros da segunda declinação: ora sendo esse m final, e tendo os sons finaes das palavras um som mais ou menos obscuro, se se chegasse em latim essa obscuridade a converter-se em verdadeira omnissão do m final do accusativo, é evidente que este caso se confundiria com os que ter[illegible]sem na mesma vogal que no accusativo, [illegible] n'outra facil de se confundir co[illegible] confundidos o dativo, o accusativo e ablativo singular da segunda declinação; por exemplo, na declinação de dominus dir-se-hia dat. domino, accus. dominu ou domino, porque o u final mudo não se distingue do o final mudo, abl. domino: em o neutro exemplum, dir-se-hia nom. exemplu ou exemplo, dat. exemplo, accus. exemplo, voc. exemplo, abl. exemplo, ficando-nos assim apenas distinctas tres fórmas de casos no masculino singular: dominu-s, domini, e domino, e duas no neutro singular: templo e templi [1].

A analogia é uma outra causa importante da reducção do numero das fórmas grammaticaes, porque não é mais que a tendencia fortemente pronunciada das linguas para uniformisar, conformar a typos geraes e mais frequentes o maior numero de palavras possivel, fazer substituir as fórmas menos usuaes por outras mais conhecidas que, por assim dizer, estão mais á mão n'uma lingua destruir, emfim o que ao observador empirico da linguagem, ao grammatico se apresenta n'uma lingua como irregular. No portuguez antigo, por exemplo, o perfeito do verbo jazer era, como dizem os grammaticos, irregular: jouve *Canc. D. Diniz*, p. 85, por jogue *Trovas e Cant.*: hoje perfeito d'esse verbo é formado sobre o typo geral em í dos verbos da segunda conjugação: jazí. É por a mesma influencia que se diz detí por detíve, coutesse, por contivese, etc. Mas o que aqui se observa em exemplos parciaes chega muitas vezes, como veremos no seguimento d'este trabalho, a abraçar um systema inteiro de fórmas grammaticaes.

No antigo portuguez os verbos em -er tinham um participio em -udo que era o mais usual; por exemplo:

sometudo *Port. Mon. hist.*, *Leges* I, 339,
estabeleçuda *Ibidem*,
metuda *Ibidem*,
recebudo *Ibidem*, p. 400,
perduda *Ibidem*,
persulnudos *Ibidem*, p. 406,
conhoçudo *Ibidem*,
vertudo *Ibidem*,
uendudo *Ibidem*,
metudos *Ibidem*, p. 407,
esparindo *Ibidem*, p. 419,
tehudo *Ibidem*, p. 477,
constrangudos, Rib. *Dissert.* I, 311,
ascondudo, *Canc. D. Diniz*, p. 168,
creudo *Trovas e Cant.* n.º 58,
entendudo *Ibidem*, n.º 19,
temudo *Ibidem*, p. 286,
trando *Act. Apost.* 2, 23,
apremudos *Ibidem*, 10, 38,
corruda *Regra*, p. 253,
avuda *Ibidem*, c. 2,
demerguda *Ibidem*, c. 71,
respondudo *Ibidem*, c. 13,
elejudos *Ibidem*, c. 21,
decebudo *Ibidem*, c. 59,
teudo *Ibidem*, c. 28,
abatuda *Cathec.* p. 149.

Esses participios em -udo, ainda muito usados no começo do seculo XV tinham já caido inteiramente em desuso no seculo XVI e sido substituidos por participios em -ido pela analogia da terceira conjugação, dos quaes ha já numerosos exemplos nos escriptos da edade media, taes como:

uencido *Port. Mon. hist.*, *Leges* I, 875,
collidas *Ibidem*, p. 809,
estabelecido *Act. Apost.* 10, 42,
sabidos *Regra*, c. 7,
construidos, *Ibidem*, c. 59.

A producção de novos meios de exprimir as relações grammaticaes é um phenomeno que se dá muitas vezes no seio das linguas e que contribue tambem para a suppressão ou simplificação das fórmas grammaticaes [1].

Schleicher [2] admitte que além da influencia da

[1] Veremos no capitulo sobre a declinação como isto realmente se deu e examinaremos toda a extensão do processo.

[1] Alguns exemplos d'este phenomeno occorrerão no seguimento d'este trabalho.
[2] *Die deutsche Sprache*, s. 61.

analogia ha nas linguas uma tendencia para «a simplificação da fórma glottica, para a limitação do numero de fórmas grammaticaes»: é o que muitos outros chamam tendencia analytica.

Quando se considera que nas modernas linguas indogermanicas o numero de fórmas grammaticaes é muito menor do que nas linguas antigas da mesma familia, que as fórmas perdidas foram substituidas por processos syntacticos, como o medio-passivo por o participio construido com o verbo ser, etc., somos tentados a pensar que é uma lei geral da linguagem o passar d'um periodo de riqueza de fórmas grammaticaes a outro de perda successiva d'essas riquezas. Mas resulta isto realmente d'uma tendencia especial da linguagem ou dá-se aqui um phenomeno que não tem a sua razão de ser n'uma tendencia d'essa natureza? A nosso vêr as causas que indicamos bastam para nos explicar todas as transformações morphologicas das linguas. O que á primeira vista se nos affigura como uma lei que produz os phenomenos capitaes da vida das linguas, não é mais que uma resultante d'esses mesmos phenomenos, os quaes só é que obedecem a verdadeiras leis.

§ 5.º ALTERAÇÕES SYNTACTICAS

A syntaxe d'uma lingua não é mais que a collecção de modos por que essa lingua emprega as suas fórmas para a expressão do pensamento, das condições d'esse emprego, das funcções d'essas fórmas, e dos typos de construcção proposional. A parte da grammatica que a tem por objecto devera chamar-se syntaxologia, em vez de lhe dar o nome mesmo do objecto, como usualmente se faz.

As alterações na syntaxe d'uma lingua dependem primeiro que tudo das alterações morphicas: por exemplo, a perda de casos traz comsigo necessariamente a perda de processos syntacticos correspondentes, a introducção ou a generalisação d'outros que os substituam; as modificações que padecem as fórmas grammaticaes na sua funcção, isto é, a sua adopção para exprimirem relações diversas da que exprimiam primeiramente ou o desuso d'ellas para a expressão de relações que até certo momento exprimiam, produzem um resultado analogo ao primeiro.

Assim como uma palavra faz muitas vezes desapparecer outra synonyma, assim um processo syntactico faz muitas vezes desapparecer outro processo equivalente: por exemplo o verbo começar que se construe hoje com um infinito fazendo preceder este geralmente da preposição a e muito raramente da preposição de, mas nunca, a não ser por affectação de seiscentismo sem preposição, encontra-se nos escriptores do seculo XVI construido por esses tres processos:

1. Começar com infinito sem preposição. «Começavam dar testemunho do muito que depois fezeram.» Moraes, *Palm.* c. 11. «Começou dizer antre si.» *Ibidem*, c. 25. «Comece ser sentida.» A. Ferreira, *Odes* I, 1.

2. Começar com de seguido de infinito. «Começou de lhe perguntar.» Barros, *Clarim.* II, 1. «Começou de bradar.» G. Vic., *Barca do Purg.*

3. Começar a. «Começou a dizer hum marinheiro.» Barros, *Clarim.* II, 3. «... Alto, começar A travar dos vestidos, e cabecear.» G. Vic., *Dial. sobre a Resurr.*

Succede muitas vezes que um processo syntactico que exprimia duas ou mais relações differentes, deixa de ser empregado para a expressão d'algumas d'essas relações, afim de evitar a ambiguidade. É um facto comparavel ao da perda de significações nas palavras. Por exemplo, o gerundio d'um verbo precedido da preposição em equivalia no portuguez antigamente a logo que seguido do verbo no futuro do conjunctivo e exprimia ao mesmo tempo a mesma relação que o simples gerundio, como por exemplo na passagem seguinte. «Em sendo abadesa ouue huum filho.» *L. Linh. III*, p. 195; hoje porém só é empregado para exprimir a primeira relação, e só por affectação d'archaismo o será para exprimir a segunda.

A syntaxe é a parte d'uma lingua que se sujeita mais ás influencias puramente individuaes; por muitos lados está em contacto com o estylo. Jacob Grimm, julgou até o seu estudo distincto da grammatica [1].

Até onde podem chegar essas alterações lexicologicas, phonicas, morphologicas e syntacticas? As linguas vivas dão-nos resposta a essa questão, mas só pelo que diz respeito ao passado: as suas transformações futuras podem-se, ainda assim, em parte prever, porque dadas certas condições determinadas pelo estudo da sua historia, reproduzir-se-hão nellas naturalmente phenomenos já observados, ou desenvolver-se-ha nellas o que hoje nos apresentam apenas em germen. A lingua portugueza por exemplo, no Brazil, em Ceylão tem padecido modificações que se reproduzirão, em parte no continente se perdermos a nacionalidade e ella deixar de ser lingua litteraria: o r desinencia do infinito deixará necessariamente de ser pronunciado, como succede no Brazil e em Ceylão, e como se observa na lingua franceza, cuja phonologia tem intimas relações com a portugueza; o o final mudar-se-ha pouco e pouco em e, como se dá já muitas vezes na bocca do povo e como se deu systematicamente no francez; o condicional será substituido pelo imperfeito do indicativo, segundo a tendencia do povo, etc.

Por meio da comparação das antigas linguas indogermanicas, o sanskrito, o grego, o latim, o antigo irlandez, o antigo bulgar, o antigo persa, etc. poude a sciencia reconstruir em grande parte a lingua funda-

[1] *Ueber die Ursprunge der Sprache.*

mental de que ellas provecm, a lingua commum fallada por as tribus indogermanicas antes das suas emigrações da alta Asia Central [1].

Por essa reconstrucção sabe-se definitivamente que aquella lingua fundamental tinha oito casos, os oito casos da lingua sanskrita; quatro modos: indicativo, imperativo, optativo e conjunctivo; uma voz medio-passiva; dez de formações differentes, do presente, um aoristo, um perfeito, etc. Os seus dialectos mais antigos o sanskrito, o grego, o latim, o antigo irlandez etc. apresentam themas temporaes compostos novos mas teem perdido já algumas das riquezas primitivas de fórmas, excepto o sanskrito; chegamos porém a um dialecto indogermanico moderno, como o persa moderno, o inglez etc. e vemos apenas estes pobrissimos d'essas fórmas grammaticaes. Como é sabido o inglez possue apenas vestigios d'um caso, o genitivo, e dous tempos, onde as distincções das pessoas e dos numeros estão quasi annulladas. Se uma lingua como o allemão conserva ainda uma declinação, é isso devido puramente á cultura litteraria, porque as fórmas da declinação são as que as linguas indogermanicas sobre tudo tendem a perder, a tal ponto que hoje nas linguas romanicas ha só um caso no singular, outro no plural, em cada typo de declinação.

Postas estas bases podemos entrar facilmente nas questões especiaes da lingua portugueza, examinando primeiro que tudo como o latim, trazido pelas colonias romanas á zona geographica onde se constituiu a nacionalidade portugueza, se transformou no vocabulario, nos sons, nas fórmas e na syntaxe a ponto de ser tão differente do que era na epocha da colonisação romana, que, da nação que o falla n'essa fórma moderna especial, se lhe poude dar o nome novo de lingua portugueza.

II

DIFFERENÇAS ENTRE O VOCABULARIO LATINO E O PORTUGUEZ

Se do vocabulario portuguez tirarmos todas as palavras que não provem de palavras, themas ou raizes que se encontram no latim o que fica comparado com o lexico latino offerece ainda profundas differenças, apesar das suas origens estarem todas no ultimo. Não foram sómente a alteração phonica d'um lado, as mudanças de significação das palavras d'outro que deram ao vocabulario latino esse aspecto novo na passagem para o seu dialecto moderno, que fallamos. A formação de novas palavras, o desapparecimento de muitas, consequencia natural do renovamento religioso e social, da introducção de novos principios de vida intellectual, bastaram com as duas causas indicadas para produzir essa transformação do vocabulario latino.

É mister não esquecer nunca que não possuimos completo o lexico latino: não só muitos auctores ou obras se perderam para nós, mas mesmo que possuissemos toda a litteratura latina, ainda haveria no lexico construido com esses recursos incalculaveis lacunas; conheceriámos as palavras da lingua litteraria dos romanos, mas quantos vocabulos empregados sómente na linguagem popular, postos pelos grammaticos e rhetoricos no index expurgatorio, raras vezes escripto, evitados instinctiva ou pensadamente pelos bons auctores, continuariamos a ignorar? Ora por isso que não conhecemos todo o lexico latino e principalmente o do latim vulgar, muitas das differenças a que nos referimos não são talvez senão apparentes; o que julgamos novo no portuguez provinha talvez já da lingua mãe. Tal palavra desappareceu: o lexico latino diz-nos que um ou dous escriptores a empregaram, mas quem póde affirmar que não fosse um termo forjado por elles, só d'elles, ignorado inteiramente do povo? Tal derivado não sabemos que tenha correspondente em latim; mas podemos porventura affirmar sempre que elle não existia lá? A palavra nova applicada a um derivado de base latina que substituiu uma palavra latina não póde pois, pelo menos na maioria dos casos, significar mais que uma hypothese; dizemos na maioria dos casos, porque não raras vezes é possivel determinar a epocha da formação d'uma palavra, da substituição d'uma por outra e d'outros phenomenos semelhantes. Démos um exemplo.

A palavra com que os romanos exprimiam a idéa do direito era ju-s, derivada da raiz ju ligar por meio do suffixo -so (-s). Elles olhavam pois o direito como o laço social, concepção profunda d'accordo com seu caracter e papel historico. O que se conformava ao direito era o justum; o que não se conformava era o injustum. Os povos romanicos, cujo direito consuetudinario e escripto se formou em grande parte com materiaes romanos, que adoptaram em consideravel parte a terminologica juridica dos conquistadores do mundo, desprezam o nome mesmo do direito jus e substituem-no com um adjectivo que exprimia cousa bem diversa do que exprimia jus: esse adjectivo é directus direito.

Ora os povos germanicos exprimiam a noção do direito com uma palavra que no antigo allemão tinha a fórma reht, e que provinha d'uma raiz germanica rak, correspondente á latina reg em reg-o, di-rig-o, di-rec-tu-s, etc. Essa raiz rak encontra-se no gotico uf-rak-jan (propriamente dirigir-se para cima) avançar, em reik-s, correspondente na significação ao latim rex, etc. Para os povos germanicos, pois, o direito é o recto, noção obscura, que por as-

[1] Esse resultado admiravel da nossa sciencia pode ver-se exposto systematicamente em Schleicher, *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. 2.te aus. 1866.

sim dizer, irrompe espontaneamente na consciencia, e não é por consequencia um resultado da reflexão abstracta que se manifesta no lat. jus. O contrario do direito, do recto, para os povos germanicos era naturalmente o torto: assim em anglo-saxão wrong part. do verbo wringan torcer significa injuria (o que é contrario ao direito, in-jus). É pois evidente que a palavra direito por jus, a palavra torto do antigo portuguez por injuria não são mais que uma traducção litteral das correspondentes germanicas, feita pelos conquistadores do imperio e acceita por seus vassallos romanos. Assim a epocha approximada da substituição de que tractamos acha-se determinada.

Vamos agora examinar as principaes causas de differença entre o vocabulario latino e a parte latina do portuguez.

Nos exemplos de cada especie de causa notar-se-hão repetições. A razão é simples: um mesmo phenomeno póde ser o resultado de duas ou mais causas concorrentes, ou ser produzido por uma de varias causas egualmente provaveis. Bucca póde ter feito desapparecer os 1) porque sendo synonyma a tornava inutil; 2) porque sendo uma palavra mais longa que os se conservava mais facilmente; 3) porque era mais frequentemente empregada pelo povo do que aquella fórma. N'este caso, como em muitos outros, a concorrencia das causas parece evidente.

§ 1.º PALAVRAS PORTUGUEZAS PROVENIENTES DO LATIM VULGAR

No portuguez apparecem muitas palavras que já existiam no latim, com quanto não appareçam no seu lexico. A verdade d'este principio, em que já tocamos, salta aos olhos; mas é de razão perguntar: quaes são essas palavras, ou, por outra, quaes os meios de as determinar? Um, em geral, simples e obvio é a comparação com os dialectos congeneres. Se tal palavra cujo thema ou raiz é latina, mas que não apparece nos escriptores romanos, se encontra em mais d'um e sobretudo em mais de dous dialectos romanicos com a fórma propria a cada um d'esses dialectos, póde considerar-se como provindo do latim vulgar. Este principio chama todavia uma objecção: é possivel uma coincidencia de formações identicas nos diversos dialectos a cujo testemunho se recorre. Ao portuguez victualha correspondem exactamente o hespanhol vitualla, o provençal vitoalla, o italiano vittuaglia e o francez victuaille. Provêem todas essas fórmas d'um latim popular victu-alia, derivada do thema victu- (victus alimento) por meio do suffixo composto a-l-ia, ou ao contrario cada uma das linguas romanicas mencionadas derivou d'aquelle thema victu- as suas fórmas respectivas? É evidente que o principio expresso tem, pelo menos na generalidade dos casos, simplesmente um valor problematico e que a questão está sujeita ao calculo das probabilidades: quanto maior é o numero de dialectos em que se encontra uma das fórmas sobredictas, tanto menos probabilidades ha de coincidencia de formação, tanto mais a favor da latinidade rustica d'essa fórma. Ha outro meio mais solido. Se uma palavra portugueza de raiz latina foi derivada por meio d'um suffixo ou suffixos que não poderam significar nada desde o momento em que o latim deixou de ser latim para ser portuguez, é evidente que decorreu já formada d'aquella lingua. Em portuguez, por exemplo, não existe -ç como suffixo, com quanto muitas vezes este som represente um suffixo latino. Um elemento tão simples perdeu toda a significação e por consequencia a vitalidade do que representa. Como explicar pois uma fórma como agu-ç-ar? Já por si agu não tem, por assim dizer, significação no portuguez, porque o simples ac-u-s latino foi substituido por o derivado agulha, e o verbo tambem simples ac-u-ere por a fórma em questão. Aguçar não póde provir d'um verbo agudare derivado de agudo (acuto-), porque a mudança de d em ç atraz de a é impossivel. No portuguez, portanto, a fórma aguçar fica sem explicação, como um enigma quasi. Recorramos ao latim. Do thema ac-u-tu- (acutus part. de ac-u-o) formou-se por meio do suffixo secundario -ia um thema nominal * ac-u-t-ia-, como de nequi-tu- (nequitus, part. de nequ-e-o) nequi-t-ia, de peri-tu- (peritus, part. de perior) per-i-t-ia, etc. D'esse thema nominal * ac-u-t-ia- formou-se por meio do suffixo de agente -tor o nome ac-u-t-ia-tor, que occorre n'um glossario (v. Freund) e que temos no portuguez aguçador, e um verbo * ac-u-t-i-āre, que foi usado necessariamente no latim vulgar porque sem elle não poderia existir o portuguez aguçar [1].

Ha um facto que comprova que nas linguas romanicas subsistem restos consideraveis do vocabulario do latim vulgar: é que um bom numero de palavras (e significações de palavras) ou apontadas como vulgares, castrenses, provincianas, etc. pelos escriptores, ou que são evitadas na pura latinidade e pertencem quer aos escriptores da epocha ante-classica, quer aos da decadencia, reapparecem n'essas linguas, onde se tornaram muitas vezes vocabulos de primeira necessidade. Do testemunho directo dos auctores ácerca da vulgaridade d'uma palavra não ha que duvidar; no indirecto do uso da palavra póde tambem crer-se em geral. Se, por exemplo, tal termo que não é usado em latim a partir de Plauto reapparece no portuguez, não devemos concluir que elle continuou a viver na bocca do povo romano, pelo menos no Occidente da Peninsula? Se um termo que assim reapparece é, não um archaismo, mas um neologismo usado por Tertulliano,

[1] Vossio, *Gl. [illegible]* offerece-nos esta palavra acutiare [illegible] exemplo em latim barbaro.

S. Jeronymo, etc., não concluiremos que estes o colheram da bocca do povo, e não o forjaram para exprimir uma idéa só d'elles? É mister, todavia, que n'isto, como em tudo que diz respeito á linguagem, não construamos principios absolutos; por isso não esqueceremos que algumas vezes o que julgamos reapparecimento não é, como Diez perfeitamente observa [1] senão o resultado d'uma creação nova.

Na lista seguinte damos uma collecção de palavras que pelos principios estabelecidos teem direito a serem olhadas como tendo passado do latim vulgar para o portuguez.

Abante Varr. *L. lat.* 5. 5. 11: Gruter 717. 11: avante.

Abbreviare Veget. *De re militare*, prol. 3: abbreviar.

Abominabilis S. Jer. em *Jerem.* 22. 30: abominavel.

Abortare arch. Varr. *R. rustica* 2. 4 por aborior: abortar.

Absconsus. Abscondor absconsus, sed absconditus melius, quia simplex condor, conditus.» Diom. col. 372. Putsch: escuso. De absconsus proveiu primeiramente uma fórma * asconso como de abscondo ascondo (comp. asconda *Canc. D. Diniz* p. 181, ascondudo *Ibidem*, p. 168, asconderam *Act. Apost.* 5. 2, asconder *Hist. geral*, c. 180. De * asconso pela queda do n atraz de s, como em esposo=lat. sponsus, mesa=lat. mensa, peso=lat. pensum, etc., resultou * ascoso, em que o a accentuado=ô por compensação foi depois mudado em u, como em outubro=lat. octòber, testemunho=lat. testimônium, ant. almunha=lat. alimônia, etc. Chegamos assim á fórma * ascuso: ora d'esta provém escuso, como de ant. asconder mod. esconder. É evidente que a mudança da syllaba as em es resulta de a olharem como sendo a preposição ex (pron. es) tão frequente em compostos. Escuso, que nada tem que ver com o verbo excusar, encontra-se em phrases como logar escuso, isto é, escondido, retirado. F. José Freire cita a fórma ascuso com a significação de segredo em Zacuto Lusitano [2]. É evidente que o part. foi substantivado, primeiro com a significação de cousa escondida, depois secreta. A mudança de significação é simples. Em latim secretus significava propriamente retirado, secretum lugar retirado.

Absentare (estar ausente, tornar ausente). «Absentans Ulixes.» Sidon. Apol. 9. 13 fine; Cod. Theod. 12. 1. 48: ausentar com dissolução de *b* na vogal do mesmo orgão u, como em antigo austinado=obstinado, austinente=abstinente, etc.

Aditare «Ad eum aditavere.» Enn. apud Diomed. col. 336. Putsch: andar?

Adjutare. Encontra-se em escriptores anteriores e posteriores á epocha classica, por exemplo em Terent. 1. 3, 4: *Andr.*: ajudar.

Aeramen *Cod. Just.*: arame. Em Fest. p. 22 encontra-se aeramina com a glossa «utensilia ampliora.»

Aeternalis por aeternus. «Lex temporalis et aeternalis.» Tert. *Adv. Iud.* 6: eternal.

Aliorsum ou aliorsus. «Aliorsum et illorsum sicut introsum dixit Cato.» Fest. p. 23: allures antigo, por meio da fórma intermedia * allors.

Appropriare Coel. Aur. 4. 3: appropriar.

Aquagium «quasi aquae agium, id. est aquae ductus appellatur». Fest. p. 3: agoage(m).

Assolare Tert. *Ad Nat.* 1. 10: assolar.

Astrum, no sentido de felicidade, em Petronio: d'ahi desastre, astroso.

Augmentare. «Ut thesauros suos augmentent.» Firmic. Mat. 5. 6. Cassiodoro, etc.: augmentar.

Badius. «Varro 'onos lyras (grego):

> Equi colore dispares, item nati:
> Ille badius, iste gilvus, ille murinus.»

Nonio. p. 80. ed. L. Quicherat.

Bassus. Esta palavra apparece em latim unicamente como sobrenome ou nome proprio, por exemplo em Gruter 12. 7, mas é evidente que existia como appellativo no latim vulgar, pois que como tal a encontramos nas linguas romanicas: portuguez baixo, hespanhol bajo, etc. Bassus provém do grego bassôn, comparativo dorico de bathus profundo, baixo. No *Gloss. Isidor.* lemos: bassus, crassus.

Batualia. «Bat in uno tantum reperitur nomine generis neutri, pluraliter enuntiato, id est, batualia, quae vulgo battalia dicuntur, quae B mutam habere cognovimus, exercitationes autem militum vel gladiatorum significant.» Adamant. Martyr. em Cassiod. col. 2300, Putsch: batalha.

Blitum em escriptores da epocha ante-classica e post-classica. «Apponunt rumicem, brassicam, betam, blitum.» Plaut. *Pseudol.* 3. 2. 26: bredo.

Boatus, derivado de boare, em Apuleu: boato.

Buccea. «In balineo demum post horam primam noctis duas bucceas manducavi.» August. em Suet. *Aug.* 76: d'ahi o derivado bucce-ali-s d'onde portuguez boçal.

Bolus, no sentido de ganho, por exemplo em Plaut. *Truc.* 1. 1. 10: «Is primus bolu'st: d'ahi bolo, termo de jogo.

Caballus, usado sómente em poesia antes de, e no periodo classico, mais tarde tambem em prosa: cavallo.

Caballarius «alaris» *Gloss. Isid.*: cavalleiro.

[1] *Grammatik der romanischen Sprachen* I, 28
[2] *Reflexões*, III, 1.

Cambire. posterior á epocha classica e d'uso muito raro, a ponto que Charisio tem que o explicar col. 219, Putsch.: «cambio, bis, bsi, h. e. muto:» cambiar, cambar, recambiar, etc., com mudança de conjungação, o que, como se dá nas outras linguas romanicas, deve provir do latim vulgar (comp. italiano cambiare, francez changer, etc.).

Camisia. «Solent militantes habere lineas, quas camisias vocant.» S. Jer. *Ep. de Vest. mul.* 64, 11. «Camisias vocamus, quod in his dormimus in camis» Isid. *Orig.* 19, 22 (comp. *Ibidem,* 19, 21). A palavra não occorre em nenhum escriptor anterior a S. Jeronymo, e a sua origem é ainda um problema: devemos consideral-a como um termo do lat. vulgar? D'ella vem a nossa camisa.

Campania. Esta palavra antes de se ter tornado um nome proprio d'uma provincia romana devia valer como apellativo synonymo de campus, e como tal nos apparece nos agrimensores por exemplo na seguinte passagem: «nigrioras terras invenies, si in campaniis fuerit, fines rotundos habentes.» Lach. p. 332. É evidente que o vocabulo continuava a ser empregado como apellativo no latim vulgar: d'elle com mudança de significação provém o portuguez campanha.

Captivare. «Captivandi cupiditas.» S. Agust. *Civ. Dei* 1, 1 e n'outros escriptores dos ultimos tempos do imperio: captivar.

Carescere por carere. *Gloss. Philox.*: carecer.

Casale, segundo Diez [1] occorre nos agrimensores na significação de limites d'uma propriedade campesina e tambem na significação d'aldeola, logarejo: casal.

Catus por felis, em Pallad. Mart. 9, 4 e n'um poeta da *Anthologia:* gato.

Cava por caverna encontra-se segundo Diez [2] nos agrimensores: cava.

Combinare. «Ut forte combinati spatiabantur.» S. Agust. *Confess.* 8, 6, e n'outros escriptores do mesmo periodo: combinar.

Compassio no latim da egreja, por exemplo em Tertul. *Resurr. carn.* 4: compaixão.

Coxo. «Catax dicitur quod nunc coxonem vocant.» Lucilius Satyrarum lib. II:

> Hostibu's contra
> Pestem perniciemque, catax quam et Manliu'nobis.

Nonio, p. 25, ed. L. Quicherat.

Dejectare por dejicere. «Dein coquenti vasa cuncta deiectat.» Mattio em Gell. 20, 19: deitar.

Directura por directio em Vitruv. 7, 3: directura.

Duellum por bellum frequente em latim até ao periodo d'Augusto inclusivé; desapparece então da lingua litteraria, conservando-se na popular para reapparecer no romanico com a accepção primitiva de combate entre dous: duello.

Duplare por duplicare, nos jurisconsultos sómente. «Duplabis duplicabis.» Fest. p. 51: dobrar.

Exagium, grego éxagion pensatio, grego éxagiazô examino. *Gloss. Philox.*: ensaio.

Excaldare em Vulc. Gallicano, Apicio Marcello Empirico: escaldar.

Excolare por percolare Pallad., S. Jer. em *Math.* 23. 24: escoar.

Fictus por fixus em Lucrecio, Varrão: fito.

Follicare dilatar-se e contrahir-se como um folle, empregado só no part. pres. follicans no sentido de largo, semelhando um folle, etc. em escriptores da epocha post-classica: folgar, folgo, folgado (por exemplo, calçado folgado, i. é., largo).

Grossus por crassus em S. Jeronymo e escriptores do mesmo periodo: grosso.

Gubernum por gubernaculum só em Lucilio apud Nonio e em Lucrecio 4, 440: governo.

Hortulanus em Macrob., Apul.: hortelão.

Impostor S. Jer. *Ep.* 38 fin. e n'outros auctores da mesma epocha: impostor.

Inceptare em Plaut., Terenc. e Gellio: encetar.

Incrassare Tertul. *adv. Psych.* 6 no sentido de engordar: engraixar differente significação; crassus graxo, d'ahi graixa, substancia gordurosa.

Jejunar Tert.: jejuar.

Jentare. «Afranius Buccone adoptato:

> Jentare nulla invitat

Plautus Curculione (1. 1. 73):

> Quid? antepones Veneri te jentaculo?

Afranius Crimine:

> Haec jejuna jentavit.

Varro Marcipore: Ut cat. ac rem publicam administret, quod pulli jentent.» Nonio. p. 132. ed. L. Quicherat. Tambem empregam o vocabulo Suetonio e Marcial: jantar.

«Jubilare est rustica voce inclamare.» Fest. «Ut quiritare urbanorum, sic jubilare rusticorum.» Varr. *L. lat.* 5, 6. 68. «Vicinaque inorum jubilare atque quiritare.» *Ibidem.* 6. 7.: jubilar, gritar.

Juramentum Pandect., Amm., Sulp. Sever.: juramento.

Justificare Tert., Prud.: justificar.

Mammare por lactare, usado por S. Agost.: mammar.

Malefactor Plaut., S. Jer.: malfeitor.

Manducare muito usado pelos escriptores da

[1] *Grammatik*, I, 13.
[2] *Ibidem*, p. 14.

decadencia por edere: manducar, pouco usado hoje, a não ser no proverbio: quem não trabuca não manduca.

Masticare por mandere nos escriptores da decadencia: mascar, mastigar.

Medietas, expressão que, observa Diez, Cicero hesitou em usar e só empregou como traducção do gr. mesotês, usada no sentido de metade por Pallad. e no *Cod. Theod.*: ant. meidade, mod. metade.

Mejare por mejere, freq. em Pelag. *Veter.* mijar.

Minaciae por minae só em Plaut. *Mil. gl.* 2, 4, 21, etc.: a-meaça.

Minare na significação de impellir o gado com ameaças em Apuleu: d'ahi por ducere italiano menare, francez mener. No portuguez só encontramos o derivado manada por menada, talvez resultado da influencia de mão (manus).

Modernus pela primeira vez em Priscio: moderno.

Merenda. «Merenda, dicitur cibus post meridiem qui datur» Afranius Fratiis:

Interim merendam occurro; ad coenam quum veni, juvat.

Nonio, p. 29, ed. L. Quicherat. «Merenda, est cibus qui declinante die sumitur, quasi post meridiem edenda et proxima coenae.» Isid. *Origines* 20, 2: merenda.

Mortificare freq. nos auctores da decadencia no sentido de fazer morrer; com o do port. mortificar = ant. mortivigar já em S. Jer.

Murcidus em Pompon. apud S. Agost. *Civ. Dei.* 4, 16 no sentido de indolente, cobarde: murcho (secco, sem vida)?

Naufragare em Petron. e Sidon.: naufragar.

Papilio em Lamprid. e outros escriptores da decadencia no sentido de tenda e pavilhão, que provém d'aquella fórma.

Paraveredus, composto hybrido da prep. grega pará e do nome latino veredus cavallo ligeiro no *Cod. Just.*: baixo latim parafredus, port. palafrem.

Peduculus por pediculus pela primeira vez em Pelagon.: piolho.

Possibilis. «Melius qui tertiam partem dixerunt dynatón, quod nostri possibile nominant: quae ut dura videatur apellatio, tamen sola est.» Quintil. *Inst.* 3, 8, 25. Frequente nos escriptores posteriores a Quintiliano, e assim possibilitas: possivel, possibilidade.

Proba Ammiano 21, fin. e no *Cod. Theod.*: prova. É um substantivo constituido por um thema verbal como muitos que se encontram no portuguez: comp. estima de estimar, paga de pagar, estafa de estafar, ajuda de ajudar, vela de velar, vigia de vigiar, duvida de duvidar, liga de ligar, adorno de adornar, cambha ant. (troca) de cambhar, cambio de cambiar (em recambiar, comp. cambiante), castigo de castigare, commando de commandar, leva de levar, pega de pegar, compra de comprar, furo de furar, choro de chorar (plorare), etc. O exemplo citado, assim como outros, mostra que o processo já existia em latim e é de crer que muitos dos citados substantivos portuguezes decorram já da lingua mãe.

Quiritare (v. acima jubilare): gritar.

Rancor (antigo odio) em S. Jer.: rancor.

Saga Ennio; mais usual sagum (grego ságos) saio, saia. A palavra é d'origem celtica. A fórma d'este vestido era muito differente da d'aquelles a que damos os mesmos nomes. Vid. Rich, *Dictionary of greek and roman Antiquities*, s. v.

Sanguisuga. Plin. 8, 10: «hirudine, quam sanguisugam vulgo coepisse appellari adverto»: sanguesuga.

Sapius por sapiens induz-se do composto nesapius em Scaur. col. 2251, Putsch, etc.: sabio.

Sibylla ou sibulla é um diminutivo de sapus ou sapius, em que vemos a tenue mudada em media como em portuguez sabio [1]. No antigo portuguez encontramos sage e sages *Hist. geral*, por sabio. O s final da segunda fórma aponta para o antigo nominativo singular francez e revela-nos que as fórmas são introduzidas da ultima lingua, o que se podia já conjecturar da desinencia -e da primeira.

Singellus induz-se de singillarius por singularius em Tertul.: singello.

Somnolentus por somniculosus em Apul., Solin., etc.: somnolento. Somnolentia em Sidon.: somnolencia.

Spatha propriamente espatula; no sentido de arma em Tacito, *Annal*, 12, 31. «Gladios majores, quos spathas vocant.» Vegec. *Re mil.* 2, 15. Diez conjectura que n'esse ultimo sentido seja um vocabulum castrense, conjectura que o dizer de Vejecio, em quanto a nós, fundamenta (vocant não vocamus).

«Tauras vaccas steriles appellari ait Verrius, quae non magis rapiant (lede pariant) quam tauri.» Fest. pp. 352, 353: toura, vacca esteril; comp. vacca tourina.

Testa no sentido de craneo em Prud., Auson., Celio: testa.

Tina. «Varro de vita populi Romani lib. I: Antiquissimi in conviviis utres vini primo, postea tinas ponebant ac cupas, tertio amphoras.» Nonio, p. 634, ed. L. Quicherat.

[1] Vid. Max Müller, *Lectures* I, 5, 10 *n*.

Tribulatio, no sentido figurado de oppressão, afflicção, tormento, em S. Jer., Tertul.: tribulação. Da raiz de tribulatio provém uma outra palavra que adquiriu um sentido moral. Essa raiz é tar e apparece em terere, ter-e-bra, tri-tur-a, tribu-lu-m, no composto con-terere (partir, pisar), participio con-tri-tu-s d'onde o subst. con-tri-t-io(-n-) =portuguez contrição, etc. Comp. o sentido moral de tormentum (por torc-mentum, comp. torqu-ere) propriamente o acto de torcer, do portuguez tortura, etc.

Vacivus por vacuus Plaut., Terenc.: vazio.

Vitulari alegrar-se muito, propriamente saltar como uma vitela (vitulus) Plaut., Ennio, Naevio, etc.: d'ahi deriva Diez o provençal violar tocar viola e o subst. provençal e portuguez viola = b. lat. vitula. Comp. a expressão vitula jocosa em Ducange s. v.

Vorsare por versare: bolçar (por influencia de bolça) na phrase: bolçar a creança o leite [1].

§ 2.º PALAVRAS SUBSTITUIDAS POR SYNONYMOS

Na lista precedente encontram-se exemplos da substituição de palavras latinas por suas synonymas; mas como tal substituição é uma das causas principaes da perda de vocabulos latinos, damos uma lista particular d'exemplos d'esta especie, lista que de modo algum aspira a ser completa, mas sómente a appresentar um minimo de taes exemplos.

aedes, domus foram substituidas por casa, propriamente uma cabana; bilis por fel, equus (só o fem. equa = egua se conservou) por caballus, coenum por lutum lodo; culina por coquina cozinha; anguis (só o der. anguilla = enguia) por serpens; anus por culus; aevum por aetas edade; arx por castellum; formido por pavor; imber por pluvia chuva; janua, ostium por porta; tellus por terra; jaculum por lancea; urbs, oppidum por civitas; gramen (conservado só com uma accepção particular em grama) por herba; lapis (conservada só na accepção particular de lapis, pedra lapis, i. é. pedra, com que se escreve) por petra pedra; lorum por corrigia correia; orbis por circulus circo, circulo; moenia por muro e o der. muralia muralha; osculum, suavium por basium; sidus por astrum; specus por spelunca; trames por semita senda; vulnus, ictus por plaga chaga (e * ferita derivado de ferire); sella (conservada n'uma accepção especial) por cathedra; fur por latro ladrão; clypeus por scutum; uxor por sponsa; livor por invidia inveja; aequitas por justitia (equidade não é popular); laetitia (ant. ledice) por gaudium gozo (e alegria der. de alegre = alacris); arvum rus por campus; carmen por cantum; caudex por truncus tronco; celer por velox; alapa por colaphus.

§ 3.º FÓRMAS DIVERGENTES

Muitas palavras latinas appresentam-se em portuguez sob dous ou mais aspectos phonicos differentes. Esses aspectos phonicos são conhecidos pelo nome de duplos ou pelo melhor de fórmas divergentes [1].

As fórmas divergentes teem diversas causas que passamos a examinar.

1. No periodo de formação da lingua, isto é, n'aquelle periodo em que o latim adquiriu os caracteres que reconhecemos no portuguez no momento em que apparece escripto, muitas palavras adquiriram uma ou mais significações novas conservando ou perdendo as que tinham em latim ora para reflectir no som a differença das significações essas palavras foram tractadas phonicamente em dous (ou mais) sentidos diversos: um conforme ás tendencias predominantes da lingua, outro mais ou menos excepcional.

Palavras mesmo que em latim tinham já duas significações diversas foram submettidas a um semelhante processo.

Exemplos:

artelho e artigo	ambas de	articulus,
bodega e botica	»	apotheca,
cabello e capello	»	capillus,
causa e cousa	»	causa,
dona e dama	»	domina,
dono e dom	»	dominus,
findo e fino	»	finitus,
ilha e insoa	»	insula,
mascar e mastigar	»	masticare,
paço e palacio	»	palatium,
pesar e pensar	»	pensare,
pregar e chegar	»	plicare,
senso e siso	»	sensus,
velar e vigiar	»	vigilare,
coroa e cronha	»	corona,
logro e lucro	»	lucrum,
chato e prato subst.	»	platus,
chata e prata subst.	»	plata,
ladino e latino	»	latinus,
tenro e terno	»	tener,
irmão e mano	»	germanus.

[1] Cf. Diez, *Grammatik* I, 7-28.

[1] Duarte Nunes de Leão observou este phenomeno. «Mudamos, diz elle, o mesmo vocabulo latino em diversas formas por a variedade da significação como esta palavra macula, que quando queremos por ella significar abertura de rede, tornamola em malha, & quando queremos significar labe, ou peccado, ou sentimento do animo, mudamola em magoa, & quando nodoa em mancha, & de pulvere dizemos poo, & poluora per differente significação.» *Origem da lingoa portugueza*, c. 7.

feira e feria	ambas de	feria,
pago e pacato	»	pacatus,
comprar e comparar	»	comparare,
chaga e praga	»	plaga,
caudal e cabedal	»	capitalis,
exame e enxame	»	examen,
servente e sargento (comp. ant. sergente)	»	serviens,

Tres fórmas divergentes resultantes d'esta causa unicamente são
magoa malha e mancha todas do lat. macula.

2. Em virtude da cultura litteraria, do estudo dos auctores latinos, teem passado para o portuguez um grande numero de palavras que, sendo tiradas immediatamente d'aquelles auctores, apenas se appresentam modificadas na terminação e mesmo só quando as analogias mais evidentes da lingua o exigem. Essas fórmas não obedeceram portanto ás leis d'alteração phonica que presidiram á formação da lingua; todavia por outro lado podiam as palavras originaes permanecer no fundo da lingua e acharem-se alteradas conforme áquellas leis; d'ahi resulta que muitas se apresentam em portuguez com duas fórmas: uma popular e verdadeiramente portugueza, outra classica. Nota-se em geral differença de significação entre as duas fórmas.

Exemplos:

FÓRMA POPULAR	FÓRMA ERUDITA	LATIM
abrego	africo	africus,
alhear	alienar	alienare,
ancho	amplo	amplus,
aveia	avena port.	avena,
besta	bestia	bestia,
bolbo	bulbo	bulbus,
cabedal (e caudal)	capital	capitalis,
cardeal	cardinal	cardinalis,
chão	plano	planus,
chave	clave	clavis,
cheio	pleno	plenus,
colmo	calamo	calamus,
chama	flamma	flamma,
cabido	capitulo	capitulum,
deão	decano	decanus,
dedo	digito	digitus,
delgado	delicado	delicatus,
demostrar	demonstrar	demonstrare,
eira	area	area,
peçonha	poção	potio(ne),
estreito	estricto	strictus,
orgão	organo	organus,
escada	escala	scala,
ensosso	insulso	insulsus,
escutar	auscultar	auscultare,
esburgar	espurgar	espurgare,
espadoa	espathula	spathula,
estiar	estivar	æstivare,
erguer	erigir	erigere,
fogo	foco	focus,
findo (e fino)	finito	finitus,
febra	fibra	fiber,
inchado	inflado	inflatus,
inteiro	integro	integer,
mister	ministerio	ministerium
molde	modulo	modulus,
meio	medio	medius,
nedio	nitido	nitidus,
palavra	parabola	parabola,
pego	pelago	pelagus,
pousar	pausar	pausare,
quedo	quieto	quietus,
raiar	radiar	radiare,
redondo	rotondo	rotundus,
rijo	rigido	rigidus,
ruido	rugido	rugitus,
sello	sigillo	sigillum,
solteiro	solitario	solitarius,
teia	tela	tela,
vigiar (e velar)	vigilar	vigilare,
leal	legal	legalis,
miudo	minuto	minutus,
olho	oculo	oculus,
poir	polir	polire,
frio	frigido	frigidus.

3. Outra causa da divergencia de fórmas está na introducção de palavras dos dialectos congeneres. Como cada dialecto tem leis particulares de formação, a mesma palavra adquiriu em cada um d'elles um aspecto mais ou menos distincto. Assim o latim planctum tornou-se em port. pranto e chanto (antigo), em hespanhol llanto, em provençal planch, em francez plainte, em italiano pianto. Ora tendo-se introduzido no portuguez um certo numero de palavras com a fórma particular que lhes deram esses dialectos, nada mais natural que encontrarem-se ellas com fórmas parallelas proprias á nossa lingua.

Exemplos:

chefe, do francez chef, que vem do latim caput, d'onde tambem port. cabo (no sentido de cabeça de terra);
jaula, do antigo francez jaiole ao lado de gaole e estas de caveola (dim. de cavea, d'onde port. gavea), de que provém port. gaiola;
parola, do francez parole, que vem do latim parola, d'onde port. palavra;
prez (antigo), do provençal ou antigo francez pres e este do latim pretium, d'onde port. preço;

llano, do hespanhol llano e este do latim planus, d'onde port. chão;

chantre, do francez chantre (= ant. nom. cantre a que correspondia o caso obliquo cantór = mod. chanteur) do latim cantôr, d'onde port. cantor;

cré, do francez craie = lat. creta, d'onde port. greda [1];

ameja, d'um hespanhol meja, que se encontra com o artigo arabe em almeja e vem do latim mytilus. myt'lus (tl em hespanhol muda-se em j; assim viejo do latim vetulus, vet'lus), d'onde port. mexilhão;

hotel do franc. hôtel, que vem do latim hospitalis, d'onde port. hospital;

greu ant. [2], do provençal greu, do latim gravis, d'onde portuguez grave;

chapiteu, do francez chapiteau, que vem do latim capitellum, d'onde portuguez cabedello, cabedel, caudel, coudel, caudilho e capitel.

4. Uma palavra portugueza póde passar para uma outra lingua, ser n'ella modificada phonicamente e vir depois juntar-se no portuguez á sua fórma anterior. No campo europeu da lingua portugueza os exemplos d'este caso são rarissimos. Em as nossas possessões da Africa e da India poderiam ser colhidos um bom numero d'elles, porque os indigenas teem alli adoptado e corrompido muitos vocabulos nossos que assim modificados são repetidos pelos portuguezes. O mesmo phenomeno observa-se no Brazil. Um exemplo curioso d'este caso na Europa é a palavra fetiche. Este vocabulo não é mais que o port. feitiço alterado pelo francez. Fétiche encontra-se pela primeira vez n'esta ultima lingua n'um escripto do presidente de Brosses. Um nosso etymologista julgou-o d'origem africana. Em geral os etymologistas extrangeiros, Littré, Wedgwood, etc. reconhecem que fétiche provém de feitiço, mas erram na etymologia d'esta ultima palavra. Littré [1], parece pol-a em connexão com fatum; Alfredo Maury [2] não duvida que ella derive de fatum e cita as opiniões de Winterbottom que a suppõe corrupção de faticaria poder magico; Marsh [3] aponta como etymologia o lat. fascinium ou veneficium, mas todas essas etymologias, principalmente a ultima que é perfeitamente absurda, são insustentaveis. Diez, todavia, ha muito que indicou que feitiço provem do latim facticius, d'onde a fórma erudita facticio, etymologia obvia e evidente. João de Barros (*Dec.* 3. 9. 2. etc.) e outros escriptores empregam feitiço como adjectivo e no sentido de facticius.

Como sobre uma palavra podem operar differentes causas de divergencia não é raro apparecerem tres e quatro fórmas d'uma unica palavra ao mesmo tempo. Alguns exemplos d'este caso se encontram no que precede. Accrescentaremos mais tres.

A palavra latina planus apresenta-se em portuguez com quatro fórmas:

1.ª chão fórma popular do fundo da lingua;

2.ª llano fórma introduzida do hespanhol;

3.ª piano subst. com mudança de significação; fórma introduzida do italiano:

4.ª plano fórma erudita, tirada immediatamente do latim;

A palavra latina macula apresenta-se com as tres fórmas populares mencionadas malha, mancha, magoa, (comp. os sentidos da palavra latina) e a erudita macula.

A palavra cylindrum apresenta-se sob quatro fórmas;

1.º calhandro, vaso cylindro para excrementos, fórma popular;

2.º calondro ou calondra, abobora de fórma cylindrica, fórma popular;

3.º calandra, recebido por intermedio do francez calandre, que vem do baixo latim calendra;

4.º cylindro, fórma erudita.

Da conservação do c nas tres primeiras fórmas, fallaremos quando tractarmos do consonantismo; e da mudança do a accentuado em o na segunda fórma quando tractarmos do vocalismo.

§ 4.º PALAVRAS SUBSTITUIDAS POR DERIVADAS DA MESMA RAIZ OU THEMA

Muitas palavras latinas foram substituidas por derivados mais complexos do mesmo thema ou raiz, derivados que em muitos casos sabemos que existiam já no latim, que n'outras devoreram muito pre-

[1] Por ventura gretar significará apresentar o aspecto da greda (greta) estalada e d'ahi greta, como estima de estimar? N'este caso a palavra gretar estaria já formada anteriormente á epocha da mudança do t em d de greda.

[2] Encontra-se no *Canc. D. Diniz*:

... des oy mays pero m'é greu,
Entenderem que vos sey eu,
Senhor, melhor c'a mi querer.
p. 56.

Ca de mi matar amor non m'é greu,
E tanto mal sofro já en poder seu
E tod'aquesto, senhor, des quand'eu
Vos vi, desy
Nunca coyta perdi.
p. 69.

Esta ultima estrophe, acha-se, como tantas outras, estropiada na edição unica de Paris:

Cá de mi matar amor
Non m'é greu, etc.

Lopes de Moura não viu que ella era formada exactamente como a que a precede e que greu rimava com seu, eu.

[1] Littré, *Dictionnaire de la langue française*, s. v.

[2] *La Magie et l'Astrologie*, 3.ª ed. p. 10.

[3] *Lectures on the English Language*, ed. by Smith, p. 100

vavelmente de lá. Na primeira columna dos exemplos que seguem damos a fórma morta; na segunda a fórma latina hypothetica ou real que a substitue, pertencendo á segunda especie as indicadas com a abbreviatura lat.; na terceira columna vae a fórma portugueza.

spes	sper-ant-ia- (sper-ant- thema participal do latim sper-are)	esperança,
genu	genuculum dim. lat.	geolho goelho,
aes (aer-is)	aer-a-men lat.	arame,
po-llex (pollic)	pollic-aris adj. lat.	pollegar,
talpa	talp-aria	toupeira,
sturnu-s	sturn-in-u-s	estorninho,
scaraboeu-s	scaraboe-liu-s	escaravelho,
rapu-m	rap-anu-s	rabano,
potu-s	potago (potagin-)	potagem,
côr, só no port. antigo e na phrase de cór,	cor-a-t-ion	coração,
ungu-is	ung-ula lat.	unha,
calx (calc-)	calcan-caris	calcanhar,
caec-ita-s	caec-aria.	cegueira,
merx (merc-)	merc-a-tor-ia (merc-a-tor lat.)	mercadoria,
icter-u-s	icter-itia	ictericia, pop. trizia,
civ-i-s	civitat-anu-s (civitat- civitas lat.)	cidadão,
praec-o	praeco-arius	pregoeiro,
forn-ax (fornac-)	forn-acea, forn-alia	fornaça ant., fornalha,
sal-inu-m	sal-aria	saleira.

Muitos themas que serviam para designar plantas receberam o suffixo ari-, ficando em muitos casos o thema original para designar partes ou productos d'essas plantas. Não se encontrando d'este processo vestigios em latim, em que os themas formados da maneira indicada são empregados como adjectivos, por exemplo: palmarius, a, um, relativo á palmeira, plantado de palmeiras, é de querer que este processo seja romanico.

amygdala	amendoa	amygdal-aria	amendoeira,
castanea	castanha	castane-aria	castanheira,
cerasea (cerasus)	cereja	cerase-aria	cerejeira,
ficu-s	figo	fic-aria	figueira,
lauru-s	louro	laur-ariu-s	loureiro,
miliu-m	milho	mili-ariu-s	milheiro,
moru-s	a-mora	mor-aria	a-moreira,
mespilu-s	nespera	mespil-aria	nespereira,
nux (nuc-)	noz	nuc-aria	nogueira,
oliva		oliv-aria	oliveira,
persicu-s	pecego	persic-ariu-s	pecegueiro,
pinu-s	pinho, pinha	pin-ariu-s	pinheiro,
piru-s	pero, pera	pir-aria	pereira,
prunu-s	a-brunho	prun-arius	a-brunheiro,
rosa	rosa	rosaria	roseira,
salix (salic-)		salic-ariu-s	salgueiro,
sambucu-s	sabugo	sambuc-ariu-s	sabugueiro,
tamarix (tamaric-)		tamaric-ariu-s	tamargueiro,
suber	sobro	suber-ariu-s	sobreiro.

No latim ou não havia distincção entre o nome da planta e o do seu producto ou parte (por ex., citrus = limoeiro e limão, laurus = loureiro e louro, palma = palmeira e palma, rosa = roseira e rosa, tamarix = tamargueiro e tamarindo) ou havia distincção que se fazia por tres modos: 1) por meio da differença dos generos, sendo, em regra, o nome da planta do gen. feminino e o do producto do gen. neutro (assim cerasus e cerasum, arbutus e arbutum, citrus e citrum, ebenus e ebenum, morus e morum, mespilus e mespilum, persicus e persicum, pirus e pirum, malus e malum, porrus e porrum, prunus e prunum, sorbus e sorbum, cornus e cornum); 2) por meio de palavras derivadas de raizes diversas (por ex., corylus e avellana, quercus e glans, ulmus e samera, labrusca e oenanthe); 3) por meio d'um suffixo secundario (por ex., caepa e caepula). O ultimo meio é rarissimo, o primeiro o regular.

No portuguez continua a haver muitos nomes de plantas que não se distinguem dos seus productos (cebola, jacintho, trigo, avea, etc.); o primeiro meio de distincção empregado em latim tendo-se tornado impossivel, foi compensado com frequente uso do terceiro, como já vimos, o que permittiu maior numero de distincções do que havia em latim. O suffixo ario, senão o exclusivo pelo menos o geralmente empregado para fazer essa distincção, indica sempre o nome da planta. O nome do producto em regra não recebeu suffixo diverso do que tinha em latim.

Do segundo meio de distincção apparecem em portuguez alguns exemplos que não correspondem aos latinos ou não teem exactos correspondentes em latim. De oliva derivou-se oliveira, mas o primitivo não se conservou como nome de fructo; foi substituido por

azeitona, der. de azeite = arabe azzait. Temos carvalho, cuja formação é obscura, como correspondente a quercus; glans foi substituida por bogalho = * bagalho (* baccalium, der. de bacca). A mudança do a não accentuado em o que se nota em bogalho não tem nada de extraordinario, como mostraremos onde tractamos do vocalismo.

§ 5.º PALAVRAS SUBSTITUIDAS POR DERIVADOS DE OUTROS THEMAS E RAIZES

Muitas palavras foram substituidas por derivados novos d'outros themas ou raizes, isto é, as cousas que significavam receberam nova denominação por o espirito as ter encarado sob outro aspecto. A esta categoria pertence o já citado exemplo de jus e direito.

Assim foram substituidas:

cervus por veado, de venatus o caçado;
vulpes por raposa de rapu-s rabo, a raposa sendo olhada como o animal de longo rabo;
porculus (porcus lacteus) por leitão, o animal que ainda se alimenta de leite;
locusta por gafanhoto o insecto que produz gafo (?) ou saltão o que salta;
hédiosmos, menta por hortelã, a planta das hortas; comp. hortelã pimenta por hortelã menta por um processo que abaixo explicamos;
platalea (a ave de bico chato: platus) por colhereiro; a ave cujo bico semelha uma colher (cochleare);
torpedo (o peixe que entorpece) por tremelga, o peixe que faz tremer;
verpertilio (o que apparece ao anoitecer) por morcego, o rato cego (mus caecus);
acetum por vinagre (vinum acre);
caupona, popina por botequim, dim. de botica (apotheca), que ainda hoje em francez tem a significação geral de loja (boutique) e no portuguez antigo significava casa pequena (por ex., *Côrtes d'Evora* 1475, art. esp. de Silves); temos tambem bodega de apotheca, no sentido de taberna, popina o que pertence á categoria tractada no § 2.º;
pernio por frieira, de frio (frigidus);
torques (o torcido) por collar, de collum o pescoço;
senectus por velhice, de * vetulities derivado de vetulus velho;
diversorium por hospedaria, de hospede (hospes, hospit-);
oblivium por esquecimento, de esquecer (* excadescere, cad-o);
nere por fiar, de fio (filum);
caedes por mortandade de * mortalitate (mors, mort-);
forfex por tesoura, de tonsoria de tonsor;
tonsor por barbeiro, de barba;
potator por bebedor, de bebe-r (bibere);
pulvinar por travesseiro (que se põe através na cama), de * travesso = transversu-s;
cymbium por terrina, propriamente vaso de terra; comp. francez terrine (vas de terre);
horreum por celleiro, de cella;
pessulus por ferrolho, de ferro;
latebra por esconderigo, de esconder (abscondere);
cornix por gralha, de gralhar (= lat. garrulare);
rusticula por galinhola, de gallinha (gallina);
mungere por asoar, produzir som com o nariz.

§ 6.º PALAVRAS ALTERADAS PELA ETYMOLOGIA POPULAR

As mesmas palavras latinas que não se perderam nem foram substituidas por outras, por qualquer dos processos expostos precedentemente, não se conservam intactas na linguagem portugueza; passaram todas por modificações

1) no som,

e geralmente

2) na significação.

As alterações phonicas porque passaram as palavras e fórmas grammaticaes latinas no campo da lingua portugueza serão expostas systematicamente nos capitulos sobre o consonantismo, o vocalismo e a prosodia, em tanto que essas alterações resultam de leis propriamente physiologicas; ha, porém, uma classe notavel de alterações phonicas não resultantes d'essas leis, as quaes merecem aqui a nossa attenção.

Observa-se no espirito popular uma tendencia muito caracterisada para descobrir relações etymologicas entre palavras, interpretar, explicar palavras ou uma parte de palavras por outras palavras que lhe são mais familiares; ora succede muitas vezes que em virtude d'essas connexões, d'essas etymologias inteiramente hypotheticas e baseadas unicamente sobre meras semelhanças de som, se altere uma palavra n'alguns dos seus elementos phonicos, ou se troque inteiramente por outra, em geral na supposição de que meros erros de pronuncia, as fizeram desviar do typo etymologico que se lhes attribue [1].

Para se comprehender bem o processo e a sua

[1] O povo [illegible] uma etymologia sua, [illegible], um pedantismo em linguagem, como os eruditos; discute pronuncias, ri-se dos que pronunciam palavras que suppõe mal pronunciadas, pede desculpa de fallar mal, etc. Temos um rifão popular que se diz frequentemente quando alguem muda a palavra entao em antão, confundindo-a assim no sentido com o nome proprio Antão: «Antão era [illegible]: fazia anzóes e pescava carações.» Provas semelhantes se podem colher tanto em a nossa lingua como n'outras.

extensão apresentamos aqui uma collecção d'exemplos fornecidos por differentes linguas.

Em latim mudaram-se as palavras gregas oreíkhalkos em aurichalcum, por se suppôr que era connexa ou derivada de aurum; glykyrriza em liquiritia, por se suppôr derivada de liquere; rhododendron em lorandrum, por se suppôr derivada de laurus; e o nome proprio Zôsthénês em Sustinens, por se suppôr derivado de sustinere. O nome syriaco Elaiagabalos foi mudado em latim em Heliogabalus, como se elle derivasse do grego hêlios, e o nome vandalo Hunerich em Honoricus, como se derivasse de honor. O nome de rio ligurico Procobera foi mudado primeiramente em Porcobera [1], depois em Porcifera (Plinio), como se fosse composto de porcus e ferre. Tiburtinus foi mudado em Trivortinus, por se suppôr que vinha de tres e vertere; popina corrompido em propina, por influencia de propinare; accipiter em acceptor. «Privilegium, quod privet legem, nom primilegium» diz Caper (col. 2778, Putsch); em Zonaras ha *primmilogiôn*. «Semispatium gladius est a media spathae longitudine appellatum, nom, ut imprudens vulgus dicit, sine spatium, dum sagitta velocior sit» escreve Isidoro de Sevilha (*Origines* 18, 6, 5). Meridialis foi mudado em meridionalis segundo o typo de septemtrionalis; october em octember (em diplomas do começo da edade media e no valachio) pelo typo de september, november, december; sinister em senexter (em documentos em latim barbaro) pelo typo de dexter: o italiano diz senestro, destro [2].

elogium	de grego elegeion,	apologum, dialogum, analogus, analogia, etc.
Chrestus	por Christus,	grego khrêstós,
retundus	» rotundus,	re prep.,
supparum	» siparum,	sub prep.,
alimosina	de grego èleemosynê,	alimonía,
averta	» » aortês,	vertere,
coenomyria	» » kynómyia,	grego koinós,
Dulcenus	por Dolichenus,	dulcis,
furunculus	» fervunculus,	fur,
gramía	de grego glámé,	gramen [3].

Os nomes teutonicos Thiebaut ou Thibaut, Thiedhat, Thietbert, Thiedulf appareceram sob a fórma Theobald, Theodat, Theodbert, Theodulphe, etc. por influencia do grego theós

[1] *Corpus Inscriptionum latinarum*, ed. Mommsen I, 199.

[2] Factos colligidos por Schuchardt, *Der Vokalismus des Vulgärlateins* I, 37-39.

[3] *Ibidem*, III. Register, s. 344-351.

(em Theophilo, etc.); Liebard, Lienard, Liebauld e Lupold foram alterados em Leobard, Leonard, Leobald, Leopold por influencia de leo (leão). O nome grego Charilaüs foi substituido ao nome teutonico Carl [1]. Thiudareiks foi supposto connexo com o grego Théodôros e d'ahi foi alterado em Theodorico [2].

Muitos nomes semitas foram mudados em nomes gregos por o mesmo processo: o grão sacerdote Jesus foi chamado Jason; Theudas tornou-se Théodôros, Cleophas Cleophilos, Antipas Antipater; Dostheu apresentando-se aos hebreus como o propheta promettido por Moises fez que os seus discipulos o chamassem Dosítheos, dom de Deus [3]. São Paulo adoptou esse nome em vez do seu Saulo para melhor ser acceito dos romanos; o bispo godo Jornandes tomou o de Jordanus; o irlandez O'Culden publicou uma chronica sob o nome de Aeneas Colideus; o bispo d'Ely Conchonard tornou-se S. Concors; um monge Saens, S. Sidonius; Livon, nome de muitos rios da pequena Armenia, mudava-se constantemente em Leôn nas relações dos principes d'esse paiz com os gregos; Ladislas, rei da Hungria, chamado ao throno de Napoles, foi conhecido dos italianos pelo nome de Lancelotto; em Veneza os Miani julgavam-se por vaidade Emiliani, os Cornari Cornelius [4]. O nome gaulez gloyr brilhante, deslumbrante foi traduzido pelo pronome christão Claudius [5].

No dialecto dos ciganos d'Inglaterra o nome de cidade Redford foi interpretado por Lalopeero, pé vermelho=inglez red foot, o de Doncaster por Milesto-gav, cidade do macaco=inglez donkey town [6]. Os gregos modernos fizeram de Delphoi Adelphoi, por influencia de adélphos irmão; de Athenai, Anthêna, por influencia de anthòs flôr.

Do francez écrévisse fizeram os inglezes crayfish e crawfish e do anglo-saxão wêrmôd wormwood. No inglez julga-se to bless connexo com bliss anglo-saxão blis alegria, com que nada tem de commum porque representa o anglo-saxão blessian consagrar, abençoar, derivado de blotan matar em sacrificio, blot sacrificio; do mesmo modo se julga que provem d'um mesmo radical o inglez sorry e sorrow; mas o primeiro é o anglo-saxão sorh, allemão sorge, e o segundo o anglo-saxão sárig, de sár uma ferida (inglez sore). Muitos emblemas de hospedarias inglezas exemplificam o processo. Cat with a Wheel é o emblema corrompido de St. Catherines's Wheel; Bull and Gate foi originariamente tomado como

[1] E. Salverte, *Essai sur les noms propres d'hommes et de lieux* I, 370.

[2] Ducange, s. v. *Theodoricus*.

[3] E. Salverte, *Ibidem*, p. 369.

[4] *Ibidem*, p. 370 sg.

[5] Richards' *Welsh-English Dictionnary*, s. v.

[6] *Report of british Association for Advancement of Learning*. 1861, p. 199.

um trophéo da tomada de Bologna por Henrique VIII e era the Boulogne Gate (a porta de Bolonha) [1]. A umas escadas da cidade de Lincoln dá-se o nome de Grecian Stairs, as escadas gregas. O seu nome original era Greesen, o antigo plural inglez de gree degrão: ora quando greesen deixou de ser comprehendido accrescentou-se-lhe o nome explicativo Stairs, e de Greesen Stairs fez o povo Grecian Stairs [2]. O antigo alto allemão sinvluot significava a grande corrente, o diluvio; mas no allemão moderno diluvio diz-se sündfluth, isto é a corrente do peccado, porque o antigo alto allemão sin no sentido de corrente se perdeu; do mesmo modo as palavras do antigo alto allemão arnbrust (de arcubalista), cotleif ou kotleip (que fica com Deus), hagastalt se mudaram respectivamente no allemão moderno em armbrust (arm braço, brust seio), Gottlieb (amor de Deus), hagestolz [3].

Em italiano encontramos battifredo (francez beffroi ant. berfrois) do medio alto allemão berevrit, bervrit, medio latim berfredus, como se viesse de battere e freddo; o antigo alto allemão widarlon (d'onde portuguez galardão) mudado em guiderdone por influencia de dono, don: Gibraltar pronunciado Gibilterra, como se fosse composto de terra; manovaldo por mondualdo do medio latim mundualdus, que vem do antigo alto allemão muntwalt, como se fosse composto de mano e valido; brugno do latim pruneus como se fosse connexo com bruno; fiavo do latim favus como se viesse de flavus; fiaccola do latim facula como se derivasse de flagrare, tremuoto do latim terrae motus como se viesse de tremare: pipistrello ao lado de vipistrello do latim vespertilio, como se viesse de pipire, Federico do allemão Friedrik por influencia de fede; Campidoglio de Capitolium por influencia de campo [4].

Em francez o inglez bowsprit (ou hollandez boeg sprit), d'onde o portuguez gouropez, converteu-se em beaupré (beau, pré); o allemão sauerkraut (sauer amargo, kraut herva) em choucroute (chou couve, croûte crusta, codea); trésor está por * tésor do latim thesaurus por influencia de trois, tres [5]. No antigo francez candelarbre é uma alteração de candelabre por influencia de arbre. Em Reims chamava-se abbé mort a um certo tocar de sinos que annunciava a morte d'alguem, e que outr'ora parece se praticava

[1] Max Müller, *Lectures* II, 529 sg.

[2] *Ibidem*, p. 531.

[3] Fuchs, *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhaltnisse zum lateinischen*. s. 111.

[4] Diez, *Etymologisches Wærterbuch*, s. vv Fuchs, *Ibidem* s 113

[5] Diez, *Etymologisches Wærterbuch*, s. v. olha todavia o r de trésor como proveniente do n da fórma archaica latina thensaurus. O antigo hespanhol tem tambem tresoro. No francez é a fórma muito antiga e podia muito provir do periodo em que tres não se tinha ainda mudado em trois.

para convidar os fieis a orarem pelo doente que estava na agonia, o que se chamava o aboi de la mort [1].

« Escreventes tendo que mencionar nas cartas ou nas chronicas latinas logares cujo nome latino ignoravam, compunham esse nome sobre a fórma franceza, interpretada etymologicamente. Ora como a etymologia consistia então em formar um sentido pelo valor phonico das syllabas das palavras, os themas latinos assim produzidos são a traducção d'equivocos, pela maior parte ridiculos.

« Aridus locus, thema approximativo de Arleuf (Niévre).

« Bonus oculus, que é Benogilum nos textos merovingianos, Bonneuil (Sena), assim disfarçado por um equivoco de que Molière zombou attribuindo-o aos nitos graciosos do seu tempo.

« Canutum caput, thema de Chenu-Chef, approximativo de Chenechè (Vienne).

« Centum nuces, Cent-Noix approximativo de Sannois (Seine-et-Oise), que foi provavelmente Sanedum, na sua fórma primitiva.

« Lupus ater, approximativo de Louâtre (Aisne).

Mater Semita, Mére-Sente, ou Amara Semita, Mar-Sente, approximativo do nome de Marsantes (Eure-et-Loir).

« Matervilla, Mére-ville, equivoco de Marville (Eure-et-Loir), curioso pela sua amiguidade, porque o auctor do Diccionario topographico do departamento achou exemplos d'elle de 980 e 992. O Polyptico d'Irminion, mais antigo d'um seculo e meio, dava a fórma Manulfi Villa.

« Quid mihi quaeris, Quoi-me-quiers? approximativo de Connequiers (Vendea).

« Paucum villare et Piceum villare, approximativo de Pois-villiers (Eure-et-Loire).

« Sanguis tersus, Sang-ters do verbo terdre enxugar, jogo de palavras sobre o nome d'um pequeno paiz encerrado hoje nos departamentos da Somme e da Oise, nome cuja mais antiga fórma conhecida é Santais ou Santois.

« Unus pilus, Un-poil, equivoco d'Umpeau, outr'ora Umpeil (Eure-et-Loire).

« Ursi Saltus, Ours-sault, approximativo do nome d'Ossau, que tem um valle dos Baixos-Pyreneos.

« Vadum longi regis, equivoco de Gué-de-Longroy (Eure-et-Loire).

« O uso moderno consagrou a absurda metamorphose de Sanctus Medardus, perto de Langeais (Indre-et-Loire), em Quinquemartes: escreve-se Cinq-mars. Ha alguma cousa ainda mais inexplicavel: é que essa phantasia mythologica remonta ao seculo

[1] Ducange, *Glossarium* t. VIII, 2; ultima ed.

XIII, e que todavia a parochia do logar não cessou de ser dedicada a S. Medard ou S. Mard [1]. »

Em hespanhol diz-se verdolaca do latim portulaca, por se suppôr a palavra derivada de verde; maleneonico por melancholico, por se suppôr a palavra derivada de malo. O antigo nome de logar Dortosa acha-se representado pelo moderno Tortosa, por influencia de torto.

Em valachio corrompeu-se monument em mortment por influencia de mort [2].

Eis agora exemplos da lingua portugueza.

O nome latino da herva chamada entre nós vulgarmente herva da muda é centinodia (que tem cem nós); d'este nome parecem ter resultado por uma serie de corrupções os outros nomes vulgares da mesma planta: sempre-noiva e sempre-nova, que de modo algum podem ser considerados como a designação litteral d'um caracter da planta.

Fressura, forçura designava uns logares baratos nos theatros portuguezes dos seculos XVII e XVIII, correspondentes ás nossas modernas frisas: a palavra parece-nos ser uma alteração do latim fissura, que tendo primeiramente o sentido de abertura, veiu a designar os logares do theatro que se chamam frisas e que eram anteriormente aberturas por baixo dos camarotes, sendo modificada no som por influencia de fressura (do latim frixura).

O nome da planta que chamamos hortelã é em latim mentha; a uma outra planta que tem semelhança com aquella chama-se vulgarmente hortelã pimenta; evidentemente pimenta é usada aqui por mentha, por o processo da etymologia popular.

Gil Vicente querendo ridicularisar as indulgencias diz indulgencia pernaria, como se derivasse de perna, por indulgencia plenaria, ou, segundo os habitos do antigo portuguez, prenaria.

A fórma antiga de saudade é soedade [3] em que o o assenta sobre o o latino de solitas; a troca do diphtongo oe em au, resultou de se suppôr que a palavra era connexa com saude, do latim salus.

Em hespanhol ha uma fórma correspondente ao portuguez caçapo, a qual é gazapo, cujo g provém do d latino de dasypos [4]; esse g mudou-se em portuguez em c, por se suppôr que gaçapo era derivado de caça.

Valdevinos (val, divino) é a corrupção popular do nome do heroe cavalleiresco Balduino, empregado como appellativo.

Na bocca do povo Stabat Mater muda-se em Estevão de Mattos (nome de homem), Te Deum em Thadeu (nome de homem).

Uma enfermidade dos cavallos chamada mal de Hollanda, por se julgar ter sido trazida por os cavallos hollandezes, era chamada por outros mal de Loanda; mal de Loanda parece, porém, ter sido propriamente uma doença que accommettia as gengivas dos homens que viviam em Loanda, na Africa [1].

A uma charrua introduzida pelo engenheiro Holbeche chamam os agricultores de Riba-Tejo charrua Lambeche (lamber).

O nome popular de lord Wellington, o general em chefe do exercito peninsular, era lord Valentão.

O nome d'um toureiro Pinto e Silva deu causa a chamar-se-lhe Pintasilgo.

O nome de ave latino carduelis confundiu-se em portuguez com cardeal de cardinalis.

Em mexelhão do latim mytilio ha influencia manifesta de mecher (latim miscere).

Os jogadores do voltarete dizem geralmente respondo por reponho, por isso que dizem tambem resposta por reposta.

Na Covilhã ha uma ponte a cuja entrada existe ou existiu uma imagem de S. João Baptista degolado; chamava-se-lhe a ponte de S. João martyr in collo; hoje todos lhe chamam ponte de Martim (nome proprio) Collo.

Outros exemplos são:

pelingrin	por	peregrino,	influenciando pelle,
bistorta	»	britonica,	bis e torta,
beijarello	»	bacharel,	beijo,
camapé	»	canapé,	cama,
carnerina	»	cornalina,	carneira,
almario	»	armario,	alma,
incertar	»	inectar,	incerto,
enxertar	»	»	enxertar,
canalisar	»	canonisar,	canal,
praia-mar	»	prea-mar,	praia,
choramigas	»	choraminguas,	migas,
Elvora	»	Evora,	Elvas,
estormento ant.	»	instrumento,	tormento,
vagamundo[2]	»	vagabundo,	mundo,
trespoendo *Chron. Guiné*, c. 64.	»	transpoendo,	tres.

A syllaba e ou i inicial de muitas palavras é mudada frequentes vezes em en, in pelo povo, por a suppôr a preposição in corrompida; assim

inconomia	por	economia,
insemplo	»	exemplo,
insame	»	exame,
enleger	»	eleger,

[1] Quicherat, *De la Formation française des anciens Noms de lieu*, p. 78 seg.
[2] Fuchs, *Die romanischen Sprachen*, s. 113.
[3] Suydade em D. Duarte, *Leal Cons.* c. 18.
[4] Vid. abaixo III. *Consonantismo* ℥. 6.

[1] Fr. João Pacheco, *Divertimento erudito*, III, 461. Lisboa, 1741.
[2] «Achava-se á mesa hum vagamundo destes, que chamam peregrinos.» Francisco Manoel de Mello, *Apol. Dialogaes*, p. 77.

inleição	por	eleição.
Intalia	»	Italia.
empanafora[1]	»	epanaphora.
emphemerida[2]	»	ephemeride.
enriçar[3]	»	erriçar.
ensaguão	»	exaguão.
ensaguar	»	ex-aguar.

Por semelhante processo se mudou o a do latim axungia em en na fórma enxundia.

O sentido de muitas locuções e compostos torna-se obscuro ou deturpa-se por effeito do mesmo processo: assim pancadaria de molho ou de moio por pancadaria de mouro: braço e cutello por baraço e cutello; «não se apanham trutas a barbas enxutas» por «não se apanham trutas a bragas enxutas»; escalda-favaes por escala-favaes[4]; «filho da puta» é mudado para evitar a palavra obscena em «filho da pucara»; «grande influencia de gente» por grande affluencia.

«Trazer á collecção» diz-se geralmente no sentido de allegar, mencionar um facto a proposito d'outros; mas a phrase correcta é «trazer á collação», que no sentido natural é uma phrase juridica significando trazer em commum os bens do pae e da mãe fallecidos, e ajuntal-os em monte d'onde se ha-de tirar a legitima dos bens profecticios, que com os mais pertencem ao herdeiro[5].

Vamos agora examinar outra phrase do vasto processo da etymologia popular.

No antigo portuguez havia um verbo atermetter que occorre, por exemplo na seguinte passagem: «E feze-se em aquel tempo muy gram torvamento da carreira de nosso Senhor. Ca se atermeteo huum Ourivez, que obrava de prata, e fazia templos de prata a Diana, etc.» *Act. Apost.* 19, 23 e 24. Nada mais natural á primeira vista do que olhar a fórma atermetter como proveniente de enter- ou entremetter pela mudança do e em a, seguida de syncope do n. Mas estão essas alterações d'accordo com as idiosyncracias phonicas do portuguez? Vejamos.

A mudança do e em a é vulgarissima no portuguez nas syllabas não accentuadas e frequente nas accentuadas quando se lhe segue n, principalmente no portuguez antigo. N'este, por exemplo, a fórma constante da preposição entre = latim inter é antre.

> Mentre me viss'assi andar
> Viv'antr'as gentes e falbr.
> TROVAS E CANT. n.º 88.

> E deylouse antre umas flores.
> CANC. D. DIN. p. 35.

«Para nunca creçer antre nos e ele nenhuma contenda sobressest ermyos.» *Doc. 1265,* Rib. *Dissert.* I. 286. «Antrellas he grande deferença.» *Leal Cons.* c. 5. «A nosso serviço e a vosso compria averem de ser declaradas algumas cousas contheudas nas posturas que antre nos avemos de poer.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro.* c. 2. «E os x mil caualeiros dalaraues da huma aaz da coinha que estauam folgados entrarom per antre os christaãos.» *L. Linh. III.* 187.

> Ave Reynha gloriosa
> Bendita antre as molheres.
> I. CANC. p. 237.

> sempr'o paço ir demandar
> antr'a fesmra he moa
> CANC. RES. I, 149.

Comp. os compostos de antre, como

antrecasca *Chron. Guiné,* c. 63.
antrevalo *Regra.* c. 8.
antremetimento *Ibidem.* c. 13.
antremeses *Canc. Res.* I. 186.

A mesma mudança de e em a atraz de n se observa em constranger = antigo constrenger = latim constringere. No portuguez mais antigo occorre a fórma com e:

constrenga *Regra.* c. 2.
constrenga *Doc. 1298.* Figanière. *Rainhas de Portugal,* p. 292.
constrenjudos *Doc. 1314.* Rib. *Dissert.* II. 246.

Mas no portuguez posterior predomina a fórma com a:

constrangesse *Chron. Guiné,* c. 21.
constrenjudos *Doc. 1378.* Rib. *Dissert.* I. 312.
constrangam *Ibidem,* p. 313.

jantar = latim jentare. jantar apparece já n'um *Doc. de D. Pedro I.* Rib. *Dissert.* I. 308. todavia em Gil Vicente I. 170 (ed. Hamb.) ainda se encontra jenta.

Estes factos mostram que ha no portuguez e principalmente no portuguez antigo oscillação de en para an: outros factos mostram tambem em nossa lingua oscillação de an para en: nota-se, por exemplo, esta ultima oscillação em

[1] Fr. Luiz do Monte Carmelo, *Compendio de Orthographia,* p. 577. Lisboa, 1767.

[2] *Ibidem.*

[3] *Ibidem,* p. 580.

[4] Paiva, *Enfermidades da lingua portugueza,* p. 130 offerece escala-favaes.

[5] «Em tal caso esse filho per morte de seu Padre trazerá aa collaçom com seus Irmaãos todo aquello, que assy ouve do dito seu Padre, e bem assy todalas gaanças que dos ditos beens assy dados procederom.» *Ordenações Affonsinas,* I, 105, 2. «E se o Padre morresse, durante o filho sob seu poderio, averá esse filho todos esses beens assy como seus proprios, sem os trazendo aa collaçom com seus Irmaãos em parte, ou em todo.» *Ibidem,* 4.

auentagens Sá Mir. *Egl.* 8, p. 195. (ed. 1784).
menteer *Doc. 1451.* Rib. *Dissert.* I. 325 ao lado de
mantheuda *Ibidem*, e
mantem *L. Linh. IV*, p. 230.
memfestavam-se *Act. Apost.* 19, 18 por * mamfestavam-se de
manifestavam-se, com syncope de i ao lado de
manifestaaes *J. Claro.* p. 232.
inenaçom *Act. Apost.* 28, 8, por inaniçom.

Comp. as fórmas populares adiente, amanhem, etc.

Assim pois nada ha que admirar n'uma fórma antermetter por enter-ou entre-metter, mas póde d'aquella resultar a fórma em questão, atermetter, por outras palavras, póde em portuguez n cahir atraz de t? A articulação nt não parece de modo algum repugnar á lingua portugueza, o que provam numerosas fórmas, como monte, fonte, ponte, ante, canto, espanto, amianto, tanto, pranto, encanto, mentir, sentir, serpente, mente, demente, quente, lento, quinto, quarenta, vinte, fronte, pergunto, manto, tanto. A permanencia do n aqui como atraz de todas as momentaneas, resulta talvez de elle não representar mais que a nasalisação da vogal que o precede. O que é facto é que nenhum exemplo occorre da syncope da dento-nasal atraz de t em a nossa lingua, a menos que não olhemos a palavra atermetter como tal; mas esta tem uma explicação que não permitte essa conjectura.

Emquanto nas linguas romanicas muitos compostos preposicionaes substituem os simplices latinos, tambem muitas vezes se reduzem aos simplices muitos d'esses compostos, ou provenientes do latim ou novos, ainda que o sentido dos simplices não corresponda ou seja opposto ao dos compostos: é assim que de insaluber vem o nosso salobro, de in-sania vem sanha, de im-portuno partuno (G. Vic.). Ora muitas vezes a etymologica popular, que produz essas formações, engana-se e toma por preposição o que o não é, e separando a parte d'uma palavra que julga tal, como no caso precedente, produz fórmas do genero das seguintes:

beira de ribeira (ripa), em que a primeira syllaba foi olhada como sendo a prep. re:
pasmo de espasmo (spasmus), quina de esquina, em que a primeira syllaba foi confundida com a prep. ex (pronunciada es);
namorar de enamorar, em que se julgou que a primeira syllaba era a prep. e ou em que se julgou havia dous nn, um da preposição en, outro da raiz verbal;
saguão por ensagão, que já por si é uma corrupção de exaguão de ex-aguare: n'esta fórma o s é pois tudo o que resta da preposição es (ex).

Pelo mesmo processo se explica a fórma sepolo na seguinte passagem: «Pero Monda que dizem que foi sepolo do Demo.» *L. Linh. I*, p. 160.

A fórma usual por discipulo no portuguez da edade media é dicipulo *Act. Apost.* 1, 15. 6, 2, etc., em que se tomou por a prep. di a primeira syllaba que se supprimiu, ficando assim cipolo, facilmente mudado em sepolo logo que se perdeu a idéa da etymologia. A fórma perfeita discipulo tambem podia ser aquella a que se applicou o processo, tomando-se assim a primeira syllaba dis pela prep. d'egual som. Inclinamo-nos, porém, mais á primeira explicação, já por causa da indicada fórma do antigo portuguez, já porque no romanico a preposição de, sendo independente, tem muito maior significação que a preposição não independente dis. Comp., por exemplo, as fórmas italianas sventura por desventura, scadere por descadere, etc. Discipulus é derivado do thema di-sc- por dic-sc- (em di-sc-o), por meio do suffixo -pulo por -bulo: o di separado em sepolo representa pois a raiz que é dic e se encontra completa em dic-o, in-dic-o, etc. Assim a palavra ficou reduzida aos suffixos na fórma sepolo.

Com estes dados podemos explicar a fórma atermetter. De entermetter, confundindo-se a primeira syllaba com a preposição en, fez-se * termetter, d'onde pela addição do a prosthetico a fórma em questão. Esta explicação acha ainda mais evidentes provas nas seguintes fórmas:

termentre por entremente. «E termentre com [o] el foy soterrar o padre filharom lhe aqua (acá) toda a terra de leon que elle tiinha por sua.» *Chron. Santa Cruz*, p. 29.
troluctores.

> Abonda: entrario porem
> Treze troluco tores (no auto).
> GIL VIC. OBRAS I, 130.

Ainda mais. Uma fórma tremetter apparece realmente no antigo portuguez: «mandassemos ao dito Meirinho, que se nom tremetese em feito da dita Almotaceria.» *Côrtes de Santarem de 1418.* Ms. do Archivo Nacional. «vossos sobre Juizes, e Corregedores se tremetem, e querem tremeter de conhecer de taaes feitos.» *Côrtes de 1395*, capitulos geraes (2 Janeiro). Ms. do Archivo Nacional.

Ha tambem fórmas produzidas por um outro processo de falsa etymologia que tem na maior parte dos casos um caracter semi-erudito e resulta d'uma inducção incompleta. Reconhece-se que em certas palavras se deixaram de pronunciar e se alteraram certos sons em determinadas condições, por exemplo, entre certas vogaes, ou consoantes, deante ou depois de certas consoantes e que para corrigir a pronuncia se devem introduzir ou restituir á sua fórma primitiva esses

sons: ora n'essa mania de corrigir suppõe-se que essas alterações se deram em palavras em que apenas ha os sons junto dos quaes se operaram n'outras, e fazem-se n'ellas em virtude d'isso modificações phonicas inteiramente arbitrarias. Quando, por exemplo, se observou que em nacer (*Trovas e Cant.* n.º 208), nacimento (*Chron. Guiné*, c. 1. 62.), nacença (*Chron. Santa Cruz*, p. 27), creçer (Rib. *Dissert.* I. 360), crecymento (*Chron. Guiné*, c. 62), dicipulos (*Act. Apost.* I. 15; *Regra*. c. 2), decender (*Doc. 1299*, em Figanière, *Rainhas*, p. 254. *Hist. geral*, c. 151. *Canc. Res.* I. 131), deçendimento (*Ibidem*), condecender (*Chron. Guiné*, c. 67), acensom (*Act. Apost.* I. 15), deçernir (*Canc. Res.* I. 38), conciencia (Rib. *Dissert.* I. 366; *Hist. geral*, c. 127) etc., se tinha deixado de pronunciar um s que se encontrava nas fórmas originaes latinas nasci, crescere, descendere, condescendere, ascensio, discernere, conscientia, etc. e se começou a pronunciar nascer, crescer, descendere, condescender, discernir, etc. em conformidade com esses typos, suppoz-se que n'outras palavras em que ha um c (s), se tinha tambem deixado de pronunciar um s atraz d'elle, e d'ahi resultou escrever-se e, segundo todas as probabilidades, dizer-se, por exemplo:

ascender Sá de Mir. *Egl.* 1, por accender, que vem do latim accendere;
ascenar Idem. *Cart.* 3, 58 por acenar, de aceno, composto de a e seno por sino, do latim signum;
noscivo Bluteau, *Supplemento* II, 260 por nocivo do latim nocivus;
nasção F. Man. de Mello, *Apol. Dialogos*, p. 60 por nação do latim natio.

§ 7.º MUDANÇAS DE SIGNIFICAÇÃO

Duarte Nunes de Leão notára já que um grande numero de palavras da lingua latina tinham adquirido significação diversa no portuguez.

« A corrupção de impropria & alhea significação que damos aos vocabulos comprende grande numero delles como nesta palaura ladrão que chamamos, não somente o que rouba em publico: ou no campo, mas ainda ao que furta occultamente, & que he o que os latinos chamão fur, sendo differentes delictos, & que tem differentes penas, porque a obra do ladrão publico chamamos roubo, & a do ladrão secreto, furto.

« E como na palaura chamar que vem de clamare, que tem differente significação do verbo voco vocas, porque nem todo o clamar se faz chamando, nem todo o chamar clamando.

« E como nesta palaura molher, que fazemos correlatiua de marido por aquillo que os latinos dizem vxor, sendo a palaura mulier commum a toda femea, ainda que no seja casada.

« E como nesta palaura casa, que significando propriamente na lingoa latina as choupanas, ou choças, que são as casas rusticas, chamamos casas, assi as que são grandes & reaes como as do campo.

« E como na palaura mandar pro legare, aut commendare, que tomamos impropriamente por imperare, & jubere, & por enuiar.

« E como nas palauras tio & tia, irmão de meu pai ou irmaã, que tomamos assi por os irmãos de nossos pais, como por os de nossas mais, sendo verdade que o irmão de meu pai he meu patruo, & o irmão de minha mai meu auunculo, & a tia irmã do pai amita, & a irmã da mãi, matertera, & como na palaura sobrinho que chamamos aos filhos de nossos irmãos ou irmaãs, querendo propriamente dizer primos comirmãos filhos de duas irmaãs, como patrueles filhos de dous irmaõs varoens.

« E como na palaura manco, que sendo propriamente acerca dos Latinos, o que tem aleijão nas maõs, o tomamos por o aleijado dos pees.

« E como na palaura alugar que vindo de loco locas, que quer dizer dar de aluguer, dizemos tambem alugar por tomar de aluguer, o que se hauia de dizer por outro verbo que respondesse ao verbo latino conduco, que he tomar de aluguer, porque o que daa a casa a outro por dinheiro chamasse locator, & o que a toma he conductor.

« E como na palaura emprestido pela qual assi significamos o que em latim se chama mutuum, como o que se chama commodatum sendo contractos mui differentes. Porque o mutuum he emprestido de dinheiro, ou cousas que se pesão ou medem, como trigo, vinho, azeite, que damos pera o que as recebe hauer o senhorio dellas, & as conuerter em seus vsos & tornar outro tanto dinheiro, trigo, ou azeite como o recebeo. Finalmente he o mutuum emprestido de cousas que consistem em genero, & o commodatum he emprestido de cousa que consiste em specie como he hum cauallo, ou liuro, que acabado o tempo do emprestido se ha de tornar o mesmo corpo, s. a mesma cousa. E nos por corteza da lingoa a tudo chamamos emprestar, & emprestido sendo cousas tam differentes.

« E como na palaura morada, & morar que vindo de moror raris, que quer dizer estar de uagar ou de assessego vsamos delle em lugar de habitar.

« E como na palaura postigo que querendo dizer porta detras a dizemos por a portinha, que estaa em outra porta maior, que se abre sem a grande se abrir.

« E como na palaura entremettido & entremetter, que querendo dizer deixar alguma cousa, ou afroxar, ou dar vago, dizemos polo contrario entremettido o que he solicito ou se entremette, ou occupa, em contraria significação do verbo latino intermitto.

« E como na palaura dinheiro que vindo de de-

narius, nome particular de certa moeda, que pesaua dous vinteens o vsamos por o geeral que os latinos dizem pecunia: como tambem fizemos nesta palaura maçaã, que sendo nome special de hum certo genero de pomos, que foi planta de hum Gaio Matio grande acepto a Augusto Caesar, Plinio lib. 15. cap. 29. & lib. 12. cap. 2. Porque os latinos lhe chamauão malum Matianum o tomamos por o geral de todos os daquelle genero que chamão malus, para que dizemos malus punica, malus medica, malus matrana, &c. O contrario fizemos neste nome brunho, que sendo prunum geeral de todo genero de amexas, o tomamos soomente por huma specie de amexas brauas, que trauão a que chamamos brunhos, como tambem fizemos na palaura poldro, que vindo de pollo que quer dizer todo animal nouo & pequeno, o dizemos specialmente por o cauallo nouo.

« E como na palaura louro, que sendo corrupta de luridus a um, que quer dizer cór como amarella de home morto, azulada, ou verde negra, como a dos dentes podres chamamos louro. o que os latinos dizem flauus, que he cór fermosa, & clara como a dos cabellos de cór de ouro, que chamamos louros.

« E como na palaura jantar corrupta de jentaculum latino, que quer dizer almorço, que se comia pela manhaã, per ella significamos o comer ordinario, a que os Latinos chamauão prandium & se comia na força do dia.

« E como na palaura jogo, que querendo dizer em latim sómente graça ou galantaria de palauras a confundimos na significação com a palaura ludus. E dizemos jogo de cartas, de bola, & todas as mas maneiras de jogos.

« E como nesta palaura cunhado, perque chamamos aos que nos são affijs, não se podendo chamar per ella senão os parentes do mesmo sangue.

« E como na palaura parente per que chamamos os que na verdade são cunhados em sangue. s. os tranuersaes, sendo a palaura parente que soomente comprende pai, mai, auoos, & bisauoos, & dahi pera cima aos mais ascendentes.

« E como na palaura sperar que vsamos por expectare hauendo de huma a outra muita differença, porque sperar denota aquella paixão ou affecto do animo que he spes que segundo M. Tullio he aguardar por algum bem, & o outro he aguardar, olhando por alguma cousa se vem ou não, & diz se de ex & specto as, porque quando aguardamos por alguma pessoa costumamos olhar se vem.

« E como na palaura rostro, que sendo soo das aues, & animaes o dizemos, por o dos homens que os latinos chamão face, ou vulto, como tambem na palaura perna, que sendo soo dos porcos, o dizemos por as pernas dos homeens & das molheres, a que os Latinos chamão crura.

« E como nesta palaura matar tomada impropriamente do verbo macto mactas, que he matar sacrificando.

« E como na palaura Tauerna, que especialmente dizemos por a casa em que se vende vinho, sendo nome geeral de todas as casas, em que se vendem quaesquer cousas.

« E como na palaura trazer, sendo tomada de traho, his, que quer dizer trazer per força, por la qual significamos tudo o que se leua, sem força que se explica na lingoa latina pellos verbos duco, porto, fero, gero, gesto, veho, que são differentes maneiras de trazer.

« E como na palaura vicio que querendo dizer peccado, ou mao custume, & vicioso malcostumado, dizemos campo viçoso, terra viçosa, posto que nos escuse ser metaphora, de que tambem vsão os latinos, que dizem luxuries, segetum, pecoris, aut arborum.

« E como na palaura marticola por simia que erradamente tomarão, sendo nome de outro animal mui differente. A causa deste erro foi que ouuirão dizer, que hauia hum animal que tendo semelhança com o homem no rostro, & nas orelhas, & na voz humana que imitaua para enganar homens de cuja carne he mui goloso, como tudo conta Plinio no liuro 8. capit. 21. de sua natural historia, & se chama manticora enganados por a figura dos bugios ter alguma semelhança com o corpo humano, cuidarão, que este era o mesmo animal que bugio, & assi lhe chamarão marticola por manticora, & contra razão porque aquelle animal he crudelissimo entre os mais feros, & tem outra figura, & differença dos outros animaes, como o pinta Plinio. E ja que viemos a fallar em bugios, queremos dar razão porque se chamão assi, & he que na cidade de Bugia fortaleza que os Hespanhoes tinhão em Africa, ha tantos que os moradores se não podem valer com elles, & dahi os trazem & lhe derão esse nome; que de Bugia comsigo trouxerão.

« Tambem se deu significação impropria a esta palaura paruo, que querendo dizer pequeno, chamamos assi aos que sabem pouco, ou são tontos ainda que sejão grandes. E a razão he que os Hespanhoes antigos, principalmente os Portuguezes chamauão aos moços pequenos ou meninos, paruos, segundo se vee das suas scripturas antigas, como tambem lhe chamauão os latinos como leemos cada passo nos melhores authores delles, & em M. Tullio no liuro 5. de finibus bonorum onde diz: Parui primo orti sic jacent, tamque omnino sine animo sint. E logo no mesmo lugar. Parui virtutum simulachris, quarum in se habent semina, sine doctrina mouentur. E muito mais frequentemente o leemos na sagrada scriptura, como naquelle lugar de são Matth. cap. 18. Nisi conuersi fueritis sicut paruuli. &c.

« E como os desasisados a que os latinos chamão fatuos, ou dementes, são no entendimento, & nas palauras como os meninos chamarãolhe paruos. O que

se ve da palaura menino superlatiuo de paruus, de que formarão duas palauras differentes na forma, sendo ambas de um mesmo significado. Porque aos dedos mais pequenos chamamos meiminhos, & aos moços mais pequenos meninos, hauendo os dedos & os moços de chamarse per hum mesmo nome minimos.

«Outra corrupção e impropriedade ha na palaura mancebo, que vindo de mancipium, que quer dizer escrauo, chamamos assi ao moço que nos serue ainda que seja liure. Donde viemos tambem chamar mancebo ao homem que he de pouca idade, & manceba aa molher moça, e dahi manceba aa molher, que he amiga de algum, de deshonesta amizade, porque por a maior parte he vicio da mocidade: & dahi dizemos amancebados os que estão em conuersação deshonesta, & mancebia ao lupanar em que as maas molheres estão. E tanto veo a extenderse o começo errado, ou corrupção desta palaura, que como os latinos chamão puer ao moço de seruiço: porque para aquelle ministerio se buscão moços, & não velhos, assi cuidarão os barbaros que podião vsar de mancipium por moço, sendo cousa mui differente. Porque puer denota idade, & mancipium stado da pessoa captiua, perque se não podia significar moço, nem velho. Pola mesma razão como por o criado tomarão o nome de moço, que he puer, vierão chamar senhor, que he o mesmo que senior, ao patrão da casa: a que mais propriamente chamariamos dono, que he mais propinquo de Domino. Porque como aos mais anciãos se deue mais honra ao patrono, & principal da casa começarão chamar senhor muitas gentes, a que este vocabulo ficou commum, como os Romanos chamauão Patres aos maiores, & aos gouernadores das cidades. Tal foi a extensão da palaura barregão, que os antigos chamauão ao homem, ou molher que estão no vigor de sua idade, que hora chamamos aos que estão em amizade desonesta, a que chamarão barreguice.

«Outra tal foi a corrupção da palaura, puta, que sendo vocabulo honestissimo que quer dizer moça purissima, & limpa por encobrir a fealdade do vocabulo de meretriz, ou outro tam feo, vierão a infamar aquelle nome, chamando puta a molher que estaa posta ao ganho, & putaria o lugar onde ganha [1].»

Poder-se-hia escrever um grosso volume só sobre as mudanças de significação das palavras latinas na lingua portugueza.

D'um lado perdas, d'outro innovações, umas e outras ás vezes considerabilissimas, offerecem n'esta parte rica materia não só á observação glottica, mas ainda á observação psychologica e historica. Não podemos apresentar aqui mais do que uma pequena mostra de tão vasto campo.

Admorsus perdeu o sentido de mordedura e apresenta-se em portuguez, na fórma almoço (hespanhol almuerso), com o sentido do latim jentaculum. O d mudou-se n'esta palavra em l como em Alfonsus por Adfonsus, nalga por nadega, julgar do latim judicare, etc. Em quanto á significação, temos parallelos no antigo alto allemão inbiz, que significava refectio, prandium e provinha de biz morsus, do thema de bizan mordere, comedere [1], e no latim cena (não coena, que é uma orthographia erronea). Cena, d'onde portuguez ceia, está por cesna [2]; cesna provém d'uma fórma perdida ced-na, da raiz indogermanica skad, que em sanskrito se apresenta na fórma khad, khâd, significando edere, vorare [3].

Afferre (aferir) perdeu os sentidos que tinha no latim de levar contra, a, dar, occasionar, referir, contar, allegar, etc. e tomou o sentido muito especial de conferir pelos padrões as medidas, de levar contra os padrões as medidas para vêr se ellas se ajustam a elles.

Affligere (affligir) perdeu o sentido fundamental de bater contra, quebrar, para conservar apenas o figurado de atormentar, causar dôr, opprimir, molestar, perdendo tambem n'este caso os de abaixar, abater, destruir.

Alveus (alveo) conserva-se apenas no sentido de leito do rio, tendo perdido os sentidos de canal, bacia, banheira, barco, cavidade, interior d'uma cousa, mesa de jogar, taboleiro do gamão (?), jogo do xadrez, cortiço d'abelhas, enxame. O derivado alveolo encontra-se em portuguez designando as cellulas dos favos de mel.

Attendere (attender) perde o sentido fundamental de tender para e o especial de extender a orelha para ouvir, conservando apenas os figurados de dar attenção, estar attento, applicar-se, cuidar de, e apresentando no antigo portuguez o novo de esperar. Foi por um processo semelhante que de guardar, vigiar por, estar attento a, attender (comp. ant. esguardar) se passou ao sentido de esperar em aguardar.

Apŏtheca foi usado em latim para designar um logar em que se guardavam provisões, um celleiro, uma adega: em portuguez adquiriu o sentido de casa pequena, como já vimos, na fórma botica, que hoje designa uma loja ou estabelecimento pharmaceutico, e o de taberna volante, taberna pequena e immunda, na fórma bodega.

Arista (aresta) designava em latim a barba, a ponta da espiga, a espiga, figuradamente o estio, o anno, um pêlo do corpo, espinha do peixe, etc.: em

[1] *Origem da lingoa portuguesa*, c. 7.

[1] Graff, *Althochdeutscher Sprachschatz* III, 231, 228.

[2] «Cesnis pomis ut Casmenas dicebant pro Camenis et cesnas pro cenas.» Fest. p. 205.

[3] Comp.: «Scensas Sabini dicebant quas nunc cenas.» Fest. p. 339. Lindemann conjecturou que a verdadeira lição é scesnas e não scensas, o que a fórma latina torna evidente. Corssen, *Kritische Beiträge zur lateinischen Formenlehre* p. 155.

portuguez significa mui raramente a pragana do trigo, e emprega-se usualmente para designar a alimpadura que se tira do linho além da estopa, uma ponta aguda, e, como termo de geometria, a linha d'intersecção dos dous planos que formam um angulo diedro, etc.

Bajulare (bajular) significava em latim levar a braços, levar ás costas, fazer carretos; em portuguez significa abaixar-se o mais possivel para com uma pessoa que se quer adular, como querel-a levar ás costas. Evidentemente bajoujo, amante que se presta a todos os caprichos da amante (d'ahi o sentido de tolo, etc.) deriva d'um verbo bajoujar, outra fórma de bajular em que o l foi mudado em j exactamente como em joio do latim lolium.

Bassus (baixo), que significava em latim gordo tem em portuguez os sentidos de — que tem pouca altura (um homem baixo, uma casa baixa), profundo, e os figurados de humilde, rasteiro, vil, abjecto, etc.

Bullire (bolir) perde os sentidos de ferver (fervere), nadar ao cima da agua agitada e o figurado de estar muito indignado e adquire o sentido de executar um movimento, intrometter-se, contender com alguem, tocar n'alguma cousa e os sentidos activos de pôr em movimento, agitar.

Burdo (bordão) designava em latim o hybrido resultante da copula d'um cavallo com uma burra; em portuguez significa propriamente o páo a que se arrima o peregrino. Como se passou d'um sentido ao outro? Ducange pensava que, como os peregrinos iam muitas vezes a cavallo em burros ou machos, o nome do animal tenha sido applicado tambem ao páo comprido que elles levavam; outros suppõem que o páo tenha sido assemelhado ao macho [1]. Se houvesse duvida sobre esta mudança de sentido, dissipar-se-hia facilmente adduzindo o facto parallelo de muleta, derivado de mula (comp. francez mulet), designar o páo com uma travessa em cima a que se encostam as pessoas que coxeam.

Burrus (burro) significava em latim propriamente ruivo, vermelho (do grego pyrrhós); encontra-se tambem significando vacca de cabeça ruiva, e o derivado burricus designando já um pequeno cavallo; burrus designou depois tambem o asinus ruivo, e por fim adquiriu a significação geral de asinus, que tem em portuguez. Na fórma borro designa n'esta lingua a mesma palavra o macho da especie ovelhum d'um anno aos dous.

Caecare significava em latim privar da vista, e figuradamente deslumbrar, obscurecer. Em portuguez conserva aquelles sentidos e adquiriu os de atupir, entupir, cerrar, obstruir. Em latim encontra-se já occaecare no sentido de encher, entupir (um fosso). Em francez aveugler cegar significa tambem em termos de nautica boucher, entupir, calafetar [1]. No allemão blenden cegar, de blind cego, significa tambem fechar (um poço).

Capere (caber) apparece sómente no antigo portuguez com a significação fundamental de tomar [2]; perdeu todas as outras que tinha em latim e adquiriu as novas significações neutras de ser comprendido (tomado), contido, poder ser contido, introduzido n'um certo espaço; cair em quinhão, pertencer; ser vez, vir por seu turno; ter privança.

Capitalis já em latim tinha perdido o sentido fundamental de — que pertence ou diz respeito á cabeça, e adquirido os sentidos figurados de 1) em que é negocio de vida; 2) que leva á morte; 3) que busca destruir; encarniçado; scelerado; 4) fatal, pernicioso; 5) engenhoso. A palavra conserva em portuguez unicamente o segundo e o terceiro d'estes sentidos na sua fórma capital (pena capital; inimigo capital) e adquiriu outros novos. N'essa mesma fórma significa principal, essencial; d'ahi substantivadamente a capital, a cidade principal d'um paiz ou provincia; o capital o principal d'uma divida, renda, etc. Na fórma cabedal, empregada tambem como substantivo, apresenta um rico desenvolvimento de significações: 1) os fundos em opposição ás rendas, juro, fructo; 2) generos que constituem o objecto d'um commercio; 3) material para fazer uma obra e d'ahi, por particularisação, coiro com que os sapateiros fazem calçado; 4) força, actividade que se emprega para fazer uma obra; 5) os bens que se possuem e com que se podem affrontar as necessidades da vida; 6) materiaes, gente necessaria para fazer guerra; 7) a quantidade de agua de um rio, regato, ribeiro, e d'ahi o sentido de — que tem aguas copiosas, fallando d'um rio, com que a palavra se nos offerece nas suas fórmas cabedal e caudal; 8) o gráo em que se possue uma qualidade, um dote; 9) o apreço em que se tem uma pessoa ou cousa; e outros sentidos subordinados a estes principaes. Caudal emprega-se tambem, como adjectivo, no sentido de real, fallando da aguia.

Capitulum perdeu a significação fundamental de pequena cabeça e todas as secundarias, excepto a de divisão de uma obra, d'um livro, d'um tractado que conserva em portuguez na fórma capitulo. Em compensação a palavra adquiriu muitas significações novas. Na mesma fórma significa condição estabelecida n'um artigo d'escriptura, contracto, artigo de accusação, e, depois de ter na edade media designado uma curta lição (leitura d'um capitulo da Biblia) feita no officio divino, chegou a designar o logar em que essa lição era feita estando os religiosos reunidos e por fim a assembleia, o corpo dos religiosos e um dignitario das cathedraes. Na fórma cabido designa o corpo

[1] Littré, *Dictionnaire de la langue française*, s. v. *Bourdon* 1.

[1] Vid. Littré, *Dictionnaire*, s. v.

[2] Viterbo, *Elucidario*, s. v. *Caber*.

dos conegos d'uma cathedral, e na fórma *cabide* é o nome de um braço de madeira fixo na parede para suspender roupa e de outros moveis mais complicados para o mesmo fim. Esta significação filia-se nas que a palavra tinha já em latim de annel de madeira, que servia para suspender um quadro de madeira, e de trave transversal da catapulta. Como adjectivo, *capitulo* e a fórma parallela *cabidolo* significa maiusculo, fallando dos caracteres da escripta, das lettras.

Charta (*carta*) significava em latim papel, escripto, livro, folha; em portuguez significa o mesmo que o latim *litterae* e *epistola*.

Circinare (*cercear*) significava em latim arredondar, formar em circulo, traçar um circulo, cortar em redondo no coração d'uma arvore; em portuguez significa cortar em roda (*cercear a moeda*); d'ahi se desenvolveram as significações 1) aparar; 2) cortar pela raiz; 3) roubar parte d'uma cousa. De *cercear* derivou-se o adj. *cerceo* cortado pela raiz, o adv. *cerce*, pela raiz, rente e o subs. *cerceio* acção de cercear. *Circinare* deriva de *circinus* circulo, compasso. Temos tambem esta ultima palavra, não porém nas accepções que tinha em latim, na fórma *cerne*, que segundo todas as probabilidades foi introduzida do francez. N'esta ultima lingua *cerne* significa circulo que rodea uma cousa, e designa particularmente os circulos concentricos que formam a parte linhosa da madeira; é n'esta accepção que temos a palavra, e d'ella se desenvolveu a de resina contida na madeira, principalmente do pinheiro.

Commissio (*commissão*) significava em latim 1) juntura, união; 2) acção de começar; fallando de jogos, representações (representação theatral; 3) obra composta para os jogos; 4) acção de commetter uma falta; 5) attaque, luta. Em portuguez apparece nos sentidos de 1) acção de commetter, propôr; 2) encargo que se dá a alguem de fazer uma cousa; 3) reunião de pessoas encarregadas de preparar um projecto, uma decisão, examinar um objecto, realisar um trabalho scientifico; 4) poder dado a algumas pessoas durante um certo tempo para exercerem cargos, ou decidirem, julgarem em casos excepcionaes; 5) acto pelo qual é conferida a alguem a faculdade de negociar em nome d'outrem; 6) acção de um negociante mandar comprar ou vender mercadorias por sua conta a outros negociantes fóra do logar onde reside; 7) especie de commercio que consiste em comprar ou vender mercadorias por conta e risco de terceiro; 8) o que o encarregado d'esse commercio ganha.

Complere (*comprir*) no sentido fundamental foi substituido por *implere* encher; no sentido d'este, mas figuradamente, apparece só no antigo portuguez (vid. p. xx, col. 2); conserva os sentidos de completar e de acabar, realisar. Novo é o emprego do verbo como neutro no sentido de ser util, conveniente, ser do dever de.

Costa em latim significava costella, e no sentido figurado lado, flanco. Em portuguez no plural significa tergum (perdido), dorsum e por extensão a parte anterior d'um objecto; no singular significa clivus, littus, ora maritima.

Cubitus perdeu a sua accepção fundamental em que foi substituido pelo derivado * *cubitellum* que devia dar *covedello*, ou *covotello* mas que, por uma troca de syllabas pouco usual, deu *cotovello*; conserva o sentido de medida de comprimento na fórma *covado* e adquiriu o novo de braço mutilado até ao cotovello, e em geral braço mutilado, d'onde por analogia o sentido de vela que já ardeu em parte, na fórma *coto*, resultante da syncope do b seguida de contracção das vogaes.

Currus em latim significava carro; n'um sentido especial charrua de rodas e carro do triumpho e, figuradamente, triumpho, victoria digna de triumpho; por extensão navio, os cavallos que puxam os carros. Em portuguez *curro*, palavra que falta em todos os diccionarios da lingua, designa o logar d'uma praça de touros em que estes se mettem e d'onde saem para a luta. É a mesma palavra que a latina *currus*? Cremos que do latim *currus* se derivou um substantivo *currale* significando logar, casa em que se arrecadam carros, em que se mettem os cavallos que puxam ao carro, d'onde o portuguez **curral** designando por extensão todo o logar, casa, em que se recolhe o gado, aprisco, stabulum. De **curral** por um processo frequente derivou-se *curro*, como primitivo com a sua accepção especial. Assim pois *carro* não vem directamente de *curro*: representa-o apenas por meio do intermedio *curral*.

Damnare (*damnar*, *danar*) era empregado ainda no antigo portuguez no sentido latino de condemnar, que perdeu assim como o de censurar, sendo usado nos não latinos de causar damno, damnificar, corromper, contaminar. Na fórma reflexa (*damnar-se*) tem as significações novas de corromper-se, deteriorar-se, enraivecer-se, tornar-se raivoso, hydrophobo (venire rabies).

Datus (*dado*), part. pass. de *dare*, no sentido de lançado é usado em portuguez (e nas outras linguas romanicas) substantivamente e substitue *tessera*, *talus* (conservado n'outro sentido), *taxillus*. A idéa fundamental de *lançado* perdeu-se n'elle, como era natural, completamente.

Fatum (*fado*) perdeu todos os sentidos que tinha em latim excepto o de sorte; em compensação adquiriu outros novos. *Fado* significa a vida da prostituta (da moça do *fado*, *fadista*); as cantigas populares que sobretudo cantam as prostitutas e os seus amantes (os *fadistas*); a musica d'essas cantigas, e as danças dançadas ao som d'essa musica. Em latim *fata* (plur.) designava as Parcas, do mesmo modo que em grego *Moirai* as Parcas deriva de *móros* a

sorte. É de fata n'esta accepção que vem o portuguez fada, como folha, arma etc. do plural folia, arma, etc. [1].

Faux perdeu em portuguez os sentidos latinos de pharynge (fauces n'este sentido é apenas uma expressão poetica), canal, conducto; garganta, passagem estreita, fonte (d'um rio), e emprega-se na fórma foz apenas no sentido especial de entrada d'um rio no mar (ostium, os).

Feriae conserva na fórma ferias o sentido latino, e adquiriu o de mercado que se faz em dias determinados, periodicamente, sentido em que substituiu o equivalente perdido latino nundinae [2], na fórma feira, que precedida dos numeraes segunda, terça, quarta, quinta, sexta serve tambem em portuguez para designar os dias da semana chamados pelos romanos dies Lunae, dies Martis, dies Mercurii, dies Jovis, dies Veneris. As outras linguas romanicas conservaram para esses dias denominações pagãs:

hesp. lunes, marte-s, miercole-s, jueve-s, em que o s final é tudo o que resta de dies;
franc. lun-di, mar-di, mercre-di, jeu-di, vendre-di;
prov. lus luns di-luns, mars di-mars, mercres di-mercres, jous di-jous, venres vendre di-venres;
catal. di-luns, di-mars, di-meeres, di-jous, di-venres;
ital. lune-di, marte-di, mercole-di, giove-di, vener-dí.
valach. luni, marti, miercuri, joi, vineri (se. dies) [3].

Estas denominações pagãs foram condemnadas pela egreja, mas só Portugal acceitou a substituição, ordenada pelo papa S. Silvestre, do latim feria a essas denominações. Este facto linguistico revela até que ponto Portugal foi dominado pelo catholicismo; até que ponto a corrente popular n'elle foi desviada do seu curso natural por este terrivel aniquilador das forças humanas. Em portuguez, como nas outras linguas romanicas, o pagão dies solis foi substituido por domingo (dies dominica), e dies Saturni por o judaico sabbatum (sabado).

Finitus conserva em portuguez na fórma finito substantivada o sentido de limitado, que tem limites; na fórma findo o de acabado; perdeu o sentido de determinado, e adquiriu o de delgado, em que substituiu tenuis (renovado pela erudição) e exilis, na fórma fino. Da accepção de delicado, subtil, passou-se n'esta fórma aos sentidos figurados de perspicaz, astuto, sagaz.

Fluctus (frota) que em latim significava propriamente onda, e no sentido figurado agitação, perturbação, tumulto, etc. apparece em portuguez apenas com a significação nova de cafila, reunião de um certo numero de navios. «Flote, no antigo francez, assim como as palavras congeneres das linguas romanicas significa multidão, e vem por mudança de genero (encontra-se tambem em italiano no masculino, fiotto, frotto), do latim fluctus, onda, tomado metaphoricamente por abundancia. O antigo francez não se servia d'essa palavra para significar uma reunião de navios, mas de estoire. Disse-se flotte de nefs como flotte de gens. Mas as linguas germanicas tem uma palavra que significa reunião de navios: hollandez vloot; sueco flotta; anglo-saxão flict; inglez fleet. Esta palavra forneceu flete directamente; e em todos os casos, como observa Diez, as palavras germanicas operaram sobre flotte, multidão, para determinar n'ella o sentido de reunião de navios [1].»

Focus (fogo) perdeu as significações fundamentaes e especiaes de lar, cheminé, chamma do lar, para conservar o sentido geral do perdido ignis em que só foi usado em latim por alguns auctores da decadencia. Na fórma erudita foco é usado na linguagem scientifica para designar ponto de convergencia de raios luminosos, dos sons, do calorico, d'onde passou para a linguagem geral com o sentido de ponto de reunião, de concentração, ponto d'onde alguma sae espalhando-se (um foco de sciencia; um foco de devassidão; um foco d'infecção).

Infans (infante) significava etymologicamente em latim que não falla, mudo; d'ahi os sentidos de — que não tem talento oratorio; creança; que tem pouca edade; pequeno, recente. No sentido de creança, recem-nascido, apparece a palavra no portuguez, mas só na linguagem litteraria; o seu verdadeiro e novo uso é na significação de filho do rei, irmão do herdeiro da coróa.

Ingenium (engenho) perdeu os seus sentidos fundamentaes de natureza, modo de ser caracteristico d'uma cousa, e o immediatamente filiado de caracter, natural (do homem, em que foi substituido pelo simples genium), conservando as de intelligencia, faculdade inventiva, astucia, agudeza, etc., e adquiriu o de machina, mechanismo.

Insertare (enxertar) que em latim se encontra só com o sentido geral de introduzir, perde-o e usa-se em todos os de inserere, excepto no de semear, plantar. Inserere (inserir) ao contrario, é usado no sentido de introduzir, implantar.

[1] Sobre a origem das fadas vid. Alfred Maury, *Les Fées du moyen âge* (Paris, 1843) e particularmente pp. 23-26.

[2] «Nundinae feriarum diem voluerunt esse antiqui, quo rustici vendendi, mercandi que causa in urbem convenirent.» Fest.

[3] Tambem os povos germanicos conservam as suas antigas denominações pagãs dos dias da semana. Vid. a collecção em J. Grimm, *Deutsche Mythologie* s. 112-115.

[1] Littré, *Dictionnaire*, s. v. *Flotte* 1.

Jumentum (jumento) significava besta de carga em geral, e figuradamente carro, ou outro meio de transporte. Em portuguez usa-se apenas como synonymo de asno (asinus).

Lactuca significava em latim a planta que chamamos alface (do arabe alkhass), a lactuca sativa de Linneu: em portuguez leituga, que provém d'aquella palavra, designa uma outra planta, a tolpis barbata de Linneu.

Major conserva na sua fórma maior as accepções latinas; na fórma major (substant.) introduzida evidentemente do francez, que não é mais que a latina afrancezada e tem por tanto uma origem erudita, designa o official superior militar encarregado da contabilidade d'um regimento, etc.

Mercenarius apparece em portuguez com a sua accepção latina na fórma litteraria mercenario. Em latim era tambem empregada a palavra substantivamente significando um operario assalariado, significação que em portuguez se particularisou na fórma marceneiro designando o artifice que faz obras em madeira mais delicadas que as do carpinteiro, polidas e com ornatos. D'um thema merceanus parece derivar marçano, que primeiro designava um caixeiro ganhando ordenado, e depois veiu a designar o empregado d'uma loja de commercio que ainda não ganha salario.

Merces (mercê) só é empregado no sentido latino de salario, ordenado, recompensa no antigo portuguez; perdeu os de pena, castigo, prejuizo, damno; renda, proventos, e adquiriu os de graça, dom gratuito; discrição. A palavra mercê é tambem empregada em portuguez como tractamento que se dá ás pessoas que se não tractam por senhoria ou excellencia, e n'esse uso corrompeu-se em ligação com vossa em -mecê (vosse-mecê), e por fim vosse-mecê contrahiu-se ainda em você (comp. Foz-dão por Foz-do-Dão, cacete do francez casse-tête, etc.). Como é que a palavra chegou a ter esse uso singular? Antigamente mercê era tractamento dado ao rei, que fallando de si dizia nossa mercê [1] pois valia tanto; como graça (vossa graça, sua graça) e outros tractamentos semelhantes; depois começou a generalisar-se o tractamento, até por fim ser supplantado por outros mais modernos e ficar apenas para os homens do povo.

Mytilus, que em latim significava o mexelhão (n'este sentido deriva d'elle o portuguez mexelhão), concha, em italiano, mudando-se tl (por til) em cchi como em vecchio de vetulus, secchia de situla e o m em n, como no francez nappe de mappa, néfle de mespilum, e no portuguez antigo nembro de membro, nembrar do latim memorare, etc., adquiriu a fórma nicchio significando concha e tem na fórma feminina nicchia o sentido de cavidade n'uma parede para metter uma estatua, o que resultou sem duvida do facto de muitas vezes haver na parede, junto da base d'essas cavidades em que se mettem estatuas uma parte saliente em fórma de concha. A palavra portugueza nicho virá da fórma italiana, directamente ou por intermedio da franceza, ou directamente da latina? Contra esta ultima conjectura depõem as fórmas selha de situla e velho de vetulus em que a articulação tl se mudou em lh; é verdade que em mexelhão (mechelhão), acha-se todavia essa articulação representada por ch; mas n'esta fórma, como já observámos, ha influencia de mexer.

Pacare (pagar) perdeu os sentidos latinos de applacar, vencer, domar, cultivar, desbravar, etc., e adquiriu os de solvere, satisfacere, porque o pagamento pacifica o credor. No antigo francez payer era ainda empregado no sentido, que tambem perdeu, de pacificar. Na fórma reflexa, pagar-se significava no portuguez antigo ser satisfeito, contentar-, agradar-se (vid. p. XXI, col. 2).

Paganus (pagão) perdeu o sentido que tinha em latim de aldeão, habitante d'um pagus, paisano e conserva-se apenas com o sentido de gentio, adorador das divindades do polytheismo, com o qual já apparece em S. Jeronymo e Tertulliano.

Palpare conserva na fórma palpar o sentido fundamental latino, tendo perdido os de acariciar, buscar obter lisonjeando, e ganhou o de examinar como que palpando (palpar, apalpar a consciencia a alguem). Na fórma poupar adquiriu a palavra as significações do latim parcere, que substitue. Em hespanhol popar significa acariciar.

Picare (pegar), que significava unicamente em latim collar com pez, untar, tapar com pez, brear, adquiriu o sentido geral de agglutinare, conglutinare, no uso neutro o de cohærere, e figuradamente os de tomar, agarrar, etc.

Pigmentum significava em latim côr para pintar, e no plural drogas em geral, etc.; em portuguez esse plural deu pimenta como os pluraes arma, folia etc. deram arma, folha, etc.; mas aquella palavra não conserva nenhuma das significações latinas e adquiriu a do latim piper que substitue. Uma fórma pigmento, usada na terminologia scientifica designa a materia colorante da pelle.

Plicare perdeu o sentido que tinha em latim de dobrar e adquiriu na fórma chegar os de 1) applicar uma cousa contra outra; 2) approximar, mover para perto, fazer estar perto; 3) induzir, obrigar, levar a; 4) citar (antiquado); 5) como neutro, ir dar ao ponto, ao logar a que se queria ir; 6) abordar; 7) vir; 8) subir até, alcançar; 9) montar, ascender; 10) tocar com a mão ou outra parte do corpo; 11) egualar-se; 12) ser

[1] «E os Juizes, que esto nom notificarem aa nossa mercee em o dito tempo, mandamos, que paguem cincoenta coroas pera a arca da piedade por cada vez que o leixarem de notificar, e fazer saber a nós.» *Ord. Aff.* 2, 22, 22.

sufficiente, bastar; 13) deixar-se levar por um sentimento a ponto de...; 13) ter copula carnal; 14) dar pancada. Na fórma pregar tem o sentido de clavo figere, etc.

Potio perdeu as significações de acção de beber e bebida, em geral, e tem apenas a de bebida medicinal na fórma erudita poção, e da de bebida envenenada, que já tinha em latim, passou á geral de veneno na fórma peçonha.

Rapum (rabo) em latim significava cenoura; em portuguez significa cauda, sem duvida pela analogia d'uma cauda d'animal com uma cenoura. Em allemão schwanzrübe, que significa a parte mais grossa do rabo, é composto de schwanz rabo, e rübe rapum, raphanus.

Senior perdeu a significação de mais velho e adquiriu a de dominus, na fórma senhor. A fórma senior usada em portuguez para distinguir o pae do filho do mesmo nome é d'origem puramente erudita e tem apenas esse uso restricto.

Serra designava em latim o mesmo instrumento cortante que em portuguez; perdeu n'esta lingua todos os outros sentidos e adquiriu o novo de monte, de penedia, com cumes agudos, evidentemente por a analogia que tem com uma serra. Comp. Monserrate.

Striga (estriga) significava em latim porção separada e posta em ordem d'uma cousa; linha, sulco; etc. Em portuguez perdeu essas significações e adquiriu a nova, que se filia na primeira, de porção de linho que se põe d'uma vez na roca, porção de linho preparado.

Talentum em latim apparece significando barra, peso d'uma materia preciosa; o peso de 120 libras, etc.; mas encontramos os sentidos de balança e peso no grego tálanton, d'onde provém a palavra latina. D'aquelles sentidos se desenvolveram os de inclinação, tendencia, vocação, vontade. No antigo portuguez «a seu talante» significava á sua vontade, segundo o seu bel-prazer, a seu agrado, depois talentum passou a significar engenho, genio, talvez, segundo suppõe Diez, por influencia da Parabola dos Talentos.

Thema na fórma thema, d'uso principalmente litterario conserva as significações latinas; na fórma teima, adquiriu o sentido de pertinacia, obstinação, em defender uma proposição, um thema, e obstinação em geral. Em hespanhol a fórma tema tambem tem este sentido. Comp. o italiano prova no sentido de disputa.

Trahere (traer, trager, trazer) que em latim significava arrastar, puxar, etc., perdeu todas essas significações e adquiriu o sentido especial de conduzir d'um logar para outro menos afastado do que o primeiro de quem falla, assim opposto ao de levar, que é conduzir d'um logar para outro mais afastado que o primeiro de quem falla. Trazer significa tambem ter em si, sobre si usualmente, etc.

§ 8.º PALAVRAS LATINAS PERDIDAS

A alteração phonica, a mudança de significação não só dão ás palavras feições novas, concorrendo assim para as variações lexicologicas, mas trazem ainda comsigo outras consequencias de grande importancia n'essas variações: é que ellas fazem desapparecer muitas palavras. Vejamos como.

1. Succede muitas vezes que em virtude da alteração phonica duas palavras, primeiramente distinctas, nos sons cheguem a confundir-se n'elles completamente, a serem homonymas. Taes são

1. appreçar, do latim appretiare e
2. apressar, de aprestar, mudando-se a articulação st em ss, como em moço (mosso) do latim mustus; aprestar deriva de presto (em italiano apressado, apressadamente), do latim praestus;
1. aterrar, de terra e
2. aterrar, do latim terrere;
1. celada, por salada de sal,
2. celada, por cilada e
3. celada, do latim caelata;
1. celha, do latim cilium (plur. cilia) e
2. celha ou selha, do latim situla;
1. cento, ant. part. de cingir, do latim cinctus e
2. cento, do latim centum;
1. cobra, ant. por copla[1], do latim copula e
2. cobra, do latim coluber;
1. conto, do latim contus e
2. conto, do latim computum;
1. gozo, do latim gaudium e
2. gozo, especie de cão, do nome de tribu gauleza Egusii, com que os antigos designavam uma especie de cães originarios das Gallias (egoysiai kynes Arr. *Cyn.* 3, 4);
1. incerto, do latim incertus e
2. inserto, do latim insertus;
1. morena ou murena, do latim muraena e
2. morena por mourena, de moura; litteralmente — que tem côr de moura[2].

Ora, comquanto todas as linguas possuam homo-

[1] Senhor coudel meor, cuidais,
per fazerdes muytas cobras,
com mil graças que falays,
que nos encalameays
outras verdadeyras obras.
CANC. RES. I, 38.

[2] Na lingua portugueza ha muito raramente homonymia entre substantivo e substantivo ou adjectivo, adjectivo e adjectivo, verbo e verbo; não tão rara é a homonymia entre verbo e substantivo ou adjectivo; mas em geral a lingua busca distinguir estes homonymos pela differente pronuncia das vogaes: assim tômo substant. com o accentuado fechado e tomo verb. com o accentuado aberto. O *Diccionario da maior parte dos termos homonymos, e equivocos da Lingua portugueza*, por Antonio Maria do Couto, Lisboa, 1812, in-folio, é um trabalho incompleto, como o seu titulo já annuncia, e além d'isso sem direcção scientifica.

nymos, é certo que ha n'ellas uma tendencia caracterisada para os evitar que nos é revelada pelos seguintes factos:

a) uma palavra scinde-se, como já vimos, em duas e mais fórmas differentes, por causa das suas significações diversas:

b) uma palavra que devia em regra ser alterada phonicamente segundo uma certa direcção, deixa de o ser, ou é alterada n'esta direcção para evitar a homonymia: é assim que as fórmas latinas cooperio, foro, nocco que em regra deviam dar em portuguez[1] cobro, foro, nozo ou noço se mudaram em cubro, furo, nuzo, nusso (antigo), para evitar a homonymia com cóbro de cuperio (no latim recuperio), a-foro de foro, do latim forum[2]; foi assim que de populus se fez povo e de pôpulus chopo, e em italiano de mâlus subst. melo e de malus adj. malo;

c) muitas vezes um dos homonymos desapparece deante do outro. É essa a causa do desapparecimento de muitas palavras latinas. Assim morreram no campo da nossa lingua as palavras latinas

aequus que devia dar eguo, deante de equus (propriamente só o feminino egua);
ager, que devia dar agro (apparece só no antigo portuguez e como nome de logar), deante de acer (agro);
fidis, que devia dar fé, deante de fides (fé);
habena, que devia dar haveia, deante de avena (aveia);
matula, que devia dar malha, deante de macula malha;
palla, que devia dar pá ou palha, deante de pala (pá), ou de palea (palha);
mas maris varão, que devia dar mar, deante de mare (mar);
bellum subst., deante de bellus adj. (bello);
meles, que devia dar mel, deante de mel;
plaga região, que devia dar praga ou chaga, deante de plâga (praga, chaga);
puer(um), que devia dar puro, deante de purus (puro);
sera tranca, fecho de porta, e sêra tarde, deante de cera, com que se confundiriam na pronuncia;
secula, que daria selha, como apicula deu abelha, deante de situla (celha, selha);
caelare, que daria cear, como vigilare deu vigiar, deante de cenare (cear);
calere, que daria caer, cair, como solere deu soer, deante de cadere (cair);
jacere lançar, deante de jacêre (jazer);
metere ceifar, que daria meter, deante de mittere (metter);
mederi medicar, deante de metiri (medir);
mungere assoar-se, deante de mulgere (mungir);
rigere enrigecer, deante de reger (regere);
pôtare beber, que daria podar, deante de putare (podar);
cāra, nome de planta, deante de cara face, rosto;
caedere que devia dar ceder, deante de cedere (ceder);
parêre obedecer, deante de parere (parir);
queri queixar-se, deante de quaerere (querer).

A alteração phonica reduzindo ainda a menores dimensões algumas palavras latinas de pouco corpo contribuiu para as fazer desapparecer. « Uma lingua que tem por lei fundamental repellir certas consoantes finaes, como m ou s e assim produzir na fórma ainda maior lesão, devia tractar de se desembaraçar de palavras muito curtas ou tambem muito pouco sonoras. O que pois haveria que fazer com unisyllabos (para usar aqui a fórma do accusativo como typica) como rem, spem, vim, com fas, vas, aes, os, jus, rus? O que fazer com bisyllabos sem consoante no meio, como reum, diem, gruem, luem, struem, suem? E todavia conservam-se algumas d'ellas, como rem no antigo hespanhol e francez[1], spem em italiano, vas geralmente por causa da sua fórma vasum, reus em italiano[2], dies na maior

[1] Vid. o cap. IV, § 1.

[2] Outros exemplos d'este phenomeno occorrerão no seguimento.

[1] Rem encontra-se tambem no antigo portuguez; o facto d'elle, contra a regra, conservar o m do accusativo latino, é um grande argumento para esta questão.

> Ca ben creede que outro prazer
> Nunca veram estes olhos meos,
> Senon se mi vós fizessedes ben,
> O que nunca será per nulla ren.
> CANC. D. DINIZ, p. 51.
>
> . . . . . Pero são certão,
> Que me queredes peyor d'outra ren,
> Pero, senhor, quero vos en tal ben.
> IBIDEM, p. 52.
>
> Que me non podedes por ren
> Tolher prazer, nen hum ben,
> Poys end'eu nada nô ouv'en
> Desque vos vi, non vi senon mal.
> IBIDEM, p. 91.
>
> E eu tal Señor foy enprender
> A que non ouso dizer ren
> De quanto mal me faz aver,
> Que me senpre por ela ven.
> TROVAS E CANT. n.º 127.
>
> E os meus ollos non poden veer
> Prazer en mentr'eu vivo for per ren.
> IBIDEM, n.º 167.
>
> Non ar soube parte d'affan,
> Nen de gran coita nulla ren
> O que non sofren est'affan
> De non poder per nulla ren
> Veer la Señor que ben quer.
> IBIDEM, n.º 168.

[2] Reus encontra-se tambem em portuguez, na fórma réo.

parte das linguas romanicas, gruem em todas. Tambem deus não podia ser tocado, com quanto a sua representação não se désse em geral regularmente [1]. Mesmo muitos bisyllabos com uma consoante no meio, e até trisyllabos d'este genero, não conservavam nenhuma fórma sonora, facil de cair no ouvido, do que dependia alguma cousa, pelo menos em quanto ás palavras d'uso quotodiano. Todavia devem-se n'esta parte fazer distincções segundo as tendencias particulares dos dialectos, por quanto o francez e o provençal na sua tendencia dissolvente deviam repellir mais as palavras curtas, e o hespanhol e o portuguez deixaram cair muitas vezes a consoante medial sem produzir maiores alterações na palavra (francez racine, raiz). São talvez exemplos: ile ou ilia, hiemem, genu, agnum, ignem, aurem, marem, erem, herum, rorem, crurem, murem, e talvez tambem apem, ovem. Taes palavras de tão pouco corpo foram frequentemente trocadas por outras: res por causa, vis por fortia, fas e jus por directum, os por bucca, rus por campania, sus por troja (em portuguez porca), ignis por focus, herus por patronus, crus por gamba, mus por sorex ou talpa. Ou pozeram-se em seu logar derivados do mesmo thema: sperantia por spes, aeramen por aes, diurnum por dies, iliare por ile, hibernum por hiems, genuculum por genu, agnellus por agnus, auricula por auris, narix (ital. narice) por naris, ericius por eres, roscidum etc. por ros, avicella por avis, ovicula por ovis [2]. É um caracteristico fundamental das linguas romanicas o alargamento da fórma, principalmente por meio de suffixos diminuitivos, como em todas as linguas populares, o qual opéra mesmo quando o primitivo não tem pequeno corpo. Assim foram de vulpes, sciurus, cornix, luscinia, rana, apis, lappa, corbis, colus os derivados vulpecula, sciurulus, cornicula, luninialus, ranicula, apicula, lappula, corbicula, colucu-lus, de melis, milvus, culex, quercus, natis, limes os derivados mologna (napolitano), milvanus, culixianus (franc. cousin), quercea, natica, limitare tomados da lingua fonte ou formados de novo, em quanto os primitivos tornados inuteis morreram em parte [3].»

2. Tendo adquirido no campo portuguez muitas palavras latinas novas significações, tornaram-se muitas vezes synonymas d'outras latinas, que assim ficaram inuteis. Foi assim, por exemplo, que pigmentum tornou inutil piper, que desappareceu.

Eis agora uma parte consideravel das palavras latinas que faltam no fundo popular da lingua portugueza, ordenadas em classes pragmaticas, segundo o exemplo do sabio Diez na *Introducção* da sua *Grammatica*. Muitas d'ellas foram renovadas pela erudição e pertencem em geral á linguagem poetica ou á didactica.

A. Substantivos

1. Mundo, terra, elementos

aequor, aestus, aether, amnis, antrum, arvum, aura, caenum, cautes, clivus, fluctus, fluentum, flumen, fluvius, fretum, fulmen, humus, ignis, imber, inferi, jubar, latebra.

littus, lucus, nemus, nitor, orbis, pagus, plaga (regiâo), procella, pruna, ros, rupes, rus, scatebra, scrobs, sidus, specus, sinus (só n'outro sentido), telus, torris, trames, uligo.

2. Tempo

aestas, aevum, diluculum, hebdomada (só no ant. port.),

hyems, lustrum, meridies, ver, vesper (só n'outro sentido).

3. Reino mineral

aerugo, aes, chalybs, electrum, hydragyrus, lapis, magnes, margarita,

orichalcum, rubigo, saxetum, scolecia, scrupus, silex, stibium, succinum.

4. Reino vegetal

acer, anthemis, ariena, brassica, buglossa,

caerefolium, caltha, capnos, casia, cinara,

[1] Deus conserva excepcionalmente em portuguez o s do nominativo; o mesmo se dá no hespanhol dios, etc.

[2] Em portuguez, porém, dia não diurno ou jorno (franc. jour, ital. giorno), anho não anhello (franc. agneau), ave não avelha (franc. oiseau).

[3] Vid. n'este cap. o §. 4.

corylus, cucurbita, cynosbatos, digitellum, heliotropium, ilex, intubus, larix, lavandula, leeoion, libanotis, marathrum, myrica, ocellus, ocinum, pisum, rubia, rubus, saliuncula, scirpus, secale, thus, vitex.

5. Reino animal

accipiter, aegithus, aesalon, alauda, alcedo, alites, anguis, aper, aphya, apus, ardea, aries, asilus, astacus, bellua, bombyx, butio, campe, caper, capreolus, catulus, cenchris, cicindela, clupea, cornix, cossis, culex, cypselus, eres, eruca, esox, fario, felis, frigilla, fringilla, fucus, fulix, galbula, galerita, glottis, haedus, halec, hircus, hystrix, ibex, ictis, labrus, larus, limax, lumbricus, meles, merops, milvus, monedula, motacilla, mullus, multipeda, muraena, mustela, mya, necydalus, nepa, nitela, noctua, olor, otis, parus, papilio (só n'outra significação), phalangium, platessa, psittacus, regulus, rupicafra, rusticula, sauris, sciurus, scolopendra, scomber, simia, sorex, spondylus, squalus, strix, sus, taenia, talpa, teredo, testudo, tinnunculus, trochilus, tursio, turtur, ulula, vertagus, vespertilio, vipio, viverra, volucres, volvox, vulpes.

6. Corpo humano e suas enfermidades

abdomen, adeps, alopecia, alvus, anus, armus, arthritis, artus, arvina, axilla, caesaries, caesio, calx, cervix, chriragra, cinoris, clunis, coma, cor (só no ant. port. e na loc. de cor), coxendix, cruor, crus, cubitus (só n'outro sentido), cutis, epiphora, exta, fauces (só n'outro sentido), femur, frumen, funus, genae, genu, gramia, gremium, hemicranium, hepar, icterus, ictus, ilia, ischias, juba, jugulum, lacertus, lemae, lien, lippitudo, lues, mala, manes, maxilla, mentum, mucus, mystax, naevus, nasus, natis, occipitium, oscitatio, ostigo, palatum, paronychia, parotis, pernio, pituita, podagra, pollex, poples, porrigo, praecordia, rumen, scabies, scapulae, scortum, sinciput, singultus, splen, sputum, sternutamentum, stiria, suggillatio, sura, talus, tergum, uber, ulna.

unguis, vibex,
vellus, vibrissae,
vertex, vola,
vestibulum, vomica.

7. O homem nas suas relações physicas e moraes

abavia, praedo,
amita, praes,
amitinae, privignus,
amitini, proavia,
anus, procus,
avia, puella,
avus, puer,
civis, puerpera,
conjux, pusus,
fur, scortum,
glos, senex,
herus, sicarius,
levir, soror,
matrimus, sodalis,
nebulo, tenebrio,
noverca, uxor,
nugator, vas,
obstrectator, verbero,
patrimus, verna,
patrueles, vir,
peculator, virago,
pellex, vitricus.

8. Artes, officios, occupações

accensus, infector,
aedituus, institor,
aerarius, janitor,
ampullarius, lanius,
anceps, lapicida.
apparitor, libellio,
arator, ludius,
auriga, mango,
bajulus, materiarius,
caementarius, mensor,
calceolarius, molitor,
carrucarius, mulio,
caupo, navicularius,
causidicus, olitor,
cerdo, opifex,
concinator, ostiarius,
coquus, pellio,
doliarium, pharmacopola,
encaustes, pincerna,
fartor, pistor,
fidicen, politor,
figulus, praeco,
fossor, restiarius,
fullo, restio,
gerulus, sartor,
inaurator, sarritor,
sator, tornator,
scriba, vestiarius,
sutor, vespillo,
textor, victor.
tonsor. vitrearius.

9. Guerra, armas

acies (só n'outro sentido), miles,
acinaces, parma,
agmen, pedes,
ancile, pelta,
bellum, pharetra,
calo, pilus,
castra, proelium,
cassis. pugio.
certamen. sica.
cluden, telum,
clypeus, thorax,
cohors, tiro,
cuspis, umbo,
ensis, veles,
eques, venabulum,
galea, veru,
jaculum. vexillum.
lixa,

10. Vida do campo; agricultura

agaso, pastinum,
ager, pollen,
agricola, praedium,
bubulcus, rallum,
hara, seges,
horreum, simila,
ligo, stiva,
merges, subulcus,
messis, villicus,
messor, vinitor,
occa, volgiolus,
opilio, vomer.
pabulum,

11. Nautica

carbasus, nauta,
celox, ratis,
classis, remex,
cymba, rudens,
faselus, statumen,
liburnus, tonsa,
linter, tonsilla.
malus,

12. Construcções; partes d'uma casa

aedes, armamentorium,
ambulacrum, arx,
angiportus, bovile,
antica, caminus,

caprile,
cardo,
clathri,
compitum, trivium,
conclave,
contabulatio,
culina,
diazoma,
domus,
equile,
fanum,
fastigium,
fericula,
foenile,
forica,
foris,
fornix,
fundula,
hypocaustum,
janua,
lacunar,
laniena,
laquear,
later,
limen,
macellum,
maenianum,
minae,
moenia,
obex,
oppidum,
ovile,
pagmenta,
pessulus,
pistrina,
popina,
pronaum,
quincunx,
repagulum,
sedile,
sepimentum,
septum,
spiramen,
stabulum,
steroma,
stylobata,
suile,
tignum,
urbs,
valva,
vibia.

13. Vestidos, adornos

acia,
amictus,
armilla,
calceamentum (só no antigo portuguez),
calceus,
caliga,
chlamys,
crepida,
epitogium,
femoralia,
fucus,
galea,
galericum,
inaures,
indusium,
interula,
lacerna,
lacinia,
laena,
lunula,
monile,
munditiae.
ocrea,
paenula,
pallium,
patagium,
peplum,
periscelis,
pero,
perula,
petasus,
pileus,
redimiculum,
rica,
rimula,
spinther,
subucula,
supporum,
taenia,
tibiale,
torques,
trabea,
uncinus,
zona.

14. Moveis, utensilios, vasos, instrumentos

acersa,
acus,
ahenum,
alea,
aluta,
amentum,
antlia,
aqualis,
arenatum,
asser,
batillum,
caelum,
calathus,
calcar,
carpentum,
cassis,
cervical,
cisium,
clibanus,
colum,
corbis, corbula,
cremium,
crepundia,
crumena,
culter,
cunae,
currus (vid. p. LIII, col. 2),
cutillus,
cymballum,
cymbia,
diota,
dolabra,
epistomium,
essedium,
fidelia,
fides,
flabellum,
foculus,
forceps,
forfex, forficula,
funis,
fuscina, fuscinula,
gabata,
guttus, guttulus,
habena,
hamula,
hamus,
haustrum,
hippopera,
hydria,
ignitabulum,
incerniculum,
incus,
labrum,
lagena,
lancula,
lanx,
lebes,
lituus,
lorum,
ludix,
mactra,
magis, magidis,
malluvium,
marsupium,
matula, matella,
molestrina,
monopodium,
mulctrale,
muscarium,
muscipula,
operculum,
papilla,
parma,
paropsis,
pedum,
pelluvia,
pelvis,
pera,
pergula,
piscina,
plaustrum,
pluteus,
poculum,
pultarius,
pulvinus,
qualus,
quasillum,
radula,
resticula,
rheda,
rhombus,
rogus,
rudis,
rutellum,
sarcina,
sarracum,
scalprum,
scamnum,
scipio,
scirpeus,
scopula,
scrinium,
scutica,
scutra,
scyphus,
scula,
seria,
sinum,
sporta, sportella,
statera,
strues,
strugulum,
subscus,
sucula.

sudarium,
sudes,
supellex,
taenia,
teges,
tegumen,
temo,
theca,
tintinnabulum,
toral,
trapetus,
trichila,
trua,
trudis,
trusatile,
trutina,
uncinus,
uncus,
urceolus,
ustrina,
vacerra,
vectis,
verber,
verriculum,
veru,
vidulus,
viriculum,
zothecula.

15. Comida e bebida

assum,
bellaria,
butyrum,
collyra,
convivium,
crustum,
daps,
edulium,
epulae,
farcimen,
hilla,
jentaculum,
laganum,
libum,
merum,
mulsum,
offa,
obsonium,
penus,
petaso,
placenta,
pollenta,
potus (só n'outro sentido),
protropium,
puls,
pultarius,
satura,
sicera,
sinapi,
tomacina,
tomacula,
vappa,
victus,
villum.

16. Abstractos

aerumna,
alacritas,
alapa,
algor,
angor,
astus,
conatus,
conflictus,
conjugium,
connubium,
cupido,
decus,
desidia,
divitiae,
egestas,
eventus,
exitium,
fas,
fascinium,
fastus,
flagitium,
foedus,
formido,
ictus,
ignavia,
inertia,
initium,
inopia,
insania,
insulsitas,
iter,
jocatio,
jurgium,
jus,
jussus,
laetitia,
latrocinium,
lepus,
ludus,
mendacium,
mos,
motus,
munus,
nefas,
nequitia,
nex,
nugae,
omen,
ops,
optio,
osculum,
peculatus,
preces,
probrum,
properatio,
robur,
solertia,
spes,
suavium,
ubertas,
ultio,
vecordia,
venia,
versutia,
vis,
voluptas.

B. Adjectivos

aeger,
aequus,
almus,
alsus (em latim só no comparativo).
amens,
amoenus,
argutus.
ater,
blaesus,
canus,
celer,
celsus,
claudus,
comes,
creber,
debilis,
dicax,
dirus,
dives,
edax,
egens,
elutus,
exiguus,
exilis,
exter,
faustus,
fidus,
flavus,
fulvus,
furax,
galbus,
gilbus,
glaber,
glutus,
gramiosus,
hilaris,
ignarus,
ignavus,
inanis,
ingens,
ipse,
laevus,
latus,
lenis,
limus,
lippus,
luxus,
maestus,
mendax,
minax,
mitis,
navus,
necesse,
nequam,
noscius,
nuper,
obesus,
parvus,
paulus,
pavidus,
perperus,
pinguis,
potior,
potis,
pravus,
priscus,
privus,
probus,
procax,
procerus,
pronus,
protervus,
puber,
pulcher,
pullus,
pumilus,
putus (só n'outro sentido),
rabidus,
ravus,
rufus,
saevus,
salax,
satur,

saucius,
scaber,
scabiosus,
scaevus,
segnis,
senex,
serus,
simus,
solers,
spurcus,
squalus,
strabus,
strenuus,
teres,
teter,
trux,
tutus,
udus,
vafer,
valgus,
varus,
vatius,
vecors,
venustus,
verax,
vetus,
vetustus,
vigil,
villosus.

C. Verbos

addere (só no ant. port.),
agere,
ajo,
alere,
algere,
amittere,
angere,
arcere,
audere,
augere,
avere,
balbutire,
barrire,
baubari,
blaterare,
boare,
bombilare,
bombitare,
cacabare,
caedere,
caelare,
calere,
canere,
carere,
carpere,
caurire,
cavere,
censere,
cernere,
clangere,
coepere,
coepisse,
cogere,
colere,
comere,
concupere,
condere,
condire,
consubere,
contemnere,
corripere,
crocire,
crocitare,
cubare,
cuculare,
cucurrire,
cudere,
decere,
deficere,
degere,
deligere,
demere,
desinere,
dicare,
diligere,
dintrire,
diripere,
diruere,
docere,
edere,
egere,
emere,
excellere,
farcire,
fateri,
favere,
ferre,
fidere,
fieri,
figere,
flagitare,
flare,
flere,
fluere,
fovere,
fremere,
frendere,
frigere,
fritinnire,
frui,
fulcire,
fungi,
furere,
gerere,
gignere,
gradi,
grillare,
haerere,
haurire,
hiare,
horrere,
hortari,
icere,
ignoscere,
inchoare,
induere,
inquam,
interficere,
invenire,
invidere,
irasci,
jacere (lançar),
jubere,
jungere,
juvare,
labi,
laedere,
laetari,
latere,
libet,
linere,
linquere,
loqui,
ludere,
luere,
lugere,
lurcari,
madere,
malle,
manare,
mandere,
meare,
mederi,
meminisse,
mergere,
metere,
metiri,
metuere,
migrare,
mintrire,
misereri,
moerere,
moliri,
morari,
mulcere,
nancisci,
nare,
necare,
nectere,
negligere,
nequire,
nere,
nictare,
ningere,
nitere,
niti,
nocere (só no ant. port.),
nodare,
nolle,
noscere,
novisse,
nubere,
oblivisci,
occare,
occinere,
odisse,
olere,
oncare,
operire,
oportere,
oriri,
pandi,
pangere,
parére,
patere,
pati,
patrare,
pavere,
pectere,
pellere,
pelliccre,
percellere,
pergere,
pigere,
pingere,
pinsere,
pipare,
placare,
plaudere,
plectere,
pollere,
polliceri,
poscere,
potare,
potiri,
praebere,
prandere,
prodere.

profisci,
promere,
properare,
proripere,
pudere,
quatere,
queri,
quiescere,
radere,
rancare,
rancere,
rapere,
reminisci,
repere,
reri,
resipere,
respuere,
retundere,
rictare,
rigere,
rudere,
ruere,
saevire,
sallire,
sancire,
sarcire,
sarrire,
satagere,
scabere,
scalpere,
scandere,
scindere,
scire,
sciscere,
sedere,
senere,
sepelire,
serere,
serpere,
sidere,
silere,
sinere,
singultare,
sistere,
solari,
spectare,
spernere,
spondere,
spuere,
sternere,
sternuere,
stertere,
strepere,
stridere,
suadere,
suere,
sugere,
sumere,
tabere,
tacere,
taedere,
tegere,
temnere,
tepere,
terere,
tergere,
terrere,
texere,
tondere,
torpere,
torquere,
transilire,
trudere,
tueri,
tumere,
tundere,
turgere,
ulcisci,
urere,
urgere,
uti,
vegere,
vehere,
vellere,
venari,
vereri,
vergere,
verrere,
vesci,
viare,
vigeri,
vincire,
visere,
vomere,
vovere.

Muitos dos verbos primitivos ou dos verbos simplices que se encontram na lista precedente vivem ainda no portuguez, não independentemente, mas em compostos: taes são

claudere em excludere (excluir), includere (incluir);
ferre em afferre (afferir), auferre (auferir), differre (differir), conferre (conferir), sufferre (soffrer);
fluere » affluere (affluir), confluere (confluir), refluere (refluir), influere (influir);
frangere » infringere (infringir);
luere » alluere (alluir), dilluere (dilluir);
nuere » annuere (annuir);
serere » inserere (inserir);
tegere » protegere.

Alguns verbos simplices foram substituidos pelos frequentativos ou derivados em a dos seus themas participaes; por exemplo

canere por cantare,
jacere » jactare (jeitar ant.),
jungere » junctare,
respicere » respectare (respeitar).

Outros pelos inchoativos, formados de novo ou já existentes em latim, e sobretudo por compostos d'esses inchoativos: assim

nigrere por nigrescere (enegrecer),
putrere » putrescere (apodrecer),
tumere » tumescere (entumescere),
parére » * parescere (parecer).

Outros por verbos derivados de themas nominaes da mesma raiz, como

fa-ri por fa-bula-ri (fallar), de fa-bula;
se-re » se-mina-re (semear), de semina.

Uma causa que até aqui ainda não mencionamos n'este capitulo devia tambem concorrer d'um modo sensivel para a perda de palavras latinas: a introducção de palavras provenientes, quer das linguas dos habitantes dos paizes romanisados, quer dos povos com que os romanos se fundiram ou estiveram em contacto depois da queda do imperio, no campo especial de que nos occupamos, os celtas, os suevos, visigodos, arabes, etc. Essa causa de variação lexicologica, sendo por assim dizer exterior, em quanto as precedentemente mencionadas são internas e organicas, será examinada n'outra parte: os seus effeitos demais não tem extensão muito consideravel. Accrescentem-se ainda a todas essas causas de variação lexicologica as mudanças profundas que da queda do imperio até á apparição da lingua portugueza como lingua escripta, e em geral á de todas as linguas romanicas, se operaram nas instituições, costumes, crenças, etc. e ter-se-hão comprehendido todas as perdas, todas as creações novas que se observam ao comparar o lexico portuguez com o latino.

§ 9.º ALTERAÇÕES NAS FAMILIAS DE PALAVRAS CO-RADICAES

Emquanto d'um lado se operavam as perdas que acabamos de examinar, não só por meio de creações novas se preenchiam na maior parte dos casos as lacunas que ellas produziam, mas ainda do rico fundo da lingua latina se derivavam muitos termos de que esta não fornece correspondentes. D'ahi resulta que o lexico de cada uma das principaes linguas romanicas, e entre ellas da portugueza, cujo campo geographico é pequeno e cuja litteratura é a menos original e vital, tomado no seu conjuncto póde competir em riqueza com o lexico latino. Essas creações novas tiveram, por por outro lado, como effeito o obstar á perda de algumas raizes, que d'outro modo, representadas n'alguns casos apenas n'uma ou outra palavra, correriam risco de desapparecer. Ainda assim não se encontram em portuguez algumas raizes latinas que tinham muito poucos derivados. O seu numero, porém, é limitadissimo: taes são

kup, d'onde caup-o, caup-ona, caup-onari, cop-a;
ig, d'onde aeg-er, aeg-rotus, aeg-r-ere, aeg-r-ot-are, etc.;
du, d'onde du-im, du-i-tor;
clad, d'onde clad-es, glad-ius, glad-iator, etc. (port. gladiador é d'origem erudita);
stri, d'onde stli-s (slis, lis);
sru, d'onde Ro-ma, Ru-mon, ru-men.

As listas seguintes apresentam na primeira columna os derivados e compostos perdidos de algumas raizes ou themas, na segunda columna os derivados e compostos conservados, ou renovados pela litteratura e pela erudição, na terceira os derivados e compostos novos ou que pelo menos não se encontram no lexico latino. Esses exemplos, comquanto sejam em pequeno numero, bastarão para dar idéa clara da triplice força que agita a linguagem: a força destruidora, a conservadora e a innovadora.

THEMA **api-**

apis,	apicula (abelha),	abelhão,
apiarius.	apicularius (abelheiro).	abelhar-se,
		abelhinha,
		abelharuco,
		abelheira,
		abelhador.

THEMA **basso-**

	bassus (baixo).	baixa,
		baixamar,
		baixão,
		baixar,
		baixete,
		baixeza,
		baixio,
		baixinho,
		baixote,
		baixura,
		abaixar,
		abaixamento,
		debaixo prep.,
		rebaixar,
		rebaixo,
		rebaixamento.

THEMA **amo-** POR **ap-mo-** [1]

amascere,	amabilis,	amativo,
amascus,	amare,	amavios,
amasiuncula,	amabilitas,	amigote,
amasiunculus,	amans,	amoravel,
amatio,	amator,	amorete,
amatorculus,	amatorius,	amoricos,
amaturire,	amica,	amorinhos,
amicarius,	amicabilis,	amorio,
amicitia,	amicare,	amoroso,
amicities,	amicitia,	desamor,
amicosus,	amicus,	desamoravel,
amicula,	amor.	desamar,
amiculus,		desamorado,
amorabundus,		desamoroso,
amorifer.		enamorado,
		enamorar,
		namoração,
		namorada,
		namoradeira,
		namoradiço,
		namorado,
		namorador,
		namoramento,
		namorar,
		namorico,
		namoro.

THEMA **battu-**

battuarium,	battuere (bater),	batceú,
battuator.	battualia (batalha),	batedor,
	combattuere.	batedouro,
		batedura,
		batefolha,
		batega,
		batente,
		batão.

[1] Sobre o thema ap-mo- vide Corssen, *Ueber Aussprache*, I², 115.

bateria,
batibarba,
batida s.,
batimento,
batorelha,
batucar,
batalhar,
batalhador,
batalhão,
abater,
abate,
abatimento,
abatedor,
combate,
combatedor,
combatentes,
combativel,
debater,
debate,
debatedura,
debatidiço,
embater,
embate,
esbater,
rebater,
rebatedor,
rebate,
rebatimento,
rebato ant.,
rebatinha.

THEMA **burro-**

burranicus, burranica, burrius.	burrus(burro, borro), burricus, burra (borra, birra).	burra, burrada, burrão, burrica, burricada, burrical, burrinho, burriqueiro, emburrar, desemburrar, emburricar, borracho, borracha, borrachão, borracheira, borracheria, borrachice, borracheirice, borrachica, borrachinha, emborrachar, borra, borrar, borrão, borradura, borrento, borrador, borralho, borralheiro, borretear, borreteadura, borreco, borrego, borrega, borregada, borregueiro, borreguinho, borrelho.

THEMA **campo-**

(campana), campaneus, campensis, campestratus, campestre s., campestria s., campicursio, campicellus, campidoctor, campigenus.	campus, campester, Campania.	campal, campanhista, campar, camparesco, campeador, campeão, campear, campesino, campestrar, campino, campir (ital.), camponio, camponez, camposinho, acampar, acampamento, decampamento, decampar, descampado s., escampado, escampar (?).

RAIZ **cap**

capedo, capedunculа, capessere, capis, captatela, captensula, captitare, captiuncula, captor, captus s., capulatus, accepta s., acceptilatio, acceptilare,	capax (capaz), capacitas, capere (caber), capistrum (cabresto), captatio, captator, captatorius, captio, captiosus, captiva, captivator, captivitas, captivus,	capturar, captiveiro, captivar, acceitação, acceitamento, acceitador, acceite s., conceitear, conceituar, conceituoso, concepcionario, conceptivel, concebimento,

acceptor, acceptorius, accipere, conceptaculum, conceptela, conceptivum s., conceptare, conceptor, deceptiosus, deceptor, deceptiva s. pl., deceptorius, concipilare, deceptus s., decipula, disceptare, disceptatio, disceptiuncula, deinceps, excipere, excipium, excipula, excipulum, excipium (?), exceptaculum, excepticius, exceptiuncula, exceptor, exceptoria, exceptorium, exceptorius adj., incipere, incipissere, inceps, inceptio, inceptum, inceptus, occupaticius, occupatorius, intercipere, interceptus, perceptor, praeceptio, praeceptare, praecipere, praecipitantia, principialis, principari, recepticius, receptorium, receptorius adj., receptum s.,

captare, captura, capulus (cabo), acceptabilis, acceptator, acceptare, acceptio, anticipare, anticipator, anticipatio, concipere (conceber), conceptus s., conceptivus, conceptio (conceição, concepção,) decipere, exceptus, exceptio, inceptare (encetar), occupare, occupatio, interceptio, interceptus, percipere (perceber), percipibilis (percibivel), perceptio, praeceptivus, praeceptum (preceito), praecipitatio, praecipitium, praecipitare, praeceps (precipite), praecipuus, princeps, principalis, principalitas, principium, principiare, recipere (receber), receptaculum, receptatio, receptator, receptibilis, receptio, receptare (receitare).

excepcionar, exceptação, exceptuar, exceptivo, excipiente, encetadura, encetamento, occupador, interceptar, preceituar, preceptoria, preceptorio, precipitoso, principesco, principiador, recebedor, recebedo, recibo, recebedoria, recebimento, receita, receitario, receituario.

suscipere, susceptum, susceptare, susceptor, susceptio.

THEMA caput-

capillago, capillamentum, capillare s., capillatio, capillitium, capillare s., capillari, capillosus, capillulus, capitarium, capitecensi, capitulani, capitulare s., capitularii, capitularius.

caput (cabo), capillus (cabello, capello), capillaris, capillaceus, capillatus, capillatura (cabelladura), capital, capitatio, capitatus, capitellum, capitilavium, capitium (cabeço?), capito (peixe), (Capitolini), (Capitolinus), (Capitolium), capitulum, occiput.

cabeça, cabeçada, cabeçal, cabeçalho, cabeção, cabecear, cabeceira, cabecel, cabecinha, cabeçudo, cabedaleiro, cabelleira, cabelleireiro, cabellinho, cabidoal, cabisalva, cabisbaixo, cabiscaido, capitalista, capitanea, capitanear, capitanía, capitão, capitoa, capitoso, capitula, capitulada, capitulador, capitulante, capitular v., capitular adj., capituleiro, descabeçar, descabellar, encabeçamento, encabeçar, encabellar, encapellar, capuz, capucha, capucho, capuchinho, capulho, encapuzar occipital, recapitulação, recapitular.

THEMA **caro-**

carere.	carescere (carecer),	carinho,
	caritas,	carinhoso,
	carus.	carecimento,
		careiro,
		carencia,
		caritativo,
		carestia,
		carestioso,
		acareciador,
		acareciar,
		acariciativo,
		acaridar,
		acarinhar,
		descaridade,
		descaridoso,
		descarinhoso,
		encarecer,
		encarecedor,
		encarecimento.

THEMA **charta**

chartarium,	charta,	cartabuxa,
charteus,	chartarius	cartabuxar,
chartina,	(carteiro),	cartão,
chartinacius,	chartularius,	cartonar,
chartophylax,	chartopola	cartonagem,
chartoprates,	(cartimpolo).	cartapacio,
chartula.		cartasana,
		cartaz,
		cartal,
		cartear,
		cartapé,
		carteira,
		carteiro,
		carteirola,
		cartel,
		carteta,
		cartilha,
		cartinha,
		cartola,
		cartographia,
		cartographico,
		cartomancia,
		cartomante,
		cartorario,
		cartoreiro,
		cartorio,
		cartucho,
		cartuchame,
		cartucheira,
		descartar,
		descarte,
		encartar,
		encarte,
		encartamento,
		encartação.

RAIZ **pac**

pacalis,	pax (paz),	pactuar,
pacere,	pacare (pagar),	pactario,
pacifer,	pacator (paga-	pactear,
pacatorius,	dor),	paziguar,
pacificatorius,	pacificatio,	paga,
pacio,	pacificator,	pagadeiro,
paciscere,	pacificare,	pagamento,
pacta,	pactum,	pagavel,
pacticius,	paganus (pa-	pago s.,
pactilis,	gão),	paginar,
pactio,	pagina,	apagar,
pactiuncula,	pagella,	apagador,
pactor,	compactus,	apagafanoes,
pagere,	compaginatio,	apagamento,
pangere,	compaginare,	impagavel,
pagus,	impactus,	propagativo.
paganalia,	impingere (im-	
paganitas,	pingir),	
pages,	propagare,	
pagmentum,	propago (pro-	
paginalis,	pagem),	
paginula,	propagatio,	
compactilis,	propagator.	
compactio,		
compactivus,		
compactura,		
compaganus,		
compages,		
compagina,		
compagus,		
impages,		
impactio,		
impacatus,		
impacificus,		
oppangere,		
propagmen,		
propages,		
propaginare,		
repages,		
repagulum.		

RAIZ **par** (ENCHER)

plere,	plus (ant. chus),	plurificação,
pleores,	plenus (cheio),	pluriscripto,
plures,	plenarius,	plenipotencia,
plurimus,	plenipotens,	plenipotenciario,
plenitas,	plenitudo,	plenilunar,
plerique,	pluralis,	plebeismo,
plerumque,	pluralitas,	popularisar,
pletura,	plenilunium,	povorado ant.,

pluratīvus,
pluries,
populacius,
popularius,
populifugia,
populiscitum,
publicarius,
poplicola,
duplaris,
duplarius,
duplatio,
quadruplare,
duplio,
manipularis,
manipularius,
explere,
expletio,
impletio,
locuples,
locupletatio,
completio,
completor,
replere,
repletio,
repletivus.

plebes,
plebeius,
plebiscitum,
populus (povo),
popularis,
popularitas,
populatio,
publicanus,
publicare,
publicatio,
res publica,
publicator,
duplare (dobrar),
duplum (dobro, duplo),
duplus,
triplus,
quadruplus,
manipulus,
expletivus,
implere (encher),
locupletare,
locupletator,
locupletus,
complere (comprir),
complementum,
completivus,
completus,
completorium,
repletus.

povoado s.,
povoa,
povoar,
povoamento,
povoador,
publicidade,
publicista,
republicano,
republicanismo,
doblete,
dobra,
dobradeira,
dobradiça,
dobradiço,
dobradura,
dobral,
dobramento,
dobrão,
dobrar,
dobre,
dobrel,
dobrez, dobreza,
desdobrar,
desdobramento,
redobradura,
redobrar,
redobramento,
redobre,
tresdobro,
manipulador,
manipulação,
manipular,
enchemão,
enchente s.,
enchimento,
complementar,
complementario,
completar,
completas,
comprida s.,
compridaço,
compridão,
comprideiro,
compridinho,
compridete,
compridoiro,
compridor,
comprimento,
comprimentar,
comprimentador,
comprimenteiro.

THEMA petra

petrensis,
petro,
petronius.

petra (pedra),
petraeus,
petrosus (pedroso),
petrinus (pedrinho adj. ant.).

pedrada,
pedrado s. e adj.,
pedragoso,
pedragulhoso,
pedral,
pedranceira,
pedraria,
pedregal,
pedregulho,
pedreira,
pedreiro,
pedrez,
pedrinha,
pedrisco,
pedrouço,
pedernal,
pederneira,
petrificação,
petrificante,
petrificado,
petrifico,
petroleo,
apedrar,
apedramento,
apedrejar,
apedrejador,
apedrejamento,
empedernecer,
empedernecimento,
empedernir,
empedernimento,
empedrar,
empedrador,
empedradura [1].

RAIZ svan (son) [2]

sonere,
sonabilis,
sonax,
sonipes,
sonitare,
sonivium,
sonor,
sonus adj.,
consona,
consonatio,
obsonare,
personata,
personare,
personus,

sonare (soar),
sonitus (sonido, soido),
sonoritas,
sonorus,
sonus s.,
assonare,
consonans s.,
consonantia,
consonare,
consonus,
dissonantia,
dissonare,
dissonus,

sonoroso,
personagem,
personalidade,
pessoadigo ant.,
pessoaria,
pessoeiro.

[1] Petrecho, petrechar pertencem muito provavelmente tambem a esta serie. Petrecho podia muito bem ter designado o instrumento com que na guerra se arremeçavam pedras, e d'ahi desenvolver-se a significação geral de instrumento de guerra, etc. Na fórma castelhana pertrecho o r é evidentemente introduzido.

[2] Corssen, *Ueber Aussprache*, 1², 482.

resonabilis, resonere. dissonorus, per-sona (pessoa), personalis (pessoal), resonantia, resonare.

IV. O CONSONANTISMO

§ 1.º QUADRO DAS CONSOANTES LATINAS

O latim possuia as seguintes consoantes:

	MOMENTANEAS		CONTINUAS			
	fortes	brandas	fortes	brandas	nasaes	trilladas
gutturaes	c (k)	g	h		n	
palatal				j		
linguaes						r, l
dentaes	t	d	s	ṣ	n	
labiaes	p	b	f	v	m	

Todas essas consoantes se encontram em portuguez á excepção de h, que, embora escripto, nunca é pronunciado, e talvez do n guttural. O portuguez possue demais os sons não latinos ġ, representado por g deante de e e i ou por j, ch que se representaria melhor por š, nh, que se representaria por ṇ e lh que se representaria melhor por ḷ. Todos estes sons resultam organicamente de consonancias latinas simplices ou compostas. O j latino é como veremos representado em portuguez por i nas poucas palavras em que conserva o som que tinha na lingua latina. O som brando que o s latino tinha entre vogaes é representado por s ou por z, que em latim representava a consonancia dupla ds.

Em cada palavra, raiz ou suffixo latino conservado em portuguez não se encontram sempre as mesmas consoantes e vogaes que essa palavra, raiz ou suffixo tinha em latim; ao contrario, na maior parte das palavras, raizes e suffixos latinos conservados em portuguez houve alterações consonantaes e vocalicas mais ou menos consideraveis, comquanto em muitos casos os sons originaes se mantenham intactos. Esses accidentes reduzem-se a duas classes

1. substituição de sons (em geral dos fortes por os brandos),
2. desapparecimento total de sons,

e tem por causa capital a tendencia dos individuos que fallam uma lingua para empregarem o menos exforço possivel na pronuncia das palavras.

A immutabilidade das consoantes latinas, os accidentes porque ellas passaram no campo da lingua portugueza dependeram essencialmente

1. da sua posição na palavra, sendo tractadas diversamente segundo eram iniciaes, mediaes, ou finaes;
2. de se acharem isoladas, isto é, só em contacto com vogaes na palavra a que pertencem, ou de se acharem em grupos, isto é, em contacto com outras consoantes na palavra a que pertencem.

É tendo em vista essas condições que passamos a examinar a sorte das consoantes latinas no campo da lingua portugueza, começando pelas consoantes iniciaes e finaes em contacto immediato com vogaes, passando depois aos grupos consonantaes tambem iniciaes e mediaes, e concluindo com as consoantes finaes, isoladas ou em grupos.

§ 2.º PERMANENCIA DAS CONSOANTES ISOLADAS

Consoantes iniciaes

I. Em regra, as consoantes iniciaes em contacto immediato com vogal permanecem intactas. Posto de parte que a regra só tem valor pelo que diz respeito ás gutturaes c e g, quando estas se acham deante de a, o u porque deante de e e i esses sons perdem, como veremos no §. 3.º, a sua qualidade primitiva, as excepções são rarissimas. O abrandamento das mutas iniciaes, ou passagem das sonantes ou das continuas para sons congeneres ou a sua apherese restringem-se a um numero insignificante de casos, como veremos nos §§. seguintes.

Excepções importantes fornecem porém o j inicial que degenerou completamente n'uma chiante como veremos no §. 4.º e o h que deixou de ser completamente pronunciado (vid. §. 8.º).

Ch, th, representativos latinos orthographicos, não phoneticos, de sons gregos são tractados como c e t; ph como f.

1. C inicial. Regra geral: permanece inalterado deante de a, o, u. Excepções: alguns casos de abrandamento em g, outros raros e provavelmente d'origem extranha de degeneração em ch. Assim permanece inalterado o c inicial [1]

de	caballus	em	cavallo,
	caccabus		caco,
	cacare		cagar,
	cadere		cair,
	calcaneum		calcanhar (der.),
	calceus		calço,
	calcare		calcar,
	calidus		caldo,
	caldaria		caldeira,
	calor		calor,

[1] Nas listas apresentamos só as palavras que evidente ou muito provavelmente pertencem ao fundo popular e primitivo da lingua portugueza.

de	calumnia	em	conha ant.,
	calvaria		caveira, calveira (ant.),
	calx		cal,
	cama		cama,
	camelus		camelo,
	camera		cambra pop.,
	camisia [1]		camisa,
	campus		campo,
	canalicula		quelha (por caelha),
	canalis		caal ant.,
	cancellus		cancella, cancello,
	candela		candeia,
	caninus		canino,
	canis		cão,
	canna		canna,
	canonicas		conego (por caonego),
	canticum		cantiga,
	cantio		canção,
	cantare		cantar,
	cantor		canto,
	capax		capaz,
	canus		cão (ant.),
	capillus		cabello,
	caper		cabro,
	capere		caber,
	capitalis		cabedal,
	capitellum		cabedello,
	capitulum		cabido,
	capo		capão,
	capra		cabra,
	capsa		caixa,
	captivus		captivo, cattivo,
	captare		catar,
	capulus		cabo,
	caput		cabo,
	cara		cara,
	carbo		carvão,
	carbonarius		carvoeiro,
	carcer		carcer (pop.?),
	cardinalis		cardeal,
	carduelis		cardeal,
	cardinus		cardo,
	carescere		carecer,
	carina		querena (por carena),
	caritas		caridade,
	carnalis		carnal,
	caro carnis		carne,
	carpentarius		carpinteiro,
	carrus		carro,
	carus		caro,
	casa		casa,

[1] Camisia é celtico como veremos abaixo.

de	caseus	em	queijo (por caijo),
	castanea		castanha,
	castellum		castello,
	castellanus		castellão,
	castigare		castigar,
	castitas		castidade,
	castus		casto,
	casus		caso,
	catella		cadella,
	catena		cadeia,
	catenare		en-cadear,
	caterva		catrefa?,
	cathedra		cadeira,
	cauda		coda, cola?
	caulis		couve,
	causa		causa, cousa,
	cautela		cautela,
	cautio		caução,
	cantum		canto,
	cava		cava,
	cavator		cavador,
	cavare		cavar,
	caverna		caverna,
	cavus		cavo,
	charta		carta,
	chartarius		charteiro,
	cholera		corla pop. (colera litt.),
	chorda		corda,
	chorus		coro,
	co-		co-
	co-agulum		coalho,
	co-operire		cobrir,
	etc.		
	cochlear		colher,
	coctus		coito ant.,
	codicillus		codicillo,
	cogitare		cuidar, coidar ant.,
	cognoscere		conhecer,
	col-		col-
	collatio		collação,
	collectio		collecção,
	collocare		colgar,
	etc.		
	collum		collo,
	colare		coar,
	color		côr,
	colorare		córar,
	colubra		cobra,
	com-		com-
	combinare		combinar,
	comite-		conde,
	comedere		comer,
	comparare		comprar,
	communis		commum,
	complere		comprir,

de	computum	em	conto,
	computare		contar,
	etc.		
	con-		con-
	concedere		conceder,
	conceptus		conceito,
	condemnare		condenar,
	consilium		conselho,
	constare		custar,
	consuetidine-		costume,
	consuere		coser,
	conchula		concha,
	congrus		congro,
	contra		contra,
	coquina		cozinha,
	coquere		cozer,
	cor		coração (der.),
	corium		coiro,
	cornu		corno,
	cornutus		cornudo,
	corona		coroa,
	coronare		coroar,
	corporalis		corporal,
	corpus		corpus,
	cor-		cor-
	corrigere		corrigir,
	corrumpere		corromper,
	cortex		cortiça (der.),
	cortina		cortina,
	corvus		corvo,
	costa		costa,
	cothurnus		coturno,
	coturnix		codorniz,
	coxus		coxo,
	cubitus		covado,
	cuculla		cugulla,
	cucumere-		cogombro,
	cujus		cujo,
	culcita		colcha,
	cucus		cuco,
	culmus		colmo,
	culpa		culpa,
	cultellus		cutellus,
	cultura		cultura,
	culus		cú,
	cum		com,
	cuminum		cuminho,
	cumulus		comoro,
	cuneare		cunhar,
	cuneus		cunho,
	cuniculus		coelho,
	cupa ou cuppa		cuba, copo,
	cupula		cupula,
	cura		cura,
	curare		curar,
	curator		curador,
de	currere	em	correr,
	curtare		cortar,
	curtus		curto,
	curvare		curvare,
	curvo		curvo.

Deante de y o c só ficou inalterado quando esta vogal se mudou em a, o, ou u: assim em

calhandro	de	cylindrum
codeço		cytisus,

mas cipreste, cisne (escriptos cypreste, cysne).

2. T inicial. Regra geral: permanece inalterado deante de todas as vogaes. Não ha excepções. Assim se conserva o t inicial

de	tabanus	em	tabão,
	tabella		tabella,
	tabellio		tabellião,
	taberna		taverna,
	tabernarius		taverneiro,
	tabula		tabua,
	tabulatum		tabuado,
	taeda		teia,
	talentum		talento, talante,
	tal		tal,
	talpa		toupeira der.,
	tam		tão,
	tangere		tanger,
	tantus		tanto,
	tardare		tardar,
	taurinus		tourino,
	taurus		touro,
	taxatio		tausação ant.,
	taxar		tausar ant., taxar mod.,
	taxus		teixo,
	tectum		teuto ant., tecto mod,,
	tegula		telha,
	tela		teia,
	temperare		temperar,
	tempestas		tempestade,
	templum		templo,
	temporalis		temporal,
	tempus		tempo,
	tenax		tenaz,
	tendere		tender,
	tenebrae		trevas,
	tenebrosus		trevoso ant., tenebroso mod.,
	tenere		ter,
	tener		tenro,
	tenor		teor,

de talea em talha,
tensio tensão,
tensus teso,
tentare tentar,
tentatio tentação,
tentum tenda,
terminare terminar.
terminus termo,
ternus terno,
terra terra,
terrenus terreno.
terrarium terreiro,
terror terror,
tertius terço,
testa testa,
testamentarius, testamenteiro,
testamentum testamentum,
testari testar,
testimonium testemunho,
texere tecer,
thalamus tambo ant..
thema teima,
thesaurus thesouro,
throno throno,
thymus tomilho der..
timere temer,
timor temor,
tinca tenca,
tinctura tintura,
tinctus tinto,
tinea tinha,
tineosus tinhoso,
tingere tingir,
tinnire tinnir,
tollere tolher,
tonare toar,
*tonsare de tonsus tosar,
tonus tom,
tormentum tormento,
tornare tornar,
torquere torcer,
torrere torrar,
tortus torto,
tostus tosto,
totus todo,
tu tu,
tumor tumor,
turbus torvo,
turdus tordo,
turpis torpe,
turris torre,
tussis tosse,
tutor tutor,
tuus teu.

3. P inicial. Regra geral: conserva-se diante de todas as vogaes. Abrandamento raro em b. Assim o p

de pacare em pagar,
pacatus pago, pacato,
pacto pauto ant. pacto, mod.,
paganus pagão,
palatium paço,
palatum paladar der.,
palea palha,
pallidus pardo,
palma palma,
palmus palmo,
palpare poupar,
palumbes pombo,
palus páo,
panaricium panariz,
panicium painço,
panis pão,
pannus panno,
papaver papoula,
papilio pavilhão,
papare papar,
papula papo,
papyrium papel,
par par,
parabola palavra,
paraveredus palafrem,
parens parente,
parere parir,
paries, parietis parede,
parare parar,
pars parte,
parvus parvo,
pascere pascer,
passer passaro,
passio paixão,
passus passo,
pasta pasta,
pastillum pastilha,
pastor pastor,
partus parto,
pater padre, pae,
patiens pacente ant..
paucus pouco,
pauper pobre,
pausare pousar,
pavo pavão,
pavor pavor,
pax paz,
peccare peccar,
peccator peccador,
peccatum peccado,
pecten pente,
pectus peito,

de	pedica	em	pejar der.,
	pediculus		piolho,
	pejor		peor,
	pejorare		peorar,
	pelagus		pego,
	pellis		pelle,
	pendere		pender,
	penicillum		pincel,
	penna		penna,
	pensare		pesar,
	pensum		peso,
	per		per ant., por mod.,
	per-		per-
	perceptus		perceito,
	perdere		perder,
	peregrinus		peregrino,
	etc.		
	perdix		perdiz,
	periculum		perigo,
	perna		perna,
	pes		pé,
	pessimus		pessimo.
	pestis		peste,
	petitio		petição,
	petere		pedir,
	petra		pedra,
	pica		pega,
	picare		pegar,
	pictura		pintura,
	pictus		pinto,
	pietas		piedade,
	pigmentum		pimenta,
	pignerare		penhorar,
	pignus		penhor,
	pigritia		preguiça,
	pila		pela,
	pila		pilha,
	pilus		pêlo,
	pingue s.		pingo,
	pinus		pinho,
	pipare		piar?
	pirum		pera,
	piscator		pescador,
	piscatus s.		pescado,
	piscis		peixe,
	piscari		pescar,
	pisare		pisar,
	pius		pio,
	pix		pez,
	podium		a-poio,
	poena		pena,
	poenitentia		pendença ant.,
	polire		poir,
	pollicaris		pollegar,
	pomarium		pomar,
	ponere		poer, ant. pôr mod.,
de	pons	em	ponte,
	populus		povo,
	porca		porca,
	porcarius		porqueiro,
	porcus		porco,
	porrum		porro,
	porta		porta,
	portio		porção,
	portus		porto,
	positio		posição,
	positus		posto,
	possidere		possuir,
	post		pois,
	posticum		postigo,
	postis		poste,
	potus		pote,
	pugnare		punhar ant.,
	pugnus		punho,
	pulex, * pulica		pulga,
	pullare		pullar,
	pulpa		polpa,
	pulsare		puxar,
	pulsus		pulso,
	pulvis		pó, polvora,
	punctum		ponto,
	punire		punir,
	puppis		poppa,
	puritia		pureza,
	purus		puro,
	puta		puta,
	puteus		poço,
	putare		podar,
	putrescere		a-podrecer,
	putris		podre.

4. G. inicial. Regra geral: conserva-se inalterado deante de a, o, u. Assim o g

de	galla	em	galha,
	gallicus (sc. canis)		galgo,
	gallina		gallinha,
	gallus		gallo,
	gamba		gambia,
	gannire		ganir,
	gargarizare		gargarejar,
	gaudium		gozo [1],

[1] Diez, *Etymologisches Wærterbuch* II [3], 138 apresenta sem se resolver inteiramente por uma nem por outra, como etymologias de gozo, gustus e gaudium; parece-lhe ser forte razão para pôr de lado a ultima o facto de gozo não apresentar o diphtongo ou (comp. ouzo de audeo); mas cremos indubitavel que gozo venha de gaudium e não de gustus (o qual phoneticamente poderia muito bem dar gozo (comp. moço de mustus etc.), porque em vez do diphtongo ou apparece-nos n'outros casos o fechado em portuguez, que quasi se não distingue de ou (assim em bobo por boubo de baubus, do latim balbus), e porque o sentido fundamental de gozo é aproximadamente o mesmo de gaudium; em quanto gostu tem sentidos muitos differentes, os mesmos do latim gustus e adquiriu um novo pelo qual se aproxima do de gozo, o de prazer que se sente provando (gostando) e o de prazer em geral. Em todo o caso é possivel a reacção d'uma fórma gozo de gustus, sobre outra de gaudium.

de	gubernaculum	em	governalho.
	gubernator		governador,
	gubernare		governar,
	gummi		gomma,
	gurdus [1]		gordo,
	gustare		gostar.
	gustus		gosto.
	gutta		gotta,
	guttur		gotto,
	guvia [2]		goiva.

5. **D inicial.** Regra geral: permanece inalterado deante de todas as vogaes. Excepção: passagem rarissima para g. Assim permanece intacto o d

de	daemon	em	demo,
	damnare		damnar, danar,
	damnum		damno,
	dare		dar,
	datum		dado.
	de		de,
	debere		dever,
	decanus		deão,
	decem		dez.
	december		dezembro.
	delere		delir.
	delicatus		delgado.
	denarius		dinheiro.
	deus		deus,
	di-		di-
	digerere		digerir.
	directus		direito.
	etc.		
	dicere		dizer.
	dictum		dito,
	dies		dia.
	dignus		dino, digno.
	dis-		dis-
	discurrere		discorrer.
	disponere		dispôr.
	etc.		
	divinus		divino.
	divinatio		a-divinhação.
	doctor		doutor,
	doctus		douto.
	dolere		doer,
	dolor		dor,
	domina		dona.
	dominus		dom.
	donare		doar,
	donum		dom.
	dormire		dormir,
de	dos (dotis)	em	dote,
	dotare		dotar,
	dubitare		duvidar,
	dulcis		doce,
	duplare		dobrar,
	duplum		dobro.
	durescere		en-durecer.
	duritia		dureza,
	durare		durar,
	durus		duro,
	dux (ducis)		duque.

6. **B inicial.** Regra geral: permanece inalterado deante de todas as vogaes. Excepções: alteração frequente em v no fallar provincial. Assim fica inalterado no fallar corrente o b

de	bacca	em	baga,
	badius		baio.
	bajulare		bajular.
	balaena		balea,
	balare		balar,
	balbus		bobo.
	balista		besta.
	balneum		banho,
	ballare		bailar.
	baptismus		baptismo, bautismo.
	barba		barba.
	barbus		barbo.
	basis		base.
	basium		beijo.
	bassus		baixo.
	battualia		batalha.
	battuere		bater.
	beatus		beato.
	bellus		bello,
	bene		bem.
	benedicere		benzer.
	beryllus		brilhar (beryllar. brilho).
	bestia		besta.
	bibere		beber.
	bilanx		balança.
	bocas		boga.
	boatus		boato.
	bolus		bolo.
	bonus		bom.
	bos bovis		boi.
	bubalus		bufalo.
	bubo		bufo.
	bucca		bocca.
	buccina		buzina.
	bubus		bolbo.
	buccinum		buzio.
	bulla		bolha.

[1] **Gurdus** é uma palavra d'origem hispanica.

[2] **Guvia** apparece pela primeira vez em Isidoro de Sevilha (*Origines*, 19, 19. Outras lições são **gubia** e **gulbia**. A palavra é muito provavelmente d'origem basca. Diez, *Etymologisches Wœrterbuch*, I³, 231.

de	bullire	em	bolir,
	burrus		burro,
	buxum		buxo.

7. S inicial. Regra geral: permanece intacto deante de todas as vogaes. É muito excepcional a mudança em ch. Assim permanece o s inicial

de	sabbatum	em	sabbado,
	sabulum		saibro,
	saccus		sacco,
	sacer		sacro,
	sacerdos		sacerdote,
	sacramentum		sacramento,
	sacrarium		sacrario,
	sacrare		sagrar,
	saeculum		segre ant., seculo mod.,
	sagitta		setta,
	sagum		saio,
	saio		saião ant.,
	sal		sal,
	salire		sair,
	saliva		saliva (pop.?),
	salivare		salivar,
	saltare		saltar,
	saltus		salto,
	salus salutis		saude,
	salutare		saudar,
	salvare		salvar,
	salvus		salvo,
	sambucus		sabugo,
	sanctificare		santiguar, santificar,
	sanctitas		santidade.
	sanctus		santo,
	sandalium		sandalia,
	sanguis		sangue,
	sanguisuga		sanguesuga,
	sanare		sarar,
	sanus		são,
	sapere		saber,
	sapius (em nesapius)		sabio,
	sapor		sabor,
	sarculum		sacho,
	sarda		sarda,
	sardina		sardinha,
	sargus		sargo,
	sartago		sartã,
	Satanas		Satanaz,
	satis		a-ssaz,
	satisfacere		satisfazer,
	saxum		seixo,
	se		se,
	sebum		sebo,
	secare		segar,
de	secretus	em	segredo,
	secta		seita,
	secum		com-sigo,
	secundus		segundo,
	securis		segura,
	securus		seguro,
	sedére		ser,
	sedes		sé,
	sedare		sedar,
	sella		sella,
	semen		semel ant.,
	semente		semente,
	semita		senda,
	semper		sempre,
	senatus		senado,
	senior		senhor,
	sensus		siso, siso,
	sententia		sentença,
	sentire		sentir,
	separare		separar,
	sepes		sebe,
	septem		sette,
	september		septembro,
	septimus		septimo,
	sepultura		sepultura,
	sequi		seguir,
	serenum		sereno,
	sericum		sirgo,
	serotinus		serodio,
	serpens		serpe, serpente,
	serpyllum		serpão der.,
	serva		serva,
	servire		servir,
	servitium		serviço,
	servus		servo,
	seta		seda,
	severus		severo,
	sex		seis,
	sexus		sexo,
	si		si,
	sibilare		a-ssobiar,
	sic		sim,
	siccare		seccar,
	siccus		secco,
	sigillum		sello,
	signum		sino,
	silentium		silencio,
	silva		selva, silva,
	silvester		silvestre,
	similitudo		similidôe ant.,
	similare		semelhar,
	simplex		simples,
	simul		en-sembra ant.,
	sincerus		sincero,
	singularis		singular,
	singulus		senho ant.,

de	sinister	em	sestro,
	sinus		seio,
	siren		sereia,
	sitis		sede,
	situs		sito,
	sobrina		sobrinha,
	sobrius		sobrio,
	soccus		socco,
	socer		sogro,
	socius		socio,
	sol		sol,
	solatium		solaz ant.,
	soldus		soldo,
	solea		solha,
	solere		soer,
	solum		solho,
	solus		só,
	somnium		sonho,
	somnum		somno,
	sonare		soar,
	sonus		som,
	sorbere		sorver,
	soror		soror,
	suavis		suave (pop.?),
	sub-, subs-, sus-		sob-, sus-,
	subire		subir,
	subjetio		sujeição,
	subjectus		sujeito,
	submittere		sometter,
	subornare		sobornar,
	substantia		sustancia,
	subtilis		sutil,
	succedere		succeder,
	succurrere		soccorrer,
	sufferre		soffrer,
	summissus		summisso,
	suspectare		suspeitar,
	suspectus		suspeito,
	suspirare		suspirar,
	supplicare		supplicar,
	supplicium		supplicio,
	supprimere		supprimir,
	suspendere		suspender,
	sustentare		sustentar,
	subula		sovela,
	succus		succo,
	sudare		suar,
	sudor		suor,
	sugere		sugar,
	sulcus		surco, sulco,
	sulfur		sulfur,
	sum		som ant., sou mod.,
	summa		somma,
	sumere		sumir,
	super		sôbre,
	superbia		soberba,
de	superbus	em	soberbo,
	superior		superior (pop.?),
	superare		sobrar,
	surdus		surdo,
	surditia		surdez,
	surgere		surgir,
	sussurrare		susurrar,
	susurrus		susurro,
	suus		seu,
	symphônia		sanfona.

8. F inicial. Regra geral: permanece intacto deante de todas as vogaes. Assim o f

de	faba	em	fava,
	fabrica		fabrica,
	fabricare		fabricar,
	fabula		falla,
	fabulari		fallar,
	facies		face,
	facilis		facil,
	facinus		façanha,
	facere		fazer,
	factum		feito,
	factura		feitura,
	faex (faeces pl.)		fezes,
	fallere		fallir,
	falsus		falso,
	falx		fouce,
	fama		fama,
	fames		fame ant., fome,
	familia		familia,
	famosus		famoso,
	farina		farinha,
	fartus		farto,
	fascia		faixa,
	fascis		feixe,
	fastidium		fastio,
	fatum		fado,
	faux		foz,
	favilla		faulha,
	favor		favor,
	favus		favo,
	fax		facho,
	febris		febre,
	fel		fel,
	felicitas		felicidade,
	felix		feliz,
	femina		femea,
	fenestra		fresta,
	fera		fera,
	feria		feira,
	feriatus		feriado,
	ferire		ferir,
	fermentum		fermento,
	ferocitas		ferocidade,

de	ferox	em	feroz,
	ferrum		ferro,
	ferus		fero,
	fervere		ferver,
	festinantia		festinança ant.,
	festinare		festinar ant.,
	festivus		festivo,
	festum		festa,
	fetus		feto,
	fiber		febra,
	fibula		fivella (derivado com outro suffixo),
	ficaria		figueira,
	ficus		figo,
	fidelis		fiel,
	fidelitas		fieldade, fidelidade,
	fides		fé,
	fiducia		fiuza ant.,
	figura		figura,
	figurare		figurar,
	filia		filha,
	filictum		feto,
	filius		filho,
	filare		fiar,
	filum		fio,
	fimbria		franja [1],
	finalis		final,
	findere		fender,
	fingere		fingir,
	finis		fim,
	finitus		findo,
	firmitudo		firmidôe ant.,
	firmare		firmar,
	firmus		firme,
	fixus		fixo,
	focus		fogo,
	foedus		feio,
	foenum		feno,
	folium		folha,
	follis		folle,
	fons		fonte,
	fera		fera,
	forma		forma,
	formare		formar,
	formica		formiga,
	fornacula		fornalha,
	forare		forar,
	fortis		forte,
	fortuna		fortuna,
	forum		foro,
	fossare		fossare,
	fovea		fojo,
	fuga		fuga,
de	fugere	em	fugir,
	fugitivus		fugitivo,
	fulvus		fulo,
	fumarium		fumeiro,
	fumigare		fumegar,
	fumare		fumar,
	fumosus		fumoso,
	fumus		fumo,
	functio		funcção,
	funda		funda,
	fundamentum		fundamento,
	fundator		fundador,
	fundibulum		funil,
	fundare		fundar,
	fundus		fundo,
	fungus		fungo,
	furca		forca,
	furia		furia,
	furiosus		furioso,
	furor		furor,
	furtum		furto,
	fuscus		fusco,
	fustis		fuste,
	fusus		fuso,
	futurus		futuro.

9. V inicial. Regra geral: permanece deante de todas as vogaes. São raros os exemplos de mudança em b no fallar usual, mas essa mudança é frequente no fallar do Minho: mais raros ainda os da mudança em f ou em g atraz de o. Exemplos da permanencia são o v inicial

de	vacca	em	vacca,
	vacivus		vazio,
	vacare		vagar,
	vado		vou,
	vadum		váo,
	vagitus		vagido,
	vagus		vago,
	valere		valer,
	vallis		valle,
	vanus		vão,
	vapor		vapor,
	vara		vara,
	variatio		variação (pop.?),
	variare		variar,
	varius		vairo ant., vario,
	varare		varar,
	vellus		vello,
	velox		veloz,
	velum		véo,
	vena		veia,
	venatus		veado,
	vendere		vender,
	venenum		veneno,

[1] Introduzida provavelmente do francez frange.

de	venire	em	vir,
	venter		ventre,
	ventosus		ventoso,
	ventus		vento,
	verbena		verbena,
	verecundia		vergonha,
	veritas		verdade,
	vermiculus		vermelho,
	verrere		varrer,
	versus		a-vesso,
	vertere		verter,
	vespa		vespa,
	vespera		vespera,
	vestis		veste,
	vetare		vedar,
	vetulus		velho,
	via		via,
	viaticus		viagem,
	vicarius		vigario,
	vigesimus		vigesimo (pop.?),
	vicinitas		vizindade ant.,
	vicinus		vizinho,
	vix, vicis		vez,
	victoria		victoria,
	videre		ver,
	vidua (* viduva (comp. viduvium)		viuva,
	viduus (* viduvus		viuvo,
	vigilia		vella,
	vigilare		vigiar,
	viginti		vinte,
	vigor		vigor,
	vilis		vil,
	villa		villa,
	vimen		vime,
	vinaceum		vinhaça,
	vincere		vencer,
	vindemia		vindima,
	vindicare		vingar,
	vinea		vinha,
	vinetum		vinhedo,
	vinum		vinho,
	viola		viola,
	vipera		vibora,
	virga		verga,
	virginitas		virgindade,
	virgo		virgem,
	viridiarium		vergel,
	viridis		verde,
	virtus		virtude,
	viscum,		visco,
	visitare		visitar,
	vita		vida,
	vitis		vide,
	vitium		viço, vicio,
	vitula		vitella,
de	vivarium	em	viveiro,
	vivere		viver,
	vivus		vivo,
	vobiscum		-vosco,
	volare		voar,
	volumen		volume,
	voluntas		vontade,
	voluntare		voltar,
	volvere		volver,
	vomitare		vomitar,
	vomitus		vomito,
	vorax		voraz,
	vos		vos,
	vester, voster		vosso,
	votum		voto,
	vox		voz,
	vulgaris		vulgar,
	vulgus		vulgo,
	vultus		vulto.

10. N inicial. Regra geral: permanece intacto deante de todas as vogaes. Troca excepcional por outras liquidas. Assim permanece o n inicial

de	nanus	em	a-não,
	napus		nabo,
	nardus		nardo,
	naris		nariz der.,
	nasci		nascer,
	nassa		nassa,
	natalis		natal,
	nates		nadega der.,
	natio		nação,
	natare		nadar,
	natura		natura ant.,
	natus		nado,
	nausea		nojo,
	navigare		navegar,
	navigator		navegador,
	navigium		navio,
	navis		nau, nave,
	nebula		nevoa,
	nec		nem,
	necessarius		necessario,
	necessitas		necessidade,
	negare		negar,
	negligentia		negrigença ant., negligencia mod.,
	negotians		negociante,
	negotiator		negociador,
	negotium		negocio,
	neptis		neta,
	nervus		nervo,
	nidus		ninho,
	niger		nigro,
	nigrescere		e-negrecer,

de	nitidus	em	nedio,
	nivosus		nevoso,
	nix nivis		neve,
	nobilis		nobre,
	nocere		nosser ant.,
	nodus		nó,
	nomen		nome,
	nominare		nomear,
	non		não,
	nonus		nono,
	noster		nosso,
	nota		nota (pop.?),
	notabilis		notavel,
	notitia		noticia,
	notare		notar (pop.?),
	novacula		navalha,
	novellare		novellar ant.,
	novem		nove,
	november		novembro,
	novenus		novena s.,
	novicius		noviço,
	novitas		novidade,
	novus		novo,
	nox noctis		noite,
	nubes		nuvem,
	nudus		nú,
	nullus		nullo,
	numerare		numerar,
	numeratio		numeração,
	numerus		numero,
	numerosus		numeroso,
	nurus		nora,
	nutrire		nutrir,
	nux		noz.

11. M inicial. Regra geral: immutabilidade deante de todas as vogaes. Troca rara por outras liquidas. Assim premanece o m inicial

de	macer	em	magro,
	macerar		macerar,
	mactare		matar,
	macula		malha,
	magis		mais,
	magister		mestre,
	magnus		manho ant., maguo mod.,
	maius		maio,
	major		maior,
	mal		mal.
	maledicere		maldizer,
	maledictus		maldito,
	maleficium		maleficio,
	malevolus		malevolus,
	malitia		maleza ant.,
	malignus		malino,
de	malleus	em	malho,
	malum		male,
	malus		máo,
	malva		malva,
	mamma		mamma,
	mancipium		mancebo,
	mancus		manco,
	mandare		mandar,
	manducare		manducar,
	mane		manhã,
	manica		manga,
	manicula		manilha,
	manifestare		menfestar ant.,
	manifestus		manfesto ant.,
	mansuetudo		mansidão,
	mantica		manteiga,
	mantum		manto,
	manus		mão,
	mare		mar,
	margo		margem,
	marinus		marinho,
	maritus		marido,
	marmor		marmore,
	marrubium		marroio,
	martius		março,
	martyr		martyr,
	masculus		macho,
	massa		massa,
	masticare		mascar, mastigar,
	mater		madre, mãe,
	materia		madeira,
	maternus		materno (pop.?),
	matiana		maçã,
	matrix		matriz,
	matrona		matrona (pop.?),
	maturescere		a-madurcer,
	maturus		maduro,
	medicus		mege ant., medico,
	medecina		mezinha,
	medietas		meidade ant., metade mod.,
	meditari		meditar,
	medium		meio,
	medulla		miollo,
	mejare		mijar,
	mel		mel,
	melancholia		menanconia pop.,
	melania		melena?,
	melimelum		marmelo,
	melior		melhor,
	melo		melão,
	membrum		membro,
	memoria		memoria,
	mendicare		mendigar,
	mendicus		mendigo,
	mens		mente,

de	mensa	em	mesa,
	mensis		mez,
	mensura		mesura,
	mentio		menção,
	mentiri		mentir,
	mercari		mercar,
	mercatus		mercado,
	mercenarius		merceneiro,
	merces		mercê,
	merda		merda,
	merenda		merenda,
	mergulus		mergulhão der.,
	meritum		merito,
	merula		melro,
	meta		meda,
	metallum		metal,
	metiri		medir,
	metus		medo,
	meus		meu,
	mica		miga,
	militaris		militar,
	militare		militar v.,
	militia		milicia,
	milium		milho,
	mille		mil,
	milliarium		milhar,
	mimus		mimo,
	ministerium		mester,
	minor		menor,
	minus		menos,
	minutus		miudo,
	mirabilia pl.		maravilha,
	miraculum		milagre,
	mirari		mirar,
	miscere		mexer,
	miser		misero,
	miserabilis		miseravel,
	miseria		miseria,
	missa		missa,
	mitigare		mitigar,
	mitra		mitra,
	mittere		metter,
	mixtus		mixto,
	mobilis		movel,
	moderari		moderar,
	modium		moio,
	modus		modo,
	moechus		meco,
	mola		mó,
	molaris		molar,
	molarius		moleiro,
	molere		moer,
	moneta		moeda,
	monstrare		mostrar,
	monumentum		moimento,
	monachus		monge,

de	monasterium	em	mosteiro,
	mons		monte,
	morari		morar,
	morbus		mormo,
	mordere		morder,
	mori		morrer,
	mors		morte,
	morsum s.		mossa,
	mortalis		mortal,
	mortalitas		mortandade,
	mortuus		morto,
	morum		a-mora,
	moveo		mover,
	mugire		mugir,
	mula		mula,
	mularis		muar,
	mulcare		a-molgar,
	multa		multa,
	multare		multar,
	mulgere		mungir,
	mulier		mulher,
	multus		muito,
	mundanus		mundano,
	mundus		mundo,
	munire		munir,
	munitio		munição,
	muria		sal-moura,
	murmur		murmurio,
	murmamure		murmurar,
	murmurator		murmurador,
	murus		muro,
	musca		mosca,
	muscus		musgo,
	musica		musica,
	musicus		musico,
	mustum		mosto,
	mustus		moço,
	mutare		mudar,
	mutus		mudo,
	myrrha		myrra,
	myrtus		myrto.

12. R inicial permanece inalterado sem excepções. Assim o r inicial

de	rabia	em	raiva,
	rabula		ralhar der.,
	rabiosus		raivoso,
	radicare		a-raigar,
	radiare		raiar,
	radius		raio,
	radix		raiz,
	raia		raia,
	ramosus		ramoso,
	ramus		ramo,
	rapax		rapaz,

de	raphanus	em	rabão,
	raritas		raridade,
	rarus		raro,
	rastrum		rasto, rastro,
	rarus		raro,
	ratio		razão,
	rationabilis		razoavel, razoal pop.,
	raucus		rouco,
	re-		re-,
	rebellis		rebelde,
	rebellio		rebellião,
	rebellare		rebellare,
	recipere		receber,
	recordare		recordar (pop.?),
	rectus		recto,
	recurrere		recorrer,
	recusare		recusar,
	redemptio		redempção,
	reducere		reduzir,
	referre		referir,
	relatio		relação,
	relaxare		relaxar,
	religio		religião,
	remedium		remedio,
	remotus		remoto,
	removere		remover,
	renovare		renovar,
	renuntiare		renunciar,
	reparare		reparar,
	repellere		repellir,
	repetere		repetir,
	residere		residir,
	resolvere		resolver,
	respectare		respeitar,
	respectus		respeito,
	respiratio		respiração,
	respirare		respirar,
	respondere		responder,
	restituere		restituir,
	restitutio		restituição,
	restare		restar,
	reverentia		reverença ant.,
	revogar		revogar,
	red-dere		render,
	regere		reger,
	regina		rainha,
	regnare		reinar,
	regnum		reino,
	remus		remo,
	res		rem ant.,
	restis		restia,
	retro		reira ant.,
	reus		reo,
	rex		rei,
	ricinus		riço pop., ricino,
de	ridere	em	rir,
	rigidus		rijo,
	rigare		regar,
	rigor		rigor,
	rima		rima,
	ripa		riba,
	risus		riso,
	rivus		rio,
	rivalis		rival,
	rixa		rixa,
	robur		roble,
	robustus		robusto,
	rodere		roer,
	rogare		rogar,
	rosa		rosa,
	rostrum		rosto,
	rota		roda,
	rotare		rodar,
	rotella		rodella, rodilha,
	rotula		rolha, rotula,
	rotulus		rolo,
	rotundus		redondo,
	rubeus		ruivo,
	ruga		ruga,
	rugire		rugir,
	ruina		ruina,
	rumor		rumor,
	rumpere		romper,
	ruptus		roto,
	ruta		a-rruda.

13. L inicial. Regra geral: immutabilidade deante de todas as vogaes. Troca excepcional por outros sons. Assim se conserva o l inicial

de	labarum	em	labareda der.,
	labes		labeo der.,
	laborare		lavrar,
	labrusca		labrusca,
	lac lactis		leite,
	lacerare		lacerar, lazerar,
	lacertus * lacartus		lagarto,
	lacrima		lagrima,
	lac lactis		leite,
	lactuca		leituga,
	lacuna		lagoa,
	lacus		lago,
	laesus		leso,
	laetus		ledo,
	lama		lama,
	lamentare		lamentar,
	lamentatio		lamentação,
	lampas		lampada,
	lana		lã,
	lancea		lança,
	lanugo		lanugem,

de	laqueus	em	laço,
	lar		lar.
	largus		largo.
	latinus		ladino, latino.
	latro		ladrão,
	latus		lado,
	laudare		louvar.
	laus		loa,
	lavare		lavar,
	laxus		lasso,
	lectio		lição,
	lector		leitor,
	lectus		leito,
	legalis		leal.
	legatum		legado,
	legitimus		lidimo ant.,
	legare		legar.
	legere		ler,
	lepus		lebre,
	leuca [1]		legua,
	levis		leve,
	levare		levar,
	lex		lei,
	liber		liber.
	libertas		liberdade,
	libra		libra,
	librum		livro.
	librarius		livreiro,
	licentia		licença,
	lignum		lenho.
	ligare		liar, ligar.
	lilium		lirio.
	lima		lima,
	limes, limitis		linde ant.,
	liminare		limiar,
	linea		linha,
	lingua		lingua,
	linteolum		lençol,
	linteum		lenço,
	linum		linho.
	liquidus		liquido,
	liquor		licór,
	lira		lira,
	lis litis		lide.
	litigare		litigar (pop.?),
	litera		letra.
	literatura		lettradura ant.,
	locus		logo ant.,
	locusta		lagosta,
	longe		longe,
	longus		longo.
	lorica		loriga,
	lucere		luzir.
	lucrum		logro. lucro.

[1] Leuca é uma palavra gauleza.

Consoantes mediaes entre vogaes

Em regra as consoantes mediaes entre vogaes estão sujeitas a todos os accidentes desde o simples abrandamento até á syncope: ha porém excepções que convem observar na especialidade.

1. C medial. Precedido de vogal e seguido de a, o ou u só por excepção se conserva intacto em palavras evidentemente do fundo popular da lingua e que decorreram já formadas do latim, taes como

chicorea	de	cichoreum,
cuco		cucus,
echo		echo,
moco		moechus,
rouco		raucus,
botica ao lado de bodega		apotheca.

O c medial permanece tambem inalterado nos suffixos

-aco,	-ico,	-uco,
-eco,	-oco,	

mas em regra só nos derivados não latinos produzidos com esses suffixos. Em palavras de caracter popular duvidoso ou d'origem erudita manifesta apparece o c medial atraz de a, o, u frequentes vezes intacto. Isto dá-se em

acacia,
cicatriz,
cicuta,
cloaca,
crocodilo,
fuso,
faculdade,
applacar,
educar,
efficaz,
fecundo,

oculo / in-ocular	ao lado de olho,
seculo	segre ant.,
jocoso	jogo,
lacuna	lagoa, lago,
facundo	Fagundo, n. d'homem,
pro-vocar	ad-vogar,
tricas	in-triga;

nos compostos de -ficare, como

pa-cificar
fructi-ficar
puri-ficar
rari-ficar
edi-ficar
justi-ficar ao lado de justi-figar ant.,

morti-ficar ao lado de morti-vigar ant.;

nos compostos de -plicare, como

ap-plicar
du-plicar
im-plicar
quadra-plicar
re-plicar
tri-plicar
etc.
} ao lado de chegar, pregar, em-pregar:

nos compostos de -dicare, como

de-dicar
in-dicar;

e em derivados com os suffixos secundarios -ico, -aico, -uco, como

chronica,
fabrica,
famelico, (comp. o n. de logar Villa Nova de Famalicão),
fanatico,
fornicare,
juridico,
musica,
rustico,
heretico, ao lado de hereje,
silvatico, selvage(m),
viatico, viage(m),
medico, mege ant.,
medicar,
hebraico,
judaico,
caduco.

2. T inicial. Precedido de vogal e seguido de a, o ou u, ou de e, i, a que se seguia consoante, permaneceu o t intacto n'um consideravel numero de palavras do fundo popular da lingua, decorrentes já do latim. D'esse numero parecem ser todas as seguintes:

abeto de abiete-,
agitar agitare,
apparato apparatus,
appetite appetitus,
beato beatus,
botica ao lado de bodega apotheca,
bruto bruto,
capitel capitellum,
catrefa caterva?
capitão (peixe) capito,
cautela cautela,
cothurno cothurnus,
1. coito ao lado de covado cubitus,
2. coito coitus,
couto cautum,
creatura de creatura,
dote dote-,
dotar dotare,
ermita eremita,
esprito, espirito espirito,
eterno aeternus,
eternal aeternalis,
exquisito exquisitus,
grato gratus,
in-grato in-gratus,
gritar quiritare,
habitar habitare,
hospital hospitalis,
meditar meditari,
natal natalis,
natura ant., natureza der. natura,
noticia notitia,
outomno autumnus,
pote potus,
sito, sitio situs,
Satanaz Satanas,
tutor tutor,
util utilis,
vitella vitula,
visitar visitare,
vomitar vomitare,
voto ao lado de boda votum.

O t apparece tambem nas mesmas condições no suffixo pouco popular

-ita, em os derivados novos carmelita, jesuita, israelita, ismaelita, etc.,

e em muitas palavras de caracter popular incerto ou evidentemente tiradas immediatamente do latim pelos eruditos, como

astuto de astutus,
excitar excitare,
incitar incitare,
fanatico fanaticus,
fatal fatalis,
feto foetus,
futuro futurus,
grabato grabatus,
hypocrita hypocrita,
hesitar haesitare,
idiota idiota,
imitar imitari,
impeto impetus,
inveterar inveterare,
licito licitus,
merito meritum,
militar militar,
mitigar mitigare,

nota	de	nota.
precipitar		praecipitare.
capitulo	ao lado de	cabido.
capital		cabedal.
fatigar		fadiga, fadigar ant.,
finito		fino, findo,
heretico		herege,
limite		linde ant.,
minuto		miudo,
nato		nado,
quieto		quedo,
rotundo		redondo.

3. P medial. Entre vogaes só excepcionalmente permanece intacto o p medial em palavras que pertençam evidentemente ao fundo popular da lingua, como

aipo	de	apium,
capaz		capax,
capão		capo,
capitão (peixe)		capito,
choupo		* plopus por pópulus,
estupor		stupor,
rapaz		rapax,
separar		separare,

e particularmente em palavras que tem tambem p inicial, como

papoula	de	papaver,
papa		papa,
papel		papyrium,
pipa		pipa [1].

O p medial entre vogaes apparece mais frequentemente em palavras de caracter popular duvidoso, ou tiradas evidentemente do latim, pelo processo erudito, taes como

lapidario	de	lapidarius,
copia		copia,
precipitar		praecipitare,
principe		princeps,
principio		principium,
lepido		lepidus,
participare		participare,
popular		popularis,
estupido		stupidus.

vapor	de	vapor,
capital	ao lado de	cabedal,
in-crepar / dis-crepar		quebrar.

O p entre vogaes apparece tambem em palavras introduzidas do italiano, como

capitão	de	capitano, do baixo latim capitanus,
caporal		caporal, de capo, do latim caput.

4. G medial. Precedido de vogal e seguido de a, o, ou u permanece o g no maior numero de casos. Exemplos do fundo popular da lingua são, sem duvida,

agosto	de	augustus,
agouro		augurium,
castigar		castigare,
chaga, praga		plaga,
estriga		striga,
fadigar ant., fadiga		fatigare,
figura		figura,
fumegar		fumigare,
ligar ao lado de liar		ligare,
gigante		gigas,
jugo		jugum,
navegar		navigare,
negar		negare,
obrigar		obligare,
pagão		paganus,
pego		pelagus,
regar		rigare,
rogar		rogare,
ruga		ruga,
sugar		sugare,
vago		vagus,
vigor		vigor.

Menos certos ou de caracter erudito evidente:

frugal		frugalis,
fuga		fuga,
legal junto de leal		legalis,
legare		legar,
legume		legumen,
prodigo		prodigus.

5. D medial. Só excepcionalmente permanece intacto o d medial entre vogaes em palavras latinas do fundo popular da lingua. Os exemplos certos ou pouco duvidosos são

ceder	de	cedere,
coda, codaste der.		cauda,
estudo		studium,

[1] «Prov. *pipa*, barre, bâton, tuyau, *pimpa*, pipeau, musette; espagn. *pipa*, sorte de mesure; ital. *pipa* e *pira*; du lat. *pipare*, crier, piauler. La série des sens est: musette, puis tuyau; pipe à fumer, puis pipe, mesure de liquide, pipe, tonneau; et même, dans l'ancien français et le provençal, bâton, barre. L'all. *Pfeif*; angl. *pipe*; isl. *pipa*; dan. *pibe*; gall. et écossais *pib*, viennent des langues latines.» Littré, *Dictionnaire*, s. v.

humido	de	humidus,
impedir		impedire,
modo		modus,
accommodar		accommodare,
praedio		praedium,
providencia ao lado de prover		providentia,
remedio		remedium,
rudo, rude		rudis.

O d latino entre vogaes apparece intacto tambem em muitas palavras de caracter popular muito duvidoso ou d'introducção erudita manifesta. Taes são

acido	de	acidus,
adagio		adagium,
adornar		adornare,
adular		adulare,
adultero		adulterus,
adunar		adunare,
applaudir		applaudere,
audacia (comp. ousar, ousadia)		audatia,
audaz		audax,
cadaver		cadaver,
caduco		caducus,
crocodilo		crocodilus,
estupido		stupidus,
fraude		fraude-,
idêa		idea,
idiota		idiota,
idolo		idolum,
invadir		invadere,
liquido		liquidus,
odio		odium,
prudente		prudens,
solido (comp. soldo)		solidus.

6. B medial. Permanece inalterado n'um numero bastante consideravel de palavras do fundo popular da lingua e n'outras que não podem com certeza incluir-se n'esse numero. São ellas

abominavel	de	abominabilis,
assobiar		sibilare,
beber		bibere,
habil		habilis,
habitar		habitare,
habito		habitus,
jubilar		jubilare,
prohibir		prohibere,
rebelde		rebellis,
escabello		scabellum,
sabugo		sabucus,
sebo		sebum,
subir		subire,
subornar		subornare,
tabua	de	tabula,
tabella		tabella,
tabuado		tabulatum,
tribunal		tribunalis,
tribu		tribus,
attribuir ao lado de attrever-se		attribuere,
tabão ao lado de tavão		tabanus,
taberna ao lado de taverna		taberna.

De origem não popular evidente são

alabastro	de	alabaster,
debil		debilis,
globo		globus,
plebe		plebes.

7. J medial. O j latino conserva o som de duração dupla que tinha em latim entre vogaes, quando não era inicial d'um segundo elemento de composição, nas palavras portuguezas

maio	de	maius	ou	majus,
maior		maior		major,
raia		raia		raja.

Sobre a pronuncia d'esse j é mister conferir as passagens seguintes dos grammaticos latinos: «Et i quidem modo pro simplici modo pro duplici accipitur consonante: pro simplici, quando ab eo incipit syllaba in principio dictionis posita subsequente vocali in eadem syllaba, ut 'Juno, Juppiter'. pro duplici autem, quando in medio dictionis ab eo incipit syllaba port vocalem ante se positam subsequente quoque vocali in eadem syllaba, ut 'maius, peius, eius', in quo loco antiqui solebant geminare eandem i litteram et 'maiius, peiius, eiius' scribere, quod non aliter pronuntiari posset, quam si cum superiore syllaba prior i, cum sequente altera proferretur, ut 'pei-ius, ei-ius, mai-ius'; nam quamvis sit consonans, in eadem syllaba geminata iungi non posset: ergo non aliter quam 'tellus, mannus' proferri debuit. unde 'Pompeiii' quoque genetivum per tria i scribebant, quorum duo superiore loco consonantium accipiebant, ut si dicas 'Pompelli': nam tribus i iunctis qualis possit syllaba pronuntiari? quod Caesari doctissimo artis grammaticae placitum a Victore quoque in arte grammatica de syllabis comprobatur pro simplici quoque in media dictione invenitur. sed in compositis ut 'iniuria, adiungo, eiectus, reice'. Vergilius in bucolico [procceleus maticum posui pro dactylo]:

Tityre pascentes a flumine reice capellas:

nunquam autem potest ante eam loco positam consonantis aspiratio inveniri, sicut nec ante u consonantem unde 'hiulcus' trisyllabum est, nulla enim consonans ante se aspirationem recipit.» Priscianus I, 18. ed. Hertz. — «I litera cum fuerit medio vocalium, ita ut

consonans sit, duplicem sonum reddit.» Probus I, 19. — «I litera duplicem sonum designat una quamvis figura sit, si undique fuerit cincta vocalibus.» Idem I, 43.

8. S medial. Segundo Corssen[1] o s medial entre vogaes tinha já em latim um som fraco, o mesmo que tem n'essas condições na maior parte das linguas romanicas. Os factos que aquelle sabio adduz para comprovar a sua opinião ácerca da pronuncia d'esse s são 1) a pronuncia romanica d'essa lettra; 2) a troca frequente em latim do s em r entre vogaes, que se deu por exemplo, em

aeris por * aesis, comp. aes,
aras * asas Ter. Scaur. p. 2252 Putsch,
arbores * arbosis, comp. arbos, em Fest. p. 15,
Aurelii Auselii, Fest. p. 213,
Cereris * Cesesis, comp. Ceres,
cineris * cinesis, comp. cinis,
cruris * crusis, comp. crus,
cucumeris * cucumesis, comp. cucumis,
Curiones Cusianes *Carm. Saliarum,*
dari dasi Fest. p. 63,
Etruria * Etrusia, comp. Etrusci,
eram * esam, comp. esum Varro *Ling. lat.* IX, 100=sum,
Falerii * Falesii, comp. Halesus, Faliscus,
ferias fesias Fest. p. 86,
floris * flosis, comp. flos,
foederum foedesum *Carm. Saliarum,*
funeris * funesis, comp. funus, funestus,
Furius Fusius Pompon. *Dig.* I, 2, 2 §. 36,
generis * genesis, comp. genus,
gero * geso, comp. gestum,
gliris * glisis, comp. glis,
harena fasena Vel. Long. p. 2230, 2238 Putsch,
arenam asenam *Carm. Saliarum,*
haurio * hausio, comp. haustum,
heri * hesi, comp. hesternus,
holera * holesa, comp. helusa Fest. p. 100,
iuris * jusis, comp. jus,
Lares Lases *Carm. Arv.,*
maris * masis, comp. mas,
moris * mosis, comp. mos,
muris * musis, comp. mus,
naris * nasis, comp. naris,
erit esit Macrob. *Sat.,*
nefarius * nefasius, comp. nefas,
onus * onesis, comp. onus,
Papirius por Papisius Fest. p. 213, etc.,
pignora pignosa Fest. p. 213,
Pinarii Pinasi Fest. p. 213,
puberes * pubeses, comp. pubeo,
pulveris * pulvesis, comp. pulvis,
quaero quaeso,
roris * rosis,
robore robose Fest. p. 15,
sceleris * scelesis, comp. scelus,
sero * se-so, comp. se-men,
speres * speses, comp. spes,
Spurius Spusius Dion. Halic. III, 24,
temperi * tempesi, comp. tempestas,
temporis * temposis, comp. tempus,
thuris * thusis, comp. thus,
uro * uso, comp. ustum,
Valerii Valesii Fest. p. 113,
Veneris * Venesis, comp. Venus,
veteres * Veteses, comp. vetus, vetustus,
Veturius Vetusius Tit. Liv. III, 8, 2,
virium * visium, comp. vis[1];

3) a syncope frequente do s entre vogaes, que se observa, por exemplo, em

vê-r ao lado de sanskrito vas-ant-as, lituanio vas-ara, grego é-ar por vés-ar;
Cere-ali-s por * Ceres-ali-s ao lado de Ceres, Cerer-is,
vi-m, vi por vis-im, vis-i ao lado de vis, vir-es, vir-ium-, vir-ibus,

e nos casos obliquos de muitos themas nominaes que apresentam no nominativo o suffixo -ês, como

di-e-i, di-e-m, di-e etc., de di-es, ao lado de Di-es-piter, ho-di-er-nu-s,
spe-i, spe-m de spe-s, junto de plural spe-r-es, spe-r-ibus, etc.

Admittindo pois, o que estes factos nos levam a fazer, que em latim o s entre vogaes era pronunciado como, em geral, nas linguas romanicas, podemos formular a seguinte regra:

O s medial latino entre vogaes conserva-se em portuguez sem alteração, havendo apenas algumas excepções quando a elle se segue i com outra vogal. A regra observa-se em

accusar de accusare,
base basis,
caso casus,
causa, cousa causa,

[1] Corssen, *Ueber Aussprache* I², 280 ff.

[1] Corssen, *Ibidem*, I, 229-232.

excusar	de	excusare,
faisão		phasianus,
fuso		fusus,
pisar		pisare,
pousar		pausare,
presente		praesens,
recusar		recusare,
rosa		rosa,
uso		usus,

nos themas latinos em -oso conservados em portuguez, como

animoso	fragoso,	nevoso,
criminoso	fructuoso,	oleoso,
curioso	generoso,	ramoso,
estudioso	ingenhoso,	religioso,
famoso	invejoso,	tortuoso,
formoso	monstruoso,	viçoso,

e no proprio suffixo -oso, conservado em portuguez e muito usado para produzir derivados novos.

9. F (ph) medial. São em muito pequeno numero as palavras simplices latinas, não introduzidas do grego, com f medial entre vogaes, como scrofa (scrofula der.) tofus, sifilus, (ao lado de sibilus), rufus. D'essas as que se conservam em portuguez

tufo escrofula

guardam o f intacto. O caracter popular da segunda não é certo. Nas palavras latinas compostas de prae e pro tendo por segundo elemento uma palavra começando por f e vogal, que se encontram em portuguez, o f permanece intacto em

prefeito	de	praefectus,
prefação		prefatio,
prefeitura		prefectura,
prefixo		praefixus,
profanação		profanatio,
profanador		profanator,
profano		profanus,
proferir		proferre,
profissão		professio,
professor		professor,
profugo		profugus,
profundidade		profunditas,
profundo		profundo,
profusão		profusio,
profuso		profusus,

palavras que á excepção talvez de preferir, profissão e profundo, não pertencem ao fundo popular da lingua.

Tambem nos compostos do thema -ficio-

bene-ficio male-ficio

se conserva o f; mas n'outros compostos em que f é inicial do segundo elemento, foi, como veremos abaixo, este mudado em v ou b.

Nas palavras gregas introduzidas e conservadas no fundo popular da lingua portugueza, só encontramos o ph medial reflectido por f em

profeta	do latim propheta, do grego prophêtês,
profecia	prophetia.

10. V medial. O v medial entre vogaes permaneceu em geral inalterado. Assim

avarento der.	de	avarus,
aveia		avena,
ave		avis,
breve		brevis,
cava		cava,
cavar		cavare,
caverna		caverna,
cova		cova (lat. pop.),
chuva		pluvia,
cravo		clavus,
favo		favus,
favor		favor,
favoravel		favorabilis,
gavea ao lado de gaiola der.		cavea,
gingiva		gingiva,
grave		gravis,
goiva		guvia,
lavar		lavare,
levar		levare,
leve		levis,
navio		navigium,
nave ao lado de náu [1]		navis,
navalha		novacula,
nove		novem,
novo		novus,
novidade		novitas,
oliveira der.		oliva,
pavor		pavor,
pavão		pavo,
privado		privatus,
privar		privare,
uva		uva.

Todas essas palavras pertencem ao fundo popular da lingua.

11. N medial. Só excepcionalmente se con-

[1] Nos *Actos dos Apostolos* etc. encontra-se nave no sentido de navio.

serva o n medial inalterado entre vogaes nas palavras do fundo popular da lingua, e mais vezes nos suffixos secundarios do que ligado á raiz ou formando parte d'ella. As palavras decorrentes do latim em que o n se conserva entre vogaes e que evidente ou provavelmente pertencem ao fundo popular da lingua são

abominar	de	abominare,
abominavel		abominabilis,
animal ao lado de alimal pop. e alimaria		animalis,
animus ao lado de alma		animus,
benino, benigno		benignus,
cantilena		cantilena,
centena		centeni,
canino		caninus,
querena		carina,
combinar		combinare,
clina, crina ao lado de grenha		crinis,
examinar		examinare,
festinança ant.		festinantia,
festinar ant.		festinare,
final		finalis,
feno		foenum,
fortuna		fortuna,
humano		humanus,
imaginar		imaginare,
janella der.		janua,
lamina		lamina,
ladino		latinus,
menos ao lado de meos ant.		minus,
nono		nonus,
officina		officina,
sereno		serenum,
Satanaz		Satanas,
sanfona		symphonia,
tenaz		tenax,
ourina		urina,
veneno		venenum,
verbena		verbena.

A palavra canonicus perdeu o primeiro n e conservou o outro na fórma conego.

Introduzidas evidentemente pela erudição são

adunare	de	adunare,
caprino		caprinus,
canoro		canorus,
economia		aeconomia,
funesto		funestus,
insano (comp. são)		insanus,
lacuna (comp. lagoa)		lacuna,
sonoro		sonorus,
etc.		

A lingua conserva tambem as fórmas de suffixos

-áno -íno úno
-éno -óno

que apparecem em muitos derivados novos.

12. M medial. Entre vogaes permanece o m medial intacto. Isto dá-se em as seguintes palavras que todas pertencem muito provavelmente ao fundo popular da lingua

abominar	de	abominare,
abominavel		abominabilis,
alume, hume		alumen,
amar		amare,
amizade		amicitas,
amigo		amicus,
amor		amor,
animal		animal,
animo		animus,
assemelhar		assimilare,
balsamo		balsamum,
bruma		bruma,
camelo		camelus,
chamar, clamar, cramar		clamare,
cama		cama,
camisa		camisia,
clemente		clemens,
comer		comedere,
comoro		cumulus,
cominho		cuminus,
crime		crimen,
demo		daemon,
enxame, exame		examen,
espuma		spuma,
estimar		aestimare,
estamago, estomago		stomachus,
fama		fama,
fame ant., fome		fames
familia		familia,
famoso		famosus,
fumar		fumare,
fumo		fumus,
gémeo		geminus,
doma ant.		hebdoma,
homem		homo,
humano		humanus
humido		humidus,
imaginar		imaginare,
imagem		imago,
importuno, partuno G. Vic.		importunus,
imprimir		imprimere,
infame		infamis,
imigo, inimigo		inimicus,
lagrima		lacrima,
lamentar		lamentar,
lama		lama,

lamina	de	lamina,
lima		lima,
limo		limus,
lume		lumen,
nome		nomen,
nomear		nominare,
numero		numerus,
pomo		pomum,
pomar		pomarium,
premio		proemium,
presumir		presumere,
primeiro		primarius,
primo		primus,
queimar		cremare,
ramo		ramus,
remo		remo,
remedium		remedium,
rima		rima,
rumor		rumor,
semelhante		similans,
semente		sementis,
sumir		sumere,
testemunho		testimonium,
temer		timere,
tomilho der.		thymus,
tumor		tumor,
trama		trama,
tremer		tremere,
tremor		tremor,
vime		vimen,
volume		volumen,
vomitar		vomitare.

Do mesmo modo se conserva o m do suffixo -mento, já nos derivados decorrentes do latim, já nos derivados novos, deante dos themas em vogal.

13. R medial. O r medial entre vogaes permanece geralmente intacto. Isto dá-se, por exemplo, nas seguintes palavras, que pela maior parte pertencem evidentemente ao fundo popular da lingua:

adorar	de	adorare,
aspirar		aspirare,
affiro		affero,
ancora		ancora,
apparato		apparatus,
ara		ara,
aranha		aranea,
areia		arena,
aresta		arista,
arado		aratrum,
arame		arame,
arar		arare,
aspero		aspero-,
avarento der.		avarus,
barbaro	de	barbarus,
cara		cara,
carecer		carescere,
caridade		caritas,
caro		carus,
cereja der.		cerasus,
cereal		cerealis,
chicharo		cicer,
chicorea		cichoreum,
coiro		corium,
eira		area,
era		aera,
erario		aerarium,
escaravelho der.		scaraboeus,
espirito		spiritus,
esteril		sterilis,
esteira		storea,
farinha		farina,
favoravel		favorabilis,
fera		fera,
feira, feria		feria,
feriado		feriatus,
ferir		ferire,
fero		ferus,
florecer		florescere,
fora		foras.
furar		forare,
furor		furor,
futuro		futurus,
gargarejar		gargarizare,
gloria		gloria,
hera		hera,
historia, estoria ant.		historia,
hora		hora,
ignorar,		ignorare,
imperador		imperator,
imperar		imperare,
injuria		injuria,
inserir		inserere,
interior		interior,
ira		ira,
irado		iratus,
jeira		jugerum,
jurar		jurare,
juramento		juramentum,
louro		laurum,
loriga		lorica,
marido		maritus,
maduro		maturus,
mesura		mensura,
mirar		mirari,
morar		morari,
muro		murus,
nariz der.		naris,
numero		numerus,
orar		orare,

oração	de	oratio,
orago		oraculum,
ourina		urina.
parente		parens,
ouriço		ericius,
parede		paries,
parecer		*parescere, parêre,
parir		parere,
parocho		parocho,
peorar		pejorare,
perigo		periculum,
preparar		praeparare.
prefiro		praefero,
profiro		profero,
puro		purus,
querer		quaerere,
querena		carina,
raro		rarus,
salterio		psalterium,
sereno		serenum,
separar		separare,
sereia		siren,
severo		severus,
touro		taurus,
vara		vara,
vairo, vario		varius,
voraz, goraz		vorax,
vespera, vespora		vespera.
vibora		vipera.
vigario		vicarius.

Outros exemplos fornecem-nos os suffixos

-ario(-eiro),
-torio(-torio, -doiro),
-ura,

já em derivados provenientes do latim já em derivados novos.

14. L medial. Só excepcionalmente permanece intacto o l medial entre vogaes. As palavras em que isto se dá e que evidente ou mais provavelmente pertencem ao fundo popular da lingua são

abolir	de	abolere,
alimento		alimentum,
bajular		bajulare.
balar		balare,
bolo (termo de jogo)		bolus,
bufalo		bufalus.
calix		calix.
calor (junto de quente)		calor,
camelo		camelus,
cilicio		cilicium,
delir		delere,
escapula	de	scapula,
eschola		schola,
escrupulo, escropulo		scrupulus,
espelunca		spelunca,
estola		stola,
feliz		felix,
gelar (junto de gear)		gelare,
gelo		gelu,
guloso		gulosus,
infeliz		infelix,
jubilar, (jubileu, etc.)		jubilare,
maleficio		maleficium,
maleza ant., malicia		malitia,
melão		melo,
oliveira der.		oliva,
péla		pila,
pêlo		pilus,
sandalia		sandalium,
silencio		silentium,
solaz		solatium,
sola		solea,
talento, talante ant.		talentum,
valere		valer,
veloz		velox,
viola		viola,
volume		volumen.

De caracter popular mais duvidoso ou evidentemente d'origem erudita são as seguintes palavras em que o l permanece entre vogaes:

adular	de	adulare,
ala		ala.
alabastro		alabaster.
cantilena		cantilena.
celebre		celeber.
crocodilo		crocodilus.
halito		halitus.
idolo		idolus.
obolo		obolus.
polire ao lado de poir		polire.
sandalo		sandalum.
seculo ao lado de segre		seculum.

§ 3.º Abrandamento

A passagem das momentaneas fortes c, t, p para as brandas g, d, b é um phenomeno muito frequente na lingua portugueza. Passamos a examinar as condições em que elle se dá.

Abrandamento das momentaneas iniciaes

C deante de a, o, u e p deante de qualquer vogal, quando iniciaes, muito raras vezes abrandam respectivamente em g, b: t n'esse logar nunca abranda em d.

1. Exemplos do abrandamento do c inicial:

gamella	de camella,
gato	catus,
gavea	cavea,
gaiola	caveola,
golla	collum.

O g inicial de gurgulho decorre provavelmente já do latim, pois n'elle achamos

gurgulio Prisc. v, 9 por curculio Plaut.

Além d'este fornecia o latim outros exemplos do abrandamento do c inicial: assim

gamelum	por camelum,
gaunaccam	caunaccam, Ter. Scaur. p. 2252 P.
gobius	do grego kôbios,
gobernator	kybernêtês,
gummi	kómmi [1].

2. Exemplos do abrandamento do p inicial:

belliscar	der.	de pelle,
boir	ao lado de	poir,
bandulho		*pantuculum (pantex),
bostella		pustula,
a-brunho		prunum,

Em

bodega	de apotheca,
bispo	episcopus,

a mudança do p em b déra-se provavelmente antes da apherese da vogal inicial (cp. hesp. obispo).

Em latim havia já alguns casos de abrandamento de p inicial; taes são

burrus	do grego pyrros,
buxus, buxum	pyxos,
buxis	junto de pyxis,

bi-be-re, sanskrito pi-bâ-mi eu bebo, da raiz pâ, que se encontra tambem em latim pô-tu-s, po-t-a-re,
bu-a, bebida, da mesma raiz pâ,
bus-tu-m da raiz indo-germanica prus, sanskrito prush queimar,
balatium por palatium [2].

[1] Corssen, *Ueber Aussprache, Vokalismus und Betonung der lateinischen Sprache* I², 77.
[2] Idem, *Ibidem*, 127.

Abrandamento das momentaneas mediaes

C deante de a, o, u, t, deante de todas as vogaes, excepto i seguido d'outra vogal, p deante de todas precedendo tambem vogal, abrandam em regra.

1. Exemplos do abrandamento do c medial:

agulha	de *acucula (acicula),
agudo	acutus,
advogar	advocare,
alugar	adlocare,
amigo	amicus,
bigorna	bicornis,
boga	bocas,
cagar	cacare,
cego	caecus,
conego	canonicus,
clerigo	clericus,
cigarra	cicada,
cegonha	ciconia,
colgar, *collogar	collocare,
cogula	cuculla,
cogombro	cucumer,
degolar	decollari,
diago ant.	diaconus,
digo	dico,
dragão	draco,
figo	ficus,
fogo	focus,
formiga	formica,
es-fregar	fricare,
fungo	fucus,
grego	graecus,
ag'ora	hac hora,
empregar	implicare,
Fagundo n. pr.	facundus,
inimigo	inimicus,
intrigar	intricare,
jogar	jocari,
jogo	jocus,
lagarta	*lacarta (lacerta),
leituga	lactuca,
lagoa	lacuna,
lago	lacus,
leigo	laicus,
legua	leuca,
logar der.	locus,
loriga	lorica,
lagosta	locusta,
magoa	macula,
manteiga	mantica,
mastigar	masticare,
mendigar	mendicare,
mendigo	mendicus,
miga	mica,
mortifigar ant.	mortificare,

orago	de	oraculum,
pagar		pacare,
pegureiro der.		pecus,
perigo		periculum,
pessego		persicum,
pegar		picare,
pega		pica,
pollegar		pollicaris (pollex),
pregar		plicare,
postigo		posticum,
pregoeiro der.		praeco,
segar		secare,
seguro		securus,
segundo		secundus,
estomago		stomachus,
espiga		spica,
umbigo		umbilicus,
vagar		vacare.

O latim fornece já alguns exemplos do abrandamento do c medial; taes são

Sigambri	por	Sicambri,
negotium		nec-otium.
promulgare		* promulcare; cp. promulcum Fest., p. 224; remulcum. remulcare.
Saguntum	grego	Zákynthos,
noctilugam Fest. p. 174		noctilucam,
mugio	cp. grego	mykáomai.
muginari		
-ginti, -ginta	por	*-cinti, -*cinta,

em

vi-ginti	cp. grego	eíkosi,
tri-ginta		triákonta,
quadra-ginta		tessarákonta,
quinqua-ginta		pente-konta,
etc.		etc.
quadri-genti	ao lado de	centum.
quin-genti		
etc.		
vigesimus		vicesimus,
trigesimus		tricesimus [1].

2. Exemplos do abrandamento do t medial:

azedo	de	acetum.
adem		anas, anatis,
cadella	de	catella,
a-cedares		cetaria,
cadea		catena,
cadeira		cathedra,
cuidar		cogitare,
codorniz		coturnix,
covado		cubitus,
codeço		cytisus,
grade		crates,
greda		creta,
nadegas der.		nates,
dado		datum,
dedo		digitum,
fado		fatum,
firmidõe ant.		firmitudo,
feder		foetere,
grado		gratus,
ladino		latino,
lado		latus,
ledo		laetus,
lidimo ant.		legitimus,
ladainha		litania,
lodo		lutum,
marido		maritus,
madeira		materia,
maduro		maturus,
meda		meta,
medir		metiri.
medo		metus,
miudo		minutus,
moeda		moneta,
mudo		mutus,
pedir		petere,
podéra		poteram,
podes		potis.
quedo		quietus,
rede		retis.
saudar		salutare,
seda		seta.
sabbado		sabbatum.
vida		vita,
vide		vitis.
roda		rota,
todo		totus.
estrado		stratum,
ferida		ferita,
parede		pariete.
edade		aetas.
lide		litem.
podar		putare.
segredo		secretum.
mudar		mutare.

O t abranda em geral em todos os suffixos em que elle se acha entre vogaes:

[1] Corssen, *Ueber Aussprache* I [2], 78.

-ado	de -ato-,
-edo	-eto-,
-ido	-ito-,
-udo	-uto-,

mas esses suffixos tem ao lado fórmas com o t primitivo. Vid. cap. v.

3. Exemplos do abrandamento do p medial:

cabeça	de * capitia,
cabello	capillus,
cabedal	capitalis,
cabedello	capitellum.
cabido	capitulum,
cabo	capulus,
cabo	caput,
cuba	cupa,
mancebo	mancipium,
nabo	napus,
cubiça	cupiditia,
cebola	caepula,
lobo	lupus,
poborar	populare,
conceber	concipere,
sabão	sapo,
saber	sapere,
sebe	sepis,
abelha	apicula,
sabor	sapor,
suberbo	superbus,
receber	recipere.

Em latim havia já alguns casos de abrandamento de p medial: taes são

scabire
scabies
scaber
scabidus } comp. scaprens [1]
etc.

scabillum	por	scapillum,
carbasus	do grego	kárpasos [2].

§ 4.° DEGENERAÇÃO DAS MOMENTANEAS EM CONTINUAS

Algumas momentaneas latinas acham-se em portuguez representadas por continuas. As mais importantes d'essas degenerações são as da momentanea surda guttural c em sibilante dental (ç, z), operada sempre que ella se achava deante de e e i, e a da momentanea sonante guttural g na assibilada ou chiante palatal que representamos por j adeante de a, o, u, n'essa mesma posição. É tambem regular a degeneração da momentanea sonante labial b em a continua do mesmo orgão v.

Em quanto á degeneração das momentaneas por influencia do j palatal, tratamol-a n'outro §.

Os outros casos de degeneração de momentaneas em continuas são inteiramente excepcionaes.

Degeneração do C.

A pronuncia convencional do latim adoptada nas escholas faz suppôr que os romanos pronunciam o c deante de e e i como s; mas nada auctorisa a admittir tal supposição.—« K et Q superante numero litterarum inseri doctorum plerique contendant scilicet quod C littera harum officium possit implere... non nihil tamen interest utra earum prior sit, C seu Q sive K, quarum utramque exprimi faucibus alteram distento, alteram productu rictu manifestum est. » Mar. Victor. *Ars gramm.* 1, 4 (ed. Gaisf. I.)

Diez e Corssen examinaram a questão da pronuncia do c latino deante de e e i com minudencia e indicaram os periodos differentes d'essa pronuncia. Como as discussões dos dous sabios se completam reciprocamente, damol-as ambas.

« Alguns antigos eruditos examinaram já as razões que militam contra a opinião de que o c latino tinha deante de e e i uma pronuncia assibilada, semelhante á do z allemão, e declararam-se contra essa opinião (*Scheller, Ausführl. Sprachlehre S.* 6 *f. Grotefend, Lat. Gr.* § 137. *Schneider, Lat. Gramm.* I, 244 *f.*); todavia n'esta questão não se distinguiram os differentes periodos da lingua latina, e em parte não se apresentaram provas assaz fortes.

« No mais antigo periodo o C deante de e era designado pelo signal K, como provam os modos de escrever já adduzidos

Dekem(bres),
Keri

(p. 8) e a inscripção d'um antigo vaso de barro.

Aecetiai por Aequitiae *Ritschl. De fictil. litt. Latin. antiqu.* p. 17. *Momms. C. I. Latin.* I, 43,

pois qu só podia originar-se do som k e não d'um som assibilado; do mesmo modo a inscripção n'um vaso do tempo da Republica:

Cinti *Ibidem* I, 854. por Quinctius.

« Quando os gregos pela primeira vez receberam palavras latinas na sua lingua e as transcreveram em seus caracteres, pronunciavam os romanos, como mais

[1] Corssen, *Ueber Aussprache* I², 129.
[2] Idem, *Ibidem*, 128.

tarde tambem, o c deante de e e i como k; por quanto esse som se acha constantemente transcripto em grego por meio de k; eis alguns exemplos:

[illegible], *Marin. Inscr. Alb.* p. 140.
[illegible], *Corp. Inscr. Græc.* II, 3447. 3751.
[illegible]. *Bull. d. inst. Rom*, 1867, p. 17, n.º 8.
[illegible], *Ibidem.*
[illegible], *Ibidem.*
[illegible], *Lyd. de mag.* I, 39.
etc.

Do mesmo modo transcreveram os romanos o k grego por c. desde que elles representaram palavras gregas na sua escripta; assim escrevem elles

Cecrops,	Cineas,
cedrinus,	cithara,
cera,	Cybele,
cerasus,	Cygnus,
cetus,	Cylon,
Cilix,	Cyprus, etc.
Cimon,	

«E assim permaneceram estes modos d'escrever durante todos os tempos.

«Quando no tempo do imperio alguns principes germanicos tractavam d'obter o titulo d'honra romano princeps ou magister militum, o som k do c deante de e e i ainda não tinha degenerado. o que nos mostram as palavras latinas introduzidas no gotico, e, em geral, aquellas palavras que se introduziram cedo do latim n'um dialecto teutonico. Comparem-se:

got.	aikeits,	lat.	acetum,
	aurkeis,		urceus,
	karkara,		carcer,
	lukarn,		lucerna,
all. mod.	Kaiser,		Caesar,
	Keller,		cellarium,
	Kerker,		carcer,
	Kerbel,		cerefolium,
	Kirsche,		cerasus,
	Kicher,		cicer,

(Grimm, *Deutsche Gr.* I, 68 *Not. Dietz, Gramm. d. Rom. Spr.* I, 97.) Só quando o c deante de e i foi pronunciado assibilado nas linguas romanicas e no latim da edade media, é que se escreveram e pronunciaram as palavras tiradas d'aquelles idiomas com z. como Zelle, Zirkel, Zither, etc.

«Do modo de escrever C por G nas inscripções do imperio não podem tirar-se conclusões certas para a questão de que se tracta, pois c no latim da decadencia era tambem assibilado.

«Como já desde o tempo republicano se encontra muitas vezes ch em vez de c nas inscripções, tanto deante de e e i como d'outras vogaes e consoantes, e segundo dados expressos tambem em vez da tenue e se pronunciava erroneamente a aspirada, temos n'esse facto um indicio da pronuncia do c deante de e e i. Exemplos d'isso do tempo da republica e de Augusto são:

Chartago, *C. I. Lat.* I, 200. 81 (111 v. Chr.) por Cartago,
Volchacia, *ib.* por Volcacia, 1369,
chommoda *Catull.* 84, 1, pronunciado em logar de commoda,
pulchros, *Cic. Orat.* 48, 160, pronunciado em logar de pulcros,
Achi(lio), *C. I. Lat.* I, 872 (67 antes de Chr.), por Acilio,
Chiteris, *ib.* I. 1137, por Citheris,
Traechia, *ib.* p. 478 a. 727 (27 era chr.) *Bull. d. inst. Rom.* 1862, p. 63, por * [illegible],
trichlinis, *Ann. d. inst. Rom.* 1857, p. 223 (tempo de Augusto). por triclinis.

Aos primeiros e aos ultimos tempos dos imperadores pertencem os seguintes modos d'escrever e pronunciar:

choronae, *Quint.* I, 5. 20. escripto e pronunciado por coronae,
praechones, *ib.*, egualmente por praecones.
choronarius, *Osann. Syll. Inscr.* v. 11. p. 539, por coronarius. coron. *Mus. Veron.* 360. 4.
sepulchrum, *C. I. Renan. Brambach.* 323. Or. 4084. 4373. 4405. 890. 4721. 4821. 4827. 4828. 4756 a, junto de sepulcrum,
chenturiones, *Quint.* I. 5. 20. escripto e pronunciado por centuriones.
Nucherinis, *Bull. d. Inst. Rom.* 1865, p. 181,
schenicos, *Or. H.* 5582 junto de scenicorum *ib.* (326 era christã),
pache, *De Rossi I. Christ. u. Rom.* I, 589 (408 era christã) por pace,
lachrimae, *Or.* 4774. 4833 por lacrimae,
lachrimanda. *C. I. Rhenan.* Bramb. 323 por lacrimanda.
Prischae. *Mus. Veron.* 371. 5. por Priscae.
Trachia. *Bull. d. inst. Rom.* 1862 p. 184. por * Θρᾳκία.

«Os antigos manuscriptos apresentam exemplos similhantes (*Schuch. Vok. d. Vulglat.*, I. 33. *f.*)

«Pois n'estes modos d'escrever ch apparece em logar de c e do grego k tambem deante de e e i. é claro, que deante d'estas como d'outras vogaes o som aspirado do ch só póde originar-se do som k por effeito d'uma pronuncia aspirada. imitando erroneamente a grega. e não d'uma palatal assibilada ou d'uma sibi-

lante dental. Assim succedeu que o signal graphico ch veio tambem a servir para a representação do som não aspirado k, e tambem em antigo italiano representava esse som deante de e e i, em quanto o signal graphico c era empregado deante d'essas vogaes para a representação do som palatal assibilado, como o é ainda no italiano moderno. (*Schuch. ibidem.* I, 74.)

«Tambem o som qu não póde ter-se originado d'um tal som palatal, mas sim do inalterado som k: onde pois o modo de escrever apparece QV por C deante de e e i, o C usado nos outros casos para as mesmas fórmas só póde representar o som K. Assim provam, por exemplo, os modos d'escrever:

huiusque	por	huiusce
Paquius		Pacius
Proqilia		Procilia
Aquillitani	junto de	Acilla, Achulla

(*C. I. Lat.* I. p. 609. col. 1). que em huiusce, Pacius, Procilia, Acilla, o som k era ouvido e pronunciado deante de e e i.

Comparem-se com isto os modos d'escrever do latim posterior:

quesquenti. *De Rossi. I. Chr.* I. 51 (338 era. chr.) *Ibidem*. 52 (339 era chr.)
quaesquenti, *Mo. I. R. N.* 7155 (397 era chr.)
quesquentis. *De Ross. Ibidem*, 687 (432 era chr.)
quiensquit, *Ibidem*, 451 (397 era chr.)
requisquit, *Le Blant. I. Chrét. Gaul.* 670. 387. 1.
requiesquet, *I. R. N.* 3491.
cesquid, *De R. Ibidem*. 452 (397 era chr.)
cesquat, *Ibidem*, 84 (345 era chr.)
cesquant, *Grut.* 569. 12. *Fabretti. Gloss. Ital.* p. 384.
cinque, *Ibidem*, p. 847. por quinque
cinquae, *Ibidem*.
cintus, *Ibidem*. quintus
ciquaginta, *Ibidem*, 848 quinquaginta
sicis, *Grut.* 1056. 1. siquis
quescet, *de R. Ibidem*, 185 (366 era chr.)
quiiscit, *Ibidem*, 879 (482? era chr.)
requiescet, *Ibidem*, 81 (345 era chr.)
requiscit. *Ibidem*, 865 (476? 480? era chr.)
requiiscunt, *Ibidem*.
requiscit, *Ibidem*, 1027 (531 era chr.) 856 (474? 458? era chr.)
requiscet, *Ibidem*.
requivescit, *Ibidem*, 1165 (491 era chr.)
requiscunt, *Ibidem*. 1177.

«Visto que até ao sexto seculo da era christã apparecem n'estes modos d'escrever os signaes graphicos c e qu deante de e e i no mesmo logar da palavra para o mesmo som, deve concluir-se, que o c ainda n'este tempo adeantado designava deante de e e i nas fórmas mencionados a tenue guttural, da qual se originou o som qu.

«Do que precede conclue-se que o c seguindo-se-lhe e e i, até ao sexto e septimo seculo, até ao tempo que se segue á invasão dos Lombardos em Italia, era pronunciado como k.

«Sem duvida não se segue d'isto que elle tenha conservado esse som em toda a parte e em todas as palavras por tanto tempo: mas de todos os exemplos que teem sido citados para provar a pronuncia assibilada do c deante de e e i no latim dos ultimos tempos do imperio, isto é, de modos d'escrever, que em vez do c apresentam z (tz, tc), como sirternae, paze, Tzitane, Bincentce, nenhum se póde fazer remontar com certeza a uma epocha anterior ao sexto seculo da era christã (*Schuch. Vok. d. Vulgl.* I, 163.)

«A conclusão da investigação precedente é reforçada pelo facto de que os grammaticos romanos do quarto e do quinto seculo attribuem ao signal graphico C tão completamente o mesmo valor phonico que a K, que elles são inclinados a olhar uma das duas lettras como superflua (*Terent. Scaur.* p. 2253. *P.*), e que elles nunca mencionam uma pronuncia differente do c deante de differentes vogaes.

Em inscripções sepulchraes christãs das Catacumbas de Roma apparecem ainda os modos d'escrever:

πακε' *Rom. subterr. Aring.* II, p. 121.
περκεπιτ, *Ibidem*.

e em documentos de Ravenna do sexto e setimo seculos acham-se os seguintes modos d'escrever palavras latinas com lettras gregas:

σοσικι	*Marin. Papir. diplom.* XCIII, 83 (6.° seculo da era chr.)
δωνατρικι	*Ibidem*, 86.
φικετ	*Ibidem*, 87.
κρουκες	*Ibidem*.
βικεδωμενος	*Ibidem*, 90.
κεντου	*Ibidem*, CXIV, 96 (6.° seculo da era chr.)
δεκει	*Ibidem*.
πακιφικος	*Ibidem*. CXXII, 78 (591 da era chr.)
υενδιτρικι	*Ibidem*, 79.

etc.

«Nunca n'estes documentos é o c deante de e e i representado por ζ, τζ, σ ou στ. D'ahi segue-se que até ao septimo seculo da era christã a assibilação de aquelle som só se achava isoladamente na linguagem popular ou nos dialectos provinciaes, que tambem os romanos instruidos ainda no tempo do exarchado e dos Lombardos pronunciavam Kaesar, Kikero os nomes dos seus grandes antepassados. (Corssen. *Ueber Aussprache* I², 45 ff.)»

«1) Póde ser olhado como demonstrado que em quanto durou o imperio romano do occidente o c deante de todas as vogaes valia como o grego κ. 2) Não se póde rigorosamente determinar que tempo essa pronuncia tenha subsistido depois da queda do imperio do occidente: que ella não desappareceu immediatamente, permittem que se conclua as palavras latinas introduzidas no allemão em que, como em keller (cellarium), kerbel (cerefolium), kerker (carcer), kicher (cicer), kirsche (cerasus), kiste (cista), ce ci eram pronunciadas como ke ki, porque estas palavras só podiam ter-se arraigado no allemão depois dos grandes estabelecimentos germanicos no solo romano, não em consequencia do contacto anterior entre germanos e romanos, pois o seu numero é muito grande. 3) Em documentos de Ravenna e d'outras partes, dos seculos VI e VII, são muitas vezes fórmas latinas transcriptas em caracteres gregos, e c então antes de e e i representado por κ. Exemplos: δεκεμ por decem (Marini, *Papir. diplom.* p. 172), φηκιτ δεκεμ por fecit decem (Maffei, *Ist. dipl.* p. 167. Marini, p. 168), πακιφικος, βενδιτρικι, φηκηρυντ, por pacificus, venditrice, fecerunt (Maff. 166. Mar. 188 do anno 591), δονατρικι, κρουκις, φηκιτ, βικεδομινον por donatrice, fecit, crucis, vicedominum (Maff. 145. Mar. 145). Estes documentos remontam ao VI seculo: n'outros talvez um pouco posteriores lê-se ainda φηκιτ (Mar. p. 140), κιβιτατε por civitate (ib. p. 142). N'um documento latino do anno 650 (Maff. p. 171) ha quaimento por caemento, assim qu por c. Agora a questão é: devemos vêr no grego κ simplesmente a representação do signal latino c, ou o som guttural? Como o que escrevia se applicava seguramente a representar geralmente o som vivo, e d'ahi por exemplo punha irreflectidamente ἀννομεράτους, σσαχρίφι, κήγιτος encostando-se á orthographia latina, assim é a primeira idéa difficil de admittir. Os gregos posteriores escreviam correspondentemente τζέρτα, ιντζέρτας = *certa, incertas* (nas Basilicas.) 4) Ainda pelos fins do seculo VI exprimiam os sacerdotes romanos na Grã-Bretanha a tenue guttural do anglo-saxão sempre com c: cene audax, cild infans, cyning rex, e os mais antigos documentos em alto allemão mostram o mesmo uso. 5) Primeiramente deve o c atraz de i, seguindo-se outra vogal, ter recebido a pronuncia do allemão z (tz). Ci é n'essa posição muitas vezes trocado em ti: escreve-se solacio, perdicio, racio, eciam, precium, junto de solacio, etc., e ao mesmo tempo era esse c ou t representado por meio do grego ζ ou τζ ou tambem por meio do latim z (onzias por uncias, Mur. *Ant.* II, 23 do anno 715?). Junto d'este ζ é tambem ainda τ usado: πρετιο, πρέκιαντια e por cia apparece κια, etc.: γενεκιανι, ρουστικιανα, ουγκιαρουμ por geneciani, rusticiana, unciarum, até πρεκιο está uma vez em logar de pretio (Maff. 166), κ assim por t: cp. n'um documento gotico de Arezzo, presumivelmente do começo do seculo VI, unkja = uncia. Dos ultimos exemplos póde colher-se ou que havia vacillação na pronuncia de ci ou ti deante de vogaes ou levantar-se uma duvida contra a idéa expressa em o n.º 3 ácerca do valor phonetico do grego κ nos citados documentos. Mas a pronuncia de tia como a de zia é um facto. 6) Depois do seculo VIII vale finalmente c atraz de e e i, tambem quando nenhuma outra vogal se segue, já por z na orthographia germanica (cit, crûci), comquanto o costume de empregar geralmente c por k ainda não desapparecesse. A nova pronuncia do c guttural estava já a esse tempo muito espalhada, e é de presumir que se tivesse estabelecido no seculo VII. No começo parece ter tido este c o valor d'um z duro, como ainda tem nos dialectos italiano e portuguez e no valachio meridional, não só porque elle é empregado como equivalente de allemão z, mas porque tambem nas mencionadas fórmas cia, cio está no logar de t = z (etiam eciam). No italiano e valachio septentrional engrossou-se esse ts em c', nas linguas occidentaes apresenta-se elle como simples sibilante, mas ainda no hespanhol parece exprimir parentesco com aquelle som composto por meio d'uma pancada da lingua (Diez, *Gramm. der romanischen Sprachen* I², 232-234.)»

Em geral a lingua representa o c latino inicial e medial por a sibilante dental dura s (escripta c), mas n'alguns casos desce essa sibilante á branda, escripta z: isto dá-se, por exemplo, em

dizer	de dicere.
fazer [1]	facere.
nuzer ant. *Trov. e Cant.* 78	nocere.
jazer	jacere.
donzella	* dominicella.
vizinho	vicinus.
azeo *Hist. do Test.* II. 149	acinus.
prazer	placere.
cozodra por * cozedra	culcitra.
complazensas doc. era 1306. Rib. *Dissert. chron.* I. 280. mod. complacencia	* complacentia.
prezes J. Alvares em Rib. *Dissert. chron.* I. 359. mod. preces	preces.

N'alguns casos raros o portuguez representa o c latino deante de e e i por ch: exemplos:

chicorea	de chicoreum.
chicharo	cicer.

[1] Ffacer n'um documento da era 1293 em [illegible] *Dissert. chron.* [illegible] Facer [illegible] ibidem, I [illegible].

murcho de murcidus,
piche ao lado de pez picem,
chinche cimice.

A degeneração do c deante de e e i foi total em portuguez; todavia ha algumas fórmas que parecem desmentir a universalidade da regra; taes são

lagarta ao lado de lat. lacerta,
pulga pulice-,
duque ducem.

Mas a primeira suppõe uma fórma lacarta, a segunda uma fórma pulica (comp. fulix, icis ao lado de fulica), e a terceira não vem immediatamente de dux, duce-, mas do byzantino doyx, doyka. Tambem esqueleto deve ser olhado, não como tendo vindo á nossa lingua por intermedio do lat. sceletus, mas sim directamente do grego skeleton, ou pelo menos d'uma lingua que directamente o recebesse do grego, e que provavelmente é o francez, segundo se deduz da deslocação do accento. Sceletus era proparoxytonico.

O ch primitivamente grego (χ) é tractado como c atraz de e e i, como das outras vogaes, nas palavras do fundo da lingua; mas nas palavras technicas que a erudição trouxe á lingua, é elle pronunciado como k; assim em

chimica, architecto.
chimera.

N'algumas palavras usadas em a nossa lingua acha-se o c latino representado adeante de a por ch; mas essas palavras são introduzidas do francez em que tal relação phonica é frequente; taes são:

charrua	do fr. charrue,	lat. carruca,
chapeu	chapeau,	*capellum,
chancellar	chanceler,	cancellare,
chantre	chantre,	cantor,
chapa	chape,	cappa.
chapitel	chapiteau,	capitellum,
chefe	chef,	caput,
cheminé, chaminé	cheminée,	caminata,
chambre (robe de chambre)	chambre,	camara,
marchante	marchand,	mercante-,
prancha	planche,	planca.

Degeneração do G

Inicial e medial, deante de e e i, perdeu a momentanea sonante guttural g a sua qualidade e degenerou n'uma fraca palatal assibilada. Sem duvida g n'essa posição converteu-se primeiro em j (fricativa palatal).

A fórma

vinti Renier, *Inscript. Algér.* n. 3338, por viginti,

fazendo suppôr as fórmas intermediarias

* vijinti * viinti,

mostra-nos cedo a existencia da degeneração do g, no dialecto africano.

Se a inscripção de Muratori n.º 1033 está exacta, temos n'ella o mais antigo testemunho conhecido de data determinavel d'essa degeneração de g em j, pois essa inscripção é olhada como provindo de 237 a 244 da era christã, e n'ella se lê

magestati por maiestati,

o que prova a confusão dos dous sons.

Que no tempo de Ulfilas já o g deante de e e i tinha degenerado em j, conclue-se tambem do facto de que o bispo godo usa o signal latino g para representar o j gotico, em quanto usa o Γ grego para representar o g gotico. N'um manuscripto de Vienna do seculo IX ou X, n'um logar sobre a orthographia gotica lê-se a passagem seguinte que corrobora esta conclusão: «ubi dicitur genuit, G ponitur, ubi Gabriel, Γ ponunt.» (Diez, *Gramm.* I ², 249. n.)

Schuchardt (*Vokalismus des Vulgärlateins* II, 461. 508) juntou differentes modos d'escrever em manuscriptos, documentos e inscripções dos seculos sexto e septimo que testemunham por a mesma degeneração.

Foi depois de ter degenerado em j que o g medial foi syncopado deante de e e i.

N'alguns raros casos o g latino deante de e, i é representado em portuguez por z. Exemplos:

esparzir de spargere,
Jorze pop., por Jorge Georgius.

O g inicial depois de ter degenerado em a sibilante palatal desappareceu n'alguns raros casos. Exemplo certo é

irmão (cp. castelh. hermano) de germanus.

O nome teutonico Geloyra, d'uma fórma fundamental Gailovera mudou-se successivamente em Geluira, Elvira [1].

A conservação do g como guttural atraz de e, i não é sem exemplo; assim temos

[1] Vid. Færstemann, *Zeitschrift für Vergleichende Sprachforschung*, herausg. von A. Kuhn XX, 435.

erguer de erigere,
regalar por * reguelar regelare.

Degeneração do B

B medial entre vogaes ou liquida e vogal degenera regularmente na spirante fraca do mesmo orgão, v. Exemplos:

atrever(-se) de attribuere,
cavallo caballus,
cevo cibus,
cevar cibare,
covado cubitus,
dever debere,
duvidar dubitare,
fava faba,
fivella fibula,
maravilha mirabilia,
provar probare,
governo gubernum,
governalho gubernaculum,
governar gubernare,
inverno hibernus,
nuvem nubes,
herva herba,
arvore arbor,
nevoa nebula,
escrever scribere,
Evora Ebora,
trave trabes,
sorver sorbere,
carvão carbo,
alvitre, alvedrio. ant. arbitrium,
alvo albus;

os suffixos

-avel -abilis,
-evel -ebilis,
-ivel -ibilis;

a desinencia do imperfeito da 1.ª conjugação

-a-va de -a-ba-,
amava amaba-.

No fallar popular do Douro e Minho é quasi total a mudança de b em v, assim como a reciproca de v em b.

Em muitas palavras a pronuncia varía entre b e v; assim

tabão e tavão de tabanus,
taberna e taverna taberna.

Em latim era já frequente a mudança de b em v. «O primeiro vestigio certo do modo de escrever V por B remonta, segundo o material d'inscripções até aqui conhecidas, ao segundo seculo da era christã. Mas só desde o começo do quarto seculo apparece esse modo d'escrever com frequencia até em documentos publicos do governo romano. Isto mostram os seguintes exemplos:

Favio, *Marin. Att. d. fr. Arv.* 368, 1 (2. sec. era chr.),
Urvinates, *Or.* 999 (252 era chr.),
lavoratum, *Ed. Dioclet. d. pret. rer. venal. Mommss.* (301 era chr.),
praestavitur, *Ibidem*,
sivi, *Ibidem*,
arvitram, *Ibidem*,
arvitrio, *Ibidem*,
livido, *Ibidem*,
vinum, *Ibidem*,
miravili, *Or.* 1070 (306-312 era chr.),
veneravili, *Or. H.* 5581 (306-337 era chr.),
venerabilis, *Or. H.* 6415 (344 era chr.),
quivus, *Or. H.* 6431 (362 era chr.),
verva, *I. R. N.* 591 (395 era chr.),
devitum, *Ibidem*, 2455,
incomparavili, *Ibidem*, 3228. 5234. 6436. 6491.
liventer, *Ibidem*, 4063,
acerva, *Ibidem*, 1560,
Lesvia, *Ibidem*, 3405,
venemerenti, *Ibidem*, 3321,
Vilisari, *De Rossi. I. Christ. u. Rom.* 1059. 1060. 1061. (536-537 era chr.),
Velesari, *Ibidem*, 1062 (536-537 era chr.), junto de Bilisari *Ibidem*, 1058.

Corssen, *Ueber Aussprache*, I², 131.

Degeneração do P em F e V

O b portuguez proveniente de p por abrandamento degenerou n'alguns casos em v, como o b latino. Exemplos:

povo por pobo ant. de populus,
escova * escoba scopa,
estorvo * estorbo * strupus por struppus.

O antigo portuguez offerece alguns outros exemplos; taes são

soberna *Hist. geral*, c. 1. mod. soberba lat. superbia,
prove *Ibidem*, c. 142, mod. pobre pauper.

Nas palavras golfo e troféu o f representa um p original; mas como essas palavras são d'origem grega (kólpos, tropaion) devemos admittir que primeiramente esse p foi pronunciado aspirado, por imitação do grego ph, e que depois é que esse ph foi, como nos outros casos em que elle é etymologicamente justificado, pronunciado como f [1].

§ 4.º DEGENERAÇÃO DO J INICIAL

O j latino inicial tinha um som simples (v. p. LXXXVI) fricativo consonantal, não formando syllaba; esse som era o mesmo do j allemão. Assim era identico etymologica e phonicamente o j do

lat. jugum	ao de got.	jok,
	ant. alto allem.	joh,
	mod. alto allem.	joch.

(Vid. Corssen, *Ueber Aussprache* I [2], 300.)

Esse som fricativo palatal do j degenerou nas linguas romanicas em som assibilado, identico em portuguez e francez ao que o g tem n'estas linguas deante de e e i [2]. A assibilação dava-se já no latim vulgar dos ultimos tempos do imperio, como mostram os modos d'escrever

Zannari, Momms., *Inscriptiones Regni Napolitani* n.º 1622, por Jannari,
Zerax, *Ibidem,* n.º 2559 (202 era chr.), por *Jerax de Hierax,
Zesu, Gruter. 1058, 6, por Jesu,
κοζου, Momms., *Inscriptiones Regni Napolitani*, n.º 2143, por cuius.
Giove, *Ibidem,* n.º 695, por Jove,
Giannaria, Fabrett. x, 632 (503 era chr.). por Januaria,
congiunta, Fleetw. *S. I. Mon. Chr.* 502.2, por conjuncta.

(Vid. Corssen, *Ueber Aussprache* I [2], 309.)

Como o h deixou de ser pronunciado nas palavras em que elle se achava em contacto com i seguido de e, o j assibilado tornou-se inicial. Exemplos:

Jeronymo	de	Hieronymus,
Jacintho		Hiacinthus,
jeroglyphico		hieroglyphicus,
jerarchia		hierarchia,
Jerusalem		Hierusalem.

[1] Diez, *Etymologisches Wœrterbuch* I [3], 217.
[2] Na historia do som latino j ha ainda pontos obscuros. Vid. Schuchardt, *Vokalismus des Vulgärlateins*, I, 65 ff.

§ 5.º CONTINUAS MUDADAS EM MOMENTANEAS

Algumas vezes acham-se continuas latinas representadas em portuguez por momentaneas sonantes. Os unicos casos são talvez a mudança de v em b e em g e a mudança de f em b.

1. v latino = port. b. Não é frequente, fóra da pronuncia provincial. Eis os casos que offerece a lingua litteraria, em que o v latino é sempre inicial:

bespa	de	vespa,
abanar der.		vannus,
bainha		vagina,
abutre		vultur,
bexiga		vesica,
bodo		votum,
bascolejar der.		vasculum,
beco		viculus,
bolsar (o leite)		vorsare.

Em latim apparece o b algumas vezes por v em nomes já no segundo seculo da era christã, e com grande frequencia até em documentos do estado desde o começo do quarto seculo da era christã. Eis os exemplos que o comprovam, reunidos por Corssen:

Nerba, *Cohen, Med. Imp.* VI, 574, 47 (98-117 era christã),
Flabi.., *Marin. Att. d. fr. Arv.* 368, 1 (II sec. era christã),
Iubentius, Iubentio, iubentutis, *Grut.* 607, 1 (155 era christã),
Berecundus, *Doni*, XVII, 13 (143 era christã),
desaebisse, *Ed. Dioclet. Momms.* (301 era christã),
sibe, sivae, *ib.*,
flubialis, *ib.*,
ubae, *ib.*,
olibae, *ib.*,
nabi, *ib.*,
diberse, *ib.*,
salibario, *ib.*,
abaritiae, *ib.*,
cerbinae, *E. Dioclet. ib.*,
malbae, *ib.*,
biciae, *ib.*,
biridis, *ib.*,
basculis, *ib.*,
bagina, *ib.*,
bel, *ib.*.
beste, *ib.*,
biginti, *ib.*,
probeantur, *Or. H.* 5580 (326-377 era christã) por provehantur,
exhibit, *d. Ross. I. Chr. u. R.* 33 (317 ou 330 era christã),

bictora. *ib.* 62 (341 era christã),
cibes. *I. R. N.* 89 (344 era christã),
cibitatis. *ib.*,
fobere, *ib.*,
berba. *ib.*,
noben, *d. Ross. ib.* 108 (350 era christã), por novem,
nebe, *ib.*,
fabente. *I. R. N.* 3902 (367 era christã).
Balenti, *ib.* 7151 (368 era christã),
Balentiniano, *ib.* 6275. 7151 (364-375 era christã),
vibi, *ib.* 7153 (386 era christã),
cibes. *Or.* 4360 (386 era christã), junto de cives,
cibibus. *ib.* junto de civibus,
salbus. *ib.*,
bolo, *ib.*,
bolnerint, *ib.*,
nobe, *d. Ross. ib.* 426 (395 era christã), junto de nove, *ib.* 520 (403 era christã). 530 (404 era christã),
lebaque, *I. R. N.* 2500 (395-423 era christã),
bixet, *d. Ross. ib.* 558 (406 era christã),
bixi, *id.* 560 (406 era christã),
atabisque, *Or.* 1137 (414-421 era christã),
bissit, *d. Ross. ib.* 714 (433 era christã),
bisit, *ib.* 749 (450 era christã), junto de visit, *id.* 748 (450 era christã),
bissit, *id.* 978 (522 era christã), junto de
visit, *ib.* 979 (522 era christã),
viset, *ib.* 1026 (530 era christã),
visit. *ib.* 1092 (556 era christã).
Maburti, *ib.* 1014 (528 era christã),
Maborti, *I. R. N.* 428 (528 era christã),
Maburtis, *ib.* 696 (530? era christã),
octaba, *ib.*

«Quem quizer mais exemplos d'este genero, diz Corssen, póde achal-os em grande numero nas inscripções da Gallia em Bossier e Le Blant, da Germania em Brambach, da Africa em Renier, etc. Tambem os mais antigos dos nossos manuscriptos, por exemplo, o manuscripto veronense de Gaio e o florentino das Pandectas offerecem numerosos exemplos da troca de b e v, que se introduziram n'elles da linguagem popular latina dos ultimos tempos do imperio. Conclue-se pois assim que o modo d'escrever b por v occorre com frequencia medialmente entre vogaes, assim como o contrario; é mais raro inicialmente, e mais raro ainda medialmente depois de consoante. Não se deve, porém, deixar de notar que o antigo e exacto modo d'escrever o b e o v predomina sempre, e com raras excepções é conservado em documentos do estado, que foram redigidos na propria Roma (*Ueber Aussprache* I², 133.)»

É curioso observar como na maioria dos casos o portuguez usual oppõe ao b do latim vulgar o v primitivo. Damos os seguintes exemplos, sendo-nos a parte latina fornecida por Corssen *loc. cit.*:

Silbanus *I. R. N.* 574,	port. selva, silva,
octaba *ib.* 696,	oitavo,
jubenis *ib.* 2856,	joven,
Primitibo *ib.* 3054,	primitivo,
parbulae Ren. *I. Alger.* 3607,	parvo,
Renobatus *I. R. N.* 3895,	renovado,
Sebera *ib.* 7153,	severo,
beteranus Ren. *I. Alger.* 4133,	veterano, vedro,
bita *ib.* 3156,	vida,
bibere *I. R. N.* 3137,	viver,
debotionis *Or. II.* 7087,	devoção,
biginti *I. R. N.* 3493,	vinte,
Bictoria *I. R. N.* 6414. Ren., *I. Algér.* 4273.	victoria.

N'alguns casos ha porém concordancia, como em

botum *I. R. N.* 3416 port. bodo, que tem, porém, ao lado voto.

Azurara *Chr. Guin.* c. 1 offerece a fórma vodo. No antigo portuguez é muito rara a mudança de v em b.

(Vid. Corssen, *Ueber Aussprache* I², 131 ff.)

2. v latino = port. g. Isto dá-se só tambem com o v inicial adeante de o e u. Os exemplos são muito raros:

gomitar	ao lado de vomitar.
goraz	» voraz.
golpelha ant.[1]	de lat. vulpecula.

3. f latino = port. b. Inicial:

abantesma de phantasma.

medial:

acebo	aquifolium.
abrego ant.	africus.

§ 6.º TROCAS DAS CONTINUAS ENTRE SI

As continuas spirantes mudam-se n'alguns casos umas nas outras, segundo as relações de sua natureza e orgão.

1. F muda-se algumas vezes em v.

[1] Usado ainda hoje no adagio: «O lobo e a golpelha fizeram uma conselha.»

Christovão Christophorus,
Estevão Stephanus.
trevo trifolium,
proveito provectus,
ourives aurifex.

2. S muda-se algumas vezes em x (ch)

bexiga vesica,
enxerga serica,
en-xofre sulfur,
en-xabido in-sapidus.

3. S em contacto com n ou m é representado por r em

cirne por cysne,
churma chusma.

4. O f acha-se representado por h em

hediondo de * foetibundus.

Mas esta palavra é introduzida do castelhano onde esse modo de representar se tornou regular. Conf.:

hacer = port. fazer,
hambre fome,
harto farto,
hebra febra,
hecho feito,
hender fender,
hilo filo,
hinojo funcho,
hoja folha,
holgar folgar,
hondo fundo.
etc.

As trilladas e as nasaes (liquidas) convertem-se reciprocamente umas nas outras.

1. L representado por r.

pucaro de poculum,
marmelo melimelum,
comoro cumulus,
pardo * paldus, * pallidus,
bufaros *Chr. Guin.* c. 72. bubalus.

Em

lirio de lilium,

o l medial mudou-se facilmente em r por dissimilação.

povoraste *Chr. Guiné* c. 2 de populasti,
povoraçom *ib.* populatio.

Esta mudança é muito frequente nos grupos cl, pl, gl, bl.

2. R representado por l. Observa-se este caso em geral entre vogal e consoante, ou consoante e vogal, ou quando o r se tornou final por apocope de vogal. Exemplos:

alvitre, alvedrio, de arbitrium,
roble robur,
almario pop. armario,
vergel viridiarium,
papel papyrus.

3. L representado por n.

nivel ao lado de livel de libella.

4. N representado por l.

alma por * alima de anima,
alimal por animal,
alimaria der.
lomear *Eluc.* por nomear,
licorne unicorne.

5. N representado por m.

mastruço de nasturtium.

6. N representado por r.

sarar de sanare,
cofre coffinus.

7. M representado por n.

nespera de mespilum,
nembrar ant. memorare,
nembro ant. membrum.

Nicho de mespylum é introduzido provavelmente do italiano.

8. M representado por l.

lembrar já em *T. e Cant.* memorare.

§ 7.° RELAÇÕES DA DENTAL D COM AS LIQUIDAS

A dental d é algumas vezes representada pelas liquidas l, r, m. Sem duvida deve-se admittir aqui a serie chronologica

pois é com l que o d tem pontos de contacto.

1. d lat. = port. l. Exemplos:

julgar de judicare.
Gil Aegidius,
Madril pop. por Madrid.
madrilense.

O t, depois de ter abrandado em d, é tambem algumas vezes representado por l. Exemplos:

nalga de natica.
ardil (cp. hesp. ardid) arditus.

2. d lat. = port. r. Exemplo:

cigarra por * cigara de * cigala (cp. franc. cigale) de cicada.

3. d lat. = port. m. Exemplo:

palafrem de paraveredas.

Sobre a troca contraria escrevemos nós no primeiro ensino linguistico que publicamos, em 1868: «Troca de l por d nos offerece amydo = lat. amylum. Estas palavras encontram-se com o d em ital., franc. e hesp. O ital., o prov. e o hesp. offerecem tres exemplos diversos de egual permutação phonetica [1]. Não offerecerá o port. senão o citado? Escada comparado com o lat. scala, deixar com o ant. leixar = lat. laxare parecem mostrar o mesmo phenomeno, sem duvida extraordinario para que Max Müller podesse affirmar (*Lectures* II. 260) que nunca no indo-germanico (nas linguas indo-germanicas) um l se mudasse em d, apesar de o contrario ser verdadeiro. Diez, talvez tambem por achar o phenomeno extraordinario, olha escada como vindo não de scala mas de escalada, e deixar como = lat. desitare, ao que não se oppõe lei alguma phonetica, mas da verdade do que podemos duvidar porque não se vê como escalada adquirisse a significação de escada, nem como o vb. deixar existisse na lingua durante seculos, sem apparecer ao lado do ant. deixar [2].» A fórma deixar effectivamente não se encontra talvez antes do seculo XVI. Vimos depois a nossa opinião confirmada pelo doutor Schuchardt pelo que respeita ao verbo deixar. Diz elle, fallando da mudança de l em d em latim: «A esse respeito observo que olho tambem o hesp. dexar, port. deixar, com o ant. hesp. lexar, leixar, port. leixar, leissar, que teem exactamente a mesma significação como identicos, em quanto Diez *Et. Wœrterb.* II, 170 apresenta uma derivação de desinere um tanto singular [1].»

O latim apresenta já alguns exemplos das mesmas relações phonicas:

lacrima por dacrima. cp. grego dakry,
got. tagr;
lingua dingua. got. tuggô,
levir * devir, grego daér.
sansk. dêvâ.
olere, olefacere, olfacere junto de odor, odorari, odefacit Fest. p. 178.
Silicino Boissieu. *Inscr. Lyon.* VIII. 39, junto de osco Sidikinudo.
Golulius Renier. *Inscript. Algér.* 691, junto de Gudulius. *Ibidem*, 70.
dedicare junto de delicare.
Ulysses grego Odyssaeys.

(Vid. Corssen, *Ueber Aussprache* I [2], 224; Diez, *Gramm.* I [2], 219; Schleicher, *Compendium* § 152.)

Mais raro é em latim d por primitivo l. Os seguintes casos porém são certos:

cadamitas por calamitas.
Capitodium Capitolium.
adeps junto de grego aleipha.

Se a lição de Garruci (*Graff. Pomp.* XVII. 5) fosse certa, outro exemplo seria n'uma inscripção de Pompeia

vodeba por veleba.

(Vid. Corssen, *Ibidem*.)

§ 8.º SYNCOPE DE CONSOANTES ENTRE VOGAES

A syncope attinge em regra a momentanea g atraz de e e i, precedida de vogal, e d entre vogaes e as continuas n e l. As outras consoantes só excepcionalmente são syncopadas.

1. Syncope de g. Regular adeante de e e i. Exemplos:

[1] Vid. Diez Gramm. der Romanischen Sprachen I, 5.
[2] A lingua portugueza, p. 88.

[1] Vokalismus des Vulgärlateins III, 71.

ler	de	legere,
rainha ant., reynha		regina.
cuidar		cogitare,
navio		navigium,
quaresma		quadragesima,
correia		corrigia,
sello		sigillum,
mestre		magister,
dedo		digitum,
colher		colligere,
frio (* frido)		frigidus,
mais		magis,
bainha		vagina,
faia		* fagea, fagus,
ensaio		exagium,
setta		sagitta,
rei		rege-,
lidimo ant.		ligitimus,
saio		* sagium, sagum,
praia		* plagea, plaga;

o suffixo -ginta, nos numeraes

vinte	de	viginti,
trinta		triginta,
quarenta (* quarainta)		quadraginta,
cincoenta		quinquaginta,
sessenta		sexaginta,
setenta		septaginta,
oitenta		octoginta.
noventa		*novaginta por nonaginta.

A syncope do g- adeante de a, o, u é muito rara; observa-se deante de a em

leal	de	legalis,
liar ao lado de ligar		ligare,
real		regalis.

Schuchardt (*Vokalismus des Vulgarlateins*, I, 460) juntou em inscripções, documentos e manuscriptos latinos anteriores ao seculo septimo e d'esse seculo modos de escrever que provam a existencia da syncope do g medial tornado j deante de e e i. Taes são:

maestati Torremuza, *Inscr. Sicil.* IV, 33 por magestati,
Agrietum Geograph. Ravenn. 404, 10 ed. Parthey; Agrientum Kopp, *Lex. Tiron.* 15 por Agrigentum,
Cethei Mar. *Papir. diplom.* CXXXVIII, 8 (Ravenna, 6 sec. era chr.) por Cethegi,
«chalcostegis, non chalcosteis» App. Prob. 197, 23 K.
μαειστρω Mar. *Papir. diplom.* XC, 43 (Ravenna, 6 ou 7 sec. era chr.) por magistro.
rei mss. de Livio, por regi,
βιιεντι Mar. *Papir. diplom.* CXXII, 82 (Ravenna, 591 era chr.)

2. Syncope do d. Regular entre quaesquer vogaes. Exemplos:

ouvir, oyr ant.	de	audire,
baio		badius,
costume		consuetudine-,
creto pop.		creditum,
crer		credere,
crivel		credibilis,
cru		crudus,
excluir		excludere,
incluir		includere,
concluir		concludere,
fastio		fastidium,
fiel		fidelis,
fé		fides,
fiuza ant.		fiducia,
feio		foedus,
firmidõe ant.		firmitudo,
frio (* frido, cp. hesp. frido)		frigidus,
hera (a fórma póde resaltar de * hedra)		hedera,
herdar		hereditare,
juiz		judex,
louvar ant., loar		laudare,
mezinha		medecina,
meidade ant.		medietas,
meio		medium,
miollo		medulla,
moio		modium,
nedio		nitidus,
nó		nodus,
piolho		peduculus,
pé		pes, pede-,
a-poio		podium,
cair		cadere,
incréo ant.		incredulus,
gráo		gradus,
onze		undecim,
cruel		crudelis,
crueldade		crudelitas,
perfia ant.		perfidia,
raio		radius,
raiz		radix,
remir		redimere,
ver		videre,
rir		ridere,
suar		sudare,
teia		taeda,
trahir		tradere,

vão	de	vadum.
possuir		possidere.

3. Syncope do n. Regular entre quaesquer vogaes. Exemplos:

alheio	de	alienus,
adem		anas, anatis,
areia		arena,
aveia		avena.
baleia		balaena,
conego		canonicus.
cadeia		catena,
ceia		cena,
corôa		corona.
coroar		coronare.
femea		femina,
fresta		fenestra.
freio		frenum.
joelho, ant. geolho		genuculum.
lagôa		lacuna,
lua		luna,
a-meia		moenia.
miudo		minutus,
moeda		moneta.
nomear		nominare.
pessoa		persona,
peia		poena.
pôr, poer ant., compôr		ponere, componere,
boa		bona,
a-meaça		minacia.
coelho		cuniculus.
moimento		monumentum.
mester		ministerium,
allumiar		illuminare,
estreia		strena,
gerar		generare,
geral		generalis.
soar		sonare.
toar		tonare.
doar		donare.
vir		venire,
ter		tenere.
semear		seminare.
vaidade		vanitas.
testemoyo doc. de 1315 em Rib. *Dissert.* I, 304		testimonium.
termio ant., mod. termo Rib. *Dissert.* I, 277		terminus.
terreo doc. de 1255 Rib. *Dissert.* I, 283		terreno.
vizios Rib. *Dissert.* I, 289		vicinos.
meos *Regr. S. Bento* (mod. menos)		minus.

saar *Ibidem* (mod. sarar)	de	sanare,
algua *Ibidem* (mod. alguma)		aliquaauna.
deostar *Eluc.* (doestar mod.)		dehonestare.
diffir *Eluc.* (diffinir mod.)		diffinire,
diciro *Eluc.* (dinheiro mod.)		denarius,
estrayo *Eluc.* (estranho mod.)		extraneus,
fiir *Eluc.* (mod. finir)		finire.
meor *Eluc.* (mod. menor)		minor.

4. Syncope de l. Regra geral entre vogaes. Exemplos:

ahume. ant. aume[1]	de	alumen,
anjo, ant. angeo		angelus.
aguia		aquila.
conha ant.		calumnia.
couve (* coue)		caulis.
céo		coelum.
cobra		colubra.
doer		dolere,
dôr		dolor.
joio		lolium.
magoa		macula.
máo		malus,
moer		molere.
nevoa		nebula.
pá		pala.
páo		palus.
paço		palatium.
paaçào ant. *Hist. geral*, c. 162		* palatianus.
pombo		palumbus.
pego		pelagus.
poir		polire.
fio		filum.
besta		balista.
doente		dolens.
espadua		spathula.
insula		insula.
moinho		molinum.
poejo		pulejium.
sair		salire.
saude		salute[illegible].
véo		velum.
vigiar		vigilare.
voar		volare.
saudação		salutatio.
taes		tales.
moyer *Eluc.*		mulier.

[1] A forma ahume occorre na *Historia geral* [illegible] mado *Ibidem.*

N'algumas fórmas proparoxytonicas em que o -l se achava no suffixo -olus ou -ulus não accentuado, foi syncopado e as vogaes d'esse suffixo contrahiram-se. Isso deu-se, por exemplo, em

cabido de capitulum,
cabo capulus,
avoo avulus,
povo populus,
perigo periculum,
diabo diabolus;

a mesma contracção se observa em casos em que o l segue a vogal accentuada, sendo a final similhante a esta. Exemplos:

má de mala,
só solus,
dó dolus;

e sendo a vogal final diversa da accentuada em

mó de mola;

como a palavra é feminina, é pouco acceitavel a hypothese d'um masculino ou neutro * molus, * molum.

5. Syncope do b. Muito raro. Dá-se em

marroio de marrubium,
prenda praebenda;

e nas desinencias do imperfeito do indicativo da 2.ª e da 3.ª conjugação:

-i-a de -é-bam;

por exemplo, em

dev-i-a- de deb-e-ba-:
-i-a -ie-ba ou i-ba,

por exemplo, em

vest-ia- de vestieba ou vestiba-,

parola de parabola,

ao lado de palavra, parece introduzido do francez.

6. Syncope do v medial. Exemplos raros:

cidade de civitas,
estiar aestivare,
estio de aestivus,
rio rivus,
boi bovem.

A mesma syncope se observa nas fórmas do perfeito na conjugação portugueza

-ei por ai de -avi,
-i * ei -evi,
-i ii -ivi.

(Vid. o cap. sobre a conjugação).

7. Syncope do j. Exemplos raros:

peor de pejor,
mor, maor pop.,
moor ant. major.

8. Syncope do c. A syncope do c deante de a, o, u é extremamente rara e deu-se por intermedio de c. Exemplo:

deão de decanus.

A syncope do c deante de e, i é tambem muito rara. Observa-se nas fórmas contractas do futuro e do condicional:

dir-ei por dizer-hei,
dir-as dizer-ás,
etc.
far-ei fazer-hei.
etc.
dir-ia dizer-hia,
far-ia fazer-hia,
jaryam *C. Guiné*, c. 73 jazeriam (usual).

A mesma syncope se deu em

faes Gil Vic. I, 139,
fais Sá de Mir. *Egl.* 8. por fazes.

9. Syncope do t. A syncope do t portuguez originado de latim d deu-se em

impigem de impetigine-,

e nas fórmas da segunda pessoa do plural, fóra do perfeito.

Em portuguez o t da desinencia da segunda pessoa do plural só permanece inalterado no perfeito, em que o s o precede e protege; assim les-tes=lat. legistis, amas-tis=ama -(vi)-stis; fóra do perfeito o t da desinencia, achando-se entre a vogal d'esta, que

tambem foi mudada em e na fórma -tis, e a vogal final do thema, abrandou em d, assim de dic-i-tis vem ant. port. diz-é-des, de am-á-tis ant. port. am-á-des, de dic-i-te ant. port. diz-é-de, de am-a-te ant. port. am-á-de, etc. Esta relação phonica das fórmas da desinencia da segunda pessoa do plural das duas linguas permanece inalterada até ao seculo XV, em que esse d=lat. t foi syncopado em quasi todas as fórmas, como se fosse um lat. d. Examinemos miudamente a historia d'este phenomeno.

Em todos os documentos e monumentos litterarios portuguezes anteriores ao reinado de D. João I, a desinencia da segunda pessoa do plural fóra do perfeito é invariavelmente -des, no imperativo -de.

Dos primeiros cancioneiros são os seguintes exemplos:

cuydades D. Din., p. 6.
matades *id.* 5. 6.
desamparades *id.* 19.
dades *id.*,
leixades *T. e Cant.* n.º 26,
perdedes D. Din.. 1. 19. 112. 126,
podedes *id.* 3. 7. 126,
queredes *id.* 18,
fazedes *id.* 20. 25. 26. 45,
devedes *id.* 18. 51,
doedes *id.* 77,
metedes *id.*,
corregedes *id.*,
tragedes *id.*,
entendedes *T. e Cant.*, 37,
tenedes *ib.* 54,
creedes *ib.*,
valedes *ib.*,
facedes *ib.* 136,
tornedes *id.* 164,
pareecedes *ib.*,
erades D. Din., 24,
sentiredes *id.* 1,
saberedes *id.* 10,
faredes *id.* 35,
seeredes *id.* 77,
poderedes *id.* 89,
fariades *id.* 62,
diredes *T. e Cant.*, 30,
averedes *id.* 37.
fazede D. Din., 9,
querede *id.* 52,
oyde *id.* 28,
punhade *id.* 41,
selade *id.* 145,
dizede *id.* 155,
metede *T. e Cant.*, 2,
avede *id.* 24,
puñade *id.* 27,
soffrede *id.* 35,
entendede *id.* 37,
pensede D. Din., 78,
dedes *ib.*,
quixedes *T. e Cant.*, 164,
possades D. Din., 26,
queirades *id.* 6,
vejades *id.* 17,
façades *id.* 129,
vallades *T. e Cant.*, 54,
digades *ib.*,
morassedes D. Din., 84,
matassedes *T. e Cant.*, 126,
sonbessedes D. Din., 32,
fizessedes *id.* 51,
vivessedes *id.* 85,
ouvessedes *T. e Cant.*, 126.

Renunciamos a dar aqui uma lista das numerosas fórmas não syncopadas que occorrem em documentos anteriores ao reinado de D. João I e que não tem ao lado ainda fórmas syncopadas; nas Côrtes de D. Fernando da era 1401=anno 1363, por exemplo, só encontramos fórmas como

sodes art. 18,
tolhedes art. 12,
façades art. 12,
pediades art. 101.

e n'uma carta do mesmo rei, datada de 1 de maio da era 1410=anno 1372

dizedes, diziades, pediades [1].

Mesmo em nenhum de numerosos documentos do reinado de D. João I, anteriores ao anno 1410, os quaes percorremos, achamos fórma alguma de desinencia da segunda pessoa do plural com o d syncopado, em quanto n'elles colhemos grande numero de fórmas não syncopadas: taes são:

guardedes *Carta de D. João I*, era 1423,
façades *ib.*,
ajades *Côrtes de Coimbra* da era 1423,
dedes *ib.*,
prometeredes *ib.*,
guardaredes *ib.*,
prometades *ib.*,
aleedes *ib.*,
tomedes *ib.*,
façades *ib.*,
colhades *ib.*,
ponhades *ib.*

[1] Todos os documentos de que adduzimos fórmas sem citarmos a collecção em que se acham foram consultados em mss. e estão pela maior parte ineditos.

fezessedes *ib.*,
mandedes *ib.*,
perdoades *ib.*,
escusedes *ib.*,
revoguedes *ib.*,
reprendades *ib.*,
mandades *ib.*,
mandedes *ib.*,
fazedes *ib.*,
leixades *Côrtes de Coimbra* da era 1428, capitulos especiaes do Porto,
leixedes *ib.*,
tinhades *ib.*,
soiades *ib.*,
podessedes *ib.*,
passades *ib.*,
tomades *ib.*, artigo especial,
constrangades *ib.*,
dades *ib.*,
constrangedes *ib.*,
mandedes *ib.*,
entremetades *Côrtes de Evora* da era 1429, capitulo especial de Ponte de Lima,
sabede *ib.*,
façades *ib.*,
queredes *ib.*,
constrangedes *ib.*,
mandedes *ib.*,
rreçebades *ib.*,
rreçebedes *ib.*,
cometades *ib.*, artigo especial do Porto,
escolhades *ib.*,
façades *ib.*,
mandedes *Côrtes de Coimbra*, era 1432,
dedes *ib.*,
mudedes *ib.*,
sabedes *ib.*,
façades *ib.*,
mandedes *Côrtes de Coimbra*, 2 de janeiro, era 1433,
ponhades *ib.*,
sabedes *ib.*,
vejades *Côrtes do Porto*, era 1436, artigo especial de Silves,
conprades *ib.*,
façades *ib.*,
dedes *Carta de D. João I*, 1 de janeiro, era 1438,
constrangades *ib.*,
acostumades *ib.*,
sodes *Carta de D. João I*, 22 de março, era 1439,
dizedes *ib.*,
saibades *ib.*,
façades *ib.*,
dessedes *ib.*,
consentades *ib.*,
sabede *Carta de D. João I*, 26 de setembro, era 1444,
pediades *ib.*,
vaades *ib.*,
erades *ib.*,
façades *ib.*,
ponhades *ib.*,
sabede *Côrtes d'Evora*, era 1446, artigos especiaes de Santarem,
conprades *ib.*,
aguardedes *ib.*,
façades *ib.*,
vaades *ib.*,
consintades *ib.*,
diziades *Carta de D. João I*, 18 de novembro, era 1447,
recebiades *ib.*,
dizedes *ib.*,
enviades *ib.*,
ajades *ib.*

N'um documento da era 1448 = anno 1410 (capitulos geraes propostos pela camara de Santarem nas côrtes de Lisboa d'esse anno, Archivo Nacional, maço 1.º do Supplemento de Côrtes, n.º 27), occorre a fórma syncopada mais antiga que as nossas investigações descobriram: guardés (escripta guardẽs) ao lado de façades, vades, concentades.

A partir d'essa epocha apparecem fórmas syncopadas ao lado de fórmas não syncopadas; mas as primeiras adquirem de cada vez maior predominio, de modo que do fim do seculo XV em deante apenas apparecem algumas raras fórmas não syncopadas que em parte ainda hoje se conservam.

Assim no *Leal Conselheiro* encontramos:

louvees c. 12.	ao lado de	notade c. 7,
fazees c. 14,		consiirade *ib.*,
dizees *ib.*,		preegade *ib.*,
queiraaes c. 16,		convertede c. 41,
olhárees c. 24,		arredade *ib.*,
temperaae *ib.*,		obrades *ib.*,
desejees *ib.*,		cessade *ib.*,
façaaes *ib.*,		aprendede *ib.*,
ponhaaes *ib.*,		buscade *ib.*,
devaaes *ib.*,		defendede *ib.*,
requerees *ib.*,		sejades c. 88,
ordenaae *ib.*,		opremedes *ib.*,
compraaes (cumpr.) *ib.*,		achades *ib.*,
fazees *ib.*,		possades *ib.*,
avisaae *ib.*,		parade *ib.*,
devees *ib.*,		etc.
vyverees *ib.*,		
acharees *ib.*,		
tornarees *i.*,		
tenhaaes *ib.*,		
ponhaaes *ib.*,		

sentiis c. 25,
dizees c. 41,
podees *ib.*,
contees c. 47,
outorgues *ib.*,
perguntaae c. 60,
entenderees c. 88,
leaaes c. 93,
tenhaaes *ib.*,
passaes *ib.*,
embarguees *ib.*,
sabee *ib.*,
pensaae *ib.*,
lessees *ib.*,
saibaaes *ib.*,
queiraaes *ib.*,
paraae c. 101,
estaaes *ib.*,
contaes *ib.*,
saberees *ib.*,
sooes (=mod. sois) *ib.*,
etc.

Nos *Opusculos* de Frei João Claro (1450-1520) occorrem, entre outras, as seguintes fórmas:

sooes p. 191. 231,	ao lado de	sodes p. 234,
avees p. 232,		credes p. 215.
manifestaaes *ib.*,		dizede *ib.*
daaes *ib.*,		
condescendees *ib.*,		
acabees *ib.*,		
levees *ib.*,		
amerceaae p. 233,		
desprezees *ib.*,		
salvaae p. 235,		
ajudaae *ib.*		

Fernão Lopes emprega tambem fórmas syncopadas e fórmas não syncopadas:

avees c. 1,	ao lado de	erades c. 3.
ouvirees *ib.*,		foçedes *ib.*,
creaaes c. 2,		etc.
sabee c. 3,		
farees *ib.*,		
dezeiades *ib.*,		
verees c. 28,		
seiaaes *ib.*,		
etc.		

O mesmo se dá nos outros escriptores da mesma epocha, predominando n'elles as fórmas syncopadas.

Em Gil Vicente encontramos ainda fórmas com o d; mas a sua existencia aqui resulta sem duvida da imitação do fallar popular [1]; exemplos são:

sodes I, 132, por sondes, com a vogal do thema nasalisada,
dizede *ib.* 240,
corregede *ib.* 258,
sabedes *ib.*,
olhade *ib.* 180,
amanhade *ib.* 258,
ajudade *ib.* 259,
deixedes *ib.*

Em os escriptores chamados classicos faltam inteiramente essas fórmas, postas de parte as que ainda hoje se conservam.

Na *Grammatica da lingua portugueza* de João de Barros, publicada em 1540, as fórmas dadas das segundas pessoas do plural são as seguintes:

ind.	pres.	amáyes,	ledes,	ouuis,	soes,
	imp.	amáueys,	lieys,	ouuieyes,	éreyes,
	perf.	amastes,	lestes,	ouuistes,	fostes,
p. q.	perf.	amáreyes,	léreyes,	ouuireyes,	sereyes,
	fut.	amareyes,	lereyes,	ouuireyes,	sereyes,
	imp.	amáy,	lede,	ouui,	sede,
conj.	pres.	amayes,	ouçàyes,	leàyes,	seiayes,
	imp.	amasseyes,	ouuisseyes,	lesseyes,	fosseyes,
	fut.	amardes,	lerdes,	ouuirdes,	fordes.

Essas fórmas só differem das actuaes correspondentes na orthographia. As que apresentam o d=t da desinencia latina -tis conservam-se ainda com outras em que não se dá a syncope em questão. Essas fórmas são 1) as fórmas em que em virtude da quéda da vogal final do thema ou da contracção a desinencia pessoal se achou em contacto com uma consoante ou vogal nasalisada: isto dá-se em pon-des=lat. pon̆-tis, pon-de=lat. pon̆-te. ten-des de * tẽe-des=lat. tenē-tis. ten-de=lat. tenē-te. vindes de * vĩi-des=lat. venī-tis, vin-de=lat. venī-te e no futuro do conjunctivo e infinito pessoal: aman-des de amarītis por amaveritis, ou de amar (=lat. amāre) des: 2) algumas fórmas do presente imperativo cujo thema é uma simples raiz vocalica ou em que pela syncope da consoante e contracção de vogaes o thema se acha reduzido á con-

[1] Segundo M. Gaston Paris *Romania* I, 242 n. 3 enganar-me-hia eu n'esta passagem. «En disant que les formes de la 2e pers. plur. en *des*, *de*, qui se rencontrent çà et là dans Gil Vicente, proviennent de l'imitation du langage populaire, il nous semble que l'auteur (da *Theoria da conjugação*) se trompe: ce sont bien plutôt des archaismes; les formes où le *d* est tombé étant plus modernes, ont dû être employées par le peuple avant de pénétrer dans la littérature.» Cremos com M. Gaston Paris que as formas syncopadas foram primeiro empregadas pelo povo antes de penetrar na litteratura; mas isso não impede de as considerarmos como populares ainda no tempo de Gil Vicente, quando os outros escriptores já as evitavam nos seus escriptos por plebeas. A linguagem do povo é essencialmente syncretica: n'ella encontra-se o archaismo ao lado do neologismo. Estas nossas vistas acham-se confirmadas pelo gallego moderno onde as formas não syncopadas são usadas promiscuamente com as syncopadas. V. Saco y Arce, *Gramm. gallega* p. 18. Na *Bibliographia critica* I, n.º 2 refutamos detidamente aquella opinião do nosso eminente critico.

soante ou ligação de consoante inicial da raiz e á sua desinencia; isto dá-se em

cre-des	= lat. credi-tis,	cre-de	= lat. credi-te,
le-des	legi-tis,	le-de	legi-te,
vê-des	vide-tis,	vê-de	vide-te,
ri-des	ride-tis,	ri-de	ride-te,
i-des	i-tis,	i-de	i-te,
		se-de	sedé-te.

A conservação do d da desinencia pessoal no primeiro caso resulta d'elle se achar protegido contra a syncope pela consoante r ou pela vogal nasalisada: os grupos rd, vogal nd são em portuguez assás fixos. No segundo caso é evidente que a permanencia do d é devida a acharem-se já reduzidas a um pequeno corpo as fórmas em que se dá, e á tendencia para evitar a confusão das fórmas. Ao lado do principio destruidor ha na linguagem tambem um principio conservador; ao lado dos phenomenos mechanicos que levam em muitos casos á confusão, ha n'ella phenomenos racionaes que produzem a distincção. Estas idéas são elementares para quem estuda as linguas sob o ponto de vista scientifico. A permanencia do d nas fórmas do segundo caso não se baseando sobre um principio de caracter tão inviolavel como as leis puramente phonicas, não tem nada de necessaria; uma fórma como hy *C. Res.* I, 46 por ide o comprova.

§ 10.º LEIS DA DESINENCIA CONSONANTAL SIMPLES

Entendemos por leis de desinencia consonantal o principio em virtude do qual certas consoantes finaes desapparecem ou se mudam n'outras em quanto outras se conservam. Assim o portuguez só consente como consoantes finaes s, z, r, l; n e m mesmas n'esse logar apenas indicam uma simples nasalisação da vogal precedente e o s tem aqui o mesmo som brando, meio articulado que se nota atraz de consoantes no meio das palavras.

Vamos examinar o destino que em portuguez tiveram as consonancias finaes simples latinas.

T final

O t latino final foi apocopado sem excepções, além d'uma que indicaremos no portuguez antigo. Assim:

e	de	et,
ou		aut,
cabo		caput.

O t da terceira pessoal singular era já frequentes vezes apocopado em latim. Corssen distingue as diversas epochas em que se deu esse phenomeno.

Eis a sua exposição:

«As mais antigas inscripções latinas até ao tempo da segunda guerra punica apenas apresentam uma fórma que não exprime o t graphicamente, a saber:

dede *C. I. L.* I, 62 b (Lanuvium), *ibidem* 169 (Pisaurum), *ibidem* 180 (Pisaurum),

e em verdade no remate de fórmas consecratorias nunca n'uma inscripção de Roma, ou n'um documento do estado. Mas muitas antigas inscripções conservam o t d'essa fórma verbal; assim

dedet, *t. Scip. Barb. f. C. I. L.* I, 32, *ib.* 63, 64,
dedit, *ib.* 54,

e egualmente nas seguintes fórmas verbaes:

fuit, *t. Scip. Barb. ib.* 29,
cepit, *ib.*,
subigit, *ib.*,
abdoucit, *ib.*,
fuet, *t. Scip. Barb. f. ib.* 32,
cepit, *ib.*,
dedet, *ib.*,
fecit, *ib.* 53,
fecid, *ib.* 54,
velit, *ib.* 192,
licuiset, *ib.* 33,
recipit, *ib.*,
posidet, *ib.* 34,
defecit, *ib.*,
sit, *ib.*,
dat, *ib.* 168.

«Os sarcophagos dos Scipiões mostram assim que os Scipiões e os romanos instruidos, pelo tempo da primeira e segunda guerra punica, pronunciavam o t final da terceira pessoa singular do indicativo tão claramente como seus successores no tempo de Augusto, que aquelle apocopado dede pertence ao fallar popular da planicie, nomeadamente ao dialecto de Piceno, em que tambem os suffixos de caso desappareciam de um modo notavel. (Corssen, *Ueber Aussprache* I, 185.)

«As inscripções a estylo de Pompeia, apesar de decorrerem do tempo de Augusto e seus immediatos successores, não indicam algumas vezes o t final da terceira pessoa singular por meio da escripta; assim em

ama, Garr. *Graff. Pomp.* tab. VI, 2. p. 60	por	amat,
valia, *ib.*		valeat,
peria, *ib.*		periat,
parci, *ib.*		parcit,
abia, *t. Pomp. Or.* 2541		habeat,

(cp. *Bull. arch. Neap.* I, 8. Ritschl, *Rhein. Mus.* XIV, 400.)

A existencia d'estes modos d'escrever foi confirmada por C. Zangemeister. Muito mais frequentes vezes, porém, se conservou o t final da terceira pessoa singular nas inscripções a estylo de Pompeia: assim segundo Garrucci v, 1: sit, audiat, vigilet, pulsat, somniet. v, 4: amat, veniat, est. v, 5: amat, debet. v, 6: manet. VI, 1: notavit. VI, 2: tenet. VII. 1: habet. IV, 6: gustat, lingit. Que o t n'esses modos d'escrever não era puramente o signal d'um som morto, mas do som dental ainda vivo, conclue-se de que o som t, mesmo onde elle não é escripto, ainda fórma posição com a vogal consoante inicial da palavra seguinte, nas inscripções de que se tracta, por ex.: Garr. *ib.* t. v, 4: Quisquis amat, veniāt, Veneri volo frangere costas, junto de *ib.* VI, 2: Quisquis amā, valiā, pleriā, qui parcĭ amare, e no remate do ultimo verso deve ter sido audivel em parcĭ adeante da vogal inicial da palavra seguinte. Na bocca do povo da Campania tinha assim o t final das fórmas precedentes, no remate de syllabas de accento grave, uma pronuncia tão surda e tenue que os gravadores de paredes de Pompeia duvidavam se este som devia ser ou não indicado com o signal graphico t.

« Pela mesma razão deixa de ser escripto frequentes vezes nas inscripções do tempo posterior o t da terceira pessoa singular do perfeito e presente, emquanto nas fórmas coevas do plural ainda se conserva ou é escripto d em seu logar; assim em:

posi, *t. Sard. Archäol. Anz.* 1860, p. 78,
vixi, *Bull. d. Inst. R.* 1861, p. 48,
veixse, *Ann. d. Inst. R.* 1865, p. 311,
vixsi, *I. Christ. u. R. d. Ross.* 276 (378 era chr.),
vixe, *ib. Proll. XLIII* (520 era chr.),
visse, *ib.* 1097 (564 era chr.),
fece, *Bull. Arch. Nap. n. s.* VII, 23, 2,
exsivi, *I. Christ. u. R. d. Ross.* 572 (407 era chr.),
requievi, Boss. *I. Lyon.* XVII, 20 (454 era chr.),
militavi, *ib.* XVII, 11 (sec. v era chr.),
es, *I. R. N.* 2072. Marin. *Att. d. fr. Arv.* 210, 1,
iace, *I. Christ. u. R. d. Ross.* 1098 (565 era chr.),
requiesci, *ib.* 1162 (468 era chr.),
quiesci, Lersch. *Centralm. III,* 61,
quesce, Mai, *I. Christ.* 368, 8,
cesque, *ib.* 440, 5,
quiesce, *C. I. Dan. et Rhen.* Stein. 1806,
dona, *I. R. N.* 3487 (524 era chr.),
duna, *ib.* 6697 (560 era chr.),

(e outros. Schuch. *Vok. d. Vulgl.* I, 120. 121. 122. II. 45. 47).

« Tambem falta o t da terceira pessoa singular do conjunctivo imperfeito em:

exsurgere, *Or. H.* 5570 (Inscr. d. Constantin. posterior a 326 era chr.),
exhibere *ib.*,
frequentare *ib.*

« Estes modos d'escrever mostram que desde o quarto seculo da era christã o som do t final era na lingua do povo em parte pronunciado surda e fracamente, em parte inteiramente supprimido. Não é possivel determinar até que ponto era levada em cada um dos dialectos provinciaes esta degeneração phonica. Que, porém, o t final das mencionadas fórmas verbaes não tinha completamente desapparecido no ultimo latino popular, conclue-se de que restos do mesmo se conservam nas linguas romanicas (*ob. cit.* I, 188-189).»

Esses restos de que falla Corssen encontram-se por exemplo, 1) no provençal, sómente no perfeito: chantet (cantou), mordet (mordeu), sentet (sentiu), e esse t muda-se muitas vezes em c: donec (deu), preguec (pregou), moric (morreu), etc. Diez II, 184; 2) no antigo francez geralmente com fidelidade chant-et (elle canta), chanteve-t (elle cantava), chant-a-t (elle cantou), etc. *ob. cit.*, 212-213; 3) no francez moderno para evitar o hiato em casos como a-t-il, vivendrat-elle, aime-t-on, em que apparece o t da desinencia, etc. (*ob. cit.*, 233).

Em portuguez apenas occorre um caso da conservação da desinencia da terceira pessoa singular na fórma antiga es-t = mod. é, que se encontra n'alguns dos mais antigos documentos e nos primeiros cancioneiros, por exemplo em:

est carta doc. era 1293 Rib. I. 276,
est dito doc. era 1288. *ib.* 277,
est dicto doc. era 1303 *ib.*, 286,

mas a fórma usual sendo é, que se encontra a cada passo nos escriptos mencionados, ha razão de perguntar se est representa uma fórma viva, se é apenas um modo d'escrever puramente etymologico. Os exemplos dos cancioneiros respondem com evidencia que est era realmente uma fórma viva, porquanto ella se acha regularmente empregada n'elles quando a palavra seguinte começa por vogal, isto é, para evitar o hiato, como succede com as fórmas verbaes da terceira pessoa singular no francez moderno; assim se dá em:

est o prazo passado D. Din. 137,
hu est a terra melhor *ib.* 4,
grave est a mi *ib.* 23,
grave vos est assy *ib.*,
est amada *T. e Cant.* 11,
est assi *ib.* 28,

est a mia Señor *ib.* 49,
tal est o meu sen *ib.* 82,
est a dona *ib.* 90,
est a si *ib.* 95,
non est a de Nogueira *ib.* 123,
est' est o mayor ben *ib.* 152,
ne est ome nado *ib.* 184,
se assi non est a mia Señor (orig. e miña Señor), *ib.* 137,
melhor est e mais será meu ben *ib.* 270,
mas
est' é oge *ib.* 222, etc.

Exceptuando este caso do antigo portuguez, não restam vestigios alguns em a nossa lingua da desinencia da terceira pessoa singular; assim:

ind. pres.	ama	=lat. amat-,
imp.	amava	amaba-t,
perf.	amou	amavi-t,
mais q. perf.	amara	amavera-t,
conj. pres.	ame	ame-t,
imp.	amasse	amavisse-t,
ind. pres.	lê	legi-t,
imp.	lia	legeba-t,
perf.	leu	
mais q. perf.	lera	legera-t,
conj. pres.	leia	lega-t,
imp.	lesse	legisse-t.

M final

O m final desappareceu em portuguez em quasi todos os casos em que elle nos apparece em latim; o exame d'essa apocope é importante para a historia da conjugação e da declinação.

1. Apocope da desinencia da primeira pessoa do singular:

«As nasaes dental e labial soavam tão obscuramente no latim popular dos ultimos tempos do imperio que os gravadores e os copistas não distinguiam já os sons claramente, e em consequencia d'isso trocavam os signaes graphicos d'esses sons. Mas na lingua do tempo antigo e do classico nunca a labial nasal m se muda em n quando final, excepto por assimilação.

«Em quisquam, septem, novem, decem, —quomque, —cumque era o m o som primitivo. (Corssen, *Kritische Beitr.* S. 251 f.)»

«Uma outra prova do som fraco e surdo do m final está no facto que elle muitas vezes não é indicado na escripta e que em parte tambem desapparece na pronuncia.

«Na conjugação cahiu em regra o m final da primeira pessoa singular do indicativo, em quanto se conservou geralmente no conjunctivo. Como se acha tanto em grego como em latim a queda do m final, do resto do pronome pessoal -mi, nas classes de conjugação que reunem o pronome pessoal ao thema verbal por meio d'uma vogal de derivação, assim em λεγω como em lego, em στεγω como em tego, deve n'este caso a queda do m ter-se operado muito cedo. Em quanto porém o grego conservou inteiro o pronome da primeira pessoa -μι- na sua conjugação em -μι-, no indicativo latino só permaneceu a consoante do pronome pessoal em s-u-m (es-u-m) junto de grego εἰ-μι (εσ-μι) e em in-quam. Ha dados certos que provam que a queda do signal pessoal m tambem se dava no antigo latim na primeira pessoa do conjunctivo. Segundo Verrius Flaccus colhem-se em Catão e em outros escriptores antigos frequentes fórmas do conjunctivo como

attinge Fest. p. 26 M.	por	attingam,
dice Fest. p. 72		dicam,
ostende Fest. p. 201		ostendam,
recipie Fest. p. 286		recipiam.

(Corssen, *Ueber Aussprache,* I, 267). No antigo latim era tambem o m final das fórmas do accusativo singular frequentes vezes apocopado, e no latim vulgar do seculo III em deante nunca pronunciado (Corssen, *ob. cit.* 267-276). Tambem no latim vulgar da decadencia a desinencia da primeira pessoa singular era frequentemente apocopada nas fórmas em que ella ainda nos apparece no latim da epocha ante-classica e classica; isso provam fórmas como

su Orell. Henz., 7411 } so Orell. 4810, 4811 }	por sum
carpere Monb. d. Ak. d. Wissensch. z. Berl. 1861, s. 768,	carpere-m

(Corssen, *ob. cit.*, 275).

Em portuguez é completa a destruição da desinencia da primeira pessoa singular; assim as fórmas do imperfeito em -b-am soam -v-a (am-a-v-a= lat. am-a-b-a-m) ou simplesmente -a (diz-i-a= lat. dic-e-b-a-m); a primeira pessoa singular do imperfeito da raiz es é em portuguez er-a; as fórmas do conjunctivo não apresentam tambem nenhum vestigio da desinencia (am-e, dig-a, etc.); a fórma in-qua-m não tem representante em a nossa lingua e a fórma s-u-m pronuncia-se e escreve-se sou (só), fórma que assenta sobre a adduzida so do latim vulgar, e em que o o final foi tractado como o de sto, do, que se pronunciam e escrevem estou, dou. No antigo portuguez occorrem todavia algumas fórmas nasalisadas da primeira pessoa singular do presente indicativo da raiz es, que em parte se ouvem ainda ás vezes na bocca do povo, e em que ha o unico vestigio da desinencia da primeira pessoa do singular que offerece a nossa lingua; são ellas:

sôo D. Din. 44,
soon *T. e Cant.* 51.
som *Chron. de Guin.* c. 42, *Hist. geral* c. 124-143, *L. Linh.* 151, etc.,
sam *Canc. Res.* I, 70. 179. 237., G. Vic. I. 338. 68. 107. 133,
san *ib.* I, 135.

A fórma sou apparece já n'um documento da era 1303=anno 1265 em Rib. I, 292.

No seculo XVI os nossos primeiros grammaticos não sabiam bem por qual d'algumas d'essas fórmas deviam optar: «Nos generos dos verbos, diz Fernão d'Oliveira, *Grammatica de lingoagem portuguesa* (1536), c. 47, naõ temos mais q̃ hũa so voz acabada em .o. peq̃no: como ensino. amo. & ando: a qual serue como digo em todos os verbos tirando algũs poucos como saõ estes sei. de saber. & vou. & dou. & estou. & mais o verbo sustãtiuo o q̃l hũs pronunciã em om. como som. & outros em ou. como sou. & outros em aõ como saõ. & tãbẽ outros q̃ en mais fauoreço em .o. peq̃no como .so. Do pareçer da premeira pronũciaçaõ cõ .o. & .m. q̃ diz som. he o mui nobre johã de Barros. A rezaõ q̃ da por si e esta: q̃ de som. mais perto vem a formaçã do seu plural o qual diz .somos. com tudo sendo eu moço peq̃no fui criado em saõ domingos Deuora onde faziaõ zõbaria de mỹ os da terra porq̃ eu assi pronũciaua segũdo q̃ aprendera na beira». A passagem do nosso grammatico testemunha ao mesmo tempo pela tendencia nas fórmas que adduz a tornarem-se dialectaes.

Diez, *Ueber die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie* tractando das fórmas verbaes dos primeiros cancioneiros diz p. 116: «Pres. ind. sg. 1. soon (bisyllaba), tambem empregada nos monumentos juridicos. Uma fórma posterior é são (unisyllaba), a esta segue-se a actual sou». Mas isto não é inteiramente exacto, pois a fórma sou occorre já, como mostramos, n'um documento de 1265. Diez continúa *loc. cit.*: «A accentuação da mais antiga fórma é sóon; não occorre em rima, porque nenhuma palavra, como parece, tinha uma similhante terminação: se se tivesse pronunciado soón, ter-se-hia ella certamente achado n'esse logar. A sua nasalidade justifica-se etymologicamente e tambem existe em com (lat. cum). mas d'onde provém o o duplicado? Querer-se-hia por esse modo distinguir melhor a palavra da 3. plur. son?» A razão da bisyllabilidade da fórma soon que o illustre sabio não determinou é todavia bem clara. Em soon temos em primeiro logar um modo errado de escrever: o modo exacto é sôo que se encontra em D. Din.; n'aquelle primeiro modo de escrever a nasalisação acha-se indicada na ultima vogal quando o devia ser na que a precede. Isto é usualissimo na orthographia da edade média; assim irmaons por irmãos, baroens por barões nos Apost., etc., e ainda na orthographia de alguns escriptores do seculo XVI, por exemplo em Barros, *Gramm. port.*, caẽs, paẽs por cães, pães, etc. O modo de escrever, pois, verdadeiramente conformado á pronuncia é sôo, fórma em que não vêmos mais que sô, etymologicamente bem clara, com a addição de um o por analogia das fórmas normaes da 1.ª singular do presente indicativo, e isto tanto mais facilmente quanto a lingua favorece a paragoge do o depois de vogal nasalisada; cp. sermão que provém da ant. fórma sermon sermõ por meio da intermedia serman sermã que, como as similhantes se encontram a cada passo nos escriptos portuguezes do seculo XV. A fórma sôo assenta sobre uma sono hypothetica para o portuguez, mas que é em italiano a fórma da primeira pessoa singular do presente do indicativo da raiz es. e é formada n'essa lingua pelo mesmo principio de analogia.

2. Apocope do m final das fórmas de declinação. «Nas mais antigas inscripções do tempo da Republica o m final (da declinação) ora apparece escripto ora omittido, e esta vacillação permanece até ao tempo dos Grachos e da guerra cimbrica: todavia apparecem posteriormente alguns exemplos na omissão d'este m, até ao tempo de Augusto. Assim apparecem juntos:

Nom. acc. neutr. acc. masc. de themas em O-:

pocolo, *C. I. L.* I. 45 (antes de 218 a. Chr.).
oino, *ib.*, 32 (sem duvida depois de 258 a. Chr.),
viro, *ib.*,
optumo, *ib.*,
dono, *ib.*, 173. 177. 182. 183.
Antioco, 35,
Lemurino, *ib.*, 199. 14 (117 a. Chr.).
infumo, 199, 16.
suso, *ib.*, 199, 7. sursuorsum. *ib.*, 14.,
Philematiu. *ib.*, 1095 (cerca de 113-63 a. Chr.).
collegiu, *ib.*, 1130.
longu. *ib.*, 1143 (cerca de 113-100 a. Chr.).
advorsu, *ib.*,
donu. *ib.*, 62 b (muito antigo) 168. 1175 (cerca de 134 a. Chr.).
gremiu. *ib.*, 33 (cerca de 164 a. Chr.?).
signu. *ib.*, 541 (145 a. Chr.).

pocolom. *ib.*, 43. 44. 46. 50 (antes de 218 a. Chr.).
captom, *ib.*, 195,
[arcen]tom. *ib.*,
Volcanom. *ib.*, 20 (entre 263 e 218 a. Chr.).
Luciom. *ib.*, 30.
Alixentrom. *ib.*, 59.
donom. *ib.*, 166. 191.
sacrom. *ib.*, 62 a. 185. 186. 1503.
poublicom. *ib.*, 185. 186.
locom. *ib.*, 186.
poplom. *ib.*, 195.
floviom. *ib.*, 199. 23 (117 a. Chr.).
scriptum. *ib.*, 196 (186 a. Chr.).
ingenium. *ib.*, 33 (cerca de 164 a. Chr.?).
saxsum. *ib.*, 34 (antes de 139 a. Chr.).
donum. *ib.*, 190 (antigo), 542 (164 a. Chr.).
sacrum. *ib.*, 814 (antigo).
exdeicendum. *ib.*, 196. 3 (186 a. Chr.).

muru, *ib.*, 565 (108 a. Chr.),
faciundu, *ib.*, 801. 1421,
captu, *ib.*, 466 (moeda, 58 a. Chr.),
monimentu, *ib.*, 1258. 1393.
urbanum, *ib.*, 4, 8, 17,
virum, *ib.*, 12,
trinum noundinum, *ib.*, 23,
arvorsum, *ib.*, 24,
Cornelium, *ib.*, 533 (185 a. Chr.?),
prognatum, *ib.*, 33 (cerca de 164 a. Chr.),
visum, *ib.*, 542 (146 a. Chr.), etc.

Genitivo plural de themas em O-:

Corano, Korano, *C. I. L.* I, 12 (antes de 268 a. Chr.),
Romano, *ib.*, 13,
Corano, *ib.*, 14,
Caleno, *ib.*, 15. 21 a,
Suesano, *ib.*, 15. 16. 21,
Paistano, *ib.*, 17,
Aisernino, Aisernio, *ib.*, 20,
Tiano, *ib.*, 21 d,
Caiatino, *ib.*, 21 d,
Aquino, Acuino, *ib.*, 21 e (antes de 218 a. Chr.),
Uriano, *ib.*, 16. *Corr. et add.* p. 553,
duonoro, *ib.*, 32 (sem duvida depois de 258 dep. de Chr.),
annoru, *ib.*, 36 (154 dep. de Chr.?),
pequarioru, *ib.*, 1130 (cerca de 130-100 a. Chr.)
Romanom, *ib.*, I (antes de 264 a. Chr.),
sovam, *ib.*, 588 (cerca de 81 a. Chr.?),
socium, 196, 8. (186 a. Chr.) 200, 21,
Veiturium, *ib.*, 199, 32,
[trium]virum, *ib.*, 198. 13,
duumvirum, *ib.*, 577,
II virum, *ib.*, 200, 28,
duumvir, *ib.*, 1235,
leiberum, *ib.*, 1008,
serrarium, *ib.*, 1108,
fabrum, *ib.*, 1124,
inferum, *ib.*, 1241,
sestertium, *ib.*, 1409,
deum, *ib.*, 1410,
olorom, *ib.*, 195,
eorum, *ib.*, 196. 11. 24 (186 a. Chr.),
maiorum, *ib.*, 33. 38,
Vituriorum, *ib.*, 199, 5,
Veituriorum, *ib.*, 31,
populorum, *ib.*, 200, 79. 85,
agrorum, *ib.*, 8. 88,
bonorum, *ib.*, 56,
ameicorum, *ib.*, 203, 7,
colonorum, *ib.*, 206. 45,
deorum, *ib.*, 58,
sacrorum, *ib.*, 62, duas vezes,
suorum, *ib.*, 145,
publicorum, *ib.*, 62,
etc.

Accusativo singular de themas em A-:

vicesma, *ib.*, 187 (muito antigo),
Taurasia, *ib.*, 30 (sem duvida dep. de 290 a. Chr.),
Cisauna, *ib.*,
Corsica, *ib.*, 32 (sem duv. dep. de 258 a. Chr.),
Aleriaque, *ib.*,
magna, *ib.*, 34,
sapientia, *ib.*, 34,
sententia, *ib.*, 198, 42 (123-122 a. Chr.),
terra, *ib.*, 200. 50 (111 a. Chr.),
Italia, *ib.*,
Roma, *Prisc. Lat. m. ep. R. t.* XXVIII a. 5 (111 a. Chr.),
angolaria, *C. I. L.* 577, 2, 22 (105 a. Chr.),
caementa, *ib.*, 21,
portula, *ib.*, 6,
Sergia, *ib.*, 818,
Vennonia, *ib.*,
Glycina, *ib.*,
Hermonia, *ib.*,
scaina, *ib.*, 1280,
via, *ib.*, 1291,
gratia, *ib.*, 1451,
Roma, *Prisc. Lat. m. ep. R. t.* XXX, 26 (45 a. Chr.),
Loucanam, *ib.*, 30,
gloriam, *ib.*, 33,
Romam, *ib.*, 196 (186 a. Chr.), 541 (145 a. Chr.),
pecuniam, *ib.*, 196,
sententiam, *ib.*,
faciendam, *ib.*,
tabolam, *ib.*,
ahenam, *ib.*,
decumam, *ib.*, 542 (146 a. Chr.),
viam, *ib.*, 551 (132 a. Chr.),
Capuam, *ib.*,
Nouceriam, *ib.*,
Cosentiam, *ib.*,
Valentiam, *ib.*,
statuam, *ib.*,
basilicam, *ib.*, 166 (cerca de 134-100 a. Chr.),
calceandam, *ib.*,
portam, *ib.*,
aquam, *ib.*,
statuam, *ib.*,
culinam, *ib.*, 1134 (cerca de 113-100 a. Chr.),
etc.

Accusativo singular de themas em I-, e de themas consonantaes:

parti, *ib.*, 187 (muito antigo),
omne, *ib.*, 30 (sem duvida depois de 290 a. Chr.),
Scipione, *ib.*, 32 (sem duvida 258 a. Chr.),
aide, *ib.*,
apice, *ib.*, 33 (cerca de 164 a. Chr.?),
insigne, *ib.*,
Curione, *ib.*, 200, 21 (111 a. Chr.),
pariete, *ib.*, 577, 1, 16 (105 a. Chr.),
fidelitate, *ib.*, 1050,
ardente, *Prisc. Lat. m. ep. R. t.* XCVI. E.,
pace, *C. I. L.* I, *t. tr. Barber.* XVI, a. 713, p. 478 (cerca de 40-21 a. Chr.),
Diovem, *ib.*, 57 (muito antigo),
aedem, *ib.*, 196, 1 (186 a. Chr.)
comoinem, *ib.*, 11,
mulierem, *ib.*, 12,
urbem, *ib.*, 16,
caputalem, *ib.*, 25,
regem, *ib.*, 35 (cerca de 161 a. Chr.?),
etc.
turrim, *ib.*, 1177,
basim, *ib.*, 1145. 1154. 1167,
bassim, 1181.

Accusativo singular de themas em U-:

manu. *ib.*, 198. 51 (123-122 a. Chr.).
porticu. *ib.*, 801 (130-100 a. Chr.),
manum. *ib.*, 198. 53,
porticum, *ib.*, 206. 71. 571. 1166. 1279.

«As inscripções não offerecem exemplo nenhum seguro da omissão do m final do accusativo do singular dos themas em E-. O edito sobre as Bacchanaes escreve fidem, *ibidem* 196, 14, rem. *ibidem* 25.

«Disse-se acima que até ao tempo dos Gracchos e da guerra cimbrica o m final do accusativo ora era escripto, ora omittido, e que alguns raros exemplos da sua omissão se encontram até ao tempo de Augusto, como pace nos fastos triumphaes de Barberino.

«Não se deve porém deixar passar sem observação que nos documentos legislativos romanos do segundo seculo da era christã, por exemplo no decreto sobre as Bacchanaes, a lei de Bantia, a arbitragem dos Minucios, a lei agraria do anno 111 acha-se escripto o m final do accusativo, regularmente, sendo muito raras as excepções. Como nas cartas dos consules Q. Marcius e Sp. Postumius, do anno 186 da era christã, aos Teuranos, sobre a decisão do senado ácerca das Bacchanaes, o m do accusativo se acha sempre escripto sem excepção, devemos concluir que este desde o tempo da guerra com os reis Philippe de Macedonia e Antiocho da Syria era o modo d'escrever assente entre as pessoas instruidas, o qual assim seguia a etymologia da fórma do accusativo. Onde depois d'aquella epocha o m d'essa fórma não apparece escripto, temos o echo do antigo modo d'escrever, que seguia a pronuncia popular (cp. Buecheler, *Grundr. d. Lat. Decl.* S. 24 f.)

«Torna-se evidente da investigação precedente que o m final era pronunciado tão fraca e surdamente [1] que se duvidava se devia ou não representar ainda esse som por um signal, que, porém, desde o tempo das guerras de Macedonia e Syria, e portanto do commercio immediato com a Grecia, o m appareceu de novo com clareza na bocca das pessoas instruidas.

«As inscripções feitas á pressa nas paredes, raspando ou pintando, nas quaes se exprimia o espirito popular dos habitantes de Pompeia, mostram que na linguagem popular do periodo de Cicero até Tito, isto é, na edade d'ouro da litteratura romana, o m era apenas um som surdo, sem força. N'aquellas inscripções falta em parte o m final do accusativo; assim em:

Maximo, *Bull. Nap. n. s.* I, p. 68. O. Jahn, *Ber. d. saechs. G. d. Wiss.* 1858, p. 193. Garr. *Graff. Pomp.* p. 22,
lantio. *ib.* p. 46,
Coluseo, *ib.*,
cunnu, Ritschl. *Prisc. Lat. m. ep.* p. 20.
incestu, *ib.* XIX, 1,
multu. *ib. Bull. arch. Ital.* 1862, p. 55,
pesu, *Garr. ib.* XX, 11. Ritschl. *Prisc. Lat. m. ep.* p. 20,
Gabinianu, Garr. *ib.* XVI, 5,
aliu, *Bull. arch. Ital.* 1862, p. 54,
lucru. *Philol.* XXI. 698,
elebantu, *ib.*,
tantu, *Bull. d. Inst. Rom.* 1867, p. 56. n.º 9,
miliu, *ib.* 1865. p. 190,
sinceru, *Or. H.* 7296,
ortu, *ib.*,
Antiocu, Jahn, *ib.* p. 194, *Anm.* 15,
fuscu, *ib.*,
Dionysia, *ib.*,
vindemia, *Bull. Nap.* I, p. 68. Jahn, *ib.* p. 193,
tota, *ib.*,
Pompeiana, *Or.* 2541. *Rh. Mus.* XIV, 398. Garr. *ib.* XXVI. 44.
puella. *Garr.* Graff. Pomp. *A*, 2,
laudata, *ib.*,
taberna, *ib.* p. 23,
magna, *ib.* VII, 1,
formosa, *ib. A*, 2,
porta, *Bull. d. Inst. Rom.* 1867. p. 56, n.º 9,
mentula, Ritschl, *Prisc. Lat. m. ep.*, p. 20,
mina, *Giorn. d. Scav. d. Pomp.* 1865, p. 5, n.º 13.
urna. *ib.*,
solda, Jahn. *ib.* 197.
anima, Buecheler. *Rhein. Mus.* XII, 254.
Maecone, Garr., *ib.* XXIII. 2,
Venere. *Or. H.* 7295. Jahn. *ib.* p. 195.
salute, Garr., *ib.* XVIII. 6.
Felicione, *Bull. d. Inst. Rom.* 1867. p. 56, n.º 1.

«Em grande numero de casos, porém, apparece escripto o m final do accusativo e produz alongamento por posição da vogal precedente com a consoante inicial da palavra seguinte, n'aquellas inscripções pompeianas feitas a estylo ou a pincel, se, de resto, as copias actuaes d'ellas são exactas (cp. Garr. *Graff. Pomp.* V. VI. etc.)

«Desde o fim do terceiro seculo da era christã mostra-se frequentes vezes a queda do m final das fórmas nominaes nas inscripções, por quanto elle já não era ouvido nem pronunciado na linguagem popular d'esse tempo, como ensina a seguinte collecção d'exemplos:

habituru. *Or.* 4632,
theatru. *Or.* 4955,
monimentu. *I. N.* 3119.
monumentu. *Or. Hen.* 7338,

[1] Corssen, n'uma nota a p. 271, sustenta contra Ritschl que o m no antigo tempo era pronunciado, embora surda e fracamente. «Se o som, diz elle, tivesse desapparecido, não seria elle tantas vezes escripto nas mais antigas inscripções, e não formaria posição com a consoante inicial da palavra seguinte na mais antiga metrica romana.

vinu, *ib.* 7415,
sinu, *I. N.* 5273,
sacru, *I. N.* 6916,
initiu, *I. N.* 6746,
lucru, *I. N.* 6302. 4,
annu, *I. N.* 6308, 2. 7233. (392 era chr.) *d. Ross. I. C. u. R.* 977 (522 era chr.),
faustu, *I. N.* 6308, 3,
decimu, Marin. *Iscr. Alb.* 169,
unu, *I. N.* 7233. (392 era chr.) *d. Ross. ib.* 977 (522 era chr.),
Laru, *I. N.* 5615,
taurobolin, *Or. H.* 6041. *Bull. d. Inst. Rom.* 1861, p. 21,
tertiu, *Bull. Nap. n. s.* III, 166 sq.,
fatu, *R. I. v. Dac. A. M.* 138,
locu, *Bull. d. Inst. Rom.* 1861, p. 21,
lauru, *ib.* 1862, p. 7,
elefantu, *ib.* 1862, p. 93,
meu, *Or. H.* 7407,
septimu, *de Ross. I. C. u. R.* 530 (404 era chr.),
nimio, *Or.* 4360 (386 era chr.),
civico, *ib.*,
servando, *C. I. Rhen.* Bramb. 1390,
titulo, *R. I. v. Dac. A. M.* 124,
Clementiano, *Bull. d. Inst. Rom.* 1864, p. 93,
Casilino, *I. N.* 3571 (387 era chr.),
sexto, *ib.* 1861, p. 36,
Floro, Ren. *I. Algér.* 4097 (começo do III seculo era chr.),
meo, Le Blant, *I. C. Gaul.* 354,
annoro, Ren. *I. Algér.* 3926. *d. Ross. I. C. u. R.* 229 (372 era chr.), 572 (407 era chr.), 815 (379-464 era chr.), Huebn. *Monb. d. Ak. d. Wissensch. z. Berl.* 1861, S. 796,
anoro, *Le Blant, ib.* 121. *C. I. Rhen.* Bramb. 1171,
amicoro, *d. Ross. ib.* 513 (402 era chr.),
maloru, *Or.* 4944,
acoru, *C. I. Rhen.* Bramb. 1212,
fundoru, *Or. H.* 6085 (tempo de Domiciano).
lemoru, Huebn. *Monb. d. Ak. d. Wissensch. z. Berl.* 1861. S. 768,
sepoltura, *I. N.* 1942,
mea, *I. N.* 1942. Ren. *I. Algér.* 2074,
olla, *Or. Henz.* 7341,
vestra, *I. N.* 2558 (289 era chr.),
statua, *Or.* 4360 (386 era chr.),
vita, *ib.*,
clara, *ib.*,
luxuria, *ib.*,
bona, *ib.* 2709,
Nuceria, *Or. H.* 5186,
memoria, *Bull. d. Inst. Rom.* 1862, p. 55,
fenestra, *d. Ross. I. C. u. R.* 534 (404 era chr.),
Tuscia, *Or. H.* 5580,
tabulaa, *ib.* 6416 (395 era chr.),
maceria, *I. N.* 4076,
Tuscia, *Or. Henz.* 5588,
urina, *ib.* 7334,
poena, *ib.* 7339,
terra, *ib.* 7396,
anima, *Bull. d. Inst. Rom.* 1861, p. 35, 36. Boiss. *I. Lyon.* XVII, 19,
eterna, Marin. *Iscr. Alb.* 168,
eclesa, *ib.* 172,
duaru, *Bull. d. Inst. Rom.* 1861, p. 21,
Antis[ti]aru. *ib.*,
dieru, Fabr. *Gloss. Ital.* p. 310,
fronte, Grut. 656, 5,
uxore, *Or.* 4623,
incursione, *I. N.* 2509,
herede, *I. N.* 2863,
dedicatione, *I. N.* 5792 (338 era chr.), *Or. Henz.* 7116,
felicitate, *Or. Henz.* 7420,
Tebere. Fleetw. *S. I. Mon. Chr.* 481, 7,
dignitate, *Or. Henz.* 5580,
societate, *ib.*,
civitate, *ib.*,
Marte, *ib.* 7194,
queadmodum. *ib.* 7081,
asse, *ib.* 7116,
leve, *ib.* 7396,
pane, *ib.* 7415,
contemplatione, *Or.* 4360,
fronte, Huebn. *Monb. d. Ak. d. Wissensch. z. Berl.* 1861. S. 768.
Caesare, *Bull. d. Inst. Rom.* 1867, p. 88, n.° 15,
dolore, *Annal. d. Inst. R.* 1857, p. 340,
arcu. *d. Ross. I. C. u. R.* 534 (404 era chr.),
consulatu, *ib.* 191 (36 era chr.), 108 (350 era chr.), 214 (370 era chr.),
consolato, Boiss. *I. Lyon.* XVII, 34 (510 era chr.)

«Na mesma epocha desappareceu tambem o m final de todas as outras palavras do mesmo modo que nas desinencias da declinação; assim em:

mecu. *I. N.* 6629. meco, d. Ross. *I. C. u. R.* 17 (291 era chr.),
septe, *I. N.* 3293. Boiss. *I. Lyon.* XVII, 7. d. Ross. *ib.* 14 (279 era chr.),
nove, d. Ross. *ib.* 530 (404 era chr.), 520 (403 era chr.),
nobe, 108 (350 era chr.), 426 (395 era chr.),
dece, *I. N.* 6687. Boiss. *ib. d. Ross. ib.* 889 (482 era chr.), 14 (279 era chr.), 530 (404 era chr.);
undeci, *ib.* 530 (404 era chr.),
quindeci, *ib.* 977 (522 era chr.),
sedece, Boiss. *I. Lyon.* XVII, 10,
aute, *Or. Henz.* 7338;

além d'isso em:

nunqua, *Marin. Iscr. Alb.* 172. *C. I. R.* Bramb. 1212. por nunquam,

pride por pridem,
ide idem,
passi passim,
oli olim.

(*Anal. Gramm.* Eichenf. u. Endlicher p. 444). O facto de um grammatico do quarto seculo combater e regeitar como erroneas as fórmas sem m fornece uma prova de que ellas eram ouvidas na bocca do povo.

« O m final da primeira pessoa do singular desappareceu egualmente na linguagem popular latina mais recente..........

« Temos um signal certo de que o m do accusativo já não era mais ouvido na bocca do povo desde o fim do terceiro seculo no facto dos gravadores já não saberem se o m, que ainda se achava escripto, pertence ao accusativo se ao ablativo, e em consequencia d'isso o juntarem algumas vezes tambem ao ablativo, pois era para elles um signal mudo e sem significação. Assim encontram-se em inscripções desde aquelle tempo fórmas do ablativo como as seguintes:

suam, Grut. 4. 12.
onestam, *Bull. arch. Ital.* 1862. p. 68,
meam, Ren. *I. Algér.* 2709,
causam, *I. N.* 6916,
fulgeritam, *Or.* 4360 (386 era chr.),
sparteam, *Or. H.* 6401,
suam, *d. Ross. I. Christ. u. Rom.* 144 (360 era chr.),
Silvanam, *ib.*,
violentiam, *ib.* 752 (451 era chr.),
pervigilium, *Or. H.* 5580,
vivum, *Bull. Nap. n. s.* I. 16,
Albinium, Ren. *I. Algér.* 2275,
Sittium, *ib.*,
sacerdotium, *ib.* 3701,
cum, *d. Ross. ib.* 33 (317? 330? era chr.),
saeculum, *ib.* 18 (339 era chr.),
seculum, *ib.* 193 (367 era chr.),
locum, *ib.* 877 (482 era chr.), *Or. H.* 7339,
clavom, *Or. H.* 6293,
elysium, *I. N.* 3528,
cinctum, *Gr.* 668, 6,
bibum, *I. N.* 6458,
tomolum, Boiss. *I. Lyon.* XVII. 15 (428? 511? era chr.),
unum, *Marin. Iscr. Alb.* 168,
domum, *ib.*,
comparem, *I. N.* 6733,
jussionem, *Gr.* 164, 3,
aedem, *Gr.* 312. 7,
amplitudinem, *Or. Henz.* 5580,
agnitionem, *Gr.* 177, 7,
salutem, *Gr.* 4. 12,
partem, *Gr.* 215. 2,
peccatorem, *Gr.* 1062, 1,
matrem, *I. N.* 3137,
coniugem, *Gr.* 1139. 13,
communem, *Or. Henz.* 6432. Huebn. *Monb. d. Ak. d. Wissensch. z. Berl.* 1861, S. 767 (593 era chr.),
Isem, *Gr.* 312. 5,
quem, *I. N.* 1372. 4796. 6420. 6605. 6940,
incolumitatem, *Or. H.* 7420 (tempo de M. Aurel. Ant.),
donationem, *Ann. d. Inst. Rom.* 1857. p. 302,
sollicitudinem, *Bull. Nap. n. s.* n. 73,
restem, *Or. H.* 6293,
picem, *ib.*,
candentem, *ib.*,
pacem, *d. Ross. ib.* 101 (348 era chr.),
uxorem, *ib.* 144. (560 era chr.),
arbitratum, *Or.* 4374. etc.

(Corssen. *Ueber Aussprache* I², 266-276). »

O m final latino conserva-se em portuguez (além do caso acima indicado) em

com de cum.

S final

« O s final tinha tido (em latim) desde antigos tempos em geral um som fraco. Já em tempos que ficam além do periodo a que remontam os mais antigos monumentos escriptos que chegaram até nós, caiu o suffixo de caso s muitas vezes. Assim no nominativo singular de themas masculinos em A- como nauta, scriba, poeta, Ahala, Tucca, Nasica, Sulla, Perperna, Hybrida, advena, convena, conviva, transfuga, indigena, perfuga, legirupa, agricola, ruricola, Poplicola, parricida, matricida, etc. em quanto as fórmas parricidas e hosticapas, fornecidas por antigos fragmentos, conservam ainda o s final (Corssen. *Kritische Nachträge*, S. 225 f. Buecheler. *Grundr. d. Lat. Decl.* S. 69). O signal do nominativo s de themas em O- caiu em ipse por ipsus, iste por istus (Corssen. *Zeitschrift für vergleichende Sprachf.* XVI. 291) e em ille, olle (Fest. v. *plorare* p. 230) por ollus (Corssen. *Kritische Beiträge* S. 301), por quanto o o do thema, tornado final, abrandou em e. Por meio do mesmo processo phonico se produziram as fórmas truncadas do vocativo dos themas em O-, como care, ami-

ce, Marce, etc. As antigas fórmas do imperativo antestamino, famino, praefamino, arbitramino, profitemino, fruimino, progredimino, são nominativos do singular de themas participaes, que foram formados com o suffixo -mino, grego -μενο e perderam o signal s do nominativo. (Corssen. *Kritische Beiträge* S. 402 f.) Com a vogal final do thema desappareceu o signal s do nominativo nas fórmas do nominativo como puer, socer, gener, etc., vigil, pugil, etc....... A idéa que o genitivo do singular dos themas em A-, O- e E- terminava primitivamente em s, acha fundamento na antiga fórma de genitivo Prosepna-is (*C. I. L.* I, 57) junto das fórmas usuaes do genitivo do singular em -a-i, -a-e, como as antigas fórmas do genitivo -u-os, -u-is dos themas em U-, junto da usual em -u-s, e a fórma em i durante longo tempo usual junto d'ella............

« É ainda um ponto discutivel se o nominativo do plural dos themas em A- e em O- terminava primitivamente em s, como o dos themas em U- em I- e os themas consonantaes...... É tambem antiga a queda do signal pessoal da segunda pessoa do imperativo em fórmas como lege-, mone-, audi-, como na secção sobre o encurtamento das vogaes se tornará evidente com a antiga fórma prospices (Fest. p. 205) por prospice, assim como a queda do signal pessoal s da segunda pessoa do singular do presente do indicativo e do conjunctivo, e do imperfeito do indicativo e do conjunctivo, como do futuro primeiro do indicativo em fórmas como delectare, laudare, videbare, loquerere, verebere, petiere, etc. junto das usuaes delectaris, laudaris, etc. Muito cedo caíu tambem o s dos adverbios magis, potis e assim se produziram as fórmas truncadas mage, pote........... Tambem perderam um s os adverbios numeraes multiplicativos ter e quater com a terminação -iens, -ies inteira, como mostram quinqu-iens, sex-iens, e outras fórmas similhantes. (*Zeitschrift für vergleichende Sprachf.* III, 296 f.)

« Em todos estes casos tinha já caído o s final no tempo a que chega o nosso conhecimento de monumentos da lingua latina.

« Nos mais antigos monumentos da lingua latina não é todavia muitas vezes o s final indicado graphicamente, onde elle no modo d'escrever posterior é regularmente escripto. Assim é elle mais frequentes vezes omittido do que escripto no nominativo do singular dos themas em O-, nas mais antigas inscripções, anteriores ao tempo da segunda guerra punica. D'este modo apparecem umas junto das outras as seguintes fórmas do nominativo:

Pulio, *C. I. L.* I, 5,
Modio, *ib.* 5,
Cornelio, *ib.* 29, 31,
filios, *ib.* 32,
Appios, *ib.* 40,
Novios, *ib.* 54,
Ovio, *ib.* 51,
Oveo, *ib.* 162. comp. p. 555,
Fourio, *ib.* 63. 64. 67. 71. 72.
Turpleio, *ib.* 65,
Metilio, *ib.* 73,
Anicio, *ib.* comp. p. 554.
Amelio, *ib.* 74,
Aptronio, *ib.* 81,
Boufilio, *ib.* 65,
Coriario, *ib.* 100,
Cupio, *ib.* 103,
Fabrecio, *ib.* 106,
Herenio, *ib.* 111,
Lorelano, *ib.* 115,
Magolnio, *ib.* 116,
Macolnio, *ib.* 117,
Mutilio *ib.* 120. 121,
Opio, *ib.* 124. 125. 126. 127.
Sexto, *ib.* 127,
Orevio, *ib.* 133. comp. p. 555.
Orcevio, *ib.* 134,
Plautio, *ib.* 138,
Roscio, *ib.* 143,
Saufio, *ib.* 146,
Usoro, *ib.* 158,
Camelio, *ib.* 1501 a,
Tampio, *ib.* 1501 b,
Tetio, *ib.* 169.
Popaio, *ib.* 178,
Terentio, *ib.* 181,
Aprufenio, *ib.*,
Turpilio, *ib.*,
Munatio, *ib.*,
Magio, *ib.* 183,
Anaiedio, *ib.*,
Ravelio, *ib.* 185,
Cominio, *ib.*,
Malio, *ib.*,
Terebonio, *ib.* 190,
Geminio, *Bull. d. Inst. Rom.* 1863, p. 123. Ritschl. *Prisc. Lat. m. epigr. Suppl.* III, p. 6,
Plautio, *ib.*,
Tapio, *ib.*,
Turpeno, *Bull. ib.* Ritschl, *ib.* p. 5,
Fertrio, *Bull.* 1864, p. 147,
Atilio, *Archaeol. Anz.* 1863, S. 71, 77. *Bull.*
Plautios, *ib.*,
Micos, *ib.* 1500,
Mircurios, *ib.*
Placentios, *ib.* 62 a,
tribunos, *ib.* 63. 64,
Metilios, *ib.* 73,
Avilios, *ib.* 85,
Casios, *ib.* 91,
Tapios, *ib.* 150,
vicos, *ib.* 183,
Mindios, *ib.* 187,
Condetios, *ib.*,
Specios, *ib.* 191,
Calenos, *Bull. d. Inst. Rom.* 1866, p. 242, n.º 2,
maximosque, *C. I. L.* I, 195,
primos, *ib.*

1866, p. 243, n.º 7,
p. 244, n.º 8,
Gabinio, *Arch. Anz.*
ib. S. 72. *Bull.* 1866,
p. 242, n.º 1. 10. 243,
n.º 4. 6,
Caleno, *ib.* n.º 4.

«Junto d'estas fórmas apparecem, porém, já tambem fórmas coevas com a terminação -us em inscripções anteriores ao tempo da segunda guerra punica; assim:

Cornelius, *C. I. L.* I, 30,
Lucius, *ib.*,
Barbatus, *ib.*,
Calenus, *ib.* 53,
Canoleius, *ib. Bull. d. Inst. Rom.* 1866, p. 242, n.º 2, p. 243, n.º 3,
Placentius, *C. I. L.* I, 62 b,
Cattius, *ib.* 87,
Gessius, *ib.* 110,
Iunius, *ib.* 112,
Flacus, *ib.* 130. 131,
filius, *ib.* 131,
Orcevius, *ib.* 135.

Não se encontram fórmas em u em que se perdesse o s final e que pertençam a esse tempo. Nas inscripções do tempo que durou a guerra punica e desde o mesmo até ao tempo dos Gracchos apparece -us quasi exclusivamente; assim nas fórmas do nominativo:

Cornelius, *C. I. L.* I, 34. 35. 36. 38,
situs, *ib.* 34,
victus, *ib.*,
mandatus, *ib.*,
gnatus, *ib.* 34. 35. 36,
Asiagenus, *ib.* 36,
comatus, *ib.*,
Hispanus, *ib.* 38,
Claudius, *ib.* 530. 531. 539. 552,
Fulvius, *ib.* 534,
Aemilius, *ib.* 535. 536,
Lepidus, *ib.* 535,
Marcius, *ib.* 196,
Postumius, *ib.*,
Romanus, *ib.*,
Manlius, *ib.*,
Acidinus, *ib.*,
Marcelus, *ib.* 539,
Postumius, *ib.* 540,
Lucius, *ib.* 542,
Mummius, *ib.* 543. 544. 545. 546,
Atilius, *ib.* 549,
Saranus, *ib.*,
Popilius, *ib.* 550,
primus, *ib.* 551,
Licinius, *ib.* 552. 553,
Folvius, *ib.* 554. 555,
Sempronius, *ib. ib.*,
Paperius, *ib.* 554. 555,
Caeicilius, *ib.* 547,
Caicilius, *ib.* 548,
Paetus, *ib.* 528,
Flaus, *ib.* 277,
Acilius, *ib.* 326,
Metellus, *ib.* 330. 331,
Pilipus, *ib.* 354.

«Todavia pertence a essa epocha certamente

[Ca]noleiu, *Bull. d. Inst. Rom.* p. 243, n.º 3.

«Muito raramente deixa de ser escripto em inscripções do tempo dos Gracchos e da guerra cimbrica o s do nominativo em -us; assim em:

locu, *C. I. L.* I. 1023,
Antiocu, *ib.* 1095, junto de clarus, Diphilus, Valerius, *ib.*,
lectu, *ib.* 1313, junto de datus, *ib.*

(Comp. Ritschl. *Prisc. Lat. m. epigr.* p. 123)......

«Além do s do nominativo singular dos themas em O- só raras vezes deixa de ser escripto o s final nos antigos monumentos latinos, nos casos em que elle é mais tarde indicado graphicamente com regularidade.

«S thematico desappareceu na desinencia das fórmas do accusativo neutro:

diū	junto de	dius. Plaut. *Merc.* 862. *Or. H.* 6206: quam dius vivo. *Titin. Com. rel.* Ribb. v. 13. p. 116: noctu diusque. Cp. diur-nu-s.
interdiu		interdiūs. Plaut. *Most.* 444. *Aulul.* I. 133. Cat. *R. R.* 83.

«S thematico do nominativo e accusativo singular deixou de ser escripto em:

maio, *C. I. L.* I. 108. 136. *Bull. d. Inst. Rom.* 1866, p. 135 junto de maius,
mino, *C. I. L.* I. 78. 97 (comp. *Corr. et Add.*) junto de minus.

«O s final do nominativo d'um thema em I- não foi escripto em:

militare, *C. I. L.* I. 63 por militaris.

«A fórma do vocativo

Dite *ib.* 808,

originou-se da fórma do nominativo Ditis. Serv. Verg. *Aen.* III, 273: Dicimus et Dis et hic Ditis.

«N'uma inscripção do tempo da republica não se escreveu o s final d'uma fórma do genitivo:

Serapi, *C. I. L.* I, 577, 1, 5. por Serapis,

como n'uma inscripção posterior Isi. (*Ann. d. Inst. Rom.* 1855, p. 85. comp. Buecheler, *Grundr. d. Lat. Decl.* S. 30 f.) Mas não se encontra nenhum exemplo seguro de fórma de genitivo d'uma palavra puramente latina, cujo s final não fosse escripto.

«O s final d'uma fórma do nominativo plural de um thema em I- não se acha escripto em:

Pisaurese, *C. I. L.* I, 173. 177.

n'uma das inscripções de Piceno que apresentam muitas particularidades do dialecto popular de Piceno.

«Como o s final das fórmas do nominativo singular dos themas em O- era um som muito fraco que mal se ouvia na bocca do povo no tempo de Cesar, de Augusto e dos primeiros imperadores, acham-se em consequencia exemplos nas inscripções do tempo de Cesar até Tito em que elle não é expresso graphicamente; assim:

Philarguru, *C. I. L.* I, 729 (59 *a. Chr.*),
Albinu, *Momms. Gesch. d. Roem. Muenzw.* S. 472 (43 era chr.),
Floru, Garr. *Graff. Pomp.* XXVII, 6,
Cyrnu, *ib.* 88,
Polucarpu, *ib.* 45,
belissimu, *ib.* 12.

«Ao tempo dos primeiros imperadores pertencem provavelmente:

Secundu, *Ann. d. Inst. Rom.* 1860, p. 250,
Optandu, *ib.*,
barbaricu, *ib.*,
Canuleiu, *Denkm. u. Forsch. Gerh.* XXIII. 1865, S. 62,
Deiotaru, *R. I. e. Dac. A. M.* 513.

«Uma inscripção de Pompeia apresenta a fórma de vocativo:

Castrese, *Bull. d. Inst. Rom.* 1865, p. 185. *Giorn. d. Scav. d. Pomp.* 1865, p. 4, n.º 12,

como mostra a fórma de vocativo que precede immediatamente invicte. Castrese deixou caír o s final de castrensis, como a fórma de vocativo acima adduzida Dite, o s da fórma do nominativo Ditis.

«Quando Cicero chama subrusticum (*Orat.* 48, 161). o uso de não pronunciar o s final, dá-nos uma prova expressa de que no seu tempo o s tinha na bocca do povo o mesmo som fraco que se torna evidente das inscripções e era o mesmo do tempo das guerras punicas.

«Nas inscripções do tempo dos ultimos imperadores deixa de ser escripto frequentemente o s final de todas as fórmas de casos como mostram os seguintes exemplos:

Nom. Sing.:

Longinu. *I. N.* 2119.
Seppiu, *ib.* 4911,
Mariu, *ib.* 5354,
positu, Boiss. *I. Lyon.* XVII, 11,
Vibiu. *d. Ross. I. Christ. u. R.* 16 (291 era chr.),
Calventiu, Ren. *I. Algér.* 480,
Theodoru, *Bull. Nap. n. s.* III, 185,
filio, *I. N.* 2076,
Liberio. *d. Ross. ib.* 24. (298 era chr.),
vico. *Nuov. Memor. d. Inst. d. I. arch.* p. 216,
pulverario, *ib.*,
qui, *Or. H.* 7339. 7341. *Bull. d. Inst. Rom.* 1862, p. 82.
incomparabili, Grut. 318, 4,
admirabili, Ren. *I. Algér.* 3420.

Gen. Sing.:

securitati, *Or.* 1124,
integritati, *d. Ross. ib.* 174. (364 era chr.),
diebu, *Denkm. u. Forsch. Gerh.* XV. 1857, S. 64,
aetati. *I. N.* 1764,
Iovi, Grut. 307. 7,
Nepoti, *ib.*, 5941,
Isidi, *ib.* 83, 15,
religioni, *ib.* 721, 11,
Nicomedi, *ib.* 348. 7,
corti, *Ann. d. I. Rom.* 1864, 10,
eio, *d. Ross. ib.* 1128 (338 era chr.)

Acc. Plur.:

anno, Boiss. *I. Lyon.* VII, 2. Ren. *I. Algér.* 3895. *Bull. d. Inst. Rom.* 1862, p. 55,

saltuosa, *Or. H.* 5580 (tempo de Constantino depois de 326, era chr.)

Dat. Abl. Plur.:

creati, *Or. H. ib.*,
anni, *I. N.* 1248. Boiss. *I. Lyon.* XVII, 11 (muito recente),
ani, *d. Ross. ib.* 24 (301 era chr.), Boiss. *ib.* XVII, 8 (422 era chr.),
laboribo, *Ann. arch. d. Constant.* 1862, 129, 188,

etc. (comp. Schuch. *Vok. d. Vulgl.* II, 45. 169 f. 389. Corssen, *Krit. Beitr.* S. 487 f.)

«Quando na linguagem popular o s já não era mais ouvido e pronunciado, os gravadores sem instrucção, que viam apenas pelo seu conhecimento da escripta que o s apparece em certas fórmas, accrescentavam-no a fórmas casuaes a que elle não pertence; assim a fórmas de genitivo:

Saturnis, *d. Ross. I. C. u. R.* 172 (364 era chr.),
Mercuris, *ib.* 754 (452 era chr.),
meis, Ren. *I. Algér.* 2810,

a fórmas de dativo, como:

comitis, *Bull. d. Inst. d. Rom.* 1857, p. 51,

a fórmas de ablativo:

Antios, *Or. H.* 7180,
Iuniores, *ib.*,
domus, Ren. *I. Algér.* 3804.

«A lettra s era tambem escripta por m quando os sons expressos por esses signaes no fim das palavras já não eram ouvidos nem pronunciados na linguagem popular; assim por exemplo em:

(opus) maximus, *Or. H.* 5580 (tempo de Constantino, depois 326 era chr.),

(Corssen, *Ueber Aussprache* I [2], 285-293).»

O s final latino conserva-se em portuguez regularmente 1) nas fórmas do plural provenientes a) na 1.ª e 2.ª declinação, do accusativo feminino e masculino das respectivas declinações latinas; assim em:

coroas	do lat.	coronas,
donos		dominos;

b) na 3.ª declinação, da fórma identica para o nom., acc. e voc. plur. masc. em es; assim em:

dores	de	dolores,
amores		amores:

2) na 2.ª pessoa do singular e do plural em todos os casos em que elle apparece no latim classico; assim em:

Pres. ind.

sing.	ama-s	de	ama-s,
	deve-s		debe-s,
	dize-s		dici-s,
	dorme-s		dormi-s,
plur.	ama-es		ama-tis,
	deve-is		debe-tis,
	dize-is		dici-tis,
	dormi-s		dormi-tis;

Imperf. ind.

sing.	amava-s	amaba-s,
	devia-s	debeba-s,
	dizia-s	diceba-s,
	dormia-s	dormieba-s,
plur.	amava-es	amaba-tis,
	devia-es	debeba-tis,
	dizia-es	diceba-tis,
	dormia-es	dormieba-tis:

Perf. ind.

plur.	amas-tes	amavisti-s,
etc.		

Em portuguez não se repete portanto o facto que se dava algumas vezes no latim vulgar mais recente da queda do s final da segunda pessoa do singular. Corssen [1] adduz as seguintes fórmas em que se deu essa queda:

biba, *Bull. d. Inst. Rom.* 1866, p. 7 por vivas na ligação Christo Fulv[ius] biba junto de bibas deo, *ib.*.
bi por vis. 2.ª pessoa sing. ind. *Or. Henzen.* 5774.

«O modo d'escrever

libertabusvis, *Bull. d. Inst. Rom.* 1865, p. 151 por libertabusve,

mostra que na bocca do povo a 2.ª pessoa sing. vis, depois da queda do s final e mudança do i tornado final em e, tinha o mesmo som que a particula ve, que n'um antigo periodo egualmente se originou de -vis [2].»

[1] *Ueber Aussprache* I [2], 293.

[2] Corssen, *Ibidem*. Sobre a particula *ve* vid. id. *Kritische Beitr.*, S. 289, f.

O s do nominativo singular da 2.ª declinação conserva-se excepcionalmente em:

deus	de	deus,
Marcus		Marcus,
Carlos	b. lat.	Carolus.

Fóra d'esses casos s final latino não se conserva em portuguez. Veremos no capitulo sobre a declinação como a apocope d'esse som e do m final produziram a confusão dos casos latinos e a sua reducção a dous typos, um para o singular, outro para o plural em cada uma das declinações que ficaram de pé, apesar d'essa reducção, e em que as outras se absorveram.

C e D finaes

O c e o d finaes occorrem em latim em muito poucas fórmas que se conservassem em portuguez e em todas ellas foram esses sons apocopados.

1. Apocope de c. Observa-se nas duas fórmas, que depois foram nasalisadas:

sim (ant. si)	de	sic,
nem (ant. ne)		nec [1].

2. Apocope de d. Observa-se em:

a	de	ad,
que (interrog.)		quid.

N final

O n final latino foi em regra apocopado nas poucas das fórmas em que elle existia que se conservaram em portuguez. São ellas:

pente	de	pecten,
crime		crimen,
grude		gluten,
lume		lumen,
nome		nomen,
exame, enxame		examen,
vime		vimen,
velame		velamen,

e as palavras não populares

nume	de	numen,
carme		carmen.

Nas fórmas não populares apparece porém outras vezes o n; assim em:

germen,	semen,
specimen,	flamen,
regimen,	etc.

Em:

semel *L. Linh.*	de	semen,

o n final mudou-se em l, a menos que a fórma não provenha do caso obliquo.

O r e l finaes portuguezes não parecem provir nunca (excepto no indicado caso, que é duvidoso) do r e l finaes latinos.

§ 11.º GRUPOS CONSONANTAES

Nos grupos consonantaes dão-se alguns dos phenomenos que já examinamos, e outros que pertencem a categorias diversas: a assimilação, a dissimilação, a metathese, a queda, o abrandamento são phenomenos frequentes n'elles. A difficuldade de tractar systematicamente esta parte do consonantismo é assás grande. Sahindo aqui do plano adoptado para as consoantes simples, examinaremos o destino de cada grupo consonantal latino no portuguez separadamente, distinguindo-os, porém, em iniciaes, mediaes e finaes.

Grupos consonantaes iniciaes

O latim admittia nas palavras do seu proprio fundo os seguintes grupos consonantaes iniciaes:

cr		tr			pr
gr					br
					fr
cl					pl
gl					bl
					fl
cn					
gn					
sc,	scr,	sqv,	str,	st,	stl.

Nas palavras d'origem estrangeira introduzidas no latim apparecem além d'isso os grupos iniciaes

ct, pt, pn, ps, sm, scl, tl, tm, dr.

Como nas consonancias simples iniciaes, na maior parte dos casos, ha tendencia nos grupos consonantaes iniciaes para se conservarem inalterados.

1. Cr. Permanece geralmente intacto. Exemplos são:

cras ant.	de	cras,
creação		creatio,
creador		creator,
creatura		creatura,
crear		creare,

[1] Cf. todavia Diez, *Grammatik* I[3], 229.

crivel	de	credibilis,
credito		creditum,
crer		credere,
creme (do francez?)		cremum,
crescer		crescere,
crivo		cribrum,
crime		crimen,
crina (grenha, clina)		crinis,
crespo		crispus,
crista		crista,
cruel		crudelis,
crucifixo		crucifixus,
crueldade		crudelitas,
cru		crudus,
cruento		cruentus,
crosta		crusta,
cruz		crux,
crystal		crystallum.

Abrandamento do g excepcional. Exemplos:

graxo	de	crassus,
grade		crates,
greda		creta,
gruta		crypta.

Queda do r em:

queimar	de	cremare.

Metathese do r em:

quebrar	de	crepare.

2. Tr. Permanece inalterado, sem excepção. Exemplos:

trave	de	trabes,
tractar		tractare,
traír		tradere,
trama		trama,
trás		trans,
tremer		tremere,
tremor		tremor,
tremulo		tremulus,
tres		tres,
trilhar		tribulare,
tribunal		tribunal,
tributo		tributum,
tricas		tricae
trigesimo		trigesimus,
trinta		triginta,
trevo		trifolium,
trindade		trinitas,
trempe		tripus,
triste		tristis,
tristeza	de	tristitia,
trigo		triticum,
triumpho		triumphus,
troféu		tropaeum,
trolha		trulla,
troncar		truncare,
tronco		truncus.

3. Pr. Permanece inalterado, sem excepção. Exemplos:

practico	de	practicus,
pre-		prae-,
preceder		praecedere,
preceito		praeceptum,
precipitar		praecipitare,
pregão		praeco,
predio		praedium,
prestar		praestare,
pregar		praedicare.
prado		pratum,
preces		preces,
prender		prehendere,
preso		prehensus.
precioso		pretiosus.
preço		pretium.
primo		primus,
primeiro		primarius,
principe		princeps.
principio		principium,
privado		privatus.
pró		pro.
provavel		probabilis.
provar		probare,
proceder		procedere,
prodigo		prodigus.
profundo		profundus.
prohibir		prohibere.
prompto		promptus,
proprio		proprius.
provincia		provincia.
proximo		proximus.

Abrandamento do p em:

a-brunho	de	prunum.

4. Gr. Não padece nenhuma alteração. Exemplos:

gralho	de	graculus.
gráo		gradus.
grego		graecus.
grande		grandis.
grão		granum.
graça		gratia.

gracioso de gratiosus,
grato gratus,
grave gravis,
grei grege-,
grillo grillus,
grosso grossus,
grumo grumus,
grunhir grunnire,
grou grus.

5. Dr. Só apparece em portuguez uma palavra popular que tivesse em latim dr inicial:

dragão de draco.

6. Br. Permanece inalterado nas poucas palavras em que provém do latim:

braga de braca,
braço brachium,
breve brevis,
breviario breviarium,
bruto brutus.

7. Fr. Permanece geralmente intacto. Exemplos:

fragoso de fragosus,
frade fratre-,
freio frenum,
es-fregar fricare,
frio frigidus,
fronte, frente frons.
fructo fructus,
fromento frumentum.

Fragare, porém, mudou-se em flagrare, d'onde cheirar (v. Fl).

8. Cl. Póde dizer-se que cl inicial, como pl, não ficou inalterado em nenhuma palavra do fundo popular da lingua. N'um certo numero de casos o l mudou-se em r, por exemplo em:

cramar ant. de clamare,
craro ant. clarus,
crastra claustrum,
cravo clavus,
cremencia ant. clementia,
crelgo ant. clericus,
crister clyster.

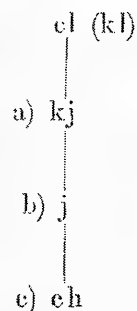
As fórmas como:

clamar, clemencia,
claro, clerigo,
claustro, clyster,

foram reformadas pelo typo latino.

N'outros casos, porém, o cl latino inicial acha-se representado por ch (chiante palatal); isto dá-se em:

chamar de clamare,
chouso ant. clausus,
chave clavis,
chouvir ant. claudere.

Da comparação com as outras linguas romanicas e principalmente com o italiano e o hespanhol é-se levado a estabelecer o seguinte schema na serie de transformações porque passou o latim cl para dar o portuguez ch:

a) O l dissolveu-se primeiramente na semi-vogal j (i palatal.) Esta phase é representada pelo italiano que diz:

chiamare (ch=k) de clamare,
chiaro clarus,
chiave clavis,
chiavo clavus,
chierico clericus,
chiostro claustrum,
chiudere claudere,
etc.

b) O j repelle a momentanea, degenerando depois como o j primitivo. Este momento é representado por fórmas como:

ant. port. jamar *Eluc.* de clamare.

c) Depois esse j mudou-se em portuguez na palatal chiante que representamos em a nossa orthographia por ch. Fóra do caso em que j provém do cl e grupos similhantes latinos não se muda elle em ch em o nosso dialecto, mas em gallego moderno é a mudança de j latino em ch, representada por x, regra geral; assim em:

galleg.	xurar	por	jurar,
	xaneiro		janeiro,
	xa		já (jam),
	xuez		juiz (judex),
	xexuno		jejuno,
	xentar		jentar,
	xunto		junto,
	xuño		junho,
	xusto		justo,
	xoven		joven,
	etc.		

O gallego mudou tambem em x o g, atrás de e e i, cujo som se confundia com o de j; assim:

galleg.	xemer	por	gemer,
	xenio		genio,
	xente		gente,
	etc.		

9. Pl inicial acha-se representado em portuguez ou por pr ou por ch.

O grupo pr apparece em:

prazer	de	placere,
praga		plaga,
praia		*plagea por plaga,
prato		platus,
pranto		planctum,
prantar		plantare,
praça		platea,
pregar		plicare.

O ch apparece em:

chaga,	ao lado de	praga,	de	plaga,
chanto ant.,	ao lado de	pranto,		planctus,
chão,	ao lado de	praino,		planus,
chantar ant.,	ao lado de	prantar,		plantare,
tanchagem,	por	*chantagem,		plantago,
chato,	ao lado de	prato,		platus,
chove				pluit,
cheio				plenus,
chegar,	ao lado de	pregar,		plicare,
chorar				plorare,
chus ant.				plus,
chumbo				plumbum,
chumasso der.				pluma.

O schema das transformações é:

Comp. para a mudança de pl em pi, pj:

ital.	piacere	de	placere,
	piaggia		*plagea,
	piagnere		plangere,
	piano		planus,
	pianta		planta,
	pianto		planctus,
	piato		platus,
	piazza		platea,
	piegare		plicare,
	pieno		plenus,
	piombo		plumbum,
	piove		pluit,
	piu		plus,
	piuma		pluma,
	etc.		

O momento da repulsão do p, ficando j ainda não mudado em ch, acha-se representado no antigo portuguez:

jagarum Ribeiro, *Dissert. chron.* p. 275, de plagare.

e nas fórmas dialectaes castelhanas:

jaga	de	plaga,
jano		planus,
jeno		plenus.

Um processo usual no hespanhol é a repulsão do p deante da lingual l, abrandando esta em seguida em lh, ou talvez assimilação do p a l, representado então por ll como é usual n'esta geminação: assim:

hesp.	llaga	de	plaga,
	lleno		plenus,
	llorar		plorare,
	llover		pluere:
	etc.		

o mesmo se observa nos grupos iniciaes cl, gl, fl.

O portuguez offerece apenas a fórma:

lhano de planus,

em que apparece essa relação phonica, e d'este isolamento podemos concluir com verosimilhança que essa fórma é introduzida do hespanhol e tanto melhor quanto tem ao lado a fórma chão.

10. Gl acha-se representado por gr nas fórmas populares:

groria de gloria,
grude gluten,

e por l nas fórmas, tambem populares:

lande de glande-,
lirão der. glire-.

N'estas ultimas o processo é em parte o mesmo que nas fórmas castelhanas acima mencionadas lleno, llorar, etc., sómente não houve abrandamento em lh; isto é, o g de gl ou foi repellido ou assimilado ao l; no primeiro caso o l conservou-se intacto, no segundo a geminação, conforme á regra geral, não abrandou em lh. Comp. hesp.

llande de glande-.

As fórmas como:

glacial, gloria,
gladio, glorioso,
gladiador, glossa,
glandula, glutão,
gleba, glutinoso,
globo, etc.,
glomerar,

pertencem á linguagem litteraria ou didactica.

11. Fl acha-se representado por fr n'algumas fórmas populares:

fragello de flagellum,
frocco floccus,
fror flore-,

que pela influencia litteraria se dizem hoje geralmente com l: flagello, flor, etc.

O mesmo grupo acha-se representado por ch em:

chamma de flamma,
cheirar *flagrare por fragrare.

Aqui (comp. cl, pl) deve-se admittir o schema de desenvolvimento:

Comp.

ital. fiamma de flamma,
fiocco floccus,
fiore flore-,
etc.

Diez [1] e outros linguistas admittem todavia um intermediario entre fl e ital. fi: * flj; do mesmo modo para sustentar o parallelo, entre cl e chi e pl e pi os intermediarios * clj e * plj. A relação phonica que se tracta d'explicar demonstra-se bem sem esse intermediario que nenhum facto historico-phonetico parece justificar. N'um livro recente do sabio allemão Rumpelt [2], que ainda não vi, demonstra-se que os sons molhados romanicos lh e nh são simples e não compostos d'uma consoante l ou n e d'um i consoante. A esse respeito diz M. L. Havet [3]: «É um ponto importante, que permitte comprehender porque os povos romanicos imaginaram as notações extravagantes gli, ll, lh e gn, nn ou ñ, nh, em vez de li e ni. Isso põe de prevenção tambem o leitor contra as explicações como a que apresenta M. Diez na sua grammatica romanica sobre a passagem do latim flamma ao ital. fiamma; o intermediario teria sido fliamma. Ora se muitos dialectos romanicos, em palavras analogas, molham o l, não ha nenhum que lhe accrescente um i; as fórmas normandas como bliond, gliand, messinas como plieu, plionge, citadas mais longe por M. Diez, são suspeitas de não serem senão representações aproximativas das fórmas reaes. O som ll, desconhecido hoje aos francezes do norte que o substituem por um i consoante, foi provavelmente ignorado pelos auctores que M. Diez consultou.»

Vid., além dos auctores citados por Diez, Ascoli, *Archivio glottologico italiano*, I, 57 e sobretudo Schuchardt, *Vokalismus des Vulgärlateins* II, 488 que dá á theoria de Diez completo desenvolvimento, fundando-

[1] *Grammatik*, II [2], 195.

[2] *Das natürliche System der Sprachlaute und sein Verhaeltniss zu den wichtigsten Cultursprachen.*

[3] *Revue critique d'histoire et de littérature*, 1872, II, p. 103.

se sobre os modos d'escrever como valach. merid. cliamà (=clamare), burg. pljate, poitevino plen e não sobre os sons representados por esses modos de escrever illusorios. Schuchardt, porém, reconhece que no grego moderno, na phase dialectal da ilha de Samothracia o λ se acha representado por c, por exemplo em πιεώσουμ'=πληρώσωμεν, κιέψουμ'=κλέψωμεν (vid. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung* herausg. v. A. Kuhn x, 264 ff.)

12. Em portuguez não apparecem os grupos iniciaes cn e gn; nenhumas das palavras latinas em que havia o primeiro se conservam em a nossa lingua, e o segundo grupo tinha já perdido na lingua mãe o seu g.

13. Aos grupos iniciaes em que s é o primeiro elemento (sc, scr, str, st, sp, etc.) accrescentou o portuguez, como as outras linguas romanicas, uma vogal prosthetica i, depois mudada em e.

Schuchardt [1] apresenta um grande numero de exemplos colhidos em inscripções e manuscriptos latinos em que o i prosthetico se encontra já deante d'esses differentes grupos.

Em portuguez temos, por exemplo:

escada	de	scala,
escandalo		scandalum,
eschola		schola,
esmeralda		smaragdus,
espada		spatha,
espelho		speculum,
esposa		sponsa,
espuma		spuma,
estanho		stannum,
estar		stare,
esterco		stercus,
estrella		stella,
etc.		

O grupo sc deante de e, i é pronunciado como um simples c deante d'essas vogaes; assim em:

scena	de	scena,
sciencia		scientia,
centelha		scintilla.

Queda do s inicial deante de outra consoante offerece só

pasmo	de	spasmus.

Em quanto aos grupos iniciaes ct, pt, ps, tl, tm, raros e só existentes em palavras adoptadas do grego em latim, pouco ha que observar, porque rarissimas são as palavras populares da nossa lingua que originalmente tivessem algum d'elles.

O grupo pt acha-se representado por t, isto é, perdeu o p inicial, em:

tisana	de	ptisana.

O grupo ps perdeu egualmente o p nas fórmas:

salmo	por	psalmo,
salmodear		psalmodear,
salterio, salteiro,		psalterio,
etc.,		

e é apenas pronunciado completo nas fórmas eruditas.

Os outros grupos apparecem só em fórmas eruditas.

Grupos mediaes de duas consoantes

a. Geminações.

A geminação da tenue resiste muito mais a qualquer incidente do que a simples consoante. O som em portuguez é porém simples, embora a orthographia empregue ás vezes a consoante dobrada.

1. Cc.

vacca ou vaca	de	vacca,
succo ou suco		succus,
bocca ou boca		bocca,
sacco ou saco		saccus,
secco ou seco		siccus,
peccar ou pecar		peccare,
peccado ou pecado		peccatum,
floco, froco, froque		floccus,
mucco ou muco		muccus,
bico		beccus.

O g em:

baga,
braga,

explica-se pelas fórmas:

baca	ao lado de	bacca,
braca		bracca.

Deante de e e i o c geminado é tractado como o simples c:

accento	pron.	açento,
accidente		açidente,
buzina	de	buccina,
etc.		

[1] *Vokalismus* II, 338 ff. Cf. Diez, *Grammatik* I, 224-226.

2. Tt.

gato	de	cattus,
metter		mittere,
fita		vitta,
gluttão		glutto (gluttire),
gotta		gutta,
barata		blatta,
setta		sagitta.

3. Pp.

capa	de	cappa,
copa		cuppa,
popa		puppis,
estopa		stuppa,
cepo		cippus,
mappa (não popular)		mappa,
Filippe.		

Estorvo suppõe a existencia d'uma fórma:

strupus junto de struppus.

O r geminado sôa em portuguez, do mesmo modo que em latim, como um r forte. Assim em:

carro	de	carrus,
corro		curro,
curro		currus,
errar		errare,
ferrugem		ferrugo,
ferro		ferrum,
forragem		farrago,
narrar		narrare,
serra		serra,
terra		terra.

O l latino geminado é tractado pelo portuguez de differentes modos.

1. Ll é no maior numero dos casos pronunciado como um l simples, embora a orthographia siga a etymologia; assim em:

cadella	de	catella,
cabello		capillus,
cella		cella,
cugulla		cucullа,
callo		callum,
cutello		cultellum,
pollo		pullus,
pelle		pellis,
gallinha		gallina,
molle		mollis,
folle		follis,
sella		sella,
collo	de	collum,
bello		bellus,
fallecer		* fallescere,
cavallo		caballus,
ella		illa,
elle		ille,
bullir		bullire,
miollo		medulla,
grillo		grillo,
valle		vallis,
vassalo	b. lat.	vassalis,
villa		villa.

2. Abrandamento raro em lh; exemplos:

centelha	de	scintilla,
tolher		tollere,
galha		galla,
galhinha ant.		gallina,
polha *Eluc.*		* pulla.

3. Encontram-se tambem alguns raros exemplos de syncope da geminação; taes são:

enguia	de	anguilla,
astea		astilla.

O n geminado abranda n'alguns casos em nh, como ll em lh, n'outros sôa como um simples n, resistindo á syncope.

Exemplos do abrandamento de n em nh:

canhamo	de	cannabis,
grunhir		grunnire,
estanho		stannum,
pinha		pinna.

Exemplos de nn pronunciado como simples n:

canna,	anno,
penna,	gannir,
tinnir,	etc.

O m geminado é tambem tractado como o simples m, resistindo como este quando medial a qualquer accidente.

O s geminado ora é pronunciado como sibilante dental dura simples, ora degenera na chiante palatal representada em a nossa orthographia, n'este caso, por x. A sibilante dental, escripta ss, apparece em:

assado	de	assatus,
bisso		byssus,
cessar		cessare,
grosso		grossus,
fosso		fossa,

massa de massa,
missa missa,
osso ossum,
passo passum,
posso possum,
pressa pressus,
tosse tussis.

A chiante palatal apparece, por exemplo, em:

paixão de passione,
graxo crassus,
baixo bassus.

b. Grupos em que c é o segundo elemento.

Os grupos em que c figura em latim precedido d'outra consoante são sc, rc, lc, nc.

1. Sc permanece em geral intacto, quando se não lhe segue e ou i:

basco, vasconço der. de Vasco,
isca esca,
fusco fuscus,
basilisco basiliscus,
casqueta (velha) der. cascus?,
mosca musca,
pescar piscari,
fisco fiscus,
visco viscum,
viscoso viscoso.

Abrandamento do c em:

musgo de muscus,
visgo, en-visgar, ao lado de visco, enviscar-se.

Atraz de e ou i, quer inicial quer medial a articulação sc, visto que o segundo som se transformou n'um s, fica reduzida a s+s (ç). Como a regra geral relativa ás geminações em portuguez é a reducção dos dous sons a um só, e muito principalmente quando está em jogo o s geminado, que já em latim, como se sabe, obedecia a uma grande tendencia simplificadora, é racional pensar que no portuguez se atraz de e ou i se apresente como um simples s (ç). A lingua, todavia, mostra n'este caso vacillações, contradicções notaveis que mostram a impossibilidade de dar á regra um sentido absoluto.

Postas de parte algumas excepções, sc não apparece em latim constituindo parte d'uma raiz, excepto quando inicial: nos outros casos é ordinariamente um suffixo inchoativo muito usual, que ou se emprega como primario, isto é, se ajunta immediatamente á raiz (na-sc-or da raiz na por gna), ou como secundario, isto é, adiante d'outro suffixo (magr-e-sc-o de mac-er, raiz mak e suffixo er).

No portuguez antigo havia tendencia bem manifesta para pronunciar sc quando pertencia á raiz, mas se tinha tornado medial por composição, ou quando era suffixo primario, como um só s(ç), e quando era suffixo secundario ou quando não se achava junto á syllaba que se podia olhar como a raiz, como dous ss (s+c).

Sc radical em compostos = s(ç):

desenderem por de-scenderem doc. era 1337 Figanière, *Rainhas* p. 254,
decerom por de-sceram, *Chron. St. Cruz*, p. 25,
decen por de-scen, *L. Linh.* III, 189,
deçernir por de-scernir, *Canc. Res.* I, 38,
deçendimento por de-scendimento, *ib.* 131,
deçende, *ib.*,
a-censom por a-scensão, *Act. Apost.* I, 15,
conçiencia por con-sciencia, J. Alv. Rib., *Dissert. chron.* I, 366. *Canc. Res.* I, 187. *Hist. geral* c. 127,
decendemos, *Hist. geral*, c. 151,
acendedoiro (de ascender), *ib.* c. 7,
desconciencia, *Cath.*, p. 147,
condecendeu por conde-scendeu, *Chron. Guin.* c. 67.

Ao lado d'estas fórmas encontramos todavia:

descendem, *L. Linh.* I, 143,
descendedes, *ib.* III, 186,
desçendem, *ib.* IV, 230,
etc.

Nos *Livros de Linhagens* o verbo descender é por assim dizer um termo technico e não admira portanto que n'elles se ache uma fórma mais perfeita que n'outros escriptos; mas tambem n'elles occorre a fórma decend-, por exemplo:

decendedes, *L. Linh.* III, 186.

N'um livro traduzido do latim como a *Regra de S. Bento*, ou o *Cathecismo* (*Ineditos d'Alcobaça*) não admira que occorram fórmas como:

descendeo, *Cath.* p. 137,
ascendeo, *ib.* p. 168,
ascendentes, *Reg. de S. Bento* c. 7,
descendentes, *ib.*,
ascendimento, *ib.* c. 7,
descendimento, *ib.*

O typo latino estava n'este caso á vista do que escrevia e fazia-o desviar da pronuncia popular, a que ella não se esquivava inteiramente, como mostram exemplos, dos quaes citamos alguns.

Podemos crêr que no caso de que estamos tractando a articulação sc se achava reduzida no antigo portuguez uniformemente a um s (ç) e que pela influencia da cultura litteraria unicamente é que começou a apresentar-se n'uma fórma mais proxima do original. Já nos nossos escriptores da edade media que tinham erudição latina, apparecem fórmas como:

descendente, *Chron. Guiné* c. 3,
condescendees, J. Claro, p. 232,

mas ainda rarissimas vezes. Nos do seculo XVI a sua predominancia é evidente. O amor por esta restauração phonica, assim como por outras similhantes, era tal, que levava a modos de escrever e de pronunciar impossiveis de justificar por se basearem n'uma falsa etymologia; assim:

ascena por acena, Sá Mir. *Egl.* 4,
ascende por acende, *id. Cart.* II, 58,

fórmas que resultam da supposição que tambem n'ellas haja corrupção popular de sç em ç, que era mister corrigir d'accordo com o typo litterario que se ia dando á lingua. Mas o proprio Sá de Miranda que nos offerece essas fórmas nos revela que elle não se podia esquivar n'este ponto, como em tantos outros, á influencia popular; por exemplo, lêmos n'elle:

deceo, *Cart.* II, 66,
decem, *Egl.* VIII.

Um modo especial de representar a articulação sc no caso de que tractamos se encontra em:

neyçio por nescio (ne-scius), J. Alv. Rib., *Dissert. chron.* I, 354,
neiceo, *Chron. Guin.* c. 65,
neycio, *Cath.* p. 140.

Quando o suffixo sc se acha immediatamente junto á raiz e atraz de e ou i, sôa em geral no port. ant. como ç:

nacimento por na-sci-mento, doc. 1451, Rib., *Dissert. chron.* I, 325,
creçer por cre-scer, *ib.* 360,
nacença, *Chron. St. Cruz* p. 27,
crecia, *L. Linh.* III, 185,
naceste, *ib.* 187,
naçestes, *Canc. Res.* I, 2,
creçendo, *ib.* I, 9,
acrecentou por a-cre-sc-entou, *Chron. St. Cruz* p. 25,
acreçentar, *Canc. Res.* I, 40,
naçera, *Act. Apost.* 3, 1,
creceo, *ib.* 7, 17,
naci, *D. Din.* 151,
naçer *Trov. e Cant.* 208,
nacimento, *Chron. Guiné*, c. 1, 62,
acrecente, *ib.* c. 1,
crecendo, *ib.* c. 17,
crecymento, *ib.* c. 62,
creça, *Hist. ger.* c. 151.

Encontramos n'alguns dos escriptos que nos fornecem essas e outras fórmas da mesma especie, algumas outras restauradas; assim:

nasceo, *Cath.* p. 137,
nascem, *ib.* p. 146,

ao lado de:

nacem, *ib.* p. 144, 147;

mas os exemplos d'estas ultimas são inteiramente excepcionaes anteriormente ao seculo XVI. Nos escriptos da epocha dyonisica apenas notamos um exemplo que citaremos adeante.

Hoje estas especies de fórmas foram inteiramente restauradas: no port. do seculo XIX, só se encontra pelo menos na lingua escripta nascer, crescer, acrescer, etc. Uma fórma todavia escapou a esta restauração: é conhecer. Em conhecer de co-gno-sco o suffixo -sc acha-se immediatamente ligado á raiz: ora se a regra que descobrimos é verdadeira devia a fórma normal d'esta palavra no ant. port. ser conheçer ou conhocer e no port. mod. conhescer. No port. moderno já sabemos que não é assim: consultemos o antigo, o mais antigo port. que é o melhor testimunho n'este caso. Eis o que encontramos:

conoscer, *Trov. e Cant.* 59,
conosciesse, *ib.* I,
conoscer, *ib.*,
conhoscimento, *Cath.* p. 151.

Comp.:

conoscão, doc. 1268 Rib., *Dissert. chron.* I, 280,
conhoscão, doc. 1319 Rib., *Dissert. chron.* I, 304,
cognoscão, doc. 1325 Figanière, *Rainhas* p. 268.

Ao lado d'estas fórmas apparecem:

connocer, *Trov. e Cant.* 66,

cognuçuda, doc. 1265, Rib., *Dissert. chron.* I, 286,
cunuçuda, doc. 1275, *ib.* I, 282.

Mas basta a existencia das fórmas conoscer, etc., e da actual conhecer para mostrar aqui evidentemente a existencia de duas anomalias que coincidem no portuguez antigo e no moderno e de suppôr a existencia d'uma causa tal que as explique ambas. A consideração de dous ultimos pontos habilitar-nos-ha para resolvermos todas estas questões.

Se suffixo secundario atrás de e ou i, representado ainda por sc no antigo port. em muitas fórmas, vae successivamente sendo reduzido a um só som no curso da vida da lingua, a ponto d'aquelle primeiro modo de representação ter desapparecido inteiramente já no seculo XVI, pelo menos.

Nos escriptos da edade media ao lado das fórmas mais raras:

espavorescer, *Reg. de S. Bento* c. 4, 3,
meresçamos (* meresciamos) *ib.* c. 2,
offeresce, *ib.* c. 59,
paresceentes, *ib.* c. 62.
perteesce (pertence), *ib.* c. 64,
estabelesçam (* stabelesciant), *ib.*,
escaescer (esquecer * excade-sc-ere), *Trov. e Cant.* 51,

encontramos já fórmas como:

mereci, D. Din. 6, *Trov. e Cant.* 70,
merecer, D. Din. 47,
scaecer, *ib.* 57,
gradecer, *ib.* 177,
padecesse, *ib.* 195,
padece, *Trov. e Cant.* 12,
guarecerei, *ib.* 28,
gradecer, *ib.* 52,
ensandecer, *ib.* 200,
escrarecer, *L. Linh.* III, 186,
esprandecia, *ib.* 189,
pareceu, *ib.*,
obedeecer, *Reg.* c. 3,
obedeece, *ib.* c. 5,
estabelicido, *Act. Apost.* 10, 42,
padeceo, *Cath.* p. 138,
merecimento, *ib.* p. 163,
entorpici, J. Claro. p. 232,
pareceo, *Chron. Guiné,* c. 10,
guarecer, *ib.* c. 19,
scarnecendo, *ib.* c. 56.
agradeceo, *Hist. ger.,* c. 7,
gradeceo, *ib.* c. 193,
argulheceo, *ib.* c. 85,
perteeça, *ib.* c. 120,
pertencentes, *ib.* 137,
perecer, J. Alv. Rib. I, 360, 361,
enverdeça, *ib.* 366,
padeça, *Canc. Res.,* I, 20.

Como vimos a articulação sc em regra permanece intacta atrás de a, o, u, mas nas fórmas verbaes derivadas por meio do suffixo -sc parece ter a mesma sorte atrás de a, o que atrás de e, i: assim diz-se padeço, mereço, floreço, nasço, cresço, enegreço, etc. por padesco, meresco, floresco, nasco, cresco. E' evidente que não ha n'este caso mais do que influencia das fórmas verbaes em que o suffixo se acha atrás de e ou i, e cuja preponderancia levava naturalmente a esta analogia.

Nos mais antigos monumentos da lingua, porém, ainda o suffixo existe inalterado muitas vezes no caso em questão, por exemplo em:

padesco, D. Din. 195, ao lado de padecesse, *ib.*,
gradesco, *ib.* 17, ao lado de gradecer, *ib.* 177,
gradesco, *Trov. e Cant.* 34, ao lado de gradecer, *ib.* 52,
guaresco, *ib.* 220, ao lado de guarecerei, *ib.* 28,
esmoresco, *ib.* 210,
conuosca, *Reg. de S. Bento,* c. 2,
obdeescam, *ib.* c. 3.
permanesca, *ib.* c. 2,
offerescam, *ib.* c. 59,
meresca, *ib.* c. 61,
escaesca, *ib.* c. 62,
sobervesca, *ib.* c. 65,
cognoscão, doc. era 1325 Fig. *Rainhas* p. 268,
gradesca, *Cart. de St. Izabel, ib.* p. 268,
conhoscão, doc. 1319, Rib. I, 304,
conoscão, doc. 1268, Rib. I, 280.

Mas já n'esses antigos monumentos se manifesta a influencia da indicada analogia que no seculo XV se extendia a todas as fórmas; assim:

jasço. *T. e Cant.* 184 (de ja-sco por jac-s-co). No mesmo monumento occorre tambem o simples jazo =jac-e-o. Na *Regr. de S. Bento* c. 71 encontramos jasca, c. 3 sujasca.

A existencia da fórma conhescer no antigo portuguez e da fórma conhecer no portuguez moderno parece, em virtude da investigação que precede, ter por fundamento que primeiro se olhou a sylIaba co como não radical, o que em verdade é, e que depois se suppôz ao contrario que ella era a radical.

Por ultimo mencionaremos outros modos que são excepcionaes de representar a articulação latina sc atrás de e e i, em a nossa lingua: são ch (x) e ich (ix): isto é, os representantes mais frequentes do grupo latino cs. Exemplos:

mexer de miscere,
faxa, faixa fascia,
feixe fascis,
peixe piscis,
baixel * vascellum,
rouxinol lusciniolus.

2. Rc permanece regularmente, como em:

arco de arcus,
circo, cerco circus,
cercar cerçare,
barca barca [1],
forca furca,
mercar mercare,
mercado mercatus,
porco porcus,
perca perca,
porco porcus,
esterco stercus.

No grupo de tres consoantes rcl o r desappareceu. Exemplo:

sacho de sarculus.

3. Lc permanece sempre que não se lhe segue e ou i. Exemplos:

calcar de calcare,
calcular calculare,
falcão falco,
sulco sulcus.

Em

couce de calce-,
fouce falce,

o l dissolveu-se em vogal, seguindo-se e ao c.

4. Nc permanece inalterado. Exemplos:

cinco de quinque,
manco mancus,
junco juncus.

Nos grupos não originarios, mas provenientes da syncope d'uma vogal, tc, dc, nc, ha alterações mais ou menos consideraveis:

1. Tc é representado por a sibilante palatal em:

selvagem de * silvat'cus, silvaticus,
viagem de * viat'cus, viaticus,
herege * heret'cus, hereticus.

Nalga provém de natica por meio da fórma intermediaria nadega.

2. Dc é representado por j em:

pejo de * ped'ca, pedica.

Julgar provém de judicare não por meio de uma fórma intermedia * jud'care, mas sim por meio das fórmas intermedias * judigare, * juligar; prégar suppõe a syncope do d entre vogaes seguida da contracção d'estas: * praeigar.

3. Nc e oc é representado por a sibilante palatal em:

monje de monachus.

No grupo ndc, o d desappareceu. Exemplos:

manjar de * mand'car,
vingar * vind'care, vindicare.

Excommungar suppõe a fórma * excommunigar de excommunicare; delgado a fórma deligado, de delicatus. Comp. franc. excommunié, delié. Da mesma fórma sirgo está por * serigo de sericus e não por ser'cus. Forjar, fabricare, é talvez introduzido do francez forger [1].

c. Grupos em que t é o segundo elemento.

Esses grupos são ct, st, rt, lt.

1. O grupo ct é tractado de differentes maneiras. Os phenomenos n'elle usuaes são a dissolução do c em vogal (i, u) ou assimilação do mesmo som ao t.

A dissolução do c em i observa-se, por exemplo, depois de a mudado em e por assimilação ao i em:

leite de lacte-,
feito factus,
geito jactus;

depois de e em:

leito de lectus,
peito pectus,

[1] Palavra d'origem phenicia introduzida muito cedo no latim.

[1] Brachet, *Dictionnaire etymologique de la langue française*, 213 (3.ª ed.) explica da seguinte fórma o francez forger: de fabrica, por contracção veio * fabr'ca e d'esta por dissolução do b deante de r em u * faurca (provençal faurca); depois o c mudou-se em g (palatal assibilada) como em adjuger (de adjudicare) e o diphthongo au em o.

deleitar de delectare,
seita secta,
reitor rector,
direito directus,
leitor lector,
eleito electus;

depois de i mudado em e em:

estreito de strictus;

depois de o em:

noite de nocte,
coito *Eluc.* coctus,
biscoito biscoctus;

depois de u em:

fruito *Cam.* etc. de fructus:

depois de u mudado em o em:

condoito ant. de conductus,
loyto, loito *Eluc.* luctus.

Exemplos da dissolução do c em u são:

depois de a:

auto de actus,
trautar *Chron. Guin.* etc. tractare,
autivo *Eluc.* activus,
contrauto *Eluc.* contractus;

depois de e:

teuto *Hist. do Test.* de tectus;

depois de o:

doutor de doctor,
douto doctus,
outubro october.

A assimilação observa-se principalmente nas fórmas empregadas no portuguez moderno. A orthographia, porém, representa quasi sempre o grupo original ct. Exemplos:

dito (escripto dicto) de dictus,
fruto (fructo) fructus,
contrato (contracto) contractus,
matar mactare,
reto (escripto recto) rectus,
teto (tecto) de tectus,
dileto (dilecto) dilectus,
luto (lucto) luctus,
lutar (luctar) luctare,
ato (acto) actus.

Em

colcha de culcita (culc'ta),
trecho tractus;

o grupo ct acha-se representado por ch. A existencia d'estes dous exemplos isolados parece indicar que essas fórmas se introduziram do hespanhol em que a mudança de ct em ch é regular; comp.:

hesp.	port.	de
hecho,	feito	factus,
pecho,	peito	pectus,
ocho,	oito	octo,
derecho,	direito	derecho,
estrecho,	estreito	strictus,
noche,	noite	nocte,
leche,	leite	lacte.

O mesmo vale pelo que toca ao nome proprio Sancho, olhado como identico ao lat. Sanctus, que se encontra em Tacito, *Historiæ* 4, 62 (dux Claudius Sanctus). Viterbo, *Eluc.* s. v. *Numan*, trasladou uma inscripção latina do tempo da dominação romana em que apparece o nome proprio TI. CLAVDIVS SANCIVS e em Tacito, *Annales* 6. 18 occorre o femenino Sancia. Mas Sancho provém de Sanctus e não de Sancius que daria regularmente em portuguez Sanço e em hesp. Sanzo [1].

Em

pente de pecten,

o c desappareceu, nasalisando-se a vogal precedente.

2. Pt. A queda ou assimilação do p é a regra. Seguindo a orthographia etymologica escreve-se n'alguns casos ainda pt, mas pronuncia-se t, excepto nas fórmas d'introducção moderna, como:

nupcias, apto, rapto.

em que o p é ouvido na bocca das pessoas instruidas.
A dissolução do p em vogal não é rara.
Exemplos da queda ou assimilação:

roto de ruptus,
gruta crypta,
neta neptis,

[1] Diez, *Grammatik* I, [2] 240, n.

atar	de	aptare,
sete ou sette		septem,
contar		comp'tar, computare,
encetar		inceptare,
catar		captare,
escrito		scriptus,
optimo (pron. otimo)		optimus,
adoptar (pron. adotar)		adoptare,
baptisar (pron. batisar)		baptisare.

Dissolução do p em u offerecem, por exemplo:

auto, *Chron. Guin.*	de	aptus,
adoutar, *Eluc.*		adoptare,
boutisar, *ib.* bautisar, pop. mod.		baptisare,
caudilho		cap'tellum,
Seuta		Septa.

Mais rara é a dissolução em i, de que são exemplos:

receitar	de	receptare,
conceito		conceptus,
preceito		preceptus.

Queda total da combinação se observa em:

semana	de	septimana.

3. O grupo st permanece em:

prestar	de	praestare,
gosto		gustus,
besta		ballista,
busto		bustum,
castanha		castanea,
castello		castellum,
casto		castum,
castigar		castigare,
caustico		causticus,
crosta		crusta,
crista		crista,
custodia		custodia,
fastio		fastidium,
festa		festum,
fuste		fustis,
gesto		gestus,
hasta		hasta,
hoste		hostis,
este		iste,
isto		istud,
justo		justus,
mastigar		masticare,
mosto		mustum,
pasto	de	pastus,
pastor		pastor,
peste		pestis,
posto		postus, positus,
postigo		posticus,
posto		postis,
bostella		pustulla,
reste		restis,
restar		restare,
rustico		rusticus,
consistir		consistere,
resistir		resistere,
suster		sustinere,
triste		tristis,
tristeza		tristitia,
vasto		vastus,
vestir		vestire,
veste		vestis,
vestigio		vestigium.

O s assimilou-se ao t em:

mosso (moço)	de	mustus,
nosso por nosto		nostro-,
vosso vosto		vestro,
gozo		gustus?

O t tambem se assimilou algumas vezes ao s (ç) proveniente de c original: assim em:

amizade	de	* amis'tate, * amicitate- (comp. hesp. amistad),
rezar		* rest'are, recitare.

O s resultante de st acha-se representado por ch (x) em:

queixar	de	* quaestare,
congoxa		co-angustia.

Em latim o d e t finaes das raizes verbaes dissimilam-se em s deante do t do suffixo do participio passado e esse s assimila-se em seguida ao t do suffixo; exemplos:

caesus	por	* caes-tu-s	de	* caed-tu-s,
mis-su-s		* mis-tu-s		* mit-tus.

d. Grupos em que p é o segundo elemento.

1. Sp. Permanece intacto. Exemplos:

espargo	de	asparagus,
aspero		asper,
crespo		crispus,

su-spender suspendere,
suspeito suspectus,
suspirar suspirare,
vespa vespa.

2. Mp. O m sôa como simples nasalisação da vogal precedente. Exemplos:

empolla de ampulla,
campo campus,
lampada lampas,
limpo limpidus.

3. Lp. Intacto, por exemplo, em:

culpa de culpa,
polpa pulpa,
pulpito pulpitum,
golpelha vulpecula.

O l dissolveu-se em u em:

poupar de palpare.

F por p em:

golfo de κόλπος.

Rp. Intacto, por exemplo, em:

torpe de turpis,
carpir carpere.

e. Grupos de que g é o segundo elemento.

1. Lg. Creio que não occorre em nenhuma palavra do fundo da lingua, em que provenha já do latim.

alga

não é popular.

2. Rg. Intacto deante de a, o, u. Exemplos:

pargo de pargus,
gurgulho gurgulio, por curculio,
espargo asparagus,
virgo virgo.

Deante de e, i, o, o g tem o som palatal:

virgem de virgine,
margem margine.

3. Ng. Em geral o n sôa como simples nasalisação e o g tem o som guttural atrás de a, o, u, e o de sibilante palatal atrás de e, i. Exemplos:

angoxa, angustia de angustia,
longo longus,
longe longe,
fingir fingere,
cingir cingere,
frangir frangere,
pungir pungere.

O g é mudado tambem em z (s fraco) em:

franzir ao lado de frangir.

Sobre o d em:

enxundia de axungia,

vid. o cap. sobre o vocalismo, no § sobre o i palatal.

Em

tanjo

correspondente a latim tango, influenciou o som do g deante do e das outras fórmas como tanger, tanges, etc.

Em portuguez é excepcional o modo de representar este grupo atrás de e e i por nh. O exemplo unico é:

renhir de ringir.

f. Grupos de que d é o segundo elemento.

1. Pd. Este grupo não é latino, mas nascido por meio de syncope de vogal m campo romanico: n'elle cáe ora o p ora o d. Em portuguez o unico exemplo certo é talvez:

aturdir de * extorp'dire, extorpidire.

A fórma:

cubiça de cupiditia.

póde ter passado por as intermedias * cubidiça, * cubiiça, etc.

2. Gd. O g acha-se representado por l em:

esmeralda de smaragdus:

por n em:

amendoa	de	amygdala.

Esta alteração resulta d'uma assimilação incompleta do g ao d. Como vimos no § 7.° d tem relações intimas com l, e passa para n, por meio de aquelle som. A assimilação completa observa-se em:

Madalena	de	Magdalena.

3. Nd. O d sendo intacto, permanece em geral o n tractado como nos outros casos, isto é, pronunciado como simples nasalisação. Exemplos:

mundo	de	mundus,
grande		grandis,
fundo		fundo,
mandar		mandare,
vender		vendere,
entender		entendere,
prender		prehendere,
fender		findere.

Observa-se assimilação excepcional em:

funil	de	fundibulum,
vergonha		vericundia.

No grupo de tres letras ndr o acha-se representado pela tenue em:

coentro	de	coriandrum.

4. Rd. Intacto, por exemplo, em:

perder	de	perdere,
corda		chorda,
tardo		tardus,
cardo		carduus,
ordem		ordine.

5. Ld. Não se encontra em nenhuma fórma em que seja original; resulta da syncope da vogal intermedia. Exemplo:

caldo	de	caldus	por calidus,
pardo	de	* paldus	por pallidus.

g. Grupos em que b é o segundo elemento.

1. Mb. Em regra o m sôa como simples nasalisação, e o b permanece intacto; assim se diz em:

cambiar	de	cambiare,
lamber		lambere,
lombo	de	lumbus,
pombo		palumbus,
Comba (n. prop. mul.)		colomba,
chumbo		plumbum,
ambos		ambo,
gambia		gamba,
combater		combattere.

Assimilação do b ao m offerecem as antigas fórmas, talvez introduzidas do hespanhol:

amos *Eluc.*	de	ambo,
plomo		plumbum.

No hespanhol essa assimilação é usual, assim em:

lamer	de	lambere,
lomo		lumbus,
paloma		palomba,
Xarama		Saramba,
camear ant.		cambiare,
atamor ant.		atambor.

2. Rb. O b degenerou em v, por exemplo, em:

carvão	de	carbone-,
sorver		sorbere.

A fórma:

corbelha	de	corbicula,

é talvez introduzida do francez.

O b acha-se representado por m em:

mormo	de	morbus.

3. Lb. O b degenerou em v, por exemplo, em:

alvo	de	albus.

h. Grupos em que f é o segundo elemento.

Esses grupos só se encontram em composição, e em latim tinham-se já as momentaneas d e b, e a continua s assimilado ao f; assim em:

affabilis,	affirmare,
affectio,	affligere,
afferre,	affluere,
etc.	
sufferre,	suffigere,
sufficere,	sufflare,
etc.	
differre,	difficilis.
etc.	

Nas compostas com con-, in-, o n conserva-se geralmente. Em latim era tambem rara a queda do n n'este caso; deu-se, por exemplo, em:

iferos Orelli, *Henz.* 7341 por infĕros,
ifra, Ed. Dioclec. *Corp. I. Lat.* I, infra.

(Corssen, *Ueber Aussprache* I², 256.)

O antigo portuguez offerece um exemplo muito frequente:

iffante por infante.

i. Grupos em que v é o segundo elemento.

1. Rv. Permanece intacto. Exemplos:

corvo	de	corvus,
servir		servire,
parvo		parvus.

2. Lv. Permanece geralmente inalterado; assim em:

calvo	de	calvus,
selva, silva		silva,
salvo		salvus,

O l cahiu em:

caveira de calvaria.

O grupo inteiro desappareceu em:

pó de pulvis,

ao lado de:

polvora de púlvere-.

A formação de pó é todavia obscura.

j. Grupos em que s é o segundo elemento:

1. Cs (x). A lingua representa de varios modos esta combinação, cujo valor depende sobretudo da vogal que se segue. No maior numero de casos a explosiva guttural dissolve-se em i, o que é a regra adeante de e e a, e a spirante dental ou conserva o valor que tem nos finaes portuguezes, ou se abranda em z, casos que se dão adeante de e, ou é representada pela spirante palatal ch, o que se dá adeante de a regularmente.

N'outros casos o c assimilou-se ao s, e a geminação ss d'ahi originada ou permaneceu como s simples ou degenerou na chiante palatal ch (x, š). A conservação dos dous sons originaes é excepcional. Toda essa variedade de sons nascidos do latim cs é representada geralmente em o nosso systema phonographico por o signal x, pelo que nos exemplos seguintes ao lado das fórmas escriptas segundo a orthographia usual representamos os sons com mais fidelidade.

Lat. cs=port. is:

exemplo,	pron.	eizemplo,
exame,		eizame,
extra,		eistra,
exceder,		eisceder,
etc.		

seis de sex.

Ao lado da pronuncia normal is ha outras que nascem do desleixo, e que todavia podem um dia substituir inteiramente as que achamos como normaes: assim ouvimos dizer isemplo, isame e insame, isceder, etc.

Lat. cs=port. ich:

eixo,	pron.	eicho,	de	axis,
teixo,		teicho,		taxus,
freixo,		freicho,		fraxinus,
leixar ant.,		leichar,		laxare,
madeixa,		madeicha,		metaxa,
seixo,		seicho,		saxum,
froixo,		froicho,		fluxus.

Lat. cs=port. ch:

coxa,	pron.	cocha,	de	coxa,
buxo,		bucho,		buxus,
Alexandre,		Alechandre,		
luxo,		lucho,		luxus,
lixivia,		lichivia,		lixivia,
enxundia,		enchundia,		axungia.

Assimilação do c, isto é, cs=ss:

disse	lat.	dixi,
tecer=tesser		texere.

Conservação das duas consoantes:

fixo,	pron.	ficso,	de	fixus,
sexo,		secso,		sexum,
nexo,		necso,		nexus.

A dissolução do c em u n'esta combinação é inteiramente excepcional, e só conhecemos um exemplo d'ella:

tausar ou tousar, *Eluc.*, lat. taxare.

2. Ps. Assimilação do p ao s, por exemplo, em:

esse de ipse,
isso ipsum,
gesso gypsum.

Dissolução do p em i. e abrandamento do s em ch (x) em:

caixa de capsa.

3. Bs. Este grupo occorre só em composição; nas palavras do fundo da lingua em que elle existia originalmente, o b ou se dissolveu em vogal ou foi assimilado ao s. A dissolução observa-se, por exemplo, em:

ausencia de absentia,
austinente ant. abstinente-,
austinado pop. obstinatus;

a assimilação em:

escuro de obscurus,
sustancia substancia,
esconder abscondere.

Comp. lat. jus-si por * jub-si, da raiz jub.

Á linguagem litteraria pertencem as *fórmas* em que o b se pronuncia, como:

absolver, obstar,
substancia, obsceno,
abster, obscuro.
obstinado,

4. Ns. Em regra o n cáe n'este grupo. Exemplos:

esposo de sponsus,
escuso absconsus,
mesa mensa,
mesura mensura,
mez mensis,
siso sensus,
teso tensus,
costar constar,
mostrar monstrare,
mostrengo der. monstrum,
asa ansa,
defesa defensa,
mester min'sterium, ministerium,

trás de trans,
preso prehensus.

A excepção que offerece

pensar ao lado de pesar,

explica-se pela tendencia para distinguir pela fórma as significações da palavra.

Em latim era frequentissima a queda do n deante de s. Corssen reuniu um grande numero d'exemplos de differentes epochas da lingua. «Esta queda, diz elle, apparece antigamente em compostos com as preposições con- e in-. Assim acham-se em inscripções do tempo anterior a Augusto, assim como do tempo do imperio, os modos d'escrever:

cosol, t. *Scip. C. I. L.* 31. *Rhein. Mus.* IX, 1 f. *C. I. L.* I, 41,
cosoleretur, *E. d. Bacchan. C. I. L.* I, 196, 7. 9. 18,
cosentiont, t. *Scip. B., f. C. I. L.* I, 32,
cosensu, *C. I. L.* I, 532,
cosuluit, *Or. H.* 6485,
cosulari, *I. N.* 1109,
Cosentiam, *Mil. Pop. I. N.* 6276. *C. I. L.* I, 551,
cosumta, *Boiss. I. Ly.* XIV, 26,
Cosidiae, *I. N.* 6050,
coservae, *I. N.* 1725. 2103. 2167. coserve, 5833,
coservo, *I. N.* 3157 etc.,
Costanti, *I. N.* 263. 6274 (p. Ch. 313/4),
Costantino, *I. N.* 6274, 6811,
costitutio, *I. N.* 5237,
cosistentium, Boiss. *I. Ly.* XIV, 26,
etc. (Fabretti, *Gloss. Ital.* p. 925. 926).

« No latim popular do IV e V seculos da era christã desappáreceu o n da preposição in deante de s, seguindo-se-lhe outra consoante nos compostos; assim, por exemplo, em:

istituerunt, Renier, *I. Algér.* 3805 (345-349 era chr.), comp. *ib.* 3809 (398 era chr.) 3810 (402 era chr.), 3816 (416 era chr.), 3818 (384-388 era chr.), 3822 (399 era chr.),
ist[ituit], *ib.* 3814 (364 era chr.), comp. *ib.* 3815 (392 era chr.), etc. (Schuchardt, *Vok. d. Vulgärlat.* II, 350),
iscribet, de Ross. *I. Christ. u. Rom.* 535 (404 era chr.)

« N caíu deante de simples s em:

isicia, *Ed. Diocl.* Momm. (301 era chr.),
intresecus, *Or.* 3327 por intrinsecus.

« Com particular frequencia desapparece no mo-

do d'escrever dos manuscriptos e inscripções o n dos themas participaes em nt deante do signal s do nominativo: isto mostram as seguintes fórmas que occorrem em manuscriptos de Plauto e Lucrecio, assim como em inscripções:

animas. Lucr. I, 774,
transmutas, II. 488,
contractas, II, 853,
instas, III, 1064,
metas, V, 690,
vacillas, VI, 554,
curas, Plaut. *Mil.* 201,
cogitas, *ib.*,
accubas, Plaut. *Mil.* 653,
pandiculas, Plaut. *Men.* 832,
postulas, *Mostell. Argum.* 6, Koch, Rhein. Mus. IX, 305,
praegnas. Plaut. Naev. Ribb. *Com. r.* p. 24,
infas, *I. N.* 5376. 66. Grut. 688, 2,
lacrimas, Gr. 517, 3,
negotias, *I. N.* 3646,
praefestinas, *Archaeol. Anz.*, 1862. S. 340,
dormies, Plaut. *Mil.* 272,
obedies, *ib.* 1129. Koch., *ib.*,
doles, *I. N.* 1222. 2680. 4859,
libes, *I. N.* 2598. *Bull. arch. Ital.* 1862, p. 89. *Denkm. u. Forsch. Gerh.* 1865, S. 62. *Archaeol. Anz.* 1865, S. 52,
pudes, *I. N.* 1582,
Vales. *I. N.* 7287. Renier, *I. Algér.* 601,
retines, *Or.* 4360 (386 era chr.),
reveres, Gr. 558. 7,
potes, *Ann. d. Inst. Rom.* 1858, p. 281,
ages, Fabr. 309. 321,
Cresces, *I. N.* 291. 5971. 6198. Boiss. *I. Lyon.* X, 29, 14. Garr. *Graff. Pomp.* XXIV, 1. Ren. *I. Algér.* 102. 661,
Obseques, *Bull. Nap. n. s.* I, 43,
despicies, *Archaeol. Anz.* 1862, S. 340,
Clemes, *I. N.* 2892. *C. I. L.* I, 747.

«Como se vê, o n cáe com maior frequencia deante de s nos themas participaes das conjugações em A- e em E-, cujos a e ē eram longos por natureza.

«O n caíu tambem no suffixo -iens- de:

quoties	por quotiens, Plaut.,
toties	totiens, Plaut.,
quotiescumque	quotienscumque, *Mon. Ancyr.* Momms. *R. g. d. Aug.* IV, 28,
quinquies	[quin]quiens, *ib.* I, 25. 6,
	quinquens, *ib.*, IV, 31,
vicies	por viciens, *ib.*, IV, 41,
quadragies	quadragiens, *ib.*, II, 4. 7. 10,
quingenties	quingentiens, *ib.*, III, 35,
millies	milliens, *ib.*, III, 24. 25. 34. 38. IV, 26,

etc.;

nos elementos dos numeros ordinaes -cesimo por -censumo:

vicesimus	por vicensumo, *C. I. L.* I, 198. 21,
	vicensumam, *ib.* 199. 27,
	vicensumarius, *ib.* 1101,
quadragesimus	quadragensimum, *Mon. Ancyr. ib.* II, 3,
duodevicesimus	duodevicensimum, *ib.* III, 15,

etc.;

egualmente no suffixo -iensi, -ensi dos nomes d'habitantes:

Pisaurese, *C. I. L.* I, 173, por Pisaurenses, etc.,
Langueses, *ib.* 199. 40,
Thermesium, *ib.* 204, 1, 2,
Thermesum, *ib.* 204, 2, 7, 11,
Maluginesis, *ib.* 295. 304,
atresis, *ib. fast. Ant.* 2, 10, atriensis,
Albesia, Fest. p. 4. *Gloss. Mai. Class. auct.* VIII, 47,
Alliesis, Fest. p. 7,
Amneses, Fest. p. 17,
Apulesis, *Or. H.* 5478. comp. 6747,
Atresis, *I. R. N.* 2140,
Castresis, *I. N.* 254. 5369. *Ann. d. Inst. Rom.* 1864, p. 6. comp. *Giorn. d. scav. d. Pomp.* 1865, p. 4, n. 12. *ib.* p. 7. n. 14. *Bull. d. Inst. Rom.* 1865. p. 180. Ren. *I. Algér.* 3354,
Fortuneses, *I. N.* 423,
Lucereses. Fest. p. 119,
Ostiesibus, *Bull. Nap. n. s.* V, 193. n. 2. *Ann. d. Inst. Rom.* 1857, p. 323,
Osteses, *Or. H.* 7178.
Narbonesium, *ib.* 7215.
Marteses, *I. N.* 1531. 1525. *Or. H.* 7204,

Megalesia, Cic. etc.,
Picenesis, *I. N.* 2800,
Tegianesis, *I. N.* 297,
Hortesius, Vel. Long. p. 2227. P.,
Ortesia, *I. N.* 2687,
Karesis, *t. Hispan.* Huebn. *Monatsber. d. Ak. d. Wissensch. z. Berl.* 1861, p. 954,
Divitiesium, *C. I. Rhen.* Bramb. 1237,
Mutines[es], Garr. *Graff. Pomp.* xxx, 22,
foresis, *Monatsber. d. Ak. d. Wissensch. z. Berl.* 1860, p. 449.

«O suffixo latino -oso tinha uma antiga fórma -onso; assim originou-se:

formoso de formonsus, Grut. 669, 10,
grammosis grammonsis, *Caecil.* Ribb. *Com. rel.* p. 63.

«No latim mais recente apparecem as fórmas d'esse suffixo -unso, -uso em:

formunsus, *Annal. Gramm.* Eichenf. u. Endl. p. 415,
Luminusus, *d. Ross. I. Christ. u. Rom.* 1092 (556 era chr.)

«As fórmas de suffixos -unsio, -unso, -uso, -onso, -osso, -oso nasceram quasi todas da fórma fundamental -ontio, como -ensio, -ensi, -esio, -esso, -eso, -isio, -isso, de -entio, -asio, -aso, de -antio (Corssen, *Krit. Beitr.* S. 468-485.) Tambem nos themas das palavras cáe o n deante de s com bastante frequencia; assim em:

Cesor, *t. Scip. Barb. f. Rhein. Mus.* ix, 1. *C. I. L.* i, 31,
cesores, *ib.* 613. 1161. 1162. 1264, p. 142,
Cesorini, *R. I. v. Dac. A. M.* 480,
defesori, Fabrett. p. 280, 178. *Or. H.* 7087,
consesu, *I. N.* 2342. 3528. consesum, *Cen. Pis. Or.* 642,
dispesator, *I. N.* 6072. Fabr. 259. 248,
meses, mesibus, *I. N.* 131. 404. 2699. 6736. 6996. 6629. 7014. 7188. comp. d. Ross. *I. Christ. u. Rom.* 31 (310 era chr.), 78 (344 era chr.), 108 (350 era chr.), 112 (353 era chr.), Ren. *I. Algér.* 840. 1230,
mesura, *I. N.* 6879,
mesor, *C. I. L.* i, 1109. mesorum, *I. N.* 3160. mesoris, *I. N.* 1455,
mesa, Charis. p. 43. P.,
permesi, Wagn. *Orth. Verg.* p. 456,
festram, *Enn.* p. 186. V.,
fresa, Fest. p. 91. comp. defrensam,
mostrum, Wagn. *Orth. Verg.* p. 456,
mostellum, *ib.*,
mostellaria, *ib.*,
mostratur, *ib.*,
mostratque, *Or. H.* 7292,
consposos, Fest. p. 41,
fros, frus, Charis. p. 105 P.,
tosor, Fabretti p. 214. 546 (comp. *Rhein. Mus.* x, 113),
tosus, Cassiod. p. 2292. P.,
tusus, *ib.*,
piso, Wagn. *ib.*,
prasus, *ib.*,
remasisse, *Or. Henz.* 6087,
masucium, Fest. p. 139. Garrucc. *Inscr. Pomp.* xvi. 5. 50. comp. Schmitz, *Rhein. Mus.* xi, 300 f.,
trasis, *Or. Henz.* 7396,
Trasmarinus, Ren. *I. Algér.* 3434,
Trasmarina, *ib.* 3435,
Trastiberina, Marin. *Inscr. Alb.* p. 110.

«Egualmente caíu o n na ligação enclytica quăsi, quăsei, immediatamente originada de quansei, *C. I. L.* i, 200, 27 (comp. p. 592, c. 2) por quam sei.

«Os seguintes modos d'escrever mostram que o n antes de desapparecer totalmente se assimilou ao s:

πασσας, Plut. *d. fort. Rom.* p. 319. vii, p. 268. R.,
passum, Gell. xv, 15,
expassum, *ib.*,
dispassus, *ib.*,
dispessus, *ib.*,
messis, Wagn. *Orth. Verg.* p. 457,
infessi, *ib.*,
fressum, *ib.*,
messor, *Or.* 2504,
Decatressium, *I. N.* 2502. comp. Decatrenses, *I. N.* 2504,
tossillae, junto de tonsillae, tosillae. Schmitz, *Rhein. Mus.* xvi, 486,
Imperiossus, *A. tr. C. C. I. L.* i, p. 455, a. 414,
Verrucossus, *ib.*, p. 458, a. 521. Comp. Schmitz, *Rhein. Mus.* xi, 300 f.,
formossa, Os. *Syll.* 457. 189,
φάμωσσα, Suid. *v.*, Ἰοβιανος.

«Se se lança um olhar para o tempo dos documentos aqui citados, vêmos já n'uma pedra do bosque sagrado de Pesaro, um dos mais antigos monumentos da lingua latina, a fórma Pisaurese, n'um dos dous mais antigos sarcophagos dos Scipiões lêmos cosol, cesor junto de consol, censor, e assim

passam através de todos os tempos ambos os modos de escrever estas fórmas, um junto do outro, de modo que n'uma inscripção do tempo dos ultimos imperadores apparecem juntamente costitutio e constitutio (*I. N.* 5237).

«É por essa razão que n se acha escripto deante de s aonde elle não pertence etymologicamente; assim em:

Athamans, *C. I. L.* I, 760 (13 era chr.).
Atlans, *I. N.* 737,
Dymans, *ib.* 6769, 1. 78 (70 era chr.).
Indigens, *C. I. L.* I, el. xx,
herens, *Or.* 3528,
diens, *Inscr. Helvet.* Momms. 279, Fabrett. *Gloss. Ital.* p. 310,
Onensimus, *I. N.* 5809.
thensauror[um], *Or.* 3247. thensaurus, Plaut.,
praenstantissimo, *I. N.* 1115.

(Corssen, *Ueber Aussprache* I [2], 251-255.)»

5. Rs. Em regra o r assimilou-se ao s nas palavras do fundo da lingua; assim em:

a-vesso	de	versum,
usso ant., urso mod.		ursus,
corso ant., corso mod.		cursus,
travesso		transversus,
pecego		persicus,
pessoa		persona.

As fórmas como:

curso	terso,
verso	dorso,

são d'introducção erudita.

Já em latim era frequente aquella assimilação. Corssen (*Ueber Aussprache* I,[2] 243, *Krit. Beitr.* S. 396) colligiu os seguintes exemplos:

russum	por	rursum, revorsum,
prossum		prorsum, provorsum,
quossum		quorsum, quovorsum,
Sassina		Sarsina,
Sassinas *Or.* 344		Sarsinas,
dossum		dorsum,
dossuarius		dorsuarius,
dossenus		*dorsenus,
Casseoli		Carseoli.

Excepcionalmente acha-se o r mudado em l em:

bolsa	de	byrsa.

6. Ls. Este grupo permanece, por exemplo, em:

falso	de	falsus,
salsa		salsus?

O l assimilou-se ao s, por exemplo, em:

insosso	de	insulsus.

k. Grupos em que m é o segundo elemento.

1. Gm. Este grupo não permanece intacto em nenhuma fórma do fundo da lingua. O g cáe, por exemplo, em:

augmento (pr. aumento)	de	augmentum,
pimenta	de	pigmentum.

Em latim já a queda (por intermedio de assimilação) do g n'esta combinação era frequente: assim em:

examen	por	exagmen,
flamma		flagma, de flagrare,
jumentum		jugmentum, de jungere, raiz jug.

Dissolução do g em vogal em:

fleuma ou freima	de	flegma.

2. Sm. Permanece intacto: assim em:

pasmo	de	spasmus,
scisma		schisma.

e no suffixo

-ismo.

3. Rm. Permanece egualmente sem alteração: assim em:

arma	de	arma,
firme		firmis,
termo		terminus,
dormir		dormire,
verme		vermis,
vermelho		vermiculus.

4. Lm. Este grupo permanece geralmente intacto: exemplos:

palma	de	palma,
salmo		psalmus,
colmo		culmus,
olmo		ulmo,
pulmão, pulmoeira der.		pulmo.

I. Grupos em que n é o segundo elemento.

1. Cn. Como explicar a fórma

cysne de cycnus?

O s não apparece em nenhum outro dialecto romanico, excepto o hespanhol, o francez dizendo cygne, o provençal cigne, o italiano cigno. Só a existencia d'uma fórma * cycinus em que o i seria introduzido para evitar a dureza do grupo cn, nos poderia explicar como aqui o c se mudou em s, que se acha representado por r na fórma antiga cirne. Mas não conhecemos nenhum outro facto ao appoio da fórma hypothetica cycinus. Em verdade em a palavra cycnus, que não é mais que a grega κύκνος, vê-se ter caído uma vogal entre o c e o i, quando comparada com as apparentadas:

lat.	ciconia	cegonha,
sanskr.	çakuni	ave.

A raiz d'estas palavras é, segundo toda a verosimilhança kan kvan, que temos em:

lat.	can-o, can-tu-s, can-oru-s,
grego	κανάζω ou sôo,
sanskr.	kan-kan-i sino, kvaṇ soar.

A palavra κυ-κν-ος, como o latim ci-con-ia, apresentaria portanto uma reduplicação da raiz [1]. Mas não tem aquelle i que suppomos introduzido em cycnus nada que vêr com essa vogal da raiz syncopada.

2. Gn. Apenas nas palavras de fórma erudita é pronunciada intacta esta articulação; exemplos:

agno	de	agnus,
pugna		pugna,
signo		signum,
digno		dignus,
dignidade		dignitas,
magno		magnus,
magnitude		magnitudo,
maligno		malignus.

Nas palavras populares é o grupo latino representado por nh, isto é, o g assimila-se ao n e a geminação abranda em nh, ou por n, isto é, houve a assimilação e a geminação pronuncia-se como um simples n, ou por in, isto é, o g dissolveu-se em vogal. O primeiro caso é o mais frequente; o segundo mais raro e o ultimo inteiramente excepcional. Exemplos da assimilação, seguida de abrandamento:

punho	de	pugnus,
tamanho		tam magnus,
camanho ant.		quam magnus,
anho		agnus,
conhecer		cognoscere,
cunhado		cognatus,
lenho		lignum,
senha		signa (plural de signum),
desdenhar		* dedignare.

Exemplos da assimilação, seguida simplesmente da reducção da geminação a um som:

sina	de	signa,
ensinar		insignar,
dino ant.		dignus,
indino ant.		indignus.

Exemplos da dissolução do g em i:

reino	de	regnum,
reinar		regnare.

3. Sn. Ou primitivo ou nascido no campo da lingua portugueza por meio de syncope de vogal intermedia, conserva-se geralmente intacta, como em:

asno de asinus.

4. Mn. Nenhuma palavra do fundo popular da lingua achamos em que este grupo exista na lingua fonte: elle originou-se no campo da lingua portugueza por meio de syncope de vogal intermedia. Para evitar o contacto das duas nasaes, a lingua assimilou o m ao n; o unico exemplo certo é:

dono de dom'no, dominus.

O hespanhol em regra intercala n'este caso um b entre as duas consoantes, mudando a segunda em r; assim em:

arambre	de	aeram'ne-,
lumbre		lum'ne-,
nombre		nom'ne-.

Isto auctorisa a olhar-se a palavra isolada que se encontra em portuguez

deslumbrar der. de lumbre,

como hespanholismo.

[1] Vid. Curtius, *Grundzüge der Griechischen etymologie* 2.ª Ausg. S. 130.

5. Rn. Conserva-se intacto, quer onde é original, quer onde nasce por meio de syncope de vogal intermedia. Exemplos:

Arnado (n. pop. loc.)	de	arenado (lat. arena),
carne		carne-,
corno		cornu,
forno		furnus,
eterno		eternus,
inferno		infernus,
lanterna		lanterna,
perna		perna,
urna		urna,
torno		turnus,
ornar		ornare,
caverna		caverna,

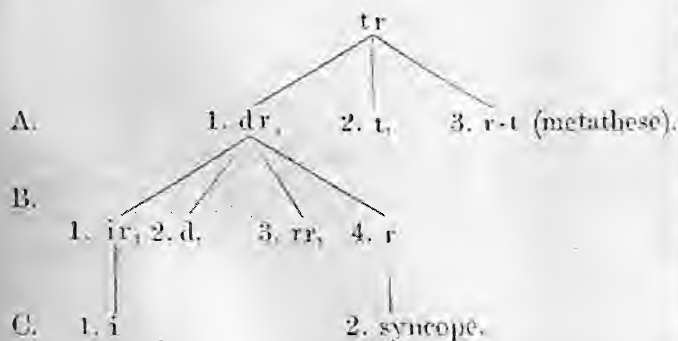
suffixo -ern.

m. Grupos em que r é o segundo elemento.

Esses grupos são cr, tr, pr, gr, dr, br, fr, que são proprios ao latim e nr, lr, nascidos por syncope de vogal intermedia.

1. Cr. Em cr, o c abranda geralmente em g. Exemplos:

agro	de	acris,
vinagre		vinum acre,
alegre		alacris,
lagrima		lacrima,
magro		macro-,
sagrar		sacrare,
sogro		socro-,
segredo		secretum.

2. Tr. O grupo medial tr é representado em portuguez por differentes modos, que correspondem a differentes momentos d'evolução na alteração d'esse grupo. O seguinte schema representa-os no seu encadeamento chronologico.

O grupo tr encontra-se excepcionalmente depois de vogal em palavras populares como:

quatro	de	quattuor,
nutrir (pop.?)		nutrire,
lettra		littera.

Em

lontra	de	lutra,

a nasalisação do u contribuiu sem duvida para a permanencia do t.

Depois de s, o grupo conserva-se n'alguns casos como:

mostrar	de	monstrare,
claustro ao lado de crasta		claustrum,
mostrengo der.		monstrum,
nostro ant.		nostro-,
vostro ant.		vestro-.

A. 1. lat. tr. = port. dr: é o modo de representação regular. Exemplos:

madre	de	matre,
padre		patre,
padrinho		patrinus,
cidra		citrus,
adro		atro-,
ladrão		latrone,
pedra		petra,
vedro (Alhos Vedros)		vet're-,
vidro		vitrum,
odre		utre-,
alvidro		arbitrium,
podre		putris.

A. 2. lat. tr = port. t. N'este caso o r foi repellido, desapparecendo totalmente: isto deu-se quasi exclusivamente depois de s.

Depois de vogal:

reta-guarda	de	retra-guarda (retro).

Comp.:

ital. arato	de	aratrum,
ital., valach. frate		fratre-.

Depois de s ou o t permaneceu ou foi assimilado ao s como no grupo de duas consoantes originaes st.

O t permanece em:

rosto de rostrum,
rasto rastrum,
madrasta b. lat. matrastra.

O t foi assimilado ao s em:

nosso de * nosto de nostro-,
vosso * vostro vestro-.

A. 3. A metathese do r observa-se precedendo um s á articulação, em:

cabresto de capistrum,
estormento ant. instrumento,
fresta fenestra,
crestar castrare.

B. 1. lat. tr=port. ir. O intermediario é dr:

tr
⋮
dr
|
ir

O d dissolve-se pois em i. Talvez o unico exemplo que o portuguez offerece d'este uso seja:

freire por * fraire de fratre-,

Comp.:

prov. buire de butyrum,
reire retro,
confrairia * confratria,
pairi patrinus,
repairar repatriare,
fraire fratre,
maire matre-,
paire patre-,
lairar latrare,
peira petra,
veire vitrum,
oire utre,
noirir nutrire,
poirer putrere,
araire, fr. araire aratrum,
laire latro,
layrocini latrocini.

Que dr é realmente aqui o intermediario entre tr e ir prova-nos o modo de representar a articulação original dr por ir (vid. infra).

B. 2. lat. tr=port. d. O t abrandou primeiramente em d, e depois o r caiu. Exemplos:

frade de fratre-,
arado aratrum,
derradeiro * deretrarius, de retro.

Comp.:

hesp. confradia de * confratria.

B. 3. lat. tr=port. rr. N'este caso, que é sobretudo frequente no francez, o t abrandou em d que foi assimilado ao r. O unico exemplo que o portuguez offerece é:

perrexil de petroselinum,

que é segundo todas as probabilidades introduzido do francez onde a palavra na sua antiga fórma soava pierresil, d'onde mod. persil. Comp.:

franc. larron de latrone-,
pourrir putrere,
nourrir nutrire,
pierre petra,
parrain patrinus,
marraine matrina,
tonerre tonitru,
verre vitrum,
merrain * mat'riamen,
beurre, ital. burro but'rum[1].

B. 4. lat. tr=port. r. O intermediario é tambem dr (comp. infra lat. dr=port. r, em quarenta, etc.). O t depois de ter abrandado em d foi, portanto, repellido. Os unicos exemplos que o portuguez offerece documentados são talvez:

Pero por Pedro de Petro,
mare *Eluc.* madre matre-,
Perafita n. prop. l. Pedra fita, petra * ficta (por fixa).

Comp.:

catal. pare por * padre de patre-,
mare
frare ant. * fradre fratre-,
picardo bure * budre but'rum,
franc. mére medre ant.[2] matre-,
pére pedre ant.[3] patre-,
frére frade ant.[4] fratre,
etc.

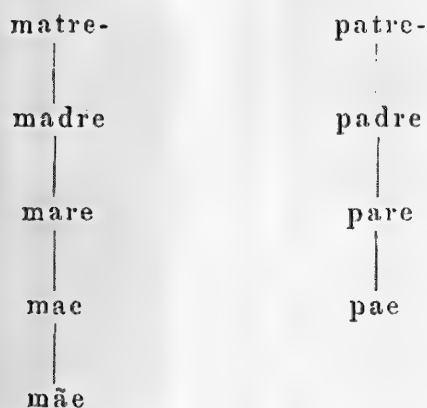
[1] Brachet, *Dictionnaire etymologique de la langue française*, s. v. *arrière*.
[2] *Saint Alexis*, XXII.
[3] *Ibidem*.
[4] *Juramentos de Strasburgo*.

C. 1. lat. tr=port. i. Depois do d se ter dissolvido em i, o r foi syncopado. A unica fórma portugueza que talvez pertença a esta categoria é:

frei por freire de *fraire, frade, fratre.

2. lat. tr desapparecido inteiramente. Tendo chegado a reduzir-se a r simples, este som foi syncopado. Isto deu-se em:

mãe, pae,

cuja historia representamos no seguinte schema:

As fórmas madre e mare encontram-se tambem no portuguez, como vimos: o gallego apresenta a fórma não nasalisada nay, em que o m se mudou em n; o asturiano e alguns dialectos italianos apresentam a fórma ma em que a vogal final se absorveu na accentuada. A fórma padre tambem é portugueza e usada ainda na accepção de sacerdote; a fórma pare não a descobrimos ainda em nenhum documento do portuguez, mas isso não faz embaraço, tanto menos que, como vimos, ella se encontra n'outros dialectos, e temos em o nosso a fórma mare.

A syncope do r que se deu em mãe, pae observa-se tambem em:

coentro de coriandrum,
proa prora,
quês Gil Vicente, etc. por queres.

Nas duas primeiras fórmas o outro r existente na palavra contribuiu evidentemente para a syncope. [1]

3. Pr. O modo regular de representar este grupo é br; isto é, o p abranda em b; exemplos:

cobre de cuprum,
abril de aprilis,
obra op'ra, opera,
cobrir cop'rire, cooperire,
cabra capra,
pobre paup're, paupere-,
abrir ap'rire, aperire,
cobrar *cup'rare, *cuperare (comp. recuperare),
sobrar supr'are, superare,
lebre lep're, lepore.

O grupo conserva-se inalterado depois de nasal, por exemplo, em:

sempre de semper,
comprar comp'rare, comparare.

Metathese do r em:

desperçar ant. de despretiare.

4. Gr. N'uns casos permanece intacto, n'outros o g dissolve-se em i.

Exemplos da permanencia:

agro de agro-,
negro nigro-,
agravar aggravare.

Exemplos da dissolução do g em i:

inteiro de integro-,
cheirar fragrare.

Metathese do r em:

pargo de pagrus.

5. Dr. Este grupo quando provém já do latim experimenta em parte a mesma sorte que dr=lat. tr: ou permanece ou o d se dissolve em i ou cáe inteiramente. Exemplos da permanencia:

quadra de quadra,
quadrante quadrans.
quadrado quadratus.
quadrar quadrare.
quadro quadrum.

e em geral os derivados e compostos de quattuor, exceptuando-se os que abaixo mencionaremos:

Adriano de Adrianus.
cedro cedrus.

[1] Este facto não entrou como devia no seu logar no § sobre a syncope

Edral nom. prop. l. der. de hed'ra, edera,
hydra (pop.?) hydra.

Exemplo da dissolução em i é:

cadeira de catedra.

Exemplos da queda do d:

quarenta de quadraginta,
quaresma quadragesima,
courela quadrella.

6. Br. Este grupo permanece em regra geral; exemplos:

fabrica de fabrica,
febra fibra,
membro, ant. nembro membrum,
febre febris,
septembro septembre-,
outubro octobre-,
novembro novembre,
dezembro decembre-,
salobro insalubre-.

As fórmas seguintes pertencem á linguagem litteraria:

opprobrio de opprobrium,
palpebra palpebra,
cerebro cerebrum,
celebre celebre-,
lugubre lugubris,
salubre salubre,
candelabro candelabrum,
ludibrio ludibrium.

O b degenerou em v em:

lavrar de laborare.

O b degenerou em v e o r caíu em:

crivo de cribrum.

Metathese do r e degeneração do b em v offerece:

trevas de tenebras.

7. Fr. Permanece, por exemplo, em:

soffro de suff'ro, suffero,
Africa Africa.

O f acha-se representado por b em:

abrego aut. de africus.

8. Nr. Este grupo conserva-se geralmente, soando aqui o n como atrás das outras consoantes; exemplos:

genro de gen'ro-, gener,
honra hon're, honor,
tenro ten'ro-, tener.

No antigo portuguez encontra-se um d intercalado entre as duas consoantes nas fórmas:

hondrar por honrar, de honorar,
pindra * pinra pignora.

9. Mr. N'este grupo resultante de syncope de vogal intermedia intercala o portuguez um b para evitar o contacto das duas liquidas e pronunciar facilmente o r. Exemplos:

hombro de hum'rus, humerus,
cogombro cucumere-,
lembrar, nembrar ant. memorare,
cambra pop. por camara.

Comp.:

combro ao lado de comoro, de cumulus,
semblante, sembrante, sim'lante.

m. Grupos em que l é o segundo elemento.

Nos grupos cl, tl, pl, gl, bl, fl, sl, a regra geral é a assimilação do primeiro som ao l, seguido do abrandamento em lh. É excepcional a degeneração do l em i palatal, seguido da queda da consoante precedente, o que é frequente, como vimos nos grupos iniciaes em que l é o segundo elemento.

1. Cl. É representado normalmente por lh; exemplos:

cavilha de clavic'la, clavicula,
navalha novac'la, novacula,
ovelha ovic'la, ovicula,
gralho grac'lus, graculus,
olho oc'lus, oculus,
orelha auric'la, auricula,
vermelho vermic'lus, vermiculus,
agulha acuc'la, * acucula (acicula),
governalho gubernac'lum, gubernaculum,
espelho spec'lum, speculum,

jeolho ant. de genuc'lum, genuculum,
abelha — apic'la, apicula,
malha — mac'la, macula,
colher — cochlear,
piolho — peduc'lus, pedunculus,
lentilha — lentic'la, lenticula.

Em vez de lh apparece ch excepcionalmente, em alguns casos, principalmente depois de n; exemplos:

facho de fac'la, facula,
funcho — foenic'lum, foeniculum,
mancha — mac'la, macula.

Cl acha-se representado por j em:

sobejo de superc'lus, superculus,
anejo — annic'lus, anniculus.

Sobre esta relação phonica veja-se o que dissemos tractando do cl inicial (Grupos consonantaes iniciaes n.º 8).

Cl é representado por gr em:

milagre de mirac'lum, miraculum,
egreja — ecclesia.

2. Tl. Representado por lh, por exemplo, em:

velho de vet'lus, vetulus,
selha — sit'la, situla,
rolha — rot'la, rotula.

O l não molhado apparece-nos tambem representado no grupo medial tl em:

rolo, rol de rotulus.

A fórma rol póde ter-se introduzido em a nossa lingua do francez, onde o latim rotulus sôa rôle.

Tl é representado por ld em:

espaldar de * spat'laris, (spatula).

Tl nascido por metathese do l acha-se representado por dr em:

compedra, *Regr. S. Bento* por * competla de completa.

3. Pl. Regularmente representado por lh; exemplos:

escolho de scop'lus, scopulus,
manolho — manip'lus, manipulus.

Depois de n, m, apparece ch; exemplos:

encher de implere,
ancho — amplus.

O grupo é representado por pr em:

dobro de duplum,
emprir, *Eluc.* — implere.

4. Gl. Representado por lh; exemplos:

telha de teg'la, tegula,
unha por * unlha — ung'la, ungula,
relha — reg'la, regula,
coalhar — coag'lare.

O g subiu excepcionalmente á momentanea surda c em:

tecla ao lado de telha de tegula.

O l mudou-se em r, permanecendo o g em:

regra ao lado de relha de reg'la, regula.

5. Dl. Este grupo nascido por syncope de vogal intermedia acha-se representado por ld em:

molde de mod'lus, modulus.

6. Bl. Regularmente representado por lh; exemplos:

ralhar de rabulare,
trilhar — trib'lare, tribulare.

O som ch apparece excepcionalmente em:

diacho de diab'lus, diabolus.

Um outro modo de representar o grupo latino bl é br, que se nos offerece em:

nobre de nob'le, nobilis.
saibro — sabulum.

Metathese do l e degeneração do b em v se observa n'algumas palavras como:

pulvego, *Eluc.* de publicus,
olvidar * oblitare,
silvo sib'lum, sibilum.

O grupo acha-se representado por vr em:

palavra de parab'la, parabola.

7. Fl. Este grupo é representado exclusivamente por ch nos dous unicos exemplos que encontramos:

inchar de inflare,
achar afflare, ant. *Eluc.* [1]

8. Sl. Um unico exemplo conhecemos d'este grupo nascido no campo da lingua portugueza por syncope de vogal intermediaria, e n'elle acha-se o grupo representado por lh; é elle:

ilha de is'la, insula.

Comp. o francez île, ant. isle.

9. Ml. Esta combinação, resultante de syncope de vogal intermedia, intercala um b, e o l ou permanece ou se muda em r; exemplos:

semblante, sembrante de simulante-,
combro cumulus.

10. Nl. Em latim o n assimilava-se ao l n'este grupo; exemplos:

villus, vellus por vil-nu-s, comp. sansk. ūr-nalā,
lituan. vil-na,
slav. eccl. vlu-na,
etc.,
ullus, * un'lus de * unulus,
nullus, * nun'lus nunulus,
malluvium, * man'luvium * maniluvium,
collega, con-lega.

O unico exemplo certo em portuguez d'esta assimilação é:

lulla (certo molusco) de lun'la, lunula.

A mesma assimilação de n a l, mas regressiva se observa em:

sallitre de sal nitrum.

[1] Vid. Diez, *Etymologisches Wörterbuch* II[3], 84 f.

11. Rl. N'este grupo nascido por meio de syncope de vogal intermedia a alteração mais frequente é a metathese do r, que fica posposto ao l; exemplos:

bulra ao lado de burla de * burrula,
melro merlo merulus,
palrar parlar * parabolare.[1]

Assimilação em o nome de familia:

Mello de merlo?

Grupos mediaes de mais de duas consoantes

Em latim os grupos mediaes de tres consoantes mais frequentes são formados por uma consoante facilmente articulavel com a vogal precedente (s, m, n, r e l) e duas momentaes surdas (ct, pt), ou momentanea seguida de s, r ou l.

Entre s e momentanea não apparece outra momentanea; mas entre n e momentanea apparece s. Exemplos:

s + tr:

nostro-, claustro-, frustrare,
vestro-, rostrum, lustrum,
astro-, rastrum, sinistra,
castra, plostrum, ministrare.

m + pt:

emptum, contemptum, demptum,
promptum, sumptum, comptum.

m + psi:

empsi, contempsi, dempsi,
prompsi, sumpsi, compsi.

m + pl:

templum, amplo.
contemplare, complere.

m + br:

umbra, Ambrones.

n + ct:

sanctus, tinctus, junctus,

[1] Ou antes do francez *parler*.

linctus,	stinctus,	Quinctus,
cinctus,	functus,	cunctus.
punctum,	unctus,	

n + tr:

antrum, centrum.

n + dr:

coriandum.

n + cs:

finxi (fincsi), anxi, anxius.
cinxi, vinxi,

n + st (em compostos):

constare, instare.

r + psi:

carpsi, serpsi.

l + cr:

fulcrum.

Entre n ou m e momentanea articulada com lingual (r geralmente) apparece ás vezes s ou p: formando-se assim grupos de quatro consoantes que não são difficeis d'articular; exemplos:

n + s + tr:

monstrum, construere.

m + ptr:

emptrix, comtemptrix.

A regra geral para os grupos de tres consoantes em portuguez é que cáia a consoante que se acha no meio, se é uma momentanea ou f e se lhe não segue r ou l, tanto nos grupos originaes, como nos que resultam de syncope de vogal intermedia; assim se deu em:

pronto	de	promptus,
santo		sanctus,
tinto		tinctus,
junto		junctus,
untar		* unctare,
cinto		cinctus,
ponto		punctus,
mascar		mast'care, masticare,
ancear (ansear)		anxiare,
semana de * sepmana		sept'mana septimana,
contar	de	comp'tare, computare,
conto		comp'tum, computum,
esmar		aest'mar, aestimare.

Já em latim havia uma grande tendencia para fazer o mesmo, do que temos numerosos exemplos, taes como:

quintus	por quinctus,	comp.	quinque,
artus	* artus.		arcere,
fartus	* farctus,		farcire,
sartus	* sarctus,		sarcire.
tortus	* torctus,		torquere,
fultus	* fulctus.		fulcire,
ultus	* ulctus,		ulcisci,
parsi	* parc-si.		parcere,
fortis			forctis.
mulsi	* mulcsi.		mulcere.
defuntus	defunctus, Schuch. *Vokalismus,* I. 135.		
cintum	cinctum. *ib.*.		
cunti	cuncti, Rénier, *Insc. Algér,* 1382.		
dispuntor	dispunctor *ib.* 3581,		
debinti	devincti. Mommsen, *Inscr. Regni Napol.* 1986.		
alsi	* algsi.	comp.	algere,
fulsi	* fulgsi.		fulgere,
mersi	* mergsi.		mergere,
indulsi	* indulgsi.		indulgere.

Sobre os grupos de que o terceiro ou quarto elemento é uma lingual vejam-se os logares onde tractamos dos grupos de duas consoantes, cujos segundos elementos são r, l.

Grupos consonantaes finaes

Não se conservou em portuguez nenhuma fórma de nominativo que em latim terminasse por duas consoantes, como:

fornax,	rex.	glans.
limax,	aquilex.	lens.
pax.	grex.	frons.
thorax,	remex,	mons.
cordax,	strix.	pons.
fax,	oryx.	gens.
abax.	conjux,	dens.
anthrax,	stirps.	mens.
corax,	gryps.	fons.
dropax,	pubs.	mors.
milax,	trabs.	sors,
panax.	urbs.	ars.
opopanax,	chalybs.	pars.
etc.	etc.	etc.

Se exceptuarmos uma ou outra particula, as unicas fórmas que terminavam em latim por um grupo consonantal que se conservaram no portuguez encontram-se no verbo. Além da fórma est, que já discutimos [1], são essas fórmas as da terceira do plural. Em latim a desinencia d'essa terceira pessoa era normalmente nt; mas o estudo das inscripções e outros documentos da lingua mostrou que havia desde o mais antigo periodo em que esta foi escripta grande tendencia para destruir ou simplificar esse grupo.

Vejamos os factos reunidos por Corssen:

« Inscripções do mesmo periodo (o tempo da primeira e da segunda guerra punica) apresentam a queda do grupo consonantal final nt da terceira pessoa singular do indicativo perfeito em:

dedro, *C. I. L.* I, 177 (Pisauro),
dederi, *ib.* 178,
censuere, *ib.* 185. 186,
consuluere, *ib.* 186.

« Mas junto com essas fórmas tambem se conserva nt ou sómente t em:

dederont, *ib.* 181 (Piceno),
dedrot, *ib.* 173 (Pisauro),
coraveront, *ib.* 73 (cf. Add.),
probaveront, *ib.*

« O edito sobre as Bacchanaes do anno 186 a. C. tem junto uma da outra:

censuere (*ib.* 196, 3. 9. 18. 26) e consuluerunt.

« Este documento, firmado com o nome de dous consules romanos, mostra assim que n'esse tempo, junto da fórma completa da terceira pessoa plural perfeito em -ērunt, tambem a fórma truncada em -ēre era usada na linguagem da classe elevada, em quanto a terceira pessoa singular conserva o seu t final.

« Essas fórmas truncadas não são raras em inscripções desde o tempo dos Gracchos até ao fim da republica; assim:

coiravere, *C. I. L.* I, 566. 567. 1412,
coeravere, *ib.* 1131. 1141. 1161. 1162,
curavere, *ib.* 1192. 1406,
fecere, *ib.* 532. 567. 1166. 1553 c,
probavere, *ib.* 1149. 1161. 1162. 1163. 1192,
contulere, *ib.* 1343,
terminavere, *ib.* 1111,
vixsere, *ib.* 1012.

« Quasi todas essas fórmas pertencem á inscripções de edificações ou consecratorias; apenas a ultima occorre n'uma inscripção tumular. Muito mais frequentes são, porém, nas inscripções d'esse periodo as fórmas completas em -nt da terceira pessoa plural perfeito; assim:

abalienaverunt, *C. I. L.* 204, I, 32,
abalienarunt, *ib.* 204, II, 27,
adsignaverunt, *ib.* 200. 11. 77. 81,
ameiserunt, *ib.* 204, II, 1,
coiraverunt, *ib.* 565. 1116. 1230. 1343. 1555,
coirarunt, *ib.* 1478,
coeraverunt, *ib.* 536. 1149. 1163,
coerarunt, *ib.* 1187. 1218. 1251. 1252. 1287,
couraverunt, *ib.* 1419,
quraverunt, *ib.* 1428,
curarunt, *ib.* 1234. 1250. 1279,
composeiverunt, *ib.* 199, 2,
dedicarunt, *ib.* 603, I, 1150,
deposierunt, *ib.* 1009,
dixserunt, *ib.* 199, 3,
dixerunt, *ib.* 199, 4,
deixerunt, *ib.* 200, 85. 88.
fuerunt, *ib.* 199, 37. 200, 77. 81. 90. 204, I, 1. 3. 14. 15. 29. 34,
dederunt, *ib.* 200, 11. 77. 1116,
emerunt, *ib.* 1055. 1143,
fecerunt, *ib.* 365. 619. 1041. 1270. 1405,
iouserunt, *ib.* 199, 4,
iuserunt, *ib.* 199, 3,
legerunt, *ib.* 202, II, 10. 14,
locaverunt, *ib.* 200. 21. 88. 1188. 1251. 1247,
nominarunt, *ib.* 1007,
posierunt, *ib.* 1284,
possederunt, *ib.* 204, I, 18. 26. 31,
probaverunt, *ib.* 600. 1188. 1280,
probarunt, *ib.* 1150. 1187. 1189. 1279. 1251. 1407,
redemerunt, *ib.* 1252,
sublegerunt, *ib.* 202, II, 10. 14,
terminaverunt, *ib.* 610. 611.

« A respeito d'essa predominancia das fórmas inteiras deve observar-se particularmente que os documentos legislativos romanos, do tempo dos Gracchos até ao de Cesar, só apresentam fórmas em -erunt, nunca aquellas fórmas truncadas em -ere. D'ahi segue-se que aquellas fórmas inteiras pertenciam então á linguagem da classe elevada das capitaes e á linguagem escripta da prosa, as trun-

[1] Vid. p. CXI e seg.

cadas ao contrario mais á linguagem do povo, e por isso tambem usavam frequentemente d'ellas os poetas dramaticos e todos os poetas em geral, que, demais, obrigados pelas exigencias do metro, escolhiam entre as duas fórmas. Entre os prosadores amam Catão, Sallustio e mais tarde Frontão as fórmas populares em -ere, em quanto Cicero e Cesar usam de preferencia as fórmas em -erunt dos documentos legislativos romanos (cp. Neue, *Formenl. d. Lat. Sprache* II, 294 f.)

«Quão determinadamente na linguagem da classe elevada do tempo de Augusto predominavam as fórmas em -erunt, conclue-se de que em dous dos mais completos monumentos da lingua d'essa epocha, no monumento de Ancyra e no discurso funebre de Turia, as mesmas occorrem exclusivamente, apenas com uma excepção; assim:

acceperunt, *Mon. Ancyr. R. g. d. Aug. Momms. Ind.*,
appellaverunt, *ib.*,
conflixerunt, *ib.*,
constiterunt, *ib.*,
deduxerunt, *ib.*,
fecerunt, *ib.*,
habuerunt, *ib.*,
pervenerunt, *ib.*,
petierunt, *ib.*,
pugnaverunt, *ib.*,
steterunt, *ib.*,
fuerunt, *ib.*,
cesserunt, *Zwei Sepulcralr.* Momms. *l. Tur.* I, 25,
contigerunt, *ib.* II, 26,
inciderunt, *ib.* I, 35,
fuerunt, *ib.* II, 26,
sollicitarunt, *ib.* I, 25.

«A fórma unica n'estas inscripções do tempo de Augusto é:

fuere, *ib.* I, 27.

«Desapparecimento do t final da terceira pessoa singular, permanecendo a nasal n tornada final, mostram modos de escrever do latim da decadencia como:

fecerun, *I. R. N.* 2658, *I. Christ. u. R. d. Ross.* 48 (338 era chr.),
quiescun, *I. R. N.* 3528,
accipiun, *I. Christ. u. R. d. Ross.* 319 (382 era chr.),
vivon, *Ann. d. Inst. Rom.* 1860, p. 248,
deflen, *I. Christ. u. R. d. Rossi.* 288 (360 era chr.),

(etc. Schuch. *ib.* I, 122). Como a nasal tornada final de taes fórmas verbaes soava surda e obscuramente, acha-se então m escripto em logar de n; assim em:

fecerum, *I. R. N.* 2037. 2775. 2824. 7197. *Or.* 7360,
convenerum, Marin. *Att. d. fr. Arv.* t. XI a. 21 (618 era chr.),
dedicarum, *Or.* 3740.»

(Corssen, *Ueber Ausspr.* I, 185-189).

Em portuguez o t da desinencia da terceira pessoa plural foi inteiramente apocopado. Modos de escrever como:

dent, *Foros de Cast. Rodr.* em *Leges et Consuetudines* I, 757,
erectent, *ib.* p. 884,

ao lado de:

den, *ib.* p. 850,
entren, *ib.*,
adagan, *ib.* p. 854,
façan, *ib.* 849,

não provam que o t fosse pronunciado na epocha de que decorrem esses documentos: o t aqui assenta simplesmente sobre uma orthographia imitada dos documentos em latim barbaro. O n da desinencia, tornado final, deixa de ser articulado, reduzindo-se a uma simples resonancia nasal, ou, para nos conformarmos mais com a expressão usual, funde-se com a vogal que a precede n'uma vogal nasalisada: d'ahi vem que na escripta o n da desinencia ora se acha representado no portuguez antigo por -n, ora por -m, ora por o til; assim:

façan, *Foros de Cast. Rodr.*,
entren, *ib.*,
deren, *ib.*,
oyan, *ib.*,
sean, *ib.*,
adugan, *ib.*,
deuiren, *ib.*,
queseren, *ib.*,
queseron, *ib.*,
conoscam, doc. era 1306 Rib. *Dissert.* I, p. 250-81.
fezerom, *ib.*,
veerem, *ib.*,
foram, *ib.*,
teverõ, *Hist. geral*,
forõ,
trouuerõ.

O m era, porém, o modo mais usual de representação, como hoje. N'alguns modos d'escrever como:

chamaro, *Eluc.*,
fero, *ib.*,

a nasalidade da vogal deixou de ser indicada. Subsistem n'essas fórmas as antigas fórmas latinas em que o grupo nt foi apocopado? Não o crêmos. É muito mais provavel, pois aquellas fórmas latinas não deixaram outros vestigios, que a falta da nasal seja puramente graphica e devida ao desleixo do tabellião ou copista que n'outros casos omittiam muitas vezes o signal til.

V. O VOCALISMO

§ 1.º VOGAES ACCENTUADAS

O primeiro facto que se nota quando se estudam as modificações das vogaes na passagem do latim para o portuguez, como para as outras linguas romanicas, é que, em quanto as vogaes não accentuadas (atonas) são sujeitas á syncope, á apherese, á apocope, á metathese (attracção), á consonantisação (i palatal), a serem representadas de modos multiplices umas pelas outras, as vogaes accentuadas, ao contrario, nunca são supprimidas nem mudam de logar, e quando não guardam a sua qualidade, mudam-se segundo regras simples mais ou menos geraes. Essas vogaes são, como diz Diez, «o ponto medio, a alma da palavra». É em torno d'ella que as mais profundas transformações phonicas se realisam.

No portuguez a qualidade d'uma vogal accentuada não depende tanto da quantidade e posição como n'outras linguas romanicas, por exemplo, o italiano, o hespanhol e o francez. A diphthongação do e e o breves, tão regular no italiano, e que se observa tambem no hespanhol, provençal, francez, valachio, é-lhe inteiramente desconhecida.

Passemos a examinar cada uma das vogaes accentuadas.

A

Quer longo, quer breve, quer na posição conserva-se o a, quasi sem excepção, inalterado, se sobre elle não influe outra vogal. Exemplos da regra são:

arame	de	aeramen,
adem		anate-,
ancora		ancora,
anjo		angelus,
alma		anima,
animo		animo,
agua		aqua,
aguia		aquila,
ara		ara,
audaz		audax,
ave		avis,
baga		bacca,
baio		badius,

balsamo	de	balsamum,
barba		barba,
barbo		barbus,
base		basis,
braga		braca,
graxo		crassus,
grade		crates,
damno		damnum,
dado		datus,
caco		cacabus,
caldo		caldus,
canna		canna,
capaz		capax,
caixa		capsa,
cabo		caput,
cabo		capulus,
cara		cara,
carcere		carcere-,
caro		carus,
caso		casus,
casto		castus,
chave		clavis,
cava		cava,
cravo		clavus,
coalho		coagulum,
fava		faba,
fabrica		fabrica,
falla		fabula,
face		facies,
facil		facilis,
faia		* fagea,
falso		falsus,
fama		fama,
fado		fatum,
favo		favus,
gambia		gamba,
gallo		gallus,
lande		glande-,
gralho		graculus,
gráo		gradus,
grama		grama,
grão		gradus,
grato		gratus,
grave		gravis,
imagem		imagine-,
indago		indago,
lago		lacus,
lama		lama,
lampada		lampada,
lamina		lamina,
lança		lancea,
lã		lana,
lar		lar,
largo		largus,
lasso		laxus,
lado		latus,

lavo	de	lavo,
ladro		latro,
magro		macro-,
mais		magis,
maio		maius,
malho		malleus,
máo		malus,
mal		male,
malva		malva,
mamma		mamma,
manco		mancus,
manga		manica,
manto		mantum,
mão		manus,
mar		mare,
margem		margine-,
marmore		marmor,
massa		massa,
milagre		miraculum,
anão		nanus,
nabo		napus,
nardo		nardum,
nassa		nassa,
nau, nave		navis,
navalha		novacula,
praça		platea,
palacio		palatium,
palha		palea,
palma		palma,
palmo		palmus,
páo		palus,
pão		panis,
panno		pannus,
papa		papa,
prazo		placitum,
prazo vb.		placeo,
praga, chaga		plaga,
praia		* plagea,
pranto		planctus,
chão		planus,
chato		platus,
pratico		practicus,
quadro		quadrum,
qual		qualis,
quando		quando,
quanto		quantum,
quarto		quartus,
quasi		quasi,
quatro		quattuor,
raiva		rabies,
ralho		* rabulo,
raio		radius,
ramo		ramus,
rabo		rapum,
raro		rarus,
rastro		rastrum,

raso	de	rasus,
sabbado		sabbatus,
sacco		saccus,
sagro		sacro,
saio		sagum,
sal		sal,
saio		salio,
salto		saltus,
salvo		salvus,
santo		sanctus,
são		sanus,
sacho		sarculum,
sarda		sarda,
assás		satis,
escada		scala,
escandalo		scandalum,
estavel		stabilis,
estanho		stannum,
estrago		strages,
estrado		stratum,
taboa		tabula,
tal		talis,
talo		talus.
tão		tam,
tanjo		tango,
tanto		tantum,
tarde		tarde,
taxo, tauso ant.		taxo,
trauto, trato		tractus,
trave		trabes,
trás		trans.
vacca		vacca,
vago		vacuus,
váo		vadum,
valido		validus,
vão		vanus,
vara		vara,
vario		varius,
vaso		vasum,
vasto		vastus,

-ar (des. do infinito) are.

os suffixos:

-al	-ali-,
-ade	-ate-,
-ato	-ato-,
-avel	-abili-.
etc.	

O a accentuado acha-se mudado em e em:

alegre	de	alacris. [1]
abentesma (pop.)		phantasma.

[1] Segundo Diez, *Gramm.* i, 136 é duvidoso se o e atono de alegre influiu sobre o a accentuado.

O a accentuado apparece mudado em o em:

fome de fames.

O antigo portuguez offerece ainda a fórma:

fame *L. Linh.* IV, p. 232; *Canc. Res.* I, 184; J. Claro, *Opusculos* p. 207; *Hist. geral* c. 100; D. Duarte, *L. Conselh.* c. 3, etc.

O dialecto gallego conserva essa fórma. O a apparece fóra do accento nos derivados:

esfaimado por * esfameado,
faminto.

O o apparece tambem no seguinte:

esfomeado.

O a accentuado acha-se mudado em e por influencia d'um i seguinte em muitas fórmas que mencionaremos no § d'este capitulo que tracta dos accidentes geraes.

E

1. O e accentuado longo ou tornado longo por queda d'uma consoante, conserva geralmente a sua qualidade; exemplos:

cedo	de	cedo,
cera		cera,
devo		debeo,
espero		spero,
femea		femina,
peor		pejor,
se, sede		sedes,
remo		remus,
tres		tres,
veneno		venenum,
mez		mensis,
peso		pensum,
teso		tensus,
semel *L. Linh.* I, p. 144		semen,
meda (meta, fórma litt.)		meta,
feria, feira		feria,
mesa		mensa,
meço		metior,
completo		completus,
lei		lege-,
rei		rege-,
regra		regula,
telha		tegula,
sebo		sebum,
véu		velum,
serio (pop?)	de	serius,
segredo		secretus,
discreto		discretus.

Deante de vogal final, posta em contacto com elle por syncope de consoante intermedia, o e longo accentuado diphtongou-se em ei; exemplos:

cheio	de	plenus,
freio		frenum,
areia		arena,
candeia		candela.

É excepção:

véu de velum.

Excepcionalmente muda-se o e longo accentuado em i: exemplos:

-migo,	mego ant.	de	mecum,
-tigo,	tego		tecum,
-sigo,	sego		secum,
siso,			sensus,
mejo,			mijo.

Em -migo, -tigo, -sigo, é evidente a influencia de mi, ti, si.

2. O e breve accentuado conserva em regra a sua qualidade; exemplos:

dez	de	decem,
eu		ego,
rejo		rego,
breve		brevis,
leve		levis,
velho		vetulus,
medico, mege ant.		medicus,
meio		medius,
venho		venio,
genro		genero-,
tenho		teneo,
fel		fel,
mel		mel,
fero		ferus,
tremo		tremo,
nevoa		nebula,
deus		deus,
bem		bene,
gemo		gemo,
imperio		imperium,
lebre		lepore-,
medo		metus,
gelo		gelu,
merito		meritus,
meu		meus.

Esse e acha-se diphtongado em:

ideia	de	idea.
queimo		cremo.

Talvez seja o unico exemplo da mudança d'esse e em o o monosyllabo:

por	de	per.

3. O e accentuado que em latim se achava na posição permanece tambem geralmente com a sua qualidade: exemplos:

leito	de	lectus,
peito		pectus,
recto		rectus,
pente		pecten,
seis		sex,
destro		dexter,
fresta		fenestra,
vento		ventus,
ventre		venter,
mente		mente-,
gente		gente-,
dente		dente-,
offendo		offendo,
tendo		tendo,
pendo		pendo,
prendo		prehendo,
e-menda		menda,
sempre		semper,
templo, tempro (pop.)		templum,
membro, ant. nembro		membrum,
estrella		stella,
pelle		pellis,
cella		cella
vello (pop.?)		vellus,
ferro		ferrum,
terra		terra,
a-terro		terreo,
esterco		stercus,
vergo		vergo,
serpe		serpens,
herva		herba,
certo		certus,
verto		vertor,
termo		terminus,
verme		vermis,
fermento		fermentum,
fervo		ferveo,
cervo		cervus,
servo		servus,
vespa		vespa,
vespera		vesper,
é		est,
veste	de	vestis,
testa		testa.

São excepções: 1) as primeiras pessoas do presente do indicativo de verbos provenientes de fórmas da 4.ª conjugação latina, em que o i da caracteristica influenciou a vogal thematica; são elles:

minto	de	mentio,
sinto		sentio,
visto		vestio,
sirvo		servio,
firo		ferio.

2) a fórma seguinte em que o e se acha tambem representado por i:

isca	de	esca;

3) as fórmas do presente do indicativo, etc. do verbo varrer em que o se acha representado por a:

varro	de	verro,
varres		verris,
varre		verrit,
etc.		

I

1. A immutabilidade do i longo accentuado é a regra.

fio	de	fido,
digo		dico,
linha		linea,
limo		limus,
ir		ire,
vivo		vivus,
vida		vita,
miga		mica,
liquido		liquidus,
instigo		instigo,
crivo		cribrum,
crime		crimen,
crina		crinis,
ira		ira,
linho		linum,
rio		rivus,
riba		ripa,
inclino		inclino,
declino		declino,
libra		libra,
pinho		pinus,
chinche		cimice,
vime		vimen,
vide		vitis.

vinho	de	vinum,
vinha		vinea,
amigo		amicus,
espiga		spica,
abril		aprilis,
espirito		spiritus,
fio		filum,
filho		filius,
espinha		spina,
figo		ficus,
formiga		formica,
lima		lima,
gentil		gentilis,
marido		maritum,
miro		miror,
lirio		lilium,
riso		risus,
ruina		ruina,
vizinho		vicinus.

N'alguns casos acha-se esse i representado por e; assim em:

pega	de	pica,
crena, querena		carina,
escrevo		scribo,
beco		viculus,
grenha	ao lado de	crina.

O dipthongo ei apparece representando o som de que se tracta em:

leira	de	lira.

2. O i breve accentuado é regularmente representado por e; exemplos:

fé	de	fides,
es-frego		frico,
pelo		pilus,
pela		pila,
pez		pice-,
bebo		bibo,
cedo		citus,
conselho		consilium,
febra		fibra,
lenho		lignum,
menos		minus,
neve		nivis,
negro		niger,
inveja		invidia,
nedio		nitidus,
pero		pirum,
sem		sine,
acebo		aquifolium,
trevo		trifolium,
verde	de	viridis,
vez		vice-,
cevo		cibus,
cevo		cibo.

O i permanece n'alguns casos, principalmente em polysyllabos; exemplos:

alvitre	de	arbitrium,
a-hi		ibi,
horrivel		horribilis,
familia (pop. famelia)		familia,
justiça		justitia,
livro		librum,
milho		milium,
maleficio		maleficium,
beneficio		beneficium,
lidimo ant.		legitimus,
serviço		servitium,
maritimo		maritimus,
terrivel		terribilis,
tigre		tigris,
viço, vicio		vitium.

3. O i na posição ora permaneceu ora se mudou em e, sem se notar uma tendencia determinada para qualquer d'esses modos de representação.

Exemplos da permanencia do i:

bispo	de	episcopus,
consisto		consisto,
crista		crista,
firme		firmis,
grillo		grillus,
lingua		lingua,
simples		simplex,
triste		tristis,
tinno		tinnio,
mil		mille,
epistola		epistola,
cinco		quinque,
ministro		ministrus,
assisto		assisto,
finjo		fingo,
quinto		quintus.

Exemplos da mudança de i em e:

aresta	de	arista,
bacello		bacillum,
armella		armilla,
centelha		scintilla,
cepo		cippus,
cabresto		capistrum,
cabello		capillus,

entre	de	inter,
crespo		crispus,
fendo		findo,
gebo		gibbus,
letra		littera,
espesso		spissus,
metto		mitto,
secco		siccus,
selva (ao lado de silva)		silva,
verga		virga.

Esta mesma mudança se encontra em fórmas em que i se achou em contacto com outro i, nascido por dissolução de consoante; taes são:

estreito	de	strictus,
peixe		piscis.

O i accentuado na posição deante de n mudou-se algumas vezes em a por intermedio de e; exemplos:

antre ant. (v. p. XLVII)	por entre	de	inter,
constranjo	constrengo ant. (v. p. XLVII.)		constringo;
-an (em an-tão pop.)	en,		in,
ranjo	* renjo,		ringo.

A mudança de en tonico em an é regular em francez.

O

1. O o longo accentuado conserva em regra a sua qualidade; exemplos:

gloria	de	gloria,
choro		ploro,
escova		scopa,
dote		dote-,
sacerdote		sacerdote,
pomo		pomum,
nome		nomen,
nobre		nobilis,
ignoro		ignoro,
voz		voce-,
pessoa		persona,
cegonha		ciconia,
consolo		consolor,
coroa		corona,
no		nodus,
nono		nonus,
nos		nos,
como		quomodo,
sol	de	sol,
so		solus,
vos		vos,
voto		votum,
movel		mobilis,
ponho		* poneo,
ovo		ovum,
codigo		codex,
sobrio		sobrium,
proximo		proximum,
roo		rodo,
todo		totus.

Raras vezes se acha este o representado por u; exemplos d'este caso são:

outubro	de	october,
almunha ant. *Eluc.*, etc.		alimonia,
testemunho		testimonium,
pucaro		poculum,
tudo ao lado de todo		totus.

2. O o breve accentuado conserva geralmente a sua qualidade; exemplos:

olho	de	oculus,
fogo		focus,
povo		populus,
modo		modus,
foro		forus,
coiro		corium,
de-mora		mora,
sola		solea,
solo		solum,
soldo		solidus,
domo		domo,
roda		rota,
nove		novem,
novo		novus,
movo		moveo,
rogo		rogo,
bolo (termo de jogo)		bolus,
bom		bonus,
boi		bove-,
docil		docilis,
dono		dominus,
sogro		socero-,
fora		foras,
jogo		jocus,
mo		mola,
folha		folia,
morro, moiro ant.		morior,
obra		opera,
provo		probo,
rosa		rosa.

voo de volo,
tom tonus,
som sonus,
de-spojo de-spolium,
ap-poio podium,
moio modium.

A mudança em u é verdadeiramente excepcional.

cubro de cooperio,
furo foro,
nuzo, nusso ant. noceo,

explicam-se pela tendencia para evitar a homonymia com cobro de * cuperio (em recuperio), a-foro de foro, nosso de nostro-.

Deante de i arrastado para junto d'ella por attracção mudou-se o o breve em:

esteira de storea;

mas:

tesoira de tonsoria,
etc.

3. O o accentuado que em latim estava na posição permanece geralmente com a sua qualidade; exemplos:

socco de soccus,
oito octo,
longo longus,
monte monte-,
ponte ponte-,
fonte fonte-,
mostro monstro,
collo collum,
folle follis,
molle mollis,
tolho tollo,
volvo volvo,
torro torreo,
porco porcus,
torço torqueo,
corpo corpus,
sorvo sorbeo,
costa costa,
somno somnum,
morto mortuus,
porta porta,
porto portus,
morte de morte-,
sorte sorte,
forte fortis,
ordem ordo,
mordo mordeo,
conforto conforto,
fosso fossum,
posso possum,
solvo solveo,
forma forma,
torvo torvus,
corvo corvus,
pois post,
poste postis,
torto torctus,
orphão orphanus,
nosso nostro-,
osso ossum.

A mudança de o em u é excepcional; exemplos são:

durmo de dormio,
curto contero,
pergunto percontor,
cumpro compleo,
escuso absconsus.

A fórma frente provém da hespanhola fruente, e não directamente da latina fronte. Em hespanhol é regular a diphthongação em ue do o latino na posição. Assim o hespanhol diz:

cuello de collum,
fuelle follis,
muelle mollis,
suelto sol'tus,
dueño domnus,
luengo longus,
fuente fonte-,
puente ponte-,
cuerda corda,
muerte morte-,
puerta porta,
suerte sorte-,
pues post,
tuerto tortus,
duermo dormio,
cuerno cornu,
cuerpo corpus,
cuervo corvus,
hueso ossum,
hueste hostis,
nuestro, nostro-,
etc.

U

1. O u longo accentuado conserva geralmente a sua qualidade; exemplos:

inclúo	de	includo,
exclúo		excludo,
cru		crudus,
junho		junius,
juro		juro,
luz		luce-,
addúzo		adduco,
publico		publicus,
puro		purus,
puno		punio,
muro		murus,
commum		communis,
fumo		fumus,
cura		cura,
sucos		sucus,
ruga		ruga,
humido		umidus,
uva		uva,
agudo		acutus,
bruto		brutus,
búfalo		bufalus,
duro		durus,
confuso		confusus,
jubilo		jubilum,
lume		lumen,
lua		luna,
maduro		maturus,
nuvem		nubes,
julho		julius,
musica		musica,
mudo		mutus,
escuro		obscurus,
escudo		scutum,
seguro		securus,
espuma		spuma,
suo		sudo,
um		unus,
util		utilis,
legume		legumen,
natura		natura,
saúde		salute-,
miudo		minutus,
leituga		lactuca,
verruga		verruca,
rotura		ruptura,
nutro		nutrio,
futuro		futurus,
virtude		virtute.

Excepções são as seguintes fórmas em que o u longo se acha representado por o:

copa	de	cupa,
odre		utre,
logro ao lado de lucro		lucro,
monco		mucus.

2. O u breve accentuado é representado ou por u ou por o; exemplos:

ŭ=u:

puta	de	*puta,
jugo		jugum,
duque		duce-,
fuga		fuga,
tubera		tubere-,
fujo		fugio,
cunho		cuneum,
gula		gula,
rude		rudis.

ŭ=o:

lodo	de	lutum,
covado		cubitus,
joven		juvenis,
sobre		super,
nora		nurus,
cobre		cuprum,
poço		puteum,
hombro		humerus.

Em:

teu	de	tuus,
seu		suus,

o u foi mudado em e para uniformisar essas fórmas com a do adjectivo possessivo da primeira pessoa meu.

3. O u accentuado na posição ora é representado por u ora por o. Exemplos da representação por u:

sulco	de	sulcus,
sepulcro		sepulcrum,
munjo		mulgeo,
vulgo		vulgus,
culpa		culpa,
muito		multum,
multa		multa,
pucho		pulso,
pulso		pulsus,
vulto		vultus,
abutre		vultur,
occulto		occultus,
ultimo		ultimus,

fullo	de	fulvus,
turvo		turbus,
surdo		surdus,
curvo		curvus,
urso		ursus,
susurro (pop.?)		susurrus,
triumpho, trunfo		triumphus,
columna		columna,
unha		ungula,
espelunca		spelunca,
arbusto		arbustum,
fuste		fustis,
furto		furtum,
luto		luctus,
fundo		fundus,
profundo		profundus,
fusco (e fosco)		fuscus,
culto		cultus,
punho		pugnus,
chumbo		plumbum,
mundo		mundus,
segundo		secundus,
fruto, fruito		fructus,
nullo		nullus,
buxo		buxus,
justo		justus,
purgo		purgo,
curto		curtus,
grunho		grunnio,
junco		juncus,
musgo		muscus.

Exemplos da representação de u na posição por o:

bolbo	de	bulbus,
olmo		ulmus,
pó		pulvis,
forca		furca,
tordo		turdus,
forno		furnus,
corro		curro,
pomba		palumba,
conha ant.		calumnia,
outomno		autumnus,
tronco		truncus,
onça		uncia,
torpe		turpis,
mosto		mustum,
moço		mustus,
bola		bulla,
bolo		bullus,
frota,		fluctus,
lombo		lumbus,
onde		unde,
polpa	de	pulpa,
doce		dulcis,
colmo		culmus,
crosta		custra,
gota		gutta,
goto		guttur,
ponto		punctum,
rompo		rumpo,
tosse		tussis,
froxo		fluxus,
vergonha		verecundia,
soffro		suff'ro,
torno		turnus,
torre		turris,
en-xofre		sulphur,
agosto		augustus,
gosto		gustus,
mosca		musca,
popa		puppis,
roto		ruptus,
bocca		bucca,
onda		unda,
redondo		rotundus.

Em:

corisca	de	coruscat

o u acha-se anormalmente representado por o.

Y

O y (υ) grego era pronunciado como o u francez, isto é, tinha um som intermediario entre o nosso u e i; esse som não era estranho á lingua latina.

« A lingua latina, diz Corssen, conhecia tambem uma vogal media entre ĭ e ŭ, que deu aos grammaticos muito que fazer. Elles dizem do mesmo: Quint. 1, 4, 7: Medius est quidam inter i et u sonus, Mar. Victor, p. 2465. P.: Pinguius quam i, exilius quam u, Vel. Long. p. 2235. P.: Iscribitur et paene u enuntiatur, Pric. 1, 6, H.: Sonum y Graecae videtur habere. Esse som intermedio era, segundo o testemunho dos grammaticos, ouvido nas seguintes palavras:

deante de m em:

max$\overset{i}{i}$mus,	pulcherr$\overset{i}{u}$mus,	s$\overset{i}{u}$mus,
int$\overset{i}{u}$mus,	accerr$\overset{i}{u}$mus,	cont$\overset{i}{u}$max,
ext$\overset{i}{u}$mus,	justiss$\overset{i}{u}$mus,	cont$\overset{i}{u}$melia,
lacr$\overset{i}{u}$mae,	vol$\overset{i}{u}$mus,	exist$\overset{i}{u}$mat,

optumus, nolumus, monumentum,
minumus, possumus, alumentum,

deante de b, p e f em:

manubiae, aucupium, aurufex,
lubido, mancupium,
infubus, aucupare,
artubus, manupretium,
manubus,

(comp. Quint. I, 4, 7. Pric. I, 6, 16. Donat., p. 1735. Vel. Long. 2216, 2228, 2235. Mar. Victor. p. 2458. Cornut ap. Camodor. p. 2284. P.) Além d'isso, segundo o testemunho formal de Prisciano, era ouvido esse som medio depois de v em:

video, vitium,
visu, vix,
virtus,

todavia não se encontram essas palavras escriptas com u, sem duvida porque o modo d'escrever VV até ao tempo de Augusto era geralmente evitado (*Ueber Aussprache, Vokalismus und Betonung*, I², 331-332).

Corssen depois tracta d'investigar a historia d'essa pronuncia e resume assim a sua investigação: «Do mesmo modo que o som cheio u na lingua grega se tornou completamente em um som medio entre u e i, que é representado pela letra Y, assim o u breve da lingua latina original ou nascido de a por meio do estofo intermedio o, se modificou muitas vezes, já em tempos remotos, em um som similhante ao υ grego e assim foi pronunciado durante seculos. Na edade aurea da lingua e litteratura pronunciavam os romanos da capital, como Cesar e Cicero, este som muito similhante ao i e orthographavam-no com a letra I, em quanto na bocca do povo a antiga pronuncia similhante á do u era conservada ainda em tempos posteriores. Aquelle antigo som de transição póde ser representado por $\overset{i}{u}$, o mais moderno por $\overset{u}{i}$... Depois da queda de Roma, porém, reforçou-se este som medio em i completamente na bocca do povo e assim passou para as linguas romanicas.

«Muito raramente o i primitivo ou nascido de antigo e passou para o som intermedio $\overset{u}{i}$ por influencia dos sons labiaes que se lhe seguiam, por exemplo, em testemonium, pontufex, decuma, monumentum, documentum; mas tambem n'essas fórmas pronunciavam no tempo de Cesar, Cicero e Augusto as pessoas instruidas da capital $\overset{u}{i}$ ou puro i, aonde por fim voltou tambem a pronuncia popular. Só em monumentum, documentum, se fixou o puro som U exclusivamente, em quanto o som francez $\overset{i}{u}$ em monument, document é d'origem posterior. De i originaram-se os sons de transição i e u, por quanto a lingua permaneceu no mesmo ou similhante logar em que se acha contra o palato duro na pronuncia do i e os labios se contrahiram e reuniram, formando uma abertura redonda como na pronuncia do u. (*Ueber Aussprache*, tom. I, p. 340)» [1].

Tal som, porém, não parece ser applicado á pronuncia das palavras gregas em que havia y, e d'elle não restam vestigios em a nossa lingua. Nas palavras d'origem grega que apparecem em a nossa lingua e pertencem ao fundo popular d'ella, o y accentuado acha-se ora representado de differentes modos.

1. O y acha-se representado por i em:

abisso de abyssus,
lira lyra,
mirra myrrha,
bisso byssus,
cisne cycnus,
giro gyrum.

2. O y acha-se tractado como i na posição em:

gesso de gypsum.

3. O y acha-se representado por u em:

gruta de crypta,
tumba τύμβος,
tufo τύφος,
murta myrtus,
etc.

4. O y acha-se tractado como o u na posição em:

bolsa de byrsa,
torso thyrsus.

AE, OE

1. Estes dous diphthongos são representados por e:

cego de caecus,
grego graecus,
presto praesto,
judeu judaeus,

[1] D'este ponto em deante somos obrigados, por circumstancias completamente imprevistas, a modificar consideravelmente o plano traçado para este trabalho.

era	de	aera,
quero		quaero,
tedio		taedium,
ledo		laetus,
seculo, segre ant.		saeculum,
ceu		caelum,
feno		foenum,
pena		poena.

2. Em:

preia	de	praeda,
ceia		coena,
etc.,		

o e alonga-se em diphthongo, como no caso em que nascendo de e longo latino se ache deante d'uma vogal; mas assim como véu, não veiu de velum, assim céu, não ceiu de coelum.

3. O i representando ae em:

Galiza	de	Gallaecia,

é uma excepção á regra em que devemos vêr influencia do hesp. Galicia. Cf.:

hesp.	judio	port.	judeu,
	siglo		seculo,
	etc.		

AU

1. Em regra geral muda-se este diphthongo em ou ou oi, dous modos de representação que se manteem um lado do outro:

touro	de	taurus,
rouco		raucus,
ouro		aurus,
pouco		paucus,
thesouro		thesaurus,
cousa	ao lado de	causa,
ouso	de	audeo,
louvo		laudo,
pouso		pauso,
louro		laurus,
gouvo ant.		gaudeo,
chovo ant.		claudeo,
couve		caulis,
ou		aut;

ao lado d'estas as fórmas com oi: coisa, toiro, moiro, etc., mas roico, poico, oiso, e outras, são olhadas como corrupções e evitadas no fallar correcto.

2. N'alguns casos é au representado por o:

coda ant.	de	cauda,
foz		faux,
pobre		pauper;

cp. o fr. au=o, na pronuncia.

3. Algumas palavras manteem o diphthongo com fidelidade, o que em geral testemunha por introducção moderna como em aura, austro, fraude, laurel; mas outras, como causa, claustro, Paulo teem innegavelmente direito a serem olhadas como do fundo da lingua.

4. A labialidade do u, que o fazia estar muito proximo de v e mesmo das outras labiaes (ainda que em menor grão) evidenceia-se nas linguas romanas peninsulares em fórmas em que elle é substituido no diphthongo au por algumas d'essas labiaes. Os exemplos no portuguez são escassos:

absteridade, captela ant. *Eluc.*	por	austeridade, cautela.

Cp.:

hesp.	Páblo	lat.	Paulus,
	cabsar ant.		causare,
	aptuno		autumnus.

Pouco ha que notar no que toca aos outros diphthongos, dos quaes só eu e ui reapparecem no portuguez, e ainda em palavras geralmente sem cunho popular e pouco numerosas. Transposição do u apparece em legua do celtico leuca; eu em Europa, Euphrates e outros nomes proprios, mas mudado em u em chusma de celeusma, * cleusma.

§ 2.° Vogaes não accentuadas

Vimos a regularidade dos processos a que se acham submettidas as vogaes accentuadas, cujo valor depende de condições perfeitamente determinadas na sua generalidade. Nas vogaes não accentuadas, ao contrario, nenhuma condição decide do seu destino, que assim fica entregue quasi ao acaso, ao arbitrario. Dous pontos differentes se apresentam aqui á nossa consideração: ou a vogal não accentuada se acha em contacto com consoantes (e n'este caso incluimos aquelle em que ella está no começo d'uma palavra e seguida de uma consoante), ou se acha em contacto com outra ou outras vogaes, dando assim nascimento ao hiato. D'es-

tas differentes posições na palavra resultam differentes modos de tractar a vogal não accentuada. A quantidade nem a posição não teem aqui influencia.

Vogaes accentuadas fóra do hiato

1. Consideremos em primeiro logar as vogaes não accentuadas atraz da syllaba accentuada. Tres casos são aqui possiveis: 1) conservação da vogal; 2) permutação da vogal por outra; 3) suppressão da vogal. Exemplos:

1. Conservação da vogal:

lagarta	de	lacarta pr. lacerta,
cerejo		ceraseus,
rebelde		rebellis,
janeiro		januarius,
dezembro		december.
melhor		meliorem,
dever		debere,
conceber		concipere,
inimigo, imigo ant.		inimicus,
visinho		vicinus,
satisfazer		satisfacere,
oliveira		olivaria sc. arbor,
evangelho		evangelium,
maravilha		mirabilia,
feroz		ferocem,
mercado		mercatus,
receber		recipere,
abrir		aperire.

2. Mudança da vogal a em e:

espargo	de	asparagus,
esmeralda		smaragdus,
esconder		abscondere,
ervodo		arbutus;

a em i:

Ignez	de	Agnes;

e em o:

borragem	de	berraginem,
oruga		eruca;

e em ou:

ouriço		ericius;

i em e:

preguiça	de	pigritia,
enseja, *H. Test.* III, 179		insidia,
regar		rigare,
gengiva		gingiva,
temer		timere;

o em e:

escuro	de	obscurus, *oscurus,
fermoso	ao lado de	formoso influenciado pelo ant. hesp. fuermoso, mod. hesp. hermoso;

u em o:

ortiga	de	urtica;

u em ou:

ourina	de	urina;

ae em a:

arame	de	aeramen;

au em a:

agosto	de	augustus,
agouro		augurium;

au em e:

escutar	de	auscultare.

3. Suppressão da vogal: a) vogal não protegida por consoante:

cume	de	acumen,
Pulha *H. Ger.* c. IV		Apulia,
tonto		attonitus,
bispo		episcopus,
Merida		Emerita,
cris pop.		eclypsis, ecrise.
salobro		insaluber?
namorar		*inamorare.
no		em, in-o,
sanha		insania,
cajão *G. Vic.*, etc.		occasião.
reginal *Eluc.*		original.
relogio		horologium = orologium.
Lisboa		Olysipo, Ulysipona S. Isid.,
licorne		unicornis;

b) vogal entre consoantes:

triaga	de	theriaca,
brilhare		beryllus, * berryllare,
palafrem		paraveredus,
crena		carina,
gritar		quiritare,
cronha		corona ao lado de corôa.

2.) A vogal immediata á syllaba accentuada está sujeita á syncope que attinge sobre tudo o i, do que abundam os exemplos; n'alguns casos, porém, conserva-se. Exemplos da syncope:

golpe	colaphus, κόλαφος b.lat. colapus,
obra	opera,
ermo	eremus,
senda	semita,
andes	amites,
conde	comite-,
sirgo	sericus,
manga	manica,
posto	positus,
caldo	calidus,
dono	dominus, * domnus,
segre *G. Vic.*	seculo.

Observação. Já em latim era frequente a suppressão de vogaes immediatas ás syllabas accentuadas, mesmo nos periodos ante-classico e classico, que nos offerecem:

caldus	por	calidus,
hercle		hercule,
lamna		lamina,
valde		valide,
vinclum		vinculum,
cante		canite,
saeclum		saeculum,
spectaclum		spectaculum,
etc.		

(Diez I, 164, Weil et Benloew, *Théorie gén. de l'acc. lat.*, pp. 179, seq.)

2. Algumas vezes a syllaba final é inteiramente destruida, influenciando todavia a sua vogal sobre a accentuada. Este caso, de que não são numerosos os exemplos, dá-se tanto nos paroxytonicos como nos proparoxytonicos. Exemplos:

pago por pagado	de	pacatus,
cordo	por	cordato,
manso	de	mansuetus,
caco		cacabus,
beco		viculus,
fino		finitus,
povo		populus,
trevo		trifolium,
diabo		diabolus,
cabido		capitulum.

3. As vogaes finaes ou tornadas finaes por apocope de consoantes são tractadas d'um modo regular, sujeito a muito poucas excepções. A, e, o conservam-se, o i é mudado em e, o u em o. Assim:

agua	de	aqua,
boa		bona,
chaga		plaga,
face		facie-s,
nume		nume-n,
nome		nomen,
especie, especia pop.		specie-s,
boamente adv.		bona-mente,
poude		potu-i, * pouti, por attracção,
tenho		teneo,
cavallo		caballu-s,
dono		dominu-s,
fructo		fructu-s,
templo		templu-m.

A distincção d'essas vogaes, tão faceis de se confundirem n'alguns casos, mantem-se geralmente com notavel exacção. Assim diz-se:

padrE	de	patEr, patrEm,

mas

sogrO	de	socer, socerU-m * socrU-m.

Vogaes não accentuadas no hiato

Se duas vogaes em differentes syllabas da mesma palavra se acham em contacto, a regra geral é que esse contacto se destrua, o que se faz principalmente 1) por elisão, 2) por attracção da primeira vogal, 3) por contracção, 4) por introducção d'uma consoante.

Considerados pelo que respeita á sua origem são esses contactos ou hiatos de tres especies: 1) hiatos já existentes nas palavras simples latinas; 2) hiatos resultantes da composição; 3) hiatos resultantes da syncope de consoantes.

I. Hiatos já existentes nas palavras simples latinas. — *A*. Quando o accento está sobre a primeira vogal do hiato a destruição d'este é mais rara:

dia de dies,
destruir destruere,
etc.

Algumas vezes, porém, o hiato é destruido como, por exemplo, em:

trago de traho,

por introducção de consoante; em:

parede de parietem,
abeto abietem,

por contracção; em:

dous, dois de duos,

por inversão de vogaes a fim de produzir diphthongo.

Grou de grus, gruis,

suppõe necessariamente a existencia d'uma fórma intermediaria gruo.

Observação. Em latim já o hiato nas condições indicadas era algumas vezes evitado pela introducção d'uma consoante. Assim achamos um v introduzido entre u e o em:

fu-v-i Ennio por fui,
flu-v-ius ao lado de fluo,
plu-v-ia pluit,
vidu-v-iam viduus, viduitas,
flu-v-idus fluidus.

Em connexão immediata com este facto estão as fórmas port.

chove de pluit,
viuvo viduus.

B. Quando o accento não está sobre a primeira vogal do hiato, e essa vogal é um i, e, ou u, (desidium, debeo, ruina) a destruição do hiato é a regra geral.

1. As combinações de vogaes com i e e são tractadas como sendo o e identico a i: assim ia=ea, ius=eus, etc. Já em latim ellas se confundiam. Os grammaticos offerecem alleum, doleum, palleum, sobreus, como erros por allium, dolium, pallium, sobrius. O *Appendix ad Probum* diz: cavea, non cavia; brattea, non brattia; cochlea, non cochlia; lancea, non lancia; solea, non solia; balteus, non baltius; e exemplos semelhantes se encontram nas inscripções e nos documentos em baixo latim (Diez, *Gramm.* I, 167). Ora n'essas combinações os latinos pronunciavam o i não como vogal senão como consoante palatal j a fim de evitar o hiato. Essa pronuncia, porém, deve ter sido popular, porque os poetas classicos empregam ie, ia, ea, etc., como disyllabos, e apenas os comicos os usam como monosyllabos: é assim que elles dão abiete, ariete, fluviorum como trisyllabos, o que já se quiz exprimir com razão escrevendo abjete, arjete, fluvjorum. (Diez l. c.) Nas linguas romanicas essa tendencia para a destruição do hiato ganha muito maior extensão e lança mão de diversos meios. A consonantisação do i dá-se ainda, mas a sua pronuncia depende da consoante que o precede desapparecendo depois de a influenciar, ora permanecendo e fazendo desapparecer: outras consoantes, porém, fazem-lhe conservar a sua vocalidade.

a. Liquida com i consoante. Se o i se acha adeante de l e n abranda, molha estas duas consoantes, isto é, funde-se com ellas em um unico som.

Adeante de l:

alho de allium,
conselho consilium,
filho filius,
maravilha mirabilia,
mulher mulier,
palha palea,
batalha battalia, pr. batualia,
alheo alienus,
evangelho evangelium,
valha valeat,
milho milium.

Excepções:

oleo de oleum,
exilio
etc.

Em:

lirio de lilium,

o abrandamento do l foi obstado por a sua mudança em r em resultado de dissimilação.

Adeante de n:

banho	de	balneum,
calcanhar der.		calcaneum,
ingenho		ingenium,
vinha		vinea,
vergonha		verecundia, * verecunnia,
tenho		teneo,
cunho		cuneum,
castanha		castanea,
extranho		extraneus,
Minho		Minius,
sonho		somnium,
junho		junius,
linha		linea,
campanha		campania,
testemunho		testimonium.

Em:

granja, ant. grancha de granea,

o i degenerou em sibilante, assim como em:

extrangeiro de *extranearius, *extranjarius.

Adeante de m conserva-se o i como vogal, sendo algumas vezes tambem supprimido como em:

vindima de vindemia,

em que reconhecemos todavia a sua influencia sobre a vogal accentuada.

Adiante de r nas fórmas proparoxytonicas ari (us, a, um) eri (us, a, um) ori (us, a, um) é o i attrahido pela vogal accentuada, e fórma com ella um diphthongo:

cavalleiro	de	caballarius,
dinheiro		denarius,
carcereiro		carcerarius,
primeiro		primarius,
janeiro		januarius,
celleiro		cellarius,
fevereiro		februarius,
notairo ant.		notarius,
vigairo ant.		vicarius,
salayro ant.		salarius,
eira		area,
feira		feria,
madeira		materia,
mosteiro		monasterium,
captiveiro		captiverium,
coiro ou couro		corium,
adjudoiro *Eluc.*	de	adjutorium,
aradoiro *Eluc.*		aratorius,
bebedouro		bibitorium,
esteira		storea,
agouro		augurium,
Douro		Durius,
sal-moura comp.		muria.

As citadas fórmas antigas são ainda hoje usadas pelo povo, que ás outras fórmas corrigidas por influencia do latim classico oppõe as que se conformam melhor ao genio da lingua, e diz assim: historia, gloira ou groira, vairo (cf. desvairar), memoira por historia, gloria, vario, memoria, etc.

Em:

morro de morior,

desappareceu o diphthongo, reforçando-se o r; nos antigos escriptos encontra-se moiro, moirer.

b. Sibilante com i consoante. — Adiante de s e t, e tractadas como sibilantes (t e c = ç) em geral desapparece o i e conserva a consoante o seu valor proprio; s é, porém, representado em muitos casos por port. j.

Adiante de s:

cajão *G. Vic.*	de	occasionem,
cerveja		cervisia,
egreja		ecclesia,
mansão		mansionem,
pensão		pensionem.

Attracção em:

beijo	de	basium,
feijão		phaseolus,
queijo		caseus,
faisão		phasianus.

Adeante de t:

justiça	de	justitia,
preguiça		pigritia,
praça		platea,
preço		pretium,
março		martius,
lenço		linteum,
lençol		linteolem,
espaço		spatium,
cubiça		*cupiditia,
differença		differentia,
presença		presentia.

T = z em:

dureza de duritia.

Apocope da vogal em:

abestruz de avis struthio.

T=ch em:

chrischão *H. Ger.* de christianus,

depois mudado em christão por assimilação á fórma latina. O i conserva-se como vogal em:

palacio de palatium ao lado de paço,
Ignacio Ignatius,
etc.

As fórmas em tio, tionis são, pelo que toca ao i, tractadas como as em sio, sionis:

posição de positione,
ligação ligatione,
conservação conservatione,
etc.

Depois de c e os seus equivalentes ch, qu:

braço de brachium,
face facies,
a-meaça minacere,
calço calcio,
faço facio,
feitiço facticius,
vinhaça vinacea,
terraço * terraceus.

C=z em:

praza de placeat,
juizo judicium.

c. Depois das medias (g, d, b) e da spirante v o i é pronunciado como vogal, ou tem a pronuncia degenerada que adquiriu a consoante palatal latina nas linguas romanas. No primeiro caso se uma vogal o precede em consequencia da queda d'uma consoante, reune-se com ella em diphthongo. A attracção é aqui excepcional, a degeneração do i em port. j frequente.

Depois de g:

faia de fagea,
correia corrigia,
navio navigium,
região regionem,
ensaio exagium.

prodigio, litigio; elogio com mudança do accento para o i. Queda do i em:

fujo de fugio.

Depois de d:

a-poio de podium,
moio modium,
raio radius,
baio badius,
meio medius,
perfia ant. perfidia,
fastio fastidium,
assedio * assedium,
diabo diabolus.

O i, no caso de queda do d, é tambem representado por j:

inveja de invidia,
desejo dissidium,
hoje hodie,
jornal * diurnalis, diurnus,
orge *Eluc.* hordeum.

Mudança de di em ç nota-se em:

ouço de audio,
arço *Eluc., G. Vic.* ardeo.

Depois de b:

marroio de marrubium.

Attracção:

raiva de rabies,
ruivo rubeus.

Mudança de i em j:

haja de habeam,
sage *H. Ger.*, etc. * sabius.

d. Depois de v:

sergento de servientem,
ligeiro leviarius,
fojo fovea,
gavia cavea.

Queda do i em:

sirvo de servio.

Depois de p: attracção em:

aipo de apium,
saiba sapiat.

Observação. As excepções ás regras precedentes encontram-se sobre tudo nas palavras de introducção posterior á formação da lingua que apresentam a sua fórma latina inalterada tanto quanto o genio da lingua permitte.

2. Se o u não accentuado é a primeira vogal do hiato (ua, ue, ui, uo, uu) usa a lingua ainda processos similhantes aos que acabamos de examinar.

Em:

agua de aqua,
egua equa,
Manuel Emanuelis,
attribuo,
etc.,

mantem-se o hiato. Elisão:

bato de batuo,
cuspo conspuo,
coso consuo,
morto mortuus,
janeiro januarius,
fevereiro februarius,
contino subst. continuus,
atrevo attribuo.

Attracção:

poude de potuit,
houve habuit,
soube sapuit.

Abrandamento de u em:

runha ant. de ruina;

cf. arrunhamento, arrunhar, *Eluc.*

Introducção de v:

viuvo de viduus, * viuus,
teve tenui, * teui.

II. Hiato resultante da composição. — O processo empregado para destruir esta especie de hiato é a elisão:

cobrir de cooperire,
dourar de aurare,
donde de unde,
antolho ante oculum,
manobra maniobra.

Nas palavras de introducção ou formação moderna não se tracta tanto de evitar o hiato: preexistir, coetaneo, ponteagudo, cooperar, reintegrar, reanimar, rearguir, reagir, entreabrir.

III. Hiato resultante de syncope de consoante. — Esta especie de hiato é muito frequente, por isso que muitas consoantes são syncopadas entre vogaes.

1. Contracção:

pombo de palumbus, *paumbo,
sello sigillum, * siilo,
mestre magister, * maister,
déste dedisti, * deesti,
ver videre, * vier,
ler legere, * leer,
comer comedere, * comeer.

2. Introducção de consoante (geralmente v:)

couve de caulis, * cauis,
chouvir *Eluc.* claudere, * claucre,
ouvir audire, * auire,
prouve placuit, * plauit,
jouve ant. jacuit, * jauit,
gouvir *Eluc.* gaudere, * gavere.

No *Canc. de D. Din.* encontram-se:

loar por louvar,
oyr ouvir.

Hiato no latim. — Além dos exemplos que já demos das manifestações da lei da destruição do hiato no latim, accrescentaremos mais alguns para mostrar que o que se dá no portuguez está em intima connexão com o que se dava na lingua mãe. Amo vinha de * amao, cf. ama-tis, etc.; amarunt de ama-[v]erunt; eo-go de eoigo; equo, hortuo, etc., de equoi, hortuoi, dic, fide, (gen. dat. sing.) diei, fidei, etc.; sis de sies. (Schleicher, *Comp.*, § 51).

Observações geraes ás vogaes

O processo regular a que estão submettidas as vogaes accentuadas, constitue aqui o phenomeno mais importante. As vogaes accentuadas não estão sujeitas á syncope, a qualidade de algumas depende da quantidade, a original das outras é a lingua fiel, a menos que uma influencia exterior a ellas não produza mudança. Toda a alteração na sua qualidade se move n'um circulo estreito: assim a muda em e, e em i, i em e, o em u, u em o; mas outras mudanças são inteiramente excepcionaes, e ainda não ultrapassam certos limites; a, por exemplo, nunca é representado por u.

A distincção perfeita, que o italiano faz entre as longas e breves accentuadas, excepto o a, [credo credo, diece decem, fido fidus, fede fides, solo solus, luogo locus, lume lumen, covo cuvo, distincção já menos rigorosa no hespanhol, provençal, francez e valachio, observa-se no portuguez só nas vogaes i e u. A causa principal d'isto está em que n'aquellas linguas o e e o ŏ breves accentuados são alargados em diphthongos (e = i e, etc.), o que permitte que se distingam perfeitamente das longas que conservam a sua qualidade latina, e em que o portuguez, tendo negação completa por alongar assim vogaes em diphthongos, não podia lançar mão d'esse meio, o unico que se offereceu ás novas linguas. Mas assim como as suas irmãs muda o portuguez o i e u breves accentuados respectivamente em e e o, e mantem o a accentuado geralmente inalterado.

Tendo só em vista as regras geraes construimos a seguinte tabella em que se vê como se acham representadas no portuguez as vogaes accentuadas do latim. As vogaes latinas vão em maiusculo, as portuguezas em minusculo:

	longa	breve	posição
A	a	a	a
E	e	e	e
I	i	e	e, i
O	o	o	o
U	u	o	o, u

Diphthongos

AE	e
OE	e
AU	ou

A indicada negação que o portuguez tem por alongar vogaes em diphthongos deve ser olhada como uma peculiaridade que o distingue das outras linguas romanas, e por este lado podel-o-iamos comparar com o latim, mas nenhuma connexão historica se deve conjecturar entre o que n'este ponto se dava n'esta lingua e o que se dá em portuguez. Demais a nossa lingua tem um muito maior numero de diphthongos, de especies diversas, segundo a sua origem: 1) diphthongos resultantes de diphthongos latinos; 2) diphthongos resultantes da attracção; 3) diphthongos resultantes da queda de consoante; 4) diphthongos resultantes da dissolução d'uma consoante em vogal; 5) diphthongos resultantes do alongamento d'uma vogal. Esta quinta especie é, por assim dizer, constituida por excepções, mas as quatro primeiras resultam de processos regulares, inteiramente conformes ás tendencias geraes da lingua.

Da segunda especie de diphthongos temos apresentado já numerosos exemplos: assim

vairo nasce de varius,
raiva rabies,
houve habuit,
soube sapuit.

A attracção é um processo frequentissimo em todas as linguas romanas, e a que estão sujeitas as vogaes e, i, u não accentuadas quando são as primeiras nos hiatos. A vogal attrahente é sempre a accentuada. A attracção é favorecida pelas consoantes l, r, n, s principalmente, e só se exerce da vogal accentuada a da syllaba que immediatamente se lhe segue.

Exemplos da terceira especie são:

dae de date,
amaes amatis, amades,
sois * sutis, sodes.

Numerosos exemplos da quarta especie foram apresentados na parte que tracta das consoantes. Indicaremos, porém, aqui mais alguns.

1) Diphthongos resultantes da dissolução d'uma guttural:

auto de actus,
feito factus,
teuto, ant. tectus,
peito pectus,
leite lactis,
outubro october,
oito octo,
lei legem,
rei regem,
grei gregem.

2) Diphthongos resultantes da dissolução d'uma lingual:

bobo de balbus, * baubus, pron. boubo,
outro alter.

3) Diphthongo resultante da dissolução d'uma dental:

cadeira de cathedra.

Exemplos da quinta especie são:

estou de sto,
sou sum, * so,
freio frenum,
aveia avena.

Esta especie de diphthongos é como já dissemos pouco numerosa, nada nos offerece que possa ser comparado aos diphthongos que nas outras linguas romanas representam breves accentuadas ou vogaes na posição, como hesp. bien, diez, miel, bueno, fuego, ciento, miembro, etc.

Não teem ainda sido sufficientemente explicadas todas as excepções ás regras geraes que dominam o tractamento das vogaes accentuadas nas linguas romanas. Pensamos que em nenhuma d'essas excepções ha mero capricho do acaso, com quanto as suas causas muitas vezes nos escapem. Alguns exemplos apresentamos já que justificam até certo ponto o nosso pensar. Apresentaremos ainda outro, em que se verá que influencia notavel exercem as letras umas sobre outras.

Já notamos em outro logar a troca excepcional do e na posição i em:

sinto	de	sentio,
minto		mentio,
etc.		

A causa d'isto está na influencia que o i formal, caracteristico da 4.ª conjugação latina, exerce, cahindo sobre a vogal radical. No conjunctivo presente observa-se o mesmo:

sinta	de	sentiam,
sintas		sentias,
sinta		sentiat,
etc.		

Onde o i se conserva, ainda que modificado, o e permanece inalterado:

sentes	de	sentis,
sentimos		sentimus,
sentia		sentiebam,
senti		* sentivi.

A fórma:

sentem de sentiunt,

que contradiz a regularidade do processo, é facil de explicar. O i de sentiunt cahe realmente, e é o u que se muda em e: cf.:

ap-plaudem	de	plaudunt,
pedem		petunt,
etc.;		

mas o e formal reage a seu turno sobre o i nascido do e radical, e faz-lhe mudar a qualidade. Sentem suppõe assim um intermediario sintem. É esta ultima fórma historicamente identica ao sintem do nosso povo, ou é este simplesmente um resultado da influencia do i de sinto, sinta? Será talvez mais exacto responder affirmativamente á segunda parte da disjuncção: um criterio seguro falta, porém, aqui.

A syncope das vogaes não accentuadas é um processo inteiramente conforme ás tendencias simplificadoras das linguas romanas. O accento mostra aqui a sua influencia: a syncope attinge sobretudo a vogal da syllaba que segue immediatamente aquella em que se acha. Nas linguas romanas todo corpo da palavra tenta, por assim dizer-se, concentrar-se no accento, o que traz comsigo violentas contracções e syncopes. Exemplos notaveis d'isto são:

quelha	de	canalicula,
funcho		foeniculum, * foenic'lus,
dom		dominus.

A acção do accento exerce-se menos sobre a vogal da syllaba que precede aquella em que se acha, mas não faltam exemplos d'essa influencia retroactiva.

A apherese da vogal não accentuada não parece ser determinada por nenhuma condição especial. Em:

xofrango de ossifraga,

o o destruido parece ter influenciado o i seguinte.

Por contracção absorve-se a vogal não accentuada na accentuada:

vêr	de	videre, vier,
vinte		viginti, viinti,
quedo		quietus,
Jorge		Georgius,
côr		color, coor,
dôr		dolor, door.

A destruição do hiato é a mais notavel manifestação do amor da euphonia nas linguas romanas. O portuguez usa aqui os mesmos processos que as linguas irmãs. Na consonantisação do i, seguida da sua fusão n'um som com l e n e na attracção consistem os mais notaveis phenomenos que n'esta parte se offerecem á nossa attenção.

V. A DECLINAÇÃO

A declinação latina reduziu-se em portuguez geralmente, como nas outras linguas romanicas, a um unico caso que tem as funcções de todos os latinos, de modo que só a construcção, o sentido da phrase e prin-

cipalmente as palavras auxiliares chamadas preposições é que podem determinar as relações d'uma fórma nominal no discurso. Da declinação pronominal ficaram, ainda assim, mais restos.

Essa reducção de casos, á primeira vista maravilhosa, e tão incomprehensivel para quem ignora as leis da vida da linguagem, que ella era a principal objecção que apresentavam os celtomanos contra a origem latina do portuguez e linguas irmãs, teve causas puramente phoneticas de que vamos dar uma resumida idêa, porque circumstancias imprevistas nos forçam a abreviar algumas partes d'esta introducção.

Como vimos no latim manifestava-se grande tendencia para apocopar o m final em toda a parte e o s do nominativo e mesmo no final d'outros casos. No quarto seculo da nossa era essa apocope do m era geral e a do s tinha-se tornado normal tambem pelo que respeita ao nominativo e a alguns casos do plural, excepto nas Gallias: além d'isso como Corssen e Schuchardt mostraram o n e o u final atonos confundiam-se; o i final atono mudava-se regularmente em e; o diphthongo ae era pronunciado como um simples e; d'ahi uma grande reducção ou identificação de fórmas casuaes, como se póde vêr pelos quadros seguintes:

1.ª Declinação

		Latim classico	Latim vulgar
Sing.	nom.	rosa	rosa,
	gen.	rosae	rose,
	dat.	rosae	rose,
	accus.	rosam	rosa,
	abl.	rosa	rosa,
Plur.	nom.	rosae	rose,
	gen.	rosarum	rosaro,
	accus.	rosas	rosas,
	dat.	rosis	rose (rosi),
	abl.	rosis	rose (rosi).

Assim temos aqui apenas dous casos distinctos para o singular e tres para o plural; o o conserva-se apenas no accusativo como signal mais claro da pluralidade; mas só nas Gallias e Hespanha. Note-se que a fórma rose se confunde com o nom. etc. plural: d'ahi á suppressão d'essas fórmas similhantes vae só um passo. Aqui, porém, os dialectos operaram diversamente: o italiano suppriniu as fórmas do plural excepto a do nominativo, assim como no singular; o francez, provençal, hespanhol, etc., supprimiu o nominativo do plural, conservando o do singular e o accusativo do plural. O francez conservou até relativamente tarde o genitivo.

2.ª Declinação

		Latim classico	Latim vulgar
		MASCULINO	
Sing.	nom.	dominus	domino[1],
	gen.	domini	domini,
	dat.	domino	domini,
	accus.	dominum	domino,
	ablat.	domino	domino.

Assim como na 1.ª declinação, duas fórmas no singular e tres no plural, ainda aqui o italiano guardou o nominativo plural e as outras linguas o accusativo; o francez conservou o primeiro junto do segundo até ao seculo XIV; nos mais antigos monumentos d'esta lingua ha tambem exemplos do genitivo do plural d'esta declinação.

O neutro da segunda declinação desappareceu, confundindo-se pelas fórmas do singular com o masculino da mesma declinação, e pelas fórmas do plural em a com a primeira declinação; o primeiro caso deu-se em templo, etc., o segundo em arma, folha, etc.

3.ª Declinação

Apresentaremos para exemplos um thema em -is, bem que nos themas imparisyllabos haja outros phenomenos interessantes; mas o espaço falta-nos.

		Latim classico	Latim vulgar
Sing.	nom.	vestis	veste,
	gen.	vestis	veste.
	dat.	vesti	veste,
	accus.	vestem	veste,
	abl.	veste	veste,
Plur.	nom.	vestes	vestes.
	gen.	vestium	vestio,
	dat.	vestibus	vestibo,
	accus.	vestes	vestes,
	abl.	vestibus	vestibo.

Emfim foi applicando um exame similhante ás outras fórmas de declinação, estudando as fórmas do plural nos diversos dialectos, e o notavel systema de declinação do antigo francez em que fazia uma rigorosa distincção entre caso recto e caso obliquo, que se póde comprehender como successivamente e por causas no principio puramente phoneticas a declinação latina se foi reduzindo.

[1] Excepto nas Gallias em que o s do nominativo do singular permaneceu.

VI. A CONJUGAÇÃO

A conjugação portugueza distingue como a latina tres pessoas em dous numeros; abandonou inteiramente as desinencias medio-passivas; conserva o modo optativo-conjunctivo; dos tempos do verbo latino apenas perdeu o futuro e o optativo imperfeito e perfeito; o futuro exacto conserva-o, mas aproveitado como optativo perfeito. Formações novas apenas ha na conjugação portugueza a d'um futuro por composição impropria ou periphrasistica e a d'um chamado falsamente modo condicional, que não é mais que um imperfeito formado tambem por composição impropria [1].

§ 1.º DESINENCIAS PESSOAES DA VOZ ACTIVA

Primeira pessoa singular

A desinencia da primeira pessoa do singular, isto é, aquelle elemento phonico do verbo cuja funcção é identica á do pronome pessoal eu, é em latim -m, do thema prenominal indogerm. ma; cp. mihi, me, etc., e a desinencia correspondente em sanskrito -mi,-m, grego -μι,-ν, etc. Essa desinencia conserva-se nas fórmas:

1) do imperfeito da raiz italica fu=indogerm. bhu, o qual em latim soa -b-am por * fu-a-m e occorre só em composição com themas verbaes am-a-b-am, dic-e-b-a-m, etc.;

2) do imperfeito da raiz lat. es=indogerm. as (ser; cp. skt. as-mi sou), er-a-m por *es-am [2];

3) do optativo e do conjunctivo como s-ie-m, indu-i-m, dic-a-m, veh-a-m, leg-a-m;

4) do presente indicativo da raiz qua dizer; primitivo ka, in-qua-m e da raiz es, s-u-m por *es-u-m, em que a desinencia thematica é a vogal da raiz na primeira e a vogal ligativa u na segunda.

Em todas as outras fórmas da primeira pessoa do presente, assim como nas do perfeito, deixou de ser pronunciada e escripta essa desinencia: fer-o de *fer-o-m, dic-o-m; dic-i por [de]-dic-ei-m, te-tig-i por *te-tig-ei-m, etc. Sobre o destino d'esta desinencia em portuguez, vid. *Consonantismo. Leis da desinencia consonantal simples.*

Primeira pessoa plural

A desinencia da primeira pessoa plural em latim é -mus, que apparece em todos os tempos (am-a-mus, am-a-b-a-mus, am-a-v-i-mus, etc.) A fórma indogerm. d'essa desinencia deve ter sido -masi (primaria) ou -mas (secundaria) como mostram o vedico -masi e o sanskrito -mas, além dos principios phonicos do latim em que -u nasce de indogerm. a ou u. Em masi vê a grammatica comparativa a união do pronome da primeira pessoa -ma eu com o da segunda -si=-sa tu, vindo assim mus a significar «eu + tu», que depois adquiriu a significação mais larga de «nós», que abrange um numero indeterminado de individuos.

Em portuguez conserva-se essa desinencia; a sua vogal tem o som tenuissimo do o mudo, isto é, som indefinido entre o e u, e escreve-se por isso -mos (am-a-mos=am-a-mus, am-a-v-a-mos=am-a-b-a-mus, am-á-mos=am-[vi-mus, etc.) Modos de escrever como outorgamus, vendemus n'um documento da era 1298, Rib. I, 278, são frequentes nos mais antigos documentos portuguezes. Cp. nos mesmos todus aqueles, todus seus direitus (plur.) ob. cit., p. 278, nossus filius (plur.) id., p. 277, etc.

Segunda pessoa singular

No latim a desinencia da segunda pessoa singular tem tres fórmas:

1) -ti do thema pronominal indogerm. -ta por -tva, que se encontra no latim tu, ti-bi, te, etc. Esta fórma da desinencia só apparece no perfeito dedi-s-ti, fec-i-s-ti; no antigo latim occorre -tei=-ti:

ges-i-s-tei *Corpus Inscriptionum latinarum* I, 33,
re-sti-ti-s-tei *Id.*, 1006.

Schleicher s. 673 olha essas fórmas em -tei, -ti como formadas por analogia da desinencia em -i longo da primeira pessoa singular; mas Corssen, *Ueber Ausspr.* I, 595, vê n'ellas um verdadeiro reforçamento vocalico, sendo assim -ti de -tei=-tai=- indogerm. -ti (reforçado com a vogal a), fórma parallela de -ta;

2) -s=indogerm. fórma secundaria -s de -si (cp. as fórmas da terceira pessoa singular).

Essa fórma -si olha-a Schleicher s. 670, como

[1] Chamam-se palavras formadas por composição propria aquellas cujo thema (thema é a base da palavra, o que fica tirado o suffixo de caso em os nomes, e a desinencia pessoal e o suffixo de modo em os verbos) é constituido pela ligação de dous themas: longi-manus é uma palavra formada por composição propria, pois o seu thema longi-manu- resulta da ligação dos dous longi- por longo-[longu-s] e manu-. Chamam-se palavras formadas por composição impropria ou falsos compostos aquellas em cujo thema ha, não a ligação de dous themas, mas sim a d'uma palavra e d'um thema; assim con-dic-io[n] é uma palavra formada por falsa composição, pois o seu primeiro elemento con- por cum é, não um thema, mas uma palavra completa que se emprega tambem independentemente. Em virtude da alteração phonica póde a primeira palavra fundir-se intimamente com a segunda; assim pos-su-m resulta da união de pote por poti-s com su-m; nullus de neullus, etc.

[2] A mudança de s em r entre vogaes é um phenomeno perfeitamente regular em latim, em que elle tem numerosos exemplos, dos quaes são bem conhecidos alguns como corporis por *corposis, cp. nom. corpus; juris por *jusis, cp. nom. jus; aeris por *aesis, cp. nom. aes. V. Corssen, *Ueber Ausspr.* I, 229 sqq.

resultante de -ti por assibilação talvez occasionada por a tendencia para se distinguir o pronome da segunpessoa do da terceira, -ti de -ta. A desinencia -s occorre em latim em todos os tempos, excepto o perfeito: am-a-s, am-a-b-as, am-e-s, etc.

Em portuguez essas duas fórmas permanecem e apparecem nos mesmos casos que em latim: -ti muda-se porém em -te pela tendencia da nossa lingua para mudar o i final em e: de-s-te, am-a-[vi]-s-te, soub-e-s-te (sap-u-i-sti). No antigo portuguez occorrem ainda modos d'escrever como:

escolis-ti *A. Apost.* I. 24,
induxes-ti *Reg.*, c. 7,
provas-ti *Ibid.*,
entendis-ti *Ibid.*,
enposes-ti *Ibid.*,
deitas-ti *Id.*, c. 2. vis-ti *Ibid.*;

3) -to, desinencia emphatica do imperativo, que provém da fórma -to-d, que se encontra no antigo latim, mas como desinencia da terceira pessoa (estod em Fest. s. v. plorare), e que corresponde á vedica -ta-t (cp. a terceira singular e a segunda plural).

Em latim as fórmas não emphaticas da segunda pessoa singular do imperativo não offerecem desinencia pessoal: por exemplo, ama, lege, dice, vesti, etc. Evidentemente n'essas fórmas perdeu-se uma primitiva desinencia pessoal, talvez a mesma que encontramos no skt. -dhi (em ad-dhi come tu, etc.)

Em portuguez apenas occorrem essas fórmas imperativas sem desinencia pessoal: por exemplo: ama, lê (por lee), dize, veste, etc.

Das fórmas emphaticas não ha vestigio algum.

Segunda pessoa plural

A desinencia da segunda pessoa plural em latim é -tis de *tisi=indogerm. -tasi: cp. skt. dual -thas e a analogia da primeira e da terceira pessoa plural; assim em -ta-si, -ti-si ha união das duas fórmas do pronome da segunda pessoa singular, significando essa desinencia «tu e tu». A desinencia -tis apparece em latim em todos os tempos: fer-tis, da-tis, da-b-a-tis, de-di-s-tis, de-tis, etc.: mas no imperativo perde o s e muda o i, tornado final, em e (-te : -tis :: pote : potis, etc.) Ao lado d'esta fórma -te da desinencia da segunda pessoa do imperativo occorre em latim uma emphatica -to-te que corresponde á vedica -ta-t: n'ella se vê repetida a fórma ta do thema pronominal tva. Sobre a desinencia da segunda pessoa plural em portuguez. vid. *Consonantismo. Leis da desinencia consonantal simples.*

As fórmas emphaticas em -to-te do imperativo faltam inteiramente no portuguez.

Terceira pessoa singular

A desinencia da terceira pessoa singular é em latim -t=indogerm. -t (fórma secundaria) de -ti (fórma primaria abrandada de -ta): cp. -m de -mi, -s de -si. Esse ta é um pronome demonstrativo, que em latim só occorre em composição is-te. em is-ta, is-tu-d (do thema is-to-), mas que apparece independente em sansk. ta-t neutro, gotico tha- (tha-ta neutro), etc. No imperativo, -to provém de antigo *-tod=osco -tu-d, vedico -tat (assim veh-i-t =sansk. váha-ta-t), fórma que Schleicher ob. cit. p. 677, olha como um signal pessoal alargado vocativamente, e que póde suppor-se existisse já no indogerm., em que devia soar -ta-tu, significando assim elle. elle. Exemplos da desinencia da terceira pessoa singular: veh-i-t. fer-t, veh-e-b-a-t, fer-e-b-a-t, fer-to, etc. Essa desinencia apparece abrandada em d algumas vezes. Sobre o destino da desinencia da terceira pessoa singular em latim e portuguez, vid. *Consonantismo. Leis da desinencia consonantal simples.*

Terceira pessoa plural

A desinencia da terceira pessoa plural é em latim -nt por -nti, fórma apenas conservada em tremen-ti, Carm. Sal. em Festo (Corssen, *Ueber Ausspr.* I [1], 260)=á fórma indogerm. primaria -anti: empregada depois dos themas de desinencia vocalica (bhar-nti. skt.), em quanto a fórma mais completa -nti era empregada depois dos themas de desinencia consonantal. Esta ultima fórma, em que se conserva a vogal do primeiro elemento da desinencia da terceira pessoa plural (an) acha-se representada em latim em s-unt por * es-onti (cp. skt. s-ánti por * as-anti). Nas fórmas do perfeito latino em -run-t=ant. -r-ont temos simplesmente essa fórma do presente da raiz lat. es s-unt, mudado o s em r (v. infra).

O imperativo tem -nto correspondente provavelmente a uma desinencia indogerm. -ntat: por exemplo: vehu-nto=indogerm. vagha-ntat (cp. a fórma vedica emphatica do imperativo em -ntat em Bemfey, *Kurze Sanskrit Grammatik.* s. 91).

Em -nti, -anti ha união da raiz pronominal demonstrativa an, de que é formado um thema ana- que apparece em lithuanio e slavo em todos os casos e em sanskrito no instrumental feminino aná-ja. etc., e que se encontra na particula latina an e em composição em fors-an. forsit-an. for-tasse-an (cf. Corssen. *Kritische Beitr.*, s. 303 f.), com a raiz pronominal da terceira pessoa -ta. -ti. Na fórma vedica imperativa -ntat, a que parece corresponder a latina -nto, o t final é resto da reduplicação do pronome -ta. reduplicação que, como no singular. tinha força vocativa. Esse t final cahiu em latim, e o que

dá probabilidade á conjectura de que a fórma -not d'esta lingua corresponda realmente á vedica é o o final que regularmente provém de a primitivo quando a seu lado tem i correspondente a a primitivo, assim de *-nta vem -nti, -nt, mas de -nta-[t] vem -nto, -nto.

A desinencia da terceira pessoa depois de reduzida em latim á fórma -nt passou ainda por ulteriores modificações em essa lingua e em portuguez, como vimos no capitulo sobre o consonantismo.

TABELLA DAS DESINENCIAS PESSOAES

Singular:

1.ª pessoa	-m, —	—
2.ª pessoa	-s (pres., etc.)	-s,
	-ti (perf.)	-te,
	-to, — (imperat.)	(falta), —
3.ª pessoa	-t, —	—
	-to (imperat.)	(falta), —

Plural:

1.ª pessoa	-mus,	mos,
2.ª pessoa	-tis,	ant. -des, mod. -es, -is,
	-te (imperat.)	ant. -de, mod. -e, -i,
	-tote (imperat.)	(falta)
3.ª pessoa	-unt { -e	(falta)
	-unt { -un, -um (lat. vulg.)	ant. -um, -om, -am, mod. am (-ão),
	-nt, -n (lat. vulg.)	(e)˜, (a)˜o.

N. B. O traço — indica a apocope; o signal ˜ que a nasal deixou de ser articulada, nasalisando-se a vogal precedente. As fórmas raras e excepcionaes não são indicadas, como a da desinencia da segunda pessoa plural no portuguez moderno -des, -de em -ledes, le-de, etc. N'esta como nas outras tabellas só tractamos de indicar a generalidade dos factos.

§ 2.º DESINENCIAS PESSOAES DA VOZ MEDIO-PASSIVA [1]

Tendo perdido a primitiva voz media, que ainda se encontra em sanskrito, antigo baktrico, grego e gotico (n'este ultimo só n'alguns restos) e que só differia da voz activa em se acharem em suas fórmas duplicadas as desinencias pessoaes, como resulta com evidencia das investigações de Kuhn e Mistelli no *Zeitschrift* xv, o latim recorreu a uma nova formação para compensar essa perda. Podemos admittir que n'um antigo periodo havia no latim dous modos de substituir o medio primitivo; um consistia simplesmente em juntar ás fórmas do activo o pronome reflexo se; o outro em construir o participio medio em -mino- com o verbo esse, que em certas circumstancias ficava elliptico. Assim ao lado de um *amo-se eu me amo ou sou amado occorreria um *ama-mino-s sum com funcção naturalmente um pouco diversa; ao lado de *amamus-se um *amami-ni ou ama-minae sumus (Schleicher, s. 704). A natureza dos elementos d'essas construcções periphrasisticas tornava necessariamente as duas especies quasi nada distinctas e naturalmente as suas funcções acabaram por se fundirem n'uma unica; desde então a lingua não fez mais que usar promiscuamente as duas especies, mas d'um modo que ellas se completassem uma á outra, predominando todavia a primeira. Factos como este dão-se muitos no curso da vida das linguas. No latim, por exemplo, encontramos com a significação de dirigir-se para um logar os verbos ire e vadere, mas a lingua não os confunde nunca; traça sempre claramente entre elles uma distincção synonymica. No portuguez, porém, essa distincção perde-se inteiramente; ora desde esse momento um dos verbos torna-se inutil; mas a nossa lingua em vez de repellir um d'elles, conservou fórmas d'um para certos tempos e pessoas, e, não podendo ainda assim com essa mistura de dous completar um verbo, recorreu a terceiro; assim temos no presente indicativo:

		fórmas do verbo ire	fórmas do verbo vadere
singular	1.ª		vou,
	2.ª		vaes,
	3.ª		vae,
plural	1.ª	imos ou	vamos,
	2.ª	ides	
	3.ª		vão;

no imperfeito ia, ias, etc.; no futuro irei, irás, etc.; no condicional iria, irias, etc.; no imperativo

singular	2.ª		vae,
plural	2.ª	ide;	

no conjunctivo presente va, vás, vá, vamos, vades, vão. Nos outros tempos do indicativo e do conjunctivo serve-se a lingua das fórmas do verbo ser: assim fui por ivi, etc. [1]

Basta este exemplo para nos dar uma ideia clara do processo. O s de se mudando-se em r e outros

[1] As fórmas da voz media ou reflexa nas linguas indogermanicas servem tambem para exprimirem a passividade; d'ahi a denominação de medio-passivas.

[1] Em latim, como é sabido, já o verbo esse era empregado no sentido de ire.

phenomenos phonicos deram logar á producção das fórmas latinas d'esta categoria que conhecemos como amar, amaris, amatur, amamur, amantur.

Uma unica objecção póde ser levantada contra essa explicação das fórmas passivas: o pronome se emprega-se apenas com relação á terceira pessoa, como pois se acha elle tambem como reflexo da primeira e da segunda pessoa? A grammatica comparativa mostra, todavia, facilmente, que não ha razão para tal objecção. Nos idiomas indogermanicos o thema pronominal sva (d'onde lat. se) é empregado muitas vezes indifferentemente com referencia a qualquer pessoa, exprimindo a reflexividade na sua generalidade. Em grego ἑαυτοῦ, cuja parte inicial ἑ não é mais que o thema sva, em virtude do principio d'essa lingua que transforma em espirito aspero a sibilante dental primitiva, póde ser empregada nos tres sentidos de eu mesmo, tu mesmo, elle mesmo. No mesmo caso estão os adjectivos pronominaes ὅς, σφέτερος. Tambem Bopp *Glossarium sanscritum,* s. v. sva mostra que o possessivo sva tem um emprego similhante em sanskrito. Em slavo o reflexo representa no medio-passivo o mesmo papel que se no medio-passivo latino. No antigo slavo citun significa eu honro, citun san eu me honro (á letra honoras se); citeshi tu te honras, citeshi san tu te honras (á letra honoras se). Esse san que em lituanio é representado por um simples -s (vezu-s vehor, véza-s vehitur) representa phonicamente o accusativo svam do thema pronominal sva.

Assim como o latim perdeu o primitivo medio-passivo, assim o portuguez e as outras linguas romanicas perderam as fórmas do medio-passivo latino, produzidas ou pelo pronome reflexo se ou pelo suffixo participal -mino; mas como a passividade não podia deixar de ser expressa por qualquer modo, os modernos dialectos do latim conservaram um processo que já era empregado na lingua fonte, mas restrictamente, e deram-lhe maior extensão no uso. No perfeito e nos tempos que se ligam ao perfeito, o latim exprimia a passividade por meio do participio passivo em -tu (ama-tu-s, dic-tu-s, etc.), construido com os diversos tempos do verbo esse; assim no perfeito do indicativo e do optativo-conjunctivo o participio é construido respectivamente com o presente sum e sim, no mais que perfeito com o imperfeito eram e essem, no futuro exacto com o futuro ero. Ao lado de ama-tu-s sum, etc., encontra-se ama-tu-s fui; ao lado de ama-tu-s eram, ama-tu-s fueram, que o uso da lingua distingue regularmente. O presente do verbo esse, construido com o participio passivo, indica que o facto, com quanto produzido no passado, continua a subsistir, e o perfeito, que elle deixou inteiramente de existir; isto vê-se claramente nas seguintes passagens: Cicero pro Sesto 25, 55: legum multidinem, cum earum quae latae sunt tum vero quae promulgatae fuerunt; id. pro Sulla 23, 65: lex dies fuit proposita paucos, ferri coepta nunquam, deposita est in sonatu. Do mesmo modo fuerum construido com o participio passivo indica um facto que pertence inteiramente ao passado indefinido; assim Livio 26, 21, 8: multa nobilia signa, quibus inter primas Graeciae urbes Syracusae ornatae fuerant; eram ao contrario indica um facto que subsistia ainda n'um momento dado. Essa distincção, porém, era esquecida algumas vezes pelos escriptores latinos (v. *Neue* II, 266-273). Havia n'ella um passo dado para o que vêmos realisado no portuguez e nas outras linguas irmãs em que sou construido com o participio exprime o presente simplesmente, era o imperfeito, desviando-se n'isto as novas linguas do latim.

As fórmas depoentes desapparecem com as medio-passivas, com que são identicas na fórma e o eram primitivamente na funcção; assim na-sco-r por *gna-sco-r, eu nasço, significava primitivamente eu sou produzido, pois provém da raiz gna por gan, que occorre em gi-gno, gen-ui, etc. Em latim muitos verbos eram empregados na fórma activa e na fórma depoente; assim:

adjutor	ao lado de	adjuto,
adulor		adulo,
altercor		alterco,
arbitror		arbitro,
comperior		comperio,
contemplor		contemplo,
imitor		imito,
luxurior		luxurio,
medicor		medico,
etc.		

(*Neue* II, 190-249). Todos os verbos empregados em latim em ambas as fórmas, ou n'uma só, que passaram para o portuguez, não conservam vestigios da fórma passiva, nem mesmo nos tempos expressos pelo participio em -tu e o verbo esse: taes são: adular, emular, altercar, arbitrar, assentir, commentar, contemplar, deleitar, dignar, dominar, fabricar, fallar (fabulari), exhortar, imaginar, imitar, machinar, meditar, mentir, mercar, mirar, moderar, modificar, morrer (morro de morior), nascer (nasci), ordir, perguntar (percontari), prevaricar, querer (queri), especular, etc.

Além de conservar o processo indicado para exprimir a passividade, o portuguez renova (a connexão historica não é admissivel, mas a logica é evidente) o processo do latim e do slavo para a formação d'um medio-passivo, isto é, o emprego do reflexo se: mas em a nossa lingua, como nas congeneres, esse emprego fica restricto á terceira pessoa. Nas proposições como vende-se uma casa, compram-se livros

velhos, etc., os verbos construidos com se, como vende-se, compram-se, exprimem tãobem a passividade como as fórmas latinas venditur, emuntur. O principio é exactamente o mesmo. A grammatica comparativa dá-nos aqui a explicação d'um emprego que a grammatica ordinaria, não podendo comprehendel-o, se vê obrigada a justificar com a auctoridade dos bons escriptores da lingua. A lingua tem perdido muito a consciencia do caracter de passividade d'essas construcções; d'ahi vem o emprego do verbo no singular com o sujeito no plural (sabe-se noticias, conta-se casos, etc., por sabem-se noticias, contam-se casos, etc.), tão frequente no fallar usual e na linguagem descurada das folhas periodicas. N'essas phrases incorrectas se adquire quasi a funcção d'um indefinido, empregada como sujeito da proposição, e corresponde apparentemente ao francez on. É assim que as linguas se alteram, e que as monstruosidades (o nome convém á cousa) nascem n'ellas do esquecimento da funcção primitiva de seus elementos.

§ 3.º SUFFIXOS MODAES

O indicativo não tem nenhum suffixo modal: é constituido pela união do simples thema verbal com as desinencias pessoaes: es-t elle é, er-a-m eu era, teem immediatamente sentido indicativo. Tambem o imperativo não tem nenhum suffixo modal e só se distingue do indicativo em as desinencias pessoaes adquirirem força vocativa, principalmente na sua fórma alongada. O indicativo, como diz Schleicher, não tendo nenhum elemento de modo, não é rigorosamente um modo; elle exprime simplesmente a acção, o tempo e a pessoa. Os modos propriamente ditos são nas linguas indogermanicas o optativo e o conjunctivo, que em latim se fundiram n'um só modo, o conjunctivo, em quanto em grego, por exemplo, se distinguem perfeitamente.

O logar dos suffixos modaes é entre a desinencia do thema verbal e a desinencia pessoal.

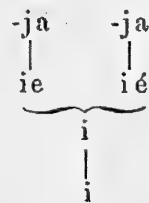
Optativo

A fórma primitiva do suffixo do optativo era ja, cujo a é, em geral, reforçado nas linguas indogermanicas, adquirindo assim o suffixo a fórma já. Na sua fórma não reforçada apparece elle n'essas linguas, em regra, na terceira pessoa plural e no antigo baktrico tambem n'outros casos. O sanskrito mostra ainda o suffixo não obscurecido pela decadencia phonica, como em latim, etc.; assim presente optativo activo da raiz as (ser):

singular 1.ª	s-jam	plural 1.ª	s-j-ama,
2.ª	s-ja-s	2.ª	s-ja-ta,
3.ª	s-ja-t	3.ª	s-j-us por *s-ja-nt,
dual 1.ª	s-ja-va,		
2.ª	s-ja-tam,		
3.ª	s-ja-tam.		

Curtius pensa que as fórmas optativas eram primitivamente fórmas de um presente indicativo inchoativo, sendo o suffixo -ja o mesmo que a raiz verbal do mesmo som que se encontra em sanskrito com a significação de ir.

Em latim descobrem-se no chamado modo conjunctivo algumas fórmas primitivamente do optativo presente, isto é, que conteem o suffixo optativo -ja, -ja.

Nas fórmas optativas, conservadas n'essa lingua, em que o thema é constituido pela simples raiz esse suffixo passou por as modificações successivas representadas no seguinte schema:

Todas essas fórmas do suffixo se acham realmente representadas em latim, excepto as duas primitivas, apenas conservadas no ramo asiatico das linguas indogermanicas.

As fórmas do conjunctivo presente dos verbos derivados em -a são na realidade fórmas primitivamente optativas; assim ame-m resulta por contracção de *ama-i-m e esta de *ama-ie-m. Em umbrico encontra-se uma fórma optativa exactamente correspondente á lat. porte-m, que comprova esta explicação: é porta-ia(-m). Esta explicação está além d'isso inteiramente conforme aos principios da phonica latina. Em portuguez só se conservam as fórmas optativas dos verbos derivados em -a (verbos da chamada primeira conjugação); todas as outras fórmas optativas desappareceram. Em portuguez como em latim a final do thema do optativo-conjunctivo presente d'essa conjugação é constantemente e; assim:

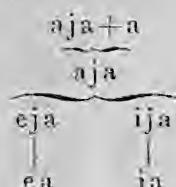
port. ame	=lat.	ame-m,
ames		ame-s,
ame		ame-t,
ame-mos		ame-mus,
ame-is		ame-tis,
ame-m		ame-nt.

Conjunctivo

A fórma primitiva do suffixo do conjunctivo nos idiomas indogermanicos é -a, que se conserva perfeitamente clara em fórmas como as do presente do conjunctivo activo skt. as-a-si, raiz as (ser): han-a-ti terceira singular, raiz han (matar). Nos themas cuja desinencia é a, esta vogal funde-se com o suffixo n'um a longo (-a+-a=-a): assim se produzem as fórmas sauskritas do presente conjunctivo activo vaha-si, thema do presente vaha-, raiz vah (vehere): pata-ti thema do presente, pata- raiz pat (cahir), etc.

Em latim são fórmas realmente conjunctivas as do conjunctivo presente dos themas em -a, isto é, dos verbos da terceira conjugação, e dos verbos em -e, -i: assim:

1.ª s. dica-m thema do presente dica- cp. dici-t,
1.ª p. dica-mus,
2.ª s. dica-s,
2.ª p. dica-tis,
3.ª s. dica-t posterior dica-t,
3.ª p. dica-nt.

Nas fórmas conjunctivas dos verbos em -e (segunda conjugação) e da conjugação em -i (quarta conjugação) o suffixo -aja por meio do qual é formado o thema verbal d'essas conjugações e o suffixo -a do conjunctivo passaram por modificações que podem representar-se no seguinte schema:

Que nas fórmas conjunctivas fundamentaes em -aja, como *manaja-mus (cp. skt. thema presencial causativo manaja-; bharája-, raiz bhar levar: cp. lat. fer), o a inicial do suffixo podesse mudar-se em e, i, não suscita a minima duvida: assim é claro que de -aja podem vir -eja-, -ija: resta agora provar a possibilidade da queda do i n'estas fórmas do suffixo.

O schema que apresentamos das modificações das fórmas em -aja- do conjunctivo em latim está pois de accordo com os principios phonicos d'esta lingua e demonstra que todas as fórmas conjunctivas monea-m, monea-mus, salia-m, salia-mus, etc., provecm de primitivas fórmas conjunctivas, produzidas do thema verbal por meio do suffixo -a.

Restos de um conjunctivo aoristo se notam em fu-a-m, fu-a-s, fu-a-t, fu-a-nt, raiz fu. As fórmas credu-a-m, perdu-a-m, produzidas do mesmo modo são todavia empregadas como sendo do presente: cf. *Neue* II, 339.

Em portuguez conserva-se o conjunctivo presente dos verbos primarios e dos derivados em -e, -i latinos, representados pelos em -e, -i portuguezes.

N'esses verbos o a, resultante da contracção da desinencia -a dos themas do presente e do suffixo modal -a, a, que ainda no curso da vida do latim foi tornado breve em todas as fórmas em que sobre elle não recahia o accento, acha-se representada por -a constantemente; as vogaes e, i, que o precedem nos verbos derivados em -e, -i foram geralmente syncopadas em a nossa lingua, como veremos quando tractarmos da formação dos themas d'esses verbos. Assim se produziram as fórmas conjunctivas portuguezas como:

verbo primitivo

diga	= lat.	dica-m,
diga-s		dica-s,
diga		dica-t,
digá-mos		dica-mus,
digá-es		dica-tis,
diga-m		dica-nt:

verbo derivado em -e

deva (por *dévea)	= lat.	debea-m,
deva-s		debea-s,
deva		debea-t,
devá-mos		debea-mus,
devá-es		debea-tis,
deva-m		debea-nt:

verbo derivado em -i

vista (por *vestia)	= lat.	vestia-m,
vista-s		vestia-s,
vista		vestia-t,
vistá-mos		vestia-mus,
vistá-es		vestia-tis,
vista-m		vestia-nt.

As fórmas conjunctivas assim como as optativas empregadas para exprimirem o futuro indicativo desappareceram inteiramente em portuguez.

§ 4.º THEMAS TEMPORAES

Uma tendencia geral dos idiomas indogermanicos leva-os a destruirem successivamente as distincções que necessariamente existiam no começo entre as

funcções de cada uma de diversas fórmas d'um mesmo tempo. Em latim, por exemplo, as diversas fórmas dos themas do presente dos verbos primitivos exprimem quasi todas meramente a actualidade da acção, sem que se lhes ligue a idéa de nenhuma outra relação secundaria. O desconhecimento d'essas distincções é a causa principal das fórmas verbaes tenderem pouco a pouco no curso da vida das linguas indogermanicas a reduzirem-se a um typo quasi commum a todas, mero producto da analogia, que não é mais que a influencia generalisadora de espirito na linguagem. Sem duvida havia no começo uma distincção fundamental, perfeitamente presente á consciencia da lingua, se assim nos podemos exprimir, entre uma formação como * sva-na-ja-ti (=lat. sona-t) e outra formação como svan-a-ti (skt.), mas, perdida a razão de ser d'essa distincção, não admira que o latim tenha sona-t por * soni-t (cp. son-ui).

Em portuguez encontramos uma confusão que produziu uma differença consideravel entre a conjugação da nossa lingua e a da lingua fonte: a confusão dos verbos primitivos com os verbos derivados, que em latim já se observa n'um ou n'outro caso, mas que em portuguez se tornou a regra. N'esta lingua os verbos primitivos tomam a fórma ou dos verbos em -e ou dos verbos em -i. Duas causas phonicas devem ter concorrido para essa confusão, a tendencia para accentuar constantemente a syllaba das fórmas verbaes portuguezas proveniente da penultima das fórmas latinas originaes e a perda das distincções da quantidade das vogaes atonas.

É assim que:

lat. cónfero	se torna	port.	confiro,
conférimus			conferimus,
discérnimus			diseernimus,
etc.,			

e que o e de dize-s, proveniente da breve latina de dici-s, se confunde com o e final de deve-s, proveniente do e longo de debe-s.

Nas fórmas do perfeito, essa conformação dos verbos primitivos ao typo dos verbos derivados, como abaixo veremos, produz ainda maiores perturbações no typo da conjugação latina.

Os verbos derivados, como já dissemos, seguem em portuguez ora o typo dos verbos em -e, ora o typo dos verbos em -i; mas não se descobre razão porque uns d'esses verbos sigam o primeiro typo, outros o segundo, porque comedere, coquere, regere, vendere, torquere, etc., se conjugam em portuguez como se proviessem de lat. * comedere, * coquere, * regere, * vendere, torquere, etc., mas cadere, trahere, in-serere, im-mergere, tingere, con-ducere, etc., como se proviessem de lat. * cadire, * trahire, * in-serire, * im-mergire, * tingire, * conducire, etc. Parece evidente que a lingua opta arbitrariamente por um ou outro typo e um facto nos comprova que essa arbitrariedade é real. Consiste esse facto em que muitos dos verbos primitivos que hoje seguem a conjugação em -e, seguiam no antigo portuguez a conjugação em -i, muitos d'esses verbos que hoje seguem a conjugação em -i, seguiam antigamente a conjugação em -e, e uns e outros muitas vezes se apresentavam em ambas as fórmas parallelamente. Eis alguns exemplos d'entre um verdadeiramente consideravel numero que colhemos:

metire, *F. Cast. Rod.*, p. 850,
metir, ao lado de meter, *Idem*, p. 852,
morire, *Idem*, p. 850,
escreuiren, *Idem*, p. 860,
ronpire, *Idem*, p. 862,
corrire, *Idem*, p. 863,
uendiô, *Idem*, p. 858,
uendio, *Idem*, p. 876,
vendiste, *A. Apost.*, 5, 4,
vendeste, *Idem*, 5, 8,
recebir, reeiba, *F. Cast. Rod.*, p. 863,
conosciren, *Idem*,
arrompir, *Idem*, p. 871,
perdire, *Idem*, p. 866,
perdir, perdio, *Idem*, p. 881,
perdiste, *L. Linh.*, p. 188,
tolhir, *F. Cast. Rod.*, p. 874,
repentir, *Idem*,
nacire, *Idem*, p. 881,
entendisti, *Regr. S. B.*, c. 7,
fezisti, *Ibidem*,
escolisti, *A. Apost.*, 1, 24,
comiste, *Idem*, 11, 3,
cingeste, *H. Ger.*, c. 146,
descingeo, *Idem*, c. 147,
enfinger, *C. D. Din.*, p. 130,
confingede, *Ibidem*,
fingeo, *H. Ger.*, c. 107.

Tambem os verbos derivados mudavam naturalmente de conjugação; assim:

deuire, *F. Cast. Rod.*, p. 850,
deuiren, *Idem*, p. 854,
ualir, *Idem*, p. 885,
moviste, *L. Linh.*, p. 188.

Que esta troca de conjugações não é um facto moderno, proprio ao portuguez e aos outros idiomas romanicos, é cousa que póde ser facilmente demonstrada, pois são numerosos os casos de simillhante troca em latim e já de leve nos referimos a este ponto. Quando tractarmos da formação do imperfeito com-

posto veremos como n'esse tempo os verbos primitivos se tinham conformado aos derivados em -e já no mais alto periodo do latim a que podemos remontar historicamente, isto é, no periodo a que pertencem os primeiros monumentos escriptos d'essa lingua. Os verbos primitivos de thema em -io (v. infra) confundiam-se muitas vezes com os verbos derivados em -i; assim Lucrecio I, 71 escreve cupiret por cuperet, Ennio parire em Prisc. 10, 2, 8, 10, 9, 50, Plauto Asin. 1, 1, 108 moriri. Encontramos tambem em latim linere ao lado de linire (Columella 4, 24, 6), arcesso ao lado de arcessiri, lacesso ao lado de lacessiri (Columella 9, 8, 3), etc. Muitos verbos que na linguagem archaica tinham a fórma dos primitivos teem nos periodos posteriores a fórma dos derivados em -e. Quintiliano 1, 6, 7, censura si quis antiquos secutus fervere brevi syllaba dicat; Plauto Most. 1, 1, 41 emprega olere; scatere occorre em uma citação em Cicero Tuscul. 1, 28, 69, e em Lucrecio 5, 952, 6, 896. Horacio Serm. 2, 8, 78 usa stridere. Numerosos factos da mesma especie poderiamos accumular aqui; limitando-nos aos já mencionados indicaremos aos leitores que desejarem maior desenvolvimento d'este ponto *Neue* II, 318-332 e Schuchardt index (III, 945).

Estas observações previas, com quanto nos arrisquem a repetições, far-nos-hão comprehender melhor alguns dos pontos particulares relativos ás modificações por que os themas temporaes passaram em latim e portuguez.

Themas do presente

Nos idiomas indogermanicos occorrem fórmas do presente produzidas por differentes processos: 1) O thema do presente n'uns casos é constituido só pela raiz, a que se junta immediatamente a desinencia; a vogal radical apresenta-se na sua fórma original ou reforçada: este parece ter sido o meio mais primitivo de formar o thema do presente; 2) o thema fórma-se com a raiz, tendo a vogal não reforçada ou reforçada, e o suffixo -a; 3) a raiz reduplicada constitue o thema e, sendo terminada em vogal, esta é reforçada; 4) a raiz com um dos suffixos -na, -nu, constituem o thema; 5) o thema é formado pela raiz+suffixo -ja; 6) constituem o thema a raiz com o suffixo -ska; 7) junta-se á raiz o suffixo -ta para formar o thema. Facilmente se conjectura que cada uma d'essas fórmas de thema tivesse funcção diversa, que da mesma raiz se formassem com aquelles suffixos, differentes themas para exprimir varias relações, no periodo em que a esses suffixos se ligava uma idêa clara, de modo que ao lado de uma fórma * bhara-mi (=lat. fero) houvesse outras * ba-bhara-mi, * bhar-na-mi, etc. Esta conjectura confirma-se já pela discrepancia, que se observa n'alguns casos, das diversas linguas indogermanicas na conservação das fórmas do presente, já em que a mesma lingua conserva em muitos casos mais de um thema do presente da mesma raiz; assim lat. plico-o ao lado de plec-to e skt. pr-na-k-mi; grego χα-ίν-ω ao lado de χά-σκ-ω (=lat. hi-sco), etc.

Na lingua portugueza conserva-se um numero consideravel de themas latinos do presente, formados por aquelles processos. Uma lista de taes themas não teria aqui mais que um interesse puramente lexicologico; por isso não a damos, limitando-nos a tractar d'um modo geral as modificações por que as suas desinencias passaram em portuguez, considerando apenas em especial os themas da I e da V classe. Como nenhuma formação nova d'esses themas era possivel, a questão reduz-se quasi exclusivamente n'esta parte ao estudo das modificações phonicas d'esses themas.

1. Destino das desinencias dos themas da II, III, IV, VI e VII classes em portuguez, considerados em geral.

As desinencias d'esses themas são em latim constantemente:

1.ª sing.	-o-	1.ª plur.	-i-
2.ª	-i-	2.ª	-i-
3.ª	-i-	3.ª	-u-

Em portuguez essas desinencias ou se conformam ás dos themas dos verbos derivados em -e, e então soam:

1.ª sing.	-o-	1.ª plur.	-é-
2.ª	-e-	2.ª	-é-
3.ª	-e-	3.ª	-e-

ou ás dos themas dos verbos derivados em -i e n'este ultimo caso soam:

1.ª sing.	-o-	1.ª plur.	-i-
2.ª	-e-	2.ª	-i-
3.ª	-e-	3.ª	-e-

Dominam, porém, tambem aqui as leis de desinencia da nossa lingua; assim depois de z (=lat. c), e r cahe o e final da terceira pessoa singular, que não é protegido por desinencia pessoal. A lingua antiga nem sempre é fiel a esse principio: a lingua moderna observa-o estrictamente:

diz de dic-i-t (dize *F. Cast. Rod.*, p. 890),
in-duz de in-duc-i-t (en-duze, *L. Cons.*, c. 50),
faz de fac-i-t (faze, *F. Cast. Rod.*, p. 867),

mas imper.:

dize (*G. Vic.*, I, 262),
faze (*Idem*, 326).

traz (ant. trage, *T. Cant.*, 114; trax, *C. D. Din.*, 81) de trah-i-t (cf. ant. trahe, *F. Cast. Rod.*, p. 867, trae, *T. Cant.*, p. 205),
quer de quaeri-i-t (quere, *F. Cast. Rod.*, p. 856);
pon, *T. Cant.*, 133, *C. D. Din.*, 53; cp. praz (plaz, doc. era 1298, Rib. I, 285, prax, *T. Cant.*, 76) de plac-e-t;
luz de luc-e-t.

Similhante apocope se nota em:

perdon, *T. Cant.*, 28, 238, *C. D. Din.*, 8 de perdone-t, pon, *Idem*, 53.

Em perdon vê Diez, *Ueber die erste Poesie u. s. w.* s. 34 uma fórma provençal; mas olhamos pon e perdon como fórmas dialectaes parallelas a põe, perdoe, e formadas de * pone, *perdone, como sermon de *sermone, etc. O antigo portuguez é uma lingua syncretica, em que as fórmas parallelas, desenvolvidas segundo os principios mesmos da lingua e não devidas a influencia estranha, apparecem em grande numero, como este nosso estudo em parte mostra. Em *T. Cant.*, p. 246 e *L. Linh.* II, 229 occorre uma fórma di por diz que parece contrahida de die resultante de dize pela syncope do z, que se nota em dir-ei, far-ei por dizer-hei, fazer-hei, etc. No *L. Cons.*, c. 47 ha o imper. di (dime).

2. Themas da I classe. O presente da raiz es em portuguez é:

1.ª s. s-ou
1.ª p. s-o-mos
2.ª s. es
2.ª p. s-o-is ant. s-oo-es, *C. Guin.*, c. 12,
s-o-des, Rib. I, 292, etc.,
s-u-des, doc. era 976, *Idem*, 196.
3.ª s. é
3.ª p. são, ant. sã, som.

Só ha que notar n'estas fórmas a terceira pessoa singular e a segunda plural, é por * es (cast. es), que fariam esperar as relações phonicas, resulta evidentemente de se querer distinguir a terceira pessoa singular da segunda singular es. Porque não foi o s antes apocopado n'esta ultima? A razão é simples. O s final na segunda singular tem ainda significação em a nossa lingua: é o signal constante d'essa segunda pessoa; em quanto na terceira era um elemento sem significação para a consciencia obscurecida da lingua, que não podia vêr n'elle a consoante radical, e demais um som que vinha perturbar a analogia.

Os themas val, na, fla, fa perderam-se em a nossa lingua; os compostos de -do (per-do, etc.) seguem a analogia dos themas em -a; as fórmas portuguezas do presente de do e sto correspondem exactamente ás latinas:

dou	estou,
dá-s	está-s,
dá	está,
da-mos	esta-mos,
da-es (ant. da-des)	esta-es (ant. esta-des),
dão	estão.

3. Themas com o suffixo -ja. O j do suffixo, como vimos, apparece em latim só na primeira pessoa do singular e na terceira do plural. O portuguez não conserva vestigios d'elle na terceira pessoa do plural: de fug-iu-nt, fac-iu-nt, sap-iu-nt, etc., veem port. fog-em, faz-em, sab-em, etc. A conformação ao typo geral é aqui completa. Mas na primeira do singular a nossa lingua n'uns casos syncopa o j, depois d'elle ter influido sobre a consoante precedente, quando essa influencia é possivel, n'outros arrasta a semi-vogal por metathese para o interior da raiz: assim temos d'um lado jaz-o (não *jac-o) de jac-io, fuj-o (não *fug-o) de fug-io, faç-o (não *fac-o) de fac-io, d'outro ca-i-b-o de cap-io, pa-i-r-o de par-io, ant. mo-i-r-o *T. Cant.*, 5, mo-y-r-o 27, (moiramos *C. Guin.*, c. 71, moirer *C. D. Din.*, 16); mas mod. morro. Em sei de sap-io, o i final representa o j do suffixo: de sap-io veiu primeiro *sa-i-b-o (cp. o conjunctivo sa-i-b-a), d'onde por syncope do b *sa-i-o, *se-i-o. A queda do o de *se-i-o teve talvez por fim evitar a homonymia com seio (sinus) como em *heio de habeo a homonymia com ei-o. Não confiamos todavia muito n'esta explicação. É possivel que a queda do o seja puramente mechanica.

Themas do perfeito

Os themas do perfeito em latim são simples ou compostos; os ultimos conteem um perfeito simples unido a uma raiz ou um thema verbal: fu-i é um perfeito simples; jac-ui por *jac-fui um perfeito composto. A explicação dos themas simples offerece grandes difficuldades; é este até o ponto mais obscuro da theoria da conjugação latina. Esses themas dividem-se, no estado conhecido da lingua, em duas categorias: uns teem a syllaba radical reduplicada; outros só a raiz, com a vogal alongada, em geral. O resto dos elementos dos themas do perfeito são os mesmos nas duas categorias. O seguinte quadro indica todos os elementos d'esses themas:

1. *a*) raiz reduplicada ou
b) uma raiz não reduplicada, quasi sempre com a vogal alongada;

2. depois da raiz um elemento -i, primitivamente longo em todas as pessoas, ao qual se juntam immediatamente as desinencias pessoaes na primeira pessoa singular e plural e na terceira singular;
3. um -s, que se colloca depois do elemento -i na segunda pessoa singular e plural e na terceira plural, mudando-se em -r na ultima.

É assim que temos, por exemplo:

pu-pug-i
fec-i
pu-pug-i-s-ti,
fec-i-s-ti,
pu-pug-i-t
fec-i-t
pu-pug-i-mus
fec-i-mus
pu-pug-i-s-tis,
fec-i-s-tis,
pu-pug-e-r-ont (por * pu-pug-i-s-ont),
fec-e-r-ont (por * fec-i-sont).

1. *a*) Em sanskrito, grego, etc., o perfeito é produzido pela reduplicação, e esta deve ter sido o primitivo meio de formar o perfeito no indogermanico: a raiz repetida, seguida do thema pronominal, exprimia acção como completamente acabada: vid vid ma significaria «eu vi». No periodo historico das linguas indogermanicas as cousas não se passam d'um modo tão simples; a alteração phonica, o reforçamento vocalico, n'alguns casos a apparição de novos elementos entre a raiz e a desinencia pessoal veem complicar o primitivo processo.

Em latim apenas 27 fórmas do perfeito, que em parte pertencem á lingua archaica, apresentam reduplicação, que obedece aos seguintes principios phonicos:

A consoante inicial da syllaba de reduplicação permanece inalterada: ce-cid-i, ce-cin-i, tu-tund-i, pu-pug-i, fe-felli, etc. Quando a raiz começa por um dos grupos consonantaes sc, st, sp perde o s, que se mantem, todavia, na syllaba de reduplicação; assim: sci-cid-i por * sci-scid-i da raiz scid (em scind-o, scis-su-s, etc.): ste-ti por * ste-sti da raiz sta; spo-pond-i por * spo-spond-i da raiz spond. É evidente que opera aqui a lei da dissimilação.

A consoante ou grupo consonantal por que termina a raiz não apparece na syllaba de reduplicação: assim: pe-peg-i e não * peg-pig-i, mo-mord-i e não * mord-mord-i, to-tond-i e não * tond-tond-i, pe-pend-i e não * pend-pend-i, etc.

Nas fórmas em que a primitiva vogal da raiz era a, a syllaba de reduplicação tem e; por exemplo: ce-cin-i, raiz can, cp. can-tu-m; pe-pig-i, raiz pag, cp. arch. pag-i-t; te-tig-i, raiz tag, cp. arch. tag-o; ce-cid-i, raiz cad, cp. cad-o; pe-per-i, raiz par, cp. par-io; pe-perc-i, fórma radical parc, cp. parc-o; te-tin-i, raiz tan, cp. skt. tan-o-mi, fe-felli; cp. fallo; pe-pend-i de pend-o, te-tend-i de tend-o, em que a raiz tinha a; de-di, raiz da; pe-pul-i, raiz indogerm. spar (Corssen *Kritisch Beitr.*, s. 308 f.); pe-ped-i, raiz lat. pad por pard, cp. skt. pard-e podo; te-tul-i, raiz tal; cp. tollo, tol-erare, etc. Quando, porém, a vogal o por primitivo a se estabeleceu firmemente na raiz, a syllaba de reduplicação tem o: mo-mord-i de mord-eo, raiz indogerm. (e skt.) mard rasgar: po-posc-i, raiz lat. porc; cp. raiz skt. prakh (o sc provém do suffixo do presente ska, unido intimamente com a raiz como succede frequentes vezes com os suffixos do presente), etc. Da lingua archaica conservam, entretanto, Nonio e Gellio as fórmas memordi, peposci, spepondi.

Quando a vogal da raiz é i, a syllaba de reduplicação tem tambem i; por exemplo: sci-cid-i, raiz scid; cp. scindo e raiz skt. khid; di-dic-i-t, raiz dik; bi-bi ao lado de bi-bo, raiz pi ao lado de pa; ce-cid-i de caed-o tem e por causa do primeiro elemento do diphthongo ae.

Quando a vogal radical é u, a syllaba de reduplicação tem tambem u; assim: pu-pug-i, raiz pug, cp. pungo; tu-tud-i, raiz tud, cp. tundo; cu-curr-i, cp. curro (a raiz original é kar). Gellio offerece pepugi, scecidi, cecurri, com e segundo a tendencia geral do latim archaico.

b) Themas sem reduplicação.

Considerando principalmente a vogal da raiz n'estes themas e as suas relações com a vogal da raiz nos themas correspondentes do presente, dividil-os-hemos da seguinte maneira: 1) themas que apresentam alongada a vogal da raiz, breve no presente; taes são:

scab-i	de	scab-o,
lav-i		lav-o,
fod-i		fod-io,
ed-i		ed-o,
leg-i		leg-o,
em-i		em-o,
sed-i		sed-eo,
ven-i		ven-io,
vid-i		vide-o,
fug-i		fug-io.

2) Themas em que ao a do presente corresponde e; por exemplo:

fec-i	de	fac-io,
jec-i		jac-io.

cep-i	de	cap-io,
eg-i		ag-o.

3) Themas com vogal radical longa, que tem ao lado fórmas do presente com vogal tambem longa:

strid-i	ao lado de	strid-eo,
ic-i		ic-o,
sid-i		sid-o,
vis-i		vis-e,
cud-i		cud-o.

4) Themas com vogal longa que tem ao lado fórmas do presente com a vogal da raiz seguida de nasal (tambem o a do presente se muda n'este caso em e):

freg-i	ao lado de	frang-o,
peg-i		pang-o,
vic-i		vinc-o,
liqu-i		linqu-o,
rup-i		rump-o,
fud-i		fund-o.

5) Themas com vogal radical breve ao lado de presente com vogal seguida de nasal; o unico exemplo é:

fid-i	ao lado de	find-o.

6) Themas em que reapparecem a vogal radical do presente e as consoantes que a seguem sem alteração: de-fend-i, ac-cend-i, mand-i, scand-i, pand-i, pre-hend-i, scand-i, lamb-i, vert-i, verr-i (ao lado de vers-i), vell-i (ao lado de vuls-i). etc.

Ainda não ha uma explicação completa, satisfactoria d'essas fórmas sem reduplicação; as vistas de Schleicher s. 743 f. (cf. Schweizer-Sidler, *Zeitschrift*, XVIII, 308-311) divergem muito das expressas por Corssen no seu livro, tantas vezes citado, *Kritisch Beitr.*, s. 530 f., e, por ultimo, modificadas em a obra *Ueber Ausspr.*, I, 553 f. (cf. 604 f.) A questão enuncia-se n'estes termos: proveem todos os themas do perfeito simples sem reduplicação de themas formados primitivamente por meio de reduplicação? no caso affirmativo como desappareceu a reduplicação? deu-se sempre uma simples queda da syllaba de reduplicação ou houve n'alguns casos contracção d'esta syllaba com a da raiz? Essa questão complexa ainda não está resolvida, a nosso vêr. É verdade que não conhecemos a obra de Scherer, *zur Geschichte der deutschen Sprache*, que dá uma nova explicação das fórmas simples do perfeito teutonico, explicação posta em connexão com as fórmas latinas de que se tracta, segundo Schweizer-Sidler no artigo citado. Para Schleicher todas as fórmas latinas em questão proveem de fórmas reduplicadas: n'umas houve simples queda da syllaba de reduplicação, n'outras contracção. Ás primeiras pertencem tuli que occorre ao lado de tetuli, scidi que tem ao lado sci-cid-i e deveria decorrer d'uma epocha em que ainda se dizia * sci-scid-i, fid-i de fi-fid-i. Em verdade, a queda da syllaba de reduplicação não parece ser um facto muito difficil de admittir se observarmos, d'uma parte, que essa queda é regular nos verbos em ligação com preposições; assim temos:

com-peri	ao lado de	pe-per-i,
con-cid-i		ce-cid-i,
oc-curr-i		cu-curr-i.

Ha algumas fórmas que fazem excepção á regra como prae-cucurri, ac-cucurri, além dos compostos de sto como circum-ste-ti, re-sti-ti, de do como ab-di-di, con-di-di, etc. Para maior desenvolvimento vid. *Neue*, II, 360 f. D'outra parte correspondem, n'alguns casos, a fórmas latinas sem reduplicação fórmas reduplicadas nos outros idiomas indogermanicos; assim temos:

fec-i, fec-e-rit	junto de osko	fe-fac-id, fe-fac-u-st;
sed-i	em frente de skt.	sa-sad-a;
vid-i	correspond. a skt.	vi-ved-a;
ven-i	a osko	be-bn-u-st(?).

Como junto de tu-tud-i se nota to-tond-i, tu-tud-i, Schleicher admitte que os themas do perfeito com a, i, u, correspondendo a a, i, u (ou a vogal seguida de nasal) do presente, taes como scab-i, vid-i, fug-i, rup-i, etc., proveem de fórmas reduplicadas com a vogal radical reforçada, por exemplo * sce-scab-i, * vi-veid-i, * fu-fug-i ou * fe-fug-i, * ru-rup-i ou * re-rup-i. Vê tambem simples queda da syllaba de reduplicação nos themas do presente, como cud-i, pand-i, scand-i, etc.; mas, para explicar as fórmas do perfeito em que á vogal a (ou e) breve ou seguida de nasal do presente corresponde e, suppõe que a consoante ou grupo de consoantes inicial da raiz desappareceu, seguindo-se contracção da vogal da raiz com a da syllaba de reduplicação; assim por exemplo, fec-i, freg-i, viriam de * fe-fic-i, * fre-frig-i (produzidas segundo a analogia de * te-tin-i, pe-pig-i, me-min-i) por meio dos intermedios: * fe-ic-i, * fre-fig-i, fre-ig-i. Segundo esta explicação, em fec-i, jec-i, teria cahido um c entre vogaes, em freg-i, a articulação fr, em cep-i um p, em eg-i um g, em leg-i um l, etc. Corssen, *Ueber Ausspr.*, I, 562 u. apresenta algumas objecções á opinião de Schleicher. Para Corssen todas as vogaes radicaes longas do perfeito, tanto em tu-tud-i, etc., como fec-i, eg-i, etc., resultam pura e simplesmente

do reforçamento vocalico. Em quanto á questão se as fórmas sem reduplicação provecm de fórmas reduplicadas, eis o que elle nos diz (*Ueber Ausspr.*, I, 560): «Não se póde defender a crença de que a reduplicação seja um elemento primitivo e necessario da formação de qualquer perfeito depois que se provou que no mais antigo sanskrito se acham frequentes fórmas sem reduplicação que em epocha posterior a lingua apresenta reduplicadas.» A isto objecta Schweizer-Sidler no art. cit., dizendo: «A lingua dos vedas é relativamante moderna, e sabemos sufficientemente que n'ella se encontram fórmas prakriticas. O sanskrito classico, porém, submetteu a lingua á disciplina e expelliu as producções e alterações dialectaes. Corssen não tem certamente idêa de negar a antiguidade do augmento em certas fórmas que carecem d'elle nos vedas ou em Homero, em quanto o possuem na lingua classica.» Corssen diz ainda: «Poder-se-hia concluir dos perfeitos reduplicados do grego e do sanskrito, que ajuntam as desinencias pessoaes por meio da vogal de formação -a ao thema verbal reduplicada, para a queda da syllaba de reduplicação das fórmas do perfeito latino em -i com a vogal da raiz reforçada que proveem das mesmas raizes que aquelles, se se provasse que a formação d'aquelle perfeito grego e sanskrito era a mesma que a d'este perfeito latino. Mas, pois, tal não é o caso e ao contrario abaixo será mostrado que a formação do perfeito italico é differente da do grego e sanskrito, assim de modo algum se póde concluir de λε-λοιπ-α, πε-φευγ-α, que liqu-i, fug-i tenham perdido uma syllaba de reduplicação. Está-se tão pouco auctorisado a isso que dentro dos limites particulares do latim só se demonstra a queda da syllaba de reduplicação em duas fórmas do perfeito com vogal breve, a saber, em scid-i, tul-i pelas archaicas sci-cid-i (sci-scid-i), te-tul-i.» Examinemos agora o resultado das investigações de Corssen sobre o elemento -i do perfeito latino.

2. As terminações do antigo perfeito latino são:

-i,	-ei,	
-i-s-ti,	-ei-s-ti,	
-i-s-tei,		
-i-t,	-ei-t,	-e-t,
-i-mus,		
-i-s-tis,		
-i-se (?),		-e-r-ont, e-re,
		-e-r-unt,
		-e-r-unt.

(Corssen, ob. cit. 608). Essas fórmas são determinadas pela inspecção das inscripções e a metrica dos fragmentos da antiga poesia latina (id. 608 f.) N'essas inscripções ei não indica propriamente um diphthongo mas uma vogal longa intermedia entre e e i, como mostram as fórmas das antigas inscripções: fec-i-t, cep-i-t, fu-i-t, ded-i-t, de-de-t, fu-e-t, etc. A analogia e a historia da accentuação latina levam Corssen a admittir que o i da primeira pessoa do plural era primitivamente longo; assim dé-di-mus, dic-si-mus vieram de dé-dī-mus, dic-sī-mus. Qual é a origem e a natureza d'esse i, elemento formativo do perfeito latino? Corssen vê n'elle com Aufrecht o mesmo elemento que apparece no quinto aoristo activo sanskrito, e por consequencia um elemento inteiramente diverso do a que apparece no perfeito sanskrito e grego. Esse aoristo sanskrito tem no singular as terminações: 1.ª pess. -i-m junto de -i-sham, -i-sham, 2.ª pess. -i-s junto de -i-shi, -i-shi, 3.ª pess. -i-t; no plural: 1.ª pess. -i-shma, 2.ª pess. -i-shta, 3.ª pess. -i-shu-s, isto é, apresenta no singular o i formativo alongado, que apparece breve no plural. Em sanskrito são numerosos os casos em que o reforçamento d'um elemento formativo de thema verbal (raiz ou suffixo) se limita ao singular; o latim ao contrario, estende em regra esse reforçamento ao plural. Nas paginas precedentes encontram-se exemplos d'este phenomeno. Mas a explicação de Corssen, que está de accordo, indubitavelmente, com as regras do vocalismo latino, exclue outra qualquer? Não poderá, por exemplo, o i formativo do perfeito latino ter origem no a formativo do perfeito sanskrito e grego? O proprio sabio cujas opiniões sobre o perfeito latino estamos examinando nos fornece meio de o criticarmos n'este ponto, pois admitte que no i longo, desinencia thematica do presente do indicativo, tal como se mostra nas medidas archaicas scribis, ponit, percipit, sinit, agit, figit, defendit, facit haja reforçamento vocalico e que esse i corresponda ao a que se encontra nas terminações sanskritas -a-si, -a-ti (*Ueber Ausspr.*, I, 599 f.) Schweizer-Sidler faz valer contra a opinião de Corssen de que o perfeito latino não seja propriamente um perfeito, senão um aoristo, a significação dos tempos: «O sanskrito e o teutonico, diz elle, usam sem duvida a fórma do perfeito aoristicamente, mas nunca o sanskrito e o grego, o aoristo para a expressão do presente consummado.» Outras objecções ainda suscita a opinião de Corssen, e em geral póde dizer-se que a questão se as fórmas não reduplicadas do perfeito latino proveem ou não sempre de fórmas reduplicadas não se acha resolvida por elle n'um sentido ou n'outro, assim como não nos convencem as suas investigações de que no chamado perfeito latino haja realmente um aoristo. A questão do perfeito latino ou é insoluvel ou exige para ser resolvida novas investigações.

3. Resta-nos fallar no elemento -s que apparece na segunda pessoa do singular e do plural. O r da terceira do plural nasce evidentemente de s como provam a fórma archaica co-em-i-se por * co-em-i-s-ont (cp. em-e-re por em-e-r-unt) e o umbrico ben-u-s-o por * ben-u-s-ont = lat. ven-e-r-unt.

co-vort-u-s-o por * co-vort-u-s-ont=lat. con-vert-e-r-unt. (Corssen, *Ueber Ausspr.*, I, 612). N'esse -s vê a grammatica comparativa resto da raiz es (ser), que entra tantas vezes em composição nas fórmas verbaes das linguas indogermanicas.

Os unicos perfeitos simples em -i que passaram do latim para o portuguez são os seguintes:

1. perfeito da raiz da:

sing. 1.ª	de-i	de	de-(d)-i [1],
2.ª	de-s-te		de-(d)i-s-ti,
3.ª	de-u		de-(d)i-(t), influenciado pelas fórmas do perfeito composto dos derivados em e (de-ven, etc.),
plur. 1.ª	de-mos		de-(d)i-mos,
	de-s-tes		de-(d)i-s-tis,
	de-r-am		de-(d)e-r-ont.

2. perfeito da raiz ven:

sing. 1.ª	vim	de	ven-(i).

Nas fórmas vieste, veiu (de veo *Canc. D. Din.* 147 por *veno) [2], viemos, vieste, vieram parece manifestar-se o cuidado de evitar a confusão do perfeito da raiz ven com o perfeito da raiz vid (n. 3), pois de ven-i-s-ti melhor viria vi-s-te que vi-é-s-te, etc.; ao mesmo tempo nota-se a influencia da analogia dos perfeitos compostos dos derivados em -e, e não dos derivados em -i, o que é singular por o verbo soar no infinito vir; cp. o seguinte, em que o contrario se observa.

3. perfeito da raiz vid:

sing. 1.ª	vi	de	vi(d)-i,
2.ª	vi-s-te		vi(d)-i-s-te,
3.ª	vi-u (por analogia dos derivados em -i, como vesti-u, etc.)		
plur. 1.ª	vi-mos		vi(d)-i-mus,
2.ª	vi-s-tes		vi(d)-i-s-tis,
3.ª	vi-r-am		vi(d)-e-r-unt;

4. perfeito da raiz fu:

sing. 1.ª	fu-i	de	fu-i,
2.ª	fo-s-te		fu-(i)-s-ti,
3.ª	fo-i		fu-i-(t),
plur. 1.ª	fo-mos		fu-(i)-mus,
2.ª	fo-s-tes		fu-(i)-s-tis,
3.ª	fo-r-am		fu-(e)-r-unt.

Algumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. foy *Canc. D. Din.* 6, mas fui *Idem*, 5, 25; 3.ª pess. fuy *Canc. D. Din.* 118, fui doc. era 1298 Rib. I, 277, mas foy *Canc. D. Din.* 11, etc., fou doc. era 1310 Rib. I, 282, fu *F. C. Rod.* p. 863 (foy *Idem*, p. 876), foe *Claro* p. 176.

5. perfeito da raiz fac:

sing. 1.ª	fiz	de	fec-(i),
2.ª	fiz-e-s-te		fec-i-s-ti,
3.ª	fez		fec-(i)-(t),
plur. 1.ª	fiz-é-mos		fec-i-mus,
2.ª	fiz-e-s-te		fec-i-s-ti,
3.ª	fiz-e-r-am		fec-e-r-unt.

Nota-se n'estas fórmas portuguezas 1) que o e latino da raiz na primeira pessoa singular se acha representado por i, para a distinguir da terceira pessoa singular que conserva a vogal e; 2) que nas syllabas não accentuadas o e latino da raiz que se acha mudado em i por analogia da primeira pessoa singular: 3) a mudança de accentuação na primeira pessoa plural, segundo a analogia geral das fórmas d'essa pessoa no perfeito portuguez, em que ella é accentuada na penultima (comémos, dissémos, partímos, etc.) Algumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. fezi *F. Cast. Rod.* p. 867, fize *T. Cant.* 91, *H. Ger.* 124, *F. Cast. Rod.* p. 859, com o artigo: fizi-o *A. Apost.* 26, 24, fize-o *Idem*, 23, 30; fige (z mudado em g) *T. Cant.* 85, *G. Vic.* I, 135, *Leges* p. 375, mas fiz já em *Canc. D. Din.* 191; 3.ª pess. fece no mais antigo doc. em portuguez Rib. I, 273: feze *L. Linh.* I, 164, Lopes c. 32; com o artigo ou pronome: feze-a *T. Cant.* 108, feze-o *A. Apost.* 7, 10, *L. Linh.* I, 161, *H. Ger.* c. 10, feze-lhe *Idem*, c. 104, feze-lhes *A. Apost.* 7, 26: fege (z mudado em g) *L. Linh.* I, 164; fezo (e mudado em o por analogia dos perfeitos compostos cuja terceira pessoa singular termina em o, u: vendeo (ou vendeu), deo (deu), vestio (vestiu), etc.) *T. Cant.* 37, *F. Cast. Rod.* p. 859, mas fez já em *T. Cant.* 1, 15, *L. Linh.* I, 164, *A. Apost.* 7, 10, etc.

Themas do imperfeito

Em latim apenas ha dous themas simples do imperfeito: o do imperfeito da raiz es, er-a- por *es-a-, e o do imperfeito da raiz fu, -b-a- por *fu-a. O

[1] Encerramos em parenthese as letras latinas que desapparecem em portuguez.

[2] Em *F. Cast. Rod.* p. 861 occorre como fórma da terceira pessoa singular vino que está por *veno de *vene (=lat. veni); cp. a-veno em Aff. X, cast. a-vino ant. fezo, poudo, houvo, diso por fez(e) poude, houve, disse.

ultimo é só empregado em composição (l e g - e - b - a - m, etc.)

Em portuguez o imperfeito da raiz e s é:

sing.	1.ª er-a	de lat.	er-am,
	2.ª er-a-s		er-a-s,
	3.ª er-a		er-a-t,
plur.	1.ª ér-a-mos		er-a-mus,
	2.ª ér-e-is (ant. ér-a-des)		er-a-tis,
	3.ª ér-a-m		er-a-nt.

No plural houve pois mudança do accento do a formativo para a raiz. Sobre o destino do imperfeito da raiz fu nos themas compostos em a nossa lingua, vid. mais abaixo.

Themas compostos

1. Themas do perfeito em -si e -ui ou -vi. As fórmas simples do perfeito latino parecem provir d'uma epocha muito antiga; a lingua deve ter por isso perdido cedo consciencia do processo d'essas formações; ora como ellas não offereciam um typo adequado para a analogia, o latim teve que recorrer a um novo processo para formar novos themas do perfeito; aqui, como succede sempre no periodo de decadencia das linguas, o unico meio que se offerecia era a composição. Os perfeitos das duas raizes es e fu, que já vimos e veremos ainda figurar em composição nas fórmas verbaes, foram naturalmente os meios que o genio da lingua achou para realisar a nova formação.

Da raiz es, pelo processo de formação de themas simples do perfeito latim, produzira-se um thema *es-es-i, d'onde *s-es-i. Este *se-s-i não apparece nunca isolado em latim; a lingua contentou-se com fu-, como no imperfeito se contentou com er-a-m e poz de lado *fu-a-m. De * s-es-i, valendo sempre a syllaba s-e como a syllaba de reduplicação veiu s-i, que em composição principalmente é perfeitamente conforme ás tendencias da lingua e esse s-i juntou-se a raizes verbaes e ás vezes a themas do presente, para formar themas do perfeito. si apparece regularmente depois de guttural, dental e labial: duc-si.

O antigo portuguez offerece dous perfeitos em -si, o da raiz dic e o da raiz duc (duxerun *F. Cast. Rod.* p. 864=lat. duxerunt); hoje só se conserva o primeiro:

sing.	1.ª dis-s-e	de	dic-s-i,
	2.ª dis-s-e-s-te		dic-s-i-s-ti,
	3.ª dis-s-e		dic-s-i-(t),
plur.	1.ª dis-s-émos	de	dic-s-i-mus,
	2.ª dis-s-e-s-tes		dic-s-i-s-tis,
	3.ª dis-s-e-r-am		dic-s-e-r-unt.

No antigo portuguez occorre uma fórma disso ou dixo (*F. Cast. Rod.* p. 885; etc.), produzida como fezo, soubo, quiso, etc.

Passemos agora á analyse das fórmas do perfeito em -ui, -vi. A identidade -ui e -vi é evidente: quando precede consoante a pronuncia pede -ui, quando precede vogal a pronuncia pede -vi, segundo a regra. Bopp foi o primeiro a vêr em -ui, -vi o thema do perfeito da raiz fu. Eis os principaes factos que demonstram a verdade d'essa explicação. Vejamos agora porque modificações phonicas passaram as fórmas em -ui, -vi em portuguez.

1. Terminações do perfeito dos verbos em -a (port. -a; primeira conjugação latina e portugueza):

sing.	1.ª	lat. -a-vi	port.	-e-i,
	2.ª	-a-vi-s-ti		-a-s-te,
	3.ª	-a-vi-t		-o-u,
plur.	1.ª	-a-vi-mus		-á-mos,
	2.ª	-a-vi-s-tis		-á-s-tes,
	3.ª	-a-ve-r-unt		-á-r-am.

Exemplo:

am-e-i	=	am-a-v-i,
am-a-s-te		am-a-vi-s-ti,
am-o-u		am-a-vi-t,
am-á-mos		am-a-vi-mus,
am-á-s-tes		am-a-vi-s-tis,
am-á-r-am		am-a-ve-r-unt.

Pela queda da desinencia pessoal da terceira pessoa singular produziu-se a fórma intermedia:

-a-vi por -a-vi-t.

Comparando agora as terminações portuguezas com as correspondentes latinas vemos:

a) que o v da fórma -vi foi syncopado e o diphthongo -a-i, que ficou em consequencia d'essa syncope, mudado em -e-i: assim amavi, amai, amei. A syncope do v de -vi na primeira pessoa do singular dava-se já no latim vulgar da decadencia: assim probai Prob. 160, 14 ed. Keil por probavi, calcai *Idem*, 182, 11 por calcavi, edificai *Esp. Sagr.* XII, 405 por aedificavi; a mesma syncope dava-se tambem nas outras pessoas: probaisti *Idem*, 160, 14 por probavisti, probaiti *Idem*. por probavit, etc. (Corssen *Ueber Ausspr.* I, 322; Schuchardt II, 476). A mudança de ai em ei é muito frequente em portuguez: assim primeiro por *pri-

mairo de primarius, feito por * faito de factus, etc.;

b) que na segunda pessoa do singular e em todo o plural desappareceu completamente a fórma -vi, -ve. Tambem n'isto o portuguez nada offerece de novo; uma tal queda da syllaba vi, ve nas fórmas do perfeito e nas que proveem do thema do perfeito era muito frequente em latim, como mostram exemplos de epochas diversas; assim abalienarunt, curarunt, terminarunt, probarunt, jurarit, negarint, ambularis, sperarum, etc. *Corpus Insc. lat.* I, 601 c. 3;

c) que a fórma -vi se acha representada em portuguez por um u, deante do qual o a precedente se mudou em o, como em ouro de aurum, thesouro de thesaurus, louro de laurus, etc. Tracta-se agora de saber como de vi nasce esse u. Em latim vemos: fau-tor por * favi-tor; cp. fave-re; lau-tum por * lavi-tum, cp. lave-re; nauta ao lado de navi-ta, nau-fragus por * navifragus, cp. navi-s; au-d-ere por * avi-d-ere, cp. avi-dus; cau-tum junto de cavi-tum; aucella por * avi-cella, au-ceps por * avi-ceps, cp. avi-s. N'essas fórmas houve syncope d'um i, depois da qual o v achando-se entre uma vogal e uma consoante se dissolveu em u; em a terminação -o-u por * -a-u de -a-vi deu-se um similhante phenomeno: o i final foi apocopado e a lingua não podendo supportar um v terminando uma palavra dissolveu-o em u; foi assim que em a nossa lingua nau veiu de nave, fórma de todos os casos do singular no latim vulgar [1]. Tambem se observa similhante processo em port. faúlha = lat. favilla. Cf. Schuchardt II, 399 ff. que confiando demasiado em modos de escrever como exsivt, triumphavt, vixt, pedicavd, etc., explica o facto em questão de modo um pouco diverso do nosso; pois admitte que de -a-vi-t viesse primeiro * -a-v-t, d'onde -a-u-t e depois -a-u. A fórma nau ao lado de nave [2] testemunha, porém, pela exacção da nossa explicação, além de que nada prova que os modos d'escrever em questão correspondam a fórmas reaes na lingua fallada, e tanto menos isto parece provavel quanto vemos n'elles grupos consonantaes finaes que nunca poderam existir em latim.

2. Terminações do perfeito dos verbos em -e (= port. e; segunda conjugação latina e portugueza):

		lat.		port.
sing.	1.ª		-e-vi	-i,
	2.ª		-e-vi-s-ti	-e-s-te,
	3.ª		-e-vi-t	-e-u.
plur.	1.ª		-e-vi-mus	-é-mus,
	2.ª		-e-vi-s-tis	-e-s-tes,
	3.ª		-e-ve-r-unt	-é-r-am.

Exemplo:

dev-i	de	* deb-e-vi,
dev-e-s-te		* deb-e-vi-s-ti,
dev-e-u		* deb-e-vi-t,
dev-e-mos		* deb-e-vi-mus,
dev-e-s-tes		* deb-e-vi-s-tis,
dev-e-r-am		* deb-e-ve-r-unt.

Sobre as relações d'essas terminações portuguezas com as latinas correspondentes ha que observar:

a) que na primeira e segunda pessoa do singular e plural houve syncope do -v de -vi, e que o diphthongo restante -e-i se contrahiu em -i na primeira do singular, como em lição por * leição de lectione- (cp. eleição = lat. electione-); fira de ant. feyra, *Leges,* p. 477 = lat. feriat, etc. Não se deve tambem desconhecer aqui certa influencia do perfeito dos verbos em i. Nas outras tres fórmas -e-i contrahiu-se em e. Na terceira pessoa do plural houve tambem syncope do v e os dous -e-e, postos em contacto, contrahiram-se n'um só;

b) que na terceira pessoa do singular a fórma -vi se acha representada por um -u, exactamente como nos verbos em -a.

3. Terminações do perfeito dos verbos em -i (= port. -i; quarta conjugação latina e terceira portugueza):

		lat.	port.
sing.	1.ª	-i-vi	-í,
	2.ª	-i-vi-s-ti	-i-s-te,
	3.ª	-i-vi-t	-i-u,
plur.	1.ª	-i-vi-mus	-í-mus,
	2.ª	-i-vi-s-tis	-i-s-tes,
	3.ª	-i-ve-r-unt	-í-r-am.

Exemplo:

vest-i	de	vest-i-vi,
vest-i-s-te		vest-i-vi-s-ti,
vest-i-u		vest-i-vi-t,
vest-i-mos		vest-i-vi-mus,
vest-i-s-tes		vest-i-vi-s-tis,
vest-i-r-am		vest-i-ve-r-unt.

A syncope do v, seguida da contracção dos dous ii postos em contacto (de i e e na terceira pessoa plural), a dissolução do v em u na terceira pessoa singular, eis o que ha que notar n'essas terminações portuguezas. A queda do v da fórma -vi era em latim particularmente frequente nos verbos em -i; os exemplos occorrem nos melhores escriptores da lingua (v. *Neue,*

[1] Corssen demonstrou que no latim vulgar dos ultimos tempos do imperio romano os casos do singular dos themas em -i tinham perdido todas as suas desinencias consonantaes e mudado aquella vogal em -e (*Kritische Beitr.* s. 236 f.)

[2] Cp. provençal leu de * leve (levis), greu de * greve por * grave (gravis), greu occorre em *Canc. D. Din.* e *T. Cant.*, mas foi provavelmente introduzida do provençal.

II, 397 ff.) Alguns verbos primitivos formavam já em latim o seu perfeito em i-vi, pela analogia dos derivados em -i: taes eram cup-i-vi, thema do pres. cup-io; quaes-i-vi, thema do pres. quaes, sap-i-vi arch. (Prisc. 10, 2, 7) ao lado de sap-ui; rud-i-vi, thema do pres. rud-i-; pet-i-vi, thema do pres. pet-i-; tambem n'alguns d'esses perfeitos se dava a syncope do v; assim encontramos cupii, quaesii ou quaesi, petii ou peti, etc. (*Neue*, l. c.); mas o accento que antes da syncope se achava sobre o primeiro -i- de -i-vi, recuava depois d'ella, em quanto em portuguez permanece n'essa vogal em que é absorvido o i final [1]. Exemplo:

pet-i-vi { lat. pétii,
 port. pedí.

Não é aqui o logar de tractar das differenças que existem entre o systema prosodico do latim e systema prosodico do portuguez; para o nosso fim basta observar que o facto indicado nos revela que uma fórma como pedi vem, não da latina syncopada petii, mas sim da não syncopada pet-i-vi, ou que, pelo menos, essa fórma portugueza é nova e produzida pelo typo proveniente dos perfeitos latinos em -i-vi. Apenas em portuguez se conservou um perfeito particular em que a syncope do v remonta já ao latim: é o perfeito da raiz quaes (=indogerm. kis), cujas fórmas são:

sing.	1.ª quís (não quísi)	= lat. quaes-i,
	2.ª quis-e-s-te	quaes-i-s-ti,
	3.ª quís	quaes-i-t,
plur.	1.ª quis-e-mos	quaes-i-mus,
	2.ª quis-e-s-tes	quaes-i-s-tis,
	3.ª quis-e-r-am	quaes-e-r-unt.

Algumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. quigi, *Canc. D. Din.*, 72; quige, *G. Vic.*, I, 135; quizo, *Canc. D. Din.*, 49, *T. Cant.*, 85, mas quis, *Canc. D. Din.*, 49, quix, *T. Cant.*, 56; 3.ª pess.: quiso, *D. Din.*, 64, *T. Cant.*, 1, 96; quis, *Canc. D. Din.*, 49, 11, *T. Cant.*, 85.

Os perfeitos latinos em -ui, conservados no portuguez, mas modificados phonicamente são os seguintes, na maior parte dos quaes a vogal da primeira syllaba attrahiu o u da fórma -ui.

1. perfeito de habere:

sing.	1.ª houv-e	por * haub-e	de lat. hab-ui,
	2.ª houv-e-s-te	* haub-e-s-te	hab-ui-s-ti,
	3.ª houv-e	houb-e	hab-ui-t,

etc.

[1] É sabido que o latim só admitte o accento principal sobre a penultima ou antepenultima.

Algumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. oube, *T. Cant.*, 32; uvi, *Canc. D. Din.*, 81, mas ouve, *Idem*, 182, *T. Cant.*, 32; 3.ª pess. ovi, *Idem*, 51; ove, Rib., I, 273; ouvo, *T. Cant.*, 246; ov', *Idem*, 128; plur. 2.ª pess. uveste, *Canc. D. Din.*, 72, 118.

2. perfeito de capere:

sing. 1.ª coub-e por * caub-e de lat. cap-ui, etc.

3. perfeito de sapere:

sing. 1.ª soub-e por * saub-e de lat. sap-ui, etc.

4. perfeito de posse (poder):

sing.	1.ª pud-e	por * poud-e	de lat. pot-ui,
	2.ª pud-e-s-te	* poud-e-s-te	pot-ui-s-ti,
	3.ª poud-e (ou pôde)		pot-ui-t,
plur.	1.ª pud-e-mos	* poud-e-mos	pot-ui-mus,
	2.ª pud-e-s-tes	* poud-e-s-tes	pot-ui-s-tis,
	3.ª pud-e-r-am	* poud-e-ram	pot-ue-r-unt.

Algumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. podi, *Canc. D. Din.*, 58: poid', *T. Cant.*, 285; puyd', *Idem*, p. 310, mas pude, *Idem*, 86, *Canc. D. Din.*, 63, *F. Cast. Rod.*, p. 895: 3.ª pess. podo, *T. Cant.*, 246; pudo, *F. Cast. Rod.*, p. 869.

A mudança do diphthongo ou em u na primeira pessoa sing., em que o accento cahia sobre elle, teve por fim distinguir essa fórma da da terceira pessoa do mesmo numero. Nada ha de particular na mudança d'esse diphthongo ou em u nas fórmas em que elle não era accentuado; a analogia da primeira pessoa podia tambem facilitar ainda mais essa mudança.

5. perfeito de placere:

sing. 1.ª pess. prouve por * proue de ant. prouge = lat. plac-ui, etc.

A fórma plougue encontra-se frequentes vezes nos antigos escriptos, por exemplo em *A. Apost.*, 6, 5, e *L. Linh.*, II, 165: o g, depois syncopado, apparece tambem em fórmas ligadas ao perfeito como prougue, *Canc. D. Din.*, 92, *T. Cant.*, 1: proguesse, *Canc. D. Din.*, 84. N'um doc. da era 1293 em Rib., I, 277, nota-se plouge. A fórma prouve

apparece em Lopes, c. 1, etc., ao lado de plougue, c. 2, 21, etc.

6. perfeito de jacere. Só no antigo portuguez, pois no portuguez moderno diz-se jazí, etc.:

sing. 1.ª pess. jouue, *Canc. D. Din.*, 85. por jogue, *T. Cant.*, de lat. jac-ui.

7. perfeito de ponere (pôr):

sing.	1.ª pus (puz) por	* pous = pouse	de lat. pos-ui,
	2.ª pos-e-s-te	* pous-e-s-te	pos-ui-s-ti,
	3.ª pôs (poz)	* pous = pouse	pos-ui-t,
plur.	1.ª pos-e-mos	* pous-e-mos	pos-ui-mus,
	2.ª pos-e-s-tes	* pous-e-s-tes	pos-ui-s-tis.
	3.ª pos-e-r-am	* pous-e-r-om	por-ue-r-unt.

Algumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. pusy, doc. era 1344 Rib. I, 297, pusi, doc. era 1335, Fig. p. 256, pusi[te], *A. Apost.*, 13, 47; pugi, *Reg. S. B.*, c. 6 (cp. fige, etc.), pugy, doc. era 1337, Fig., p. 254, puge, *T. Cant.*, 42; 3.ª pess. pose, *L. Linh.*, II, 216, pose (lhe), *Idem*, 165, mas pos, *Canc. D. Din.*, 17, pôs, *F. Cast. Rod.*, p. 853, pôs(lhe), *L. Linh.*, IV, 234;

8. perfeito de trahere (trazer)[1]. No latim vulgar devia existir ao lado do perfeito trac-si uma fórma * trac-s-ui, produzida como nec-s-ui, raiz nec, thema do pres. nec-to-, mes-s-ui por * met-s-ui, raiz met (Curtius, *Grundzüge* s. 289), thema do pres. met-i-; pec-s-ui thema do pres. pec-ti fórmas em que a um thema do perfeito em -si se juntou ainda o elemento -ui. Sobre essa fórma * trac-s-ui, que necessariamente existia no latim vulgar, porque era impossivel formar-se em a nossa lingua, em que falta o typo em -ui, assenta o perfeito portuguez do verbo trahere:

sing.	1.ª troux-e por	* traux-e ou pop. truxe	de lat. v. * trac-s-ui,
	2.ª troux-e-s-te	* traux-i-s-ti	* trac-s-ui-s-ti,
	3.ª troux-e	* traux-e	* trac-s-ui-(t),

etc.

[1] O z ou g de trazer, ant. trager foi introduzido para evitar o hiato nas fórmas que se ligam ao presente. Não se deve, porém, desconhecer a analogia do perfeito, em que a sibilante provém de lat. x.

O x n'esse perfeito é pronunciado como s, e por isso apparece mudado em g em trouge, *G. Vic.*, I, 132, etc. e syncopado em trouve, *L. Linh.*, I, 161, *A. Apost.*, 25, 26, trouveste, *G. Vic.*, I, 257, trouverom, Lopes, c. 2, *C. Guin.*, c. 27, troverao[no] *L. Linh.*, I, 171; trouvesse, Lopes, c. 6, trouvessem, *A. Apost.*, 25, 23. A fórma com x, mais archaica que a usual nos antigos escriptos, occorre raras vezes n'estes: trouxessem, Lopes, c. 31. Em trouve como em jouve e prouve, etc., o v foi introduzido para evitar o hiato, resultante da queda da consoante medial; cp. couve de * caue = lat. caule-, ouvir de * auir = lat. audire, gouvir, *Eluc.*, etc., de * gouir = lat. gaudere, etc.;

9. perfeito de tenere (ter):

sing.	1.ª tiv-e por	* teu-e	de lat. ten-ui,
	2.ª tiv-e-s-te	* teu-i-s-ti	ten-ui-s-ti,
	3.ª tev-e	* teu-e	ten-ui-t,
plur.	1.ª tiv-e-mos	* teu-i-mus	ten-ui-mus,
	2.ª tiv-e-s-tes	* teu-i-s-tis	ten-ui-s-tis,
	3.ª tiv-e-r-am	* teu-e-r-om	ten-ue-r-unt.

A syncope do n, que é tão frequente em portuguez, a consonantisação do u para evitar o hiato resultante d'essa syncope, a mudança de e em i na primeira pessoa singular para a distinguir da terceira do mesmo numero, e a mesma mudança da vogal radical nas syllabas atonas pela analogia d'aquella primeira pessoa, eis o que ha que notar n'esse perfeito. No antigo portuguez são frequentes as fórmas sem mudança do e radical nas syllabas atonas; assim: teverom, *C. Guin.*, c. 33, teverõ, *H. Ger.*, prol., tevera, Lopes, c. 26, tevesse, *Idem*, c. 2.

O perfeito de ter serviu em portuguez de typo para duas formações novas, a do perfeito da raiz sta: estive, estiveste, esteve, que substituiu o reduplicado steti, e a d'um antigo perfeito de ser, de que occorrem algumas fórmas nos antigos escriptos; por exemplo: 3.ª sing. seve, *Canc. D. Din.*, 125, *A. Apost.*, 9, 9, doc. era 1310, Rib., I, 282: 3.ª plur. severom, doc. era 1303, Rib., I, 292, sobresseverom, *C. Guin.*, c. 87, em vez de * siu por * si ou * sei de * sedi[t], * serom de sederunt, cp. viu por * vi de vidi[t], etc.

2. Themas do futuro exacto. Schleicher s. 829 f.

Estes themas apresentam em latim duas formações, uma mais antiga, outra mais recente.

a. -so, -sis estão por * -eso, * esis como sum por * esum; * eso, * esis, d'onde ero, eris, é um presente da raiz es com força de futuro; as fórmas

-so, -sis, etc., juntam-se ao antigo thema do perfeito terminado na desinencia da raiz, que perde a reduplicação: assim cap-so por * ce-cap-so, ac-cep-so, rap-si-t, axo, faxo, effexis, noscit, incensit (por incendit), occisit (por occidisit). Esta formação que é mais antiga, corresponde á do futuro grego em σε, que apresenta ainda a reduplicação. (Schleicher s. 825).

b. nos themas de formação mais recente -so, -sis juntam-se ao thema do perfeito em i; assim de-de-ro por * de-di-so, ste-te-ro por * ste-ti-so, scripse-ro, amave-ro. N'algumas fórmas nota-se a perda do i do perfeito: assim: dixit (dic-si-t) por * dic-si-si-t (cp. dixsti por dixisti); jussit por * jus-si-si-t; n'outras ha assimilação, precedida da queda d'aquella vogal; assim amasso por amav-so de * amavi-so; pecassit por * peccav-sit de * peccavi-sit; habessit por * habev-sit de habevi-sit, fórmas em que ss provém de vs.

A lingua portugueza conserva as fórmas do futuro exacto, não como as fórmas d'um futuro do indicativo, mas sim como as fórmas d'um futuro do conjunctivo. As fórmas latinas de que proveem as portuguezas são exclusivamente aquellas em que permanecia o i (e) do perfeito. Vejamos agora em que relações estão as fórmas do futuro do conjunctivo portuguez com as do futuro exacto latino.

As terminações -a-r, -a-res, etc. (por exemplo em amar, amares) proveem das terminações latinas em -a-ve-ro, -a-ve-ris (ama-ve-ro, -ama-ve-ris) por meio da syncope de v entre vogaes seguida da absorpção da vogal atona em a accentuada (-á-ris de * -á-e-ris); na 1.ª singular cahe o o final precedido de r, provavelmente depois de se ter mudado em e (-r de * -r=-ro).

Modificações similhantes se observam nas fórmas do futuro do conjunctivo dos verbos em e e i: dever, deveres de * debevero, * debeveris por debuero, debueris, mas houver, houveres de habuero, habueris; vestir, vestires de vestivero, vestiveris, etc.

3. Themas do optativo perfeito. Schleicher s. 837 f.

Para formar estes themas juntou-se sim de siem por * esiem aos themas do perfeito em i; assim fecerim de * feci-sim ou * feci-siem. Tambem n'algumas fórmas archaicas d'este tempo cahiu o i do perfeito; assim fac-sim, ob-jec-sim, au-sim (por * aud-sim). As fórmas como negassim, jussim explicam-se do mesmo modo que as similhantes do futuro exacto. Á lingua archaica pertencem tambem as fórmas medio-passivas d'este modo faxitur, turbassitur, etc. [1]

[1] Sobre o emprego nos escriptores latinos das fórmas archaicas do futuro exacto e optativo perfeito v. *Neue*, II, 421 ff.

D'estas fórmas não ha vestigio em portuguez.

4. Themas do mais que perfeito do indicativo.

Ao thema do perfeito em i juntou-se o imperfeito (e) ram da raiz es: assim de dedi * dediram dederam, de amavi amaveram, etc. O mais que perfeito conserva-se em portuguez: déra, amara, fizera, etc.

5. Themas do optativo mais que perfeito. Schleicher s. 830.

* esem deve ter sido o optativo do imperfeito da raiz es esam: assim como de ama-mus vem o optativo ame-mus, assim de * esa-mus devia vir o optativo ese-mus. D'esse * ese-m veio -sem que juntando-se ao thema do perfeito formou o mais que imperfeito do optativo. N'umas fórmas o antigo thema do perfeito apparece sem i ou is; taes são: fac-sem de * fe-fac-sem, per-cep-set; vic-set, intel-lec-set (de * vixi-set, * intellexi-set viriam * vixe-ret, * intellexe-ret, Schleicher s. 831); n'outras fórmas, as usuaes. -sem junta-se ao thema do perfeito em -i-s: assim fecis-sem, viscis-sem, fuis-sem e d'ahi os compostos com fui como potuissem por * potfuissem, plausissem, etc. As fórmas chamadas do imperfeito do conjunctivo portuguez proveem d'essas fórmas do mais que perfeito do optativo latino:

fizesse	de	fecis-sem,
fo[i]sse		fuis-sem,
amasse		amavissem,
etc.		

6. Themas do imperfeito. Schleicher s. 831.

Ao thema do presente junta-se o thema do imperfeito da raiz fu, -ba-, assim dos themas do presente de verbos primitivos i (e-o, i-s), da (do, da-s), sta (sto, sta-s) se formam os themas do imperfeito i-ba-, da-ba-, sta-ba-. O mesmo se dá com os verbos derivados; assim dos themas do presente ama-, debe-, servi- se formam os themas do imperfeito ama-ba-, debe-ba-, servi-ba (arch.) Mas apresenta-se uma anomalia nos themas do presente em primitivo a, cuja desinencia adeante do -ba formativo dos themas do imperfeito se muda em e: assim dice-ba- e não di-ce-ba-, como seria natural esperar. Corssen. *Kritische Beitr.*, s. 539 e Schleicher s. 381 vêem n'esse e um resultado da analogia dos imperfeitos dos derivados em -e e esta explicação é perfeitamente acceitavel. Tambem se encontram algumas fórmas archaicas d'um futuro da terceira conjugação em -e-bo, taes como ex-sug-e-bo, dic-e-bo por ex-sug-a-m, dic-a-m, (Corssen, l. c.) o que confirma a explicação. As antigas fórmas em -i-ba- do imperfeito dos derivados em -i correspondem tambem fórmas usuaes em -i-e-ba-, nas quaes o e resulta egualmente da analogia. As fórmas em -i-ba são muito frequentes nos poetas ante-

riores a Augusto; foram empregados pelos poetas da edade aurea da litteratura latina, quando o metro lh'as tornava commodas, e occorrem tambem em prosa, principalmente depois da epocha de Augusto. Acha-se uma collecção d'essas fórmas, como sci-ba-m, exaudi-ba-m, leni-ba-t, muni-ba-t, em *Neue*, II, 346 ff.

O imperfeito composto conserva-se em portuguez, mas o elemento -ba passou por algumas modificações phonicas, diversas segundo a vogal precedente, que tambem n'alguns casos não se conserva intacta.

No imperfeito em -a-ba-, o b muda-se em v e o a do thema verbal permanece sem alteração qualitativa; assim:

ama-va	de ama-ba-.

No imperfeito em -e-ba- o b é syncopado como em:

marroio	de marrubium,
prenda	praebenda,
etc.	

e o e muda-se em i assim:

dev-i-a- por * dev-e-a-	=lat. deb-e-ba-,
l-i-a- por * le-i-a- de * le-é-a-	leg-e-ba.

No imperfeito em -i-e-ba- o b é tambem syncopado e as vogaes -i-e contrahidas em i, a não ser que as fórmas portuguezas provenham das latinas em -i-ba-; assim:

vest-i-a-	=lat. vest-i-e-ba- ou vest-i-ba-.

Sobre os perfeitos particulares tinha por * tenía de teneba-, punha por * ponía de ponebam escreve Diez, II, 182: «É de suppôr que se retrahiu o accento para firmar mais o n radical, que d'outro modo teria cahido como no infinito: dizia-se pónia para não fazer desapparecer o n em ponía e mudou-se o e e em u e i para distinguir do presente do conjunctivo; eram todavia usadas antigamente fórmas sem n, como teeya por tinha, via por vinha, S. Ros., (*Eluc.*)» Em Lopes, c. 4, occorrem poiam e poinha (poinha?); a ultima fórma em *C. Guin.*, c. 5, 56, etc.

7. Themas do imperfeito do optativo.

-se, thema do imperfeito do optativo da raiz es, cuja formação já explicamos, e que não é empregado isolado, junta-se aos themas do presente para formar os themas do imperfeito do optativo; assim posse- por * pot-se-, cp. pot-est; es-se- por ed-se-, cp. es-t por * ed-ti; fer-re- por * fer-se-, cp. fer-t; vel-le- por * vel-se-, cp. vol-t; es-se-, raiz es; dice-re-, face-re-, lege-re-; ama-re-, debe-re-, vesti-re-. Este tempo do optativo não se encontra em portuguez e a causa de tal desapparecimento está na impossibilidade em que se achava esta lingua de distinguir as suas fórmas das fórmas do futuro do conjunctivo; por exemplo: amarem, amares, amaret davam (v. desinencias pessoaes) amare, amares, amare, ora cahindo o e final depois de r (cp. as fórmas do infinito, quer de * quere, etc.) ficavam as fórmas amar, amares, amar exactamente identicas ás nascidas de amavero, amaveris, amaverit.

8. Themas do futuro.

Em portuguez o latim futuro em -bo desappareceu completamente, como as fórmas optativas com funcção de futuro e as do verbo em -i de que acabamos de fallar. As causas principaes d'esse desapparecimento estão, sem duvida, em que essas fórmas em virtude da alteração phonica se confundiam com fórmas d'outros tempos e em que á lingua se offerecia um meio simples de substituir o futuro. Em latim encontra-se não raras vezes o verbo habeo construido com um infinito; assim «quid habes igitur dicere de Gaditano foedere?» Cic. Bolb. 14, 33; ora as formulas habeo dicere, habeo audire, etc., que indubitavelmente, eram mais frequentes na lingua popular que na litteraria, equivalem a habeo dicendum, habeo audiendum ou a habeo quod dicam, habeo quod audiam; cp. Cic. Fam. 1, 5, 3: «de republica nihil habeo ad te scribere» com Ces. Bell. gall. 4, 38, 2: «nihil habeo quod ad te scribam (cf. Voss. Aristarch. 7, 51). Essas formulas indicavam n'alguns casos a necessidade ou a vontade de fazer uma acção (habeo audire=eu hei de ouvir) e d'ahi á idêa do futuro mal ha um passo do que temos prova material nas linguas tentonicas (cp. inglez I shall, will hear). Todas as linguas romanicas, á excepção do valachio, aproveitaram aquella construcção latina para exprimirem o futuro, e, por um uso que necessariamente decorria já do latim vulgar, collocaram o infinito adeante do presente de habere de modo que as duas palavras se ligaram estreitamente. Nas fórmas port. amar-ei, amar-ás, amar-á, amar-emos, amar-eis, amar-ão, etc., vê-se claramente o infinito amar unido ás fórmas do presente de haver, e se assim não fosse não comprehenderiamos como se separam as duas palavras nas construcções com o artigo e os pronomes, como amal-o-hei, tel-a-hás, ver-te-há, responder-lhe-hemos, etc., separação que se encontra em todas as epochas da lingua (poder-m'edes *T. Cant.* 69, leixar-m'a *Idem*, 47, levar-vos-ey *A. Apost.* 7, 43, poel-os-hemos *Idem*, 6, 3, levantar-s'am

Idem, 20, 30)[1]. Outras linguas além das romanicas exprimem o futuro pelo infinito e o presente do verbo que n'ellas significa haver (Diez II, 111). Em Ulphilas Joh. 12, 26 visan habaith corresponde ao erit da Vulgata; 2 Corinth. 11, 12 taujan haba corresponde ao faciam da Vulgata; 2 Thessal. 3, 4 taujan habaith corresponde ao facietis da Vulgata.

Em portuguez os infinitos de dizer, fazer, trazer em ligação com hei, has, etc. para exprimirem o futuro experimentam syncope do z, seguida de contracção das vogaes postas em contacto em resultado d'essa syncope: direi por *dierei de dizerei, farei por *faerei de fazerei, trarei por *traerei de trazerei (J. Alvares em Rib. I, 364). Não se diz, porém, *jarei mas sim jazerei. Syncope da ultima vogal do infinito apresentam antigas fórmas como querrey por quererei *Canc. D. Din.* 49, querra *Idem*, 161: guarey *Idem*, 158, guarrei *T. Cant.* 45 por guarirei. N'algumas fórmas apparece o r do infinito duplicado, provavelmente para exprimir a pronuncia aspera: assim valrrá *T. Cant.* 45 por valerá, terrey Claro p. 198, verrá Cath. p. 137: cp. valrria *T. Cant.* 12, verr' *Idem*, 129, etc.

Uma ligação similhante do infinito com hia, hias, hia, etc., fórmas syncopadas por havia (habebam), havias, havia, etc. deu origem ao chamado modo condicional: amaria, deveria, vestiria; diria por *dizeria, faria por *fazeria, jaryum *C. Guin.* c. 37 (mas mod. jazeria), etc.[2]. Observe-se que o imperfeito só por si substitue innumeras vezes essas construcções condicionaes: eu ia, se... por eu iria, se... As duas palavras d'esses compostos improprios separam-se, como no futuro, na construcção com pronomes: quitar-m'end-ia *T. Cant.* 67, guysar-lh'ia *Canc. D. Din.* 37: fal-o-hia, etc.

§. 5.º VERBOS DERIVADOS

De themas verbaes ou nominaes em a se formaram nas linguas indogermanicas por meio do suffixo -ja themas verbaes derivados com funcção principalmente causativa, transitiva, mas ás vezes tambem durativa e intransitiva. Esse suffixo ja foi olhado por Bopp e outros como identico com a raiz ja ir em skt. ja-ti elle vae, ja-ja elle foi, ja-tum ir. Da significação de «ir» ter-se-hia desenvolvido n'elle a «de fazer». Em sanskrito a formação dos verbos derivados apparece em toda a clareza, por isso damos em primeiro logar alguns exemplos d'esta lingua: raiz bhar, thema do pres. e thema nominal bhara- (bhára-ti elle leva: bhara-s o levar subst.), thema do causativo bhara-ja- (bhará-ja-ti elle faz levar); raiz sad thema nominal sada- (assento), causativo sadá-ja-ti elle faz assentar: raiz budh, thema do pres. e thema nominal bodha- (bodhá-ti elle sabe; bodha-s o saber), causativo bodhá-ja-ti elle faz saber. Sem duvida a principio estes verbos derivavam unicamente de themas ao mesmo tempo verbaes e nominaes, mas depois, em virtude da analogia, começaram a ser derivados tambem de themas puramente nominaes: assim skt. joktrá-ja-ti elle liga do thema joktra- ligamen, formado da raiz jug (jug) reforçada e do suffixo -tra. Esse verbo derivado tem ao lado um outro, jogá-ja-ti, proveniente d'um thema joga-, que nos apparece só como thema nominal (união, juncção), mas que foi provavelmente tambem empregado como thema verbal.

Os verbos derivados que proveem de themas propriamente nominaes são chamados verbos denominativos.

Em latim os elementos -a-ja dos verbos derivados, elementos dos quaes o primeiro é, como acabamos de vêr, a desinencia do thema fundamental, passaram por diversas alterações phonicas, que não só obscureceram a sua formação, mas ainda scindiram os themas dos verbos derivados em tres classes, phonicamente distinctas. A representação multiplice do a primitivo por a, e, i latinos, a syncope do j entre vogaes foram as causas d'essa scisão.

1. aja contrahiu-se em a, assim seda-s, seda-t (depois seda-t), de seda-[j]a-si, seda-[j]a-ti, cp. skt. sadá-ja-si, sadá-ja-ti: doma-t = skt. damája-ti. Na primeira do singular do primitivo -aja-mi veio * ajo, d'onde pela queda da semivogal -ao, conservado na fórma umbrica com o o mudado em u subocau por * sobvocau, e em latim contrahido em o: assim sedo de * sedao-mi por sedajo-mi, skt. sadája-mi. O latim offerece um grande numero de verbos derivados de themas nominaes em a (a, o), de todas as especies: assim:

anima-t	de	anima.
forma-t		forma.
planta-t		planta.
aqua-t		aqua.
cura-t		cura.

[1] Foi Antonio de Nebrissa quem na sua grammatica hespanhola (1492) primeiro reconheceu o modo porque se formou o futuro romanico. Duarte Nunes de Leão, talvez seguindo Nebrissa, que indubitavelmente conheceu, pois o cita na sua *Origem da lingua portuguesa* (1606) observou tambem a formação do futuro portuguez: «Tambem na voz activa supprimos algumas faltas que temos em nossa conjugação Portuguesa com este verbo hei, has, ha, que he o habeo, habes dos Latinos que ajuntamos ao infinitivo, porque dizemos, amarei, amaras, amaremus, amarias, amarião, & aos mais modos em que me não detenho, porque para os que sabem Latim basta fazer esta lembrança.» c. XIX. Todos os grammaticos posteriores a Nunes de Leão parecem ter ignorado a natureza do nosso futuro, já porque não conheceram a passagem citada d'aquelle escriptor, já porque conhecendo-a não lhe deram attenção ou não a comprehenderam. Antonio das Neves Pereira nas *Memorias de litt. port.* t. IV, 311 reconhece os elementos do futuro portuguez, mas os nossos grammaticos continuaram e continuam na sua ignorancia a este respeito.

[2] A syncope de z = lat. c que se nota em farei, faria, jariam etc. deu-se egualmente em faes G. Vic. I, 130, fais S. Mir. egl. 8 por fazes.

ac-cusa-t	de	causa,
lacríma-t		lacrima,
acerva-t		acervo-,
adultera-t		adultero-,
auxilia-t		auxilio-,
cribra-t		cribo-,
damna-t		damno,
dona-t		dono-,
regna-t		regno,
signa-t		signo-,
vaga-t		vago-.

De themas participaes em -ta (-to) se derivam muitos verbos em a; exemplos:

adjuta-t	de	adjuto- (participio de adjuva-t),
canta-t		canto- (cani-t),
capta-t		capto- (capi-t),
cita-t		cito- (cic-t),
dicta-t		dicto (dici-t),
gesta-t		gesto- (geri-t),
jacta-t		jacto- (jaci-t),
rapta-t		rapto- (rapi-t).

De themas participaes como domito-, crepito-, vomito- proveem verbos como domita-t, crepita-t, vomita-t; e estes verbos deram o typo para novas formações produzidas sobre participios; assim:

factita-t	de	facto- ao lado de facta-t,
ductita-t		ducto-,
scriptita-t		scripto-,
ventita-t		vento-.

Tambem de themas nominaes terminados em consoante se formaram verbos derivados em a:

carmina-t	de	carmen-,
crimina-t		crimen-,
decora-t		decor- (decos),
genera-t		genus- (gener-),
etc.		

Em alguns verbos derivados em a que tem ao lado verbos primitivos da mesma raiz, apparece ainda mui claramente a significação causativa; d'esse numero são:

fuga-t	ao lado de	fugi-t,
liqua-t		liqui-tur.

2. Na segunda classe de verbos derivados a-ja contrahiu-se em e: torre-t (depois torre-t), etc. de * tarsa-ja-ti[1] cp. skt. trsh-ja-ti, terre-t por * tarsa-ja-ti; cp. skt. trasá-ja-ti (Bopp, §. 745).

A primeira pessoa do presente dos verbos d'esta classe explica-se da seguinte maneira: d'uma fórma como arkája-mi veiu primeiro arkájo-mi, d'esta arkejo- (perda da desinencia pessoal), em que o j foi syncopado, ficando assim arceo, a fórma historica. Os verbos em e são muito menos numerosos que os verbos em a; consideravel parte derivam de themas nominaes em o; taes são:

aegreo	de	aegro-,
albeo		albo-,
clareo		claro- (junto de clara-t),
nigreo		nigro;

outros proveem de themas de desinencia consonantal; por exemplo:

floreo	de	flos, floris,
frondeo		frond-.

A significação causativa apparece ainda em moneo (fazer pensar) junto do primitivo memenisse (lembrar-se), terreo (fazer tremer), etc.

3. Na terceira classe dos verbos derivados a-ja contrahiu-se em i: sopi-t (depois sopi-t) por sopiji-t de svapaja-ti, conservada em sanskrito, raiz svap. A primeira pessoa sopio vem de sopijo- de svapája-mi. Sopio é um causativo que significa propriamente «fazer dormir», mas que não tem ao lado um primitivo sopi-t; o verbo primitivo da raiz svap encontra-se no zend ghap (Curtius, *Grundz.* s. 260; cf. Bopp, § 745). Grande numero de verbos derivados de themas nominaes em i seguem este typo; assim:

cratio	de	crati-,
crinio		crini-,
finio		fini-,
ignio		igni-,
partio		parti-;

outros, porém, proveem de themas que não terminam em i; taes são:

blandio	de	blando-,
equio-t		equo,
ineptio		inepto-,
insanio		insano-,
punio ant. poenio		poena,
custodio		custod-,
dentio		dent-,

[1] Em latim rr proveem algumas vezes por assimilação de rs; v. Corssen, *Kritische Beitr.*, s. 402 ff.

compedio (cf. impedio, expedio)	com-ped-,
partu-rio	*par-tor (pario),
etc.	

O e e o i que na segunda e na quarta conjugação latina precedem respectivamente a desinencia o da primeira pessoa do presente do indicativo e se conservam em todas as fórmas do conjunctivo adeante das terminações am, as, at, etc., passaram em portuguez por diversos accidentes, em virtude do valor como consoante palatal que esses sons tinham n'esse logar. Indiquemos apenas os factos, cuja completa explicação pertence á phonologia da nossa lingua:

1. Em não poucas fórmas o o e o i foram simplesmente syncopados, sem exercerem influencia alguma sobre os sons precedentes; assim em:

doo por *dolo	de	doleo,
doa		doleam,
encho		impleo,
devo		debeo,
sorvo		sorbeo,
rio por *rido		rideo [1],
muno		munio,
puno		punio,
pulo		pulio,
abro		aperio,
sinto		sentio;

2. depois de terem influido sobre as consoantes precedentes o e foi syncopado em:

torço	de	torqueo,
luzo		luceo,
arço *G. Vic.* I, 202. III, 262		ardeo (mas mod. ardo),
arça *Reg.* c. 22		ardeat (mas mod. arda),
valho		valeo,
valha		valeam (cp. vales, etc.),

e o i em:

meço	de	metio (cp. medes=metis),
menço *C. D. Din.* 110 *T. Cant.* 14		mentior,
senço *Idem,* 78		sentio,
ouço		audio,
impeço		impedio.

[1] Em ris, ri o e de rides, ridet foi absorvido depois da syncope do d na vogal precedente; 3.ª do plur. riem, mas rim em *S. Mir.*, etc.

Pela analogia de teneo ou venio se disse *poneo ou *ponio, de que vem ponho (mas pono *Eluc.*), pela analogia de metio se disse *petio, do qual peço (cp. pedes=petis);

3. o e repelliu a consoante precedente e degenerou depois em j (g) em:

vejo	de	video,
veja		videam,
sejo *C. D. Din.* 124, 180, 184, *T. Cant.* 119		sedeo,
seja		sedeam [1],
haja		habeam.

Pela analogia d'estes esteja, mas estê=stet *C. D. Din.* 6. *T. Cant.* 211, *G. Vic.* I, 109, esteis *Idem,* 107, 132; estês *Idem,* 240;

4. a syncope d'uma consoante deu logar á conservação do e e do i em:

hei	de	*haio de habeo,
saio		salio,
doya *T. Cant.* 203		doleat (mas mod. doa).

Pela analogia dos derivados se disse:

*cadio	por	cado,
*cadiam		cadam,
*vadiat		vadat,

e d'essas fórmas produzidas por uma analogia proveem as port. caio (cp. caes de cadis ou *cades) caia, vaya *F. Cast. Rod.* 855;

5. n'algumas fórmas antiquadas, mas que occorrem n'outros dialectos peninsulares, o e ou i acham-se representados por uma guttural, evidentemente em resultado da aspereza da pronuncia da palatal que essas lettras representam; assim em salga, *F. Cast. Rod.* p. 849 de saliat, salgan, *Idem,* p. 888, venga, *Idem,* p. 851, 854, *C. D. Din.* 35 (mas venha *Idem,* 5), uengan *F. Cast. Rod.*, tenga, *Idem,* p. 852, 853. Pela mesma analogia se formou ponga, *F. Cast. Rod.* p. 883 de *poneat por ponat, pongam, *Idem.*

[1] sejo significava sou como seja de sedeam equivale a lat. sim. Da idêa de permanecer estavel veiu a ser, por exemplo, got. visan habitar, permanecer, ser, all. wesen, ing. was. Cf. Schweizer-Sidler *Zeitschrift* XVII, 144 f. Do verbo sedere vem tambem o infinito ser, antigamente seer, bisyllabo, como outros infinitos em que foi syncopada a consoante medial, mas que no futuro se tornavam monosyllabos por causa do accento (se-er serei, te-er terei, ve-er verei), facto observado por Diez *Ueber die erste port. u. s. w.* s. 115 f.; o ant. port. do pres. seente *Reg.* c. 7, *Eluc.*, o ger. sendo, o imper. sê, sede, o ant. imperfeit. siam doc. era 1314 (=*seiam de se(d)e(b)ant), siia *L. Linh.* n. 190, sijam *A. Aport.* 2, 1.

§. 6.º FÓRMAS NOMINAES QUE SE LIGAM AO VERBO

1. Infinito.

O infinito tem em quasi todas as linguas capitaes indogermanicas uma formação especial e por isso com razão se pensa que as suas fórmas adquiriram a sua funcção especial depois da separação dos povos indogermanicos. O infinito latino, nomeadamente, não póde comparar-se a nenhum dos infinitos do grego, lingua que em grande numero de particularidades coincide, como é sabido, estreitamente com o latim.

O infinito do presente do activo em latim fórmase ajuntando ao thema do presente o elemento re: assim de dice-re, do thema dici-, ama-re, do thema ama-, mone-re, do thema mone-, vesti-re, do thema vesti-. Que o r não era um som primitivo n'esse elemento formativo, mas provinha, como em tantos outros casos, em que elle se acha entre vogaes d'um s primitivo, mostram-nos as fórmas es-se, thema do pres. e raiz es, es-se por *ed-se, thema do pres. e raiz ed (comer). posse está pela ant. fórma pot-esse. Do thema do perfeito em -s- (dici-s- em dici-s-ti, por exemplo), se formou o perfeito do infinito pela addição do mesmo elemento se: dici-s-se, amavi-s-se, monui-s-se, vestivi-s-se, etc. (Leo Meyer II, 122). A noticia laconica em Festo p. 5: dasi dari dá-nos ainda outra prova de que s era o som primitivo do elemento formativo do infinito, pois dasi era, por certo, uma antiga fórma, d'onde a posterior dari. N'alguns casos o s assimilou-se ao som precedente, como em:

fer-re	por	*fer-se,
vel-le		*vel-se.

A grammatica comparativa mostra que esse elemento se é identico ao skt. -asai que occorre em muitas fórmas vedicas, que com razão se olham como infinitos; taes são cajasai juntar, cárasai ir, vrdhásai crescer. O a de asai mudou-se em e, conservando-se no infinito dos verbos primitivos como dicere, facere, e absorvendo-se no a, e, i dos derivados como amare, monere, vestire; es-se, vel-le, fer-re estariam por *esese, *velese, *ferese, etc.; o diphthongo ai fundiu-se n'um e, depois tornado curto. As bases d'esta explicação são inatacaveis. Todas as fórmas do infinito provecem de determinadas fórmas casuaes. Esses infinitos em -as-ai do sanskrito, e portanto os infinitos latinos em -re, não são mais, segundo toda a verosimilhança, do que o dativo de nomes derivados da raiz ou thema verbal por meio do suffixo as (=lat. es, os, us em veter por *vetes, cp. vetus, corpos, pubes, corpus por *corpos, cp. gen. corporis, etc.) A phrase bálam dhaihi givásai Rigveda 3, 53, 18 traduz-se bem por força deu viver, mas ainda por força deu para vida; o infinito em -asai revela n'ella perfeitamente a sua natureza de dativo; givás-ai é o dativo d'um thema em -as formado da raiz giv como sád-as- (=lat. sedes da raiz sad). Os dativos dos abstractos de thema em -as em latim não terminam em -re como os infinitos; assim o dativo de genus é generi não genere, mas o que prova ainda ser a explicação dada exacta é que em Ennius, por exemplo, encontramos a fórma fie-ri, infinito de fio, presente da raiz italica fu, formado por meio do suffixo -jo. A fieri corresponderia exactamente um skt. bhujas-ai (Leo Meyer II, 121).

A sciencia não poude dar tão facil e evidente demonstração ás fórmas do infinito do medio-passivo; não apresentaremos por isso aqui nenhuma das opiniões suggeridas por este ponto (v. Schleicher s. 471-473; cf. Schonberg *Zeitschrift* s. 153).

As fórmas do infinito do activo conservam-se em portuguez, perdido apenas o e final, e confundidas as dos verbos primitivos com as dos derivados em e e i: amá-r, devê-r, diz-ér, sentí-r, fug-ír.

Por analogia das fórmas temporaes o portuguez junta muitas vezes ao infinito as desinencias pessoaes -(e)-s, -mos, d'es, -(e)-m: assim dizer, dizeres, dizer, dizer-mos, dizer-des, dizer-em. As construcções do infinito com pronomes nas chamadas orações do modo infinito, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realisado da funcção verdadeira do infinito, a analogia explicam-nos perfeitamente este facto peculiar do portuguez. As outras linguas romanicas conservaram n'este ponto mais fielmente a tradição da lingua mãe.

2. Participio do presente em -ant.

O participio activo é formado nas linguas indogermanicas do thema do presente do verbo por meio do suffixo -ant, que perde a vogal se esse thema termina já por vogal. A fórma primitiva -ant do suffixo (cp. skt. ad-ánt-, raiz ad (comer); s-ant, raiz as (ser), etc.), muda-se em -ent, -unt (por intermedio de *-ont); mas a fórma -nt é a mais frequente n'esta lingua, porque quasi todos os themas do presente terminam por vogal. As fórmas -ent, -unt apparecem em prae-s-ent-, composto de prae e s-ent- por *es-ent, raiz es; i-ent-, e-unt- por *e-ont, raiz i, thema do presente ei; vol-unt-a-rius d'uma fórma vol-unt- ao lado da usual vol-ent-. Exemplos da fórma -nt: dice-nt-, thema do presente dici-, raiz dic; da-nt, thema do presente da, raiz da; ama-nt, thema do presente ama-; mone-nt, thema do presente mone-; vestie-nt- thema do presente, vestii-, vesti-.

Na lingua portugueza não só se encontra um grande numero de fórmas participaes em -ant, que já existiam em latim, mas o suffixo conserva ainda a sua vitalidade, sendo empregado para produzir novos derivados; sómente as fórmas em -ont perderam hoje

inteiramente a força participal, sendo apenas algumas empregadas como adjectivos, outras como substantivos; isto é, já não são construidas com os mesmos complementos que os verbos de que provecem. No antigo portuguez, todavia, ainda a sua funcção participal não estava perdida, como testemunham numerosos exemplos, taes como: cegou entrante á lida *L. Linh.* I, 165; os quaes tementes Nostro Señor *Reg.* p. 251; palavras ociosas, e riso moventes *Idem*, c. 6; chama a nós a Santa Escriptura de Deus dizente, etc. *Idem, Ibidem;* sabente si seer sometudo á disciplina da regra *Idem*, c. 60; aquesta regra escreuemos, que os esguardantes ela *Idem*, c. 73; propesantes mayor e milhor cousa seer *Leges* p. 477; entrante aa casa *Idem;* Consirantes mais e milhor en saude das almas ca en engano e prol das cousas temporaes *Idem*, p. 399.

Em latim occorrem já alguns substantivos que eram primitivamente participios do presente; taes são in-fant-, que não falla, de fant-, participio de fa-ri; ad-olesc-ent- de olesco-, pare-nt- de par-io, serp-ent- de serp-o, clie-nt- por clue-nt- de clueo, torre-nt- de torreo (v. Corssen *Kritische Beitr.* s. 402); orie-nt- de orior, oc-cide-nt- de oc-cido; v. Leo Meyer II, 87 f. Em portuguez conservam-se esses todos e ao lado de oriente, occidente apparecem nascente, poente; outros substantivos de identica formação são lente de legent- participio de lego; escrevente (homem que escreve); caminhante; tirante (correia de tracção no carro) de tirar; sargento de ant. sergente = lat. serviente-, modificado na significação pelo francez sergent-; estante, etc. Tambem pertence a esta especie marchante=ant. francez marchant (mod. fr. marchand de mercant- participio de mercor. O portuguez tem a fórma divergente mercante, empregada como adjectivo.

3. Gerundio.

Segundo as investigações de Corssen, *Kritische Beitr.*, s. 120 ff., o suffixo -ondo, -undo, -endo, -ndo, do substantivo verbal, chamado ordinariamente gerundio, e do adjectivo verbal, chamado participio do futuro passivo, ou participio de necessidade, é composto do suffixo -on, que se encontra em os nomes verbaes como ruc-on-, lig-on-, ger-on-, err-on-, ed-on-, e do suffixo -do, que apparece em numerosas fórmas como cali-do-, timi-do-, vali-do-, avi-do-, cupi-do-. A fórma -undo por -ondo pertence á linguagem archaica; a fórma -endo que a substitue na linguagem classica, occorre, como aquella, nas fórmas provenientes das raizes dos verbos primitivos, como dic-endo-, leg-endo-, e dos themas dos derivados em -i, como vesti-endo; a fórma -ndo junta-se aos themas dos derivados em a, e; assim ama-ndo, mon-endo; ou melhor a primeira vogal do suffixo foi absorvida pela final d'esses ultimos themas.

O participio do futuro passivo não se conserva em portuguez, em que occorrem todavia muitos adjectivos formados da mesma maneira como gemebundo, fecundo, segundo, oriundo. Das fórmas do gerundio, pela perda da distincção dos casos só permaneceu a do ablativo: ama-ndo, deve-ndo, dize-ndo; as outras foram substituidas pelo infinito em construcção com preposições; por exemplo, de amar, a amar, para amar. Nos verbos em i o e do suffixo contrahiu-se com o i final do thema verbal; assim vesti-ndo de vesti-endo.

4. Participio do preterito passivo.

O thema do participio do preterito passivo é formado em latim, como nas outras linguas indogermanicas por meio do suffixo -ta (-to) junto 1) á fórma radical; exemplos da-to-, raiz da; di-ru-to-, raiz ru; rup-to-, raiz rup; stra-to-, raiz ster, stra; 2) á fórma radical com uma vogal de ligação; assim: gen-i-to-, raiz gan, gen; vom-i-to, raiz vem, vom; 3) aos themas dos verbos derivados: ama-to-, thema ama-; dele-to-, thema dele-; vesti-to-, thema vesti-. A maior parte dos participios do preterito dos verbos primitivos pertencem á primeira especie; alguns á segunda e raros se conformam á analogia da terceira, como peti-to- por * pes-so- de * pet-to-: os participios do preterito dos derivados pertencem regularmente á terceira, mas assim como n'esses verbos encontramos perfeitos com fórma de primitivos, tambem observamos n'elles participios do preterito da primeira e segunda especie; assim:

auc-to- não * auge-to-	ao lado do pres. augeo:
mon-i-to- não * mo-nc-to-	moneo.

Quando o t do suffixo -to se achou em contacto com um d ou t final da fórma radical, essas consoantes, sob influencia das leis da assimilação e dissimilação, passaram por diversas modificações que podemos representar nas seguintes equações:

1. d+t=t+t=t:
2. d+t=s+t=s+s=s:
3. t+t=s+t=s+s=s.

Exemplos: 1. de * ad-gred-to-, * e-gred-to- vieram ad-gret-to-, e-gret-to cujos dous tt se acham segundo o antigo uso representados por um só em adgretus. Enn. Paul. p. 6, egretus. Paul. p. 78 (*apud* Corssen, *Kritische Beitr.* s. 417): de * in-tend-to-, * con-tend-to- vieram successivamente * cont-ent-to-, * in-tent-to, con-ten-to-, in-ten-to; 2) de * in-fend-to-, * mani-fend-to-

vieram * in-fens-to-, * mani-fens-to-, depois in-fes-to-, mani-fes-to- (cp. -fendere em in-fendere, of-fendere); de * con-ced-to-, * con-ces-to-, con-ces-so-; de * rad-to-, * ras-to-, ras-so-, ra-so- como de * pand-to- * pans-to-, * pans-so-, pan-so-; 3) de * quat-to-, * quas-to-, quas-so-, de * vert-to-, * vers-to-, * vers-so-, ver-so-.

O suffixo -ta que serve para a formação do participio do preterito passivo é um elemento thematico muito frequente, que já encontramos n'alguns themas do presente, e provavelmente identico á raiz pronominal do mesmo som.

Em portuguez conservou-se o typo dos participios do preterito dos derivados em a e i, isto é, dos participios em que o suffixo -to é precedido das vogaes de derivação a, i; o t do suffixo abrandou em d, como se achasse entre vogaes; assim :

amá-do	=	ama-to-,
vestí-do		vesti-to-.

A primeira e terceira conjugação portuguezas ganhou assim facilmente um typo apropriado de participio do preterito: mas á segunda, baseada sobre os verbos em e latinos, faltava esse typo, pois são rarissimos os verbos latinos em e que não teem participio com fórma de primitivo: o portuguez, como as outras linguas romanicas, que estavam nas mesmas circumstancias, lançou mão do typo dos participios em -uto-, offerecidos pelo latim em grande numero, taes como arguto-, consputo-, consuto-, diluto-, induto-, minuto-, secuto, soluto-, tributo-. Sobre esse typo se formaram os antigos participios em -udo:

ascondudo, *Canc. D. Din.*, 168,
sometudo, *Leges*, p. 339,
estabeleçuda, *Idem*,
metuda, *Idem*,
recebudo, *Idem*, p. 400,
perduda, *Idem*,
persolnudos, *Idem*, p. 406,
conhoçudo, *Idem*,
vertudo, *Idem*,
uendudo, *Idem*,
metudos, *Idem*, p. 407,
espariudo, *Idem*, p. 419,
tehudo, *Idem*, p. 477,
dehuda, *Idem*, p. 535,
creudo, *T. Cant.*, p. 58,
entendudo, *Idem*, p. 19,
temudo, *Idem*, p. 286,
constrangudos, Rib., I, 311,
traudo, *A. Apost.*, 2, 23,
apremudos, *Idem*, 10, 38,
abatuda, *Cath.*, p. 149,
corruda, *Reg.*, p. 253,
avuda, *Idem*, c. 2,
demerguda, *Idem*, c. 7,
respondudo, *Idem*, c. 13,
elejudos, *Idem*, c. 21,
decebudo, *Idem*, c. 59,
teudo, *Idem*, c. 28 [1].

Esses participios em udo, ainda muito usados no seculo XV cahiram em desuso no seculo XVI e foram substituidos por participios em -ido, pela analogia da terceira conjugação portugueza, dos quaes ha numerosos exemplos já nos escriptos da edade media; assim :

uençido, *F. Cast. Rod.*, p. 875,
collidas, *Idem*, p. 809,
estabelecido, *A. Apost.*, 10, 42,
sabidos, *Reg.*, c. 7,
construidos, *Idem*, c. 59.

Com quanto a maior parte dos participios latinos com fórma de primitivos fossem substituidos em portuguez por participios com fórma de derivados, esta lingua conserva ainda um consideravel numero d'aquellas fórmas; assim :

posto	de	po-si-to (syncope do i radical),
feito		facto,
i-do		i-to;
acceso de ac-censo-	ao lado de	accendido,
corrupto		corrompido,
nado de nato		nascido,
torto de tor-to		torcido,

etc. (vid. as grammaticas especiaes).

Fórmas particulares: visto de * visito- por viso-; tido de * tenido; vindo de * venido por ven-to; tolheito, *Canc. D. Din.*, 101, *T. Cant.*, 192, por tolhido pela analogia de ant. colheito = lat. collecto (cp. eleito de electo-, feito de facto-, ant. coito de cocto-, conservado em biscoito, etc.), mod. colhido; cozeito, *Eluc.*, por cozido, segundo a mesma analogia. O suffixo do participio do preterito desappareceu em pago por pagado = lat. pacato-, vago por vagado; manso de mansueto-, etc.

[1] V. outros exemplos em Diez, II, 180 e em *Raynouard Choix de troubadours*, VI, 268. No portuguez moderno conservam-se d'essas fórmas apenas *teuda* e *manteuda* (na fórmula conhecida), e *conteudo* subst.

5. Supino.

Por meio do suffixo -tu se formam em latim, como em sanskrito, etc., nomes de acção, que no accusativo e ablativo do singular são chamados, na primeira lingua, supinos; assim sta-tu-, nom. sing. sta-tu-s estado; como supino accus. sta-tu-m, abl. sta-tu. Os supinos não são pois mais que casos de nomes verbaes, como o infinito. As fórmas do infinito em sanskrito, demais, são formadas pelo suffixo -tu, como o supino latino; occorrem geralmente em accusativo, mas na lingua vedica tambem em dativo e genitivo do singular.

O portuguez como os outros idiomas congeneres perdeu o supino, que n'uns e outros se confundia inteiramente com o participio do preterito passivo, em virtude do desapparecimento ou confusão das desinencias casuaes.

6. Participio do futuro.

O suffixo -tor, reforçado de -tar (em pa-ter, ma-ter, fra-ter, etc.) serve em latim para formar nomes de agente como vic-tor, da-tor, moni-tor, etc.; juntando-se a esse suffixo o suffixo -a formou-se o suffixo composto *-toro, -turo, formativo dos participios do futuro, como da-turo-, fu-turo, etc.

Em portuguez não ha participio do futuro; as fórmas como casadouro, immorredouro, vindouro, cõpridoiros *H. Ger.* c. 137, estabelecedoiros, *Reg.* p. 252, compecadoyra, *Idem*, p. 253, temedoyro, *Idem*, c. 2, regedoiras, *Idem*. p. 2, acendedoiro, c. 7, idoiros, c. 71, são formados pelo suffixo -douro, -doiro=lat. tor-io- em amator-io-, trans-i-tor-io-, etc. O suffixo turo- existe, porém, em os substantivos como fu-turo, ventura, provenientes evidentemente de fórmas participaes; sepul-tura, cen-sura (por *cens-tura; cp. cens-eo), usura (usura por *ut-tura), fórmas que já em latim eram empregadas como substantivos, etc.

VII. LANCE D'OLHOS SOBRE A HISTORIA DA LINGUA PORTUGUEZA

§. 1.º CLASSIFICAÇÃO GENEALOGICA DA LINGUA PORTUGUEZA

A lingua portugueza pertence a um vasto grupo de linguas perfeitamente distinctas de todas as outras falladas na terra, que a sciencia moderna estabeleceu com toda a evidencia, e que é conhecido pelas denominações diversas de *indogermanico*, *indo-europeu*, *aryano* ou *aryaco*.

Esse grupo divide-se em tres classes: a *asiatica* ou *arica*, a *europêa meridional* e a *europêa septentrional*.

A classe *arica* comprehende duas familias: 1) a *indica*, a que pertencem os modernos dialectos da India, e cuja lingua fundamental (primaria) é representada pelo *idioma do Rig Veda*, conhecido na sua fórma posterior e correcta pelo nome de *sanskrito*; 2) a *iranica*, de que só se conhecem fórmas dialectaes, e cujos mais antigos representantes são o *antigo baktrico* ou *zend*, o idioma em que está escripto o original do Zend-Avest, e o *antigo persa* das inscripções cuneiformes dos Acmnides.

A classe *europêa meridional* comprehende as seguintes familias: 1) a *grega*, representada por quatro dialectos pouco distinctos entre si; 2) a *albaneza*, de que se conhece um unico individuo, e que embora se possa estudar apenas n'uma fórma moderna revela ainda intimas relações com a precedente; 3) a *italica*, de que se podem estudar tres antigos representantes: o *latim*, o *osco*, o *umbrico*, o primeiro conservado n'um grande numero de importantes monumentos, os dous ultimos apenas em inscripções de lapides, vasos, moedas; 4) a *celtica*, cuja fórma menos alterada é o *antigo irlandez*, e de que hoje existem dous ramos: *a*) o *kymrico* dividido em tres dialectos: o do *paiz de Galles* (*welsh*), o *cornico* extincto no presente seculo, o *armoricano* da Bretanha; *b*) o *gadhelico*, a que pertencem o dialecto *irlandez*, o *gaelico* fallado na costa occidental da Escossia, e o dialecto *da ilha de Man*.

A classe *europêa septentrional* parte-se em duas familias, cedo separadas das precedentes: 1) a *teutonica*, dividida em tres ramos: *alto allemão*, *baixo allemão*, *scandinavio*, dos quaes adeante tractaremos mais miudamente; 2) a *windica*, que comprehende os dialectos *letticos* fallados na Lithuania, Kurlandia e Livonia com os dialectos *slavicos* fallados na Russia, Bulgaria, Illyria, Lusacia, Bohemia e Polonia [1].

Todas essas linguas não são mais que variedades d'um mesmo typo, a lingua original das raças indogermanicas, que ellas fallaram antes de sua separação quando habitavam a alta Asia central.

O processo por que uma lingua assim se subdivide, se reproduz indefinidamente por scissiparidade, é chamado *differenciação dialectal*. O latim chegado a certo periodo de vida passou a seu turno por esse processo, a que devia a individualidade: partiu-se em differentes dialectos, a cujo conjuncto se dá o nome de *familia romanica*.

Os principaes d'esses dialectos, aquelles que pela sua importancia litteraria teem o nome de linguas, são o *portuguez*, o *hespanhol*, o *provençal*, o *francez*, o *italiano* e o *valachio*. A formação d'este ultimo precedeu a dos outros, que, ao que parece, se formaram em quasi identicas condições. As divergencias entre elles to-

[1] N'esta divisão seguimos sobre tudo Schleicher, *Compendium der Vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen*, 2.ª Ausg. S. 5 u. 8. Para mais particularidades veja-se entre outros Max Muller, *Lectures on the Science of Language* I, 5.th ed. p. 191 a ff.

dos são pequenas, com quanto a individualidade de cada um se destaque nitidamente. A modificação do latim que os produziu resultou da collaboração de duas causas; uma, a principal, eram tendencias dissolventes que no ultimo periodo d'essa lingua se tinham tornado bem manifestas em o seu seio; outra, exterior, e, por assim dizer, puramente occasional, que permittiu a essas tendencias o transformar-se em principios de operação activa, foi a invasão do imperio do occidente pelos barbaros do norte.

§. 2.° LINGUAS FALLADAS NA PENINSULA HISPANICA ANTES DO LATIM

O latim não foi a primeira lingua fallada na Hespanha. Antes de a conquista a trazer para ella com a civilisação romana, differentes povos fallando diversas linguas se tinham aqui estabelecido.

A primeira camada de habitantes da nossa peninsula foi, segundo a opinião usual, formada pelos iberos ou eusculdanac, povo cuja origem é mysteriosa. As investigações de Guilherme de Humboldt (*Prüfung der Untersuchungen über die Urbewohner Hispaniens,* 1821) pretendiam demonstrar que os vasconços são realmente os descendentes d'esse povo, e que o basco representa o idioma que elle fallava; mas a supposição d'este sabio de que os iberos fossem um ramo dos celtas, cahiu depois que os celtas foram comprehendidos no grupo indogermanico; as relações d'estes com um povo de lingua polysynthetica são impossiveis. Além d'isso os limites geographicos dos antepassados dos bascos teem sido muito reduzidos pela critica moderna. V. Bladé, *Études sur l'Origine des Basques* (Paris, 1859). Leibnitz ao contrario de Humboldt considerava os celtas da Hespanha como descendentes dos iberos, e inclinava-se a que estes tivessem vindo da Africa (Epist. ad Guiliel. Woton § XI p. 219). Citou-se modernamente como um facto que parece confirmar esta proveniencia o suffixo *tani,* que na Africa e Hespanha indica nomes de povos, como lusitanos, turditanos, mauritanos. Conjecturou-se até que esse suffixo fosse identico á terminação *tah,* caracteristica dos nomes berberes, como Zenetah, Mezetah, etc., mas esse suffixo tem uma origem celtica ou latina ou grega, como demonstraremos em um estudo especial. (Renan, *Hist. générale des langues sémitiques* 4.ª ed. pp. 202 e seg.). Boudard (apud Renan *l. c.*) julgou mesmo descobrir semelhanças entre o alphabeto tuareg e o turdetano. A hypothese d'uma familia de linguas denominadas chamiticas, que seria representada pelo copta, berber, tuareg e outros idiomas da Africa septentrional, é por em quanto uma mera hypothese, provavel ou não provavel, e julgamos inscientifico olhar actualmente, quando nenhuma razão de valor o justifica, o basco como um ramo europeu d'essa familia, o que já se fez, ainda que d'um modo inteiramente conjectural (Alfred Maury, *La terre et l'homme* pp. 436 e 444).

O basco ou euskara não se póde comparar pelos radicaes a nenhum idioma conhecido; pela estructura grammatical, mas sómente no seu caracter geral, é com as linguas indigenas da America que offerece maiores analogias. Foi comparado tambem no systema harmonico na aproximação e combinação dos sons e no systema de conjugação com as linguas ugro-japonezas. Mas d'elle é impossivel, pelo menos actualmente, tirar-se alguma luz para a origem do povo que o falla, e n'este ponto estão reduzidos os recursos do ethnographo ás noticias imperfeitas e ás vezes contradictorias dos antigos e aos caracteres physicos da raça. Estes, sendo os do typo caucasico, apontam para a origem asiatica, algumas d'aquellas indicam vestigios da emigração dos iberos pelas Gallias para o extremo occidente, o que confirma a mesma origem. Pondo de parte a comparação já feita pelos antigos d'esse povo com o do mesmo nome no Caucaso, nenhuns vestigios da sua emigração se podem descobrir n'outras partes da terra.

Não se póde determinar com certeza qual foi a segunda camada de habitadores da Hespanha. A passagem de ligures entre os iberos e os celtas, com quanto possivel, não ha nenhum testemunho historico que nol-a faça olhar como provavel.

Na lista de povos de Varrão, lista, ao que parece, ordenada chronologicamente, veem os persas depois dos iberos «*In universam Hispaniam M. Varro pervenisse Iberos et Persas et Phoenicos Celtasque et Poenos tradit*» Plinio, *Hist. nat.* III, c. 1. Segundo Diefenbach esses persas colonos da Iberia, que em nenhum outro logar dos antigos escriptores parecem ser nomeados, eram os sarmatas, edificadores de Uxama. Cf. em Silio Italico III, 384 os «sarmaticos muros» de Uxama, e tenha-se em vista a origem iranica dos sarmatas. A falta de noticias torna, porém, tudo muito obscuro e duvidoso ácerca d'esses persas. No que toca aos outros povos indicados na lista de Varrão caminhamos felizmente em terreno mais seguro, posta de parte a questão actualmente insoluvel — se os phenicios precederam os celtas (como parece pretender Varrão) ou se os celtas precederam os phenicios. Estes dous povos são mencionados com os iberos nas mais antigas noticias geographicas da Hespanha, e segundo Strabão já os phenicios teriam occupado a melhor parte da Hespanha em tempos anteriores a Homero, o que, entende-se, designa d'um modo vago uma alta antiguidade.

Os phenicios, cuja importancia historica é bem conhecida, eram um ramo da grande familia semitico-cuschita, de que a historia nos dá a conhecer outros representantes na Assyria, na Babylonia, no Yemen e na Ethiopia. (Renan, *Histoire gén. des langues sémitiques* p. 186.) Os seus estabelecimentos nas costas do Mediterraneo datam de cerca do anno 2000 antes de

J. C., do tempo em que os Hyksos dominavam o Egypto (Ib. *o. c.* p. 182). A costa em que as suas colonias tanto prosperaram offereceu-lhes um caminho facil para Hespanha, porque a passagem do estreito nenhuma difficuldade podia offerecer a esses homens de genio maritimo.

As colonias hispanicas dos phenicios, de que a mais antiga parece ter sido Gades, foram numerosas e importantes; pelo que a lingua phenicia, dialecto do grupo semitico, muito proximo do hebraico, a julgarmos pelos seus escassos monumentos até hoje decifrados e dos quaes alguns foram achados em a nossa peninsula, deve ter sido fallada por um numero consideravel dos habitadores da Hespanha antes do dominio romano, ao sul d'esta e por uma grande extensão das praias do Atlantico. (V. Heeren apud Ticknor, *Hispanish litterature* III, p. 379).

Os celtas espalharam-se largamente por todo o espaço d'áquem Pyreneus: em vez de se reunirem em centros que podessem ter alguma força, fraccionaram-se em tribus numerosas, segundo os habitos da vida barbara.

Os celtas eram, como a sua lingua nos prova apesar de nós só a conhecermos em fórmas deterioradas, um dos ramos dos aryas ou povos indogermanicos. Os trabalhos de Zeuss, Ebel, Stokes e Schleicher lançaram depois dos de Bopp nova luz para os dialectos celticos, e Schleicher affirmou que é com a familia italica que a celtica tem mais intimas relações.

O estudo da antiga onomatologia celtica da Peninsula permitte-nos asseverar a existencia de dous dialectos capitaes, um pertencente ao ramo kymrico, como mostra *Epora*, derivado do thema *epo* (cavallo; cp. latim *equus*), que achamos em o nome gaulez *Eporedia*, etc.; outro ao ramo gadhelico, como mostram o numeral *catra* em *Catraleuca* ao lado de *Trileuci*, *Equabona*, etc.

Pelo que respeita á distincção feita pelos antigos entre os celtas peninsulares e os demais celtas por um suffixo em o nome d'aquelles (κελτικοί celtici), distincção que nem sempre foi observada, não parece ter sido mais que uma subtileza ethnographica. É pouco provavel que o suffixo grego e latino correspondesse a um suffixo em o nome de raça que a si proprios davam aquelles aryas da Hespanha.

Um outro povo, cujas colonias hispanicas tiveram muita importancia, foi o grego. Os chronologos vacillam entre 700 e 900 antes de J. C. na determinação da epocha em que os phoceos, os descobridores gregos da Iberia, fizeram a sua viagem de exploração (Herodoto liv. I. 163). As colonias gregas da Hespanha, Rhodas, Sagunto, Emporias (Ampurias), Chersoneso, Histra, Hilacti, etc., eram todas porém de fundação posterior á epocha d'aquelle descobrimento. O commercio dos gregos com a Hespanha esteve mesmo interrompido desde a viagem dos phoceos até á dos samios (Herodoto IV, 152), que os chronologos dão como feita no anno 640 antes de J. C.

Os colonos gregos foram representantes na peninsula da adeantada civilisação do seu paiz. D'elles, na opinião de Mommsen, receberam os iberos o alphabeto phenicio modificado, e não directamente dos phenicios[1]. Da origem e lingua dos gregos pouco diremos por serem bem conhecidas. Os gregos eram, como já indicámos, uma familia dos aryas, e a sua lingua uma das menos deterioradas das indogermanicas. Em quanto á opinião que olha os pelasgos como antepassados communs dos gregos e latinos, tem sido contestada; todavia a existencia d'uma classe greco-italo-celtica, possuindo particulares que a distinguem das classes arica e windico-teutonica, tem achado adherentes. Dever-se-hia crer, segundo essa opinião, que os gregos (e albanezes), os povos italicos, os celtas viveram juntos depois da sua partida da alta Asia central, e que só depois se separaram os gregos dos italo-celticos, e ainda mais tarde os italos dos celtas[2] (Cf. *Beiträge zur vergl. sprachforschung auf dem gebiete der arischen, keltischen*, etc. artigos de Ebel e Schleicher I, 429-448). Foi pelo Caucaso que os aryas entraram na Europa?

Bascos, celtas, phenicios, gregos, e ainda um pequeno numero de colonos d'outras origens, taes eram os elementos discordantes da população da Hespanha no momento em que começou o curto dominio carthaginez.

Depois da guerra dos mercenarios Carthago enviou para a Hespanha Amilcar com o seu exercito (238 antes de J. C.) A conquista da peninsula, em que o general carthaginez empregara todos os recursos da violencia e da politica, ia já adeantada quando elle foi morto n'uma batalha contra os lusitanos (229). Seguiram-se-lhe successivamente no commando Asdrubal seu genro, que cahiu ás mãos d'um escravo gaulez, e Annibal seu filho. Em 219 a familia dos Barcas era senhora de toda a Hespanha para áquem do Ebro, onde um tractado com os romanos tinha feito parar Asdrubal. Os odios que tinham suscitado a primeira guerra punica foram de novo incendidos por Annibal com a tomada de Sagunto, cidade onde havia uma população mixta de gregos e romanos. D'esta declaração de guerra, confirmada deante de deputados de Roma, resultou a passagem de tropas romanas para a peninsula. Duas legiões commandadas por Cneu Scipião punham os pés na Hespanha no momento em que Annibal, depois de ter completado aqui a obra da conquista matando 40:000 vaccanos e carpetanos e destruindo os olcades junto a Toledo, entrava em Italia (218). A principio

[1] «Die griechischen Kolonien (Iberiens) theilten sowol ihren italischen Stammverwandt und Nachbarn, als den Iberern und Kelten ihre von den Phoeniken empfangene Schrift mit; nur in wenigen Fallen mag diese von den Phoeniken unmittelbar zu den Volkern des Westens gekommen sein.» Diefenbach, *Origines Europaeae*, S. 159.

[2] Essa é a idéa de Schleicher; outros, porém (v. Delbruck-*Zeitschrift* I, VIII) suppõem uma relação particular entre o grego e arico; ha ainda outras opiniões differentes.

ganhou Cneu Scipião grandes vantagens sobre as tropas que Annibal deixara na peninsula, e quando seu irmão Cornelio se lhe veio juntar, as cousas corriam-lhe prosperamente. Mas com a vinda d'um principe numida e seu exercito a posição dos Scipiões tornou-se insustentavel: separaram-se julgando vencer assim as difficuldades, mas perderam-se.

Um outro dos Scipiões, Publio, que a historia conhece pelo epitheto de Africano, veiu reconquistar para Roma o terreno que a desgraça de seu irmão fizera perder. Da epocha da sua passagem (211) póde datar-se o estabelecimento do dominio romano na peninsula, dominio que abalado pelas luctas de algumas tribus, principalmente dos lusitanos insurreccionados em 153 por um emissario de Carthago e mais fortemente pela guerra de Sertorio (82—71 antes de J. C.), ficou inteiramente assente e em paz do tempo de Augusto até á invasão dos barbaros.

Sob a influencia benefica da civilisação romana os elementos discordantes da população hispanica foram reduzidos á unidade. A *tribu* desappareceu, a *nacionalidade* surgia.

§. 3.º VULGARISAÇÃO DO LATIM NA HESPANHA

Para Roma a conquista não consistia no facto material da occupação do solo: era mister que os povos vencidos se submettessem á sua civilisação. Ella queria que os barbaros fossem seus meros tributarios, senão que se tornassem cidadãos romanos. O celta, por ella vencido, devia deixar de ser celta, a idêa da cidade devia inocular-se em seu espirito, e o imperio romano ser sua patria.

Os habitos da vida barbara cediam facilmente deante das vantagens d'uma civilisação adeantada: os theatros, os amphitheatros, as naumachias, as disputas forenses, as dignidades civicas e militares, emfim tudo o que constituia o apparato exterior, a *fórma* do mundo romano era para o celta e para o ibero um quadro cheio de encantos. A conquista como Roma a entendia achava-se por tanto facilitada por esses poderosos meios de attracção.

Os antigos escriptores não nos deixaram sufficientes noticias do modo porque se operava a romanisação dos barbaros, mas sabemos que um dos pontos para que mais convergiam os esforços dos conquistadores era fazer esquecer áquelles a sua lingua [1], já porque elles conheciam que a lingua é um dos mais fortes laços de nacionalidade, já porque era pela sua lingua que o barbaro repugnava mais á delicadeza romana, e que elle lhe parecia verdadeiramente *barbaro* [1]. Essa denominação, a unica desprezivel que os romanos davam aos que não fallavam latim, contem, como Lassen, Kuhn e Pictet inteiramente demonstraram, a idêa de *gaguejo, balbuciamento,* e é talvez identica ao lat. *balbus.* A palavra *barbarismo,* lat. *barbarismus,* grego βαρβαρισμος, como todos sabem, tem o sentido de erro grammatical. Denominações de semelhante significação são dadas por diversos povos aos que não fallam a sua lingua (Renan, *Origine du langage* 4.º ed. 178; cp. Littré, *Dictionnaire de la lang. franç.* s. v. barbare, Fauriel, *Histoire de la poésie provençale* II, p. 200, Diez, *Grammatik* I, 437, n. ** etc.) Os gregos chamaram tambem aos barbaros αγλωσσον, os que não teem lingua, mudos.

N'esse preconceito de orgulho nacional está sem duvida uma das principaes causas por que as linguas barbaras desappareciam rapidamente sob a pressão da conquista romana, que deu em resultado que se tornasse idioma d'uma parte consideravel do mundo antigo o latim que a principio não era mais do que um dos numerosos dialectos dos povos da Italia. Antes de os povos italicos terem sido reduzidos á unidade romana, fallaram-se na Italia o etrusco, idioma que possuiu uma litteratuara e que se julga ser um ramo do grupo semitico, e que portanto nenhum parentesco tinha com o latim, ao sudoeste; o sabellico e o volsco ao centro, o umbrico ao sueste, o osco ao sul, todos dialectos da familia italica, e dos quaes um, o osco, parece ter sido lingua litteraria (Schleicher, *Comp.* S. 107); o gaulez d'um e outro lado do Pó, e o grego na Lucania, Apulia e Calabria, onde pouco e pouco fez desapparecer o messapico. Ao passo que a conquista romana se estendeu sobre os povos que os fallaram, esses idiomas foram desapparecendo, primeiro o sabellico, depois o etrusco em resultado da guerra marsica, o osco entre o tempo de Varrão e Strabão, o gaulez com a submissão da Gallia cisalpina, o grego com a do sul; e o latim tornou-se assim a lingua commum da peninsula italica. Um phenomeno identico ao que se realisou n'esta ultima se deu na Dacia, na Gallia, na Hespanha, se bem que uma ou outra parte d'estas ultimas escapou á romanisação.

Chegado á nossa peninsula encontrou o latim não em zonas nitidamente separadas, mas, por assim dizer, entrelaçados, os diversos idiomas de que tractamos no §. 2.º: o *euscara* polysynthetica, o *celtico* e o *grego,* dialectos indogermanicos, e o *phenicio,* dialecto semitico, representado pelos seus dous subdialectos, o *oriental* ou phenicio propriamente dito e o africano ou *punico* fallado pelos carthaginezes, sendo o ibero evidentemente fallado por um menor numero de habitan-

[1] É bem conhecida a passagem de Santo Agostinho: «*Opera data est ut imperiosa civitas non solum jugum, verum etiam linguam suam domitis gentibus per pacem societatis, imponeret per quam non deesset imo et abundaret interpretum copia.*»

[1] Parece-me hoje antes que do horror dos romanos pelos idiomas dos barbaros, e da natureza da administração romana além das causas acima indicadas, da superioridade da civilisação.

tes que qualquer dos outros, e foi successivamente fazendo-os desapparecer.

São escassissimos os dados para o conhecimento da duração e historia da destruição d'esses idiomas, e poderiamos duvidar, não indo além da lettra estreita dos textos historicos, que a destruição tivesse sido completa, ainda fóra do paiz basco, que não foi romanisado, e pensar que alguma cousa mais que um pequeno numero de vocabulos tivesse d'elles escapado.

Strabão offerece-nos n'uma passagem, que passamos a transcrever como se acha traduzida pelo snr. Alexandre Herculano (*Historia de Portugal* I, 42), os mais importantes d'esses dados que nos deixaram os antigos: «Acrescem á bondade do clima que disfructam os turdetanos a brandura e a civilisação, o que, segundo Polybio, é tambem commum aos celticos pela visinhança e parentesco, posto que em grau menor por habitarem de ordinario em logarejos. Os turdetanos, porém, principalmente os das margens do Betis, tomaram de todo os costumes romanos esquecendo até a propria lingua, e muitos, tornados latinos, receberam no seu seio colonos de Roma, faltando pouco para serem inteiramente romanos. As cidades ultimamente edificadas, Beja entre os celticos, Merida entre os turdulos, Saragoça entre os celtiberos, e varias outras colonias provam essas mudanças de aspecto da sociedade. Aos hespanhoes que seguem este modo de viver chamam stolados ou togados, entrando n'este numero os celtiberos tidos n'outro tempo pelos mais feros e desconversaveis de todos.»

Outras passagens testemunham pela existencia das linguas antigas no tempo em que viviam seus auctores: *Similes enim sunt dii, si ea nobis objiciunt, quorum neque scientiam neque explanationem habeamus, tanquam si Poeni aut Hispani in senatu nostro sine interprete loquerentur,* diz Cicero (*De divinatione* II, 64). Tacito nos conta que um paizano termestino, que matara Pisão, pretor da sua provincia, sendo-lhe perguntado quem eram os seus cumplices: *voce magna, sermone patrio, frustra se interrogar clamitavit* (*Annales* IV, 45). Plinio (*Hist. nat.* III, 1) menciona a lingua dos celticos e celtiberos. Strabão (apud A. Herculano, o. c. I, 33) notícia diversidade de linguas na peninsula. Silio Italico, III, v. 346, referindo-se ao tempo de Annibal, senão tambem ao seu, menciona a lingua dos gallaicos

«.... Gallaeciae pubem
Barbara nunc patriis ululantem carmina linguis.»

Mas nenhuma outra passagem que indique a existencia d'uma lingua peninsular diversa do latim antes da invasão dos barbaros e em tempos posteriores a Silio Italico, que floresceu na segunda metade do primeiro seculo, foi ainda descoberta, e já Aulo-Gellio (l. 19, c. 9) dá o latim como *lingua patria* d'um hespanhol. Duarte Nunes (*Origem da lingua port.* c. VI) traslada uma inscripção, que diz ter sido achada em Ampurias (antiga Emporias), e em que se lê que os moradores gregos d'aquella cidade «*in mores, in linguam, in jura, in ditionem cessere romanam.*» A authenticidade da inscripção tem sido porém posta em duvida, mas o facto do desapparecimento do grego, assim como do phenicio, nas colonias onde eram fallados não deixa por isso de ser um facto menos certo, com quanto não seja possivel determinar a epocha em que cada colonia se romanisou. A existencia d'uma lingua dividida em dialectos quasi identicos, estendendo-se por todo o espaço da peninsula hispanica submettido aos romanos, attesta pela destruição total de todos os idiomas de tão diversa natureza (dialectos semiticos indogermanicos, um idioma polysynthetico) n'elle fallados antes da conquista romana, porque como nenhum d'esses idiomas póde ser imposto pelo povo que o fallava aos seus visinhos, é evidente que essa lingua quasi uniforme por toda a peninsula romanisada não vai entroncar em nenhum d'elles, senão n'um, que a todos elles fez desapparecer. Busque-se pois qual foi o povo que por uma arte refinada de conquista conseguiu levar a Hespanha a unidade em todos os elementos que constituem a nacionalidade (instituições politicas e religiosas, o amor da patria, a lingua), e na lingua d'esse povo se achará a razão de ser dos dialectos da peninsula fóra do paiz basco. Alargando o argumento com abundantissimos dados historicos resolver-se-hia o problema (problema que não existe em nenhum espirito serio) da origem do portuguez e do hespanhol quasi inteiramente no campo da historia.

A litteratura latina teve na Hespanha uma segunda patria. Já Horacio chamava douto ao ibero:

.......me peritus
Discet Iber,... lib. II, *Od.* XX, 19-20.

e quando Lucano e Marcial, filhos de Hespanha, escreviam, nenhuma outra parte do imperio lhes oppunha talento egual. Os dous Senecas, Columella, o agronomo, Porcio Latro, o professor de Ovidio e Augusto, eram hespanhoes e talvez que Silio Italico e Quintiliano tivessem a mesma origem.

Estes e outros factos mostram-nos quão profundamente se arreigara a civilisação romana em a peninsula, e em nenhuma outra parte depois da Italia os seus effeitos foram tão extensos como aqui.

Ahi está o segredo do desapparecimento das linguas primitivas da Hespanha, ás quaes mesmo o lexico das modernas muito pouco deve, desapparecimento por certo gradual e cujo termo não póde ser determinado, mas já tão adiantado no tempo de Plinio e Columella, que a maior parte das palavras que estes e outros escriptores anteriores ou pouco posteriores nos dão como hespanholas são meros idiotismos latinos ou

passaram para a Hespanha por intermedio do latim. Por exemplo, Columella (v, 1) dá *acnua* e *porca* como termos empregados pelos rusticos da Betica:... *Hunc actum provinciae Boeticae rustici* acnuam *vocant, iidemque XXX pedum latitudinem et CLXXX longitudinem* porcam *dicunt*. Ora *acnua* é dada por Varrão (*De re rustica* I, 10) como palavra latina, e é a gr. ακαινα ou ακενα; e *porca* (sobre *porca* vid. *Ztschrift*) que em nenhum outro auctor latino se encontra, corresponde organicamente ao all. *furche* (sulco) pelas leis que regulam as permutações phoneticas nos dialectos indogermanicos (lei de Grimm), e essa lei aponta-nos a palavra como latina. Cf. para o que toca o sentido o portuguez *leira*, lat. *lira* [1].

§. 4.º DO LATIM VULGAR. ORIGEM DAS LINGUAS ROMANAS

Tem-se dito muita vez que o latim fallado pelo povo de Roma e das provincias não era identico ao latim classico, o que, como Diez observa, não tem necessidade de prova, porque se é até «auctorisado a exigir a demonstração do contrario como uma excepção á regra.» Effectivamente por toda a parte o fallar vulgar differe na incorrecção, na inobservancia contínua das normas grammaticaes, da linguagem escripta das pessoas instruidas, da phrase correcta e harmoniosa do orador admirado, e além d'isso o povo emprega um grande numero de expressões cuidadosamente evitadas na litteratura. Seria, pois, erro pensar que o camponez romano fallava como o patricio no fôro, ou que um simples legionario podesse escrever uma carta como as de Cicero, mas seria tambem erro concluir d'ahi que a linguagem do camponez romano differia na estructura da do patricio, que eram duas linguagens distinctas, ou ainda mesmo que estavam uma para a outra na relação de dialectos. As denominações que os antigos dão a esse fallar popular de lingua *rustica, quotidiana, pedestris, sermo vulgaris*, etc. (Ducange, *Præf. ad gloss.*, XXXIII), não bastam para construir o imaginoso systema alguns eruditos da Italia, que viam n'elle puro italiano, systema a que muitos escriptores se teem inclinado, suppondo que as particularidades que fazem differir as linguas romanicas do latim existiam mais ou menos pronunciadas na linguagem do povo romano. Sabios despreconceituados, profundamente versados no estudo do latim em todos os periodos da sua vida, declararam tal systema absurdo [1].

Que no latim rustico se manifestassem tendencias para a dissolução de algumas fórmas grammaticaes, que n'elle como no latim classico existissem em germen todos os processos analyticos das linguas romanas é um facto innegavel; mas que o latim rustico differisse do latim classico a ponto de constituir uma lingua ou mesmo um dialecto á parte, só com completo desconhecimento dos factos póde ser affirmado.

Os grammaticos gregos reconheceram a existencia dos dialectos da sua lingua e classificaram-nos com certa exacção: os grammaticos latinos, que applicaram tanto quanto era possivel á lingua de Roma as theorias dos seus mestres gregos, em parte alguma nos fallam de dialectos latinos, o que não deixariam de fazer se elles tivessem existido bem distinctos; do latim castrense ou rustico só nos citam palavras com as terminações do latim classico, ou corrupções phoneticas e erros de grammatica do genero d'aquelles de que poderiamos colher grande numero da bocca do nosso povo, e do que elles nos dizem d'esse latim unicamente se conclue que o olhavam como um modo baixo de fallar, e não como uma lingua differente d'aquella em que escreviam.

É por uma falsa idêa da linguagem que se imagina que as camadas inferiores da sociedade romana não podiam expressar-se n'uma lingua tão complicada como a que lêmos em Virgilio, e que se reduz esta á condição d'um idioma artificial, especie de phraseologia cortezã para o uso dos iniciados. Ha povos selvagens, que teem linguas muito mais complicadas que o latim, e o latim mesmo n'um periodo de vida anterior áquelle em que começou a ser fixado pela escripta tinha sido muito mais rico de fórmas grammaticaes do que o vêmos na epocha classica, como demonstra a grammatica comparativa. N'esse periodo prehistorico da sua existencia tinha passado por largas revoluções, de que revela os traços profundos quando o comparamos com os outros idiomas do seu grupo, revoluções que, se assim nos podemos exprimir, tinham semeado a ruina em o seu organismo. Mas sob a influencia da cultura litteraria deteve-se o curso d'essa decadencia, a lingua quasi se immobilisou, regularisou-se, submetteu-se á disciplina grammatical e a uma disciplina grammatical tão energica, que poucas linguas a terão por certo egual. Numerosas obras litterarias e os monumentos epigraphicos espalhados pelo vasto campo do imperio do occidente nos attestam que o escrever correcto era dote vulgar, e que o barbarismo vivia n'uma barreira limitada d'onde o não deixavam sahir os pedantes da escóla. A mesma gente do povo sabia melhor grammatica do que se tem

[1] Para o estudo dos vocabulos dados pelos antigos escriptores como hispanicos, v. Diefenbach, *Origines Europaeae — Lexikon* nrr. 4, 21, 24, b. 27, 34, 38, 46, 75, 87, 94, 102, 103, 105, 109, 113, 127, 129, 131, 143, 159, 167, 186, 215, 222, 230, 233, 246, 277, 303, 308, 328, 348.

Diez (*Grammatik* I, 91) olha tambem como hispanico o derivado *focaneus* de *faux* em Columella, IV, 24 apresentado como fórma da lingua rustica, mas sem indicação do logar em que era usado, o que torna duvidoso que elle fosse realmente hispanico, por quanto Columella podia tel-o colhido na Italia, onde viveu.

[1] Por exemplo Corneswal Lewis, *Essay on the Origin and formation of the Romance languages*, 2.ª ed. pp. 10, seqq., Diez, *Poesie der Troubadours*, s. 288.

julgado. Podiamos accumular aqui provas d'estas asserções: bastará uma.

Varrão (*De lingua latina*, VIII. 6) diz-nos que, apenas algumas palavras novas se introduziam na lingua, toda a gente as declinava logo sem difficuldade: *itaque novis nominibus allatis in consuetudinem, sine dubitatione eorum declinatus statim omnis dicit populus*, e que os escravos comprados de novo para uma casa onde tinham numerosos companheiros, mal conheciam o caso recto do nome d'estes, o faziam passar por todos os casos obliquos: *etiam novicii servi empti in magna familia cito omnium conservorum nominis recto casu accepto in reliquos obliquos declinant.*

O erudito Aldrete reuniu tambem algumas passagens interessantes, que dão força á these por que combatemos (*Origen y principio de la lengua castelhana*, Madrid 1674. fol. 10 b. e sqq.)

Em summa, para que a opinião que olhamos como destituida de fundamento fosse tida por demonstrada, era mister provar os seguintes pontos:

1.º Que no latim popular havia artigo.

2.º Que no latim popular não havia casos.

3.º Que no latim popular não havia neutro.

4.º Que no latim popular não havia voz passiva.

5.º Que no latim popular os verbos eram privados dos tempos que faltam nas linguas romanas.

Etc.

Todas as riquezas grammaticaes por que o latim classico se distingue das linguas romanas existiam no latim popular, mas de cada vez mais obscurecidas pela pronuncia desleixada das classes baixas, tendendo sem cessar a serem supprimidas por processos analyticos que dessem á phrase a clareza que a alteração phonetica lhes tirava. Mas essas tendencias tinham um limite que lhes impunha a cultura litteraria, como já dissemos: ora, se uma revolução politica lança essa cultura por terra, essas tendencias irão por diante sem o minimo obstaculo e os effeitos que n'ellas germinam apparecerão em todo o seu desenvolvimento.

Achamo-nos assim levados a olhar o latim rustico como a origem das linguas romanas, e o momento em que estas se começaram a destacar perfeitamente do fundo commum não anterior á invasão do imperio do occidente pelos barbaros [1].

§. 5.º OS BARBAROS E OS ARABES NA HESPANHA

Pelos annos de 409 os vandalos e os alanos e suevos, partidos do norte, precipitaram-se através dos Pyreneos em a nossa peninsula.

Collocados em baixo gráo de civilisação, animados pela sêde ardente do ouro e da carnificina que caracterisava o barbaro, essas tribus deixaram na Hespanha memoria amaldiçoada. A sorte decidiu do logar que cada uma d'ellas havia de occupar (Orosio ap. Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a historia do governo*, etc., p. 16): aos alanos coube a Lusitania e a Carthaginense, aos vandalos e suevos a Gallecia e a região hoje denominada Castella a velha, aos silingos, ramo dos vandalos, a parte da Betica a que se chama Andaluzia.

Pouco sabemos ácerca d'essas raças que interesse ao nosso proposito. Os alanos eram povos de origem iranica, e os ossetas actuaes são talvez representantes da sua raça (Diefenbach, *Origines*, s. 67): os suevos e vandalos eram germanos (*Ibidem*, s. 192).

O dominio d'ellas na peninsula não foi longo: as guerras reciprocas e as lutas com os visigodos, que pouco depois atravessaram os Pyreneos, obrigaram os vandalos a passarem para a Africa, d'onde nunca voltaram, e destruiram quasi inteiramente os alanos, cujos restos se uniram aos suevos. Estes adquiriram poder na Betica e na Lusitania, mas enfraquecidos pela guerra incessante já com os ultimos restos das tropas romanas conservados na Hespanha, já com os visigodos, pouca duração teve a sua independencia: o seu ultimo rei Audica cahiu nas mãos dos visigodos em 585.

Os visigodos, ou godos do occidente para os distinguir dos ostro ou ostogodos, godos do oriente, eram um dos principaes ramos da raça germanica e os menos rudes dos barbaros do norte. No tempo de Valerio e Gallieno tinham feito uma exploração á Gallacia e Cappadocia, d'onde tinham trazido escravos christãos, que foram os primeiros que lhes fizeram conhecer a religião do Evangelho. A traducção em gotico [1] da Biblia pelo celebre bispo Ulfilas contribuiu muito para abandonarem a sua religião naturalistica pelo christianismo.

Chegados á Hespanha, os visigodos foram acolhidos como amigos e auxiliares contra as tribus que a assolavam (Mariana, lib. V, c. 2), e o seu dominio estabeleceu-se sem difficuldade da parte da população romana. Em 476 Odoacer era rei de Roma, e a dynastia visigotica da Hespanha foi depressa reconhecida por elle.

A transformação operada pelos barbaros no imperio do occidente, despedaçado e dividido entre seus chefes, é bem conhecida. Na convulsão geral da sociedade submergiu-se a cultura litteraria. As escólas desappareceram e a ignorancia da edade media surgiu, não só por um effeito natural do grande cataclysmo, mas ainda em resultado da repugnancia que o bar-

[1] O valachio, como já dissemos, formou-se mais cedo que as linguas irmãs. Já em 270 o imperador Aurelio cedera a Dacia aos godos.

[1] O habito consagrou um modo errado de escrever a palavra gotico com *h* (gothico). A verdadeira orthographia é a que seguimos. V. S[illegible] 147 anm. 2.ª ed.

baro tinha pela educação intellectual, em que julgava estar a causa principal da effeminação em que via os romanos [1]. Tem sido muitas vezes citada a passagem em que Procopio diz que os barbaros não queriam que os seus filhos fossem instruidos em qualquer sciencia: «porque (dizem elles), a instrucção nas sciencias tende a corromper, enervar e deprimir o espirito; e o que se acostumou a tremer sob a vara do pedagogo, jámais olhará para uma espada ou lança com olhar destemido.» Só a gente da egreja guardou uns restos miseraveis da antiga cultura, mas a sua aversão pelo paganismo, lançando um traço negro por sobre as obras dos escriptores gregos e romanos, cavou mais fundo o abysmo de ignorancia em que cahiu a Europa occidental. O ultimo que na Hespanha visigotica tentou escrever latim com correcção, o sabio S. Isidoro de Sevilha, prohibiu aos monges que estavam sob sua direcção a leitura dos escriptos dos pagãos (Ticknor, *H. of spanish Litterature,* III, p. 385).

A necessidade de os barbaros communicarem com as populações conquistadas exigia que uns adoptassem a lingua dos outros. Deu-se um phenomeno ao primeiro aspecto singular: em vez de os conquistadores imporem a sua lingua aos conquistados succedeu o contrario. As causas d'esse phenomeno estavam em que a população romana era em maior numero que a dos barbaros, e em o latim ter sido adoptado como lingua da egreja e da lei. Esse phenomeno deu-se em toda a Europa latina, e o facto de a lingua do barbaro de origem germanica ser primordialmente a mesma que o latim, por certo não o facilitou muito, pois quando essas linguas se acharam em contacto já um abysmo existia entre ellas, e só n'um ou n'outro ponto o barbaro podia achar analogias entre o latim e a sua lingua [2].

É difficil determinar a epocha em que os visigodos da Hespanha tinham abandonado inteiramente a sua lingua. «Em quanto os visigodos professaram o arianismo, gozou a sua lingua d'uma vantagem que faltou ao frankico e ao lombardo: era ella usada na vida ordinaria, mesmo na egreja. Depois que o rei Recaredo se converteu ao catholicismo (586), e a todos os seus vassallos sem consideração de origem foi concedido direito egual, a fusão dos germanos e romanos, favorecida por elle e seus successores, realisou-se mais promptamente que em qualquer outra parte, com prejuizo da lingua gotica.» (Diez, *Grammatik,* I, 64-65).

Os barbaros, além da influencia indirecta que tiveram sobre a formação das linguas romanicas, pela desordem em que lançaram os povos de lingua latina, concorreram directamente tambem para a alteração d'esta. Numerosos idiotismos e sobretudo vocabulos importantes que em as novas linguas se encontram devem a sua existencia aos conquistadores germanicos. Mas não se deve julgar por isso que elles só por si expliquem a dissolução do latim, que, tendo recebido este puro da bocca da população romana, por uma troca singular lh'o tenham restituido corrupto. Tal explicação, que todavia tem sido muita vez dada, é, senão absurda, pelo menos insufficientissima. A causa da decadencia do latim estava n'elle proprio: é mister ter sempre no espirito esta idéa. A invasão dos barbaros excitou essa causa, não a trouxe comsigo.

Não foi ao primeiro choque da lingua dos conquistados com as dos conquistadores que aquella se despedaçou em dialectos: a creação d'estes foi lenta, gradual, mas unicamente pela inducção podem ser estabelecidos muitos dos seus diversos momentos por não termos documentos directos que nol-os revelem, porque só n'um periodo já adeantado das suas transformações é que as linguas romanicas começaram a ser escriptas.

Uma questão importante nasce aqui: quando tinha o portuguez adquirido pouco mais ou menos a fórma em que o conhecemos? Não é por conjecturas nem dados historicos que ella se resolve: pôl-a-hemos por tanto de parte até que dados d'outra ordem possam ser comprehendidos, e o mesmo faremos a outras questões com esta connexa, como as não menos importantes — se o portuguez é uma lingua independente ou (o que já tem sido affirmado) um dialecto do hespanhol, ou (o que pretendeu o francez Raynouard) um dialecto do provençal. A opinião dos que olhavam a nossa lingua como uma variedade da hespanhola e a de Raynouard cahiram sem duvida em descredito, mas os argumentos em que se fundam os que teem combatido essas opiniões no verdadeiro campo, são pouco conhecidos para que nos julguemos dispensados de os examinar e desenvolver de novo quando viermos a considerar no seu conjuncto o processo da formação do portuguez.

Resta-nos fallar do povo que, arrancando a Hespanha ás mãos dos godos e trazendo para ella a sua civilisação adeantadissima, devia naturalmente deixar em as linguas da peninsula vestigios da sua presença.

Em 711 a traição do conde Julião introduziu os arabes na Hespanha, e os triumphos de Tarik e Musa decidiram em breve da sorte do imperio visigotico. O dominio musulmano estabeleceu-se com rapidez, e tres annos depois d'aquella data toda a peninsula se tinha

[1] A epocha de maior decadencia litteraria na Hespanha é do tempo dos primeiros reis d'Oviedo e Leão. V. Dozy, *Recherches*, t. I.

[2] Cp., por ex., o pres. do ind. do verbo *haver* em lat. *habere* com o got. *habam*:

Habeo	Haba
Habes	Habais
Habet	Habaith
Habemus	Habam
Habetis	Habaith
Habent	Habant.

Analogias tão apparentes como esta eram porém rarissimas, e só o nosso seculo póde descobrir o intimo parentesco do gotico e do latim.

submettido aos novos conquistadores até ás montanhas das Asturias e Byscaia, detraz das quaes Pelayo se refugiara com os ultimos defensores da Hespanha.

A mistura da população christã com a musulmana foi intima, mas não se repetiu, o que já duas vezes se dera na Hespanha: nem os conquistados nem os conquistadores abandonaram a propria lingua. O arabe, dialecto semitico, absorveu os outros dialectos da sua familia que encontrou onde o levou a conquista, mas uma forte resistencia se oppunha a que os idiomas peninsulares passassem pelo mesmo processo de absorpção. Entre as linguas semiticas e as linguas indogermanicas ha profundissimas differenças, que abrangem todas as ramificações dos seus organismos. Para que a immensa distancia que havia entre o idioma dos arabes e o dos seus vassallos hispanicos fosse vencida, era necessario que a assimilação d'estes tivesse sido muito intima, e o dominio d'aquelles tivesse maior duração do que teve. Não vêmos nós o persa escripto com caracteres arabes, cheio de palavras tambem arabes, conservar a sua grammatica iranica debaixo do jugo estrangeiro? Se considerarmos que o dominio arabe na peninsula, com quanto só fosse inteiramente destruido em 1492, começou muito cedo a vêr os seus limites estreitarem-se cada vez mais, e que os christãos se *misturaram* mas não se *assimilharam* aos conquistadores, aquirindo os habitos exteriores d'elles (mosarabes) e não abandonaram a sua religião um momento, comprehenderemos as razões por que a influencia do arabe sobre o hespanhol e o portuguez se reduziu á introducção n'estes d'um numero bastante consideravel de vocabulos, e de modo algum se estendeu á grammatica. É até errado suppór que o arabe tenha influenciado o consonantismo do hespanhol. Diez (*Grammatik*, I, 308, n.º 366-37) e Delius (*Romanische Sprachfamilie*, s. 29) provaram que a guttural aspirante *j* dos nossos visinhos de modo algum póde ser olhada como de origem arabe. O *h* aspirado e os outros sons que o hespanhol possue a mais que o portuguez e a que se attribuiu similhante origem, nenhum direito teem tambem a tal genealogia [1].

O portuguez e o hespanhol conservaram um grande numero de palavras recebidas do arabe que teem sido objecto d'estudos mais ou menos scientificos. Os mais methodicos são os ultimos de Engelmann e Dozy.

§. 6.º O PORTUGUEZ LINGUA ESCRIPTA

Vendo tantas raças, tão grandes revoluções politicas succederem-se na peninsula hispanica n'um periodo em que a lingua do povo não era escripta, e uma giria de tabelliães e da gente da egreja, que tomava o nome pomposo de latim, era a unica lingua que se escrevia, e ainda só nos casos de grande necessidade, suppor-se-hia que essa lingua do povo se tornaria de cada vez mais informe e adquiriria o caracter d'uma verdadeira monstruosidade. Mas não succedeu assim, nem podia succeder. As modificações que se produzem na linguagem são um resultado de suggestões da razão espontanea e da actividade das leis fataes do organismo physico do homem, e n'uma e n'outras se manifestam as tendencias regularisadoras da natureza, não o capricho do acaso. As linguas produzidas no meio do cahos social hão-de ser por fim bellas, cheias de vitalidade e coherencia, capazes de exprimir as mais altas especulações do espirito. É na bocca do povo, da massa rude e ignorante, que ellas se formam, e por isso trahem a cada passo as concepções ingenuas d'esse poeta sem artificio. Renegadas a principio pela classe sábia, chega porém sempre o dia do seu triumpho. Assim o latim barbaro da edade media teve que ceder o logar por toda a parte ás linguas romanas como superiores a elle, que pretendia ser imitação d'uma idioma cuja tradição se perdera.

A substituição das novas linguas á giria dos tabelliães e ecclesiasticos fez-se lentamente, e apenas desde certa epocha podemos observar os seus progressos. O portuguez só nos apparece escripto do seculo XII por deante, mas nos mais antigos documentos em latim barbaro dos nossos cartorios já se encontram muitas fórmas da nossa lingua [2]: porém os primeiros que se conhecem em puro portuguez são uma *noticia particular* de Lourenço Fernandes, sem data mas que remonta ao reinado de D. Sancho I (J. P. Ribeiro, *Dissert. chron. criticas* I, p. 182), e uma *noticia de partilhas* datada do mez de março da era MCCXXX (anno 1192), publicadas por Pedro Ribeiro pela primeira vez (o. c. I, doc. n.º LX, e doc. n.º LXI). Depois d'estes só começam a apparecer outros do reinado de D. Affonso III em deante, de que o primeiro é datado da era 1293=1255 e ainda muito escassos em numero até ao tempo de D. Diniz (J. P. Ribeiro, *Observações de diplom.* I. p. 91), em que a lingua portugueza ganhou uma grande importancia. Julgou-se até que este rei a tivesse feito usar por lei nos papeis publicos, á imitação do que na Hespanha fizera Affonso X, mas essa supposição foi combatida com bons argumentos por Pedro Ribeiro (l. c.)

[1] Suppõe-se, por ex., que o hesp. *j* é o ar. *ch* (cha خ), mas basta notar para demonstrar a falsidade de tal supposição que nunca nas palavras arabes que se encontram alteradas no hespanhol o *ch* original se acha representado por um *j*, mas sim sempre por um *f* mudado mais tarde em *h*, ou mais raramente por *c*: assim *alfange* (ar. alchangar), ant. *rafez*, mod. *rahez* (ar. rachiç).

[2] N'uma carta ap. *Chronicon Idatii*, que se diz ter sido passada pelo governador arabe de Coimbra Alboucem Iben-Mahumet Iben-Tarif em 734, apparecem algumas fórmas portuguezas como *bispo*, etc. Raynouard (*Choix des Troubadours* I, p. XI) Guilherme Schlegel (*Observations sur la langue et litt. prov.* p. 49), Agostinho Duran (*Romancero general. Discurs. prel.* p. 4. 2.ª ed.) e outros não duvidaram da authenticidade do documento citado e allegam-o para fundamentar as suas opiniões sobre a formação das linguas romanicas. Southey e Gibbon (ap. Corn. Lewis, *Romance languages*, 2.ª ed. p. 106 n.) citam-no com desconfiança, mas Corn. Lewis inclina-se a favor da sua genuinidade. Diez (*Grammatik* I, 102 anm. **) olha-o como falso com a auctoridade de Lembkes (*Geschichte von Spanien* I, 314).

Este nosso erudito pensava que a razão da substituição do portuguez ao latim estava na ignorancia que havia do ultimo, mas tal explicação, com quanto attendivel, não é sufficiente. A importancia que o portuguez adquiriu repentinamente, e que o fez adoptar quasi em todos os documentos publicos, resultou da introducção da cultura poetica na côrte portugueza. Aos tabelliães e aos ecclesiasticos que sabiam escrever, e cujo numero era pequenissimo, não podia mais repugnar o uso d'uma lingua que o rei empregava nas suas canções.

Ficaram-nos monumentos d'essa poesia da côrte, de que alguns ainda estão ineditos. Os que se acham publicados são: *Cancioneiro de D. Diniz,* ed. por Caetano Lopes de Moura, Paris 1847; *Fragmentos de um cancioneiro na livraria do collegio dos nobres de Lisboa,* ed. por Carlos Stuart, Paris 1823, de que deu melhor e mais completa edição o snr. Francisco Adolpho Varnhagen com titulo de: *Trovas e cantares de um codice do XIV seculo: ou antes mui provavelmente «o livro das cantigas» do conde de Barcellos,* Madrid 1849. Entre a linguagem de cada um d'estes cancioneiros não ha differença importante que nos auctorise a olhar um ou outro como mais antigo. As suas unicas differenças consistem no *estylo,* mais apurado no de *D. Diniz.*

Do periodo que decorre de D. Diniz até esse monarcha, ou pelo menos até aos ultimos annos do reinado de D. João I, a litteratura diplomatica é quasi a unica que podemos estudar. O poema sobre a batalha do Salado por Affonso Giraldes está perdido para nós. A pequena lenda de Santa Isabel publicada por F. Brandão na 6.ª parte da *Mon. Lusitana,* a traducção da *Regra de S. Bento* publicada por fr. Fortunato de S. Boaventura no 1.º vol. da *Collecção dos ineditos portuguezes dos seculos XIV e XV,* a *Chronica breve* do Archivo Nacional (*Portugaliae monumenta historica, Scriptores* I, p. 22-23), o *Livro velho das linhagens,* o *Nobiliario do collegio dos nobres,* a parte mais antiga do *Nobiliario do conde D. Pedro* pertencem a esse periodo. D'estes tres nobiliarios deu a Academia das Sciencias de Lisboa uma excellente edição nos *Portugaliae mon. hist., Script.* I, collecção organisada com a proficiencia que era de esperar do seu director, o snr. Alexandre Herculano. N'outra divisão d'ella (*Leges et Consuetudines*) foram já publicados muitos antigos documentos em portuguez, mas que são em geral traducções posteriores ao reinado de D. Diniz. A antiga litteratura diplomatica está em parte espalhada por diversas collecções e em maior parte inedita. Ha alguns monumentos poeticos que se teem olhado como d'esse periodo, e outros a que se attribuiu maior antiguidade. Não podendo examinar aqui a questão controversa da sua authencidade, e não havendo no corpo do nosso trabalho asserção alguma que os tome por base, passamol-os de presente em silencio.

No seculo XV adquiriu a litteratura portugueza um grande desenvolvimento. Os mais importantes monumentos d'esse seculo são: *Chronica do condestabre de Portugal Dom Nuno Alvares Pereira,* 2.ª ed. Porto 1848, escripta muito provavelmente ainda no reinado de D. João I; as chronicas de Fernão Lopes (*Chron. de D. João I,* 2 tom. Lisboa 1644), *Chron. de D. Pedro I,* e *Chron. de D. Fernando* na *Collecção de livros ineditos de historia portugueza,* publ. pela Acad. das Sciencias t. IV; as de Gomes Eannes de Azurara (*Chron. de D. João I,* Lisboa 1644, *Chron. do conde D. Pedro* e *Chron. dos feitos de D. Duarte de Menezes* na *Collecção de livros ined.* t. II e III. *Chron. do descobrimento e conquista de Guiné,* publ. pelo visconde da Carreira, Paris 1841); o *Leal Conselheiro* e o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella,* ambos de D. Duarte, publ. por J. I. Roquette, Paris 1842; numerosas obras poeticas reunidas por Garcia de Resende no *Cancioneiro geral,* 2.ª ed. Stuttgart 1846-1852. Não anteriores ao seculo XV são provavelmente a traducção dos *Actos dos Apostolos* (*Collecção de ined. dos seculos XIV e XV,* t. I) e a da *Historia do antigo testamento* (*Idem,* t. II e III). Passamos em silencio outros escriptos menos importantes e os ainda ineditos.

Empregada já em obras de largas dimensões e de genero diverso, a lingua portugueza alcançou completo triumpho, mas não sahiu ainda do seu periodo de syncretismo; ha incerteza n'algumas de suas fórmas, falta-lhe certa coherencia na syntaxe, a disciplina grammatical em summa. Um escriptor, por exemplo, diz *som,* outro *sum,* aquelle *sou,* o mesmo emprega até as tres fórmas: é mister que a lingua se regularise escolhendo uma unica d'essas fórmas. Esse trabalho de regularisação foi principalmente feito no seculo XVI, em que a nossa lingua adquiriu a sua fórma classica, que em vão tentou conservar-se na tradição litteraria.

POST-SCRIPTUM

Tendo-nos nos fins de 1871 os snrs. Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes convidado para escrever um estudo sobre a lingua portugueza que desejavam imprimir á frente do *Diccionario* de Fr. Domingos Vieira, entendi que devia fazer calar no meu espirito qualquer objecção e aproveitar um ensejo que não se repetiria de publicar sem despeza os meus estudos sobre o portuguez. Os editores davam-me ampla liberdade de fazer o trabalho o mais completo possivel. Determinei pois que o meu estudo comprehendesse a grammatica historica e a historia da lingua. Havia apenas uma difficuldade. Quasi todos os materiaes estavam accumulados, mas informes, e o tempo que tinha a dispôr para o redigir era pouco; ainda assim não hesitei, suppondo que os assignantes do *Diccionario* comprehenderiam que a impressão d'um trabalho da natureza do meu não podia caminhar rapida; foi o que não se deu. Os assignantes queixaram-se da *Introducção* que achavam inutil, muito longa e que taxaram mesmo de *especulação*, sem poderem calcular que estava alli o fructo de muitos annos de trabalho perseverante. Tive que precipitar o trabalho; escaparam erros que poderiam muito bem ser corrigidos; ha lacunas que facilmente se preencheriam; mas a partir da pag. CXX em deante o meu trabalho foi feito unicamente para satisfazer á vontade dos meus editores que não queriam que eu o deixasse inacabado. Os capitulos sobre a derivação e sobre a syntaxe que eram muito grandes foram omittidos; os capitulos sobre a declinação e a conjugação reduzidos a menos d'um terço. D'este modo o primeiro trabalho scientifico completo sobre a lingua portugueza sae deturpado, mutilado, e isto unicamente porque os assignantes do *Diccionario* o acharam inutil e julgaram especulação fazer-lhes pagar quando muito 1$200 réis (era quanto lhes podia custar a obra completa), o que um editor allemão não venderia por menos do quadruplo. Por fim tenho a declarar que assim como vae o meu estudo acceito toda a responsabilidade d'elle e que n'este *Diccionario* é a parte da introducção sobre a lingua portugueza a unica cousa em que eu tenho responsabilidade.

N'uma impressão em separado que sae com o titulo de *Questões da lingua* e em que se aproveitou a composição das primeiras quatro cadernetas (até ao fim do *u* accentuado) sairam os additamentos e correcções que a falta d'espaço me obriga a omittir aqui. Na parte da conjugação aqui impressa a falta de signaes typographicos torna muitas vezes obscura a exposição; mas o leitor que saiba latim facilmente verá onde se trata d'uma vogal longa ou d'uma breve.

Porto, 10 de fevereiro de 1873.

F. Adolpho Coelho.

II

SOBRE A LITTERATURA PORTUGUEZA

Desde o momento que um povo começa a sentir em si vida historica, e conhece que acceitando os progressos realisados da humanidade contribue para a civilisação com as tendencias novas que distinguem a sua raça, immediatamente se cria a tradição que ha-de ser o vinculo moral da sua nacionalidade. Essa tradição torna-se a idêa movel da actividade, e, como primeira manifestação da unidade d'esse povo, é o ponto em volta do qual se desenvolve uma litteratura. Só merece o nome de litteratura, tomada sob este aspecto, a serie das creações sentimentaes e intellectuaes em que o grau de consciencia que esse povo tem de si chegou a ser revelado. D'este modo não existem litteraturas mais ou menos perfeitas, porque, productos fataes, não se moldam por typos de convenção a que as academias chamaram classicos; todos os povos que tiverem caracteres de raça profundos e accentuados, que tiverem uma evolução historica importante, que ao facto da nacionalidade ligarem um ideal de liberdade na esphera civil, politica e philosophica, esses povos devem ter uma litteratura original e fecunda, vigorosa, servindo ao mesmo tempo para mostrar o seu nivel moral, e para annunciar a aspiração que ás vezes leva seculos a ser effectuada. Comprehendida d'este modo, a litteratura é objecto de uma sciencia experimental, que se deduz dos factos, e para a qual não bastam as syntheses de gabinete, propensas sempre a formar estheticas *á priori;* a sciencia da Historia litteraria é como a sciencia da linguagem; para ella não ha parte insignificante; uma questão de data é questão de uma revolução intellectual, de uma corrente de civilisação. A sciencia da linguagem trabalha sobre uma creação dependente da fatalidade da raça, da ethnologia; a historia litteraria trabalha sobre as concepções sentimentaes ou artisticas em que a idêa da nacionalidade transparece em uma fórma consciente. Achar a *Theoria da Historia da litteratura portugueza,* não é procurar nos trabalhos da intelligencia portugueza aquellas obras que mais se aproximaram dos typos do bello realisados da Grecia, nem tão pouco saber se preenchemos todos os canones rhetoricos e se pautamos completamente as nossas emoções pelas categorias traçadas por Aristoteles: estes dous processos pertencem aos que acobertam a banalidade com o nome de synthese, e aos que vêem nas obras do espirito apenas um corpo inorganico adaptado aos modêlos auctoritarios. Para nós, a verdadeira historia da litteratura portugueza consiste em descobrir pelas realisações que ella nos apresenta, a vitalidade da raça, a consciencia da nacionalidade, e até que ponto estas duas correntes naturaes estão em harmonia ou em antinomia com a civilisação.

a) Elementos constitutivos da raça

Na ordem physica, a raça é uma variedade; na ordem moral é uma individualidade imponente. Para o naturalista torna-se ella o objecto, o estudo de um mero accidente, mas para o historiador é mais do que isso, é uma concepção superior, uma philosophia. É da importancia d'este problema que data a grande revolução da sciencia da historia; revolução começada na Allemanha e na França, tendo o seu ponto de partida do estudo das litteraturas. No seculo XVI Cujacio descobriu o verdadeiro espirito do Direito romano nos satyricos e poetas comicos de Roma; Savigny, seguindo o mesmo criterio, fundou a escóla historica do Direito na Allemanha; no seculo XVIII, Vico comprehendeu primeiro que ninguem a alliança da Philosophia e da Philologia, e lançou as bases para a critica homerica e para todos os problemas da concepção artistica. Wolf continuou esta phase nova, e Schlegel deduziu d'ella os principios para a critica litteraria; assim cabe a este homem o ter sido um dos primeiros que alcançou o problema da unidade das linguas indogermanicas, o que apresentou mais factos para demonstrar que a historia não era sómente uma narração, mas uma inducção, um processo para descobrir por um acto individual até aonde o homem, sob a pressão da fatalidade da natureza, póde ter e affirmar a consciencia de si. Esta profunda alteração no senso historico partiu das litteraturas.

O facto de reconhecer a existencia da Litteratura portugueza não depende sómente dos catalogos bibliographicos, mas do grau de alimento e vigor moral que

o povo recebe por essas obras. Podem contar-se milhões de volumes, e apenas quatro ou cinco exercerem uma acção reconhecida. Bastava termos os *Lusiadas*, a *Historia Tragico-maritima*, os *Romanceiros populares*, para sentir-se sob esses documentos agitar-se uma raça, uma nacionalidade; as outras obras podem representar os meios que violaram a evolução do espirito nacional, abafando-o pela auctoridade ou pelo prestigio. Isto vê-se na litteratura romana, em que os principaes poetas são os que menos comprehenderam o espirito nacional, e mais se aproximaram dos modêlos gregos.

A constituição da raça precede a nacionalidade; a primeira é um facto organico, e como tal não póde determinar-se ao certo o dia em que começa; a entidade nacional essa é individual e dependente da vontade, coadjuvada pelo meio ethnographico e pela tradição. A nação portugueza começou no seculo XII; a raça resultou de migrações e de invasões anteriores. Dos periodos pre-historicos da Peninsula tinhamos ramos da grande migração celtica, sempre subjugados por causa da sua brandura pelos invasores phenicios, carthaginezes e romanos. A vida historica da Peninsula começa com a civilisação romana; é preciso não confundir este facto, que deslumbra, com o facto simples e natural da constituição da raça. O romano conquistava pelas armas e fixava a conquista pela administração; pressão militar e absorpção administrativa são factos artificiaes e de convenção, que nada assimilam. Demais, havia na civilisação romana um desequilibrio, em que o individuo estava annullado diante da entidade abstracta do Estado; tudo isto impossibilitava o cruzamento, a fusão que fortalece uma raça. Podem descobrir-se no solo portuguez os mais soberbos monumentos da grandeza romana, podem encontrar-se nos costumes provinciaes as tradições mais puras do municipio, tudo isso significa um facto material e não organico, uma impressão e não um desdobramento. Demonstrada a coexistencia do dialecto vulgar em presença do latim urbano, menos se precisa da civilisação romana para explicar a lingua portugueza.

No seculo V entram na Peninsula alguns dos ramos mais vigorosos da raça germanica; d'entre elles adquiriu a supremacia o visigodo, organisado em duas classes: o *werh-man* ou o homem livre, e o *lite* ou o trabalhador adscripto. A formação da raça operou-se em virtude das condições que separaram estes dous elementos. O *werh-man* fascina-se pela civilisação romana, abandona a sua mythologia odinica, imita o Codigo Theodosiano, perde o respeito da mulher, esquece a lingua das cantilenas gothicas pelo latim e entrega-se nas mãos dos concilios sacerdotaes. Este elemento permaneceu esteril, porque se desnaturou para adaptar-se a uma civilisação que lhe não pertencia. O segundo elemento, o *lite*, não tinha vida politica; em presença dos godos romanisados, trabalhava, pagava e era explorado como uma cousa. No entanto o *lite*, tinha em sua alma o deposito das tradições germanicas, sentia a independencia, mas não a podia ainda formular em idêa; sabia que a *fara* ou a tribu germanica devia erigir o direito local acima do estatuto pessoal, e tornar escripta a sua garantia. Este desaccordo entre os dous elementos do ramo visigothico fazia-se inconciliavel, de um lado pela corrupção da aristocracia e da côrte de Toletum, por outro lado pela força de inercia que offerecia o *lite* opprimido. Faltava sómente uma circumstancia material que libertasse o *lite* d'este pesadêlo senhorial. Esse facto deu-se no seculo VII com a invasão arabe. É n'este ponto que começa o *Mosarabismo;* vejamos como a natureza n'um momento de liberdade se tornou fecunda.

O arabe é de todos os ramos da familia semita o mais incommunicavel; a lingua tão vasta na sua diffusão como o grego ou como o latim, não chegou a ter dialectos escriptos: a vida do deserto, com os seus habitos e tradições peculiares, não o deixavam unir-se com quem não tinha homogeneidade de sympathia. Demais, o arabe trazia novos recursos de sciencia positiva, como medicina, astronomia, mathematica, grande tolerancia politica, riquezas de industria e technologia. A sua bravura militar fez com que o nobre godo abandonasse o territorio e se refugiasse nas Asturias; o *lite* entregou-se sem resistencia, offereceu ao invasor a sua antiga força de inercia, e deixou-se ficar. Como trabalhava e pagava, deante d'esta fatalidade era um accidente sem importancia o ser a este ou áquelle senhor. Porém o arabe, como dissemos, trazia um dogma novo, a tolerancia politica; por um imposto de capitação deixou ao *lite* a sua livre actividade; pela sua hombridade semita deixou-lhe a livre expansão das suas faculdades. «Ora o godo-lige, o colono, foi o que se deixou ficar ao contacto com os arabes, e é por isso que o Mosarabe comprehende:

1.° O *aldius*, que trabalhava nos campos, e formou as *pobras* ruraes. Tivemos a adscripção.

2.° O *mesteiral*, que trabalhava nos officios mechanicos. Tivemos as jurandas.

3.° O *burguez*, que vivia nas cidades muradas. Temos o municipio electivo.

4.° O *servo*, que exercia os officios da domesticidade, e que se trocava e vendia.

5.° O *cavalleiro-villão*, que só cumpria certos deveres definidos, como acudir ao appellido, ou pagar certos tributos.

6.° O *clerigo*, que era adscripto da Egreja, que, segundo os modernos trabalhos se deve julgar mais uma das fórmas da propriedade do que uma instituição religiosa.

Em vista da enumeração dos elementos que constituem o Mosarabe, se descobre a sua extensão, palpavelmente superior ao godo-nobre, apenas constituido pelo aristocrata e pelo alto clero. [1]»

[1] *Criticos da Hist. da Litt.*, p. 21.

Assombra o vêrmos, que no momento em que os povos da Europa haviam acabado o seu periodo de fecundidade, o godo-*lite* ou imitador do arabe (*Most'rabe*) se mostrou creador no que o homem tem de mais profundo — a Religião, o Direito, a Arte e o estado. Em Religião, proclamando a humanidade de Jesus, adoptando a lingua vulgar na liturgia, participando do culto pelo canto ecclesiastico em que entrava, pelo desconhecimento do celibato clerical, pela eleição dos Bispos, pelo desconhecimento da confissão auricular. Em Direito pela determinação das garantias foraleiras, pela independencia do individuo, realisada com o estatuto local, pela egualdade dos *Juratores*, pela força dos velhos symbolos germanicos. Em Arte pela architectura nova, em que o ideal das fórmas *francigenas* vinha, como um presentimento, mobilisar, dar graça ao pesado byzantino; em Poesia, conservando os ultimos restos das cantilenas germanicas, pela dança e musica arabes, pela renovação das suas Aravias com o espirito novo e interesse historico das Canções de Gesta, vindo assim a produzir os vastissimos Romanceiros peninsulares. No Estado, o mosarabe compenetrou-se da independencia que o fez no seculo XV tornar-se conhecido como povo. Em todas estas creações apparece o elemento arabe sempre com um caracter de exterioridade, em quem nada altera a essencia: as fórmas e nomes de cousas technicas, do funccionalismo, das localidades, das industrias, provam uma imitação; mas tambem deixam vêr que a alma germanica do godo-*lite* esteve livre para redigir as suas garantias consuetudinarias, para se inspirar das suas tradições epicas, para crear novas fórmas architectonicas, e uma linguagem differente. Toda esta brilhante evolução natural tem mais tarde de ser sacrificada, quando começar o periodo da reconquista, quando o nobre godo, recuperando o territorio, quizer restabelecer a caduca civilisação romana de que se apaixonára no momento da sua ruina.

b) Formação da nacionalidade

Estudando-se a raça mosarabe, são importantes todos os factos, sejam elles acontecidos em qualquer ponto do territorio da Peninsula: no problema da raça não ha hespanhoes nem portuguezes. A separação começa na formação da nacionalidade. O snr. Herculano principia a sua *Historia de Portugal* d'este facto fundamental: diz que a nação portugueza se constituiu por dous phenomenos: o de *desmembração* dos fidalgos asturo-leonezes, e o de *assimilação* das povoações preexistentes. Isto é apenas a descripção do que aconteceu, mas sem a lei superior que levou á realisação ou consummação da nacionalidade. Lê-se toda essa obra em que o problema da vida social occupa a maior parte, mas não se acha a razão de ser d'esse successo primordial, sem o qual não seriamos portuguezes. O espirito transcendente de Hegel, na *Philosophia da Historia*, deixou posto em toda a sua luz este facto: o portuguez não distanciava bastante do hespanhol nem pela raça nem pelo territorio, para poder constituir-se em nação; comtudo a proximidade do oceano atlantico creou um instincto, que não nasceria longe d'este meio; o mesmo aconteceu com a Hollanda, puramente allemã, mas que pela visinhança do mar e pela actividade que elle provoca, a forçou a erigir-se em nacionalidade distincta.[1] Todas as vezes que o mar não é sómente um limite, mas uma condição de actividade, ahi está o germen para uma raça se erigir em nacionalidade, ou ainda mais, em potencia.

Da Hollanda diz o illustre Esquirós, no seu livro *De la Neerlande*, encontrando-se com Hegel, sem o saber: «Os povos são o que as influencias exteriores os fazem ser, o que os fazem a agua, o céo e a terra. O valor d'estas causas augmenta mais, quando uma nação se acha collocada em condições unicas de posição, *entre o continente e o mar*. A geographia d'este povo é então o prefacio da sua historia, a origem dos seus costumes, das suas instituições e do seu genio.»[2] Como se explicarão as navegações portuguezas, se abstrairmos dos nossos portos: como se explicarão as nossas riquezas e falta de vida industrial sem a exploração das colonias longiquas? Os caracteres ethnicos são já uma consequencia do meio exterior e da raça: comprehendem a linguagem, as tradições, os cantos, as fórmas architectonicas, as superstições, os usos.

A esta causa moral da proximidade do mar e dos magnificos portos d'esta orla do oeste da Peninsula, accresceu uma outra circumstancia não tão fatal, mas egualmente fecunda. O exemplo da historia mostra-nos que as raças puras para se constituirem em nacionalidade, precisam de um elemento estrangeiro que venha, por assim dizer, determinar esse ponto de ossificação: o grego constitue-se em nação depois das invasões das colonias asiaticas. O antigo Lacio só se erige em nação depois das migrações gregas: o saxão sómente depois da invasão normanda: o gaulez depois da invasão franka, e modernamente a Allemanha depois do predominio do elemento slavo da Prussia. «Ora, como toda a litteratura não póde ser outra cousa senão a expressão do genio nacional, e como nenhuma raça póde ter litteratura sem se erigir em nacionalidade e entrar na vida historica, segue-se que a Litteratura ha-de reflectir esse antagonismo dos elementos nacionaes, e ha-de ser baseada no dualismo da *tradição* e da *aspiração*, da raça primitiva que se fortalece pelo seu passado, e da raça movel que se lança audaciosa á posse da liberdade pela força da união. Estes principios não se realisam só na

[1] «The activity to wich the sea invites, is a quite peculiar one; thence a ... the fact that the coast-lands almost always separate themselves from the states of the interior although they are connected with these by a river. Thus Holland has severed itself from Germany, Portugal from Spain. *Lectures on the Philosophy of History*, trad. ingl., p. 95, ed. 1861.

[2] Op. cit., t. I, p. 4.

litteratura ingleza; todas as litteraturas que são expressão de uma forte nacionalidade explicam-se pela mesma lei. Tomemos a litteratura grega: ha alli o elemento *dorico,* fundo pelasgico, tradicional, religioso e auctoritario, e o elemento *jonico,* aventureiro, maritimo, facil na adopção de novas idêas e com uma grande tendencia syncretica; as colonias asiaticas fundem estes dous elementos contradictorios. Assim até á guerra da Persia predomina na civilisação grega o elemento *Dorico;* até á guerra do Peloponeso o elemento *Jonico,* e até ás guerras de Alexandre dá-se o ultimo esplendor do genio grego.

«O mesmo dualismo se descobre na litteratura latina; os elementos Ramnense e Titiense são raças homogeneas, inconsistentes, mas só a fusão com os Lucerenses é que lhe dá a força de nacionalidade; baseada esta fusão sobre um *contracto,* desde o principio da sua civilisação desenvolveram mais do que nenhum outro povo a idêa da *Justiça.* A sua primeira poesia foi o symbolismo juridico, os seus melhores prosadores os jurisconsultos, e os seus poetas na Renascença do seculo XVI serviram para se recompôr pelos seus versos o sentido perdido da velha legislação dos seus codigos. Ha na litteratura latina a luta entre este genio juridico e o cosmopolitismo que levou Roma a imitar a arte da Grecia, e a nacionalisar o mundo. Mas este mesmo dualismo se dá na litteratura italiana, entre o elemento etrusco e o elemento lombardo como tão lucidamente o demonstrou Quinet. Com relação á França, a litteratura accusa o mesmo antagonismo entre o elemento gallo-franko, ou epico, gallo-bretão, ou novellesco, gallo-romano, ou lyrico[1].» Esta mesma corrente veio produzir os seus effeitos em Portugal; o elemento mosarabe era bastante puro para poder consolidar-se em nação. Como o ouro, que precisa da liga de outro metal para ficar mais consistente, o mosarabe recebeu do francez o Conde Dom Henrique, e das colonias gallo-frankas esse primeiro instincto de individualidade. As duas forças, a presença do oceano e communicação com elle, e o novo vigor estrangeiro immediatamente se combinaram. Pelo mar vieram as primeiras armadas de Cruzados, que ajudaram a conquista de Lisboa e do Algarve; d'essa comitiva de peregrinos fixaram-se no solo portuguez muitos barões que eram outras tantas forças a trabalhar para a independencia. A comprehensão d'essa força fez que muito cedo começassem os reis a crearem a marinha portugueza. Dom Sancho II mandava comprar nos estaleiros da Italia os galeões com que ia atacar os Mouros, invadindo as costas do Algarve. Começaram immediatamente a crear-se as lendas maritimas, como a de Dom Fuas Roupinho. Dom Diniz chamou de Italia Micer Peçanha para servir de Almirante portuguez, e mandava assalariar marinheiros genovezes, a quem attrahia com privilegios, para capitanearem as nossas galeras. Mas a presença do mar não podia dar-nos sómente a independencia de nação; logo que comprehendessemos até que ponto nos podiamos servir d'elle, n'esse momento este povo tinha-se tornado uma potencia. Comprehendeu isto o Infante Dom Henrique, e a prova é o estupendo cyclo das grandes navegações do seculo XV, de Zarco até Vasco da Gama, que tornou Portugal uma potencia que se contrabalançava politicamente com a Hespanha, e quasi com o mundo. A prova mais immediata, é que a vida historica de Portugal coincide com o periodo das suas expedições maritimas: isto é, este povo foi grande, contribuiu para o progresso da humanidade, assignalou para sempre a sua passagem nos tempos, porque cumpriu aquillo para que estava organisado. Fomos um povo de mareantes; o sentimento d'esta phase de vida, as incertezas da navegação, o acaso das descobertas, a consciencia da nossa força, a distancia fazendo comprehender pela saudade o ideal da patria, tudo isto se reflectiu na litteratura. A obra em que mais accentuadamente se determina este caracter, os *Lusiadas,* deixou de ser um poema de um heroe para ficar a Biblia de um povo; extinguam-se todas as fórmas da civilisação portugueza, todos os monumentos, os sitios que occupamos, e o espirito superior irá recompôr a vida historica dos portuguezes pelos *Lusiadas.* Soube servir-se d'este processo o naturalista Humboldt, e Quinet soube descobrir a fórmula Historica d'este povo de mareantes, que retratou a sua alma aventureira nas relações de naufragio, nos romances tradicionaes e na architectura. Mas o mar, assim como se póde tornar um agente de actividade, tambem se póde mostrar a um povo como um limite, uma barreira; é d'este modo que a China comprehende o mar, por isso ficou decadente e immovel; o mar foi para ella como a sua grande muralha que a defendia da Persia, com a differença de ser um producto natural. A actual decadencia não é sómente por haver passado o periodo da nossa vida historica; é porque o mar tornou-se tambem para nós um limite; os nossos portos servem para o refresco de outros navegadores, que nos vão tornando de nação em feitoria.

Assim como o elemento estrangeiro, o Conde Dom Henrique e as suas colonias, vieram provocar o sentimento da nacionalidade, que começou a affirmar-se na litteratura portugueza do seculo XV e XVI, foi tambem por via d'esse elemento estrangeiro que a consciencia da nação foi mais nitidamente expressa. Camões escreveu os *Lusiadas,* mas era oriundo de uma familia aristocratica da Galliza; Bocage, o que mais agradou ao povo portuguez, o unico poeta, depois de Camões, que o povo conhece e a quem entreteceu a vida de lendas decameronicas, era oriundo de uma familia franceza; e finalmente Garrett, que teve o senso intimo de descobrir as tradições nacionaes, de achar a

[1] *Critic.*, p. 25.

poesia dos Romanceiros portuguezes, de fazer aceitar por este povo a tradição dramatica do seculo XVI que estava perdida, de tirar das locuções populares o verdadeiro estylo da lingua portugueza. Garrett era oriundo de uma familia ingleza que se estabelecera nas ilhas dos Açores. Aqui está a litteratura demonstrando os mais intrincados problemas da moral e da physiologia.

Fazer a historia de uma litteratura, é tomar conhecimento das origens e das fórmas mais conscientes da civilisação; por isso este trabalho só póde começar desde o momento em que um povo entrou no seu periodo de actividade historica. Para a Peninsula, a historia começa propriamente no dominio *romano;* mas poder-se-ha com verdadeiro criterio dar principio ao estudo das litteraturas da Peninsula pela cultura *romana?* Não; porque os romanos, mesmo nos seculos de maior esplendor, nunca tiveram uma litteratura original e nacional, e as modernas litteraturas peninsulares apresentaram nos seus primeiros monumentos um espirito que não é romano, e que se atrophiou em quanto á sua espontaneidade fecunda, quando mais tarde as aproximaram artificialmente d'esse typo. É por isso que Hallam diz: «A historia de Hespanha, durante a edade media, deveria começar pela dynastia dos Wisigodos.» [1] O fundo primario da Peninsula é formado pelos Celtas; as investigações sobre este ramo de uma grande raça inconsistente e desmembrada aproveitam unicamente ao ethnologo; o historiador litterario não vê n'ella caracteristico algum, porque achando-se um fundo celtico na Italia, em França e na Irlanda, qualquer vislumbre ou reflexo do genio celtico nas litteraturas da Peninsula explica-se por uma connexão historica immediata, pela communicação recente com as litteraturas d'estes povos. O elemento *Celtibero* não se distingue senão em consequencia de um erro historico; Celtibero era o Celta das proximidades do rio Ebro; segundo uma carta de Kock, no seu *Tableau des Revolutions de l'Europe,* o Ebro foi durante muito tempo o limite do lado da Hespanha. Phenicios e Carthaginezes, vieram á Peninsula como exploradores e não como habitadores, e o que elles cá deixaram da sua civilisação semitica recebeu uma revolução profunda com a invasão arabe. O que havia na Peninsula capaz de comprehender e receber a civilisação romana ia para Roma, como aconteceu com Marcial, Seneca e Lucano, e como se vê com a litteratura sagrada dos primeiros seculos da Egreja. Os Romanos da Peninsula continuaram desesperadamente a luta contra os Carthaginezes na Africa, e só quando o Christianismo entrou na Peninsula, vindo da Africa, é que trouxe em si essa civilisação romana que assimilára. Póde comprehender-se este phenomeno com um analogo que se deu no seculo XVI, com a renascença da tragedia grega, pela imitação através dos exemplares latinos. Era da Africa que se reflectia na Peninsula o brilhantismo da litteratura de Roma, que consistia principalmente em Rhetoricos. Que ha aqui a procurar para as origens de litteraturas novas, nascidas em outro meio social e em epochas em que o romano só tinha entidade moral e abstracta nos privilegios juridicos? Resulta d'aqui o não poder admittir-se a designação de *hispano-romano,* para attribuir-lhe factos litterarios.

Vejamos tambem a pureza e força do elemento romano, para vêr se se lhe podem attribuir as origens litterarias da Peninsula, como querem os tres criticos. Os Romanos fixavam pelo numero as suas conquistas; empregavam os privilegios juridicos para assimilarem a si os habitadores preexistentes, ou chamarem de fóra novos colonos. Eis um facto importante contado por Jornandes, que abona esta ultima asserção: «Os *Wisigodos,* depois de longas reflexões, *enviaram de commum accordo embaixadores* á Romania, para o imperador Valente, irmão do imperador Valentiniano o antigo, *pedindo-lhe de lhes ceder para a cultivar,* uma parte da Thracia e da Mesia, *com esta condição de se submetterem ás suas leis.*» [2] Por isto se vê, que antes das invasões germanicas, já o colonato romano, que era a sua principal fórma de fixar as conquistas, era constituido por tribus germanicas. E só assim é que se póde explicar o facto que se deu na queda do Imperio, que Guizot descreve: «O Imperio se retirou d'estes paizes (Italia, Gallias e *Hespanha*) e os Barbaros occuparam-no sem que a totalidade dos habitantes exercesse alguma acção, fizesse sentir em alguma cousa o seu logar nos acontecimentos que a entregavam a tantos flagellos.» [3] E porque se dava esta indifferença geral? é porque o invasor já era conhecido, e o romano só existia por um facto juridico, e mais nada. Dil-o outra vez Guizot: «Se as leis não attestassem por si, que uma população romana cobria ainda o solo, pela historia chegariamos a duvidar da sua existencia.» As estradas, os aqueductos, os circos, os templos romanos, as inscripções, que abundam na Peninsula, ao passo que são documentos de um facto moral a auctoridade de Roma, são a prova material da existencia de povoações obreiras, colonos e captivos que não eram romanos, mas que compravam o privilegio da sua lei com o trabalho. Guizot diz perfeitamente, que o imperio romano se dissolveu *por falta de uma classe media;* ora, tirados os consules, pretores, propretores e perfeitos e mais algumas familias patricias, que existia na Peninsula a não serem colonos e prisioneiros de guerra, clientes que não eram romanos? Os nomes das tribus germanicas que entraram na Peninsula, *wandeln, schweifen* (Wandalos, Suevos)

[1] *Europa na edade media,* t. I, p. 317, trad. franc.

[2] *De Rebus geticis,* p. 293. Ed. Panck.

[3] *Essais,* p. 2.

foram dados a estes povos pelo facto de serem *errantes;* era no acaso d'estas correntes, que as tribus germanicas vinham offerecer-se ao colonato romano, antes de lançarem por terra o seu dominio. Foi em razão d'este facto, que a distincção entre *Romanos* e Barbaros, foi menos sensivel na Peninsula hispanica, como diz Hallam, porque as leis eram mais uniformes e aproximavam-se mais do imperio. [1] A distincção entre *Romano* e *Barbaro* era fundada na differença dos direitos que cada um adoptava; os Frankos, Borguinhões e Lombardos conservaram-n'a; mas os Ostrogodos e *Wisigodos,* quasi que desconheceram esta separação. Diz Montesquieu, que a lei romana ficou em vigor entre os Wisigodos, porque não dando a lei wisigothica nenhuma vantagem civil ao Wisigodo, os Romanos submettidos ao seu governo não tinham fundamento algum para deixarem de viver sobre a sua propria lei.» [2] Entre os Wisigodos os Bispos foram redigindo sobre o plano das leis romanas um codigo uniforme. [3] Como se sabe, a tradição romana conservou-se unicamente na Egreja e nos palacios; ora as litteraturas modernas foram essencialmente populares e leigas. «Não comprehende os principios da *Historia da Litteratura portugueza,* quem pensar que annullo ou elimino o elemento romano; daria um documento de falta de senso historico se começasse por elle a procurar as manifestações de uma nacionalidade que se formou no seculo XII, mas a sua verdadeira luz está em pôr em evidencia como a tradição romana foi renascendo, impondo-se, dominando, até absorver a originalidade do genio nacional. É esta luta o caracteristico do grupo das litteraturas romanicas; porque motivo estará a Litteratura portugueza fóra d'esta lei profunda? Não será mais difficil explicar uma aberração, uma anomalia, do que o facto serial e comprovativo de uma lei organica da natureza?» [4]

c) Antinomias da civilisação

Nenhum dos progressos realisados pelo homem se perde; tudo se transmitte, tudo se assimila. O verdadeiro desenvolvimento está em não sacrificar as faculdades novas a produzirem segundo os typos que corresponderam a estados de espirito que já passaram. Se a Grecia attingiu as fórmas que melhor traduzem o Bello, a intelligencia romana não deve atrophiar pela imitação as faculdades que haviam de dar fórma á idêa do Direito. A evolução da actividade da intelligencia dá-se dentro do Estado, que se vae tornando por assim dizer uma vontade abstracta, como synthese de todas as vontades individuaes. Este equilibrio da liberdade e da auctoridade é ao que se chama Civilisação. Quando o nobre godo voltou das Asturias e tornou a recuperar o solo occupado pelos arabes, a sua primeira idêa foi implantar tambem a civilisação romana, de que elle era depositario. Era um anachronismo; deu em resultado a atrophia do mosarabe fecundo e original. A civilisação romana caíra no desequilibrio que lhe trouxe a ruina: o desenvolvimento e a liberdade individual estavam annullados diante da instituição do estado; o homem era secundario diante da lei, tinha direitos, não pela essencia da sua natureza, mas pela força legal; podia ser testador, não porque era proprietario, mas porque gozava de um privilegio imperial. Foi esta civilisação que o godo nobre abraçou, porque o lisongeavam os resultados apparentes d'uma unidade civil e exterior. Os reis portuguezes, ligados com a aristocracia asturo-leoneza, a quem davam o senhorio dos castellos, commetteram o erro desastroso de sacrificarem a vida e creação do mosarabe á caduca civilisação romana. No meio da espontaneidade imprevista de uma era nova, incommóda a auctoridade, a incerteza; abraçaram com todas as veras os typos conhecidos. O latim foi usado na linguagem juridica, porque já tinha o prestigio legal; d'aqui a luta do dialecto popular, que se não desenvolveu livremente, como se vê ainda nas fórmas duplas em que temos a corrente de creação popular e a força do uso erudito: como em *lidimo* e *legitimo, chão* e *plano, podrido* e *putrido, fiuza* e *fiducia, insua* e *ilha, artigo* e *artelho,* e outras muitas em que as fórmas mais proximas do latim prevaleceram na lingua.

A accentuação latina, muitas vezes abandonada pelos escriptores eruditos da lingua portugueza, tambem se conserva na linguagem do povo. O verbo latino *considero,* tendo a segunda syllaba longa, reproduz-se com a mesma prosodia na cantiga:

> *Consid'ra, consid'ra,* oh cidra,
> Oh cidra, *consid'ra* bem;
> Depois da cidra partida,
> Cidra, que remedio tem?

Este facto apresenta uma reacção linguistica que os escriptores do seculo XVI acclamaram como uma superioridade; no poema de Camões ficou o verso proverbial em que diz da lingua portugueza: «quando imagina, com pouca corrupção crê que é a latina.» O Direito romano implantado no solo portuguez por via da traducção das *Leis de Partidas* e pela fundação da Universidade, atacou a creação das garantias foraleiras, que acabaram de produzir-se no reinado de Dom Affonso III, e ficaram annulladas para sempre na *Ordenação Manoelina.* O *lite* ou *aldius,* voltou outra vez á sua triste condição de colono explorado pelo fisco. O mesmo no culto religioso: acabou a liturgia vulgar e os grandes coraes em que o povo era tambem officiante. A historia do reino, que se recolhia das tradições po-

[1] *Europa na edade media*, p. 318.
[2] *Esprit des Lois*, liv. 28, cap. IV.
[3] Hallam, *ib.*, p. 141.
[4] *Critic.*, p. 45.

pulares e se archivava em relações manuscriptas, que produziram as bellas Chronicas de Fernão Lopes, teve de ser entregue aos latinistas estrangeiros, como Matheus Pisano no tempo de Dom Affonso v, ou a Angelo Policiano, que não chegou a satisfazer os desejos de Dom João II; mais tarde, Tito Livio tornou-se o modêlo da historia official, com longas allocuções rhetoricas, como vêmos em Jacintho Freire. João de Barros escapou a este perigo pelo mesmo meio que salvou Camões do classicismo: visitando o logar da acção, e tomando parte directa como heroe. O estudo da lingua latina torna-se o elemento fundamental da educação; principiava a estudar-se aos quatorze annos, e o tempo destinado para se ficar sabendo lêr era de dous annos: «quando estes moços forem de tal idade que mudem as vozes, é-lhes grande bem fazer-lhes *leer latym per outros dous annos*, porque a elles é grande proveito, e leem por elle muito melhor e mais certo.» Isto indica el-rei Dom Duarte no *Leal Conselheiro;* seu irmão, o infante Dom Pedro, traduzia para elle o livro de Cicero *De Officiis*, e introduzia na lingua palavras novas. Dom Duarte preoccupava-se com as regras para se fazer uma boa traducção, e ensaiava-se vertendo para vernaculo o tratado de Sam Thomaz *De periculo familiaritatis dominarum vel mulierum*, e uma homilia de Sam Gregorio Papa. O livro *De Regimine principum*, que era lido á mesa de Dom Duarte, fez conhecida em Portugal a *Politica* de Aristoteles; e já nas Côrtes de 1481 os procuradores das povoações alli citavam a *Politica*, como primeiramente notou o visconde de Santarem. Como uma nação recente, que devia tirar a lei das suas necessidades, estava com os olhos no passado! A tradição latina tornou-se o fóco da reacção, e no seculo XVI os Jesuitas comprehenderam a força d'este reducto, quando erigiram o terrivel methodo alvaristico; uma educação grammatical e material, segundo os preceitos do Padre Manoel Alvares, deixava um cerebro inutilisado. A melhor parte da intelligencia portugueza do seculo XVI gastou-se escrevendo obras illegiveis, em uma lingua que não era a sua, que por mais esforços nunca lhes poderia ser uma manifestação organica do pensamento. O Dr. Antonio Ferreira, jurisconsulto e como tal tambem latinista, revoltou-se contra este exclusivismo, quando da lingua portugueza escreveu: «floresça, falle, cante-se», isto é, sejamos vivos, usemos a expressão natural, a que nos pertence, a das nossas alegrias e dos nossos interesses. O dominio auctoritario do latim, fórma materialisada da civilisação romana, tornou-se quasi intolerante: a palavra *latino* e *ladino* chegou a significar intelligente; as damas tornaram-se tambem latinistas, como Dona Leonor de Noronha traduzindo Sabellico, como a Infanta Dona Maria, Dona Felippa, como Anna Vaz, Luiza Sigeia e Dona Bernarda Ferreira de Lacerda. Fechavam-se os salões do tempo de Dom Manoel e abria-se a *Porta das Linguas*. A poesia soffreu tambem a mesma dependencia; João Rodrigues de Sá e João Rodrigues de Lucena entregaram-se a verter Ovidio. Nos tribunaes superiores do reino as tenções dos desembargadores eram tambem em latim. D'aqui fomos levados á intolerancia religiosa, ao cesarismo romano, que attingiu o seu esplendor em Dom João v e se formulou em doutrina politica durante o governo do Marquez de Pombal. A consequencia foi inocularmos em nós o vicio da civilisação romana: o individuo ficou nullo diante da acção do estado; o agente despertador da nacionalidade, o mar, tornou-se apenas uma barreira, e assim acabada a vida historica d'este povo, representamos a nossa inanidade na pobreza e falta de idéa na litteratura. São estas as bases da *Theoria da Historia da Litteratura portugueza;* entremos no campo dos factos e comprovemos cada um dos pontos apresentados.

Eis a fórmula que se demonstra: Na luta entre as tradições latinas e o genio das litteraturas da idade media, a Litteratura portugueza foi a que mais sacrificou o caracter nacional ao classicismo e a que mais perdeu da sua originalidade.

SECÇÃO I

DAS FÓRMAS ÉPICAS

Na classificação das fórmas litterarias, os philosophos da arte, mesmo os que se tem elevado ás mais altas abstracções, como Hegel, partem sempre do criterio historico. Nenhuma fórma de arte se cria por mera curiosidade; correspondem sempre a um estado do espirito, á manifestação de uma necessidade sentimental. No periodo anonymo, em que se não discriminam ainda individualidades, as impressões descrevem-se ao espirito, mas quem as recebe não está com um desenvolvimento reflexivo para as poder criticar ou modificar a impressão segundo a sua idéa: o poeta, em geral tambem heroe, só diz o que se fez, e não commenta; narra com todo o colorido pittoresco da sua receptividade. É n'este estado psychologico que se formam as *Epopêas*.

Desenvolve-se a faculdade da reflexão e da critica, o impressionado já tem o poder de julgar a sensação; a passividade não é sómente o *pathos* organico, mas uma modificação da intelligencia por uma idéa suscitada fortemente. Entra portanto o individuo em uma passividade consciente, a que se chama Sentimento. Este estado psychologico manifestamente superior

ao primeiro, pertence a uma nova epocha de vida moral, e é o que produz o *Lyrismo*.

O apparecimento do *Drama* é mais caracterisado; dá-se sempre ao entrar nas epochas burguezas, quando ha uma egualdade civil, e interesses geraes, e collisões de deveres, conflictos de ambições, quando se fórma opinião publica, e existe um nivel moral por onde se aferem os actos das personalidades. Estas tres fórmas apparecem por uma evolução historica. Gervinus foi o primeiro que historiou por ellas a litteratura allemã; dividir por esta tricotomia natural qualquer litteratura, é procurar o desenvolvimento das suas fórmas nas phases da sua vida moral; é tornar organico um corpo, que parece ter sido formado arbitrariamente.

Começamos pelas fórmas épicas. Quando a nacionalidade portugueza se constituiu no seculo XII, o grande cyclo da creação épica da Europa entrava no periodo do seu mais alto esplendor; a França creava as suas mais bellas *Canções de Gesta*, e a Allemanha reatava as suas Cantilenas no novo cyclo dos *Niebelungens*. A este facto corresponde a creação dos Romanceiros na Peninsula, manifestado por duas correntes contrarias, uma popular, que foi a renovação das Aravias com o interesse historico de uma ordem imprevista de factos politicos, e outra corrente erudita, que foi a transversão das Gestas em intermináveis Novellas cavalheirescas em prosa, a que Portugal deu começo com o cyclo dos Amadizes.

§. 1.º Romanceiro: epopêa cyclica nacional

1. *Formação dos Romanceiros peninsulares.* — Do grande ramo da familia germanica, foi o godo o que deixou menos vestigios das suas tradições poeticas, apesar das immensas riquezas de que se serviram Jornandes, Paulo Diacono e Saxo Grammaticus nas suas historias. A causa d'isto, segundo Grimm, foi o ter o godo abraçado o arianismo e o soffrer depois os renhidos combates do catholicismo; isto comprova-se com o Borguinhão que tambem era ariano, e cujas tradições épicas se perderam. Ao godo nobre, o *wer-hman*, como fascinado pela civilisação romana, facil lhe foi despojar-se dos thesouros da sua imaginação; do godo-*lite*, que veio a formar o mosarabe, como mais entregue a si pela tolerancia arabe, ainda conservou aquillo que mais se apodera da natureza do homem, os *symbolos*, as *superstições*, as fórmas metricas, as referencias a *costumes*, emfim a tradição nos seus ultimos vestigios. A vida historica da raça germanica começou no seculo V; n'este periodo ella cria uma fórma poetica, breve, narrativa, cantando os feitos bellicos, a independencia individual, adaptando-se aos successos novos, correndo de bocca em bocca, anonyma, com interesse actual, dando vida a todos os dialectos, e animando as hordas á invasão. Tacito falla d'esta ordem de poemas, a que a sciencia do nosso seculo, fundada em uma passagem de Oderico Vital, deu o nome de *Cantilena*. D'este typo rudimentar da epopêa moderna, além d'outros specimens, existe a magnifica canção de *Hildebrand*. Não temos hoje as Cantilenas gothicas da Peninsula, mas resta a prova do seu interesse historico nos symbolos, costumes e superstições que o communicavam. Os cegos, principalmente entre os lombardos, eram os que espalhavam as cantilenas, como Ludgero, ou Bernlef, o frisio, e a estes cantos chamava-se *Chiecone;* n'uma das mais antigas reliquias da poesia portugueza, attribuida a Gonçalo Herminguez, cita-se esta mesma fórma na palavra *Checona*. Miguel Leitão de Andrade tambem dava á mais antiga poesia da tradição popular portugueza, a Canção do Figueiral, o nome de *Cantilena,* talvez levado pela influencia erudita.

As Cantilenas germanicas, antes do seculo IX, haviam decahido por falta de importancia historica; era passado o periodo das invasões. Isto que se dava nos ramos mais vigorosos da familia germanica, com mais fundamento devia succeder entre os godos, por causa da sua luta com o catholicismo romano. As Cantilenas germanicas, logo que appareceu o vulto heroico de Carlos Magno, receberam um novo interesse, uma actualidade devida á transformação social em que entrava a Europa; emquanto esta corrente não chegou á Peninsula, a Cantilena goda não se perdeu completamente, por isso que nos cantos oraes ainda existem symbolos, mas conservou-se porque serviu de lettra sem sentido para a musica e dança imitada dos arabes. A *saga,* irlandeza, é a tradição oral, a conversa, o canto junto ao lar; deriva-se de *segia,* dizer; no dinamarquez *sige,* e no anglo-saxão *soeggan* tem o mesmo sentido, que nos apparece na linguagem poetica dos povos da Peninsula na *siguidilha*. Nem de outro modo se póde explicar a existencia dos cantos historicos de que se serviu Affonso-o-Sabio na sua *Historia;* e na designação popular d'esta ordem de cantos, temos um documento, que é a palavra *Aravia,* usada nas colonias hespanholas do Perú, e nas colonias portuguezas do Archipelago açoriano, do mesmo modo que a antiga palavra *Francias* designava os contos decameronicos derivados dos Fabliaux francezes.

Depois que a poesia dos jograes se espalhou pelo mundo, e que colonias francezas e casamentos de principes tornaram as communicações sentimentaes entre os diversos povos mais directas, as Cantilenas germanicas, que haviam recebido pelo genio gallo-franko uma transformação profunda e se haviam agglomerado cyclicamente para formar as novas Canções de Gesta, vieram fecundar na Peninsula as ultimas e quasi apagadas Aravias populares, que conservaram sempre a mesma fórma breve e anonyma que caracterisa o *romance*. Assim nas designações diversas d'esta fórma épica temos determinados os periodos da sua evolução historica; são ellas: *Cantar, Aravia, Gesta, Estoria, Romance*.

O *Cantar* corresponde á fórma da antiga Cantilena germanica, e quando no seculo XII veio a designar as diversas partes de um poema, já este facto indicava uma juxtaposição cyclica, como vêmos no *Poema do Cid*. Esta designação ficou tambem na linguagem do povo, como se vê no romance do *Conde Niño*: «um lindo *cantar* se ouvia»: prevaleceu através de muitas epochas litterarias, já com o verbo «cantar um *cantar*», como usa Affonso o Sabio, já com a palavra erudita *romance*, como no fim do seculo XV usou Bernardim Ribeiro: «não soube inteiramente mais que per um *cantar-romance*, que d'aquelle tempo ficou». E' sobre esta fórma que procuramos os caracteres puramente gothicos que n'ella ficaram impressos tradicionalmente. Temos primeiramente os *symbolos*. Em nenhum dos povos da Europa, como disse Reyscher, apparece o genio creador das fórmas symbolicas como na familia germanica; este acerto e lei historica confirma-se nos godos da Peninsula e sobretudo nos Foraes proclamados pelo mosarabe ou godo-*lite*. Na *Historia do Direito portuguez*, capitulo III e IV, fica já estudado este periodo de efflorescencia; mas o estudo dos symbolos juridicos dos Foraes é que nos levou a comprehender a origem dos Romanceiros. Raro será o romance popular portuguez que não tenha um symbolo germanico francamente expresso, mesmo com a ingenuidade de quem já o não comprehende: enumeremos alguns dos mais profundos: No romance de *Girinaldo*, o rei deixa o seu *punhal* collocado entre sua filha e o pagem que dorme com ella, como signal de que ha entre elles uma distancia insuperavel; depois de perdoar ao pagem e de o casar com sua filha, dá-lhe a egualdade sentando-o comsigo *á mesa*. No romance de *Flores e Ventos*, temos a personalidade germanica do Banido, completamente desenhada, sem tecto, lar nem agua, como nos Foraes; isto mesmo se accentúa mais no romance hespanhol de *Lançarote del Lago*, em que os criminosos chegam a transformar-se em cães e veados, especies de *Wargus*. No romance de *Claralinda*, ha a pena de fogo para o adulterio da mulher, como no Codigo wisigothico. No romance da *Infantina* ha a condição do servo germanico, notada com o nome de *malado*, como se encontra nos documentos juridicos. O symbolo do *cabello atado*, como signal de mulher casada, e *em cabello*, signal de solteira, chega a penetrar nos cantos palacianos e até nos anexins: «Moça *em cabello*, não m'a louves companheiro.» É o mesmo symbolo da *mancipia in capillo* dos Foraes. Repete-se em outro anexim: «Mais vale velha com dinheiro, que moça *com cabello*.» Todos estes symbolos já ficam notados nas *Epopêas da raça mosarabe* e nas Notas ao *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*.

Passemos ás *superstições*. O culto do carvalho sagrado de *Ygdrasill*, debaixo do qual se celebrava a assembléa politica dos povos germanicos, é a carvalheira á porta da egreja, debaixo da qual julgavam os homens bons dos Foraes, e é esse mesmo *roble* dos romances hespanhoes e da *Infantina* portugueza; este ultimo tem a particularidade de ter ao pé de si a *Fonte de Urda*, que é o tanque de agua fria [1]. Esta mesma superstição encontra-se em muitas terras de Portugal, que tem carvalhos ao pé de poços de aguas santas. Mas o symbolo não comprehendido veio a tornar-se superstição, acto criminoso ou reprehensivel; é assim que o *Wargus*, o lobo nocturno a que era equiparado o Banido germanico, ficou para o nosso povo como o *lobis-homem*. O segredo de perceber a linguagem dos passaros, tão frequente na poesia scandinava, como aconteceu com Sigurd, e em uma historia dos *Kinder und Haus Mærchen*, repete-se na poesia popular portugueza:

> O melro canta na faia,
> Escutai o que elle diz:
> Quem fez o mal que o pague,
> Nenga eu que o não fiz.

O romance da *Donzella que vae á guerra*, encontra-se na saga irlandeza de Thorubiœrg, filha de um rei da Suecia, que se veste de homem para entrar nos combates [2].

As festas de Freya, da primavera odinica, de Joel, tornaram-se para nós o Sam João, as Maias, o Natal, porque a força do costume prevaleceu, e teve de ser naturalisado com espirito novo aquillo que teria de cahir como supersticioso. Estes factos mostram-nos como entre a *superstição* e o costume, a vitalidade das tradições germanicas prevaleceu contra o espirito romano.

Nas fórmas metricas temos ainda um documento importante, a *aliteração*, peculiar da poetica dos povos do Norte, que desappareceu dos cantos tradicionaes, conservando-se nas tautologias juridicas e sobretudo nos anexins populares, como no exemplo: «*G*ota a *g*ota o mar se es*g*ota.» A palavra *rima*, no sentido de composição poetica, a fórma do *ditado*, tudo nos indica, além das transformações sociaes, que a tradi-

[1] Uma outra prova dos vestigios germanicos se encontra no romance portuguez da *Encantada*, que está em cima de uma arvore cujos ramos são os seus cabellos. (*Cantos do arch. açor.*) Uma cantiga dos artistas da Allemanha, traz estes versos, que repetem a antiga tradição, e mostram a origem commum da lenda portugueza:

> Darauf so bin ich gegangen nach Sachsen,
> Wo die schoenen Maegdlein, etc.
> (Vid. Grimm., *Tradit.*, t. II, p. [illegible], trad. fr.)

A traducção do canto é a seguinte:

> «D'ali, eu fui à [illegible], aonde vi
> Sobre as arvores [illegible] lindas moças,
> [illegible]
> [illegible]
> [illegible]

[2] Marmier, *Lettres sur l'Islande*, p. 253.

ção da alma germanica não se obliterou completamente no Mosarabe, que fez os Romanceiros.

Tomemos a designação de *Aravia:* significou, para os eruditos do seculo XV, a linguagem arabe corrupta com que os christãos se entendiam. Mem Moniz, que esteve no cerco de Santarem, «sabia fallar mui bem a *aravia;*» em todos os outros documentos em que apparece este termo, significa uma giria privativa do baixo povo. Quando no fim do seculo XVI o Padre Fernão Guerreiro a usou, no sentido de canto, na phrase «*entoar uma aravia,*» já era bastante empregado pelo povo, a ponto de apparecer nas colonias do Perú e dos Açores, depois que a cultura latina destruiu a originalidade nacional. Dos cantos do Perú, diz o viajante Paul Marcroy: «Estas composições chamadas *Yaravis*... foram a principio cantos de victoria, odes, dithyrambos destinados a celebrar o triumpho das armas dos Incas, suas qualidades particulares e seu poderio. Com o tempo tomaram fórmas mais variadas e cantaram o amor, a natureza e as flôres.» Em nota acrescenta a definição da palavra *Yaravi:* «Litteralmente *cantos tristes.* Os *Yaravis* são hoje simples romances, cuja musica é sempre escripta em tom menor e com um movimento muito lento. Canta-se com acompanhamento de guitarra.» [1]

Prescott, na *Historia da Conquista do Perú,* falla de uma especie d'*Aravias,* e allude ao seu caracter historico e cyclico. «O emprego de registar os annaes nacionaes não era exclusivamente reservado aos amantas; era em parte exercido pelos *Haraveques,* ou poetas, que escolhiam os incidentes os mais brilhantes para assumpto de suas canções e de suas balladas, que se cantavam nos festins reaes á mesa dos Incas. D'esta maneira, formou-se um corpo de poesias tradicionaes, *similhantes ás balladas inglezas e hespanholas,* pelas quaes o nome de um chefe barbaro, que teria desapparecido á falta de historiador, chegou á posteridade por causa de uma melodia rustica.» [2] Em nota, Prescott, fundado na auctoridade de Garcilasso (*Com. Real,* P. I, liv. II, cap. 27) diz: «A palavra *haraveque* significa *inventor* ou auctor, e no seu titulo e nas suas funcções este poeta menestrel, póde-nos lembrar o *trouvere* normando.» A persistencia d'esta fórma nacional do Mexico, só se explica pela homonymia com a *aravia,* dos colonisadores hespanhoes.

O *Yaravi,* como o romance insulano, é acompanhado com a *guitara* arabe, popular na Peninsula. Isto confirma melhor a creação *Mosarabe:* sentimento intimo e essencial, puramente germanico, taes são os symbolos, as superstições, os costumes, as fórmas aliteradas; fórmas exteriores, da incommunicabilidade semitica, como rythmo musical, para o qual a lettra se

[1] *Voyage à travers l'Amerique du Sud,* t. I, 231.

[2] *Op. cit.,* t. I, p. 131. (Trad. Pœrel, 1861).

torna um pretexto, quando de narrativa a não vae tornando lyrica. D'aqui vem a designação popular da *Aravia* [1].

Esta fórma tendia a decahir, como dissemos, por falta de interesse historico, e porque a musica se tornava o elemento principal: porém com a corrente dos Jograes, que foram por todos os solares levar a poesia dos tempos modernos, a *Aravia* recebeu o espirito novo que traziam as Canções de *Gesta.* Na velha poesia de Hespanha falla-se na *Maestria de Francia,* e o nome de *Gesta* tornou-se de uso popular; em Portugal não encontramos esta designação mas sim os documentos da renovação franceza; entre nós, na linguagem do seculo XIV e XV, *estoria* significa tradição poetica. Isto notou pela primeira vez o snr. Herculano; Resende tambem a usa n'este sentido, e lêmos em Bernardim Ribeiro: «lembra-me menina, e ouvia-a já então *contar* a meu pae por *historia.*» Quando no seculo XV a erudição latina tomou um ascendente definitivo sobre os dialectos populares, chamados pelos latinistas com o nome desprezivel de *romance,* este mesmo termo serviu para designar esses cantos vulgares; apparece-nos pela primeira vez empregado no seu sentido mais restricto pelo grande erudito el-rei Dom Duarte; no seculo XV tambem o vêmos significar a antiga *aravia:*

> mais amde cantar *romance*
> em que cuidem que se entendem.
>
> (*Canc. ger.,* III, 358).

O facto de se mudar o termo *romance* de adjectivo em substantivo encerra em si uma revolução erudita; a estes mesmos cantos se deu tambem o nome de *ledino.* Christovam Falcão ainda empregou no verso «cantar de *ledino*». No *Leal Conselheiro* encontramos bem discriminadas estas differenças: «e nom screvo esto per maneira scholastica, mas o que leeo per liuros de latym, e de toda lingua *ladinha,* de que alguma parte se me entende.» Desde que a erudição, levada pelo excesso de variar as fórmas, teve de contrafazer a poesia popular no seculo XV, immediatamente se perdeu a idéa da sua origem, e não tornou mais a ser comprehendida. O cyclo da fecundidade do povo,

[1] A influencia arabe, puramente musical, apparece-nos até em Gil Vicente; na tragicomedia de *Rubena,* offerece elle uma phrase *Cathi orabi,* cujo sentido não tem sido comprehendido; na poesia em que o Arcipreste de Hita enumera os instrumentos arabes a que se cantava, diz:

> El rabé gritador, con la su alta nota,
> *Cabel el orabin* taniendo la su rota.
>
> (V. 1206 e 7).

Estes phrases *cabel* e *orabin,* significam: *Adiante os arabes!* grito que deu o nome aos instrumentos musicos que acompanhavam a marcha. Esta influencia continuou-se com a musica rabinica. Vemos no *Cancioneiro geral:*

> Vy esta vossa *contigua*
> que da *toura* muy antigua
> me parece ser forjada.
>
> (T. I, p. 251).

que se conta entre o seculo XII e XIV, acabou tambem com a extincção das garantias foraleiras pelas monarchias, e com a liberdade de consciencia atrophiada a pretexto de combater a Reforma.

2. *Os Cyclos das Epopêas medievaes em Portugal.* — Vejamos como a Aravia, ou a Cantilena gothica no seu estado decadente, se avivou na imaginação do mosarabe no XII seculo. O nome de *Gesta* e *Estorea*, que designava a poesia épica na Peninsula, indica-nos a via de communicação. Depois do apparecimento de Carlos Magno, isto é, depois da completa fusão do elemento gallo-franko, deu-se uma nova ordem social na Europa e começaram a ser formadas as giganteas epopêas francezas. O typo de Carlos Magno tomado como centro d'esta efflorescencia poetica, mostra-nos d'onde veio o interesse historico para a inspiração; a fórma cyclica das composições, e a independencia e superioridade politica do franko, um dos ramos poderosos da familia germanica, mostram que essas epopêas, ainda não completamente individuaes, são as Cantilenas unidas em volta de um mesmo centro e tomando por assumpto os successos actuaes. São estes os resultados positivos da sciencia das origens litterarias, como descobriram Paulin Paris, seu filho Gaston Paris, Leon Gautier e outros; nas epopêas francezas, é germanica a idêa da guerra, da realeza, do feudalismo, dos symbolos juridicos, da mulher e da divindade. Os textos de Tacito e de Eginhard provam a primitiva commoção historica do modo mais absoluto, e ao mesmo tempo a persistencia das Cantilenas germanicas durante a primeira raça, cantadas em lingua vulgar, como vêmos pelo principal monumento a *Vida de San Faron*, do seculo VII. O apparecimento de Carlos Magno, absorvendo em si todas as individualidades heroicas que se produziram mais tarde, veio dar á Cantilena uma tendencia historica, um agrupamento cyclico e um caracter nacional. Antes porém de ficar formada com estes elementos e sob estas condições a epopêa moderna, teve ella de lutar com a corrente das lendas latinas; isto que se deu com uma raça forte, o franko, succedeu tambem em Portugal com as lendas de Dom Affonso Henriques. Não tivemos uma força de creação para annullar a corrente erudita, como a França. A Canção de Gesta, por isso que, ao contrario da Cantilena, começava a ser escripta, tinha melhores recursos de fixidez e de resistencia. As primeiras Gestas que circularam na Europa foram a *Chanson de Roland, Girard de Roussillon, Ogier, Raoul de Cambrai* e *Aliscamps*; este periodo de assombrosa efflorescencia deu-se desde o principio do seculo XII até 1328. Estas datas são capitaes: comprehendem o periodo organico da nacionalidade portugueza. Era impossivel que n'estes annos de aspiração, em que se imitavam instituições francezas, como os *Missi Dominici*, em que se estabeleciam colonias gallo-frankas no territorio portuguez, não chegassem cá os esplendores d'essa inspiração fecunda da sociedade nova. Temos dous meios para a prova affirmativa; em primeiro logar os factos historicos que por si levam a induzir essa communicação, em segundo as vagas allusões a esses poemas. O argumento negativo de não se encontrarem em Portugal manuscriptos das Gestas, só leva a concluir o mesmo que se conclue da falta d'elles no sul da França: que ouvimos, mas não compozemos Gestas. Na era de 1178 aportaram a Gaia algumas naus vindas das partes das Gallias; na era de 1185 mais navios chegados das Gallias trouxeram cavalleiros que ajudaram Dom Affonso Henriques na conquista de Lisboa. A lenda do Pagem Enrique é um documento da luta que a este tempo se estava dando entre o espirito latinista e a Gesta jogralesca. Azambuja, Villa Verde, Atouguia e Lourinhã, foram dadas aos cavalleiros francezes que as povoaram, e onde implantaram o direito privilegiado da raça franka. Já em 1193 Dom Sancho I fazia dadivas aos dous jograes *Bon-Amis* e *Acompaniado*, e em 1245 Dom Affonso III, que residira bastantes annos no norte da França, mandava admittir pelo regimento na sua casa tres jograes na côrte. Abundam os factos positivos; vejamos as allusões. Na Chronica de Turpin, germen da gesta de *Roland*, cita-se o nome de Portugal, e no *Fierabras*, segundo Fauriel, ha o retrato allegorico da rainha Dona Thereza.

Nos Livros de Linhagens allude-se aos *Doze pares*, comparando os cavalleiros da Peninsula a elles na sua bravura; a idêa dos Doze Pares apparece pela primeira vez no *Roland, Viagem a Jerusalem* e *Renaud de Montauban*, as gestas mais celebres que circularam na Europa durante esse periodo já determinado da organisação da nossa nacionalidade. O verso alexandrino francez é empregado nos mais antigos monumentos poeticos hespanhoes, e apparece em alguns romances populares portuguezes, como o *Figueiral, Santa Iria, O Cego*, e *A Pastora*. O instrumento musico a que se cantavam as gestas, a *çanfonha*, ainda hoje é popular; a moeda com que se pagava o jogral, a *poiterine*, e o mesmo nome dos jograes que exploravam pelo mundo a Gesta de Carlos Magno, a que os italianos chamavam *Chiarletani*, tudo se encontra nas locuções populares portuguezas. Os nomes dos Heroes dos cyclos francezes acham-se tambem aportuguezados pelo nosso povo e apparecem nos Livros de Linhagens como tendo servido de uso civil na sociedade aristocratica: *Alda*, nome de muitas damas anteriores ao seculo XIV, era derivado de *Aude*, a formosa amante de *Roland* (Roldão); Bauduin de Vanes acha-se perfeitamente aportuguezado em *Valdevinos*. Mas como o cyclo de Carlos Magno começou a ser ridicularisado na Italia e Hespanha, quando appareceram os heroes nacionaes, em Portugal encontramol-os com o mesmo ridiculo. *Ferrabrás, Valdevinos* e *Roldão*, são hoje synonymos de farfante, vagabundo e valentão. No principio do

seculo XV ainda Azurara cita uma Gesta franceza, a Canção do *Duque Jean de Lançan,* e em Hespanha um poeta palaciano cita o *Girars de Vienne.* Estes factos bastavam para deixar em evidencia como a Gesta veio dar vitalidade historica ás quasi obliteradas Aravias, se ellas por si não fossem episodios destacados e abreviados d'essas immensas composições cyclicas. Dos oitenta romances anonymos que ainda existem, apenas tres se referem a assumptos da historia portugueza: o romance de *Santa Iria,* o do *Casamento mallogrado,* á morte do principe Dom Affonso, e o da *Nau Catherinetta,* que pertence ao cyclo portuguez das relações de naufragio dos galeões da India; ha mais um outro sobre a batalha de Lepanto, intitulado *Dom João da Armada.* Todos os outros versam sobre assumptos que nos não pertencem, que vieram de fóra, uns do cyclo de Carlos Magno, outros da Tavola Redonda.

Chegamos justamente ao ponto em que um novo espirito litterario e infelizmente erudito veio distrahir a elaboração das Gestas gallo-frankas. Em 1155 as gestas francezas estavam no seu esplendor; n'este mesmo anno apparece o *Roman de Brut,* de Robert Wace, d'onde diffluiram todos os romances da Tavola Redonda. Uma das zonas ethnographicas da França tinha o elemento gallo-bretão; a Bretanha e a Armorica, onde se formaram estes novos poemas que tomaram por centro o typo do rei Arthur, tinham uma certa communidade de origem; os poemas d'este cyclo resentem-se das tradições bardicas, mas a fórma poetica e christianisada foi dada principalmente pelas imaginações insulares da Bretanha de preferencia ás povoações continentaes da Armorica. Comprehende-se, e explica-se pela pureza do elemento insular, livre em comparação do armoricano encravado entre o gallo-franko e o gallo-romano. Isto mesmo se vê ainda hoje com as Ilhas dos Açores em relação ás tradições portuguezas. Depois de Wace, Chrétien de Troyes fez para os poemas da Tavola Redonda o mesmo que Therould para as gestas carolinas: deu-lhe um typo, um modêlo de concepção. Este cyclo de Arthur, por isso que tinha menos realidade historica, com o espirito christão que o penetrava, e tornava sentimental e allegorico, era sempre de elaboração litteraria, individual e erudita, tendia a radicar-se facilmente em Portugal. O fundo celtico, presistente na população da peninsula, e assimilado por todas as invasões, reapparece nas tradições populares; isto tornava sympathico o cyclo da Tavola-Redonda. Citaremos algumas d'essas tradições. Encontra-se em Portugal a designação de *Pedra de alvidrar,* cujo sentido se ignora, dada a um rochedo em Cintra; as tiradas do seculo IX, citam as *menhir do saber,* ou pedras de virtudes magicas, que possuia o encantado Ganhebon, companheiro de Avaula[1]. A lenda dos dous corcundas da Ponte da Aliviada, que se repete no Minho encontra-se nos cantos da Bretanha[1]. O canto portuguez do *Rico Franco,* tem analogias profundas com os cantos da Bretanha ácerca de du Guesclin[2]. A locução portugueza: *Sete alfaites para matarem uma aranha* parece ser de origem celtica; na Bretanha ainda hoje se diz o proverbio: «Nove alfaiates não fazem um homem[3].»

Na poesia popular portugueza, ha a *Oração de S. Cypriano,* (já citada nos Index Expurgatorios do seculo XVI) em tudo similhante ás *Series,* da poesia celta. A oração portugueza começa: «Cypriano, amigo meu, diz-me as santas palavras ditas e replicadas.

—Eu t'a digo, eu t'a direi...»

E começa uma enumeração por series, repetindo a cada numero todos os numeros antecedentes. Na tradição portugueza com a superstição de que todo o homem que se chama Cypriano, sob pena de ir para o inferno tem obrigação de repetir as *santas palavras,* quantas vezes lh'as repetirem. Tem a fórma de um canto druidico, tal como ainda hoje se repete na Bretanha, principalmente na parochia Saint-Urien, aonde é conhecida com o titulo de *Vesperas das rãs. (Vill.* p. 2). O mesmo auctor a pag. 16 prova como o christianismo se aproveitou da fórma druidica.

Na Hespanha acham-se logo no principio condemnados os cantos que não forem de guerra ou Gestas; em Portugal apparece-nos o *Roman de Brut,* admittido na historia pelo Conde Dom Pedro no seu *Nobiliario,* e seu pae Dom Diniz cita nos seus versos os poemas de *Tristão e Yseult* (Ausea e Ausenda) e de *Flores e Brancaflor.* Á medida que a tendencia erudita, isto é, o predominio da civilisação romana em politica, religião e litteratura, se apodera do genio nacional e annulla o mosarabe, ao mesmo tempo nos vão apparecendo em mais abundancia os vestigios dos poemas da Tavola Redonda, e obliterando-se nos cantos oraes do povo as tradições carolinas. Fórma-se o cyclo dos Amadizes sobre o *Amadas y Ydoine,* redige-se em portuguez o livro de *Joseph ab Arimathia,* visto em Lisboa por Varnhagen, e citado no *Cancioneiro* de Resende por Alvaro Barreto em 1449; traduz-se o fragmento de *Santo Greal,* do tempo de Dom João I, que está na Bibliotheca de Vienna, Fernão Lopes cita os personagens da Tavola Redonda, Lançarote, Dom Quea, Galaaz; Dom Duarte archiva na sua opulenta livraria os principaes poemas d'este cyclo, como *Tristão, Merlin;* o Condestavel imita a virgindade de Galaaz e delicia-se com a Summa da Tavola Redonda ou abreviação dos poemas d'este cyclo; Azurara cita as viagens de *Sam Brendan,* finalmente a aristocracia adopta os nomes de *Yseult,*

[1] Villemarqué, *Les Romans de la Table-ronde,* p. 421.

[1] Idem, *Chants populaires de la Bretagne,* p. 35, not. p. 58.

[2] Ibidem, p. 312.

[3] Souvestre, *Foyer breton,* t. 3, p. 110. — Vid. Villemarqué.

Ginebra, Viviana, Arthur[1], *Lançarote, Tristão, Percival* e *Lisuarte*, como quem vivia n'esse nebuloso mundo de aventura e de heroismo. Portanto, desde a vinda de Bertrand du Gueselin á Peninsula até ao meado do seculo xv, o romance popular ficou abandonado ás versões oraes do povo; foi este o seu melhor periodo de efflorescencia. Vejamos como o espirito erudito se apoderou d'elle, e o quiz imitar pelo capricho de poetar em todos os metros, como o transformou e lhe impôz pelo seu proprio instincto latinista em vez do nome de Aravia, o nome de *Romance*.

3. *Transformação erudita do Romance no seculo XV.* — Cansados de esgotar os innumeros artificios da poetica provençal, os cavalleiros, condemnados pela organisação social em que a Monarchia excluia todas as outras fórmas de auctoridade, a viverem a vida parasita de aulicos, e a divertirem os serões do paço, lançaram-se a imitar os romances do povo, como quem se desenfastia; procuravam por capricho uma novidade; exploravam as fórmas vulgares, *ledinas* ou romances, como quem não tem mais nada que produzir. O que havia de pittoresco, de vigoroso, de profundo e vivo n'esses cantos nacionaes, em que o mosarabe alludia ainda aos seus symbolos já sem os comprehender, não deixou de impressionar os poetas da côrte. Começaram por contrafazel-os; o Marquez de Santilhana chamava-lhes cantares infimos, proprios para alegrar a gente desprezivel, tendo em vista ir d'encontro á corrente que afastava os eruditos da via latinista. Mas Dom João Manoel abraçára esses cantares-romances, e estabelecera-se a moda.

A rainha Dona Joanna, filha d'el-rei Dom Duarte, e casada com Henrique IV de Castella, pedia aos cavalleiros da côrte que lhe glosassem romances, como o que começa: *Nunca fue pena mayor*, tambem glosado em Portugal por Pedro Homem, estribeiro-mór. Garcia de Resende tambem glosou o romance de *Tiempo bueno*, e Sá de Miranda o romance da *Bella mal maridada*. Emfim, era tal o conhecimento que se tinha na alta sociedade dos romances do povo, que, antes da primeira collecção formada em Sevilha em 1551, encontrámos allusões de sessenta e oito romances nos escriptores portuguezes do seculo XV e XVI, como deixamos provado nas *Epopêas da raça mosarabe* (cap. VII). O romance soffreu uma alteração na fórma metrica; em vez de *alexandrino*, ou *endeixas*, como se lhe chamava, passou a ser octosyllabo; mas na mente do povo só conhecemos esses tres romances novos que citamos, pertencentes á historia portugueza, signal de que no seculo XVI não creou mais, mas repetiu apenas a tradição oral. A acção erudita foi deleteria e deprimente; a codificação romana que prevalecia na unidade das Ordenações manoelinas, matava as regalias locaes, levava a independencia individual; a reacção contra a Reforma matava tambem a alegria. Por effeito da cohabitação com o arabe, o Mosarabe adoptou a fórma dos cantos *ao divino*, os Romances sacros, os ultimos evangelhos apocryphos da alma indo-germanica. Coincidiu isto com os *Lollards*, que perturbaram o sentimento religioso da Europa; os romances sacros foram considerados como «peccados de bocca», segundo Dom Duarte, e mais tarde os *Index Expurgatorios* condemnaram os romances do povo, em 1564, 1581, 1597 e 1624. Perdeu-se a alegria nacional, como primeiro o declarou Gil Vicente, que dizia ser «Jeremias o nosso tamborileiro».

Não só depois de ser glosado, o romance tambem foi parodiado ridiculamente; o romance da *Bella mal maridada*, citado por Nuno Pereira, Francisco da Silveira, Resende, e Sá de Miranda, apparece parodiado por Gil Vicente d'esta fórma:

> Marido mal maridado
> Dos móres ladrões que eu vi,
> Vejo-te mal empregado,
> Mas peor vejo a mi.
> Que se fôra tecedeira
> Casada com tecelão,
> No inverno e no verão
> Sempre andara a lançadeira.
> Ajuntou-nos o peccado
> E pois isto é assi,
> Ajuntou-nos o peccado,
> Mau pesar veja eu de ti.
>
> (*Obras*, II, 485).

Gil Vicente tambem escreveu os mais bellos romances sacros, que intercalava nos seus *Autos*; Jorge Ferreira escreveu as façanhas de Arthur e dos heroes do cyclo greco-romano, que intercalou no *Memorial da segunda Tavola*, e Garcia de Resende glosou as versões oraes que se cantam ácerca dos amores de Dona Ignez de Castro. A tendencia erudita deu a versão da *Porcina*, de Balthazar Dias, tirada do *Speculum historiale* de Vicente de Beauvais. Esta mesma corrente se observava em Hespanha com Sepulveda, Lasso de La Vega, Timoneda, La Cueva, Treviño; no seculo XVII creou-se em Hespanha o romance mourisco ou granadino, que usou Dom Francisco Manoel, o romance allegorico, que usou entre nós Francisco Rodrigues Lobo, e a xacarandina ou xácara, inventada por Quevedo, abraçada pelo auctor das *Musas de Melodino*. D'aqui em deante a poesia épica do povo torna a perder-se como estes rios que desapparecem para irromperem d'ali a muitas leguas. As condições da vida social, dominação castelhana, cesarismo de restauração bragantina, tudo conspirou para fazer esquecer a sua existencia. Vejamos como se tornou a achar este veio riquissimo das tradições da Edade media.

4. *Os tres centros ethnologicos dos Cantos nacionaes.* — Depois das bases da critica homerica creadas por Vico e desenvolvidas por Wolf, a comprehensão

[1] «Em ur não me lembra outro (nome) senão *Arthur*, nome proprio d'homem: e mais não é nosso». Fernão d'Oliveira (*Gramm.* 44).

dos cantos nacionaes tomou um alcance profundo; descobriu-se que o homem assim como sabia architectar os seus systemas de linguagem e as suas instituições, tambem sabia dar fórma aos sentimentos que se tornavam pela tradição o vinculo da nacionalidade. Deu-se o descobrimento d'este criterio novo justamente quando se passava o phenomeno social da Revolução franceza. A natureza exemplificava por si o que o philosopho descobria. O resultado immediato foi a revelação dos Cantos gaélicos na Inglaterra, das Canções de Gesta em França, dos Niebelungens na Allemanha, dos Romanceiros na Hespanha; a critica, a archeologia, a linguistica, a philosophia, tudo cooperou para dar principios novos á sciencia da Historia. Só muito tarde é que chegou a Portugal o desejo de saber se eramos um povo vivo, se por ventura teriamos tido uma poesia nacional. Garrett voltára da emigração; assistira na Inglaterra ao ruido que faziam as publicações de Ellis, Percy, Rodd e outros muitos. Regressando á patria, quiz tambem vêr se a nacionalidade portugueza se affirmava na litteratura tradicional. Consultou a medo o oraculo da tradição oral, e temendo a mudez, começou a recompôr, a revestir artisticamente os apagados vestigios já sem fórma poetica que lhe indicavam. Na realidade, o Mosarabe temia a luz e desconfiava de quem o interrogava; julgava que era para sortilegios ou para ridicularisal-o nas gazetas; quando algum mais benevolente condescendia em repetir os seus cantares, tornava-se impossivel escrevel-os, porque os não podia encarreirar sem a melopêa, ou, quando era interrompido, perdia o fio da narrativa e já não sabia como continuar. Quando Garrett adquiriu os meios de recolher os cantos do povo por via de outras pessoas, faltou-lhe o respeito para acceitar essas epopêas na sua fórma fragmentada e rude; artista do tempo da Restauração, ainda florianesco mas já com malicia de Pigault, não resistiu ao defeito do seu tempo, sacrificou a arte á convenção, alindou, aformosentou, completou os romances do povo. Mas o criterio d'estes estudos, descoberto por Jacob Grimm, prevaleceu na Europa; tivemos a felicidade de apparecer n'este periodo scientifico da critica, e fômos levados do estudo dos Foraes para a investigação dos Romanceiros; appareceu-nos uma luz nova: o que parecia uma rudeza era na realidade um documento da vida de uma raça; o que parecia um capricho sem sentido era um symbolo foraleiro da alma germanica, conservado pelo atavismo no Mosarabe; o que parecia um desconcerto grammatical era um archaismo da linguagem do principio do seculo XV; o que parecia um canto truncado era um episodio completo mas abreviado de uma Gesta franceza, ou de poemas do cyclo bretão. Depois de recolhidos os elementos do Romanceiro geral portuguez, e notadas as terras em que esses cantares foram por assim dizer herborisados, é que podemos, levados pelos descobrimentos da distribuição da raça mosarabe, formar uma ethnologia dos diversos ramos da epopêa nacional.

São tres os pontos do territorio portuguez em que o romanceiro mosarabe teve uma evolução historica: a *Beira*, o *Algarve* e as *Ilhas dos Açores*. Vejamos a riqueza tradicional de cada um d'estes centros, a vitalidade dos seus symbolos ou a obliteração d'esses cantos, segundo a vida economica das localidades.

A) *Beira Baixa*. Servimo-nos da auctoridade d'um historiador insuspeito: Herculano diz que os districtos do Sul do Douro «encerravam uma população essencialmente Mosarabe.» Herculano prova-o pela organisação politica dos concelhos, pelos direitos constituidos, pelas condições de liberdade em que essas povoações se acharam depois que começou a conquista do Algarve; Garrett, menos erudito, mas com raro senso intuitivo, descobriu que as versões dos cantos populares eram sempre mais puras na tradição da Beira Baixa. E comtudo Garrett ignorava a connexão historica d'estes dous factos.

Fallando das dicções ou locuções populares, diz Fernão d'Oliveira na sua *Grammatica*: «Algumas d'estas ficaram já de muito tempo: ha tanto que lhe não sabemos seu principio particular... tambem se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira tem umas falas e os Dalemtejo outras; e os homens da Estremadura são differentes d'Antre Douro e Minho...» (p. 85). De facto entre o Douro e Minho prevaleceu a escóla gallega da poesia provençal; os cantos mosarabes só penetraram mais tarde ahi. A linguagem da Beira já no seculo XVI apresentava aos grammaticos um caracter archaico: «muitas vezes algumas dicções que ha pouco são passadas são já agora muito aborrecidas: como *abem, ajuso, acajuso, a suso* e *hoganno, algorrem*, e outras muitas; e porém se estas e quaesquer outras semelhantes as metterem em mão de um homem velho da Beira, ou aldeão, não lhe parecerão mal.» (*Ib.*, p. 81). Estas differenças que Fernão de Oliveira notava como grammatico, encontram-se comprehendidas por Gil Vicente como poeta; duas farças e uma tragicomedia versam sobre os costumes mosarabes da Beira, e são: o *Clerigo da Beira*, o *Juiz da Beira* e o Auto da *Serra da Estrella*; foi n'esta provincia de Portugal que Gil Vicente localisou os mais primitivos costumes populares[1].

Vejamos esses caracteres nos costumes juridicos; segundo a jurisprudencia dos Foraes, a mulher forçada accusava pelas ruas o roussador, e este só podia de-

[1] Nos cantos populares portuguezes encontram-se os archaismos da linguagem antiga: o jogo do *aléo*, usado pela sociedade do seculo XV, encontra-se já na cantiga:

> Minha violinha nova
> Quebrada te veja eu;
> De dia dormes na caixa,
> De noite é que andas *ó léo*.

fender-se por meio de doze testemunhas (*juratores*). Na farça do *Juiz da Beira*, Gil Vicente satyrisa o funccionario real fazendo-o sentenciar ao inverso:

> AM. Não sei se é crime ou se quê?
> Minha filha ser violada,
> E houveram-m'a forçada
> Vou-me ao Juiz......
> JUIZ. Pae, pae, venha a cachopa
> E veremos que ella diz:
> E como diz a cantiga
> Traga as *testemunhas* cá,
> Sete ou oito bastarão.
> (Ob., III, 167).

O dizer da Cantiga é o *lex canet*, da antiga legislação wisigothica. Na farça do *Clerigo da Beira*, Gil Vicente allude ao rito mosarabe, que era invadido pela liturgia romana:

> FR. Matinas de cá da Beira?
> Ou como querem resar?
> CL. Si, para que é mudar
> Cada dia uma maneira?
> Porque os capellães d'El-rei
> Que cá na Beira tem renda
> Se rezam lá *d'outra lei*
> Tem outra lei de fazenda.

Quando o Clerigo anda á caça, resa as matinas á maneira dos hymnos *farsis*, da liturgia mosarabe. Na farça de *Ignez Pereira*, ha um clerigo que violentou uma mulher e depois a absolve do peccado com o *Breviario* de Braga, que pertencia ao rito mosarabe:

> Irmã eu te absolverei
> Co'o *Breviario de Braga*.
> (Ib., III, 125).

A Canção de *Belle Alice*, que antigamente se cantava na liturgia, apresenta certas analogias com o romance da *Morena*, da Beira-baixa.

> Main se leva bele Aeliz,
> «dormez, jalous, je vos en pri»
> biau se para, miex se vesti
> desoz le raim.
> «mignotement la voi venir,
> cele que j'aim.»
>
> Variante:
>
> Aaliz main se leva,
> «bon jor ait qui mon cuer a»,
> biau se vesti et para
> desoz l'aunoi.
> «bon jor ait qui mon cuer a,
> n'est pas o moi.»[1]

Esta mesma situação se dá no romance da *Morena*, tornando-se o amante o frade sensual do seculo XVII, em Portugal.

A Beira tambem era notada pelos seus bailes ou danças populares, que só o arabe das classes infimas admittia: a dança *Chacota*, não é mais que o rythmo das antigas *Chacones*, cuja letra se obliterou:

> Bailarão a derradeira,
> E tanger-lhe-ha o Moreno,
> Que sabe os *bailes da Beira*
> (I, 131)

No Auto Pastoril da *Serra da Estrella* abundam mais os fragmentos d'estes cantos, que eram pretextos para os bailes mouriscos. Eis uma d'essas cantigas, ainda com caracter narrativo:

> Volabala la pega e vae-se
> Quem me la tomasse
> Andaba la pega
> No meu cerrado,
> Olhos morenos,
> Bico dourado
> Quem me la tomasse
> (Ib., II, 33)

Vejamos a sua similhança com uma *Aravia* do Perú, do seculo XVI:

> Pajarillo verde,
> Pecho colorado,
> Esso te succede
> Por enamorado.

A reacção contra a Reforma matou tudo isto, como diz Gil Vicente no *Triumpho do Inverno*.

Em 1866 emprehendemos a exploração dos cantos oraes da Beira; revelou-se-nos immediatamente a verdade: alli encontramos o romance de *D. Garfos*, mais completo e vigoroso do que o romance do *Conde Grifos Lombardo* da collecção hespanhola; as duas tradições não se influiam, mas pertencem a duas elaborações geniaes; nenhuma d'ellas recorre ao maravilhoso, como na versão de Traz-os-Montes; alli apparece o Romance de *Dom Martinho* ou da donzella que vae á guerra, em que se falla nas guerras de França contra Aragão, quando este reino disputava o demonio da Provença; este romance falta na tradição hespanhola e foi-nos communicado pelo littoral, por isso que tambem se acha na Italia na *Donzella guerrera*: o Romance do *Alferes matador* tem um simile na *Jolie Fille de la garde* da Picardia e do Piemonte, não se encontrando egualmente em Hespanha: o *Bernal-francez* é a fórma popular da Beira, que os eruditos do seculo XV glosaram na *Bella mal maridada*: o *Hortelão das flôres* é a versão popular ainda em fórma alexandrina do *Dom Duardos* de Gil Vicente. O cyclo da Tavola Redonda ali apparece representado no *Conde Ninho*, imitação de Tristão e Yseult, e na *Rainha e Cativa*, imitação de Flores e Branca-flôr. Mas o que verdadeiramente assombra é o estado de integridade d'estas versões, a metrificação, a parte descriptiva quasi nulla, a fórma narrativa e dramatica sempre prevalecendo, e a difficuldade de fazer pelo maravilhoso o que se póde fazer pela força. A Beira conserva pelo menos as suas quarenta epopêas-romances, que formam o seu thesouro poetico do atavismo mosarabe. A Extremadura pertence tambem a esta zona de efflo-

[1] Karl Bartsch, *Romanzen und Pastourellen* II, 82, 86.

rescencia, mas os habitos sedentarios dão á Beira a sua superioridade.

B) *Algarve.* N'esta provincia a povoação foi até á legislação de Dom Manoel essencialmente de mixti-arabes, os antigos habitantes tolerados pelos conquistadores; o Algarve está hoje quasi deserto em consequencia d'essa funesta legislação. Vejamos como isto se reflecte na vida tradicional: em primeiro logar é no Algarve aonde de um modo mais sensivel e rapido vão desapparecendo de anno para anno os cantos nacionaes. Aonde não ha vida industrial, civil, economica, aonde não ha iniciativa, producção, interesses, como podem existir os resultados da vida moral? Os collectores dos cantos do Algarve conhecem o phenomeno, mas não indicam a causa. Nos fracos restos de tradição que se repetem n'essas povoações dormentes, descobre-se o caracter arabe, n'esses Romances sacros, numerosos e os mais bellos de todo o territorio portuguez. As mulheres ainda alli trajam os *biocos* e fabricam *empreita,* como no tempo dos arabes; como se não haviam conservar os cantos ao divino e aljamiados? Foi a uma criada velha do Algarve que no principio do seculo XVII ouvira o curioso Miguel Leitão de Andrade cantar uma das « numerosas cantilenas » muitos annos conhecida com o nome de Trova dos Figueiredos. Era elle muito menino, e a velha de muita edade, mas ainda em 1871 foi recolhido no Algarve o mesmo canto, fundado sobre a mesma tradição de Simancas, differençando-se da lição do *Cancioneiro* de Marialva em ter perdido a fórma alexandrina e moldar-se na octosyllaba. Os romances de *Dom Rodrigo* e da *Cava,* de *Dom Julião* e do *Cavalleiro da Silva,* representam interesses e collisões do tempo da invasão arabe e da reconquista.

C) *Ilhas dos Açores.* Bastava notar-se que esta colonia portugueza se desmembrou da mãe patria nos primeiros annos do segundo quartel do seculo XV, e que n'este periodo as povoações mosarabes de Hespanha e Portugal ainda elaboravam o seu Romanceiro, para suspeitar logo a riqueza tradicional das Ilhas dos Açores. Não era preciso ser Colombo para presentir um mundo, ao encontrar na bocca do povo insulano a designação de *Aravia,* que no continente esquecera, significando o antigo romance; era a designação anterior á influencia dos eruditos. Interrogamos as Ilhas que tiveram desde o seculo XV menos communicação com a metropole. A Ilha de Sam Jorge nas suas tres villas Rosaes, Ribeira de Areias e Ribeira de Nabo encerrava todas as riquezas poeticas do seculo XII a XV em multiplicadas variantes, sempre originaes e pittorescas, como quem tinha elaborado conscientemente os seus cantos. Alli achamos os romances sacros, quasi tão bellos como no Algarve; os symbolos juridicos germanicos, que no continente só se encontram nos Foraes, apparecem em terras que nunca tiveram a jurisprudencia foraleira, o que prova, que só podiam ser levados pelos antigos colonos. O romance de *Rico-Franco,* que falta no continente e é dos mais antigos em Hespanha, lá apparece em duas versões; um vestigio dos amores de Sigurd e Brunhild dos Niebelungens, tambem apparece no romance que começa: « Eu bem quizera, senhora. » Por ultimo conhece-se que as Ilhas viviam ainda dos successos da mãe patria, porque lá apparecem tres romances á morte do principe Dom Affonso em 1491. A riqueza poetica sobe a perto de oitenta epopêas anonymas, quasi outro tanto como nos vastissimos Romanceiros hespanhoes, se excluirmos o que é composição individual.

Do conhecimento do estado da tradição épica n'estes tres centros, se conclue: que os romances vão desapparecendo e sendo substituidos pelas cantigas soltas, lyricas, subjectivas, pessoaes; o que leva á conclusão superior, que o povo portuguez vae perdendo a unidade e as tradições que lhe dava a individualidade de raça, e que a passividade lyrica prevalece porque corresponde ao isolamento do trabalhador sem esperança.

§ 2.º Novellas de Cavalleria: degeneração erudita das epopêas

1. *Origem do Cyclo dos Amadizes.* Por alguns factos indicados como carecteriscos das canções de Gesta, vimos que ellas eram um producto da sociedade feudal; idêas, sentimentos paixões, fórmas de instituições, classes, interesses, pertence tudo a uma época em que a Cavalleria era uma realidade, uma cousa militante, viva, que pela propria força da sua evolução tendia a transformar-se; quando as Canções de Gesta receberam a sua fórma definitiva, ía desapparecendo gradualmente este estado de cousas; estava-se na luta dos grandes vassallos contra a realeza. A Gesta formava-se como uma aspiração e uma saudade pelo que acabava; ella reflectia em si o ideal da cavalleria, a individualidade do heroe, sempre justo que consegue tudo pela força. Os Romanceiros peninsulares pertencem a esta corrente, foram animados por este espirito.

Deu-se porém uma nova organisação social por effeito da consolidação da realeza; o heroe ficou egualado dentro do mesmo codigo com o peão, e as virtudes do cavalleiro ficaram *quixotescas.* Nenhuma palavra póde exprimir melhor este facto. No fim do seculo XIV já a sociedade burgueza affirmava a sua existencia civil e politica; o cavalleiro sentia-se annullado, e sem ter mais que fazer, no seu parasitismo de aulico, imitava os actos exteriores e apparatosos dos antigos paladins; inventava o brasão, floreava nos torneios em que quebrava lanças, renovava o symbolismo da acolada e do velar as armas, adoptava uma dama dos seus pensamentos e escrevia-lhe canções. Era a realisação do ideal da cavalleria de um modo *quixotesco.* Assim quando se propozer o problema da existencia da cavalleria, im-

porta dividir estes dous periodos, um organico, outro artificial mas até certo ponto intolerante. N'este ultimo momento *quixotesco*, a Canção de Gesta já não tinha condições para continuar a produzir-se: os excitantes exteriores são sómente prurido.

No seculo XIV, as Canções de Gesta vão sendo diluidas em milhões e milhões de versos prosaicos; no seculo XV, com a fixação do poder real e morte da cavalleria pelos jurisconsultos, as Canções de Gesta recebem a sua fórma ultima na prosa burgueza: eis o que é a *Novella de Cavalleria*, producto d'esta ultima corrente artificial e inogarnica. Segundo Victor Le Clerc e Leon Gautier, nenhuma Canção de Gesta apparece em prosa antes do seculo XV: conclue-se isto do exame minucioso das Bibliothecas da Europa: as grandes diluições metricas, segundo este ultimo critico, pertencem «á influencia da nobreza, e principalmente da *Casa de Borgonha*.» Isto nos explica a tendencia que havia na côrte portugueza, fundada pelo Conde de Borgonha Dom Henrique, em seguir a corrente aristocratica. Na côrte de Dom Diniz trabalha-se na formação da novella do *Amadis de Gaula*. Andara muito tempo na tradição oral o fragmento da *Cheeone de Amadis*, esse estropiado canto de Oriana, que se attribuiu longo tempo a Hermingues sem fundamento algum: concorreram depois os poemas de *Tristão* e *Branca-flor*, lidos na côrte de Dom Diniz; começavam a juxtapôr-se os episodios, a constituir-se a novella extraíndo as melhores peripecias, com o *Meliadus de Leonys*, *Partenopeus de Blois*, *Fregus e Galienne*, *Claris e Laris*, *Helias*, e o *Chevalier de la Charette*. Faltava sómente um ponto em volta do qual se agrupassem as peripecias: chegou a Portugal o *Amadas y Ydoine*, ou talvez o *Amadace* inglez. A vida palaciana e o interesse do principe Dom Affonso provocaram a determinação da fórma: o sentimento da *fidelidade*, era o que mais lisongeava os cavalleiros que possuiam por natureza o ideal da *fidelidade* germanica, e que ainda hoje se intitulam já catholicamente fidelissimos. Vasco de Lobeira redigiu esta primeiro transformação em prosa, variavel segundo as exigencias da côrte ou o conhecimento de elementos mais interessantes.

Talvez em nenhum povo a imitação do periodo quixotesco da cavalleria penetrasse mais nos costumes do que em Portugal; davam-se no principio do seculo XV duas correntes fortes e contrarias na civilisação portugueza: a burguezia tendia a tomar a preponderancia politica pelas descobertas, e a nobreza imitava acintosamente os feitos da cavalleria que havia passado. Assim ao passo que partiam as caravelas para as expedições mercantis da Africa e das Ilhas, saíam tambem paladins em desaggravo das damas, como os doze de Inglaterra, ou os tres cavalleiros Gonçalo Ribeiro, Vasco Annes e Fernão Martins de Santarem, que foram correr aventuras a Hespanha e França, ou o proprio Infante Dom Pedro, que foi correr as sete partidas do mundo. Dom João I, que se servia pela primeira vez da força do braço popular, comparava-se a El-rei Arthur, e chamava aos seus cavalleiros pelos nomes dos paladins da Tavola Redonda; o typo cavalheiresco do Condestavel tornara a sua biblia, o seu espelho de heroismo o *Galaaz*. El-rei Dom Duarte recolhia pelas feitorias portuguezas as melhores novellas da Europa, como a *Historia de Troya*, *Alexandre*, o *Livro de Anibal*, a *Historia de Vespasiano*, o que denota o esforço dos eruditos em restabelecer o que por sua natureza estava morto. Quando o Infante Dom Pedro formulou o Codigo Affonsino, codificou no Regimento de Guerra todas as virtudes, symbolos e deveres dos cavalleiros, redigindo na prosa legal os versos da *Ordenne de Chevallerie* de Hugues de Tabarie. A Novella do *Tirant el Blanco*, inventada em eguaes condições na civilisação aragoneza, foi offerecida ao Infante Dom Fernando, irmão de Affonso V, como se a novella fosse privativa de genio portuguez; na Inglaterra tambem se escreveu no seculo XV o *Torrent of Portugal*, cujo titulo basta para conhecer como nos consideravam cavalheirescos. Quando Dom Affonso V foi a França, em uma Abbadia por onde passou mostraram-lhe uma novella de *Lançarote do Lago*.

Vejamos ao lado a corrente da inspiração burgueza: no reinado de Dom João I, o povo defende a causa do seu eleito não só com as armas senão tambem com cantigas. Fernão Lopes recolheu a seguidilha que as mulheres de Lisboa cantavam durante o cêrco. Ahi apparece o caracter satyrico do *Renard*: tambem na *Chronica do Condestavel* encontramos um facto não menos importante: Na tomada do Castello de Portel, de que era Alcaide Fernão Gonçalves de Sousa, deuse esta anecdota picaresca: «E quando Fernão Gonçalves e sua mulher assy partiram de Portel, por que Fernão Gonçalves era um dos mais graciosos homens do mundo, e ainda mais solto em palavras, e de si com pouco prazer pelo que assy perdia, contra sua mulher indo pela villa e pelo arravalde começou de cantar em esta guisa:

> Pois Marina bailou,
> Tome o [que] ganou.
> Milhor era Portel
> Villa Ruiva, pela velha,
> Que não galinha e negros
> Tome o que ganou.» Cap. 37.

Mas a corrente da inspiração popular foi abafada pelo artificio, conservando-se pelo facto mesmo do seu desprezo nas classes infimas da sociedade. Conhecendo-se no principio do seculo XV em Portugal os Exemplos ou ramos da grande epopêa burgueza do *Renard*, tudo se obliterou na tradição, do mesmo modo que na erudita Italia e na catholica Hespanha. Temos apenas d'esse poema varias allusões de Fernão Lopes e de Gil Vicente, a palavra *Raposia* significan-

do falcatrua, alguns anexins e locuções vulgares. Na farça do *Clerigo da Beira*, encontramos:

> Mas são *Lobos* para mochos
> E *Raposas* de nação. (Gil Vic. *Obras*, II, 236).

Este confronto do sátrapa dos lobos *Ysengrin*, e da raposa ou *Trigaudin-le-Renard*, apparece accentuado n'este anexim fundado na sua mutua rivalidade: «*Com cabeça de Lobo ganha o Raposo.*» Aqui o Raposo em masculino denota ainda a proximidade da tradição. Assim como os nomes dos heroes do cyclo da Tavola Redonda se tornaram usuaes na sociedade portugueza, tambem o nome de Raposo se tornou vulgar no segundo quartel do seculo XV, ao tempo da colonisação dos Açôres. Os *Raposos* foram dos primeiros colonisadores da Ilha de Sam Miguel, sendo uma das filhas de Catherina Gomes Raposa, casada com um burguez do Porto. Mas este nome tornou-se ali aristocratico, em virtude da transformação social. Em França tambem o cyclo de *Renard* desappareceu, e hoje só resta uma locução vulgar derivada d'essa epopêa, e que pertence ao seculo XV: «*piquer le Renard*», significa segundo Champfleury, beber em jejum, e isto explica o sentido e derivação poetica da locução portugueza «matar o bicho»; o sentido de «bicho» como substituindo o travesso *Renard*, apparece em *bichancro* e *bichancrice*.

O anexim: «*Da pelle alheia, grande correia,*» que se encontra em Portugal e nos poemas francezes, é um resto de um episodio do *Roman du Renard*.» O Leão, diz Fleury de Bellingen, estando afflicto com uma grande febre, mandou chamar a Raposa, para saber se no seu conselho poderia achar remedio á sua doença. A Raposa fingindo de medico, lhe disse que para sua cura, era preciso cingir os rins com uma larga cintura tirada de fresco da pelle de um Lobo. O Leão seguindo esta receita, mandou chamar um Lobo, e a Raposa cortou-lhe ao longo do dorso uma comprida e longa correia; o Lobo sentindo o effeito da navalha de barba, não se pôde ter que se não queixasse uivando: «Ha! senhora Raposa, como vós tiraes da pelle d'outrem larga correia! — D'aqui ficou o proverbio.» [1] Em um Fabliau do seculo XIV, de Baude Fastout, se lê este mesmo anexim usual no seculo XIII:

> Or me maistre diex plainement
> Qou me doit trop hardiment
> *D'autrui cuir tailler grand curroi.*

D'este episodio do *Renard*, ficou-nos apenas a conclusão moral, na sua maior generalidade. O *Roman de Fauvel* é uma variedade, uma segunda elaboração do *Renard*; a sua acção está tambem resumida em um anexim do seculo XV: «Tel estrille Fauveau qui puis le mort.» [1] A acção do poema era a seguinte: *Fauvel* representava as vaidades do mundo; todos vinham a elle para o venerar, com intuito de o matarem; este nó da acção chegou a dar um novo titulo ao poema: *Estrille-Fauvel*. [2] Em portuguez encontramos dous anexins que derivam d'este poema: «*Cavallo* Fouveiro, *á porta do alveitar*, ou do bom cavalleiro.» Refere-se á difficuldade que ha de enfreial-o, ou de o montar como no poema de *Fauvel*. Exprimindo esta mesma idêa, temos a locução: *Montar o cavallinho*, isto é, conseguir a difficuldade.

Triumphou a monomania cavalheiresca, e á medida que ella ia sendo menos natural, tornava-se mais fervente o enthusiasmo. A impressão que a novella do *Amadis* causou na Europa não deve attribuir-se á magia da obra d'arte, mas ao estado moral dos costumes, á crise agonisante da hierarchia feudal. Os outros povos da Europa adoptaram a novella como sua e desdobraram-n'a em outras complicadissimas novellas, tomaram a peito o fazer a historia imaginaria de todos os filhos, netos e bisnetos do *Amadis*, desde *Esplandiam* até *Leandro o Bello*. Quando Montalbo emprehendeu a continuação do *Amadis* nas *Sergas de Esplandian*, ainda tinha em vista a tradição dos *Segreis* ou jograes palacianos da Peninsula; mas ao desdobrar-se esta genealogia de aventureiros, perdeu-se dentro da sociedade civil o ideal do mundo cavalheiresco, e a novella desconhecendo a realidade teve de tornar-se allegorica para conseguir interessar. É o que vemos n'esta seguinte evolução:

2. *Familia dos Palmeirins*. A tradição litteraria dá-nos tambem a primasia n'esta segunda phase do ideal quixotesco; o primeiro tronco d'esta familia é o *Palmeirim d'Oliva* «quasi geralmente admittido, como diz Ticknor, que se escreveu originariamente em portuguez e é obra de uma senhora.» Ticknor não achava argumentos bastantes para concluir esta affirmação, e recorreu ao meio de suppôr «que o *Palmeirim* portuguez se haja perdido, e só conheçamos a sua historia pela versão hespanhola.» (I, cap. XI). N'esta ordem de novellas discriminam-se duas influencias ambas eruditas, que caracterisam o trabalho intellectual do seculo XV: os cavalleiros são oriundos da Grecia, a capital para onde a Renascença classica attrahia as attenções, e para conciliar a impressão causada pelo bucolismo que descobrira com os quadros da vida pastoral, esses mesmos cavalleiros passam a sua infancia em casa de pastores que os recolheram por os haverem encontrado abandonados.

[1] Bibliophile Jacob, *Hist. des Cordonniers*, p. 220.

[1] Leroux de Liney, *Livre des Proverbes*, p. 33.
[2] Paulin Paris, *Les Ms. françois*, t. II, p. 306.

Dentro d'este meio, vêmos a pressão erudita obrigar a Novella cavalheiresca a fundar-se sobre as origens de uma nação, como o *Clarimundo* de João de Barros, trabalho que era simultaneo com as lendas de Ulysses dos latinistas e ethnologos do seculo XVI; ou tambem admittir o bucolico da eschola poetica siciliana, comprazer-se com o descriptivo da paizagem e com a melancolia moderna, como na *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro. Estes dous factos indicam a tendencia da novella; porém na côrte franceza de Francisco I restabeleceu-se o symbolismo e linguagem cavalheiresca de um modo intolerante; ahi assistiu por alguns annos Francisco de Moraes, e foi d'esses divertimentos palacianos que elle se inspirou, junto com os amores da Torsi, para escrever o *Palmeirim de Inglaterra*, que o Cura de Cervantes tolerava como cousa unica.

3. *Pastoraes e Allegorias.* — Uma vez perdido o ideal cavalheiresco, a Novella vagueava entre os interesses burguezes, acobertados com os quadros da vida pastoral, e os factos contemporaneos e actuaes, que acobertava com veladas allegorias. As *Pastoraes* e *Allegorias* formam um cyclo distincto no mundo da cavalleria; as primeiras nasceram da tradição classica da Pastoral de Longus de *Daphnis e Chloe*, e da *Arcadia* de Sanazarro; as segundas receberam interesse dos habitos de interpretação erudita dos philologos do seculo XVI. O typo principal da Pastoral é a *Diana* de Jorge de Monte-Mór; o seu titulo indica a idéa classica, o prestigio da mythologia; mas o que havia de real e sentido n'esta obra e que a tornou européa, é da Renascença que modificara o espirito medieévico trazendo-o ao natural. Como todos os cyclos vigorosos, a *Diana* teve continuações como a de Gil Polo, a de Perez e a de Tejada. O que este genero deu em Portugal está na insipidez do *Desenganado* e *Pastor Peregrino* de Francisco Rodrigues Lobo, nos *Crystaes d'Alma*, de Gerardo de Escobar, e nos *Desmaios de Maio* de Diogo Ferreira Figueirôa. A monotonia matou o genero pastoral.

Nas *Allegorias* houve mais interesse no primeiro momento de interpretação: todas as novellas notaveis foram submettidas ao parallelismo da historia. No Rabelais quizeram vêr a desfiguração da historia de Luiz XII e de Francisco I; no *Renard* quizeram vêr os annaes do reinado de Zwentibold, que no seculo IX era rei de Lotharingia; no *Amadis* uma referencia calculada ás lutas de Ricardo Coração de Leão com Saladino, e á morte de Sam Thomaz de Cantuaria; no Tyl d'Ulenspiegel, um burguez do seculo XIV. Em outras novellas existem realmente allusões aos costumes do tempo, como na *Menina e Moça*, a historia dos ultimos annos do reinado de Dom João II. O predominio da novella allegorica conhece-se em Portugal pelos *Indices Expurgatorios*, que a prohibiram quando ella se tornava mystica, como o *Pé de Rosa fragrante*, *Cerva branca*, etc. As allegorias prevaleceram durante o maior poder dos jesuitas; as derivações mais notaveis d'esta corrente são o *Grand Cyrus*, a *Clelia*, a *Astrêa*, e a sua mais exagerada concepção o *Pays de Tendre*, cuja leitura produziu esse bucolismo chilro que penetrou os costumes sociaes até ao tempo do Romantismo; n'este tempo estavamos já sob a subserviencia litteraria da França. Em Portugal apresentamos um dos typos mais consummados do genero, a *Historia do Predestinado peregrino*, tirada do *Pilgrim's Progress*, de Bunyan, que era anabaptista e combatia o baptismo n'essa allegoria, aproveitada pelo jesuita Alexandre de Gusmão para provar sob a mesma figuração a efficacidade do baptismo.

4. *As Novellas de Cordel.* No seculo XVII estava já completamente perdida a tradição épica da edade media; apenas um vago vislumbre se conservou nas novellas eruditas, cahidas nas mãos do povo, por isso que os livreiros as abreviaram em folha volante. A antiga *Checone*, depois de tantas transformações seculares, tornara outra vez a cahir nas mãos dos Cegos, que tomaram o exclusivo d'este ramo de litteratura. O *Carlos Magno* de Louis Laboureur, que em França se considera como o typo das epopêas do seculo XVII, cá entrou em Portugal e ainda hoje faz a alegria das seroadas da aldêa e tardes domingueiras. O caracter da antiga origem erudita vê-se ainda na *Magelone* e *Pierre de Provence*, que Petrarcha refundira.

5. *Conto decameronico.* Ao processo de abreviação feito artificialmente pelos livreiros, corresponde uma abreviação natural, pelo esquecimento das circumstancias da tradição na memoria do povo. O Conto da edade media, que se caracterisa no *Decameron* de Boccacio, d'onde lhe vem o nome de decameronico significando historia breve, licenciosa, burgueza, é na sua verdadeira origem uma abreviação de um grande Fabliau. A historia de *Griselidis*, antes de se tornar um conto de Boccacio, pertenceu ao poema *Parement des Dames*; ella se encontra tambem nos *Contos de proveito e exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso. Esta quinta transformação da epopêa medieval em breve foi perturbada na sua abreviação popular, pela propagação dos *Exemplos*, de origem ecclesiastica e erudita, e foi esta a fórma que prevaleceu em Portugal, por isso que a designação de *Exemplo* é frequente em Dom Duarte, Gil Vicente, Sá de Miranda, e em todos os moralistas.

6. *O Anexim.* É esta fórma breve de uma these moral constituida em maxima, uma consequencia do esquecimento e obliteração do Conto decameronico, de que o anexim era a conclusão ou moralidade. Grande parte dos Romances peninsulares ficaram com versos

constituidos em proverbio; todas as allusões a romances que encontramos nos escriptores portuguezes vem sempre por causa do verso ser empregado proverbialmente: como a *Bella mal maridada, Com raiva está o rei David, Meu pae era de Hamburgo.* No livro do *Conde de Lucanor,* os contos acabam sempre com um anexim que encerra o pensamento da narrativa. O anexim *Bilha de leite por bilha de azeite,* é o ultimo vestigio d'esse popularissimo conto da edade media, que Gil Vicente metrificou novamente. O anexim portuguez: «*Pelo marido vassoura e pelo marido senhora,*» refere-se á historia poetica de Griselidis e do Marquez de Saluces, contada no *Miroir des Femmes.* N'este processo acontece tambem tornar-se anexim uma phrase dita por qualquer pessoa notavel como o celebre dito de Gomes Freire em 1460: *O' noite má para quem te apparelhas* [1], ou qualquer referencia a um caso succedido, como o de João Gomes de Abreu, poeta do *Cancioneiro:* «Ida de João Gomes, foi em cavallo veio em alforge.» Ou finalmente uma allusão a um costume, como: «não ter patavina (*poiterine*)».

7. *A locução.* Para o historiador a locução é uma phrase truncada, um fragmento de anexim, como por exemplo: «*Ida de João Gomes*»; «*perolas a porcos,*» da antiga fabula do gallo e do monturo; ou tambem, vestigio de uma denominação de classe, como «Charlatão» do antigo *Ciarlatano,* o cantor das gestas de Carlos Magno. *Cantar a Muliana,* locução que se encontra na *Rubena* de Gil Vicente e na *Phenis Renascida,* será por ventura resto de alguma d'essas canções derivadas do *Jeu de Robin et Marion,* de Adam de la Halle, e sobre que se fizeram tantas pastorellas. Ou, melhor derivado, do proverbio francez: *Pousser des cris de Melusine,* da tradição da familia de Lusignan, de que temos um ramo em Portugal em Gil Moniz [2]. Canto de Moliana, e *cris de Melusine,* só se dão em extremo desespero.

Taes são os resultados das duas fórmas de adopção das tradições epicas da edade media em Portugal; o ramo popular é inquestionavelmente superior, vivo e organico; o ramo erudito aberrou immediatamente do verdadeiro ideal, e só se conservou todas as vezes que se aproximou de novo da assimilação popular. Sahindo do estudo das fórmas épicas, só tornamos a sentir caracter nacional no theatro hieratico do seculo XVI e apenas em um vulto — Gil Vicente.

SECÇÃO II

DAS FORMAS LYRICAS

Todas as creações d'esta ordem realisam o subjectivismo puro; o que sente o *pathos* tem a consciencia da sua passividade, observa-se, discute as suas emoções. Aqui a personalidade affirma-se em todas as expressões, impõe-se, dá a norma e o ideal do sentimento. Se a epopêa é de sua natureza e pela evolução historica sempre *anonyma,* o lyrismo não póde deixar de ser *pessoal.* Ha dous typos de lyrismo que fogem d'esta categoria, um os cantos hymnicos, que apparecem nas religiões primitivas, mas não se desenvolvem por falta de dominio e conhecimento das phases sentimentaes, e portanto cáe na fórma monotona do dithyrambo, isto é, uma grande variedade de imagens exprimindo só e sempre uma idêa unica. O segundo typo é a ode philosophica, em que a concepção superior absorve a personalidade, transparecendo acima de tudo a lei moral na sua generalidade; este pertence á ultima manifestação do lyrismo, a que se aspira no periodo secundario do Romantismo. Os dous typos do lyrismo que ficam enunciados não entram n'esta parte, nem pertencem á litteratura portugueza.

Como pessoal e psychologicamente descriptiva, a fórma lyrica reflecte o estado intellectual do que canta; o poeta é conhecido, causam interesse os pequenos successos da sua vida, a anecdota, o desastre, as aventuras e os triumphos; isto influe sobre a fórma aonde elle se quer mostrar perito, conhecedor de todos os recursos da arte. A construcção da estrophe torna-se quasi o seu trabalho exclusivo; inventa o metro caprichoso, fóra mesmo do genio rythmico da lingua, combina, cruza e encadeia a rima até ao impossivel, corta e faz depender os versos na fórma mais inesperada da estancia, calcula o seu numero, a sua eurythmia: aqui temos os trovadores provençaes; outras vezes analysa a paixão até á sua mais remota titilação do systema nervoso, faz uma casuistica do sentimento, leva o melindre da comparação e da imagem até á allegoria, faz uma philosophia, um neo-platonismo sobre o estado da sua

[1] «Em 19 de janeiro do anno de 1464, sahiu de Alcacer Seguer o Infante Dom Fernando: mal encaminhado vae este principe na gente que leva descontente, infeliz vaticinio, e de má sorte: chegando já de noite á Cabeça de Almenara, viram um Cometa de horrenda e medonha figura que appareceu de improviso; e visto por Gomes Freire de Andrade, Cavalleiro de garbo e de entendimento, disse:

Noite má, para quem te apparelhas.» [1]

Na *Cedatura lusitana* (Ms. 442) no titulo dos Freires e Andrades: «Gomes Freire, auctor da

Noche mala
para quien te aparejas.»

[2] *Livre des proverbes français,* t. II, p. 46.

[1] Dr. Alexandre Ferreira, *Mem. historicas das ordens militares,* p. 189, cap. 2, § IV.

alma: aqui temos os poetas da Persia, e os petrarchistas da Europa. Por ultimo, faz um culto da sua personalidade, e reduz o lyrismo a descrever todos os accidentes insignificantes da sua vida, como os poetas academicos, das epistolas e dos sonetos *ad sodales*.

É por isto, que se não póde comprehender a verdadeira theoria da poesia lyrica portugueza sem recorrer aos processos scientificos, á erudição, determinando pelas tradições litterarias da Europa, e pela connexão historica sobretudo as épocas e influencias cultas que actuaram sobre a sua manifestação. O lyrismo, como o deixamos definido, é um trabalho quasi analogo ao da pintura, com a differença que o pintor procura fazer sentir a idéa que se encerra na imagem exterior, e o poeta lyrico busca a imagem exterior para pintar-se a si. Esta identidade de processos, diversos apenas nos resultados, leva-nos a determinar a historia da poesia lyrica portugueza por *Escholas;* designação que por si indica serem estes estudos mais do que catalogos de poetas: são um genesis das tradições litterarias, e da zona até onde ellas se estenderam fixada por aquelles que viveram sob a mesma communhão sentimental.

§. 1.° Eschola provençal

(SECULO XII A XIV)

1. *Cyclo italo-provençal.* Erradamente se attribuiu a manifestação do sentimento lyrico dos tempos modernos no sul da França, manifestados pela lingua d'Oc do seculo XII, a uma especie de tradição ou renascença classica da antiguidade. Nada ha de commum entre o exagerado subjectivismo dos trovadores e uma ou outra imagem empregada por um poeta grego ou romano: o estado moral que inspirava a canção era um resultado da grande transformação da edade media, que nunca poderia ser previsto pelo espirito mais profundo d'outra civilisação. A poesia provençal manifestou-se dentro da zona gallo-romana; a questão ethnographica resolve o problema da origem. No sul da França o elemento gaulez não soffreu uma transformação organica como no norte, em presença do poderoso elemento franko; o romano, preoccupado com a idéa da unidade administrativa dominava mas não absorvia, impunha fórmas governativas mas não assimilava; a sua acção municipal não atacava a essencia da nacionalidade gauleza, ainda que a forçava a uma unidade civil. Assim no sul da França conservaram-se os restos das tradicções gaulezas, e desde o V seculo encontramos os bispos, depositarios das tradições latinas, prohibindo os cantos populares; ora esses cantos eram verdadeiramente lyricos e subjectivos; o gaulez tinha tambem as suas côrtes de amor, os seus processos poeticos de casuistica sentimental, chamados os *Puy*. Esses cantos eram oraes; nem tinham importancia aos olhos dos latinistas para merecerem ser escriptos; estes costumes eram condemnados e não mereciam ser admittidos nos castellos senhoriaes.

O apparecimento da poesia provençal não é esse phenomeno em que a humanidade acorda cantando sem saber por que, como queriam os que não recorriam á influencia romana; esse apparecimento não é mais do que um phenomeno que se deu no espirito publico, em que os cantos populares receberam importancia, despertaram curiosidade, mereceram fixar-se na fórma escripta, servindo depois de typos para a imitação. Este phenomeno deu-se em consequencia das Cruzadas; attingiu o seu maior esplendor em quanto durou o cyclo das expedições ao santo sepulchro, isto é, em quanto a vida burgueza se pôde expandir livremente e copiar as instituições communaes da Italia.

A prova vê-se na consequencia: quando os barões regressaram aos seus solares, e o norte da França feudal abafou o municipalismo do sul, a poesia provençal extinguiu-se, voltou outra vez para o coração do povo, dos pobres jograes, que a levaram para todas as côrtes da Europa. Portanto a poesia provençal, d'onde se deriva todo o lyrismo desde os trovadores até ao Romantismo, cifra-se n'estes tres periodos, em que para nada entra a civilisação romana:

Tradição e nacionalidade, em que a poesia é conservada oralmente nos antigos cantos populares gaulezes;

Uso e imitação, por effeito da independencia burgueza, adquirida pela ausencia dos barões durante as cruzadas e pelas instituições communaes italianas;

Diffusão por todas as côrtes da Europa, quando a canção lyrica já erudita, voltou outra vez para o jogral, que a ia cantar de terra em terra.

Quando a poesia provençal entrou em Portugal, ainda este territorio estava encorporado com a Galiza; como se tem provado por todos os trabalhos de historia litteraria desde o Marquez de Santilhana, a poesia provençal entrou na Peninsula hispanica pela Galiza. Isto explica-se tambem pelos factos ethnographicos: a Galiza fazia parte da Aquitania, comprehendida entre os paizes da lingua d'Oc até á extremidade oriental dos Pyreneos: d'este modo penetrou essa nova poesia, por isso que era entendida pela homogeneidade da lingua e dos costumes. Pelo casamento de um monarcha nosso com uma princeza italiana, e pela imitação das fórmas municipaes da Italia, estavamos nas condições de acolhermos essa expressão original do sentimento. N'este primeiro periodo, em que apenas nos acabavamos de desprender da Galiza, temos apenas noticia dos trovadores que vieram a Portugal ou se referiram a este novo reino, como são Peire Vidal, Marcabrus e Gavaudan o velho, que haviam passado a parte principal da sua vida na Italia. Portanto o cyclo italo-provençal denota apenas uma época de iniciação.

2. *Cyclo galeziano.* A Galiza abraçou sem repugnancia as canções provençaes, porque o suevo que a povoava era de todos os ramos da familia germanica o mais catholico, e como tal o que mais cedo perdeu as suas tradições. A imitação que se fazia do seu modo de trovar em Portugal e Castella até ao tempo de Affonso o Sabio, mostra que ella se tornaria a verdadeira Provença da Peninsula, se a posse d'essa rica provincia não fosse duramente disputada pelos diversos reinos de Hespanha, e pelas lutas interiores. A Galiza perdeu a sua vida historica á medida que as novas monarchias se consolidaram; a lingua, tornada uma especie de dialecto ocitanico para a Peninsula, ficou atrazada, por falta de vitalidade nacional. A sua constituição moderna ainda hoje está explicando a causa da decadencia: da má distribuição da propriedade na razão de tres por cento dos habitantes, sendo a terra monopolisada entre os grandes senhores e abbades, resulta por outro lado uma indigencia geral, que tem o unico recurso na caridade e na emigração. O grande vigor poetico d'esta raça, que ainda hoje conserva o seu *alalala* caracteristico, do qual fallava Silio Italico no seculo I da nossa era, tornou-se a patentear em Portugal e Hespanha no fim do seculo XIV com Villassandino, Padron e Vasco Pires de Camões. Os segredos da poetica provençal, como o *lexapren* e *mansobre,* os *encadenados* e a *maestria mayor* e *menor,* foram pela primeira vez na Hespanha postos em fórmas litterarias pela lingua galega. A *Serranilha* e o *Dizer* eram fórmas populares, que nasceram em uma região montanhosa e pittoresca, em que a vida da lavoura e pastoricia, que distinguiu sempre a Galiza, suscitavam as comparações e a variedade de interesses. Nas Canções portuguezas as damas e namoradas são citadas como *pastoras.*

Nas Canções portuguezas anteriores ao reinado de Dom Affonso III, abundam os galeguismos, isto é, aquellas fórmas privativas do dialecto da Galiza conservadas mais pelos habitos poeticos, que com o andar do tempo se conservaram como barbarismos populares; nas collecções d'esses cantos apparecem-nos tambem os nomes de muitos trovadores da Galiza.

A lingua portugueza nunca andou confundida com a galega; as linguas não se confundem, correspondem a habitos e estados diversos, tem portanto a sua vida dialectal independente. O que distingue as linguas entre si, segundo os dados da Glotica moderna, são tres caracteres positivos: os *sons,* as *fórmas* e as *construcções.* A lingua portugueza teve, ao constituir-se a nossa nacionalidade, uma grande vida historica; vieram de França quasi todos os Bispos para as novas dioceses, ordens monasticas e cavalleiros; pela sua preponderancia litteraria, exercida pelo ensino então privativo das Collegiadas, pelas relações juridicas estabelecidas por esses cavalleiros e pelos colonos que os acompanhavam, a lingua portugueza recebeu d'esses individuos, que tiveram de fallar portuguez, uma assimilação peculiar d'onde resultou, em quanto aos *sons* uma certa nasalisação em vez da aspiração guttural, em quanto ás *fórmas* uma contracção nas palavras, abreviando-as, fazendo terminar as syllabas finaes em *e:* em quanto ás *construcções* o uso e frequencia dos pronomes pessoaes, possessivos e demonstrativos, e o uso dos verbos auxiliados. Esta revolução exercida sobre a lingua portugueza, em que se aproximava mais da indole do francez do que do castelhano ou catalão, fez-se materialmente pelos individuos de influencia, Bispos, para o phenomeno litterario, Cavalleiros, para o phenomeno palaciano e juridico, e Colonos, para a mixtão com o baixo povo. Sob esta via a lingua portugueza afastou-se constantemente do galego. Portanto á influencia litteraria da poesia provençal galeziana, e não ao caracter da lingua portugueza, se devem attribuir esses galeguismos, que encontramos nos *Cancioneiros* portuguezes:

> Cá *dix'* eu, cá morria por alguem (*Canc. d'Ajuda*, n.º 7).
> Do que *dixi* da uma sen razon (n.º 10).
> Como eu vos *dixe* e o maior
> Que *xe* penso de sa alma peor (n.º 66).
> Se *dixer* cá vos vi ben sei (n.º 63).
> Que non *diche* qual era mia Senhor (n.º 261).
>
> Fazer en quanto *x'el* quer fazer (n.º 55).
> E querem *xe* viver poren (n.º 83).
> Mais pois vejo que *x'el* quer assi
> Pod-o el fez por *xe* me mal fazer (n.º 139).
> Ora vej'eu que *xe* pode fazer
> Nostro Señor quanto *xe* faz quer (n.º 224).
>
> Non soube que *xerá* pesar (n.º 108).
> Demo *xol* eu o que ll'al nembrará (n.º 133).
> Que *x'ar* quebranta e que faz morrer
> *Exerdados,* e outros a que dá (n.º 286).

Como estes são muitos os galeguismos do *Cancioneiro da Ajuda:* o proprio Affonso o Sabio, que fallava uma lingua com mais vitalidade, tambem escreve: «Este livro *comachei*». No *Cancioneiro* de Dom Diniz ainda se encontram alguns exemplos de galeguismos:

> Tanto m'é coyta a *tavix* mal amor u'ouv' (p. 68).
> Vos *quixi* a todo meu poder (p. 72).
> Sab'el *caxe* no meu poder (p. 133).
> Vos *troux'estes* o prez'o-sy (p. 165).

No *Codice de Roma* tambem são innumeros os factos conservados pela tradição litteraria e pela presença dos trovadores da Galiza, cujos nomes são: Affonso Gomes, jograr de Sarria, Fernam Gonçalves de Senabria, João Ayras, burguez de Sam Thiago, João Romeu, de Lugo, João Soares de Paiva, que morreu em Galiza, João Vasques de Talaveira, Martim de Pedrozelos, João Nunes Camanes, Vasques Fernandes de Praga, e outros muitos. Nas lutas de Dom Affonso II com suas irmãs, nas lutas de Dom Affonso III com seu irmão os fidalgos portuguezes do partido vencido refugiavam-se na Galiza; assim foram estes trovadores os que sustentaram esse esplendor poetico, quando já a

Galiza não tinha vida poetica independente, e desapparecia para sempre da historia.

3. *Cyclo jogralesco ou dionisio.* A poesia portugueza separa-se da influencia dos trovadores da Galiza, com a vinda de Dom Affonso III de França, que alli tinha residido na côrte de Sam Luiz, desde 1238 até 1246. No norte da França a poesia provençal era imitada com phrenesi pelo conde de Champagne, que amava em segredo Branca de Castella; os fidalgos que floresceram em Portugal como trovadores pertencem ás familias d'aquelles cavalleiros que acompanharam Dom Affonso a França, como os Bayães, Porto-Carreros, Valladares, Alvins, Nobregas, Mellos, Sousas e Briteiros. Dous caracteres nos revelam a essencia d'esta eschola provençalesca, além do nome dos trovadores: um exagerado subjectivismo e allegoria, taes como se usavam na côrte de Sam Luiz, e allusões a costumes francezes, que demonstram uma communicação immediata.

Na Canção 140, do *Cancioneiro da Ajuda,* se lê o estribilho:

> *Or sachaz veroyamem*
> *Que ie soy votre omie liye.*

Este estribilho é em francez, e além d'isso refere-se a um costume e symbolo feudal, privativo do norte da França. A comparação da fidelidade do cavalleiro á do *home-liye,* só se encontra empregada por Bernard de Ventadour, que viveu na côrte de Inglaterra e no norte da França; mas a comparação é sómente empregada com frequencia nos fabliaux da lingua d'oil.

Um outro documento descobrimos da origem franceza d'este cyclo poetico; é a palavra *guarvaya:*

> E mia Señor, des aquel dia
> Me foy a mi muy mal,
> E vós filha de Dom Pay
> Moniz, e bem vos semelha
> D'aver eu por vós *guarvaya*,
> Poys eu mia Señor d'alfaya
> Nunca de vos houve nem ey
> Valia de ũa correa.
>
> (*Trov. e Cant.*, p. 305).

Em carta de 8 de maio de 1847, dirigida pelo snr. Alexandre Herculano a F. Adolpho Varnhagen, se lê no *post scriptum* das *Trovas e Cantares:* «Eu não sei se lhe disse alguma vez uma idéa mais estrambotica do que o *guarvaya* do trovador...» Desde então esta palavra, tida como estrambotica, ficou como insoluvel para a sciencia com o problema litterario que em ella se continha. A aproximação do provençal *galaubia* poderia levar a uma explicação, por isso que exprimia as virtudes cavalheirescas: porém o criterio linguistico dá-nos uma solução mais segura, e provanos ao mesmo tempo a corrente litteraria do norte da França. A origem da palavra *guarvaya* encontra-se no velho francez *graie* e *vair,* que ambos significam a côr cinzenta, que veio a servir de nome a uma vestimenta, como o *birretum,* côr vermelha, veio a significar o barrete ou gorra. No *Roman de la Rose* (v. 546 e 862) encontra-se *graie* em logar do moderno *gris,* do mesmo modo que no poema do *Sir Tristrem,* conhecido na côrte de Dom Diniz, se empregam ambos os synonymos:

> A schap with grene and gray
> With vair, and eke with gris.
>
> (Cant. II, st. 2).

Segundo Du Méril, (*Poes. scand.*, p. 277) *vair* designava toda e qualquer côr que serve para enfeitar; d'este auctor nos apropriamos d'esta importante passagem de Trithemius, em que se impunha aos nobres por penitencia o não usarem de vestimentas de côr: «ut *varium, griseum,* ermelinum et pannos coloratos non portent.» A data d'este documento é de 1202, escripto no mesmo seculo em que se metrificou a canção do *guarvaya.* «Não havia senão os ricos, que podessem bordar as suas vestimentas com arminho; mas todos os burguezes tendo um pouco de bem estar, usavam roupas bordadas de *vair* e de *gris,* isto é, de pelles de esquilos, ou de animaes selvagens do nosso paiz ou de amphibios de nossos mares [1].»

O sentido de *vaire,* brilhante, usado nos poemas francezes é o mesmo que o da canção portugueza; a tendencia que havia para associar esta palavra a *gris* ou *grais,* vê-se no *Roman de Eneas:*

> Tot ot vaire l'espalle destre
> Et ot bien grise le senestre. [2]

Em vista d'estes factos comprehende-se como de *griseum* e *varium,* pela attracção dos dous «*rr*» e ao mesmo tempo pela sua extraordinaria tendencia metathetica e pelas fórmas francezas e inglezas de *graie* e *vair,* se chegou a formar a palavra *guarvaya* do *Cancioneiro da Ajuda.* «Haver por vós *guarvaya*», é uma imagem poetica, para dizer que não conseguiu deixar as vestes de tristeza, e encerra tambem o symbolo scandinavo, francez e anglo-normando, da adopção, que se representava pelo manto, que se exprimia pela phrase de outros poemas: *mis sous le drap,* ou como em Philippe de Mouskes: *pardessous le mantiel.*

N'esta estrophe ha mais dous factos importantes para a historia da vida intima do seculo XIII e XIV: os jograes de segrel recebiam roupas em recompensa dos seus cantos: e por consequencia o verso «*alfaia* nunca de vós houve» é uma imagem poetica tirada dos costumes do tempo para dizer, que nunca recebera de sua dama a recompensa dos seus cantos. Vejamos na poesia provençal a prova d'esta interpretação. A recordação que a dama dava ao trovador era muitas vezes

[1] Depping, *Reglements sur les Arts et Metiers,* p. LXXIII.
[2] Apud Du Meril, *Blancheflcur,* pag. 313.

preciosa e chamava-se *joyau;* nas festas dos principes os jograes concorriam, fiados nos premios, que de ordinario consistiam em *alfayas*, como vemos do romance francez de *l'Atre perilleux:*

Au matin, quand il fu grand jor
Furent paie li jongleor;
Li un orent biax palefrois
Beles robes e *biaux agrois;*
Li autre lonc ce qu'ils estoient,
Tuit robes e diniers avoit
Tuit furent paie a lor gre;
Li plus poure ore a plente.
(Apud *Du Meril*, p. 308).

Este trecho do poema *l'Atre le perilleux* explica o que diz o trovador portuguez; *ter alfaya,* era o premio do canto; mas como tambem se dava alfaya ao jogral que era pobre, mas não *arreyos* como se dava ao que merecia o nome de segrel ou jogral de cavallo, por isso elle se queixa de não ter da filha de Pay Moniz *«valia de uma correa»*: a data d'esta canção é do seculo XIII; em um poema francez do seculo XIII, *Les Miracles de Saint Eloi,* publicado segundo um manuscripto da Bodleiana de Oxford por M. Peigné Delacourt, encontra-se uma phrase analoga, que talvez se expliquem mutuamente: *Boute en coroie,* exprimia o modo como se sahia de uma collisão difficil.

Tant soutilment s'en deslachoit,
Tant soutement outre glachoit
Et mouvoit autres questions
Et canjoit ses objections;
Lors les metoit en autre voie
A grise de *boute en coroie.*
(Fl. 62, col. 2).

Isto refere-se á argueia com que um heretico diante de um synodo se defendia dos que o atacavam com argumentos [1], e se escapava á maneira de enguia apertada. A este sentido offerecido pelo Dr. Aug. Scheler, acrescenta M. Paul Meyer, um texto do *Roman de Flamenca,* que encerra uma anecdota, que poderia ser empregada como allusão na canção portugueza: «Il n'y a rien autre chose à faire que de recommencer (à faire l'amour) avec lui (Guillaume de Nevers) à la première occasion. Et de ce que vous lui avez montré à *plier la courroie* si joliment, qu'il a fait croire à mon mari qu'il amait la dame de Beaumont.... »

E car li mostretz *la correja*
Aisi asaultet a plegar.... [2]

No Cancioneiro de D. Diniz ha varios logares em que se conhece a influencia do romance de *Flamenca.* M. Gaston Paris, nas *Contributions aux glanures lexicologiques* [3], acrescenta mais uma auctoridade tirada do *Roman de la Rose:*

De Fortune la semilleuse
Et de sa roe perilleuse,
Tous les tours conter ne porroie
C'est li gieu de *boute en corroie*
Que Fortune set si partir
Que nus devans au departir
Ne peut avoir sciencia aperte
S'il i prendra gaaing ou perte.
(Ed. Michel, v. 7504).

Esta phrase, segundo Gaston Paris, foi explicada por Sainte Pelaye no sentido de *pillerines,* e por Barbazan, no sentido de ladrão de barjoleta ou algibeira; Littré dá-lhe a significação de escamoteador. Pelo texto da canção portugueza vemos, que tem um sentido mais proximo do *Roman de Flamenca,* porque o trovador não obtendo da sua dama *valia de uma correia,* não tinha o meio argucioso com que ella podia favorecel-o nos seus amores; a anecdota de *Flamenca* veio a ter um sentido mais extenso, e a comprehender toda a subtracção capciosa.

Estes costumes entraram no Regimento da casa de Dom Affonso III, que residira no norte da França bastantes annos, e no reinado de Dom Diniz ainda se conservaram com escrupulo, por isso que este monarcha presava e cultivava a arte do gai saber. Em uma canção feita á sua morte por João Jogral, morador em Leão, para dizer que os jograes nunca mais cantaram, escreve:

Os trobadores que pois ficaram
En o seu reino e no de Leon,
No de Castella, no de Aragon,
Nunca pois de sa morte trobaram;
E dos jograes vos quero dizer
Nunca cobraram panos, nem aver,
E o seu bem sempre desejaram.
(*Cancioneirinho*, p. 9).

A palavra *guarvaya,* que para o snr. Herculano era simplesmente estrambotica, encerra uma immensa luz sobre as origens francezas do cyclo poetico de Dom Affonso III, de que tinhamos já um documento na palavra *ome-lige;* os outros factos, que dependiam d'esta explicação, mostram até que ponto obedeciamos á corrente da tradição litteraria da Europa.

Em outras *Canções* se encontram vestigios da organisação feudal, que revelam a influencia poetica do norte da França:

Eu sei a dona louda
Que a torto foy *mallada*
Cá num ama,
Cá se oje amigo amasse
Mal aja quem a *mallasse,*
Cá num ama.
(*Canc. d'Ajuda*, p. 122).

A fórma d'estas Canções é a das *serranilhas* portuguezas da eschola jogralesca; nas palavras *mallada* e *mallasse,* temos a mesma revelação das classes infimas da servidão, como se vê tambem no romance:

[1] Glanures lexicologiques, de Scheler, *Jahrbuch* de 1869, p. 247.
[2] Ibid., 1870, p. 144.
[3] Ibid., p. 148.

Homem que a mi chegasse
Malato se tornaria...
Eu sou filha de um *malato*
Da maior *malataria*.

A poesia provençal adquiriu na côrte portugueza um ascendente definitivo, depois que acabou a luta com os Mouros, pela conquista do Algarve. A consequencia vê-se na côrte de Dom Diniz, que então teve relações directas com o sul da França, aprendendo a metrificar com um erudito de Cahors, adoptando o verso á maneira limosina ou de dez syllabas, e substituindo a designação de *segrel* pela de *trovador*. Mas como a poesia provençal já não era um facto organico no sul da França, esta imitação foi tambem extemporanea; admittiu a tendencia narrativa dos jograes que se refugiaram em Portugal, e repentinamente cahimos, no reinado de Affonso IV, sob a influencia poetica de Castella, que antes recebera de nós a direcção.

4. *Segundo periodo da eschola galeziana.* A introducção da poesia dantesca em Hespanha teve de lutar contra a preponderancia da eschola galega de Mancias, Padron, e principalmente de Villassandino. Os documentos d'esta luta enchem o *Cancionero de Baena:* deu-se tambem este reflexo de brilhantismo em Portugal em consequencia de um facto politico; muitas cidades de Galiza abraçaram o partido de Dom Fernando de Portugal contra Henrique II de Castella; como a causa se perdeu, infelizmente para ella, muitos fidalgos tiveram de refugiar-se em Portugal: muitos d'esses senhores, protegidos e enriquecidos por Dom Fernando, eram bons trovadores. O principal vulto dos emigrados politicos, era Vasco Pires de Camões, terceiro avô do épico portuguez. A este periodo devem attribuir-se as Canções de Egas Moniz Coelho, cuja fórma strophica está moldada pelas do Arcediago do Toro. Como é pois que essas duas reliquias colhidas no *Cancioneiro de Dom Francisco Coutinho,* se acobertaram com o nome de Egas Moniz, contemporaneo da fundação da monarchia? Ha aqui uma confusão de homonymia. O verso:

Digei *Egas* com folgança
Hu *xiquer*,

e tambem:

Cambastes a Portigal
Por Castilla,

coincidem perfeitamente com o que se sabe de outro Egas Coelho, filho segundo de Pero Coelho, que voltou a Portugal no tempo de Dom Fernando e se achou na batalha de Alfarrobeira e Trancoso. Abandonou a patria, e foi para Castella ao serviço de Henrique II, que lhe deu o senhorio de Montalvo, tendo casado com Dona Maria Gonçalves *Coutinho,* filha de Gonçalo Vaz *Coutinho,* capitão de Trancoso. Isto se póde vêr na *Sedatura lusitana,* (t. III, fl. 7) manuscripto de Christovam Alão de Moraes de 1670, que se guarda na Bibliotheca do Porto. Em um *Cancioneiro* manuscripto d'Evora, ha tambem um Alvaro Egas Moniz, que ainda floresceu no seculo XV. D'este ultimo periodo da eschola galeziana em Portugal, perdeu-se a melhor parte das composições anteriores ao Infante Dom Pedro, como diz Resende, mas o grau de vitalidade que ella teve, vê-se pela frequencia com que os nomes de Mancias e de Padron eram citados e imitados, chegando o nome de Mancias a tornar-se proverbial, designando o apaixonado, o que se fina de amores; e além d'isso pela difficuldade que a eschola dantesca achou em introduzir-se em Portugal, apesar do nosso grande commercio com os portos de Italia.

§. 2.º Eschola hespanhola

(SECULO XV)

1. *Influencia provençal da côrte de Aragão.*— Desde o reinado de Dom Affonso IV até ao tempo de Dom Duarte dá-se uma grande mudez na poesia portugueza; duas poderosas correntes litterarias disputavam a supremacia, de um lado o lyrismo da eschola gallega, do outro as novas ficções do cyclo inglez, introduzidas em Portugal, primeiro pelos aventureiros do bretão Du Guesclin, depois pelo casamento de Dom João I com uma filha do Duque de Lencastre. Absorvidos desde muito cedo nos primeiros resplendores da Renascença, precisavamos de modêlos, de auctoridades, que nos abrissem o caminho. Separados de Castella e do brilho da sua côrte por causa da victoria de Aljubarrota, ficamos vacillantes entre o lyrismo galeziano e as aventuras do genio celtico, em quanto os poetas castelhanos reanimavam a tradição provençal com o platonismo da Italia, com as allegorias dantescas. D'este esquecimento e indecisão resultou o não acompanharmos a evolução que se deu desde Micer Imperial até João de Mena, ficamos assombrados pela sua riqueza e novidade, e chegamos a abraçar a lingua castelhana para a nossa metrificação. Deu-se este phenomeno durante a regencia do Infante Dom Pedro. Antes porém da influencia de João de Mena, a tradição provençal entrou na côrte portugueza, quando se estreitaram as nossas relações com a côrte de Aragão, pelos casamentos d'el-rei D. Duarte e do Infante D. Pedro com Infantas aragonezas. Na Livraria de D. Duarte guardavam-se livros aragonezes, como a *Historia de Troya,* e um Valerio Maximo: varias damas do séquito da rainha Dona Leonor eram poetisas, como Beatriz Carellas; a novella do *Tirant el Blanco,* offerecida a um principe portuguez, era em parte imitada do *Amadis de Gaula:* o romance do *Bernal francez* da tradição popular tem uma variante em catalão, como o romance da *Sylvana,* conhecido em Aragão pelo titulo de *Del-*

gadina, bem como o da *Noiva Desertora.* Sob a influencia da côrte de Aragão se devem caracterisar os poetas do tempo de Dom Duarte até Dom João II, que floresceram na Ilha da Madeira. A tendencia lyrica d'este periodo anterior á eschola hespanhola, é devida em parte aos ultimos restos da poesia arabe, cuja fórma estrophica elegiaca foi imitada por Jorge Manrique e predilectissima em Portugal; na Livraria de Dom Duarte guardava-se a *Historia da Romaquia,* sem duvida a Romaiquiya, tambem chamada Itimad, amante e esposa do afamado poeta arabe o rei Al-Motanid, e talvez n'esse livro estivessem as suas poesias amorosas. A imitação artificial da poesia arabe deu-se em Hespanha no seculo XV, quando os eruditos contrafizeram os romances granadinos, que os seiscentistas estafaram.

2. *Influencia de Juan de Mena.* — Depois que acabaram as lutas com Castella, e que podemos conhecer o esplendor da poesia na côrte de Dom João II e Dom Henrique IV, já não era possivel attingirmos aquella altura pelo nosso vigor de originalidade. Deslumbrou-nos o que lêmos, imitamos. O Infante Dom Pedro escrevia-se com João de Mena e pedia-lhe a collecção das suas obras; seu filho o Condestavel de Portugal pedia ao Marquez de Santillana o *Cancionero* de seus versos, e o velho Marquez iniciava-o como a criança que elle era nos segredos da poesia palaciana. Deu-se n'este tempo um phenomeno politico na Europa, que tirou á poesia a sua manifestação organica e a tornou uma bajulação de aulicos parasitas: fixára-se o poder monarchico, acabara a jurisdicção senhorial na luta dos grandes vassallos. Como já dissemos: «O povo e a nobreza perderam n'este jogo com o *Renard,* que fez de parte neutra entre ambos, até que os destruiu com os seus proprios odios.» Aqui, no seculo XV, o *Renard* é a personificação da realeza, como o declara o proprio Machiavel, que sabia d'estes mysterios de transformação, como o declara no livro do *Principe:* «Os animaes de que o principe deve revestir as fórmas são a *Raposa* e o Leão. O principe aprenderá da primeira a ser astuto e do outro a ser forte. Aquelles que descuram as manhas da *Raposa,* não sabem nada d'esta profissão.»

O Infante Dom Pedro, organisando as Ordenações affonsinas, destruia pela mão do jurisconsulto Ruy Fernandes o resto da poesia senhorial e provençalesca, arremessava-nos á edade da prosa. Assim, entregamo-nos á imitação cega da poesia castelhana, como quem não tem com que encher os ocios da côrte e põe em versos os minimos accidentes da sua pessoa para alegrar a inanidade da vida aulica. O numero pasmoso de poetas d'este seculo mostra-nos a superficialidade da inspiração. Apesar das relações commerciaes com a Italia, só muito tarde chegou a Portugal o nome de Dante, citado pela primeira vez entre nós por Azurara. Apenas uma ou outra vaga reminiscencia provençal apparece no *Cancioneiro* de Resende, que recolheu toda a actividade d'este periodo poetico; a fabula das *Chuvas de Maio,* de Peire Cardinal, metrificada de novo por Sá de Miranda depois que regressou de Italia, acha-se vagamente alludida em uns versos de Duarte da Gama:

> Pois se eu em taes desordens,
> só quizer ser ordenado,
> cide ser apedrejado
> sem me valerem as ordens.
> *Molhar-me-ei,* em que me pez,
> *polo tempo e sazam,*
> poys é natural razam...
>
> (*Canc. ger.*, t. II, p. 514).

3. *Os poetes dantescos ou allegoricos.* — É o fundador d'esta eschola em Portugal o Condestavel, filho do Infante D. Pedro, que viveu desterrado e esteve no throno de Aragão. Alli recebeu mais de perto a tradição provençal, e conheceu a imitação dantesca, introduzida em Sevilha por Micer Imperial. O Marquez de Santillana tambem na sua carta lhe fallara de Dante: «Depois de Guido e de Arnaldo Daniello, Dante escreveu as suas tres comedias, *Inferno, Purgatorio* e *Paraiso;* Micer Francisco Petrarcha os seus Triumphos...» Aqui estava o germen da nova eschola, que tinha dado a supremacia á Hespanha. O Condestavel de Portugal escreveu n'este genero allegorico a *Satyra da felice e infelice Vida,* em que as paixões e os pensamentos são personificados em figuras de mulheres; esta tendencia segue a par e analogamente as ficções cavalheirescas que no meado do seculo XV em diante pendiam para a allegoria. O exclusivismo erudito dava d'isto. A eschola allegorica apparece melhor representada em Duarte de Brito, que começa a sua visão, divagando perdido e embalado pelo canto de um rouxinol; ha aqui um mixto de sentimentos do *Roman de la Rose* e da *Divina Comedia;* Duarte de Brito descreve minuciosamente o inferno dos namorados, veste a figura da Esperança com todos os seus ornatos symbolicos, adopta todas as personificações mythologicas da astronomia, e já desenvolve as imagens quasi como um pequeno poema a que chama comparação. Na poesia castelhana o *Inferno de Amor,* de Garci Sanchez de Badajoz parece ter sido o molde em segunda mão para este genero de concepções. O mesmo typo tambem foi imitado por Fernão Brandão na formosa poesia do *Fingimento de Amores.* Mas aonde todos os caracteres da poesia allegorica se manifestaram livremente, segundo as exigencias do convencionalismo palaciano, foi nos processos amorosos, que se debateram na côrte, como o do *Cuidar e Suspirar;* era isto um frio e pallido arremedo das *côrtes de amor* das tradições provençaes, com a differença de que já não condiziam com a vida burgueza. Os contos decameronicos penetravam na côrte, e o allegorismo dantesco era invadido pela

obscenidade: o anexim: «nunca de rabo de porco bom virote» glosado por Nuno Pereira, os versos de Garcia de Resende ou de Ruy Moniz mostram até que ponto a ingenuidade dos costumes tolerava estas verduras.

§. 3.º Eschola hispano-italica

(SECULO XVI)

1. *Os Bucolistas.* A tendencia allegorica manifestada na ultima phase palaciana, indicava a sua transformação. Qual seria ella, comprehendeu admiravelmente Sá de Miranda, inspirando-se das obras primas da Italia; antes porém de entrar em Portugal o espirito novo de uma poetica mais philosophica, deu-se na litteratura uma reacção, uma luta contra os innovadores: o combate não tinha em vista nenhuma theoria d'arte, nenhum modo de conceber o ideal; versava apenas no uso do metro octosyllabo ou no do endecasyllabo! Os poetas allegoricos do seculo xv, aferrados ao metro octosyllabo castelhano, aceitavam as revelações que a Renascença estava fazendo da antiguidade, mas dentro dos limites do seu estado moral: annullados diante da monarchia, conservaram todas as fórmas exteriores da poetica hespanhola, e deixavam-se fascinar pelas palestras bucolicas inventadas no servilismo dos paços de Syracusa por Theocrito. Estavam em uma situação identica; dentro das tradições peninsulares tinham a fórma popular dos villancicos, que ajudava a esta naturalisação. Por outro lado tambem os grandes thesouros da imaginação popular eram explorados pelos que davam uma fórma culta ao *romance:* assim encontraram-se as duas tendencias. A esta eschola poetica, que tanto reagiu contra a influencia italiana, sendo por assim dizer precursora d'ella, tem-se-lhe chamado *Eschola siciliana;* designação vaga, que tanto póde exprimir a poesia trobadoresca do tempo de Frederico II, ou a imitação dos idyllios de Theocrito, ou ainda o gosto dos pastoraes de Tansillo, cujo primeiro ensaio se fez em um porto da Sicilia. Rejeitamos esta designação, substituindo-a por outra mais scientifica, e que explica melhor o caracter da primeira phase da poesia do seculo XVI. *Eschola hispano-italica,* quer dizer, o periodo que antecedeu a vinda de Sá Miranda da Italia, em que os poetas palacianos, pela imitação das allegorias dantescas e pelo esplendor da Renascença classica, sem abandonarem as fórmas da poetica hespanhola, aceitaram o novo estylo dos idyllios de Theocrito revelados ao mundo pela Italia. Os poetas que pertencem a este periodo de transição, que depois de 1526 se tornou de reacção, são chamados bucolistas. Bernardim Ribeiro é o corypheu d'esta pleiada; conhecedor dos vilhancicos e romances populares, foi o que soube alliar mais a naturalidade com os dialogos pastoris, e o que levou mais longe a allegoria no livro pastoral da *Menina e Moça.* Cabe-lhe o representar a eschola hispano-italica, porque tendo abandonado a côrte depois da morte de Dom Manuel, não assistiu ás lutas da introducção da eschola italiana, e por isso desconheceu o metro endecasyllabo. O soneto que se lhe attribue, á morte de Leandro, pertence a Boscan. De todos os poetas do seculo XVI sómente um não deixou documentos por onde se conheça que sahiu da eschola hispano-italica para a da renascença italiana: é o Doutor Antonio Ferreira, partidario acerrimo do verso endecasyllabo. Todos os outros poetas fizeram os seus tentames na redondilha popular em voga entre os eruditos no fim do seculo XV; quasi metade das obras de Sá de Miranda é em verso octosyllabo; Bernardes, Frei Agostinho da Cruz, Caminha, Camões, escreveram n'esse metro que veio a ser condemnado, e que á primeira vista faz um contraste sensivel com o uso do endecasyllabo em que se tornaram exclusivos. Depois de Bernardim Ribeiro, aquelle que levou mais alto o esplendor da eschola hispano-italica foi Christovam Falcão, o namorado infeliz de Dona Maria Brandão, irmã mais moça dos dous poetas do *Cancioneiro* de Resende, Diogo e Fernão Brandão. O facto de vêrmos nas obras dos poetas da eschola italiana queixas duras contra a intolerancia que não aceitava os metros endecasyllabos, mostra que os bucolistas reagiram contra a nova poetica, com essas fórmas que Sá de Miranda condemna, uma triste *esparsa,* um *mote,* uma *glosa,* uma pobre *volta,* com seu *cabo.* Esta eschola deveu o seu vigor ao ser abraçada pelos que frequentavam os serões da côrte, pelos que fechavam os ouvidos a tudo o que vinha da Italia por causa das idêas da Reforma, e finalmente porque os poetas da eschola italiana não a podiam condemnar abertamente por terem despendido com ella as suas mais vigorosas faculdades e só terem impresso os seus livros nos ultimos vinte annos do seculo XVI.

2. *Poetas da medida velha.* Sob este nome designamos a segunda phase da eschola hispano-italica, que comprehende aquelles poetas que preferiram a redondilha pela força da tradição, e principalmente aquelles que a usaram na imitação do romance popular, e que metrificaram fóra da côrte, com o intuito de communicarem com o povo. Em uma Carta de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, escripta depois de 1589, fallando das pessoas com quem se encontrou dentro de um barco, quando fugia dos Inglezes, diz: «Achei n'esta companhia, a saber:... um poeta ancião, ainda pela *medida velha.*» Isto escripto quando já eram conhecidas pela Imprensa as obras de Camões, de Sá de Miranda, Ferreira e Bernardes, mostra em que classes se conservava ainda o culto pela redondilha. A phrase «poetas da *medida velha*» caracterisa perfeitamente os que tendo já perdido a tendencia allegorica, continuavam o bucolismo, dando preferencia ao romance litterario, ás prophecias, ás relações anecdoticas. N'esta subdivisão da eschola hispano-italica, apparece como vulto

principal, Gil Vicente, cujas obras meudas se perderam na maior parte, mas de quem ainda resta o *Pranto da Maria Parda,* e os romances á morte de Dom Manuel, e coroação de Dom João III, para caracterisar esta phase. O *Pranto* e *Testamento de Maria Parda,* foram populares, como se deprehende de uma passagem de uma comedia de Jorge Ferreira de Vasconcellos. No fim dos *Autos* de Gil Vicente vem romances e trechos lyricos da maior perfeição possivel; no seculo XVI era elle imitado, como diz Soropita, condemnando aquelles que se aproveitavam das «barreduras de Gil Vicente,» e no seculo XVII, Diogo de Sousa chasquêa dos poetas que se fascinam pela facilidade da toada dos seus versos:

> Outro mais facilmente
> Vay furtando a toada a Gil Vicente.
> (*Phenix,* t. V, p. 51).

Os poetas que pertencem a esta phase foram todos eminentemente populares: as suas obras tornaram-se proverbiaes entre o vulgo: em geral são relações satyricas, como as *Trovas do Moleiro* e *do Gallo,* de Luiz Brochado, ou Villancicos ao divino, como os de Frei Antonio de Portalegre, ou em allegorias moraes como os versos de Dona Joanna da Gama, que seguem os *Ditos da Freira.* No *Cancioneiro* de Resende encontra-se uma poesia, chamada dos *Arrenegos* de Gregorio Affonso, criado do Bispo de Evora; ella serviu de typo para os *Avisos para guardar* de Antonio Ribeiro Chiado, em fórma dithyrambica, e adequada para o povo. Este facto mostra-nos como na eschola hespanhola do seculo XV havia elementos populares que tinham de tornar um dia vulgares essas composições do gosto aristocratico. A este cyclo dos poetas da *medida velha,* pertence Frei Marcos de Lisboa, traductor de alguns cantos de Jacopone de Todi, o latinista Jorge Coelho que celebrou a morte de Dom João III em quatro quintilhas, o apostolo da America o Padre José de Anchieta, e o Padre Ignacio Peixoto de Azevedo, que escrevia redondilhas para serem cantadas pelas crianças atraz do pendão da santa doutrina. A esta eschola pertence egualmente Francisco Lopes, medico da rainha Dona Catharina, e Dom Simão da Silveira, filho do Conde de Sortelha, e author das *Elegias ao Bom Ladrão* e a *Santa Maria Magdalena:* os que attingiram o mais alto grau de popularidade, foram Gonçalo Eanes Bandarra, que era apenas um bucolista sem intenção prophetica, que só se lhe começou a ligar pouco antes de 1581, e o cego madeirense Balthazar Dias, meio erudito quando traduzia em verso os contos do *Speculum historiale,* romancista quando traduzia do hespanhol a historia do *Marquez de Mantua,* imitador de Gil Vicente nos *Autos* ainda hoje em vigor pelas aldeias do Minho, e verdadeiramente povo na relação da *Malicia das mulheres.* Muitas d'estas obras ainda vivem na tradição, mas no fim do seculo XVI já estava extincta pela exploração jesuitica.

§. 4.º Eschola italiana

(SECULO XVI)

1. *Os Quinhentistas.* Depois da desmembração dos povos neo-latinos pela affirmação politica das nacionalidades com a fixação do poder monarchico nas diversas casas reinantes, a litteratura do seculo XVI foi o mais eloquente protesto contra esta scisão dos povos da Europa. N'este periodo brilhante, chamado a Renascença, as novas litteraturas apresentaram uma unidade de typo e de inspiração, que reclamava contra a violencia monarchica. A Italia occupou n'este periodo da civilisação um logar analogo ao que Roma conservou depois da sua queda durante a incerteza da edade media: depois de extincta politicamente, Roma conservou a supremacia das leis pelos seus Codigos, e a Italia, depois de absorvida pela Allemanha e pela França, viveu pela Arte, dominou os seus vencedores pelas creações da Litteratura. A poesia italiana era um desenvolvimento do lyrismo dos trovadores, menos casuistica e mais philosophica; todos os povos que haviam conhecido a tradição provençal abraçaram insensivelmente a nova manifestação do sentimento, tornaram a Italia a Grecia do mundo moderno. Faziam-se viagens á Italia como em santa peregrinação para sentir de perto a antiguidade, para se repassarem das tradições latinas, para verem e absorverem o sensualismo da Renascença. Os monarchas eram educados por pedagogos italianos, como Francisco I, amigo de Benvenuto Cellini, procuravam attrair para as suas côrtes os grandes artistas, como Henrique VIII a Ticiano e Raphael, davam as suas filhas em casamento a principes italianos, como Dom Manuel dando a Infanta Dona Beatriz ao Duque de Saboya. Os filhos das principaes familias de Portugal íam completar os seus estudos na Italia, como Luiz Teixeira, João Rodrigues de Sá e Ayres Barbosa, que se educaram sob a direcção de Angelo Policiano. A Italia era o santuario da tradição classica: morta para a vida politica, alimentava-se moralmente com a tradição do passado: os seus jurisconsultos, em um tempo em que as monarchias se fortaleciam com as suas allegações, eram romanistas tão puros como os Labeões e Papinianos; da Italia sahiam para todas as Universidades da Europa esses pontifices do direito, a inocular pelas novas nacionalidades a idéa cesarista. A monomania que a aristrocacia portugueza tinha da viagem á Italia, acha-se unicamente condemnada por Jorge Ferreira de Vasconcellos.

O verdadeiro momento em que a influencia da poesia italiana se exerceu em Portugal data do regresso de Sá de Miranda da sua viagem em que percorrera Roma, Veneza e Milão, em 1527. Até este tempo já a

Hespanha conhecera a nova poesia revelada por Navagero a Boscan e a Garcilasso. Durante a sua digressão artistica, que durou seis annos, Sá de Miranda conversou com os principaes eruditos de Italia, como João Ruscelai e Lactancio Tolomei; elle regressou fascinado pelos *Asolanos* de Bembo, pela *Arcadia* de Sanazarro, pelas phantasias cavalheirescas de Ariosto, pelo platonismo de Petrarcha e Dante, e sobretudo pela vida, pela alegria, pela saturnal da Renascença, que o seu genio catholico condemnava. Quando este douto jurisconsulto voltou á côrte portugueza, já haviam desapparecido os bons tempos dos serões do paço, em que ainda ouvira poetar Dom João de Menezes, e em que tomara parte com Bernardim Ribeiro; quiz ensaiar os novos metros, mas temendo ir contra o prestigio da auctoridade da poetica hespanhola, começou por dizer, que Petrarcha era um continuador dos Provençaes, com mais rico ordume, com mais dôces suspiros. Os partidarios do metro octosyllabo atacaram-no duramente, tinham do seu lado todos os velhos poetas palacianos, e principalmente a desconfiança contra as idêas da Reforma christã que transpiravam nas obras vindas de Italia. Sá de Miranda fortaleceu-se com o exemplo e com o nome de Boscan e Garcilasso, em Hespanha; em volta d'elle agruparam-se apenas os rapazes sem influencia, Bernardes, Caminha, Ferreira, Jorge de Monte-Mór, mas as suas poesias não andavam impressas, não exerciam auctoridade, apenas serviram para estreitar moralmente e com os laços de uma santa amizade esta pleiada menos numerosa do que a *Pleiade* franceza, mas não menos audaciosa nas suas idêas. A eschola italiana via-se combatida por duas correntes contradictorias, pelos sectarios da poetica de Encina, que no excesso de reacção escreviam desesperadamente em lingua castelhana, e pelos eruditos que se esqueciam da lingua portugueza para escreverem latim. O Doutor Antonio Ferreira foi o que melhor sustentou o combate não transigindo com esta tendencia, deixando o hespanhol e o latim, e tornando a lingua portugueza o palladio da poesia. N'esta luta, é verdade, não se debatiam idêas philosophicas, mas simplesmente exclusivismo de fórmas. Desgostado da côrte, Sá de Miranda retirou-se para a provincia; as grandes decepções moraes alquebraram-no antes de tempo; distrahia-se em boas conversas com o poeta Antonio Pereira Marramaque na sua quinta da Tapada, especie de *Villa* italiana, em que liam no remanso do lar os exemplares mais bellos da poesia italica; áquelle retiro chegavam os versos de Caminha, de Dom Manoel de Portugal, de André Falcão de Resende, de Bernardes, de Jorge de Monte-Mór e de Ferreira. A eschola italiana resistia pelo respeito de um homem e não pelo vigor da idêa. O principe Dom João, herdeiro do throno de Dom João III, começou a sympathisar com a poesia; mandava o filho de Gil Vicente a Evora para copiar as poesias de Fernão da Silveira, e instava para que Sá de Miranda lhe mandasse tambem a sua collecção. D'este accidente fortuito resultou o não se desmembrarem esses preciosos documentos da poesia do seculo XVI, produzindo assim egual desejo em Ferreira de colleccionar tambem o que escrevêra, e em Bernardes de formar um novo Cancioneiro privativo da eschola italiana. Bernardes não levou a cabo este intento, que por ventura foi desempenhado pelo Padre Pedro Ribeiro. Por falta de uma idêa superior que animasse a eschola de Sá Miranda, resultou o cahir a poesia lyrica na mais acanhada personalidade: traduziam-se as Odes de Horacio, como fez André Falcão de Resende, vertia-se Anachreonte e Moscho, como fizeram Caminha e Ferreira; perdia-se a liberdade do sentimento, cahia-se no logar commum, nos versos centões; uma vez que se escrevesse em metro endecasyllabo, e se construissem tercetos, sonetos, oitavas, elegias e epistolas, estava-se dentro da eschola italiana. «Tempo e lima» era a formula da arte; com esta receita punham-se a par dos bons cantares antigos; o lyrismo não passava de uma ephemeride pessoal. Deu-se a esta primeira phase da eschola italiana o nome de *Quinhentista*, como o encontramos nos escriptores arcadicos, principalmente em Garção. Tolentino apodava ironicamente a mania seiscentista, dizendo na satyra do *Bilhar*:

[illegible]
[illegible]

Mas entre estes *Quinhentistas*, que se admiravam na mais beatifica ingenuidade, que se louvavam em todos os seus versos, que se chrismavam com nomes bucolicos, que eram desembargadores, camareiros-móres, pagens da toalha e muitos mais, entre elles havia um homem de genio, irreverente, travesso, peninsular, sem fumos de erudição nem tão pouco de gerarchia, mas que se assimilara perfeitamente a Renascença, e por isso comprehendeu sob um aspecto mais profundo a poesia italiana: era Camões. Nenhum dos poetas quinhentistas falla no seu nome, a não ser André Falcão de Resende, que o conheceu na desgraça. Caminha insulta-o duramente alludindo ao verso: «Dae-me uma furia grande e sonorosa;» Ferreira representa-o no typo odioso de Magalião, e Bernardes roubou-lhe grande parte dos seus sonetos e das suas eclogas, e um poemeto de Santa Ursula. Os *Quinhentistas* recusaram-se a acceitar Camões no seu gremio, desconheceram-no como poeta, conspiraram na sombra contra essa grande consciencia da nacionalidade portugueza; mas a verdade é grande e sempre triumpha. A immortalidade destacou o genio de Camões d'entre elles, e os grandes espiritos de todas as épocas souberam lêr na obra de Camões a vida de um povo. Ainda dentro do seculo XVI formou-se em volta da poesia de Camões uma nova eschola, em que a poesia italiana foi comprehendida sob um aspecto mais original.

2. *Eschola Camoniana.* Felizmente as obras de Camões não se tem prestado a exegéses politicas ou mysticas; escriptas á grande luz do seculo XVI, com toda a espontaneidade do sentimento, são bastante claras para se entenderem sem esforço de imaginação. Os criticos como Soropita ou como Barreto Feio, forçaram-no para o submetter aos canones rhetoricos, mas tiveram de o reconhecer um genio para explicar aquillo que não cabia nas categorias de Aristoteles ou nos moldes de Quintiliano; deixemos esses paradigmas achados, que não bastam para provar que elle foi virgiliano. Camões começou por admirar a chamada *eschola velha*, escrevendo em metro octosyllabo voltas, glosas e endechas; relacionou-se com a poesia italiana pela leitura de Boscan e Garcilasso, fez imitações de Bembo e Petrarcha, mas a sua vida aventureira não lhe deu tempo nem logar para ter á mão os exemplares dos classicos gregos ou romanos, dos grandes poetas italianos ou hespanhoes, para fazer centões metricos, para calcar o que sentia sobre o que já estava auctorisado. Sob estas condições, Camões não póde obedecer áquella causa que tornou em grande parte mediocres os *Quinhentistas:* a exagerada superstição erudita, a idolatria dos modelos e da auctoridade. Camões comprehendeu a Renascença não pela leitura de Petrarcha ou de Ariosto, mas pela consciencia do seu tempo: o sentimento individual e a vida social retemperavam-se na natureza; isto bastou para dar-lhe essa melancholia indefinivel, essa tristeza de fatalidade, esse protesto eloquente por tudo quanto é verdadeiro e justo, essa necessidade de aspirar o ideal, e de realisal-o no amor. O que nos mostra não ser o typo de Nathercia uma *Filis* de Caminha ou uma *Silvia* de Bernardes, é a sua natureza scismadora e sympathica de peninsular, é essa sêde de amor natural e não allegorico que se revelava na vida civil, e que chegou a proromper na maior sublimidade de eloquencia nas Cartas da Religiosa portugueza. As Lauras e Beatrizes ainda existiam, mas nas *bergeries* sem vigor, na apagada tradição. Camões era um poeta idealista, mas de um idealismo deduzido da realidade. A sua influencia poetica originou dous ramos n'esta segunda phase da eschola italina: os que trabalhavam para formarem uma Epopêa nacional, e os lyricos:

A) *A epopêa historica no seculo XVI.* Todos os povos da Europa se preoccuparam com a creação de uma epopêa do mundo moderno, individual, academica, pautada pelo molde virgiliano; as creações anonymas da edade media, as Gestas francezas já andavam diluidas em intermináveis novellas allegoricas e pastoraes; faltava uma creação artificial em que cada nação affirmasse a scisão artificial a que as levaram as monarchias. Isto se deduz dos esforços feitos pelos poetas francezes e hespanhoes; em Portugal não é menos clara a prova, pelos esforços dos antecessores de Camões, que procuravam erigir uma epopêa da nacionalidade. Á maneira dos *poemetti* historicos italianos, encontramos em Diogo Brandão uma primeira e fraca tentativa, em que celebrando a morte de Dom João II, relata a historia de Portugal desde Dom João I; em Luiz Henriques encontramos tambem um grande episodio de epopêa, a Tomada de Azamor, pelo duque Dom Jayme em 1513. João de Barros não contente com indicar a idêa de uma epopêa no seu Panegyrico de Dom João III, chega no *Clarimundi* a escrever quarenta oitavas, mal metrificadas, em que lança as bases de uma epopêa historica portugueza. Entre os antecessores de Camões cabe o principal logar a João de Barros, sobre tudo por havel-o directamente inspirado com a sua primeira *Decada.* O latinista André de Resende, n'esta aspiração erudita, chegou a formar o nome de *Luziadas* em uns versos latinos, segundo as fórmas patronymicas. Finalmente o doutor Antonio Ferreira, em 1554, maravilhando-se da grandeza de Portugal, envergonhava-se de que não tivesse apparecido ainda um cantor para estas glorias. A este tempo já Camões estava desenvolvendo na gruta de Macau o eterno poema dos *Lusiadas.*

Pela enumeração dos antecessores de Camões se deduz o seguinte facto importante: que antes dos *Lusiadas* já havia um ideal de epopêa historica, formado sobre moldes classicos, e que o poeta dando-lhe realidade não teve remedio senão seguir o caracter virgiliano que se exigia. Tanto esta aspiração se casava com a erudição do seculo XVI, que logo depois de 1572, publicou Jeronymo Côrte Real o *Naufragio de Sepulveda* em 1574, Francisco de Andrade o *Primeiro Cêrco de Diu*, Luiz Pereira Brandão a *Elegiada* em 1588, Côrte Real o *Segundo Cêrco de Diu* em 1594, e Bernardes tambem fôra encartado para cantar officialmente as victorias de Dom Sebastião. Foi Camões que abriu a senda aos épicos do seculo XVII.

B) *Os lyricos Camonianos.* O accento, melodia e vago dos versos de Camões era tão caracteristico, que os poetas do fim do seculo XVI acharam-se, sem querer, a imital-o; aonde se conhece melhor esta fascinação é nos equivocos em que tem caído os criticos; Faria e Sousa viu-se forçado por estes caracteres a attribuir a Camões muitas poesias manuscriptas que encontrára. Só ha pouco tempo se restituiu a André Falcão de Resende o poema da *Creação do Homem.* Juromenha, hoje, quando ha processos novos de critica, attribuiu a Camões uma elegia de Soropita. Todos estes equivocos mostram que na imitação camoniana havia alguma cousa de caracteristico e fatal. Quiz-se explicar este colorido da poesia lyrica do seculo XVI, pelo facto que traz Diogo do Couto, em que conta ter-se perdido um livro de versos de Camões intitulado *Parnaso,* quando regressava da sua viagem da India. Não escaparam ao labéo de se haverem apossado d'esse manuscripto, os lyricos Francisco Rodrigues Lobo e Fernão d'Alvares do Oriente, na *Lusitania transformada;* o unico cuja

accusação está fundamentada é Diogo Bernardes, cujas eclogas e sonetos encerram differenças capitaes que accusam duas phases litterarias. A eschola lyrica camoniana pouco durou além do seculo XVI; pertencem a ella grande numero de poetas cujas obras se perderam, como as de Heitor da Silveira, Antonio de Abreu, Estacio de Faria, ou André de Quadros.

Fóra da erudição classica, as obras de Camões receberam a sua verdadeira importancia, não como modelo auctoritario mas como alimento moral da nação, quando no seculo XVII nos vimos sob a pressão hespanhola. A naturalidade e verdade da sua inspiração foi comprehendida pelos que sob a tyrannia dos Philippes queriam ser portuguezes.

§. 5.º Eschola seiscentista

(SECULO XVII)

Academias litterarias. O seculo XVII quiz reagir contra o jugo auctoritario da Renascença; faltou-lhe ideal, mas procurava suppril.o com a superabundancia da imagem. Este periodo litterario caracterisa-se por um impudente pedantismo, pela falta de senso commum nas metaphoras, mas tem por si uma grande actividade intellectual. A litteratura, então, em vez de ser uma creação organica, era uma habilidade: dava prova de cultismo o que sabia enforcar um pensamento em atrevidos hyperbatons, o que primava em sustentar theses ridiculas com gravidade, o que forjava anagrammas propheticos, o que sabia armar labyrinthos bordados de acrosticos, com versos lipogrammaticos, em echo, leoninos, chronogrammaticos ou amphiguricos, tomando a fórma de pyramide, de columna, de calix ou de pyra. Contribuiram para isto em grande parte a ociosidade claustral, e os idyllicos palacianos; os jesuitas foram os mais eminentes compositores de anagrammas; os cesaristas foram os mais alambicados culteranistas. Em todas as litteraturas em que a côrte dava a norma do gosto, appareceu o euphuismo na sua maior exageração; Lilli Marini ou Gongora representam este contagio aulico. A imitação dos costumes italianos pela aristocracia, e não a influencia litteraria da Italia, introduziu em Portugal a moda das Academias. Na *Visita das Fontes,* Dom Francisco Manuel de Mello o confirma: «famosa Academia de Lisboa, que se chamou dos Singulares, por ser a primeira que se celebrou n'esta cidade, á imitação dos *Illuminados, Insensatos* e *Lyricos* de Italia em Urbino, Padua e Roma.»

Os titulos das Academias portuguezas do seculo XVII são tão extravagantes como os italianos: a primeira de que temos conhecimento é a dos *Ambientes,* de 1615; seguiram-se-lhe outras muitas como um verdadeiro contagio, a Academia *Sertoria* em Evora em 1630, a dos *Anonymos* em 1637, a dos *Solitarios* de Santarem, instituida em 1664, a dos *Generosos* de 1647, a dos *Singulares* de 1663; sobre estes moldes fundaram-se outras muitas Academias, que precederam a Arcadia Ulyssiponense, taes como a dos *Escolhidos,* a dos *Particulares,* a dos *Unicos, Conferencias discretas, Eruditos, Obsequiosos,* vindo esta corrente deleteria a receber confirmação official com o titulo de Academia de Historia portugueza em 1720, quando a Academia franceza apresentava um novo typo.

Na poesia d'este periodo abundam as epopêas academico-historicas, fundadas no *deus ex-machina* sabido, com invocações, episodios, narrações e descripções da pauta virgiliana; a concepção poetica não se eleva acima das chronicas do reino, fazendo-se valer apenas pela metrificação. Na parte lyrica, o seiscentista tinha mais liberdade, disparatava mais á vontade. Basta vêrmos os assumptos que se ventilavam nas suas academias: «Se os favores de Nise eram concedidos de graça ou de justiça ao amor de Fabio.» Em Dom Francisco Manuel encontramos um assumpto academico cuja lei era «mostrar em poucas estancias como a gloria dos reaes Affonsos pede a pluma de maiores Tassos.» As Bibliothecas estão cheias de manuscriptos d'esta phase litteraria. Uma vez saídos da naturalidade e da verdade, não tem fim o capricho da aberração; o poeta preoccupa-se com o anagramma do heroe que celebra, como no soneto de Dom Francisco Manuel a Luiz XIV.

Ha porém nos Seiscentistas uma qualidade que os salva; é a tendencia para o satyrico. Nas Academias havia espiritos facetos que protestavam com risos: vejamos uma parodia seiscentista por um academico contemporaneo:

> Do quarto globo a gema nunca avara,
> Que tem por casca o céo, nuvens por clara.
> (Nunca ninguem tal disse,
> Não vi mais descascada parvoíce!
> Grande cousa é ser culto,
> Fingir quimeras e falar a vulto.
>   Mas sempre ouvi dizer d'esta Poesia
> Que vestido de imagens parecia,
> Pois quando vêmos o que dentro encobre
> Quatro paus carunchosos nos descobre, etc.
>
> (*Phenix*, t. v, p. 53).

O sensato que escrevia isto era sem duvida o bordalengo Diogo Camacho, que tentou destruir Sá de Miranda da importancia que tinha nas Academias. Contra este attentado protestou Dom Francisco Manuel de Mello, no *Hospital das Lettras,* em que diz: «Aquelle é o nosso Francisco de Sá de Miranda, que em sua vida e escriptos encerra toda a moral philosophia. BOCALINO: É este por quem disse Diogo de Sousa no seu Parnasso: «Poeta até ao embigo, os baixos prosa.» AUTHOR: Essa foi uma travessura de um bargante, que não embargante, maldito o mal que lhe tem feito.» Este mal, a que se refere o generoso academico, era o abandono dos modelos classicos no seculo XVII, e as travessuras eram a liberdade de sentir e de exprimir o sentimento que distingue o seiscentista.

§. 6.º Eschola Arcadica.

(SECULO XVIII)

1. *A Arcadia de Lisboa.* Este periodo caracterisa-se por um simples facto; a academia, que no rigoroso sentido dos costumes italianos, era no seculo XVII uma reunião de familia com musica e poesia, recebeu no seculo XVIII uma existencia official, adquiriu preponderancia, quiz dogmatisar e restaurar. A authoridade parodiava a influencia de Richelieu. A Arcadia de Lisboa foi fundada por homens de posição official, principalmente desembargadores: florescendo entre 1757 e 1774, ella representa o absolutismo classico a par do absolutismo politico. Tendendo sempre a dogmatisar, caíu no abysmo do escrupulo e da indecisão; as suas forças gastaram-se discutindo se devia admittir o *archaismo* ou o *neologismo*. Dos seus poetas póde dizer-se o que escreve Tolentino na *Satyra do Bilhar:*

> Acrosticos, Sonetos repetia
> Que só elle entendia e só louvava:
> Punha em prosa tambem muita parola
> *E acabava por fim pedindo esmola.*

O poeta, como vêmos pelo proprio exemplo de Tolentino, não tinha dignidade; pedia esmola em verso, como Garção ou Quita, festejava os annos dos titulares, era uma especie de primo pobre que esperava o momento em que o brindassem com um fato velho. O Marquez de Pombal viu na fundação da Arcadia uma Companhia de manufacturas metricas; assim como decretava a architectura civil e alinhava geometricamente a capital, tambem quiz regrar os vôos da imaginação aos pobres Arcades; os que se remontaram mais alto do que auctorisava o Mecenas, acabaram na cadeia, no desterro ou na miseria, como o Garção, morto no Limoeiro: Thomaz Antonio Gonzaga ou Claudio Manoel da Costa, no desterro, ou Quita, que nunca pôde conseguir o logar de criado grave de um prelado. Havia no seculo XVIII um costume, que se tornou privativo das festas de convento: chamava-se-lhe *Outeiro poetico,* nome bucolico, em que os que versejavam eram os pastores que glosavam motes á competencia. Que distancia entre a *Côrte de Amor* e o *Outeiro!* Este ultimo é um resto das Academias familiares de musica e poesia dos costumes de Italia, que veio para as festas ao ar livre, quando os academicos se apaixonaram pela erudição e poderam fazer-se reconhecer officialmente. Tolentino pinta com traços pittorescos os Outeiros poeticos do seculo XVIII:

> Fóra cem vezes em nocturno *Outeiro*
> Da sabia Padaria apadrinhado;
> E diz-se que glosava por dinheiro...

> Rompi *Outeiros* em Sant'Anna e Chelas
> Chamei Sol á Prelada, ás mais Estrellas.

Não contentes com a submissão servil á poetica de Horacio, os Arcades erigiram os Quinhentistas em padres da lingua e da poesia portugueza; não escreviam palavra que não houvesse sido abonada por Ferreira ou Bernardes, e sentiam espasmos de horror ao ouvirem fallar n'um poeta da *Fenis Renascida.* A Arcadia cahiu sem se saber por quê: estava fóra do seu tempo, com o pretendido direito de legislar sobre o que é de concepção livre; desappareceu como estes entes nullos cuja biographia consiste em terem sido boas pessoas. Mas o verdadeiro caracter da poesia do seculo XVIII, não está na Arcadia romanista mas nas obras que se escreveram sob a pressão do despotismo e que foram por assim dizer um protesto irreflectido. O Lobo da Madragoa ou o Camões do Rocio revelam melhor a extorsão moral do cesarismo, do que as odes horacianas [1].

2. *A Nova Arcadia.* — A influencia da litteratura franceza, que se contrabalançara com a dos Quinhentistas na Arcadia, adquiriu a sua verdadeira preponderancia depois da morte d'esta corporação. Ficou porém a necessidade de reconhecer essa nova auctoridade, de imitar, de contrafazer, de admirar; os que ainda amavam a litteratura procuraram a Arcadia e não a acharam: havia expirado em silencio, sem estertor, como o passamento de um justo. Ninguem havia notado o seu desapparecimento. Os que se lembravam d'esse molde academico, fundaram uma *Nova Arcadia,* como uma outra Troya com os seus rios e paizagens; chamaram-lhe com o titulo secundario, separado pela costumada disjuntiva *Academia de Bellas Letras de Lisboa.* Fundou-a Lereno Selimuntino, e as sessões eram celebradas no Palacio do Conde de Pombeiro depois Marquez de Bellas. Foi curta a vida d'esta corporação: floresceu de 1790 a 1806. As grandes commoções politicas da Europa perturbaram-lhe o seu remanso pastoral: demais o cesarismo estava trepidante e a *Nova Arcadia* não pôde conseguir fixar a sua existencia pelo prestigio official. A maior parte dos seus socios foram homens politicos, emigrados e mais tarde constituintes. A vida publica mostrava-lhes a realidade; o que era affectado desappareceu como excrescencia. A *Nova Arcadia* deixou muitas odes, epistolas e sonetos, mas desenvolveu um genero que estava no gosto do tempo — o Elogio dramatico, allegorico, incolore e falso. Foi o mais a que chegou. Toda esta technologia poetica incutiu-se no espirito do publico como fórma definitiva da arte; na Europa tempestuava a renovação litteraria do Romantismo, abalando a França, a Italia, a Inglaterra e Hespanha. Em Portugal estavamos como a colonia romana longiqua, venerando a medalha

[1] Abundam no seculo XVIII os poetas obscenos; além d'estes dous citados acima, floresceram no genero Pedro José Constancio, Domingos Monteiro de Albuquerque, José Agostinho de Macedo, João Vicente Pimentel Maldonado, Frei José Botelho Torrezão, José Caetano de Figueiredo, Filinto, Bocage e o Abbade de Jasende.

d'aquelle que já havia sido destituido publicamente. A censura litteraria e a policia das barreiras não deixavam entrar em Portugal os livros suspeitos; foi preciso um accidente inesperado, a emigração de 1824, para que se conhecesse a nova necessidade sentimental. D'esta epocha fecundamente esteril da poesia portugueza, ficou apenas o culto de Bocage, victima do vacuo de idéas do seu tempo; a tradição popular abraçou-o, fél-o seu, bordou-lhe a vida de lendas, porque foi o unico com quem teve communicação.

§. 7.º O Romantismo

(SECULO XIX)

1. *Rehabilitação das tradições nacionaes.*—Pela fatalidade da natureza, aquelle povo que proclamara no seculo XVI a liberdade de consciencia, era aquelle mesmo que tinha de destruir o dogmatismo da arte, de erigir como criterio supremo a liberdade do sentimento. A Allemanha, com o seu exemplo veio libertar a imaginação de todos os povos da auctoridade, mostrar que o sentimento era individual e sem norma. A Allemanha chegou a este resultado immenso mais pelo trabalho erudito da descoberta das suas tradições germanicas do que pela philosophia; foi por isso que a primeira phase do Romantismo em todas as litteraturas consistiu em avivar as tradições locaes. Mal comprehendido isto, cahiu-se insensivelmente na admiração da edade media, profundamente poetica e maravilhosa: facil foi á mediocridade apossar-se dos caracteres exteriores da vida medieval; pintando castellos e pontes levadiças, juras á meia noite e despedidas de cruzados partindo para a terra santa, torneios e banquetes, terrores do claustro e aventuras galantes, tudo isto recortado como se fosse de cartão, ahi estavam fórmas novas da Arte romantica. Esta degeneração de uma these superior, deu causa ás lutas encarniçadas com os academicos auctoritarios, que em parte tinham razão, contra esta impudente deturpação da arte. Quando Garrett voltou da emigração achou tudo por fazer; as tradições nacionaes nunca tinham sahido dos in-folios das chronicas, e não era facil dar sentimento a uma cousa que nunca foi sentida. Fallava-se em Camões: Tolentino e os Arcades, Macedo e Pato Moniz haviam fallado na sua miseria, nos seus amores, no seu desterro, no naufragio e na sua morte com a da independencia da patria. Garrett apellou para esta tradição pessoal, que o povo não creara, e fez uma elegia. As outras tradições que inspiraram o *Alfageme*, o *Frei Luiz de Sousa*, a *Dona Branca* e o *Arco de Santa Anna*, nenhuma era formada e sentida pelo povo; Garrett aproveitou a hora em que a nação entrava em uma nova vida politica, e disse-lhe:—o teu passado é este! Mas a difficuldade permanecia; a dura civilisação romana tirara-nos os caracteres de raça; faltavam-nos tradições nacionaes que fossem creadas e sabidas pelo povo. Os que abraçaram o movimento iniciado por Garrett fizeram de seu motu-proprio lendas nacionaes, cuja verdade consistia apenas nos nomes dos personagens e nas palavras archaicas, como diz o snr. Herculano no *Jornal do Conservatorio*; para elles o romantismo era um dithyrambo da edade media; o lyrismo tornou-se pessoal por falta de philosophia, e abraçou de novo o verso octosyllabo, não por ser o verso usado pelo povo, mas porque era empregado por Victor Hugo. Depois do prurido succedeu a mudez e a inanidade. Isto que vimos em Portugal, deu-se em ponto grande na Europa; uma vez esgotado o guarda-roupa da edade media, e embotadas as sensações pelo ultra-romantismo, a natureza voltou ao que devia ser: a edade media tornou-se o objecto dos estudos historicos, e o sentimento foi revelado pela metaphysica. Schlegel, comparando a poesia do mundo moderno com a das civilisações antigas, diz: «a poesia antiga fundava-se no presente; a nossa fluctua entre a saudade do passado e o presentimento do futuro.» A primeira phase do Romantismo foi inspirada pela saudade do passado, d'onde tinham sahido todas as nacionalidades, linguas, industrias, direitos e interesses da sociedade moderna; cantou-se a edade media com deslumbramento, com desejo de ter vivido n'esse tempo em que o direito lutava contra a arbitrariedade, e a natureza contra a convenção.

As lutas do Romantismo acabaram; a corrente dos trabalhos historicos e philosophicos, levou a arte insensivelmente para o seu segundo periodo, que Schlegel definiu «o presentimento do futuro.»

2. *A nova evolução do Romantismo.*—Caracterisamos esta phase com o que apresentamos na Generalisação da Historia da Poesia, que precede a *Visão dos Tempos*: «As grandes tradições da Arte perderam-se: calaram-se as epopêas seculares, desappareceu a architectura, já não ha pintura, a musica está no seu ultimo occaso. D'onde virão novos elementos de creação para alentar a actividade do espirito? A natureza é santa: ella por si está ensinando a direcção nova. Desde Goethe a poesia vae occupando a parte synthetica de reconstrucção, sobre o immenso trabalho analytico de todas as sciencias: é a poesia que nos póde fazer sentir viva a historia retalhada pelos analystas, que nos póde fazer communicar com a natureza acanhada no laboratorio, que nos póde dar a fórma communicativa e universal das verdades e conclusões mais abstractas. A alliança da poesia com a philosophia, tal é o ponto de partida da ultima phase da arte, encetada pelo seculo XIX.» Sob esta nova direcção o lyrismo perde o seu ridiculo caracter de exclusivismo pessoal; o individuo impressiona-se, mas abstrae, eleva-se até á generalidade do sentimento, substitue a lyra academica por todas as vibrações da alma humana.

SECÇÃO III

DAS FÓRMAS DRAMATICAS

O theatro é a fórma d'arte em que o homem apresenta a plena consciencia da sua personalidade; como manifestação da vida, attingiu nos periodos primitivos e nas raças vigorosas o caracter de uma *instituição*. O drama comprehende em si o lyrismo e a epopêa; as mais antigas fórmas dramaticas começaram pelo côro puramente lyrico, em que os personagens narravam accidentalmente e sem importancia; mas a necessidade de desenvolver as tradições épicas, de as tornar vivas deante da multidão, reduziu o côro apenas á explicação de rubrica, vindo o dialogo dos actores a constituir a tragedia. Deu-se isto na Grecia, de um modo natural e logico, porque alli com certeza o theatro foi pela primeira vez uma instituição; em nossos dias assiste-se a um phenomeno identico, ao apparecimento do theatro na Persia, que ha poucos annos começou por côros lyricos e elegiacos sobre as desgraças da familia de Oly, que agora constituem os grandes dramas chamados *tazïehs*, a que a multidão assiste com fervor para vêr commentadas pela acção as doutrinas religiosas do babysmo.

Considera-se o theatro como uma instituição todas as vezes que elle se torna para um povo uma necessidade moral, uma fórma de protesto, uma manifestação de uma nova faculdade do corpo social chamada opinião publica. É por isso que o theatro só apparece nos periodos burguezes. Os dogmas religiosos e civicos foram pela primeira vez discutidos n'este tribunal, como vêmos pelas tragedias de Eschylo, e pela comedia aristophanesca. O theatro sob este ponto de vista só foi comprehendido na fórma hieratica da edade media, em que o velho e novo Testamento eram postos em acção sob as abobadas da cathedral popular, ou em que a vida dos funccionarios publicos era assoalhada nas encruzilhadas. O renascimento das fórmas classicas veio interromper esta creação moderna, que tinha em si vigor bastante para irromper, se não apparecessem outros meios mais faceis para manifestar a opinião publica, como a Imprensa. Desde o momento que o theatro se tornou uma distracção, um dilettantismo, e se desenvolveu a hypocrisia social chamada — conveniencias, o drama deixou de ser uma these moral, que a multidão precisa de ouvir discutir, e a luta dos interesses reduziu-se a situações calculadas dentro de uma área limitada de acção que não são mais do que technologia de bastidores. O que é a *comedia sostenuta* dos italianos senão este rachytismo do que deixou de ser uma instituição?

Se a epopêa desappareceu d'entre as creações humanas porque passou o estado psychologico que a produzia, o drama está tambem no seu occaso. Como uma das affirmações mais conscientes da vida, o theatro é sempre fecundo nas raças fortes: demonstra-o a Inglaterra e a Hespanha. É tambem na litteratura dramatica, que a raça e a nacionalidade portugueza melhor accentuaram o seu caracter e as suas lutas. Desenvolvido sob a civilisação arabe, o portuguez só muito tarde conheceu o theatro, e ainda assim já com fórma culta; quando Gil Vicente quiz dar fórma litteraria ao drama hieratico já o mosarabe não tinha alegria. Assim só dous Autos seus foram representados deante do povo, o de *Sam Martinho* e a farça de *Quem tem Farellos?* No seculo XVII é que os Pateos deram entrada ao povo, que queria ouvir fallar a lingua portugueza, banida dos actos officiaes e das classes elevadas. Depois da queda do absolutismo é que renasceu artificialmente a tradição do theatro portuguez pelos esforços dos eruditos.

§. 1.º Eschola nacional

1. *Theatro hieratico-popular.* A decadencia politica do mosarabe sob o desenvolvimento da codificação romana pela monarchia, não deixou que o theatro da edade media entrasse em Portugal com o caracter de instituição, que então tinha na Europa. Os latinistas ecclesiasticos condemnavam a fórma dramatica conservada tradicionalmente nas classes infimas da sociedade. Nas obras de Santo Isidoro de Sevilha, que eram estimadas em Portugal, como vêmos pelo testamento de Dona Mumadona, o theatro vem caracterisado como hediondo: «O theatro é um verdadeiro prostibulo, porque terminados os jogos se prostram alli as meretrizes...» (*Etym.*, liv. 18, cap. 39). Continúa o erudito bispo hispalense: «Entram os histriões nos espectaculos com a face coberta, pintam o rosto de azul e de roxo sem se esquecerem dos demais enfeites; e levando ás vezes por simulacro um lenço sujo e manchado de varias côres, untam com elle todo o pescoço e mãos de grêda para egualar a côr da careta e enganar a multidão, emquanto executam as farças; umas vezes apparecem em figura de homem, outras de mulher; ora tosqueados, ora com grande cabelleira; umas vezes de velha, outras de virgem, e em todas as fórmas, com diversa edade e sexo, áfim de enganarem o povo emquanto representam.» Recommendando o modo como se devem cantar os psalmos, Santo Isidoro prohibe que a voz apresente effeitos theatraes. D'estes tres factos se conclue, que existia theatro popular na Peninsula, e que era condemnado pela egreja.

O primeiro documento que temos é o *arremedilho*, que pagava o jogral *Bon-Amis;* este nome indica-

nos uma origem franceza; nas Gallias eratam bem aonde a arte dramatica tinha uma tradição mais viva entre o povo. Morto politicamente o mosarabe já não comprehendia a nova instituição por onde se manifestava a nova fórma de consciencia e de protesto, chamada opinião publica. Impressionado ainda pela civilisação arabe, tendo adoptado do arabe plebeu o gosto pela dança, resumiu a idêa do drama n'esta fórma. Não tivemos como os outros povos da edade media as santificações locaes para crearem a lenda do drama hieratico: Santo Antonio veio-nos de Italia canonisado; só o culto do Condestavel, santificado pelo povo no momento em que attingiu a existencia de terceiro estado, é que veio ajudar em parte a creação do drama. Em volta da sua sepultura, pela paschoa florida, faziam-se grandes danças, acompanhadas de córos, interrompidos por uma voz que ia narrando as façanhas do Condestavel. Foi assim que o theatro se formou na Grecia; ha apenas um actor que narra, e o côro occupa a parte fundamental da acção. Faltava sómente que se separassem os recitativos e se dialogassem, para se crear organicamente o drama nacional. Não aconteceu assim; o povo ficou sepultado sob o prestigio dos romanistas codificadores. As festas dos mortos, o uso popular dos *Clamores*, foi condemnado pelos canonistas; as festas publicas não se crearam espontaneamente, foram decretadas, como a Procissão de Corpus Christi, ordenada por Dom João II para celebrar a batalha do Toro.

Chegamos a uma das fórmas conhecidas do theatro hieratico; n'esta procissão, no tempo de Dom João III, iam alem d'outras figuras: «*Dois Diabos*, e a representação da *Dama e Galante; Dois Diabos e um Principe. O Gigante e o Anjo.*» Da figuração de Sam Jorge matando o Dragão para libertar uma donzella que ia ser devorada, lemos em um *Diccionario de Chorographia*: «ainda ha dous annos se representava na frente da Procissão em uma das villas do Alto Minho, onde o povo dava áquelle Dragão o nome de *Santa-Coca*.» Isto mostra quanto o costume estava inveterado. O symbolismo da procissão de Corpus não podia ser popular: inventada esta festa para celebrar a ruina do Sul da França municipal, como é que o povo poderia alludir com alegria aos successos da sua morte politica? No entanto os mesteiraes figuravam na procissão de Corpus, e a corporação dos Ourives, como a dos encyclopedistas da arte, tomava n'ella uma parte muito activa: isto explica a razão porque Lope de Rueda, sendo ourives em Sevilha, fundou o theatro hespanhol, e melhor ainda, como Gil Vicente, filho de Martim Vicente, ourives da prata em Guimarães, e elle proprio lavrante da rainha Dona Leonor e author da assombrosa Custodia de Belem, lançou as unicas bases organicas do theatro portuguez. Nos *Autos* de Gil Vicente, ainda se encontra a fórma do drama popular nas Chacotas, Enseladas e bailes de terreiro com que quasi todos finalisam. Isto é palpavel; mas para que se veja na sua maior evidencia, aqui descrevemos algumas d'essas danças populares.

Na freguezia de Arcozello da Serra, na diocese da Guarda, quando se faz a festa da Senhora da Assumpção, representam-se nas ruas estes quatro *Autos* entremeados de danças, cuja descripção pertence ao auctor do *Diccionario abreviado de Chorographia*.

— «*Dança das Donzellas:* Seis ou oito meninas, de oito a dez annos, trajadas com decencia, e um menino vestido de anjo, na frente, percorrem as ruas da povoação, dançando ao som de mal afinada viola, e parando de estação em estação, representam uma pequena farça allusiva á conversão e baptismo d'aquelles innocentes; repete cada uma o seu *dito*, como ellas lhe chamam, e pedem todas ao Anjo que as baptise, pois querem abjurar a religião de Mafoma, em que foram criadas; o anjo, depois de breve exhortação, as asperge com agua que leva em um pucaro.» Esta é a feição mais antiga do nosso theatro hieratico, porque corresponde a uma certa lembrança das relações da sociedade mosarabe.

— «*Dança dos Marujos:* Oito homens, vestidos decentemente com capacetes muito enfeitados com fitas, que lhes adornam igualmente o fato, e tambem guiados pela indispensavel viola, percorrem a povoação, representando em diversos logares a farça de serem uns pobres maritimos que em occasião de temporal fizeram voto de ir em Romaria á *Senhora da Assumpção* festejar-lhe o seu dia; cada um diz o seu *dito* analogo ao assumpto e dança-se nos intervallos com a maior galhofa e alegria.» Feição caracteristica de um povo de navegadores, que no romance da *Nau Catherineta* já revelou o seu genio aventureiro.

— «*Dança dos Espingardeiros:* São tambem oito ou dez alentados mancebos, que vestidos com o traje do seu sexo e com grandes chapéos altos, marcham em dous bandos, ao som do tambor, com armas de fogo, bem perfilados, tendo cada bando o seu commandante na frente com espada desembainhada: representam os dous exercitos portuguez e hespanhol, que em tempos remotos tantas vezes se bateram, sempre com vantagem dos primeiros, que d'esta vez ainda não deixaram a palma aos contrarios; essa tropa corre tambem as ruas, e nos logares que escolhem para dar batalha, postam-se os dous exercitos um em frente do outro, ha parlamentarios, desafios, e por fim trava-se a peleja e vencem os portuguezes, vindo o general hespanhol ajoelhar aos pés do vencedor, que lhe concede a vida a elle e áos seus. Toda esta farça é tambem representada por *ditos*, que cada soldado repete, differentes uns dos outros, mas analogos ao objecto.» Este genero dramatico é inspirado pela aversão popular a Castella desde o tempo de Dom João I, e que ainda hoje existe.

— «*Dança dos Pretos:* Oito pequenos de nove a dez annos, com as caras enfarruscadas, assim como as mãos, pés e pernas, vestidos de vermelho, com muitos

guizos pelo fato, conduzidos por um guia tocando o fandango, fazendo mil caretas e visagens, correm todas as estações, e tambem de quando em quando representam a farça de serem escravos maltratados pelo seu senhor; faz cada um a sua queixa repetindo o seu *dito*, pela maior parte cheio de palavras indecentissimas, que offenderiam os ouvidos menos castos em outra occasião, mas n'aquelle dia consagrado á Virgem, tudo é permittido e applaudido!... mas o que é de extranhar... é que todas estas danças acompanham a procissão, indo ora atraz, ora adiante do Sacramento, causando até embaraço á marcha e regularidade do prestito, com suas evoluções e figuras de dança.» [1] Esta farça dos pretos é a que melhor representa a vida burgueza do seculo XVI, como vêmos pelo que descreve Nicolau Clenardo e Gil Vicente. Estes quatro *Autos* encerram todos os caracteriscos da vida do povo, sobre que se devia fundar o drama burguez. Quando Gil Vicente começou a escrever, já o theatro não podia ser instituição, foi um protesto franco, que os seus successores levaram ao pedantismo litterario.

Um dos typos mais frequente na comedia popular do seculo XVI, é o *gracioso*, conhecido pelo nome de *Ratinho*; a origem d'este nome está por si indicando a influencia da comedia hespanhola em Portugal: *Rato* significa em hespanhol *intervalo*, equivalente á idêa de intermedio ou *intermezzo* italiano, e no theatro de Hespanha os *ratones*, são os graciosos que fazem a parte comica ou entremez. A linguagem popular tende naturalmente para a fórma dos diminutivos, e pela popularidade do gracioso é que este typo veio a receber o nome de *Ratinho*. Não se encontra nos Autos de Gil Vicente, mas apparecem depois d'elle em Antonio Prestes, que já obedeceu á influencia castellana.

As Constituições dos Bispados completaram esta ruina, condemnando os *Autos* e *Colloquios* das tres grandes festas dramaticas do povo, o Natal, os Reis e a Paschoa, a grande trilogia, em que o povo creava espontaneamante depois de se haver acabado o cyclo de formação dos evangelhos apocryphos. O trabalho de Gil Vicente foi para o seculo XVI um esforço de rehabilitação, como o de Garrett no seculo XIX foi uma construcção archeologica.

2. *Os Autos de Gil Vicente.* Este homem era dotado do caracter profundo e encyclopedico dos grandes espiritos da edade media: a sua arte principal era a Ourivesaria, que no seculo XV comprehendia em si todas as manifestações do bello; elle veio para a côrte de Dom João II por effeito d'esta sua profissão, por ventura introduzido pela influencia de Fernão Vicente, escrivão da chancellaria de Dom Affonso V. Gil Vicente era tambem musico, eminente poeta lyrico, e philologo, por isso que o vêmos citado com essa auctoridade nas *Grammaticas* de Fernão d'Oliveira e de João de Barros; era tambem theologo racionalista, por isso que foi um dos predecessores da Reforma. O genio satyrico revela o grão de senso commum com que elle retratou todos os vicios do seu tempo, todos os defeitos da sociedade, que de dia a dia era absorvida pelo poder clerical. Para um homem com todos estes caracteres, a vida tinha de ser fatalmente uma luta: combateu com facecias em quanto o protegeu a rainha Dona Leonor, mas cahiu na miseria e morreu no mesmo anno em que se inaugurou a Inquisição em Portugal. O livre pensador morreu com a liberdade de consciencia como Camões, o que mais teve a consciencia da nacionalidade portugueza, morreu quando entrava em Portugal a invasão de Philippe II. O theatro de Gil Vicente é a vida do povo escripta para os serões do paço, como quem revela ao monarcha, que está fóra da realidade, a existencia do soffrimento dos que trabalham sem garantias; alli apparecem todos os costumes da edade media portugueza, as superstições, os anexins, as cantigas e romances, as danças, os typos da alcoviteira, da bruxa, do judeu, do cigano, do frade unctuoso, do fidalgo pobre, do astrologo, do escholastico, tudo isto apimentado com a desenvoltura medieval, que então não arripiava os ouvidos das damas da côrte. Quando vêmos como se passava o tempo nas côrtes européas do fim da edade media, como foram compostas as *Cem Novellas novas* de Luiz XI, ou os Contos da Rainha de Navarra, quando vêmos os exemplos obscenos que o Chevalier de la Tour Landry apresentava para moralisar suas filhas, temos a explicação das desenvolturas de Gil Vicente e do gosto que ellas provocavam na côrte de D. Manoel e de D. João III. Nas *Biblias illuminadas* vêmos caricaturas allegoricas que representam esta tendencia do espirito burguez, que não conhece a decencia, porque ignora o bom tom convencional, que o inglez exprimiu pelo meticuloso *improper*. Mas Gil Vicente teve uma idêa superior nos seus *Autos*, que os tornam quasi uma fórma organica do theatro nacional; o lavrante da rainha lutava pela independencia da sociedade secular, contra o fanatismo religioso e contra o parasitismo aristrocratico.

No meio d'este trabalho santo e nunca remunerado, Gil Vicente foi atacado por «alguns homens de bom saber»; eram os eruditos da Renascença, sem duvida Resende e Sá de Miranda, que procuravam destituil-o da sua importancia verdadeira, um dando a prioridade d'esses *Autos* a Juan del Encina, o outro condemnando o nome de *Auto*, a sua fórma poetica, e mais ainda chamando-lhe Pasquino, por metter em scena quadros dos Evangelhos, como a *Historia de Deus*, as *Barcas* e os *Autos pastoris do Natal*. Os directores espirituaes que dominavam na côrte não quizeram que Gil Vicente recitasse o Sermão em verso pelo nascimento do Infante Dom Luiz; era uma fórma tradicional derivada do *sermôs* dos poetas provençaes, mas em que trans-

[1] A. d'Almeida, *Diccionario abreviado de Chorographia*, t. I, p. 75.

parecia o clarão da *Reforma*. Finalmente, o genio dramatico de Gil Vicente desenvolveu-se n'este meio fanatico, não tanto pelo seu brilhantismo, como por estas circumstancias fataes; o seculo XVI foi perturbado com grandes pestes; no meio da mortandade geral, e no luto e terror da côrte, Gil Vicente era chamado para distrahir os serões do paço, e de uma vez chegou a vir á scena a Coimbra ainda doente, tendo a peste em sua casa, como elle proprio o declara em uma rubrica![1] Um homem assim é uma tradição viva e sentida, que inspira, que faz crear: assim sob a sua influencia creou-se uma eschola dramatica cujos centros foram Evora, Santarem, Coimbra e Lisboa: o seu nome bastou para inspirar a Garrett a obra com que despertou o moderno theatro portuguez.

3 *Eschola de Gil Vicente:*

a) EVORA. No seculo XVI Evora era a cidade da erudição; alli se haviam celebrado as festas mais opulentas da côrte portugueza, alli os poetas palacianos rimavam os seus melhores apodos, alli se inventaram inscripções romanas, alli os jesuitas fundaram o seu arraial litterario. Gil Vicente acompanhando a côrte, era chamado para alegrar os serões com um *Auto;* foi preciso batel-o com armas eguaes, e appareceu um criado do Bispo de Evora, mulato, chamado Affonso Alvares, que ia procurar a inspiração na *Legenda Aurea* de Voragine. O genio ficou incolume diante d'esta excrescencia; a nova fórma fascinava a mocidade, e não é sem assombro, que vêmos um frade franciscano abandonar o habito e as rezas para seguir a vida aventureira do theatro. Foi nos suburbios de Evora que nasceu o dizidor Antonio Ribeiro Chiado; seu irmão Jeronymo Ribeiro, Gaspar Gil Severim e Braz de Resende, por uma fascinação identica seguiram tambem as fórmas determinadas pelo lavrante da rainha. O theatro de Gil Vicente foi desraigado de Evora com as tragicomedias latinas dos jesuitas na Universidade do Espirito Santo.

b) SANTAREM. Pelas rubricas dos *Autos* de Gil Vicente, vê-se que elle residia grande parte do tempo em Santarem; é alli que se desenvolve o talento dramatico de Antonio Prestes, que tambem prégou como o mestre as idéas da *Reforma;* alli se dedicou ao theatro o diacono e mulato Antonio Pires Gonge, e Manoel Nogueira de Sousa, que sustentou a eschola até ao seculo XVII. A esta eschola de Santarem pertence o filho de Gil Vicente, a quem se attribue a *Comedia da Cativa:* da existencia d'este precioso monumento, diz-nos o Catalogo de Barrera: «Manuscrito sin año, de principios del siglo XVI, en la libreria del señor Duran.» (Op. cit. p. 534).

c) COIMBRA. Gil Vicente representou em Coimbra a *Farça dos Almocreves*, a *Comedia da Divisa* e a *Tragicomedia pastoril da Serra da Estrella:* corresponde a este tempo a composição da *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos, que aberrou da eschola escrevendo em prosa, e alargando as suas vistas ao typo da *Celestina* de Rojas. Aqui a tradição de Gil Vicente foi muito cedo abafada pela erudição latinista dos Collegios, e principalmente pelas tragicomedias dos jesuitas no Collegio das Artes. Camões escreveu ainda em Coimbra o *Auto dos Amphytriões*.

d) LISBOA. A vida burgueza reconcentrára-se no seculo XVI em Lisboa: Sá de Miranda accusa esse erro, dizendo que a náo póde metter a próa ao fundo. Foi tambem aqui que o theatro de Gil Vicente recebeu maior desenvolvimento: os dramaturgos de Evora vieram na maior parte para Lisboa: na capital se fundaram os primeiros *Pateos* ou *córros*, como lhe chama Camões, que na Comedia de *El-rei Seleuco* descreve o modo como no meado do seculo XVI se punha em scena uma peça. Em Lisboa, no tempo de Philippe II, os *Pateos*, sendo privilegio exclusivo do Hospital de Todos os Santos, chegaram quasi a ter um caracter de instituição. A eschola de Lisboa, além de muitos outros, pertence Simão Garcia, auctor do *Auto do pé de prata*, de 1557, as cem Comedias manuscriptas de Antonio Peres, e os *Autos* de Balthazar Dias e de Frei Antonio de Lisboa.

Foi tambem em Lisboa aonde a tradição de Gil Vicente foi mais duramente combatida, nos *Indices Expurgatorios*, com as Tragicomedias jesuiticas do Collegio de Santo Antão, com as comedias sostenutas dos aventureiros italianos de que falla Frei Luiz da Cruz, com as companhias ambulantes que vinham de Hespa-

[1] No *Catalogo biographico y bibliographico del theatro antiguo español*, de Barrera y Leirado, se encontram os seguintes factos desconhecidos, ácerca de Gil Vicente: «*Casó en el año de* 1500. (p. 175). «Foi enterrado en el convento de S. Francisco de aquella ciudad (Evora) . . . » Cita tambem um *Auto da Donzella da Torre ou do Fidalgo portuguez*.

Barrera dá-nos noticia dos seguintes Autos impressos em folha volante:

— *Auto de moralidade*, composto per Gil Vicente, per contemplacão da serenissima e muyto catholica Reynha Donha Lianor nossa senhora, e representado per seu mandado a o poderoso principe e muy alto Rey Don Manoel primeiro de Portugal deste nome.

Este Auto, escripto em portuguez foi a primeira versão dos Autos das *Barcas da Gloria*, etc., que Gil Vicente traduziu para castelhano, na fórma que hoje subsiste; deprehende-se de uma nota manuscripta, de um exemplar tambem inedito das *Barcas: Compusolo en lengua portugueza, y luego el mesmo autor lo traslado á la lengua de Castilla, aumentandolo.*» Esta segunda versão do *Auto de moralidade*, foi publicada com o titulo seguinte em folha volante:

Tragicomedia alegorica del Parayso y del Infierno, moral representacion del diverso camino que hacen las almas d'esta presente vida, figurada por los dos navios que aqui parescen; el uno del cielo y el otro del infierno, cuya subtil invencion y materia en el argumento de la obra se puede ver. Son interlocutores, ... etc. Fue impressa en Burgos, en casa de Juan de Junta, a veinte e cinco dias del mez de enero, año de 1539. En verso.

Esta nota bibliographica é de Moratin, que considera anonyma, a tragicomedia achando em uma copia d'ella tirada de outra edição, que é obra de Gil Vicente. N'esta copia recolheu a outra que acima transcrevemos d'onde se conclue que é a traducção feita por Gil Vicente do seu *Auto de Moralidade*. (Vid. Gallardo, *Bibl. esp.*, p. 98. col. 2, extractos).

Provavelmente a edição differente da de 1539, é a seguinte sem anno nem logar de impressão com 12 folhas in-4.º innumeradas:

Tragicomedia alegorica: Del Paraiso y del Infierno. (Gravura de madeira representando duas barcas; em gravuras lateraes as figuras das pessoas seguintes com seus nomes: Hidalgo, Juan, Logrero, Ladron, Alcahueta, Corregidor, Frayle, Ahorcado). O resto do titulo como na antecedente. No fim do texto, traz um trecho do *Ecclesiastes*, com duas estrophes a baixo, explicando o assumpto. Este exemplar é descripto por Wolf, existindo em um tomo de comedias antigas hespanholas da Bibliotheca de Munich.

nha e finalmente com a Opera. Hoje a tradição dramatica ainda se conserva na provincia do Minho e por muitas aldeias, mas o repertorio só se limita a Affonso Alvares e a Balthazar Dias. Um povo sem festas nacionaes, entristecido pelo queimadeiro, só tem por distracção alguns pobres *Autos* de vida de santos, que elle declama em melopéa funebre sobre um estrado de carros no adro da egreja.

§. 2.º Eschola classica

1. *A Comedia*. Com o regresso de Sá de Miranda da Italia o theatro recebeu tambem uma alteração profunda, como a poesia lyrica; elle veio achar a scena occupada por esses *Autos* hieraticos, em que não encontrava um minimo vislumbre da comedia grega ou romana. Assombrado pelo que vira na Italia, pelas Comedias de Ariosto, Bibiena e Machiavel, começou por protestar contra o titulo de *Auto,* e contra o uso do verso octosyllabo. Para elle o theatro era um passatempo erudito; assim o vira nas principaes casas da aristocracia italiana. As Comedias de Terencio, pallidos reflexos da sociedade grega, serviram de typo para o renascimento do theatro classico; os typos que Sá de Miranda traçou não existiam em Portugal; querendo parodiar as *hetairas* e o *miles gloriosus,* teve de localisar a acção na Italia, e retratar *cortegianas* e *condottieri.* O Cardeal Dom Henrique amava em extremo estas comedias, porque não tinham mais do que um exagerado culto pela auctoridade em vez de serem um protesto vivo. O Doutor Antonio Ferreira, cursando ainda a Universidade, obedeceu á mesma influencia sob a direcção erudita de Diogo de Teive: os *Adelphos* de Terencio tambem lhe serviram de molde. Pelos prologos das suas Comedias se conhece a grande luta que se deu para admittir este theatro sem condições organicas. Procurando realisar em todos os seus accidentes os canones da comedia motoria, os quinhentistas esqueceram-se da realidade da vida; as suas peças dramaticas são de uma leitura impossivel, e não é facil reconstruir o enredo que animava a acção. As Comedias de Jorge Ferreira de Vasconcellos, por isso que receberam animação e colorido da *Celestina,* apresentam typos, caracteres e linguagem profundamente nacionaes; mas este esforço no theatro não póde ser sustentado. O vasio que havia na scena portugueza do seculo XVII, fez com que abraçassemos sem discussão as comedias hespanholas de *Capa e Espada.*

Absorvidos pela Hespanha no fim do seculo XVI, eramos conquistados mais pelos costumes, pela lingua e pelo theatro, do que pela legislação. As melhores companhias de actores hespanhoes achavam asylo e dinheiro em Portugal;[1] em todas as festas publicas, as comedias de Lope de Vega faziam a parte mais distincta da funcção. Os dramaturgos hespanhoes lisongea-

[1] Em um ms. da Bibliotheca nacional de Madrid, intitulado *Genealogia, origen y noticia de los Comediantes de España,* encontram-se as seguintes noticias acerca de actores que vieram a Portugal no seculo XVII e XVIII:

«*Escamilha* (Antonio de). — Seu verdadeiro nome é Antonio Vasquez, natural de Cordova; sahiu de sua terra e fez seis viagens á India, aonde foi contramestre. Depois casou em Granada com Francisca Dias, de quem teve a Manuela de Escamilha. Nos livros da Confraria faz-se memoria d'elle pelos annos de 1670» (Vid. *Hist. do Theatro portuguez*).

«*Petronilla Jivaja.* — Era filha natural de Pedro Querante e de Rosa. Esteve muito tempo em Lisboa, e diz-se que não desagradava ao rei (Dom João V) por cujo motivo e pelas desconfianças da rainha, deixou Lisboa e foi para Madrid com muitas conveniencias, boas roupas e ricas galas, ás quaes, com desejo de as vêr, mais do que pela sua representação, acudia a gente a vêl-a. — Accommodou-se na Companhia de José Prado, aonde n'este anno de 1721 está fazendo de segunda dama; casou com o referido José Prado, do qual teve um feio monstro, que logo morreu.»

«*Alfonso de Medina.* — Natural de Cordova; foi *seise* n'aquella cathedral e casou com Josepha Ignacia, cordobense, a qual seguindo a vida do theatro fez de segunda dama por 1700. Esteve elle como musico primeiramente na Companhia de Fernando Roman, no anno de 1680 em Guimarães de Portugal. Por fim retirou-se do Theatro, e entrou por musico da cathedral de Granada, aonde chegou a Mestre da Capella.»

«*Domingos Lombraña.* — Actor de Companhia, casado com Ginesa. Morreu em Lisboa em 1703.»

«*Diego Rodriguez.* — Natural de Granada. Esteve em Valencia com a Companhia de Eufrasia Maria de Reina, no anno de 1684, e n'este de 1712 está em Madrid, fazendo papeis de centro em a Companhia de José do Prado. Tem feito muito boas vegetas e segundos graciosos nas Companhias de Madrid. Passou a Lisboa, aonde á beira mar matou provocado a um portuguez que dizia mal dos castelhanos; outro portuguez a occultas em sua casa, aonde se exercitou na arte de ourivesaria, trabalhando em filagrana: alli permaneceu disfarçado, até que, não cessando as pesquizas em sua busca, conseguiu evadir-se mettido entre as roupas de uma companhia de comediantes.»

«*Esteban Vallespin.* — Natural de Palma; seu pae foi monteiro, e elle chegou a ser mestre examinado no mesmo officio. Casou alli muito criança, em 1673, com Jeronyma Abella com quem passou a Valencia no anno seguinte, e pôz estabelecimento de aguas medicinaes na rua del Mar, defronte do convento de San Cristovam. Aos oito mezes passou a Madrid, e arrumou-se como criado de reposteria em casa do Conde de Alba de Lote, a quem serviu quatro mezes; entrou logo de cobrador na Companhia comica de Juan Fernandez. Porém tendo no mesmo anno de deixar a companhia por um desgosto que teve em Guadalaxara, passou a Barcelona, aonde entrou como cobrador na Companhia de José Verdejo. Servindo depois na de José Lopez, e achando-se cheio de dividas em Lérida, Vallespin tomou por sua conta a Companhia, e graduando-se actor, e chegando a Valencia, aonde estava a Companhia de Agustin Manuel, juntando-se os dous por ordem do Vice-Rey Conde de Aguilar, representaram a comedia *Faetonte* com bastidores. Depois formando uma companhia passou a Portugal, aonde esteve um anno, particularmente em Lisboa. Voltou a Hespanha e andou peregrinando por ella. Por morte da rainha D. Maria Luiza, deixaram de ser representadas comedias no reino durante oito mezes. Tornando-se a abrir os *Corros,* em Granada, teve uma polemica com Francisca Correia, a qual deu com elle em um carcere, aonde gastou o que tinha, ficando-lhe a Correia com a Companhia. Aborrido Esteban, deixou sua mulher, e se embarcou em Cadiz para Malhorca, aonde chegou em fins de Agosto de 1691. Morreu em Aragão a 13 de Março de 1711.»

«*João de Sequeira de Lima.* — Portuguez, casou com Thereza Garay, de quem se separou; em segundas nupcias desposou D. Maria de Prado, senhora de distincção que nunca pisou o palco. Foi criada de Perliz no palacio. Esta dama, mulher de Sequeira, teve uma morte estranha; approximou-se para vêr uma defunta que estava na rua das Hoertas, junto ás Trinitarias descalças, e de tal fórma se aterrou, que adoeceu e morreu. No anno de 1691 esteve Sequeira preso na Inquisição, dizem que, por estar amancebado com a Grifona e a mandou retratar defunta, pondo o retrato em um nicho, com cortina dobrada, e de noite lhe accendia luzes, e resava o rosario deante da sua imagem. Sahiu livre da Inquisição.»

«*Juan de España.* — Gracioso. Antes de entrar no theatro era praticante do Hospital geral de Madrid. Estando em Lisboa, viu na quinta do Marquez da Fronteira pintada em uns azulejos de um jardim uma batalha entre hespanhoes e portuguezes em que figuraram a D. João d'Austria fugindo e ao Marquez da Fronteira indo atraz d'elle batendo-lhe. Arrebatou-se tanto com o sentimento de bom hespanhol, que arrancou a espada e dizendo: «Ah perros portuguezes», fez em pedaços todos os azulejos. Avisado o Marquez accudiu logo com outros portuguezes, e tel-o-hiam morto, se não interviessem os rogos das damas do theatro, valendo-lhe a grande acceitação que tinha entre o publico.»

«*Luiz de Mendonça.* — Portuguez; desempenhou com acceitação o papel de *Barbas.* No livro da fazenda do anno de 1662, a fl. 186, faz-se menção d'elle. Morreu no anno de 1684, segundo o obituario.

vam-nos tratando assumptos da historia nacional,[1] como a justiça de Dom João II, Dona Ignez de Castro, o Infante Santo: por fim os escriptores portuguezes adoptaram essa fórma caprichosa da comedia de *Capa e Espada*, e com uma fecundidade desconhecida enriqueceram o repertorio do theatro hespanhol; taes são: João de Mattos Fragoso, Jacintho Cordeiro, Antonio Henriques Gomes e outros muitos que escreveram exclusivamente em castelhano. Sacudido o jugo politico de Hespanha, entraram em Portugal outras influencias litterarias, que se misturaram, produzindo um amalgama disparatado, formado de comedias de Molière e Goldoni, de Congrève e Lope de Vega, sem nome de auctor, sem responsabilidade, sem fórma litteraria. Esta creação corresponde ao estado dos espiritos do seculo XVIII, anullados entre a inquisição e o cesarismo; chama-se-lhe a *Baixa Comedia* de cordel, especulação exclusiva dos cegos; não se encontra ahi uma palavra de protesto contra o aviltamento geral, pelo contrario abundam as graças equivocas, os esgares frios como quem se resgata com elles dos tratos da polé. Esta fórma durou até ao tempo de Garrett, e algumas das principaes peças d'esta eschola ainda vivem na scena, como o *Manuel Mendes*, a *Zanguizarra* e o *Doutor Sovina*. Nunca uma litteratura foi mais eloquente na revelação do estado decadente de uma nacionalidade.

2. *A Tragedia.* — Como já dissemos, o theatro classico era conhecido na Peninsula; Santo Isidoro refere-se aos signaes usados para distinguir os dialogos nas Tragedias: chamava-se *obelismene*: «Diplæ *obelismene* interponitur ad separandos in comœdias vel tragœdias periodos.» Na Livraria de Dom Affonso V é aonde pela primeira vez se encontram as tragedias de Seneca; Azurara cita a tragedia de *Phedra e Hypolyto*, e o *Hercules Furioso*. Na *Ropica Pneuma* tambem João de Barros citava: «Seneca na *tragedia quarta*, pôz nome a este logar dizendo: Nunca mais torna a este mundo aquelle que entrou nos infernos. E por saberes quem sam estes que lá entram, na *primeira tragedia* disse: Certo logar tem os condemnados.» D'aqui se vê que antes de Ferreira, já entre nós eram conhecidas as tragedias classicas. Nas principaes litteraturas da Europa a tragedia renasceu pela imitação de Seneca e não dos tragicos gregos; não aconteceu assim em Portugal. Ferreira era versadissimo na lingua grega, e traduzia odes de Moscho e Anacreonte; quando quiz escrever uma tragedia teve não só a superioridade de se inspirar directamente dos mais puros originaes antigos, como tambem de encetar o renascimento sobre um assumpto da historia nacional — os amores de Ignez de Castro. Mas esta direcção tão justa e boa não foi sustentada: o assumpto da Castro

«*Luis Geromino.* — Granadino, mestre de armas, e mui apreciado astrologo e mathematico. Tambem tinha sido chapineiro. Em 1689 esteve em Portugal na companhia de Fernando Roman. Este anno de 1700 está em Valladolid, na Companhia de Lucas de S. Juan.»

«*Matias Tristan.* — Saragoçano; casou com Angela Labella, que não representou, e zelosa de seu marido tomou veneno de que morreu. Em segundas nupcias casou com Manuela Quirinos, natural de Saragoça, ou ao menos alli criada da Comedia. Teve varias habilidades, como a de escrever com primor todas as qualidades de letras; sabia perfeitamente a lingua portugueza, e esteve em Lisboa com um ministro de quem foi amanuense, e suspeitando-se de que fazia firmas falsas, fugiu do Lisboa á unha de cavallo. Entrou depois para o theatro em consequencia da fuga de Lisboa.»

«*Pedro Labe.* — Seu verdadeiro nome foi D. Pedro Chauri y Ciriza, navarro do valle de Roncal, irmão do Frei Julião de... geral dos Trinitarios descalsos, e segundo me hão affirmado herda em a Navarra o marquesado de Ciriza. Seguiu algum tempo o theatro; esteve em Valencia na companhia de.. Foi para Portugal, por causa de um desgosto, e alli entrou na Comedia, deixando o serviço de D. Lopo de los Rios de quem foi pagem. Foi grande arithmetico. O arcebispo de Granada, irmão do presidente D. Lope de los Rios, conhecendo sua alta gerarchia, o tirou da Comedia e o fez seu contador-mór, e n'este logar o conserva até ao presente anno o mesmo arcebispo.»

«*Pedro de Espinosa.* — Ponto da companhia de João Antonio em Lisboa, em 1701. Morreu em 1709.

«*Pedro Sobejano.* — Gracioso da Companhia de Antonio de Arroyo, em Lisboa, em 1689.»

«Francisco Antonio Palonsino *Matalo-tódo.* — Hizo barbas com Juan Ruiz y con Manuel Angel, en diferentes años. — Em Lisboa em 1681, en la compañia de Isidoro Ruano.»

«Isidoro Ruano *El Autor Tornillo.* — Natural de Tabernas, junto a Valencia. Antes de entrar en el theatro foé barbero, y tenia particularissima habilidad para apuntar lancetas. Em Madrid foé harpista en la Comedia. Suena en los libros desde 1689. Murió en Madrid en 1705, segun consta de la partida del defunto. (Extrahido do *Ensayo de la Bibliotheca española de Libros raros y curiosos*, de Gallardo, t. I, p. 667 a 690).

[1] Comedias da Historia de Portugal, que se encontram no corpo do theatro hespanhol:

Acclamação del rei Dom João IV, por Christobal Ferreira.
Adversa fortuna del Infante Don Fernando de Portugal, por Lope de Vega.
Alfonso de Albuquerque, por D. Manoel Gallegos.
Amantes portugueses, y querer hasta morir, Doctor D. Christobal Lazano.
Auto del levantamiento de Portugal.
Banquete que hizo Apollo á los embajadores del Rey de Portugal, Don Juan IV, Pereira Bracamante.
Dicha del Forastera (La portugueza y), Lope.
Divino portuguez: San Antonio de Padua, Montalban.
Don Juan de Castro, primera y segunda parte, Lope.
D. Manoel de Sousa, ó el naufragio prodigioso y Principe trocado, Lope.
D. Inés de Castro, Reina de Portugal (tragedia), Licenciado Mejia de la Cerda.
Dona Ines de Castro (inedita), Lope.
Entrada de Felippe en Portugal, Manoel de Gallegos.
Fama postuma portugueza, Tragicomedia del illustre baron Martin Vaz Villasboas. — Doctor Juan Antonio de la Peña.
Jornada del rey D. Sebastian en Africa, (Ms. de 1632 do s. Duran).
Lealdad en el agravio (En la mayor lealdad mayor agravio, y favores del cielo en Portugal. — Las Quinas de Portugal), Lope.
Nuncio falso de Portugal, por trez ingenios.
Principe constante y Martyr de Portugal, Calderon.
Quinas de Portugal, Tirso de Molina.
Ib. (Vid. La Lealdad en el agravio...), Lope.
Recebimiento del Rey de Portugal al Archiduque, En dos jornadas.
Rey D. Pedro en Lisboa.
Rey D. Sebastian fingido (inedita), D. Diego, Duque de Estrada.
Rey Don Sebastian y Portuguez mas heroico, D. Francisco de Villegas.
Reynar despues de morir (D. Inez de Castro. — La Garza de Portugal), Luiz Velez de Guevara.
S. Antonio de Padua, D. Juan Salvo y Vella.
San Francisco Xavier: el sol en Oriente. — Padre Calleja.
San Gil de Portugal, Matos.
Santa Isabel, Reina de Portugal, Rojas Zorrilla.
» » » » Villaflor.
Silva portugueza (no Catalogo de J. F. Guerra).
Vida y muerte de la Monja de Portugal, Mira de Amescua.

tornou-se o objecto exclusivo dos tragicos portuguezes, não sahiram fóra d'elle. A tragedia classica não pôde resistir aos ataques das peças latinas dos Collegios dos jesuitas. Quando no seculo XVIII a Arcadia quiz restaurar o theatro portuguez, começou pela tragedia, cujo centro é sempre um rei, cercado dos seus magnates, intrigado por confidentes, destruindo conspirações, ou assombrando o mundo pela sua magnanimidade. A Arcadia, querendo restaurar a tragedia, achou-se insensivelmente a reproduzir a tragedia franceza. Quando começaram as lutas do governo constitucional a influencia franceza accentuou-se mais; abraçamos a tragedia de Voltaire com caracter politico, e foi então a unica vez em que o theatro com as suas allegorias e allusões correspondeu por algum tempo a uma necessidade da classe media.

3. *A Tragicomedia.* — Este genero hybrido só podia ser creado por uma sociedade para quem a convenção tivesse mais poder do que a natureza; os jesuitas inventaram este passatempo dos seus Collegios, em hexametros latinos, sobre o Velho Testamento, com um apparato scenico assombroso; que levava tres e quatro dias a representar. O theatro classico introduzido por Sá de Miranda e Ferreira succumbiu sob esta pressão medonha, como a Renascença litteraria se corrompeu sob a férula alvaristica. O Collegio das Artes, o Collegio de Santo Antão, a Universidade do Espirito Santo foram os centros aonde os jesuitas deram a sua grande batalha litteraria. Quando Dom Sebastião era ainda criança, em 1570, assistiu a uma tragicomedia do Padre Frei Luiz da Cruz, que durou dous dias; os jesuitas sabiam que o joven monarcha lia com gôsto os *Autos* de Gil Vicente, e quizeram dar-lhe um cauterio contra essa fascinação. As tragicomedias eram intermeadas de grandes córos, cantados pelos estudantes, e por esta fórma podemos crêr que entraram em Portugal as primeiras idéas da Opera. Mas esta nova fórma da arte definia-se de dia para dia melhor com as *Pastoraes* de Italia e com os *Ballets* francezes; no seculo XVII a tragicomedia jesuitica apresenta uma fecundidade medonha, porque precisava combater a invasão d'essas duas fórmas seculares, que a venceram. Os jesuitas, para lisongearem o gosto dos monarchas, deram ás suas tragicomedias um caracter musical mais predominante. Da vinda de Philippe III a Portugal, diz Soriano Fuertes na sua *Historia da Musica em Hespanha* (t. II, p. 201):

« Conhecendo a affeição do monarcha ao theatro e á musica, executaram-se n'estas festas dous *Melodramas*, que chamaram em grande maneira a attenção do rei e de todos os espectadores. Um d'elles se intitulava, *Os Titans,* disposto pelo Provedor Diego de las Casas e pelos officiaes da Aduada; sendo o argumento allusivo á expulsação dos Mouros, valendo-se da Fabula dos Titans, a qual symbolisava com os temerarios esforços as forças africanas e turcas, como os titans accumulando montes sobre montes, intentavam perturbar a paz e offender a auctoridade real, como aquelles, conquistar o céu e despojar d'elle a Jupiter, que com um raio os desfez e lançou no inferno, como fez Filippe III com os Mouros, lançando-os para a Africa. O segundo Melodradama intitulado *As Nações orientaes reconhecidas ao seu bemfeitor,* foi posto em scena e dirigido pelo Collegio de Santo Antão. . . » D'este ultimo existe a extensa descripção de Mimoso Sardinha. Sob a influencia de Hespanha, imitamos tambem a fórma musical das *Zarzuellas,* moldadas pelas composições que o Cardeal Infante Dom Fernando de Hespanha mandava representar na sua casa de campo chamada Zarzuella; a Fabula de *Alfeo e Arethusa* de 1712 é uma das primeiras zarzuellas representadas na côrte de Dom João V, quando começou a desgostar-se da monotonia do canto-chão. Mas desde que o cesarismo attingiu a sua mais alta manifestação, e se admittiu como distincção a desenvoltura que campeava por todas as côrtes da Europa, acceitamos a nova fórma artistica da Opera, e as tragicomedias latinas ficaram no esquecimento. Com a vinda de David Perez para Portugal a opera tomou um desenvolvimento definitivo e era ella a unica alegria da côrte, nos paços de Salvaterra, Queluz e Ajuda. Tivemos compositores portuguezes e adoramos Metastasio, mas tudo passou, porque acabou o prestigio da fórma que os sustentava.

Nenhuma d'estas manifestações da litteratura classica evangelisou a idéa nova dos tempos modernos; o povo estava mudo, quando a pressão européa nos forçou a aceitar o constitucionalismo. Sem idéa, a litteratura torna-se um facil mister em que só se dispende habilidade; sem necessidades moraes, tudo satisfaz, comtanto que seja apparente e com um verniz exterior. As conclusões que se tiram do que está exposto na *Theoria da Historia da Litteratura portugueza,* são mais do que dolorosas; temos coragem para aceitar a fatalidade da logica, mas esperamos só uma prova para vêr se este povo ainda vive, se saiu para sempre da vida historica, e é—se elle sente a justiça.

INDICE

SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA

INDICE

SOBRE A LITTERATURA PORTUGUEZA